

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
LINHA DE PESQUISA: LEXICOGRAFIA, TERMINOLOGIA E TRADUÇÃO:
RELAÇÕES TEXTUAIS**

SUSANA TERMIGNONI

**BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA UM HIPERDICIONÁRIO
SEMIBILÍNGUE DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS ITALIANO-
PORTUGUÊS EM MEIO A UM AMBIENTE VIRTUAL DE
APRENDIZAGEM**

**PORTO ALEGRE
2015**

SUSANA TERMIGNONI

**BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA UM HIPERDICIONÁRIO
SEMIBILÍNGUE DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS ITALIANO-
PORTUGUÊS EM MEIO A UM AMBIENTE VIRTUAL DE
APRENDIZAGEM**

Tese de Doutorado em Lexicografia, Terminologia e Tradução:
Relações Textuais apresentada como requisito parcial para a obtenção
do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria José Bocorny Finatto

**PORTO ALEGRE
2015**

CIP - Catalogação na Publicação

Termignoni, Susana

Bases teórico-metodológicas para um hiperdicionário semibilíngue de expressões Idiomáticas Italiano-Português em meio a um ambiente virtual de aprendizagem / Susana Termignoni. -- 2015.
426 f.

Orientador: Finatto Maria José Bocorny.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Língua Italiana. 2. Fraseologia. 3. Ambiente Virtual de Aprendizagem. I. Maria José Bocorny, Finatto, orient. II. Título.

SUSANA TERMIGNONI

**BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA UM HIPERDICIONÁRIO
SEMIBILÍNGUE DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS ITALIANO-
PORTUGUÊS EM MEIO A UM AMBIENTE VIRTUAL DE
APRENDIZAGEM**

Esta Tese foi analisada e julgada adequada para a obtenção do título de Doutor em Letras e aprovada pela Banca Examinadora designada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, Área Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Profª. Dra. Maria José Bocorny Finatto

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA:

Profª. Dra. Angela Maria Tenório Zucchi – Universidade de São Paulo

Profª. Dra. Giselle Mantovani Dal Corno – Universidade de Caxias do Sul

Profª. Dra. Florence Carboni – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Lorena, cuja tenacidade e capacidade de superação nunca permitiram que as adversidades ofuscassem seu encantamento pela vida.
Ao meu pai, Elio, *in memoriam*.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Senhor, que nada me deixou faltar.

Agradeço à minha família pelo apoio incondicional e por compreender minhas ausências. Em primeiro lugar, ao meu filho Alessandro, pela imensa paciência e pelo companheirismo. À minha mãe que, corajosamente, enfrentou a leitura dessas páginas! Ao meu pai e ao tio Peppe (*in memoriam*), por terem me ensinado a amar a língua italiana. E aos meus irmãos Gilberto, Marina e Ricardo, pela torcida incondicional.

À Ivanosca Martini, terapeuta querida: obrigada por ter sido o meu fio de Ariana.

À Profa. Dra. Maria José Bocorny Finatto, minha orientadora, pelo acolhimento, pelo incentivo, pela orientação segura e pela incansável disposição para ouvir, explicar, ler e opinar. Por ter sempre respeitado minhas escolhas e por ser um exemplo de professora e pesquisadora que, acima de tudo, ama o que faz. Obrigada, Maria José!

À Profa. Maria Teresa Albiero, colega e amiga excepcional, não há palavras para agradecer por uma vida de ensinamentos, de apoio e de companheirismo. Na vida profissional, trabalhando ombro a ombro; na vida pessoal, nos bons e nos maus momentos, em tudo o que eu quis empreender. A ela agradeço, ainda, pelas leituras (mais de uma!) de passagens da tese, pelas discussões, pelos comentários e sugestões.

À Profa. Dra. Nayr Tesser, colega e amiga querida que, sempre desejava de ver o crescimento dos demais, foi uma presença firme e segura em tempos difíceis. A ti, Nayr, meu eterno agradecimento e admiração.

À Profa. Maria Feoli Guaragna (*in memoriam*), colega e amiga sempre lembrada, pelos ensinamentos e pelo exemplo.

À Profa. Dra. Luisa Giacomina, da *Università di Torino*, que tive o prazer de conhecer nesse percurso, por tão gentilmente ter me presenteado com seu livro sobre a fraseografia alemão-italiano que foi essencial para minha atualização sobre os estudos fraseológicos na Itália. Agradeço, ainda, por ter apresentado esta pesquisa no XLVII *Congresso Internazionale di Studi della Società di Linguistica Italiana*, na cidade de Salerno, em 2013.

À Profa. Dra. Angela Maria Tenório Zucchi, pelas indicações valiosas no parecer ao artigo de tese.

Às Profas. Dras. Giselle Mantovani Dal Corno e Florence Carboni, pela avaliação da pesquisa e pelas críticas e sugestões feitas na Qualificação de Tese.

À Florence Carboni agradeço também pela solidariedade e pelo apoio constantes como minha colega no Setor de Italiano.

Aos amigos queridos desculpo-me pela ausência. Às vezes, a escrita da tese parecia que não teria fim...

Aos amigos e companheiros da Sociedade Ramiro D'Ávila, Rui, Iacira, Eliana, Iara, Neiva, Kelly, Edilson e Apody, pela compreensão e por estarem sempre comigo, de alguma forma. Obrigada principalmente à Jane, pelo carinho e apoio em momentos de muito cansaço.

À minha prima Carmen, pela troca de ideias durante os dois primeiros anos do curso.

Às minhas colegas no Instituto de Letras e também minhas professoras no pós, Profa. Dra. Cleci Bevilacqua e Profa. Dra. Patrícia Reulliard, pelo estímulo a empreender essa jornada.

Ao Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores, pelos ensinamentos durante o curso e por ter sido sempre um grande apoio.

À Lígia Maria Rockembach, incansável quando se tratou de ajudar com a bibliografia.

À colega e amiga Profa. Monica Nariño, pelo interesse e pelo incentivo, sempre. Agradeço, também, por apoiar a pesquisa como coordenadora do NELE.

Aos alunos que participaram da testagem do dicionário, às professoras de italiano do NELE e à Profa. Paula Aroldi Santagada.

Aos super bolsistas Ariane Ribeiro Marques, Pietra Acunha e José Roberto Leiva Hércules, pela disponibilidade e pelo excelente trabalho com o *corpus* e na implementação *on-line* do dicionário. Vocês são o máximo!

À SEAD, que concedeu as bolsas para os estudantes, em 2013 e 2014, e continua a estimular a construção do Dicionário e do Ambiente Virtual com mais uma bolsa em 2015.

À Progesp, especialmente ao Senhor Pró-Reitor, Maurício Viegas da Silva, o qual, com paciência e boa vontade, agilizou o processo de afastamento de minhas atividades docentes para que eu pudesse dedicar-me inteiramente à tese. Agradeço também o apoio da Direção e da Vice-Direção do Instituto de Letras. Sem esse tempo vital, com certeza a tese hoje não seria a mesma.

Aos colegas do curso de pós-graduação, com alguns dos quais convivi mais, com outros menos: Aline Noimann, Carolina Reolon Jardim, Fabiano Gonçalves, Fernando Hélio Tavares, Leonardo Zilio, Marcelo Maciel, Monica Nariño, Myriam Lucía Aranches, Raquel Farias, Vanessa Perius, companheiros e solidários, rostos que significaram leveza ao longo desse caminho pontuado de desafios e de metas a cumprir. Obrigada ao Zilio pelas traduções do alemão. Obrigada à Raquel pelos quadros da Phraseonet. Obrigada à Viviane pela leitura e

ajuda com os quadros do Capítulo IV. Obrigada à Susi e à Andrea pela revisão cuidadosa. A ajuda de vocês foi preciosa!

E à Viviane Barel, colega, amiga, companheira constante nessa trajetória, agradeço pelas longas conversas que foram construindo uma bela amizade, pelo apoio diário e pela paciência em tentar bravamente me fazer sair de casa para espairecer. Obrigada, amiga!

“E se – apesar de nossa denodada luta – não conseguirmos nossos ideais alcançar, saibamos ser felizes ... também ... recordando as relativamente pequenas, mas grandes satisfações advindas de nossas contínuas apreensões na vida, na refrega, árdua luta de cada dia”.

Elio Termignoni (1929-1985). Em carta a um amigo sobre a felicidade, datada de 25/04/1947.

RESUMO

As expressões idiomáticas não são apenas adereços eventuais e acessórios do discurso, unidades coloquiais da língua que imprimem um colorido especial à comunicação, mas um recurso essencial da linguagem que diz de formas de viver, de conceber o mundo e de pertencimento do indivíduo à sociedade. Ao mesmo tempo em que refletem peculiaridades próprias de cada língua, também compartilham vivências com outras comunidades linguísticas, representando um patrimônio histórico e cultural universal de incontestável valor. Essas unidades da língua são objeto de estudo da Fraseologia. Esta pesquisa insere-se no âmbito de duas vertentes da Fraseologia Contrastiva: a Fraseografia Bilíngue e a Fraseodidática, tendo como foco uma subcategoria das unidades fraseológicas (UFs) – as expressões idiomáticas (EIs). Tem como objetivo primordial desenhar um modelo de hiperdicionário (um dicionário *on-line*) semibilíngue de expressões idiomáticas italiano-português brasileiro, voltado para a compreensão de aprendizes brasileiros de língua italiana de nível intermediário-avançado, propondo soluções de equivalência que são fruto de pesquisa em *corpora* originais nas duas línguas. O modelo de dicionário é pensado como sendo parte de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) de Língua Italiana, de modo a permitir que, futuramente, diferentes objetos de aprendizagem possam ser inseridos no AVA e conectados ao dicionário. Para o reconhecimento da natureza, da constituição e da frequência de uso das EIs, são utilizados subsídios da Linguística de *Corpus* por meio de um *corpus* jornalístico construído a partir dos jornais italianos *Il Corriere della Sera* e *La Repubblica* e também do *Webcorp*, um conjunto de ferramentas que permitem extrair dados linguísticos da *Web* como se fosse um grande *corpus*. Como resultado final, é apresentada uma amostra do protótipo de dicionário (disponível no site <http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/italex/dizionarioei/principal.php>), constituída de EIs italianas do campo léxico da gastronomia, conforme um modelo de verbete projetado para um hiperdicionário de EIs. Esta pesquisa quer fundamentalmente contribuir para os estudos de Fraseografia Contrastiva e de Fraseodidática do italiano e do português, constituindo, também, um incentivo à elaboração de futuras ferramentas *on-line* para o ensino de italiano a brasileiros, campo que ainda conta com poucos recursos, não obstante os inegáveis progressos alcançados recentemente.

Palavras-chave: Hiperdicionário. Expressão Idiomática. Fraseologia. Fraseografia. Fraseodidática. Língua Italiana.

ABSTRACT

Idiomatic expressions are not only random ornaments and speech accessories, nor colloquial language units that add some color to communication, they are an essential feature of language that refers to ways of living, of conceiving the world and to the belonging of the individual to the society. While reflecting peculiarities of each language, they also present experiences shared with other language communities, representing a universal historical and cultural heritage of undisputed value. These language units are the object of study of phraseology. This research falls under two strands of contrastive phraseology: bilingual phraseography and phraseodidactics, focusing on a subset of phraseological units (PUs) - idiomatic expressions (IEs). This research primary objective is to design a semi-bilingual hyperdictionary (an online dictionary) model of Italian-Brazilian Portuguese idiomatic expressions, dedicated to help intermediate-advanced Brazilian learners of Italian. The hyperdictionary will suggest equivalence solutions that are the result of searches in original corpora in both languages. The dictionary model is part of a virtual learning environment (VLE) of Italian Language, which will eventually allow the insertion of different learning objects connected to the dictionary. To recognize the nature, constitution and the frequency of use of the IEs, subsidies of *Corpus Linguistics* are used by means of a journalistic *corpus* built from Italian papers - *Il Corriere della Sera* and *La Repubblica*. *Webcorp*, a set of tools to extract linguistic data from the Web, is also used as a large *corpus*. As a result, a sample of the prototype dictionary (<http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/italex/dizionarioei/principal.php>) with Italian IEs with gastronomic lexicon is presented based on a model of entry designed for a IEs hyperdictionary. The results are expected to contribute to the study of Italian and Portuguese contrastive phraseography and phraseodidactics. They may also encourage the development of future *on-line* tools for teaching Italian to Brazilians, a field that still has few resources, despite the undeniable progress achieved recently.

Keywords: Hyperdictionary. Idiomatic Expression. Phraseology. Phraseography. Phraseodidactics. Italian Language.

RIASSUNTO

Le espressioni idiomatiche non sono solo ornamenti eventuali e accessori del discorso, unità colloquiali della lingua che imprimono un colore particolare alla comunicazione, bensì una risorsa essenziale del linguaggio che ci parla di forme di vivere, di concepire il mondo e di appartenenza dell'individuo alla società. Allo stesso tempo in cui rispecchiano peculiarità proprie di ogni lingua, esse condividono esperienze con altre comunità linguistiche, rappresentando quindi un patrimonio storico e culturale universale di indiscutibile valore. Queste unità linguistiche sono oggetto di studio della Fraseologia. Questa ricerca si inserisce nell'ambito di due filoni della Fraseologia Contrastiva: la Fraseografia Bilingue e la Fraseodidattica ed è incentrato su una sottocategoria delle unità fraseologiche (UF) – le espressioni idiomatiche (EI). Ha come scopo primario progettare un modello di iperdizionario (un dizionario *on-line*) semibilingue di EI italiano-portoghese brasiliano, rivolto alla comprensione di apprendenti brasiliani di lingua italiana di livello intermedio-avanzato, proponendo soluzioni di equivalenza che sono frutto di ricerca in *corpora* originali nelle due lingue. Il modello di dizionario è stato ideato come parte di un Ambiente Virtuale di Apprendimento (AVA) di Lingua Italiana, in modo da permettere che futuramente altri oggetti di apprendimento possano essere inseriti nell'AVA e connessi al dizionario. Per il riconoscimento della natura, della costituzione e della frequenza di uso delle EI sono utilizzati sussidi della Linguistica di *Corpus* tramite un *corpus* giornalistico costruito a partire dai giornali italiani *Il Corriere della Sera* e *La Repubblica* e anche dal *Webcorp*, un insieme di dispositivi che permettono di ricavare dati linguistici dal *Web* strumentalizzandolo come se fosse un grande *corpus*. Come risultato finale della ricerca è stato elaborato un campione del prototipo del dizionario (disponibile nel sito <http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/italex/dizionarioei/principal.php>) costituito da EI italiane del campo lessicale della gastronomia, secondo una proposta di modello di voce per iperdizionari fraseologici. Questa ricerca vuole sostanzialmente essere un contributo agli studi di Fraseologia Contrastiva e di Fraseodidattica italiano-portoghese, nonché un incentivo alla creazione di future risorse *on-line* per l'insegnamento della lingua italiana a studenti brasiliani, campo che ancora conta su pochi mezzi didattici, nonostante gli innegabili progressi raggiunti recentemente.

Parole-chiave: Iperdizionario. Espressione Idiomatica. Fraseologia. Fraseografia. Fraseodidattica. Lingua Italiana.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Níveis de convencionalidade.
- Figura 2 – Classificação das Unidades Fraseológicas.
- Figura 3 – Busca pelo item *biscotto* com *wildcard* (* *biscotto*).
- Figura 4 – Jogo de palavras com a EI *mettere il bastone fra le ruote* em propaganda institucional.
- Figura 5 – Jogo de palavras com a EI *prendere granchi* em propaganda da RAI.
- Figura 6 – Classificação das variantes segundo Zuluaga (2001).
- Figura 7 – Distinção entre EIs variantes e sinônimas.
- Figura 8 – *Attaccare un bottone*.
- Figura 9 – *Essere come il cacio sui maccheroni*.
- Figura 10 – Configuração do Italex.
- Figura 11 – *AntConc*: busca por *tanto fumo * poco arrosto* com *wildcard*.
- Figura 12 – Palavra indexadora *acciuga*.
- Figura 13 – *Acciuga*: EIs *secco come un'acciuga* e *magro come un'acciuga*
- Figura 14 – Busca pelo segmento *come il prezzemolo* no *Antconc*.
- Figura 15 – EIs com o lexema 'louco' no DEIFPF.
- Figura 16 – Verbete 'servir como uma luva' no DEIFPF.
- Figura 17 – Localização da ferramenta de busca e lista das palavras indexadoras no DEIIP.
- Figura 18 – Página inicial do DEIIP.
- Figura 19 – Tela com as palavras indexadoras da amostragem do DEIIP.
- Figura 20 – Palavras-entrada com A.
- Figura 21 – Símbolos utilizados no DEIIP.
- Figura 22 – Guia do usuário.
- Figura 23 – Verbete *Non c'è fumo senza arrosto* (DIPIP).
- Figura 24 – Verbete *molto fumo e poco arrosto* (DEIIP).
- Figura 25 – Verbete *più fumo che arrosto* (DEIIP).
- Figura 26 – Verbete *tanto fumo e poco arrosto* (DEIIP).
- Figura 27 – Verbete *troppo fumo e poco arrosto* (DEIIP).
- Figura 28 – Fruta *giuggiola*.
- Figura 29 – *Brodo di giuggiole*.
- Figura 30 – Bala de jujuba.

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1 – Panorama dos Estudos Fraseológicos.
- Quadro 2 – Panorama dos Estudos Fraseográficos.
- Quadro 3 – Definição de coligação e colocação.
- Quadro 4 – Tipos de coligações.
- Quadro 5 – Tipos de colocações.
- Quadro 6 – Classificação dos binômios.
- Quadro 7 – Graus de idiomaticidade.
- Quadro 8 – Resultados de pesquisa sobre a compreensão em DMs, DBs e DSs.
- Quadro 9 – Exemplo de texto do *corpus* jornalístico.
- Quadro 10 – Lematização da EI (*essere*) *come il prezzemolo* em dicionários.
- Quadro 11 – Microestrutura abstrata.
- Quadro 12 – Verbete *molto fumo e poco arrosto* (DEIIP).
- Quadro 13 – Verbete *Non c'è fumo senza arrosto* (DIPIP).
- Quadro 14 – Verbete *entrarci come il cavolo a merenda* (DEIIP).
- Quadro 15 – Verbete *carne da cannone* (DEIIP).
- Quadro 16 – Verbete *carne da macello* (DEIIP).
- Quadro 17 – Teste do DEIIP.

LISTA DE ABREVIATURAS

- AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem
- DB(s) – Dicionário(s) Bilíngue(s)
- DE(s) – Dicionário(s) Eletrônico(s)
- DF(s) – Dicionário(s) Fraseológico(s)
- DEIFPF – *Dictionnaire d'expressions idiomatiques français-portugais-français on-line.*
- DEIIP – *Dizionario di Espressioni Idiomatiche Italiano-Portoghese*
- DIPIP – *Dizionario dei Proverbi Italiano-Portoghese*
- DP(s) – Dicionário(s) em Papel
- DS(s) – Dicionário(s) Semibilíngue(s)
- DSC – *Dizionario completo italiano-portoghese (brasiliano) e portoghese (brasiliano)-italiano Spinelli & Casasanta.*
- EC(s) – Expressões Cristalizadas
- EI(s) – Expressão(ões) Idiomática(s)
- EM(s) – Expressões Multipalavra
- FC – Fraseologia Contrastiva
- L1 – Primeira língua.
- L2 – Segunda língua.
- LB – Lexicografia Bilíngue
- LC – Linguística de *Corpus*
- LE(s) – Língua(s) Estrangeira(s)
- LM – Língua Materna
- PCDIt – *Parola Chiave. Dizionario di italiano per brasiliani.*
- PLN – Processamento de Língua Natural
- TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação
- TT – Teoria da Tradução
- UF(s) – Unidade(s) Fraseológica(s)
- UL(s) – Unidades(s) Lexicais(s)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
JUSTIFICATIVA.....	25
OBJETIVOS.....	29
CAPÍTULO I – OS ESTUDOS FRASEOLÓGICOS: LEXICOGRAFIA, FRASEOLOGIA, FRASEOGRAFIA E FRASEODIDÁTICA.....	31
1.1 LEXICOGRAFIA.....	31
1.2 FRASEOLOGIA.....	33
1.3 FRASEOGRAFIA.....	41
1.4 FRASEODIDÁTICA.....	43
CAPÍTULO II – UNIDADES FRASEOLÓGICAS: CONCEITUALIZAÇÃO E REVISÃO DA LITERATURA.....	47
2.1 APRESENTAÇÃO DA REVISÃO DA LITERATURA.....	47
2.2 DIFERENTES PONTOS DE VISTA SOBRE AS UNIDADES FRASEOLÓGICAS.....	53
2.2.1 Bréal (1897).....	54
2.2.2 Saussure ([1916] 1977).....	55
2.2.3 Bally (1951).....	57
2.2.4 Coseriu (1979; 1980).....	60
2.2.5 Zuluaga (1980).....	64
2.2.6 Tagnin (1989; 2005; 2013).....	67
2.2.7 Gross (1996).....	85
2.2.8 Corpas Pastor (1996).....	90
2.2.9 Gonzalez-Rey (2002).....	93
2.2.10 Vale (2001).....	96
2.3 LINGÜÍSTICA DE <i>CORPUS</i> E PROCESSAMENTO DE LÍNGUA NATURAL: NOVOS HORIZONTES NO TRATAMENTO DE EIS.....	97
2.3.1 Linguística de <i>Corpus</i> e EIs.....	98
2.3.1.1 A <i>Web</i> como <i>corpus</i>	100
2.3.1.2 A ferramenta <i>Webcorp</i>	102
2.3.1.3 A ferramenta <i>AntConc</i>	103
2.3.2 Tratamento automático de EIs	104
2.3.3 Distinções: expressões idiomáticas.....	109
CAPÍTULO III – EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM REVISÃO.....	111
3.1 EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS E CULTURA.....	111
3.1.1 <i>Culturemas</i> , <i>língua-culturologia</i> e <i>dicionários linguístico-culturais</i>	117
3.2 POR QUE ENSINAR EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS?.....	118
3.2.1 O ensino da fraseologia segundo o Quadro Comum Europeu.....	129
3.3 A CARACTERIZAÇÃO DAS EIs.....	134
3.3.1 A indecomponibilidade.....	136
3.3.2 A cristalização.....	137
3.3.3 A idiomaticidade.....	137
CAPÍTULO IV – TRATAMENTO DICIONARÍSTICO DE EIs.....	143
4.1 TIPOLOGIAS DE DICIONÁRIOS.....	144

4.1.1 A tipologia de Haensch	145
4.2 DICIONÁRIOS ELETRÔNICOS E DICIONÁRIOS EM PAPEL.....	148
4.3 O PERFIL DO USUÁRIO.....	154
4.4 A FUNÇÃO DO DICIONÁRIO.....	155
4.5 OS DICIONÁRIOS SEMIBILÍNGUES.....	155
4.6 OS COMPONENTES CANÔNICOS DO DICIONÁRIO.....	159
4.6.1 A macroestrutura.....	159
4.6.1.1 Seleção.....	160
4.6.1.2 Lematização.....	161
4.6.1.2.1 <i>Os verbos-suporte (light verbs)</i>	163
4.6.1.2.2 <i>Polissemia e homonímia</i>	166
4.6.2 A medioestrutura.....	168
4.6.3 O <i>Front Matter</i>.....	169
4.6.4 A microestrutura.....	170
4.6.4.1 A macro e microestruturas em DEs semibilíngues/bilingualizados.....	171
4.6.4.2 A definição.....	173
4.6.4.3 As marcas de uso.....	180
4.6.4.3.1 <i>Marcas de uso e fraseologia</i>	181
4.6.4.4 A variação fraseológica.....	182
4.6.4.5 Algumas considerações sobre as relações de sinonímia à luz de Cruse.....	185
4.6.4.5.1 <i>A sinonímia fraseológica</i>	187
4.6.4.6 Distinção entre EIs variantes e EIs sinônimas.....	189
4.6.4.7 Os exemplos.....	189
4.7 EIs NOS DICIONÁRIOS.....	191
4.7.1 EIs nos dicionários gerais bilíngues e semibilíngues.....	191
4.7.2 EIs nos dicionários especiais ou segmentados.....	196
4.8 RELATO DE EXPERIÊNCIA PESSOAL COM FRASEODIDÁTICA E FRASEOGRAFIA.....	201
CAPÍTULO V – EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS, EQUIVALÊNCIA E TRADUÇÃO.....	208
5.1 A SEMPRE CONTROVERSA QUESTÃO DA EQUIVALÊNCIA.....	209
5.2 <i>EPPUR SI TRADUCE</i>	211
5.3 EQUIVALÊNCIA E EIs.....	213
5.3.1 O anisomorfismo linguístico.....	213
5.3.2 Equivalência total, equivalência parcial e equivalência zero.....	214
5.3.3 Equivalência X Tradução da letra.....	220
5.3.4 Parêntese ilustrativo: <i>Un cuento chino</i>.....	222
5.3.5 Equivalência de tradução X equivalência lexicográfica.....	226
5.3.6 Conclusões sobre a questão da equivalência em um dicionário de EIs.....	229
5.4 OS FALSOS AMIGOS FRASEOLÓGICOS.....	231
5.5 PERSPECTIVAS.....	237
CAPÍTULO VI – UM AMBIENTE VIRTUAL PARA O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA: O ITALEX	239
6.1 UM AVA PARA O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA.....	239
6.2 DESENHO DA ESTRUTURA DO AVA.....	240
6.2.1 Apresentação do Italex.....	243
6.2.2 Biblioteca virtual e <i>Sitoteca</i>.....	244
6.3 O DEIP E O AVA.....	246

6.4 UM LIVRO DIGITAL CONECTADO AO AVA.....	246
6.4.1 Por que um livro didático sobre Montale? Justificativa da escolha.....	247
6.4.2 Uma oportunidade para conectar o livro ao AVA.....	247
6.4.3 Breve descrição do conteúdo do livro e de seus <i>links</i>.....	248
6.5 O DIIP e o AVA.....	255

CAPÍTULO VII – POSICIONAMENTO DO TRABALHO E PROPOSTA

METODOLÓGICA DE TRATAMENTO DE EIs.....	261
7.1 METODOLOGIA DA PESQUISA E <i>CORPORA</i>	261
7.1.1 Metodologia da pesquisa.....	262
7.1.1.1 A tipologia do DEIIP.....	264
7.1.1.2 O perfil do usuário do DEIIP.....	265
7.1.1.3 A função e a direcionalidade do DEIIP.....	266
7.1.2 <i>Corpora</i> e outras fontes.....	267
7.1.2.1 A <i>Web</i> como <i>corpus</i> e a opção por um <i>corpus</i> jornalístico.....	269
7.1.2.2 Construindo um <i>corpus</i> jornalístico para observar o comportamento de EIs: os jornais italianos <i>Il Corriere della Sera</i> e <i>La Repubblica</i>	274
7.1.2.3 Utilizando o <i>Webcorp</i>	278
7.2 DESENHO DO DEIIP	279
7.2.1 A macroestrutura.....	279
7.2.1.1 A seleção das EIs.....	280
7.2.1.2 A lematização das EIs.....	289
7.2.1.2.1 A <i>ferramenta de busca do DEIIP</i>	296
7.2.2 O <i>front matter</i>.....	297
7.2.2.1 Símbolos utilizados no DEIIP.....	300
7.2.2.2 O Guia do Usuário.....	301
7.2.3 A medioestrutura: conexões internas, externas e com o AVA.....	303
7.2.3.1 Ilustrações e material adicional.....	306
7.2.4 A microestrutura	310
7.2.4.1 Palavra-entrada, cabeça de verbete, palavra-lemma e associação com EI	312
7.2.4.2 A frequência das EIs.....	312
7.2.4.3 As definições.....	314
7.2.4.4 Os equivalentes.....	316
7.2.4.5 As marcas de uso.....	317
7.2.4.6 Análise componencial ou tradução literal.....	318
7.2.4.7 Distinção entre EIs variantes e EIs sinônimas.....	319
7.2.4.7.1 <i>As EIs variantes</i>	320
7.2.4.7.2 <i>As EIs sinônimas</i>	322
7.2.4.8 A polissemia.....	323
7.2.4.9 Os exemplos.....	324
7.2.4.10 As notas de uso.....	327
7.2.4.11 Modelo de microestrutura concreta para um hiperdicionário semibilíngue de EIs italiano-português	329

CAPÍTULO VIII – INVENTÁRIO FINAL E TESTAGEM DO DICIONÁRIO.....

8.1 TESTANDO O DEIIP.....	333
8.1.1 A testagem.....	333
8.1.2 Análise dos resultados.....	336
8.2 A AMOSTRAGEM DO DEIIP.....	342

CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS.....	403
REFERÊNCIAS.....	409
APÊNDICES.....	431
APÊNDICE A MEICIP e Casadei	
APÊNDICE B MEICIP e Hoepli	
APÊNDICE C MEICIP e Parola Chiave	
APÊNDICE D MEICIP e Zingarelli	
APÊNDICE E Cruzamento gastronomismos	
APÊNDICE F Tabela EIs <i>Corriere</i>	
APÊNDICE G Tabela EIs <i>La Repubblica</i>	

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema desta pesquisa foi semeado, há muito tempo, na terra jovem e fértil da nossa curiosidade estudantil e foi crescendo, estimulado pela aura de mistério e de encantamento que, em nossa forma de sentir, envolve o universo das formas cristalizadas de uma língua.

Na nossa primeira viagem à Itália, logo após a formatura no Curso de Letras, estávamos, uma amiga e eu, em um mercado de Florença, quando ouvimos uma senhora dizer à sua interlocutora, em uma banca logo atrás: “– *Campa cavallo che l'erba cresce!*”. Nós nos olhamos e começamos a rir, pois tínhamos aprendido essa expressão no último ano do curso e nos tínhamos perguntado, na ocasião, se ela um dia poderia nos ser útil. Eis que nos deparamos com a resposta. A expressão é um convite irônico ou resignado a procurar sobreviver à espera de um acontecimento favorável que é, porém, distante, improvável e não depende de nós (em português, algo mais ou menos como ‘Pode esperar sentado...’). Ter compreendido o significado da expressão *in loco* foi uma espécie de boas-vindas, uma experiência positiva que fez com que nos sentíssemos perfeitamente sintonizadas com a realidade italiana que estávamos apenas começando a vivenciar. Com efeito, conhecer essas formas cristalizadas da língua permite ao estrangeiro captar e dominar matizes que são, geralmente, patrimônio do nativo.

Ao longo do nosso fragmentado percurso e dos estudos realizados no decorrer do doutorado, pudemos conhecer mais detalhadamente o objeto da Fraseologia: signos linguísticos pluriverbais, convencionados em dada comunidade, muitas vezes irregulares semântica e sintaticamente e portadores de sentidos figurados e metafóricos. Esses signos linguísticos complexos de difícil compreensão semântica e frequentemente definidos como *um corpo estranho* à língua são, na realidade, indispensáveis para a descrição de uma língua (MURANO, 2010; FULGÊNCIO, 2008). Diríamos até que seu estudo é “incontornável” (GONZÁLEZ REY, 2010), já que constituem uma imensa parcela da língua, conforme revelou a Linguística de *Corpus*.

Essas estruturas, reveladoras da ancestral sabedoria popular e que desde sempre encontramos repertoriadas em dicionários e coletâneas, são, em todas as línguas, constituídas de adágios, provérbios, expressões idiomáticas, colocações, fórmulas de rotina, entre outros. Esses inventários testemunham o interesse pela conservação da riqueza fraseológica de uma comunidade, revelando também o interesse pela sua transmissão àqueles que dessa

comunidade não fazem parte e que, por isso, não reconhecem instintivamente padrões linguísticos que lhe são próprios, como ocorre com os falantes nativos.

As unidades fraseológicas, embora sejam abundantemente reproduzidas na comunicação diária entre os falantes, paradoxalmente, por muito tempo não obtiveram o reconhecimento de sua importância nos estudos linguísticos. Durante séculos, a tradição manteve a falsa concepção de que essa parte do léxico das línguas, composta de blocos de palavras mais ou menos fixos que os falantes acessam já prontos da memória e reproduzem no discurso, pertencia essencialmente à oralidade e não ao registro linguístico escrito. Era, assim, considerada uma parte da língua de estilo menos aprimorado. Hoje sabemos que “os sintagmas cristalizados ocorrem frequentemente em qualquer forma de veiculação linguística e em qualquer registro” (FULGÊNCIO, 2008). No entanto, vale observar que, no Quadro Comum Europeu, a inclusão do tratamento didático das EIs ainda se dá exclusivamente na interação oral, como se não existissem ou não interessasse saber empregá-las no registro escrito (GONZÁLEZ REY, 2006).

Atualmente, a fraseologia passou da marginalidade ao reconhecimento (XATARA, 2002), embora temas como a delimitação, o registro e o tratamento lexicográfico das unidades fraseológicas (doravante UFs) continuem em pauta.

Nos últimos anos, foi significativo o aumento do interesse pelos estudos fraseológicos. Os diferentes enfoques propiciaram o surgimento de uma teoria fraseológica que tem em conta a diversidade de combinações existentes, a classificação e a delimitação das unidades que a constituem (ALVAREZ, 2011, p. 9). Essa teoria foi construída, ao longo dos anos, pela soma das reflexões de linguistas de diferentes partes do mundo. O reconhecimento da autonomia lexical das UFs deve-se a esses estudos e aos dados quantitativos que podem ser obtidos por meio de grandes *corpora*.

No entanto, pesquisas em nível nacional e internacional têm comprovado que essa parcela do léxico, chamada de *discurso repetido* pelo grande linguista romeno Eugenio Coseriu, ainda carece de registros adequados nos dicionários, sobretudo em dicionários bilíngues (doravante DBs). Esse é o caso da fraseologia contrastiva (doravante FC) italiano-português.

Há grandes centros de pesquisa em Fraseologia que se têm dedicado a aprofundar a análise das diferentes unidades pluriverbais e que abrem novos rumos de investigação, destacando-se os centros dedicados aos estudos fraseológicos realizados na Rússia, na Alemanha, na Espanha e na França, como veremos adiante.

No Brasil, felizmente as pesquisas em nível acadêmico estão hoje em grande expansão. Entretanto, somente nos últimos dez/quinze anos, os estudos teóricos começaram a materializar seus resultados em dicionários e em manuais de ensino, de forma que há ainda poucos dicionários fraseológicos bilíngues impressos ou eletrônicos, sendo ainda mais escassos os materiais para o ensino de UFs.

O mesmo poder-se-ia afirmar com relação aos estudos fraseológicos na Itália, cuja produção fraseográfica é modesta (GIACOMA, 2012). É principalmente a produção fraseográfica bilíngue que carece de dicionários, pois para os dicionários fraseológicos monolíngues encontram-se obras de boa qualidade¹. Existe uma certa tradição de estudos teóricos sobre as UFs na perspectiva intralinguística (CASADEI, 1996; VIETRI, 1984), mas a comparação interlinguística é ainda, em muitos aspectos, um terreno de pesquisa inexplorado (GIACOMA, 2012).

Esses resultados ainda pouco numerosos na perspectiva contrastiva e a convicção da importância, teórica e prática, dos estudos sobre as UFs italiano-português me estimularam a estudar a fraseologia nesse par de línguas.

O ponto de partida é minha experiência didática com o ensino de língua italiana e de tradução no Curso de Licenciatura e de Bacharelado em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no qual atuo há muitos anos, formando professores e tradutores. A prática didática evidenciou o interesse que as EIs despertam nos alunos, que querem conhecê-las como forma de dominar o universo da língua que estão aprendendo. As EIs também interessam aos aprendizes de tradução, que precisam enfrentar o difícil desafio de transpor essas estruturas complexas para outra língua.

A percepção das necessidades dos alunos, que não via contempladas nos DBs, fez com que eu começasse a pensar em contribuir para o preenchimento de parte desse vazio. Iniciei, assim, uma pesquisa informal, passando a registrar as expressões italianas² com as quais me deparava no dia a dia das atividades em sala de aula e para muitas das quais não havia equivalentes nos DBs existentes. Com o passar do tempo, mais expressões foram sendo acrescentadas ao trabalho, e percebi que esse material, se organizado, poderia ser uma contribuição para o ensino de língua italiana.

¹ São exemplos o dicionário *Frases fatta capo ha Dizionario dei modi di dire, proverbi e locuzioni di italiano* (PITTANO, ed. Zanichelli), o dicionário *Modi di dire della lingua italiana* (LAPUCCI, ed. Valmartina) ou ainda o *Dizionario on-line* do jornal *Corriere della Sera* (ed. Hoepli).

² Com 'expressões italianas' refiro-me aqui a mais de uma subcategoria de unidades fraseológicas, ainda que a maior parte delas seja constituída de EIs como são compreendidas nesta pesquisa e que adiante especificarei.

O resultado dessa pesquisa sistemática redundou em dois livros, ambos publicados pela EDIPUCRS (Editora da Pontifícia Universidade Católica do RS): o manual didático *Fare come l'asino del pentolaio: cem expressões idiomáticas italianas para brasileiros* (TERMIGNONI, 2008), para o qual foram selecionadas e tratadas cem expressões idiomáticas italianas que contêm um zoônimo (isto é, um nome de animal), e a coletânea *Mil expressões idiomáticas e coloquialismos italiano-português* (TERMIGNONI, 2009)³, que traz o registro de UFs de várias tipologias, suas equivalências e definições.

Meus estudos de pós-graduação partem desses insumos anteriores. Julgo importante, também, dedicar aqui algumas palavras à trajetória peculiar desta pesquisa, inicialmente proposta como Mestrado e, após dois anos, promovida para o nível de Doutorado devido à expansão que adquiriu.

Na então pesquisa de mestrado, intitulada *Bases teórico-metodológicas para um dicionário de expressões idiomáticas italiano-português*, pretendia-se oferecer uma revisão de trabalhos anteriores, coletâneas didáticas de EIs, partindo de uma crítica lexicográfica, para propor um modelo de dicionário impresso de EIs. Durante o primeiro ano do curso, o trabalho se concentrou, principalmente, em estudar uma vasta bibliografia referente aos estudos fraseológicos, a fim de compreender o estado da arte dessas pesquisas em nível internacional, particularmente dos estudos mais recentes realizados no Brasil e na Itália. Pesquisei o tratamento da fraseologia em dicionários gerais e especiais, e também em alguns DBs em outros pares de línguas, escolhendo, dentro desses estudos, as melhores opções para o dicionário desejado. Entretanto, à medida que o trabalho avançava, a visão lexicográfica foi se ampliando, e a perspectiva sobre o produto a ser obtido também. Assim, passei a imaginar um novo tipo de dicionário – agora um *hiperdicionário* – inserido e conectado com todo um ambiente de ensino, o que demandava um novo formato lexicográfico, inter-relacionado com elementos do ensino de língua italiana para aprendizes brasileiros e com elementos mais gerais do âmbito do ensino de línguas estrangeiras (doravante LEs). Um hiperdicionário é um dicionário *on-line* projetado para usufruir das vantagens do hipertexto – um conjunto de informações ligadas entre si e editadas no computador.

A essa expansão da pesquisa, devidamente avaliada, deve-se a passagem para o nível de Doutorado em 2013. No decorrer do mesmo ano, com apoio da SEAD (Secretaria de Ensino a Distância da UFRGS), foi possível iniciar a compilação de um *corpus* jornalístico

³ Esses trabalhos serão descritos em detalhes no item 4.4.

italiano e também a implementação de algumas funcionalidades de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e de verbetes do dicionário em *site* da UFRGS.

A tese propõe, assim, o estabelecimento de bases teórico-metodológicas para o desenho e a implementação de um hiperdicionário semibilíngue de EIs, na direção italiano-português, inserido em um Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA (EICHLER; DEL PINO, 2006), projetado aqui em grandes linhas. O dicionário é voltado à compreensão de aprendizes universitários brasileiros de língua italiana, apresentando soluções de equivalência que são fruto de pesquisa em *corpora* originais em italiano e em português. Graças às facilidades do meio digital, foi possível projetar uma microestrutura ampliada que inclui o tratamento de expressões variantes e de expressões sinônimas.

Dentre os diferentes tipos de unidades que formam o conjunto das UFs, o interesse centra-se agora, especificamente, nas EIs, uma subcategoria de UFs que elegemos como objeto de estudo. Uma EI é uma unidade pluriverbal indecomponível e cristalizada em dada comunidade linguística, cujo significado não é igual à soma dos significados de cada um dos elementos que a compõe, como *tagliare la corda*, *dare la bustarella*, *chiudere bottega* – ‘dar no pé’, ‘molhar a mão’, ‘pendurar as chuteiras’. Para a elaboração de uma amostragem dessas unidades, nossa escolha recaiu sobre as EIs atinentes ao campo léxico da gastronomia – os gastronomismos linguísticos, EIs que se referem quer ao produto a ser consumido (*starci come i cavoli a merenda*), quer aos utensílios utilizados na preparação dos alimentos (*sapere cosa bolle in pentola*) ou ainda EIs que indicam a ação de comer ou preparar os alimentos (*lasciar qc. cuocere nel proprio brodo*).

A pesquisa insere-se no âmbito de duas vertentes dos Estudos do Léxico-Gramática relacionadas ao tema da FC: a Fraseografia Bilíngue e a Fraseodidática. Além disso, pelo foco e método de pesquisa, há um ponto de confluência entre diferentes especialidades: Estudos de Lexicografia e de Lexicografia *on-line*, Ensino a Distância apoiado por recurso informatizado, Linguística Contrastiva e Tradução, Estudos de Linguística de *Corpus*, Ensino de Línguas Estrangeiras e Ensino de Língua Italiana.

O arcabouço teórico de que nos valem para fundamentar a pesquisa consiste, essencialmente, na tipologia de dicionários de Haensch (1982), na concepção de expressão idiomática de Tagnin (1989; 2005; 2013), no tratamento fraseográfico dado às EIs por Gonzalez Rey e Bárdosi (2012), Schemann *et al* (2013) e Giacoma (2012), na concepção macro e microestrutural para suporte eletrônico de Lo Cascio & Nijpels (2006), no conceito de sinonímia de Cruse (1986) e de sinonímia e variação fraseológica de Zuluaga (1980) e García

Page (1998). Para a concepção de AVA lançamos mão dos estudos de Eichler e Del Pino (2006).

A nomenclatura do dicionário é produto do cruzamento de cinco obras lexicográficas e fraseográficas. A listagem de EIs italianas obtida nesse cruzamento foi analisada, com o auxílio da ferramenta *AntConc*, em um *corpus* especialmente construído a partir de dois dos mais conceituados jornais italianos – *Il Corriere della Sera* e *La Repubblica*. O comportamento das EIs italianas foi validado nesse *corpus* e a sua frequência aferida com a ferramenta *Archivio*. As EIs equivalentes em português foram validadas no *Webcorp*.

Importa ressaltar, ainda, que o dicionário não foi concebido para ser um produto isolado. São previstos diferentes recursos para serem associados a ele, compondo-se dessa forma um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) de Língua Italiana.

O fato de estar inserido em um ambiente virtual permite que, futuramente, o hiperdicionário possa ser conectado a outros objetos de aprendizagem. Referimo-nos, por exemplo, à replicação adaptada do protótipo do dicionário de EIs para outro tipo de UF (os provérbios italianos, por exemplo), bem como à disponibilização, no AVA, de outros objetos de aprendizagem (associados ou não ao hiperdicionário) e de ferramentas eletrônicas para o ensino do italiano, como teremos a oportunidade de elucidar no corpo do trabalho.

Essas possibilidades que o AVA potencialmente oferece são demonstradas, por exemplo, na simulação de um verbete projetado para o futuro *Dizionario dei Proverbi Italiano-Portoghese*, um embrião que ilustra a possibilidade de replicação adaptada do protótipo e que se conecta a um verbete da amostragem do *Dizionario di Espressioni Idiomatiche*.

Além dessas conexões, o AVA também abrigará um livro didático inédito, escrito em italiano e originalmente concebido para ser impresso (TERMIGNONI; BONIFAZIO, [s.d.]), que está sendo adaptado para o formato *e-book* com apoio da SEAD. O livro tem o intuito de aproximar estudantes de nível médio-avançado do estudo da vida e da obra do escritor e poeta italiano Eugenio Montale (1896-1981). O *e-book* apresenta um recorte de 10 poesias do autor, dentre as mais conhecidas. Elas são um ponto de partida para estudar a obra de Montale, mas também para aprofundar o estudo da língua italiana, focando nas dificuldades de aprendizagem específicas de estudantes brasileiros e estabelecendo uma série de hiperlinks que aprofundam e expandem diferentes aspectos (biográficos, literários, geográficos, históricos, linguísticos, fraseológicos) do conteúdo do livro. O que torna o *e-book* especialmente adequado para ser acoplado a esse AVA é o fato de que todas as unidades didáticas do livro propõem atividades com EIs italianas, propiciando associar hiperlinks entre

as atividades didáticas e o dicionário de EIs. A intenção é conseguir disponibilizá-lo no AVA até o final de 2015.

Assim, a presente tese de doutoramento é constituída das seguintes partes: resumo, sumário, introdução, justificativa, objetivos, oito capítulos, considerações finais, referências e apêndices.

No Capítulo I, abordamos a Lexicografia e os Estudos Fraseológicos, bem como as vertentes da Fraseografia e da Fraseodidática. No Capítulo II, apresentamos a conceitualização e a revisão da literatura sobre as UFs e os aportes da Linguística de *Corpus* e do Processamento Automático da Língua Natural (PLN) hoje disponíveis para o estudo de UFs. Identificamos, ainda, os traços que diferenciam as EIs das demais subcategorias de UFs. No Capítulo III, caracterizamos as EIs, relacionando-as à cultura e à sua importância no ensino de LEs. O Capítulo IV aborda o tratamento dicionarístico de EIs e relata nossas experiências didáticas que resultaram na publicação de dois livros sobre fraseologia. O Capítulo V trata a complexa questão da equivalência, sobretudo aplicada às EIs. Apresenta também uma reflexão sobre a equivalência na perspectiva dos diferentes domínios da Tradução e da Lexicografia Bilíngue. O Capítulo VI descreve a configuração do AVA – o Ambiente Virtual projetado para abrigar o dicionário de EIs, bem como aponta e exemplifica alguns recursos digitais para o ensino do italiano que poderão ser acoplados ao AVA futuramente. O Capítulo VII descreve nossa proposta metodológica para o tratamento de EIs, o processo de compilação do *corpus* jornalístico e o protótipo do hiperdicionário de EIs, bem como suas conexões com outros objetos de aprendizagem. O capítulo VIII é destinado à apresentação do inventário da amostragem de EIs do campo léxico da gastronomia (gastronomismos linguísticos), à sua testagem com alunos do Curso de Graduação em Letras e também com alunos do NELE – Núcleo de Ensino de Línguas Estrangeiras da UFRGS – e à análise dos resultados alcançados. Seguem-se as considerações finais e perspectivas futuras.

Queremos que esta tese seja uma contribuição ao ensino da língua italiana no Brasil, oferecendo um modelo de hiperdicionário semibilíngue de EIs, inserido em um Ambiente Virtual de Aprendizagem que se propõe como espaço de interação de aprendizes e professores. Sendo parte de um AVA, o dicionário poderá facilitar e enriquecer o aprendizado de EIs italianas, conectando-se também a outros objetos integrados ao ambiente. Queremos, ainda, que essa pesquisa ajude a promover os estudos de FC italiano-português, uma vez que tais estudos ainda são pouco numerosos nesse par de línguas. Queremos, por fim, que a oferta de um modelo de hiperdicionário de EIs dinâmico, moderno, de acesso gratuito e conectado a um ambiente virtual que se pretende aberto à atualização e à criação de novos materiais para

ampliá-lo seja, também, um incentivo à elaboração de outras ferramentas *on-line* para o ensino de italiano a brasileiros.

JUSTIFICATIVA

Ante as profundas mudanças acarretadas pela globalização, sobretudo no que diz respeito à comunicação cada vez mais intensa entre pessoas que falam línguas diferentes, é crescente o interesse pelos dicionários, principalmente por aqueles que envolvem mais de uma língua. Nesse cenário, acentua-se a necessidade do desenvolvimento de estudos lexicográficos para dar fundamento à qualificação desses produtos, quer impressos, quer no formato *on-line*. No que se refere especificamente ao ensino/aprendizagem de LEs, é indiscutível a contribuição dos dicionários como suporte ao enriquecimento da competência lexical e ao conhecimento de novos itens de vocabulário para o aprendiz. Assim, a Lexicografia e a Lexicologia, ciências voltadas ao estudo do vocabulário e à produção de dicionários e de obras afins, adquirem, cada vez mais, utilidade social.

As unidades fraseológicas (UFs) – agrupamentos ou blocos de palavras utilizados recorrentemente na comunicação – constituem uma das áreas de interesse da Lexicografia e da Lexicologia, sendo objeto de estudo de uma disciplina específica: a Fraseologia. Esses “blocos” também são conhecidos como expressões idiomáticas (EIs), provérbios, frases feitas e colocações recorrentes. Para um dicionarista, a fraseologia é extremamente importante, pois é a definição do sentido das estruturas fraseológicas que determina a sua apresentação como entrada de um dicionário; isso porque as fraseologias costumam expressar um significado que não se deduz das suas partes constituintes, mas do conjunto que elas formam. É na perspectiva da fraseologia que se enquadram as EIs (KRIEGER; FINATTO, 2004), UFs que constituem nossa área de interesse específico neste projeto.

Assim, no nosso ponto de vista, para a EI italiana *a tutta birra* o dicionário deveria apresentar um ou mais equivalentes em português (‘a mil’/‘a toda’), sua definição (‘a grande velocidade’) e, quando possível, indicar EIs variantes e/ou sinônimas (*a tutto gas/a spron battuto*), além de contextos autênticos de uso como, por exemplo, “*Per evitare la coda le auto scartano sulla corsia preferenziale riservata ai bus e vanno **a tutta birra!***”⁴. No entanto, geralmente o consulente não dispõe dessas informações nos dicionários existentes nesse par de línguas. Certamente um dicionário lexicográfico da língua geral não pode oferecer tantas informações, sobretudo se for impresso. É, porém, o que se desejaria de um dicionário especial bilíngue voltado a repertoriar essas EIs para estudantes brasileiros de língua italiana.

⁴ Disponível em: http://archivistorico.corriere.it/2008/febbraio/15 /visto_invaso_corsia_preferenziale _per_co_9_080215020.shtml

Em pesquisas e trabalhos lexicográficos recentes, tem-se alertado para a carência de boas obras lexicográficas, principalmente bilíngues, e para a urgência de suprir esta lacuna – o registro de EIs –, com o fim de atender necessidades de usuários dos mais variados perfis cuja ferramenta indispensável de trabalho é o dicionário.

A Fraseografia Bilíngue interessa, inevitavelmente, às áreas do ensino-aprendizagem de LEs e da tradução. O domínio das UFs de uma LE é importante não só para o desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes, mas também por serem elas um poderoso veículo de difusão da cultura das comunidades linguísticas que as produzem, conforme evidenciam, por exemplo, as pesquisas de Pamies Bertrán (2011, p. 49).⁵

Embora os estudos lexicográficos tenham feito consideráveis progressos na última década, os pesquisadores-lexicógrafos brasileiros sabem que este é, ainda, um campo fértil a ser explorado, sobretudo com relação à fraseografia bilíngue que envolve o português brasileiro.

No que tange especificamente à língua italiana, são ainda poucos os dicionários bilíngues e raros os manuais para o ensino dessa língua à disposição dos brasileiros, embora o Brasil tenha recebido grandes contingentes de imigrantes no passado, cujos descendentes naturalmente sentem-se ligados afetivamente à Itália e se interessam pela língua dos antepassados. Essa é também uma demanda dos profissionais que atuam em qualquer campo que envolva o domínio dessa língua, principalmente no ensino da língua italiana.

Nas últimas duas décadas, contudo, com a procura pela cidadania italiana por parte de descendentes de imigrantes italianos nascidos em solo brasileiro, teve início no Brasil um processo de conscientização e de valorização da italianidade. A nova realidade fez com que aumentasse o interesse pelo aprendizado da língua e por tudo o que se refere à pátria de origem. Paralelamente, observa-se que há um número representativo de pessoas que, mesmo não sendo de origem italiana, se interessam pela língua e pela cultura da Itália. Há, portanto, um enorme potencial de usuários interessados em informações sobre a língua e a cultura italianas. Por outro lado, se podemos encontrar inúmeras obras sobre a imigração italiana no Brasil, poucas são ainda as publicações sobre a língua italiana, tanto de materiais didáticos quanto de dicionários, não obstante esse panorama fértil e auspicioso.

Não concordamos com Baccin (2008) quando diz que há uma grande variedade de excelentes dicionários monolíngues ou bilíngues resultado de longa tradição lexicográfica para os profissionais da língua italiana, alunos e público em geral.

⁵ Sobre a relação EIs/aspectos culturais e a importância de ensinar EIs, ver o Capítulo III.

É fato que existem excelentes dicionários monolíngues italianos. Entretanto, no que concerne aos DBs de língua geral, essa afirmação, a nosso ver, não se aplica. Excetuando o Dicionário Martins Fontes italiano-português (2004) e o dicionário pedagógico português-italiano *on-line*, em construção no âmbito do *Projeto Cantiere di Parole*, da própria Baccin e equipe e que é fruto do trabalho de muitos pesquisadores, não podemos citar outros DBs que sejam excelentes nesse par de línguas.

Por outro lado, Welker (2008) ressalta que as EIs, assim como as colocações, de maneira geral são pouco numerosas nos DBs e, por isso, considera de extrema relevância a utilização do dicionário especial.

A escolha do nosso objeto de pesquisa deve-se, assim, à recorrente constatação, ao longo de um arco de 20 anos, do tratamento insuficiente e deficitário dispensado pelos DBs às UFs, bem como da ausência de dicionários especiais e de manuais de ensino de fraseologia que contemplassem o italiano e o português brasileiro, ausência que, por muito tempo, reinou quase que absoluta no nosso país.

Sabemos que, até o momento, não existe no Brasil uma obra de referência *on-line*, na direção italiano-português, que se ocupe especificamente de EIs e que seja concebida para integrar um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Queremos referir, neste âmbito, trabalhos muito importantes já realizados e alguns nomes de pesquisadores que, há duas décadas, estão trabalhando ativamente nas áreas da Fraseografia e da Lexicografia Bilíngue que envolvem o italiano e o português brasileiro. São exemplos os trabalhos de Zavaglia, C. (1996, 2006, 2014); Seccato (2007); Caramori, (2000, 2006); Golçalvez e Sabino (2001); Sabino, (2010); Gonçalves (2000); Baccin (2008; 2012); Orsi (2007; 2009); Zucchi (2010), para citar alguns. É importante mencionar a contribuição do *Dicionário Martins Fontes italiano-português* (Benedetti, 2004), o qual, mesmo não sendo um dicionário fraseológico, dedicou muita atenção aos idiomatismos, dando um passo importante para suprir parte dessa necessidade ao incluir, no final de muitos de seus verbetes, um expressivo número dessas estruturas fraseológicas. Quanto aos dicionários eletrônicos, cabe lembrar que está em andamento o projeto do dicionário pedagógico *on-line* português-italiano, de Paola Baccin e equipe, da Universidade de São Paulo (USP), e, ainda, que se encontra em fase final de elaboração o *Dicionário Multilíngue online das Cores*, de Cláudia Zavaglia e equipe, da Universidade do Estado de São Paulo (UNESP), de São José do Rio Preto.

Assim, o objetivo principal desta tese é criar um recurso, teoricamente fundamentado, que possa subsidiar os estudos fraseológicos em italiano, mais especificamente no âmbito da

fraseografia contrastiva italiano/português e do ensino de EIs italianas para brasileiros, conectado a todo um Ambiente Virtual de Aprendizagem de Língua Italiana (AVA).

OBJETIVOS

Esta tese tem como objetivos:

- 1 – Propor um modelo macro e microestrutural de hiperdicionário semibilíngue de expressões idiomáticas, no par de línguas italiano-português brasileiro, voltado para a compreensão de leitura de universitários brasileiros de língua italiana.
- 2 – Projetar, em grandes linhas, um ambiente virtual para aprendizes universitários brasileiros (AVA) de língua italiana, no qual será inserido o dicionário de EIs, de modo a permitir que, futuramente, seu modelo possa ser replicado para outras UFs e que diferentes recursos pedagógicos possam ser associados à obra.
- 3 – Aplicar às EIs um tratamento que utilize subsídios da Linguística de *Corpus*, compilando um *corpus* jornalístico italiano e apresentando, como resultado final, uma amostra do hiperdicionário constituída de EIs italianas do campo léxico da gastronomia.

CAPÍTULO I – OS ESTUDOS FRASEOLÓGICOS: LEXICOGRAFIA, FRASEOLOGIA, FRASEOGRAFIA E FRASEODIDÁTICA

1.1 LEXICOGRAFIA

A Lexicografia nasceu da necessidade prática de se fazer dicionários e por muito tempo foi definida apenas como uma técnica ou como a ‘arte’ de elaboração de dicionários. Provavelmente sempre tenha sido assim considerada porque, de fato, existia somente como atividade prática, tendo adquirido uma face teórica muitos anos depois do estabelecimento da Linguística, na segunda metade do século XX.

Somente a partir dessa data se passou a perceber que a elaboração de dicionários precisava respaldar-se em uma teoria linguística e começou então a ganhar força a ideia de que uma prática tão antiga não podia prescindir de uma teoria que a amparasse. Um número crescente de pesquisadores começou a dedicar-se mais à análise de obras lexicográficas e menos à elaboração de dicionários, e a Lexicografia passou a ser considerada um ramo da Linguística Aplicada. Assim surgiu a Metalexigrafia, definida como “[...] um complexo de atividades relativas à reflexão sobre a prática da Lexicografia” (HARTMANN; JAMES, 2001). A importância dos estudos metalexigráficos está justamente em alimentar a produção lexicográfica, repercutindo na melhor qualidade e eficiência dessa última.

Welker (2004, p.11) sintetiza essas ideias afirmando que o termo Lexicografia apresenta dois significados: no primeiro, designa a ‘ciência’, ‘técnica’, ‘prática’ ou até ‘arte’ de elaboração de dicionários (Lexicografia Prática); no segundo, refere-se à ‘Lexicografia teórica’ (ou Metalexigrafia).

Krieger (2006) compara seis obras que são consideradas fundadoras da Lexicografia Brasileira, originadas em Portugal e no Brasil. A autora chama a atenção para o fato de que, “[...] além de ser muito recente, a produção lexicográfica brasileira não está associada a políticas linguísticas de caráter oficial” (p. 184), as quais podem valorizar e apoiar a elaboração de obras lexicográficas. Assim, os dicionários que desempenharam a função de estabelecer a lexicografia nacional (caso do dicionário Aurélio) não surgem de projetos institucionais, como é o caso de países como a França, a Espanha e a Alemanha. Conclui que “a dicionarização do português do Brasil avança gradativamente, fator que contribui para estabelecer a feição do léxico brasileiro (p.173)” e destaca o papel dos dicionários monolíngues na configuração da identidade do português do Brasil e da Lexicografia Brasileira.

A Lexicografia Pedagógica, por sua vez, é uma subárea da Lexicografia voltada para a elaboração e a análise de dicionários que auxiliem o processo de ensino-aprendizagem de uma língua, seja ela materna ou estrangeira. O público aprendiz possui necessidades próprias, e uma obra lexicográfica a ele dirigida exige uma estrutura e desenvolvimento específicos que reconhecem no usuário uma das variáveis essenciais para a sua elaboração.

No Brasil, a Lexicografia Pedagógica⁶ é uma área ainda incipiente que vem evoluindo graças à progressiva consciência da importância do dicionário para a aprendizagem de idiomas, tanto de primeira língua (L1) quanto de segunda (L2). Possui maior tradição no campo das LEs, em que o papel dos dicionários é mais evidente e de onde se originam estudos sobre a concepção dos dicionários e sua adequação ao aprendizado de um novo idioma (KRIEGER, WELKER, 2011, p.103-104).

No âmbito da lexicografia brasileira, é possível perceber que os dicionários para aprendizes apresentam problemas de diversa ordem. Além das exigências de preço estabelecidas pelo mercado editorial – que acabam incidindo inevitavelmente sobre a qualidade da obra –, duas razões fazem com que grande parte dos dicionários não constitua efetivamente o instrumento almejado pelos usuários: i) as obras lexicográficas são concebidas sem levar em conta uma definição do perfil de usuário e, conseqüentemente, a função do dicionário e ii) a escolha do dicionário, por parte do consulente, é baseada principalmente em critérios impressionistas (formato e extensão). Considerando-se a tendência atual de elaborar dicionários eletrônicos, esse último aspecto passa a perder importância.

Pesquisas metalexigráficas sobre os dicionários para aprendizes comprovam que o Brasil ainda carece de obras fundamentadas em critérios que contemplem satisfatoriamente os vários aspectos implicados na sua confecção, para que sejam instrumentos ágeis, completos e forneçam uma informação constante, de forma a efetivamente cumprir a função de orientar o estudante-aprendiz. Afinal, é ele o destinatário do dicionário e a motivação primeira de sua existência.

No entanto, a respeito da utilização de dicionários pedagógicos, tem-se reforçado a ideia de que, além de melhorar a sua qualidade, é preciso que os professores de LEs sejam conscientizados da importância de integrar os dicionários à prática de sala de aula, ensinando seus alunos a fazer bom uso do potencial que eles possuem.

⁶ Segundo Welker (KRIEGER, WELKER, 2011, p.105), costuma-se restringir a Lexicografia Pedagógica a dicionários pedagógicos, um tipo especial de obra de referência que leva em conta as habilidades (mas também as dificuldades) e as necessidades de consulta dos aprendizes de línguas.

1.2 FRASEOLOGIA

O termo *fraseologia* designa tanto o campo de investigação, que tem como objeto de estudo e de pesquisa as unidades fraseológicas (a Fraseologia), quanto o variado conjunto composto por essas estruturas linguísticas.

O vasto e complexo objeto de estudo da Fraseologia é designado de várias maneiras: pode ser chamado de locução fraseológica (BALLY, 1951), locução (CASARES, 1950), expressão fixa (ZULUAGA, 1980), fórmulas da vida social ou frases habituais (HAENSCH, 1982), fraseologismo (BURGER, 2007; CARNEADO, 1985; TRISTÁ, 1988; GIACOMA, 2012, DOBROVOL'SKIIL, 1998; 2009), frasema (HAUSMANN, 1997). Acrescentaríamos a essas as denominações *séquence figée* (GROSS, 1996; GONZÁLEZ REY, 2002; 2006), unidade fraseológica (CORPAS PASTOR, 1996; WOTJAK, 1998), expressões convencionais e idiomáticas (TAGNIN, 2005), expressões cristalizadas (VALE, 2001; FULGÊNCIO, 2008).

Ainda que as denominações *fraseologismo* e *frasema* gozem de muito prestígio atualmente, adotamos a denominação ‘unidade fraseológica’ (UF) por ser amplamente utilizada nos estudos fraseológicos e já incorporada ao nosso trabalho.

Dentre as tantas definições de *unidade fraseológica*, elegemos a do linguista colombiano Zuluaga (1980, p. 16-19) que, de forma geral, as define como “todas as construções linguísticas formadas por uma combinação fixa de duas ou mais palavras”. Constituem, portanto, estruturas indecomponíveis e cristalizadas dentro de uma língua, podendo eventualmente apresentar um grau maior ou menor de idiomaticidade. As UFs compõem uma vasta tipologia que compreende, por exemplo, estruturas tais como marcadores conversacionais (‘Vai tirar o pai da força?’ e ‘Boa noite’), combinações (‘fumante inveterado’ e ‘bala perdida’), expressões idiomáticas (‘terminar em pizza’ e ‘morrer na praia’), até unidades mais fixas e menos dependentes do discurso, como os provérbios (‘Devagar se vai ao longe’), as frases feitas (‘Falando no diabo aparece o rabo’), os aforismas (‘Ser ou não ser, eis a questão!).

Existem duas grandes tendências no âmbito da Fraseologia: a *concepção estreita*, que considera como UFs as combinações fixas de palavras que, por sua estrutura, se equivaleriam a um sintagma, e a *concepção ampla*, que considera como UFs as combinações fixas de palavras com estrutura sintagmática e com estrutura oracional (TRISTÁ PEREZ, 1998).

Compreendida como campo de investigação científica, a Fraseologia deu seus primeiros passos no início do século XX, a partir dos estudos do linguista suíço Charles Bally (ver Cap. II), o qual elaborou uma teoria da Fraseologia, considerando-a uma submacroárea

da Lexicologia. Posteriormente, a obra de Bally ultrapassou as fronteiras francesas, e sua noção de locuções fraseológicas influenciou os estudos lexicológicos e lexicográficos na União Soviética (bem como nos países do Leste Europeu), cujo desenvolvimento representou um contributo essencial às investigações fraseológicas que se seguiram.

Cumprе lembrar que a Fraseologia tornou-se um ramo independente da Linguística já na década de 1940, graças ao impulso dado pelos soviéticos a esse campo de estudos, particularmente por Vinogradov⁷. (GIACOMA, 2012, p. 19, MURANO, 2010, p. 26, ÁLVAREZ, 2011, p.10). No início dos estudos fraseológicos, o linguista russo procurou definir o objeto de estudo da nova disciplina, e os esforços concentraram-se em definir e classificar as UFs no sentido de distingui-las das combinações livres de palavras e de estabelecer as características que diferenciam uma categoria de UF da outra. Álvarez (2000) observa que os russos foram os primeiros a dar uma definição de Fraseologia, e suas investigações serviram de base para todas as que se sucederam. Na década de 1930, Polivánov já definira a Fraseologia como uma “[...] ciência linguística, cuja finalidade principal deveria ser a de se ocupar das expressões fixas e de seus significados individuais.” (ÁLVAREZ, 2011, p. 10). Assim, a Fraseologia se consolida como uma disciplina linguística independente, formando-se, desse modo, toda uma escola russa de Fraseologia, diversificada em estudos descritivos sincrônicos, contrastivos e históricos, a partir de 1956, em Leningrado.

Há um debate ainda aberto sobre o fato de a Fraseologia ser uma ciência linguística independente ou uma disciplina da Lexicologia. De fato, Klare (1986, p. 356) observa que “a investigação soviética tende a compreender a Fraseologia como disciplina linguística autônoma e a excluí-la, assim, da Lexicologia, estabelecendo-a num grau equivalente e ao lado da Lexicologia como disciplina linguística autônoma”. Esse autor explica que tal ponto de vista deve-se ao fato de as UFs, ao contrário das palavras simples e compostas, possuírem especificidades, restando estabelecer se essas últimas seriam suficientes para retirar a investigação fraseológica do campo geral da Lexicologia. Entretanto, Klare deixa bem claro que, para ele, “a fraseologia continua sendo uma subdisciplina da Lexicologia, já que os fraseologismos têm uma função denominativa como as palavras e que como tais também estão acumulados no léxico”.

Dobrovols’kij e Filipenko (2007) classificam os estudos fraseológicos na Rússia e na União Soviética em três períodos:

⁷ A classificação dos fraseologismos proposta no seu artigo *Über die Grundtypen der phraseologischen Einheiten in der russischen Sprache* (1947) é ainda atual (GIACOMA, 2012, p.20, [trad. nossa do original italiano]).

- De 1940-1980: o chamado “período clássico” da Fraseologia russa. É caracterizado pela tradição fraseológica de Viktor Vinogradov e começa com seus primeiros trabalhos significativos datados de 1946; 1947; 1953.
- De 1960 até o presente: caracterizado pelos estudos fraseológicos de Igor Mel’cuk e seus colegas. O tema principal são as propriedades combinatórias das unidades lexicais (doravante ULs).
- De 1980 até o presente: a Fraseologia russa é caracterizada pelo crescente interesse pelas abordagens cognitivas e etnoculturais de análise das UFs.

O russo e o alemão foram as primeiras línguas a ser completamente descritas do ponto de vista fraseológico. Só posteriormente o movimento se estendeu para o inglês, o francês e outras línguas europeias. Logo ficou claro que a comparação entre UFs em duas ou mais línguas era de importância crucial para se conhecer os princípios teóricos que subjazem à Fraseologia. Como a EUROPHRAS (*European Society of Phraseology*) é composta principalmente de pesquisadores alemães⁸, “a parte do leão” dos estudos fraseológicos interlinguísticos consistiu em comparar o alemão com outras línguas, inclusive com o russo (COLSON, 2008, p.192). Fundada em 1999 e com sede em Zurich, a EUROPHRAS é uma associação muito atuante, que objetiva estabelecer parcerias internacionais e divulgar os estudos fraseológicos.

A partir dos anos 1970, a Fraseologia encontra então terreno fértil na Alemanha e na Suíça alemã, cujas pesquisas desde então continuam se desenvolvendo e contribuindo intensamente para a produção fraseológica e fraseográfica. As pesquisas soviéticas foram acolhidas por estudiosos alemães e suíços como Burger (1973), Häusermann (1977) e Buhofer, Burger & Sialm (1982)⁹ (GIACOMA, 2012, p.20), assim como *Thun* (1975; 1978), *Pilz* (1978), *Gunther* (1981), *Kurchatikna & Suprun* (1981), *Eckert* (1991), dentre outros (ALVAREZ, 2011, p. 11), e, por seu intermédio, os estudos russos se estenderam a outras línguas europeias. Os inúmeros trabalhos publicados no âmbito da Fraseologia alemã delineiam basicamente duas linhas de pesquisa (ITOH, 2005, apud GIACOMA, 2012, 21): por um lado, a descrição das UFs como parte do sistema linguístico e, por outro, a descrição

⁸ Por esse motivo, se não se conhece o alemão, não se tem acesso a grande parte da literatura sobre comparações interlinguísticas fraseológicas, já que não se encontram traduções desses textos. Apesar disso, conseguimos ter acesso a parte dessa literatura através dos textos de outros autores, como Navarro [espanhol-italiano] e Giacoma [alemão-italiano]. Já para as comparações entre as EIs russo-alemão de Dobrovols’kij, é possível encontrar alguns textos em inglês. Outras referências a esse autor encontramos em Giacoma (2012).

⁹ Esses últimos são autores do *Handbuch der Phraseologie*, obra de referência mais citada fora da (ex) União Soviética, na qual (sobretudo) Burger estabelece fundamentos teóricos e uma classificação sintática e semântica dos fraseologismos – termo por ele introduzido. (GIACOMA, 2012, p.20).

das funções dos fraseologismos na comunicação diária. É preciso mencionar também a obra de Hans Schemann (2009; 2011; 2012; 2013), que abarca vários dicionários fraseológicos bilíngues na direção alemão-LE.

A influência dos soviéticos desembarcou também em Cuba, inspirando e alicerçando as pesquisas de Carneado Moré e Tristán Pérez que publicaram os *Estudios de fraseología* (1986), os quais, por sua vez, fundamentaram trabalhos posteriores, sobretudo na Europa e na América Latina.

Os estudos soviéticos estenderam-se também à Espanha e à França, países nos quais floresceram e frutificaram. Atualmente detentores de uma rica e sólida investigação fraseológica, esses dois países colocam-se entre os primeiros da Europa com relação à produção fraseológica, ao lado de países de fala germânica e eslava.

Casares (1950) é o pioneiro nos estudos fraseológicos espanhóis e, durante 30 anos, influencia tudo o que na Espanha se produz nesse âmbito. Em 1980, Zuluaga, linguista colombiano estabelecido na Alemanha desde 1967 e professor na Universidade de Tübingen, apresenta sua tese de doutorado sobre as expressões fixas da língua espanhola, baseando-se no modelo estabelecido por Casares, mas, ao mesmo tempo, aportando modificações à sua classificação das UFs.

Em 1996, Corpas Pastor publica o *Manual de Fraseología Española*, revendo e complementando as teorias e as classificações de Casares e de Zuluaga e influenciando sobremaneira as pesquisas fraseológicas a partir de então. Dignos de nota são também os trabalhos de Maria Isabel González Rey (2002; REY; BÁRDOSI, 2012) Ruiz Gurillo (1997; 1998), Penadés Martínez (1999), Mogorron Huerta (MOGORRON HUERTA; MEJRI, 2008; 2009; 2010), mais voltados às questões ligadas ao ensino das UFs espanholas. Mogorron Huerta investiga também as variantes de EIs hispânicas da América Central e América do Sul.

A Espanha conta ainda com inúmeros estudos paremiológicos e fraseológicos, como os de Conca (1987), Calero Fernandez (1991), Julia Sevilla Muñoz (1996), Garcia-Page Sanchez (1998), Luque Durán e Pamies Bertrán (2007; 2008; 2000; 2011), para citar somente alguns dentre os vários nomes relevantes.

Na vertente espanhol-alemão, referimos as pesquisas realizadas pelo *Grupo Interuniversitario de Investigación en Fraseología Alemán-Español – FRASESPAL*, dirigido por Mellado Blanco (2004), na Universidade de Santiago de Compostela. É preciso mencionar ainda, no campo da Fraseologia Especializada, o Grupo de Pesquisa IULATERM, sob a coordenação da Profa. Maria Teresa Cabré Castellví, na Universidade Pompeu Fabra de Barcelona.

Na França, às obras pioneiras de Bréal (1897) e Bally (1951) sucederam-se muitas outras sobre a fraseologia francesa: Gréciano (1999) dedicou-se ao estudo das UFs da língua geral (os fraseolexemas), mas também das linguagens especializadas (os fraseotermos). Igor Mel'cuk et al, pesquisador da Universidade de Montréal, é autor do *Dictionnaire Explicatif et Combinatoire du Français Contemporain* (1984). As pesquisas de Alain Rey redundaram na elaboração do *Dictionnaire des expressions et locutions* (1997). Galisson (1984), voltado à pedagogia, aplica sua tese à Fraseografia. É preciso mencionar ainda as pesquisas de Maurice Gross (1994-1985), a importante obra de Gaston Gross – *Les expressions figées en français: noms composés et autres locutions* (1996) – e, na mesma linha de Gaston Gross, as pesquisas de Salah Mejri (MEJRI, 2000; MOGORRON HUERTA; MEJRI, 2008; 2009; 2010). Mais recente é o trabalho de González Rey (2002; 2006; 2010; 2014), cuja tese de doutorado é tema da obra *La Phraséologie du Français* (2002), na qual fornece um panorama completo da Fraseologia em geral e da Fraseologia francesa em particular. González Rey é autora do *Dictionnaire phraséologique thématique français-espagnol* (2012), em coautoria com o também francesista e fraseólogo húngaro Vilmos Bárdosi.

No que diz respeito aos estudos de Fraseologia no Brasil e na Itália, evidencia-se um panorama mais recente. De fato, o I Congresso de Fraseologia no Brasil aconteceu em 2011, em Brasília, ocasião em que foi fundada a Associação de Fraseologia Brasileira. Da mesma forma, a *Associazione Italiana di Fraseologia e Paremiologia Phrasis* foi fundada em fevereiro de 2014, durante o *Congresso Internazionale Paese che vai, usanza che trovi. Riflessioni su fraseologia e paremiologia*, na *Università degli Studi di Verona*, na Itália.

No Brasil, as pesquisas fraseológicas desenvolveram-se muito a partir dos anos 1990, com a defesa de teses e dissertações e com publicações acadêmicas, sobretudo sobre a delimitação, a classificação e a dicionarização monolíngue e bilíngue de UFs, sendo ainda incipientes as pesquisas voltadas ao ensino da fraseologia, como teremos a oportunidade de ver adiante quando trataremos das pesquisas fraseológicas brasileiras com mais detalhes.

Quanto à Fraseologia italiana, vale registrar a dificuldade de se encontrar obras em italiano sobre o tema. Em nossas pesquisas, pudemos apreender que, efetivamente, na Itália os estudos fraseológicos são esparsos, mas estão avançando, sendo poucos os pesquisadores responsáveis por trabalhos científicos de maior fôlego. Segundo Giacoma (2012, p. 39-40), lexicógrafa italiana coautora de um dicionário fraseológico e de um dicionário lexicográfico no par de línguas italiano-alemão, a produção de dicionários fraseológicos na Itália é modesta, sobretudo a de dicionários fraseológicos bilíngues, exceção feita ao extenso *Dizionario Idiomatico* (FENATI et al, 2009), com o qual colaborou, em parceria também com Hans

Schemann. Relativamente ao estudo de EIs na Itália, Giacomina cita os dois nomes de maior relevo: Casadei (1996) e Vietri (1984). Destacamos ainda os trabalhos de Marengo (1996; 2014) e de Lo Cascio (2007, 2012/2013). Há outros dois nomes importantes associados ao estudo de UFs e Processamento de Língua Natural: Nicoletta Calzolari (CALZOLARI *et al*, 2000), do *Istituto di Linguistica Computazionale del CNR, ILC*, da Universidade de Pisa, e Mirella Conenna (2000), pesquisadora que se ocupa de estudos de PLN na Universidade de Bari, no par italiano-francês, tendo desenvolvido um método de extração automática de provérbios franceses.

A análise dos trabalhos fraseológicos até hoje publicados evidencia três linhas investigativas principais: i) a definição e a classificação das UFs; ii) tentativas de elaboração de modelos de UFs; e iii) a pesquisa contrastiva (GIACOMA, 2012, p.21).

O quadro a seguir, extraído do *site* da PHRASEONET¹⁰, oferece um panorama dos campos de pesquisa abarcados pela Fraseologia. PHRASEONET é um grupo de investigação sobre Fraseologia e Paremiologia criado em 2008 por professores da Universidade de Santiago de Compostela. O quadro circunscreve os estudos fraseológicos, apresenta a definição de Fraseologia e de suas divisões (geral e especializada), de seu objeto de estudo (as UFs), tanto no enfoque sincrônico quanto diacrônico, de seus âmbitos (teórico e aplicado), dos pontos de vista (interno e externo) e dos ramos que dela se originaram. Acreditamos por bem aqui apresentar essas informações para circunscrever nosso objeto e campo de estudo, além de esclarecer como as áreas presentes no trabalho se relacionam. O quadro, bem como o texto explicativo que o segue, são originalmente em espanhol e foram por nós traduzidos.

¹⁰ Disponível em <http://www.phraseonet.com/fraseologia.html>.

Quadro 1 – Panorama dos Estudos Fraseológicos

Disciplina	Divisões	Objeto	Enfoque	Âmbito	Ponto de vista	Ramos
Fraseologia	Geral	Unidades fraseológicas	Sincronia	Teórico	Interno	Metafraseologia
	Terminológica				Externo	Psico-Neurofraseologia Sociofraseologia Etnofraseologia
				Aplicado	Interno	Fraseodidática Fraseotradutologia Terminofraseologia
					Externo	Promofraseologia Ludofraseologia Fraseologia clínica
	Diacronia		F Descritiva F Histórica F Comparada			

Fonte: PHRASEONET, 2005.

O quadro a seguir elucida o objeto e os campos de estudo abarcados pela Fraseologia:

A Fraseologia: é uma disciplina linguística que se ocupa da combinatória fixa das línguas.

A Fraseologia Geral: trata da combinatória fixa das línguas em seu uso comum.

A Fraseologia Terminológica: trata da combinatória fixa das línguas de especialidade ou com fins específicos.

As Unidades Fraseológicas: são os signos linguísticos que compõem o sistema fraseológico das línguas. São elementos pluriverbais, fixos e repetidos.

A Fraseologia Sincrônica: ocupa-se do estudo do sistema fraseológico das línguas em um estado determinado da sua evolução.

A Fraseologia Diacrônica: ocupa-se do estudo do sistema fraseológico das línguas em seu estado evolutivo.

A Fraseologia Teórica: determina os princípios teóricos que regem o sistema fraseológico das línguas em um estado determinado da sua evolução.

A Fraseologia Aplicada: analisa os âmbitos práticos nos quais se desenvolve o sistema fraseológico das línguas em um estado determinado da sua evolução.

A Fraseologia Teórica Interna: ocupa-se dos diferentes aspectos linguísticos que caracterizam as unidades do sistema fraseológico das línguas em um estado determinado da sua evolução.

A Fraseologia Teórica Externa: ocupa-se das relações que se estabelecem entre o sistema fraseológico das línguas em um estado determinado da sua evolução e as disciplinas científicas que interagem com ele.

A Fraseologia Aplicada Interna: ocupa-se dos problemas que a fraseologia propõe em sua organização, a partir de âmbitos relacionados com o estudo da língua, tais como o ensino de línguas, a tradução e a informática.

A Fraseologia Aplicada Externa: ocupa-se dos fatores de uso da fraseologia em sua organização, a partir dos meios relativos à sua exploração no discurso dirigido ao grande público, como a publicidade, a imprensa ou o humor, e dos problemas estabelecidos pelo seu funcionamento deficiente em certas patologias.

A Metafraseologia: ocupa-se dos traços fonético-fonológicos, morfossintáticos, léxicos e semânticos que caracterizam as unidades do sistema fraseológico das línguas em um estado determinado de sua evolução.

A Psiconeurofraseologia: estuda os fatores psicológicos que intervêm na aquisição e no uso das unidades fraseológicas, bem como os mecanismos neurológicos do cérebro humano na sua compreensão e produção.

A Sociofraseologia: estuda o efeito dos aspectos sociais e culturais no modo de utilização das unidades fraseológicas no discurso, dentro de uma mesma sociedade.

A Etnofraseologia: ocupa-se do estudo da diversidade de fraseologias empregadas pelos seres humanos e de suas relações com as culturas em sociedades diferentes.

A Fraseodidática: ocupa-se dos problemas de ensino-aprendizagem das unidades fraseológicas em língua materna e estrangeira.

A Fraseotradutologia: trata dos problemas de equivalência e correspondência entre unidades fraseológicas de diferentes sistemas linguísticos.

A Terminofraseologia: estuda a criação e uso de termos complexos nos discursos profissionais e de sua informatização.

A Promofraseologia: estuda a exploração das unidades fraseológicas nos discursos dirigidos ao público, com um objetivo comercial (publicitário, político, jornalístico).

A Ludofraseologia: estuda a exploração das unidades fraseológicas nos discursos dirigidos ao público, com um objetivo lúdico (humorístico).

A Fraseologia Clínica: estuda os casos de *deficit* de compreensão-produção de unidades fraseológicas em sujeitos com limitações mentais (síndrome de Down, afasia, etc.).

A Fraseologia Diacrônica Descritiva: ocupa-se do estudo do sistema fraseológico de uma língua em seu estado evolutivo desde um ponto de vista descritivo.

A Fraseologia Diacrônica Histórica: ocupa-se da análise das etapas sucessivas do sistema fraseológico de uma língua na sua evolução genética desde um ponto de vista histórico.

A Fraseologia Diacrônica Comparada: ocupa-se do estudo do sistema fraseológico de diferentes línguas na sua evolução genética desde um ponto de vista comparativo.

1.3 FRASEOGRAFIA

Com o termo Fraseografia quer-se indicar aquela parte comum das pesquisas fraseológicas e lexicográficas que se dedica a examinar “[...] os problemas teóricos e práticos que emergem da confecção de dicionários fraseológicos.¹¹” (TRISTÁ PEREZ, 1998, p. 297). A Metafraseografia, por sua vez, ocupa-se do estudo crítico e descritivo do tratamento da fraseologia nos dicionários, com vistas ao seu aprimoramento.

Enquanto a Lexicografia possui uma longa tradição, a Fraseografia apenas deu seus primeiros passos e carece ainda de estudos teóricos que possam contribuir para melhorar o tratamento das UFs nos dicionários, quer sejam eles dicionários gerais de língua ou dicionários especiais fraseológicos.

Silva (2011, p. 163-164) observa que a Fraseografia surge em função da estreita relação que se estabelece entre a Lexicografia e a Fraseologia. Refletindo sobre a inclusão de UFs nos dicionários, salienta que nem sempre essa relação se deu da forma mais adequada. Aponta como causa dessas inadequações o fato de a prática lexicográfica ser muito anterior às pesquisas fraseológicas e de não ter existido “uma práxis de incorporar os avanços das pesquisas fraseológicas ao trabalho lexicográfico”. Um segundo aspecto que explica o registro deficitário das UFs nos dicionários seria “a reprodução milagrosa dessas inadequações”, uma vez que o trabalho lexicográfico foi sempre caracterizado pela prática de basear-se em trabalhos anteriores.

Embora boa parte da parcela do léxico constituída pelas UFs esteja presente nos dicionários gerais, com todos os problemas aí verificados, até muito pouco tempo não se havia desenvolvido uma teoria fraseográfica como a teoria aplicada às unidades simples da língua, exceção feita, como vimos, aos estudos soviéticos que começaram a se desenvolver

¹¹ No original “*los problemas teóricos y prácticos que plantea la confección de diccionarios fraseológicos*”.

em meados do século XX. Em Haensch et al. (1982, p. 250), Ettinger faz menção à consistente produção bibliográfica soviética sobre teoria fraseográfica.

Recentemente, tem sido sempre mais evidenciada a necessidade de aprofundar as questões complexas que envolvem a inclusão de UFs nos dicionários gerais e a compilação de dicionários fraseológicos. Essa complexidade deve-se à “[...] variedade e dinamismo do sistema fraseológico, que comporta problemas teóricos de definição e classificação.” (GIACOMA, 2012, p. 36) frente às “[...] exigências práticas da lexicografia, como a identificação da forma de citação da EI, os critérios de seleção do *corpus*, a escolha do lema sob o qual arrolar a EI, etc.” (CINI, 2005b, apud GIACOMA, 2012, p. 36).

Giacoma observa, ainda, que os estudos fraseológicos estabelecem uma série de exigências para os lexicógrafos no que concerne à macroestrutura e à microestrutura. Todavia, acrescenta que “as indicações teóricas nem sempre são acolhidas na prática, seja por uma certa desconfiança quanto a fenômenos de moda, seja por dificuldades objetivas de aplicação em larga escala”. De qualquer forma, a perspectiva do usuário do dicionário é constantemente enfatizada.

No que tange à fraseografia bilíngue, especificamente ao registro de EIs, Camacho (2008, p. 11) reitera o valor dessas compilações afirmando que “o propósito de um dicionário bilíngue que trate exclusivamente das EIs é um reflexo da importância desse tipo de fraseologismo e, ao mesmo tempo, da necessidade de tentar diminuir o *déficit* deste material no mercado editorial, além de chamar atenção para as particularidades culturais do universo idiomático das línguas em contraste”.

O papel dos DBs para o ensino de UFs também é ressaltado uma vez que são ferramentas didáticas de grande importância para o ensino/aprendizagem de LEs, estabelecendo relações entre as diferentes línguas e culturas e favorecendo a aquisição do léxico.

A Fraseografia é o principal campo de estudos em que se insere esta tese, Por isso, quisemos reproduzir o quadro a seguir, também extraído do *site* da PHRASEONET, para oferecer uma visão global dos estudos fraseográficos:

Quadro 2 – Panorama dos Estudos Fraseográficos.

Disciplina	Âmbitos	Divisões	Enfoque	Modalidade	Objeto	
Fraseografia	Metafraseografia	Geral	Sincronia/Diacronia	Monolíngue/Plurilingue	Unidades fraseológicas	Colocações
		Terminológica				Expressões idiomáticas Expressões conversacionais e Expressões gráficas
	Lexicografia fraseológica	Geral	Sincronia/Diacronia	Monolíngue/Plurilingue		Paremiás
		Terminológica				

Fonte: PHRASEONET, 2005.

1.4 FRASEODIDÁTICA

A Fraseodidática (ou didática da fraseologia) ocupa-se das questões relativas ao ensino-aprendizagem das UF's em língua materna (doravante LM) ou em língua estrangeira (doravante LE). A missão da Fraseodidática consiste em permitir o reconhecimento, a aprendizagem e o emprego das unidades poliléxicas com significado próprio e que esse conhecimento possa ser adequadamente aplicado à situação comunicativa.” (ETTINGER, 2008).

Para Gonzalez Rey (2010, p. 2), “[...] essa disciplina define-se não somente pelo seu objeto de estudo, mas também pela função que reclama no seio da didática das línguas estrangeiras, uma vez que nesse âmbito **a presença da fraseologia é quase inexistente.**¹²” (o grifo é nosso). A afirmação é reforçada pelas palavras de Sutkowska (2013), segundo a qual “[...] a fraseodidática representa um campo de estudo pouco e mal explorado”, sendo que “[...] o termo em si não é conhecido pela maior parte dos didáticos e professores de línguas, e ainda menos o seu significado e seu campo de aplicação.¹³” [trad. nossa].

São muitos os pesquisadores que destacam a importância da fraseologia no âmbito do ensino e aprendizagem de LM e de LE para a obtenção de uma boa competência linguística. Para citar alguns nomes, além dos já mencionados Gonzalez Rey (2002; 2006; 2010; 2014), Ettinger (2008) e Sutkowska (2013), vale lembrar o pioneiro Bréal (1897), o próprio Bally

¹² No original, «cette discipline se définit non seulement par son objet d'étude mais aussi par la fonction qu'elle réclame au sein de la didactique des langues étrangères puisque la présence de la phraséologie y est quasiment inexistante».

¹³ No original, «[...] a phraséodidactique représente un domaine d'étude peu et mal exploité. Le terme en soi est inconnu de la plupart des didacticiens et des praticiens de l'enseignement des langues, encore plus sa signification et son champ d'application».

(1951), e Xatara (1998; 2001) para o francês; Tagnin (1989; 2005; 2013) para o português brasileiro e o inglês; Penadés Martínez (1999) e Ruiz (1997; 1998) para o espanhol e Álvarez (2000; 2011) para o espanhol e o português brasileiro como LE; Vale (2001), Fulgêncio (2008) e Fernandes (2011) para o português brasileiro; Zamora Muñoz (1999; 2005) e Navarro (2005; 2007) para o italiano e o espanhol; Zamora Muñoz *et al.* (2006) para o italiano e Giacomina (2012; 2014) para o italiano e o alemão.

Gonzalez Rey lembra que, antes de se constituir como disciplina, a fraseodidática foi

[...] uma tendência que se manifestou de forma dispersa entre didáticos e linguistas atentos às necessidades dos aprendizes, o primeiro dentre eles Charles Bally. Como linguista e professor de alemão, Bally tinha efetivamente consciência das dificuldades que representam as unidades fraseológicas para o aprendiz que se debatia contra a não-composicionalidade dos termos¹⁴. (2010, p.1) [trad.nossa].

E cita as palavras do mestre:

O estudo das séries e, em geral, de todos os agrupamentos fraseológicos, é muito importante para a compreensão de uma língua estrangeira. Inversamente, o emprego de séries incorretas é um índice no qual reconhecemos que um estrangeiro é pouco avançado no manejo da língua ou que ele a aprendeu mecanicamente¹⁵ (BALLY, 1951, I73) [trad.nossa].

No entanto, o alcance dessa linha didática é ainda muito restrito devido à divergência de opiniões entre “fraseófilos” – para os quais a aquisição da fraseologia da língua ensinada como estrangeira é indispensável para se possuir uma boa competência comunicativa – e “fraseófobos”, que acreditam se tratar de uma parte totalmente supérflua do léxico (ETTINGER, 2008; GONZALEZ REY, 2010). Para González Rey (2010, p. 3-4), os argumentos que ajudariam a sustentar essa última posição poderiam ser os seguintes:

- um discurso pode ser completamente construído sem que seja empregada uma só UF;
- as UFs são consideradas, em geral, como pertencentes ao domínio dos falantes nativos, e um aprendiz não precisa tornar-se um bilíngue para ser proficiente em LE;
- as UFs são mutáveis, e o investimento no seu aprendizado demanda esforços que nem sempre são compensadores.

¹⁴ No original, “*était une tendance qui se manifestait de façon dispersée parmi des didacticiens ou des linguistes attentifs aux besoins des apprenants, le premier à le faire étant Charles Bally*”. En tant que linguiste et enseignant d’allemand, il fut, en effet, conscient des difficultés que représentaient les séquences figées pour l’apprenant qui butait contre la non compositionnalité des termes».

¹⁵ No original, «*L’étude des séries, et en général de tous les groupements phraséologiques (c’est nous qui soulignons), est très importante pour l’intelligence d’une langue étrangère. Inversement, l’emploi de séries incorrectes est un indice auquel on reconnaît qu’un étranger est peu avancé dans le maniement de la langue ou qu’il l’a apprise mécaniquement.*»

Por outro lado, ainda segundo González Rey, os argumentos a favor do ensino da fraseologia de uma LE ultrapassariam os inconvenientes, pois

- não dominar as UFs de uma língua denuncia claramente a condição de aprendiz, e os mal-entendidos advindos do desconhecimento desses elementos foram até mesmo objeto de matéria literária;
- mesmo que o objetivo do aprendiz estrangeiro seja limitado, ele tem por meta expressar-se de forma idiomática na língua dos falantes nativos, sobretudo ao final de um bom número de anos de aprendizado;
- a linguística de *corpus* revelou a imensa quantidade de UFs que compõem uma língua; elas são, portanto, **incontornáveis** na didática das línguas vivas (o grifo é nosso);
- o ensino das UFs propicia uma abordagem cultural da língua a ser aprendida – uma expressão como ‘Paris vale bem uma missa’¹⁶, realmente vale uma explicação! – salienta a fraseóloga, fazendo um jogo de palavras.

Não é demais enfatizar o quanto esse último argumento apontado por González Rey – o ensino das UFs propicia uma abordagem cultural da língua a ser aprendida – é importante quando a questão é defender a necessidade de ensinar UFs. Talvez de todos os argumentos apresentados esse seja o mais produtivo para a aquisição da competência em uma nova língua, pois compreender essa parcela do léxico pode descortinar múltiplos horizontes para quem está conhecendo um mundo novo e com ele quer interagir. Retomando o que diz González Rey (embora perdendo lamentavelmente o jogo de palavras, possível apenas com a expressão francesa), também acreditamos que as EIs italianas *parlar male di Garibaldi* e *fare un quarantotto* “valem bem uma explicação”, contexto que ensejaria a oportunidade de abordar a história dos movimentos pela Unificação da Itália no século XIX¹⁷.

Acreditamos que aprender a identificar uma EI como uma unidade da LE que possui um significado específico, e compreender tal significado, é um ganho inquestionável para um estudante de LE. Saber usá-la na ocasião adequada denotaria um alto grau de proficiência nessa língua. Não por acaso, no Quadro Comum Europeu, as EIs estão situadas nos níveis mais altos da aprendizagem das línguas, principalmente pela dificuldade de compreensão que apresentam devido à sua opacidade.

¹⁶ No original, *Paris vaut bien une messe*. A frase teria sido pronunciada por Henrique de Navarra ao repudiar o protestantismo para poder assumir o trono francês como Henrique IV, em 1594.

¹⁷ Para mais detalhes ver Capítulo III, p.103, e Termignoni (2011).

No Capítulo III, teremos a oportunidade de tratar mais longamente a perspectiva do ensino-aprendizagem de EIs e também a questão das EIs como ULs que refletem a cultura das comunidades que as produzem.

CAPÍTULO II – UNIDADES FRASEOLÓGICAS: CONCEITUALIZAÇÃO E REVISÃO DA LITERATURA

Embora o foco desta pesquisa sejam as EIs, é importante recuperar o que temos na literatura sobre as UFs e suas subcategorias, de modo a compreender melhor as características dessas unidades complexas e a bem contextualizar o nosso objeto de estudo. É o que faremos no Capítulo II, iniciando por apresentar uma breve introdução à revisão da literatura para, posteriormente, tratar com mais detalhes os pontos de vista dos teóricos mencionados.

2.1 APRESENTAÇÃO DA REVISÃO DA LITERATURA

Pesquisas metalexiconográficas têm demonstrado que, de forma geral e em diferentes pares de línguas, os DBs deixam a desejar no que tange ao registro das unidades fraseológicas denominadas expressões idiomáticas (doravante EIs)¹⁸, sendo muitas vezes lacunares em seu papel de orientar o usuário tanto na compreensão quanto no emprego adequado dessas estruturas recorrentes da língua.

Considerando esse cenário, esta pesquisa tem como objetivo a proposição de um modelo de hiperdicionário semibilíngue de EIs italiano-português para aprendizes brasileiros de língua italiana de nível universitário médio-avançado, voltado para a compreensão, explorando os recursos próprios do meio digital de forma a dispensar às EIs um tratamento mais adequado e eficiente. O modelo tem uma dimensão dupla, teórica e metodológica, além de aproveitar nossa experiência com o tema e com o ensino de língua italiana.

Para tanto, faz-se necessário estabelecer critérios que permitam delimitar as particularidades das EIs – as UFs objeto de estudo. Devido à sua natureza complexa, é amplamente reconhecida a dificuldade de estabelecer suas fronteiras e de distingui-las das demais estruturas comumente abarcadas sob o nome de ‘unidades fraseológicas’. Desde já esclarecemos que tal distinção será motivo de maior aprofundamento no Capítulo III. Por ora, limitamo-nos a apresentar o ponto de vista de estudiosos que se debruçaram sobre a natureza das UFs, estabelecendo classificações e critérios de identificação que consideramos relevantes para sua caracterização e delimitação.

¹⁸ Para uma análise do registro de EIs em dicionários bilíngues que envolvem o português brasileiro remetemos a Xatara (1998; 2001; 2002; 2006) e Camacho (2008) para o francês; Zavaglia (1996; 2002; 2014), Gonçalves & Sabino (2001) e Orsi (2007; 2009) para o italiano; Roncolatto (2001; 2004), Noimann (2007), Mattos (2010), Ortiz Álvarez (2000; 2011), Matias (2008) e Rios (2010) para o espanhol. Para o inglês, Tagnin (1989; 2005; 2013), Falcão (2002; 2009) e Höfling (2004; 2006). Para o registro de EIs em dicionários monolíngues ver Silva (2011), Heberle (2010) e Vale (2000). De uma maneira geral, os resultados evidenciam que os dicionários, sejam bilíngues ou monolíngues, dispensam um tratamento lacunar a essas estruturas, além de registrarem como EIs outros tipos de unidades lexicais complexas que não se caracterizam como tais.

A seleção e a revisão da literatura sobre o tema, além de auxiliar outros pesquisadores, servirá para demarcar as bases teóricas que nos permitirão estabelecer os contornos das unidades em foco com vistas à proposição de um modelo de hiperdicionário.

Há um consenso geral segundo o qual uma EI é uma UF definida a partir de três propriedades: o congelamento (ou a fixidez/cristalização), a indecomponibilidade (ou não-composicionalidade) e a opacidade semântica (ou idiomaticidade). Contudo, as divergências são muitas, por isso é preciso adotar uma linha teórica que ofereça critérios para analisar, delimitar e selecionar as várias unidades, um empreendimento complexo se considerarmos os limites difusos entre muitas delas.

Em que pesem as diferenças de pontos de vista, os autores aqui tratados reconhecem o congelamento, a indecomponibilidade e, em algumas subcategorias, também a idiomaticidade como sendo as propriedades fundamentais que caracterizam as UFs, as quais, através da repetição, tornam-se seqüências estáveis e consagradas em uma comunidade linguística. Para o nosso conceito de EIs, a idiomaticidade, ou seja, a opacidade semântica, é crucial para que essas unidades sejam consideradas *idiomáticas*.

A maior parte dos teóricos trata as UFs como estruturas constituídas por “dois ou mais termos”. Alguns as separam em dois grandes grupos: Bally (séries e unidades fraseológicas), Zuluaga (locuções e enunciados fraseológicos); Tagnin (expressões convencionais e expressões idiomáticas), Corpas Pastor (enunciados completos e enunciados que não são completos). Observa-se, entretanto, que não há uma concordância nos critérios de classificação das UFs. Também não há um consenso em relação à terminologia empregada para designá-las: são chamadas frasemas, unidades fraseológicas, fraseologismos, expressões fixas, entre várias outras denominações.

Essas são questões em aberto que preocupam os fraseólogos em todo o mundo e que são retomadas a cada congresso de fraseologia, anualmente realizados em diferentes países pelas várias associações nacionais e internacionais que os organizam alternadamente. Existe a conscientização de que seria preciso estabelecer uma terminologia comum a fim de facilitar os debates e não chamar por nomes diversos os mesmos fenômenos estudados¹⁹. Essa não é, entretanto, uma tarefa fácil.

¹⁹ No que diz respeito aos estudos de Fraseologia no Brasil e na Itália, é preciso lembrar que o I Congresso de Fraseologia no Brasil aconteceu somente em 2011, em Brasília, ocasião em que foi fundada a Associação de Fraseologia Brasileira. Da mesma forma, a *Associazione Italiana di Fraseologia e Paremiologia Phrasis* só foi fundada em fevereiro de 2014, durante o *Congresso Internazionale Paese che vai, usanza che trovi. Riflessioni su fraseologia e paremiologia*, na *Università degli Studi di Verona*, na Itália.

Nesta incursão pelas reflexões dos diferentes autores – com particular destaque para Tagnin (1989; 2005; 2013) – interessa-nos ir explicitando as propriedades do fenômeno fraseológico de maneira a evidenciar como o traço da idiomaticidade é condição necessária (embora não a única) para determinar se uma combinatória se caracteriza como sendo uma EI, **como a entendemos aqui**. Somente após será possível eleger, dentre as EIs, aquelas que pertencem ao grupo dos *gastronomismos linguísticos*, tipo de EI que irá compor a nomenclatura da amostragem do dicionário.

Para ir pontuando o caminho, inicialmente faremos breves considerações sobre as contribuições dos autores, para depois tratar de cada um mais demoradamente.

A presença dos três primeiros teóricos – Saussure, Bréal e Bally – justifica-se por serem as suas concepções pioneiras e, portanto, imprescindíveis para os desdobramentos posteriores dos estudos fraseológicos. Em Saussure já se encontram observações importantes acerca do fenômeno fraseológico, embora o mestre genebrino e não aborde explicitamente a fraseologia como a concebemos hoje. Saussure foi um dos primeiros linguistas a tratar de características da língua como a noção de agrupamento e de sintagma e a falar em institucionalização (ou convencionalidade), ou seja, em frases feitas impostas pelo uso coletivo, que proíbe qualquer modificação. Por sua vez, em 1897, Bréal já falava em *fórmulas, locuções e grupos articulados* e, ao descrevê-los, utilizava traços característicos que se reputa tenham sido formulados pela primeira vez por Bally, em 1905 e 1909. Além disso, Bréal foi o primeiro a atentar para as dificuldades de compreensão e de produção das UFs na aprendizagem de uma LE. Charles Bally, discípulo de Saussure, desenvolve o pensamento do mestre e fala pela primeira vez em ‘fraseologia’ referindo-se ao conjunto de fenômenos sintáticos e semânticos que dão lugar aos *grupos usuais* ou *séries fraseológicas* de um lado e, de outro, às *unidades fraseológicas*. Constituiu uma verdadeira teoria fraseológica, sendo considerado, por isso, o pai da Fraseologia.

O valor da contribuição de Coseriu está principalmente no acréscimo do *conceito de norma* à dicotomia saussuriana *sistema/fala*, três níveis que para ele não funcionam de forma isolada, mas são interdependentes: o nível do *sistema* (conjunto de todas as possibilidades de uma língua), o nível da *norma* (imposições sociais que favorecem o uso de determinadas possibilidades do sistema em detrimento de outras) e o nível da *fala* (a manifestação concreta das possibilidades do sistema).

Os estudos fraseológicos modernos tiveram grande impulso a partir do conceito coseriano de *discurso repetido*, nome com o qual o autor abarca todas as estruturas fraseológicas. Os estudos do linguista romeno nortearam as pesquisas de outros autores

européus que descreveram UFs pertencentes ao sistema, à norma ou à fala e procuraram classificá-las a partir da análise detalhada de sua origem e constituição.

Por sua vez, Alberto Zuluaga apresenta uma proposta de classificação das unidades fixas (como as denomina) baseada nas características da estrutura interna dessas unidades – a fixação e a idiomaticidade –, classificando-as como unidades fraseológicas *fixas não-idiomáticas*, *semi-idiomáticas* e *idiomáticas*. Aborda ainda a diversidade de graus de fixação e a noção de variantes. A noção de variantes e a de sinonímia aplicadas à fraseologia de Zuluaga foram as concepções nas quais nos apoiamos para tratar as EIs do protótipo de hiperdicionário.

Já os postulados de Tagnin (1989; 2005; 2013) foram adotados pela sua eficiência no reconhecimento das UFs e pela reflexão sobre a idiomaticidade, uma vez que essa autora classifica e descreve detalhadamente as expressões convencionais diferenciando-as das expressões que, a seu ver, além de convencionais são também idiomáticas. A idiomaticidade é um aspecto particularmente difícil de ser tratado, já que não é uma característica “nitidamente delimitada”, mas, sim, “graduada” (WELKER, 2004). De fato, Tagnin reconhece que uma expressão não é necessariamente idiomática ou não idiomática, mas que existem ‘graus de idiomaticidade’. Some-se à preocupação de Tagnin com os aspectos da delimitação e reconhecimento das UFs e da idiomaticidade o fato de sua reflexão ser voltada ao ensino dessas unidades, estando, nesse sentido, em sintonia com o nosso objetivo. Não menos importantes são seus estudos sobre linguística de *corpus* (VIANNA, TAGNIN, 2010; TAGNIN, 2011).

Também os critérios estabelecidos por Gross para a identificação do grau de congelamento lexical das UFs são de fundamental importância para seu reconhecimento e classificação. Gross estabelece, de maneira clara, as propriedades que caracterizam o fenômeno do congelamento, a saber: a polilexidade, a opacidade semântica, o bloqueio das propriedades transformacionais, a não-atualização dos elementos, o escopo e o grau de congelamento, o bloqueio dos paradigmas sinonímicos, a não-inserção, e também tece considerações a respeito da deslexicalização e da etimologia. Postula, ainda, os critérios sintáticos para o reconhecimento das UFs: a apassivação, a clivagem, a topicalização, a pronominalização, a relativização e a interrogação.

Por sua vez, a partir das reflexões anteriores de outros autores, Corpas Pastor caracteriza uma UF baseando-se nos seguintes aspectos: a frequência, a institucionalização, a fixação, a idiomaticidade, a variação e a gradação. Estabelece uma nova classificação das UFs da língua espanhola, utilizando o critério do enunciado (ato da fala) e o critério da fixação (na

norma, no sistema ou na fala). O enunciado é "uma unidade de comunicação mínima, produto de um ato da fala, que geralmente corresponde a uma oração simples ou composta" e por esse critério é possível distinguir dois tipos de UFs: i) unidades completas (orações simples ou compostas) e ii) unidades que não são completas (os sintagmas). Pelo critério da fixação é possível distinguir entre as unidades fixadas no sistema (locuções), na norma (colocações) e na fala (enunciados fraseológicos). Corpas Pastor retoma também a noção de variação de Zuluaga.

Tratando-se a nossa de uma proposta de modelo de dicionário para aprendizes, a presença de Gonzalez Rey se justifica pela relevância de seus estudos no âmbito da fraseologia com fins didáticos. Sua obra *La Phraséologie du Français* (2002) fornece um panorama da Fraseologia, em geral, e da Fraseologia francesa, em particular, apresentando uma classificação das UFs no âmbito da língua geral. As pesquisas de González Rey serão mencionadas muitas vezes nesta tese, pois nos interessam sob dois aspectos: i) são voltadas ao ensino das UFs em uma LE, o francês, e ii) abarcam também a fraseografia contrastiva francês-espanhol. Em coautoria com Vilmos Bárdosi, publicou em 2012 o *Dictionnaire phraséologique thématique français-espagnol*, que foi uma das referências para a elaboração do protótipo do hiperdicionário em foco.

Vale abordar muitos aspectos que nos interessam diretamente: a caracterização das expressões cristalizadas (doravante ECs) segundo um *continuum* “que vai da expressão relativamente transparente e flexível à expressão completamente opaca e cristalizada”, a questão das variantes nas formas de ocorrência das ECs, a reflexão sobre vários outros tipos de construção cristalizada, como construções com verbo-suporte, provérbios e expressões derivadas de provérbios, expressões substantivais e adverbiais, além da categoria foco do seu trabalho – as ECs verbais.

Sobre a escolha do modelo de Tagnin

O motivo pelo qual a concepção de Tagnin (2005) será aqui explanada mais detalhadamente é porque sua proposta constitui o principal embasamento para a caracterização das unidades – as EIs – que irão compor o modelo de dicionário. A reflexão da autora norteará a delimitação e a classificação das EIs a partir dos traços do congelamento, da indecomponibilidade e da idiomaticidade, tratados mais adiante em detalhes.

Conforme nos esclarece na introdução (2005, p.) de seu livro *O jeito que a gente diz* (2005, p. 11) seu objetivo é apresentar “[...] os tipos de unidades convencionais que ocorrem

em inglês e em português”. A tipologia das unidades convencionais – dentre as quais se inserem as EIs – é, de fato, tratada com clareza didática e abundância de exemplos nas duas línguas, no intuito de preencher a quase inexistência de material sobre a FC inglês-português, à época da publicação da obra²⁰.

Primeiramente, nossa escolha deve-se à sua abordagem didática clara e original do fenômeno fraseológico através da proposta de análise dos níveis de convencionalidade da língua, divididos em sintático, semântico e pragmático.

Em segundo lugar, no que tange especificamente ao objeto de nossa pesquisa, embora Tagnin tenha dedicado às EIs um espaço restrito se comparado ao espaço dedicado às demais estruturas com as quais frequentemente as EIs são confundidas (muitas delas expressões convencionais, mas não idiomáticas), o raciocínio com o qual conduz o leitor ao longo da detalhada e exaustiva classificação das expressões (apenas) convencionais permite perceber os seus contornos e em que aspectos se diferenciam das EIs propriamente ditas.

Tagnin demonstra que os dois tipos de expressão – expressões convencionais e expressões idiomáticas – funcionam em bloco, possuem determinado grau de fixidez e constituem uma unidade de sentido. A diferença essencial entre elas está no aspecto semântico, pelo qual a EI é “uma expressão cujo sentido global não corresponde à somatória do significado de cada uma de suas partes” – ou seja, seu sentido é opaco, não-composicional, idiomático, contrapondo-se à expressão convencional não idiomática cujo sentido é transparente e composicional. Assim, Tagnin conclui que “toda expressão idiomática é também convencional, mas nem toda expressão convencional é idiomática”.

Com relação ao termo ‘**idiomático**’, Tagnin faz questão de esclarecer que não o adota como “referente ou próprio de um idioma” (p.16), sentido em que é usualmente empregado o termo em português.

Nesse sentido, o critério da opacidade (ou não-transparência) é essencial para determinar se uma EI é idiomática ou não. Aprofundando a questão, a pesquisadora menciona os graus de idiomaticidade, que implicam uma maior ou menor opacidade das unidades. É dentro desta escala que Tagnin insere as expressões metafóricas – aquelas que evocam uma imagem que pode ser identificada e, por isso, constituem EIs menos opacas, já que seu sentido pode ser decodificado através dela. Diferentemente dessas últimas, o sentido das expressões totalmente idiomáticas não pode mais ser recuperado através da imagem, mesmo depois de se

²⁰ O livro é uma reedição atualizada e rebatizada do livro *Expressões idiomáticas e convencionais*, editado pela primeira vez em 1989, pela editora Ática.

aprender o significado da expressão, pois não se percebe mais a relação entre este e a imagem aludida.

Dessa forma, através dos critérios de opacidade e de graus de idiomaticidade é possível visualizar os aspectos essenciais que determinam a configuração de uma EI. Com base na escala ilustrada por Tagnin, podemos ter expressões *totalmente idiomáticas* em um extremo, e expressões de *baixa idiomaticidade* no outro e, entre os dois, EIs em diferentes graus intermediários.

Tratando-se de tema tão extenso e complexo, é louvável a exposição concisa da pesquisadora e seu estilo leve, que proporciona uma leitura acessível também a um público mais amplo, não apenas a especialistas. Digno de nota é também o fato de Tagnin ser uma linguista brasileira que dirigiu suas reflexões aos falantes do português, especialmente aos estudantes de inglês, que encontram em seu livro um material específico para eles, quando usualmente os materiais são dirigidos a estudantes de inglês em geral. O valor é ainda maior se considerarmos que a primeira edição de seu livro é de 1989 (reeditado em 2005 e 2013, esta última edição com traduções das UFs também em outras línguas).

Por fim, cabe lembrar a relevância de sua reflexão sobre os estudos de Linguística de *Corpus* (LC), ensino de LE e tradução.

2.2 DIFERENTES PONTOS DE VISTA SOBRE AS UNIDADES FRASEOLÓGICAS

Feitas essas considerações iniciais, vamos agora desenvolver mais detalhadamente os pontos de vista dos teóricos mencionados sobre as UFs.

Alguns poucos linguistas referem que, antes de Bréal e Bally, existiriam trabalhos sobre o estudo sincrônico da fraseologia (BÁRDOSI, 2010, p. 30). Zuluaga (1980, p. 31) cita a obra de Hermann Paul, *Prinzipien der Sprachgeschichte* (1880), na qual se encontram observações dispersas, porém importantes para reconhecer e caracterizar as expressões fixas, e “[...] uma identificação bastante clara da fixação fraseológica”. Casadei (1996, p. 32-33) também ressalta a reflexão de Paul sobre a oposição entre combinações fixas e livres. E, ainda, Gonzalez Rey (2002, p.21-22) refere que, já em 1880, Paul identifica a existência de construções estáveis recorrentes para o alemão, caracterizadas por elementos que funcionam em bloco e com significado global diferente do significado de suas partes isoladamente.

De qualquer forma, é a Charles Bally (1951)²¹ que se atribui a elaboração de uma Teoria da Fraseologia e de uma classificação das UFs que ele chama de *locuções fraseológicas*. Foi a partir dessa sua primeira classificação que as pesquisas fraseológicas teóricas e práticas multiplicaram-se e diversificaram-se no século XX.

Na seqüência, apresentamos as ideias de alguns teóricos e pesquisadores cujos pontos de vista nos pareceram relevantes para nossa pesquisa. São eles, seguindo-se uma ordem cronológica: Bréal (1897), Saussure ([1916] 1977), Bally (1951), Coseriu ([1951] 1979; 1980), Zuluaga (1980), Gross (1996), Tagnin (1989; 2005; 2013), Corpas Pastor (1996); González Rey (2002; 2014) e Vale (2001).

2.2.1 Bréal (1897)

Não obstante seja atribuído ao linguista suíço Charles Bally o título de pai da fraseologia moderna²², Bárdosi (2010, p. 29) defende que é preciso reconhecer ao linguista francês Michel Bréal (1897)²³ um lugar mais justo na história da Fraseologia. Para o linguista húngaro,

Michel Bréal, alguns anos antes de Bally, já publicara formulações muito semelhantes às do linguista suíço. Assim seria possivelmente mais justo e mais adequado dizer ‘os pais’ da Fraseologia moderna são Bréal e Bally. (2010, p. 35).

Segundo Bárdosi (2010, p. 30-31), o *Essai de Sémantique. Science des significations* (1897), de Bréal, é um trabalho fundamental que marca uma guinada na história da Linguística e o nascimento da Semântica como disciplina independente dela. No capítulo *L’histoire des mots*, Bréal fala de *fórmulas, locuções e grupos articulados* e, ao descrevê-los, utiliza traços característicos que se reputa – sem razão, enfatiza Bárdosi – tenham sido formulados pela primeira vez por Bally em obras de 1905 e 1909. Bréal diz explicitamente que na língua há combinações de palavras, inclusive *groupes déjà assemblés, formules devenues usuelles*, nas quais as palavras perdem sua autonomia e seu sentido individual e, conseqüentemente, não podem ter mais do que uma significação total (BRÉAL [1897] 1924, p.172; 294-296; 297, apud BÁRDOSI, 2010, p.31). Murano (2010) também relata o mesmo,

²¹ Ruiz Gurillo (1997, p.20) assegura: “Pode-se afirmar sem medo de errar que Charles Bally é o fundador da fraseologia”. [trad. nossa]

²² Bárdosi (2010, p. 29) cita Telija (1966, p. 14); Thun (1978, p. 18); Jhász (1980, p. 79); Pilz (1981, p. 36); Fleischer (1982, p. 10); Burger *et al* (1982, p. 1). Para Bárdosi, tal opinião é um pouco precipitada, e o epíteto é recorrente e repetido mecanicamente.

²³ O texto original está disponível na Internet, conforme indicado nas referências.

acrescentando que Bréal afirma serem esses grupos “caracterizados pelo congelamento e pela opacidade semântica”:

Como as peças de uma engrenagem, que nós estamos tão habituados a ver adaptarem-se uma à outra que não conseguimos mais imaginá-las separadas, a linguagem apresenta palavras que o uso reuniu há tanto tempo que elas não existem mais para o nosso entendimento no estado isolado. É o que eu chamo de *groupes articulés*²⁴. (BRÉAL, 1908, p.172, *apud* MURANO, 2010, p.27) [trad. nossa]

Lüger (2007, p. 130, *apud* BÁRDOSI, 2010, p. 31) assinala, acertadamente, que, na caracterização dos grupos articulados e das fórmulas usuais feita por Bréal, “[...] podemos prever as marcas de polilexicalidade e de fixação relativa que mais tarde seriam tão estimadas na fraseologia moderna”. Também Françoise Hammer (2007, p. 284-285, *apud* BÁRDOSI, 2010, p. 32) demonstrou a perfeita consciência de Bréal sobre a importância das *frases-tipo* e dos *padrões* ou *moldes* de caráter fraseológico para a aquisição de uma LE. O linguista francês foi o primeiro a atentar para as dificuldades de compreensão e de produção dessas locuções na aprendizagem de uma LE, principalmente de seu caráter global:

No momento em que uma palavra entrou em uma locução, seu sentido próprio é por nós obliterado. Esse tipo de incoerência geralmente atinge os estrangeiros mais do que nós, sobretudo se eles têm que aprender a língua não através do uso, mas pelos métodos científicos. Daí o purismo que muitas vezes invade os estrangeiros que falam e escrevem o francês por tê-lo aprendido na universidade²⁵. (BRÉAL, 1897, p. 296).

Concluindo, Bárdosi (2010, p. 32) afirma que as constatações e formulações de Bréal tiveram “[...] certa influência sobre seus contemporâneos, assim como, por exemplo, sobre o linguista suíço Charles Bally, aluno de Ferdinand de Saussure”.

O mérito de Bréal está na antecipação de alguns conceitos fraseológicos básicos, que serão posteriormente retomados por outros autores, como a indecomponibilidade, a repetição, o congelamento e a opacidade semântica, bem como no reconhecimento da importância – e também da dificuldade – das unidades fraseológicas para a aprendizagem de uma LE.

2.2.2 Saussure ([1916] 1977)

²⁴ No original, “*Comme les pièces d’un engrenage, que nous sommes si habitués à voir s’adapter l’une dans l’autre que nous ne songeons pas à nous les figurer séparées, le langage présente des mots que l’usage a réunis depuis si longtemps qu’ils n’existent plus pour notre intelligence à l’état isolé. C’est ce que j’appelle les groupes articulés.*”

²⁵ No original, “*Aussitôt qu’un mot est entré dans une locution, son sens propre et individuel est oblitéré pour nous. Ces sortes d’incohérences frappent habituellement les étrangers plus que nous, surtout s’ils ont appris la langue non par l’usage, mais par des méthodes scientifiques. De là le purisme qu’affectent volontiers les étrangers qui parlent ou écrivent le français pour l’avoir appris à l’université.*”

No *Curso de Linguística Geral* (CLG, [1916] 1977) que contém a base do pensamento saussuriano, já se encontram observações importantes acerca do fenômeno constituído pelas UF, não obstante a obra não aborde explicitamente a fraseologia como a concebemos hoje.

Na verdade, Saussure foi um dos primeiros linguistas a tratar de características da língua que interessam diretamente a Fraseologia como, por exemplo, a noção de agrupamento: “Não falamos por signos isolados, mas por grupos de signos, por massas organizadas que são elas próprias signos.”, acrescentando que “[...] na língua tudo se reduz a diferenças, mas também a agrupamentos.” (CLG, p. 149).

Para Saussure, no discurso, os termos se alinham um após o outro na cadeia da fala e estabelecem entre si relações baseadas no caráter linear da língua. Essas combinações têm por base a extensão e constituem os *sintagmas*, que são compostos “[...] sempre de duas ou mais unidades consecutivas” (CLG, p.142). Tais combinações encontram-se no eixo das relações sintagmáticas, as quais existem *in presentia* e repousam “em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva”, em oposição às relações associativas (ou paradigmáticas), que unem “[...] termos *in absentia* numa série mnemônica virtual.” (CLG, p.143).

Saussure (1977) explicita, ainda, que a noção de *sintagma* se aplica não somente às palavras, mas também “[...] aos grupos de palavras, às unidades complexas de toda dimensão e de toda espécie, sejam elas palavras compostas, derivadas, membros de frases ou ainda frases inteiras.”. Menciona as *frases feitas* (*à quoi bon? allons donc!*)²⁶, salientando o fato de que tais agrupamentos não pertencem à fala (ou seja, na concepção de ‘fala’ de Saussure não são livremente realizados pelos indivíduos), mas sim à língua e são impostos pelo uso coletivo, que proíbe qualquer modificação (CLG, p.143-144). Acrescenta que o mesmo também ocorre,

“[...] **ainda que em menor grau**²⁷, [...] com expressões como *prendre la mouche, forcer la main à quelqu’un, rompre une lance*, ou ainda *avoir mal à (la tête)*²⁸, [...] etc., cujo caráter usual depende das particularidades de sua significação ou de sua sintaxe”.

E que não podem ser improvisadas, mas são fornecidas pela tradição. Entretanto, Saussure não estabelece limites entre fato de fala, realizado individualmente, e fato de língua,

²⁶ ‘de que adianta?’ e ‘com que então’ [traduções extraídas do CLG, 1977].

²⁷ O grifo é nosso.

²⁸ Respectivamente ‘estar de lua’, ‘forçar a mão’, ‘quebrar lanças’ (em defesa de alguém) e ‘ter dó de alguém’ (cf. traduções do CLG, 1977). Nós não traduziríamos a expressão *prendre la mouche* como ‘estar de lua’, mas sim como ‘perder as estribeiras’, enquanto Xatara (2007) prefere ‘ter pavio curto’.

marca de uso coletivo²⁹. Tal fato, somado à ressalva “ainda que em menor grau”, anteposta à enumeração de expressões na passagem acima citada, deixa entrever que as reflexões do mestre genebrino já apontavam para temas que até hoje mobilizam os estudiosos de fraseologia, quais sejam: a complexidade de delimitação das UFs, bem como de seu grau de fixidez.

É preciso lembrar, ainda, a condição de ‘todo sígnico’ apontada por Saussure para os blocos que associa aos sintagmas.

2.2.3 Bally (1951)

Se as considerações sobre a existência destes blocos de palavras não havia escapado a Saussure, elas foram realmente aprofundadas no trabalho de seu discípulo Charles Bally (1951), cujo papel foi determinante para os estudos fraseológicos. Seus trabalhos, que constituíram uma teoria fraseológica completa, inclusive em seu aspecto didático (cf. C. PASTOR, 1996), valeram-lhe o reconhecimento internacional como pai da Fraseologia. Murano (2010, p. 28) refere o epíteto “pai da fraseologia *francesa*”, pois Bally foi o primeiro a realizar um exame da fraseologia francesa no nível sincrônico.

Em sua obra basilar, *Traité de stylistique française*, Bally trata, pela primeira vez, de Fraseologia para “[...] abarcar o conjunto de fenômenos sintáticos e semânticos que dão lugar, de um lado, aos agrupamentos usuais ou séries fraseológicas e, de outro, às unidades fraseológicas (cf. C. PASTOR, 1996, p. 10)³⁰” e institui a Fraseologia como sendo um dos domínios da Lexicologia.

Segundo Bally (1951), a Fraseologia seria uma submacroárea da Lexicologia, dividindo-se em Fraseologia popular, voltada ao estudo dos idiomatismos, provérbios, gírias, ditados, e em Fraseologia técnico-científica, que estuda os termos complexos (BARROS & ISQUERDO, 2010, p. 211; CAMACHO, 2008, p. 14).

Para o linguista suíço (1951, p. 66), a assimilação dos fatos da língua ocorre, sobretudo, através de associações e agrupamentos. Tais agrupamentos podem ser ‘agrupamentos passageiros’, ou seja, agrupamentos livres e que se decompõem imediatamente após terem sido criados, dando lugar, assim, a novas combinatórias; ou, devido à repetição,

²⁹ Conforme Murano (2010, p.39), “Os estudos fraseológicos de qualquer orientação apontam para a afirmação de que, em se tratando de congelamento, as fronteiras entre fato de língua e fato de fala se esfumam”. [trad. nossa]

³⁰ No original, “[...] para abarcar el conjunto de fenomenos sintacticos y semanticos que dan lugar, por una parte a los groupements usuels o séries phraséologiques y, por otra, a las unités phraséologiques”.

podem adquirir um caráter estável, pelo qual as palavras perdem completamente a sua autonomia e não podem ser separadas, formando ‘unidades indecomponíveis’. Segundo Bally (1951, p.67), algumas palavras “[...] tendem a soldar-se mais estreitamente entre si do que outras”. Quando tal associação atinge o seu grau de coesão mais alto, “[...] o grupo é definitivamente consagrado pelo uso.”

Entre essas duas tipologias extremas – agrupamentos ocasionais e unidades indecomponíveis – situam-se grupos intermediários, com diferentes graus de coesão, que Bally denomina ‘séries fraseológicas’ ou ‘agrupamentos usuais’. Nesses últimos, “os elementos do grupo conservam sua autonomia, deixando ver uma afinidade evidente que os aproxima, de forma que o conjunto apresenta contornos que dão a impressão de um *déjà vu*” (BALLY, 1951, p.70). Assim, por exemplo, Bally (1951, p.70), cita as locuções *désirer ardemment* e *aimer éperdument*³¹, sublinhando que os advérbios não são intercambiáveis (a seu ver, provocaria estranheza dizer *désirer éperdument* e *aimer ardemment*).

No grupo das ‘unidades indecomponíveis’ (p. 74), as palavras perdem seu significado individual, e o conjunto adquire um novo significado, que “[...] não equivale simplesmente à soma dos significados dos elementos” (*tout de suite, à peu près, sans doute*).³²

Para o reconhecimento das locuções fraseológicas, Bally propõe a utilização de índices que chama de *extérieures* e *intérieures*.

Os índices *extérieures* (p. 75) dizem respeito à **forma da locução**, que constituiria um grupo composto por várias palavras *separadas pela escrita*, dispostas em uma ordem invariável e que não podem ser separadas nem substituídas por outras palavras. Bally faz, porém, uma ressalva: nem sempre essas condições são suficientes para caracterizar uma *locução fraseológica* (termo por ele usado e aqui mantido) e, inversamente, existem locuções perfeitamente caracterizadas que não respondem a tais condições. Ele cita como exemplo *toujours* [sempre] (*tous les jours* = todos os dias) e *peut-être* [talvez] (*peut être* = pode ser), nos quais a escrita fundiu em uma só palavra os termos de uma locução, o que não impede que ela continue sendo percebida como tal. Acrescenta que uma locução pode, perfeitamente, ser cortada em duas partes por outras palavras da frase, sem que se perca a sua unidade. Segundo Bally (1951, p.76), tal fenômeno pode ser verificado em francês na locução *le premier venu*³³, a qual pode transformar-se em *le premier homme venu*³⁴, não deixando de ser uma locução pela inclusão da palavra *homme*. Pondera, ainda, que uma locução pode ter uma

³¹ Respectivamente ‘desejar ardentemente’ e ‘amar perdidamente’.

³² Respectivamente ‘em seguida, aproximadamente, sem dúvida’. [trad. nossa]

³³ ‘o primeiro que aparece’ [trad. nossa].

³⁴ ‘o primeiro homem que aparece’ [trad. nossa].

parte fixa e uma parte móvel ou intercambiável, ou seja, a substituição de certas palavras por outras não faz com que o grupo perca sua unidade de concepção, como em *enfant bien élevé* e *enfant mal élevé*³⁵ (1951, p.76).

Os índices *interiores* (p.77), por sua vez, dizem respeito **à compreensão dos agrupamentos pelos falantes** e são, segundo o linguista, os que verdadeiramente irão permitir o reconhecimento de um agrupamento fraseológico. São eles:

- a possibilidade de encontrar uma única palavra equivalente à locução, denominada de *termo de identificação*: *prendre la fuite=fuir; battre en retraite=se retirer*³⁶ (p.77);
- o esquecimento do sentido dos elementos (p.78): o falante não pensa por palavras isoladas (um francês nunca pensa no sentido das palavras *maille* e *partir* ao usar a expressão *avoir maille à partir avec quelqu'un*³⁷);
- a presença de arcaísmos e elipses: Bally (1951, p. 80-81) explica sua concepção de arcaísmo com a locução ‘brandir um bastão *à guisa de* lança’. A palavra ‘*guisa*’ (maneira), mesmo não sendo mais usada na língua corrente, permanece no léxico da língua pelo fato de fazer parte de uma locução, ou seja, graças ao seu contexto (*à son entourage*), tornando-se assim um índice do caráter locucional do grupo.

Bárdosi (2010, p.32) chama a atenção para o fato de que, ao contrário do que normalmente se afirma, a princípio, Bally não estava interessado nas locuções fixas. Somente as apresentou e analisou no quadro de sua teoria geral sobre a estilística. E, como na sua estilística a identificação e a delimitação das unidades lexicológicas ocupam um lugar central, Bally (1951, p.68) “[...] tinha a necessidade de clarear a questão das combinações de palavras em geral e das combinações de palavras com valor fraseológico de maneira particular”. Como a **identificação** e a **delimitação** metódica permitem a formulação das **definições** e a execução das **classificações** dos tipos de expressão, esses são os quatro pilares da estilística de Bally.

Bally tem o mérito de tratar detalhadamente as locuções fixas e de fazer constatações fundamentais para as pesquisas fraseológicas posteriores, como a importância do enfoque sincrônico da fraseologia, a distinção dos diferentes tipos de unidades fraseológicas, o papel dos índices exteriores e interiores, a elaboração de termos técnicos básicos da Fraseologia moderna (BÁRDOSI, 2010, p.32-34), delimitando mais claramente os objetos de estudo da Fraseologia e atentando para a complexa questão do grau de coesão das locuções.

³⁵ Respectivamente, criança ‘bem educada’ e criança ‘mal educada’ [trad. nossa].

³⁶ Respectivamente, ‘dar no pé’ = fugir e ‘bater em retirada’ = retirar-se [trad. nossa].

³⁷ ‘ter uma questão pendente com alguém’ [trad. nossa].

As reflexões destes três autores – Saussure, Bréal e Bally – acerca do fenômeno fraseológico são pioneiras; conseqüentemente, base imprescindível para os posteriores desdobramentos dos estudos fraseológicos, que foram se ramificando e abrindo novos questionamentos e horizontes para a Fraseologia.

2.2.4 Coseriu (1979; 1980)

Coseriu representou, juntamente com Saussure, um marco inspirador nos estudos fraseológicos europeus. Isso se deve à sua visão tripartida da linguagem, que acrescenta o conceito de norma à dicotomia saussuriana *langue/parole*. Explica que para Saussure a *langue* é o acervo linguístico, instituição social e sistema funcional; *parole* é a atividade linguística concreta, atividade do falante, parte individual da linguagem. O sistema – *langue* – é a língua abstrata, mental, social e também formal. A fala – *parole* – é individual, concreta e momentânea (COSERIU, 1979, p.37-38).

Coseriu julga, no entanto, que "esse conceito de falar não-coletivo, individual, acidental e momentâneo é unilateral e insuficiente", uma vez que ignora o ato verbal, ponto em que a língua e a fala se encontram e se combinam (1979, p. 45). Introduce então o **conceito de norma** e em que ele se distinguiria dos conceitos de *sistema* e de *fala*. No ato verbal, Coseriu identifica **elementos que não são únicos e ocasionais**. São, na verdade, **elementos sociais e repetidos no falar da comunidade**, mas que não pertencem ao sistema, que se estabelece no plano das "formas linguísticas". Os fatos de norma representariam obrigações impostas em determinada comunidade sócio-linguístico-cultural, incluindo elementos não relevantes, mas normais na fala dessa comunidade. A norma constituir-se-ia como realização coletiva, tradição e repetição de modelos anteriores, estabeleceria códigos e subcódigos para diferentes grupos de uma mesma sociedade, indicando como se diz. Preservaria apenas os aspectos comuns, eliminando tudo o que, na fala, é inédito e individual:

O sistema é sistema de possibilidades, de coordenadas que indicam caminhos abertos e caminhos fechados: pode ser considerado como conjunto de imposições, mas também, e talvez melhor, como **conjunto de liberdades**, [...] mais que impor-se ao indivíduo, o sistema se lhe oferece. [...] O que na realidade se impõe ao indivíduo, limitando sua liberdade expressiva e comprimindo as possibilidades oferecidas pelo sistema [...] é a **norma**. A norma é, com efeito, um sistema de realizações obrigadas, de imposições sociais e culturais e varia segundo a comunidade. [...] (COSERIU, 1979, p.74).

Para demonstrar a diferença dos fatos do sistema para os fatos de norma, Coseriu (1979, p. 65) apresenta alguns exemplos. No campo sintático, salienta que a estrutura *se me*

ha dado é considerada normal e usual em espanhol, o que não ocorre com *me se ha dado*, ainda que a última mantenha todas as distinções exigidas pelo sistema e que seja, aliás, normal no italiano (*mi si è dato*). No campo semântico, Coseriu afirma que o exemplo mais claro é o dos sinônimos, cujo emprego não é indiferente no que se refere à norma: *terco* não é o mesmo que ‘obstinado’, ‘ligar’ não é o mesmo que ‘atar’; diz-se *perro rastero* e não *can rastero*, enquanto na astronomia diz-se *Can Mayor* e não *Perro Mayor*. Assim como nem todas as associações possíveis no sistema ocorrem também na norma. Exemplos interessantes referidos pelo autor são os correlativos e os antônimos: em espanhol uma sala em que se come é o *comedor*, mas uma em que se bebe não é um **bebedor*, à forma *origen oscuro* corresponde *origen ilustre*, e não **origen claro*. *Pan blanco* se opõe a *pan negro*, que não é negro, e à *água salada* a *água dulce*, que é simplesmente não-salgada. Trata-se sempre de oposições na norma que caracterizam os idiomas aos quais as estruturas pertencem. O espanhol *vino tinto* é vermelho em italiano (*vino rosso*) e preto em servo-croata (*crno vino*) (1979, p. 68).

Assim, Coseriu observa que os atos linguísticos são atos de criação inédita porque correspondem a criações inéditas, mas são, ao mesmo tempo, também atos de re-criação; “não são invenções *ex-novo* e totalmente arbitrárias do falante, mas se estruturam sobre modelos anteriores, que os novos atos contêm e, ao mesmo tempo, superam” (1979, p.71-72). Ou seja, o falante utiliza, para a expressão de suas intuições inéditas, modelos, formas ideais que encontra no que Coseriu chama de “língua anterior” (sistema precedente de atos linguísticos). O falante realiza modelos consagrados pela comunidade e, portanto, pertencentes à norma, os quais refletem princípios essenciais e indispensáveis que se constituem no sistema e se manifestam no falar do indivíduo. Sintetizando, o sistema é um conjunto de oposições funcionais, a norma é a realização coletiva do sistema que contém o próprio sistema, e a fala é a realização individual concreta da norma que contém a própria norma mais a originalidade expressiva dos falantes.

Coseriu (1980, p.107) distingue, então, duas espécies de tradição: a *técnica livre do discurso* e o *discurso repetido*. A *técnica livre do discurso* “[...] compreende os elementos da língua e as regras atuais pertinentes à sua modificação e combinação.”. Por sua vez, o *discurso repetido* “compreende tudo o que, no falar de uma comunidade, se repete tal e qual, como discurso já produzido ou combinação mais ou menos fixa, como fragmento, longo ou curto, do ‘já falado’”. *Il buon milanese* seria então, conforme o linguista romeno, um fato de técnica livre, enquanto *il buon samaritano* seria um fato de discurso repetido, por ser uma combinação fixa já existente. Coseriu explica que um discurso concreto seria semelhante a um

quadro executado, em parte, por *collage*, o qual, além das partes pintadas por seu autor, conteria também partes tomadas de outras telas, compostas por outros pintores.

De origem romena (Mihăileni 1921–Tübingen 2002), Coseriu fez sua formação universitária na Itália e, certamente devido a essa vivência, utiliza inúmeros exemplos da língua italiana para ilustrar o que ele entende como sendo unidades pertencentes ao *discurso repetido*. São exemplos que fazemos questão de mencionar aqui, tão enriquecedores e ilustrativos nos parecem para uma pesquisa que envolve a fraseologia da língua italiana como é a nossa.

Segundo Coseriu (1980, p.108), o *discurso repetido* pode ser de “citação”, isto é, de partes de textos (literários ou não) conhecidos como tais. Por exemplo, *nel mezzo del cammin di nostra vita, questo matrimonio non s’ha da fare* são referências a Dante Alighieri e a Alessandro Manzoni, às quais se pode fazer alusão no discurso, às vezes também modificando-as parcialmente. De Camões, por exemplo, Coseriu cita expressões como “por mares nunca dantes navegados”, “é tarde, Inês é morta”, “outro valor mais alto se levanta”, que são “transcrições fiéis ou variantes frequentemente usadas nos discursos, literários ou não, escritos ou orais, do brasileiro escolarizado”.

Coseriu também inclui no discurso repetido “os provérbios, as locuções fixas, as expressões idiomáticas, as fórmulas tradicionais de comparação – com ou sem *como* (it. *buono come il pane, cattivo come la peste, contento come una Pasqua, ubriaco fradicio*), etc.”, todas formas que apresentam como traço comum a cristalização e o fato de não serem, portanto, *comutáveis* (não poderíamos dizer *la Pasqua* ao invés de *una Pasqua*, por exemplo, na expressão *contento come una Pasqua*). O discurso repetido pode também conter formas que não se identificam mais (“qual o sentido de *in canna*³⁸ na expressão *povero in canna*?³⁹”, pergunta Coseriu).

Além disso, ressalta que certos tipos de discurso repetido são típicos de algumas comunidades e deveriam ser considerados “[...] **na descrição e no aprendizado das tradições linguísticas**” (o grifo é nosso). Coseriu assinala que os refrões são característicos da comunidade linguística espanhola, assim como na comunidade linguística italiana é típica a repetição do início de óperas líricas, como *un bel di’ vedremo* (de *Madame Butterfly*, de Puccini), *la donna è mobile* (do *Rigoletto*, de Verdi), *che gelida manina* (da *Bohème*, de

³⁸ Literalmente ‘em cana’.

³⁹ *povero in canna*: Coseriu apresenta a explicação dessa expressão em português que é “(estar) em extrema penúria”.

Puccini), “fórmulas amplamente conhecidas e usadas também por aqueles que não conhecem as óperas de que fazem parte”.

Outras formas de *discurso repetido* correspondem a textos inteiros (ou a fragmentos de textos de sentido completo), como as citações e os provérbios. Trata-se de uma espécie de literatura, de tradições literárias inseridas na tradição linguística que, para Coseriu, deveriam ser estudadas pela linguística do texto e pela filologia, já sendo em parte objeto de estudo de uma disciplina filológica, a Paremiologia ou ciência dos provérbios. Há também outras formas do mesmo tipo, que deveriam ser mais estudadas do que são – os *wellerismos*⁴⁰, expressões introduzidas por uma das seguintes formas: ‘como dizia aquele que’, ‘como dizia o outro’, e que se referem a uma reação verbal de alguém a uma dada situação.

Há ainda outras que correspondem funcionalmente a “sintagmas” (combinações de palavras) da técnica livre, como *cavarsela per il rotto della cuffia*⁴¹ (‘sair de uma situação perigosa com pouco ou nenhum dano’), *rendere pan per focaccia* (‘pagar na mesma moeda’), *vedersela brutta* (‘estar em maus lençóis’), *farsi vivo*⁴² (‘quem é vivo sempre aparece’) *farla franca* (‘sair incólume’). Há também as perífrases lexicais, que correspondem a uma só palavra da técnica livre: *in quattro e quatt’otto* (‘rapidamente’, ‘imediatamente’, ‘em um abrir e fechar de olhos’, em português). Análogo é o caso de *tagliare la corda*⁴³ (‘sumir’, ‘ir-se embora’), *levare le tende* (‘levantar acampamento’, ‘ir-se embora’). Por fim, temos as expressões de comparação, para as quais Coseriu dá exemplos em português: ‘escuro que nem breu’ = escuríssimo; ‘vermelho como um camarão’ = vermelhíssimo; ‘mais feio que a morte’ = feíssimo⁴⁴.

Segundo Coseriu, as unidades do *discurso repetido* podem ser de três tipos:

- o **primeiro** é constituído por unidades equivalentes a orações, também chamadas de ‘textemas ou frasemas’ (*Tanto va la gatta al lardo che ci lascia lo zampino/Cada palo*

⁴⁰ Coseriu explica que o nome tem origem em um personagem de Dickens chamado Sam Weller, que faz largo uso desse tipo de expressão.

⁴¹ ‘escapar por um triz’ (TERMIGNONI, 2009, p.44).

⁴² Acrescentamos à sugestão de Coseriu os correspondentes ‘dar o ar da graça/dar sinal de vida’ (TERMIGNONI, *op. cit.*, p.94), pois acreditamos serem mais compatíveis com a *Ei farsi vivo*. De fato, ainda que possa dar a mesma ideia, ‘quem é vivo sempre aparece’ não se emprega nas mesmas situações. Em um discurso direto como, por exemplo, “– *Fatti vivo!*”, poderíamos dizer, em português, “– Dá sinal de vida!” ou “– Dá o ar da graça!” (menos comum) ou “–Aparece!”, mas não ‘Quem é vivo sempre aparece’, expressão que indica surpresa quando se apresenta alguém que há muito tempo não vemos. Ou ainda em outro exemplo: “– *Sai notizie di Franco? – No, non si è più fatto vivo*” (“– Não, não deu mais sinal de vida/o ar da graça”, mas não ‘Quem é vivo sempre aparece’, forma que, aliás, nem aceita a negação).

⁴³ Equivalentes em português brasileiro poderiam ser: ‘picar a mula’, ‘dar no pé’, ‘dar o fora’, ‘puxar o carro’ (TERMIGNONI, 2009).

⁴⁴ Em italiano, respectivamente, *buio da tagliare col coltello/buio pesto* (TERMIGNONI, *op. cit.*, p. 59), *rosso come un gambero* (TERMIGNONI, *op. cit.*, p.56), *brutto come la fame/come il peccato* (*Dizionario dei modi di dire online*, Hoepli).

aguante su vela), no qual caberiam os refrões, os ditos, as frases metafóricas, os provérbios, as citações, os fragmentos literários, os poemas e as orações religiosas;

- o **segundo** são as unidades equivalentes aos sintagmas, denominadas por Coseriu ‘sintagmas estereotipados’, que funcionam como elementos de orações. Podem ser substituídas por sintagmas livres: *dar calabazas a = rechazar a un pretendiente; pegársele a uno las sábanas = dormir hasta tarde*;
- o **terceiro** corresponde às unidades equivalentes a palavras, que também se combinam dentro das orações, funcionando como lexemas. São chamadas ‘perífrases léxicas’ e podem ser substituídas por palavras simples: *hacer hincapié = recalcar; en un abrir y cerrar de ojos, en un santiamén = inmediatamente*.

A presença de Coseriu entre os autores selecionados justifica-se pelo impulso que deu aos estudos fraseológicos modernos a partir do conceito de *discurso repetido* e da introdução do conceito de *norma* entre a dualidade saussuriana *langue/parole*, retomado posteriormente por muitos outros estudiosos de fraseologia.

No entanto, concordamos com Corpas Pastor (1996) ao objetar que é difuso o limite estabelecido por Coseriu entre sintagmas estereotipados e perífrases léxicas, distinção que efetivamente não é clara. Aliás, o próprio Coseriu admite que, muitas vezes, é difícil distinguir essas duas categorias. Segundo Rall (1981, p. 293), “o que lhe importa é destacar a ‘não estruturabilidade’ dos elementos do DR⁴⁵”.

Por outro lado, no tocante aos fragmentos literários, discordamos de Corpas Pastor, que não os considera pertencentes ao âmbito da Fraseologia como os considera Coseriu, que os inclui na categoria dos textemas. Em várias passagens deste trabalho, teremos a oportunidade de observar como essas estruturas (os fragmentos literários) são importantes no *discurso repetido*, como são frequentes na comunicação e como estão presentes em diferentes tipologias textuais, na sua forma canônica ou, ainda, deslexicalizadas.

2.2.5 Zuluaga (1980)

Partindo de Saussure, Zuluaga pondera que as combinações livres resultam de procedimentos próprios da sincronia da língua, enquanto as UFs configuram-se através de processos diacrônicos, ou seja, do uso continuado. Para o teórico colombiano, tais estruturas

⁴⁵ DR = discurso repetido.

não se explicam no nível do sistema, pois não são determinadas por razões funcionais, mas no nível da norma, já que determinadas pelo uso. Tais blocos fixos de palavras já são conhecidos antes do ato de fala que os reproduz, diferentemente das combinações livres, que não são conhecidas antes do ato de fala. Repetidos continuamente, esses blocos são reproduzidos sempre da mesma maneira pela comunidade de falantes que, justamente, os repete sem alterá-los ou substituir elementos da sua estrutura, de forma que eles se transformam em construções estáveis e podem ser usados da mesma forma em outros atos de fala.

A estabilidade de ditas estruturas decorre de sua fixação, “[...] *la propiedad que tienen ciertas expresiones de ser reproducidas en el hablar como combinaciones previamente hechas – tal como las estructuras prefabricadas, en arquitectura*” (Zuluaga, 1975, p. 230), considerada primordial por Zuluaga. Tais unidades fixas incluem uma enorme variedade de estruturas: ditos, modismos, fórmulas, frases feitas, refrões, entre outros, e não obedecem às mesmas regras que formam as unidades livres.

Abordando as origens da fixação, Zuluaga (1980, p.25) considera a repetição um fenômeno primordial para o desenvolvimento da cultura e para o funcionamento do sistema linguístico, podendo ser observada em diversos níveis:

- repetição de fonemas (aliteração): *santo y seña*;
- repetição de sílabas: *chicoteaba duro, durissísimo*;
- repetição da mesma palavra: *seguí leyendo y leyendo*;
- repetição do mesmo conteúdo: *el mismo sitio y lugar*;
- repetição de frases com valor estilístico: “*El que lo bautizó a usted. El que le dio su nombre. A él también le tocó la mala suerte de encontrar-se com usted*” (J.Rulfo);
- repetição de tópicos, como temas literários que pertencem à tradição universal: viagem de barco para a morte (repetição de conteúdo).

Com respeito à classificação das UFs, Zuluaga parte de duas perspectivas: de sua **estrutura interna** e de seu **valor semântico-funcional**.

A estrutura interna compreende dois aspectos: a fixação (traço formal e definitivo) e a idiomaticidade (peculiaridade semântica). Assim, a partir da estrutura interna, identifica três tipos de unidades fixas (ZULUAGA, 1980, p.136):

1. Fixas e não idiomáticas: *dicho y hecho*;

2. Semi-idiomáticas: *tira y afloja* (o significado é imotivado, mas se entrevê certo vínculo lógico);

3. Idiomáticas:

- Mistas: *piedra de escándalo* ('motivo de escândalo') – não são homogeneamente idiomáticas, mas tampouco simplesmente fixas.
- Idiomáticas ou mistas com elementos únicos: *tener sus bemoles* ('ter suas complicações').
- Com anomalias estruturais: *a ojos vistas*.
- Com elementos metalinguísticos: *más vale un toma que dos te daré*.
- Idiomáticas com estrutura regular: *tomar el pelo*.

Quanto ao valor semântico-funcional das expressões fixas, Zuluaga observa as funções sintáticas que desempenham no discurso, suas possíveis combinações e oposições, além da estruturação gramatical.

O linguista colombiano distingue ainda dois grandes grupos de expressões fixas:

- a) as unidades fixas inferiores à frase – **as locuções**; e
- b) as unidades fixas equivalentes ou superiores à frase – **os enunciados fraseológicos**.

As locuções são definidas como equivalentes a unidades léxicas e dividem-se em quatro tipos:

- a) nominais: *cabeza de turco*;
- b) adnominais: *de pelo en pecho*;
- c) verbais: *dar calabazas*;
- d) adverbiais: *con pelos y señales*.

Por sua vez, **os enunciados fraseológicos** podem ser de duas espécies:

- a) enunciados fraseológicos funcionalmente livres: considerados textos, como os refrões *Un clavo saca outro clavo* (uma preocupação faz esquecer outra) e os enunciados fraseológicos interjetivos como *La órdiga*/ vulg. (denota surpresa ou admiração);
- b) enunciados fraseológicos contextualmente marcados: não são considerados textos porque dependem do contexto linguístico e pragmático para seu funcionamento. São chamados de "frases": as frases feitas, *Aquí fue Troya* (acontecimento desafortunado); os clichés, *Cómo no* (expressa assentimento) e unidades do tipo *Érase una vez* (usada para iniciar

contos); as formas de fixação pragmática do tipo *Buenos dias* (fórmula de saudação), todos sob o título geral de clichês.

Zuluaga aborda também o tema da variação, fenômeno pelo qual as UFs apresentam algum elemento que pode ser substituído⁴⁶ por outro, ou algum elemento que pode ser incluído, sem que haja violação de sentido.

A noção de variantes é importante para nossa pesquisa, pois justamente um dos pontos que queremos avaliar é o estatuto dessas formas no âmbito das EIs. A classificação de Zuluaga será fundamental para a descrição das EIs italianas variantes, no modelo de dicionário em foco, e será apresentada no item 4.6.4.4 do Capítulo IV, bem como a sua concepção de sinônimos, nos itens 4.6.4.5 e 4.6.4.5.1 do mesmo capítulo.

2.2.6 Tagnin (1989; 2005; 2013)

Partindo do conceito de *‘falante ingênuo’*, de Fillmore (1979), e de sua própria experiência em um país estrangeiro, a linguista brasileira Stella Ortweiller Tagnin escreveu uma pequena obra-prima sobre a importância de identificar e dominar as expressões cristalizadas de uma LE – *Expressões idiomáticas e convencionais* (1989), atualizada e reeditada em 2005 com o título *O jeito que a gente diz*, na qual estabelece uma tipologia detalhada dessas estruturas linguísticas.

Para o linguista americano Charles Fillmore⁴⁷, o *‘falante ingênuo’* é alguém que:

- a) desconhece os lexemas idiomáticos de uma língua: mesmo conhecendo as palavras *prison/jail* (prisão/cárcere) e o sufixo ER, não percebe a mudança de significado entre *prisoner/prisioneiro* (pessoa mantida numa prisão) e *jailer/carcereiro* (pessoa que cuida de uma prisão);
- b) desconhece as frases idiomáticas: *Your goose is cooked* (=‘Você está numa encrenca’= ‘você está em palpos de aranha’);
- c) desconhece as combinações lexicais que não estão somente baseadas em relações de significado: em *blithering idiot*, o adjetivo só coocorre com *idiot* ou *fool*, assim como em ‘velha coroca’ ‘coroca’ coocorre somente com ‘velha’;

⁴⁶ O autor observa que a substituição como procedimento para verificar o grau de fixação “*fue señalado vagamente por Bally, quien observo la existencia de locuciones con alguna parte intercambiable*” (ZULUAGA, 1975, p.238).

⁴⁷ Tagnin esclarece que, em sua obra, os exemplos em inglês são de Fillmore, enquanto os exemplos em português foram por ela acrescentados para melhor compreensão do leitor.

- d) não consegue julgar a adequação de expressões fixas a situações: *Knock on wood* (Bate na madeira!) é um exemplo em inglês e ‘Vai tirar o pai da força?’ em português;
- e) desconhece as imagens metafóricas de uma língua: *I’ll stand behind you* = ‘apoiarei você’/‘Estou nas nuvens’ = ‘estou muito feliz’;
- f) não entende a comunicação indireta, nem lê nas entrelinhas: ‘Está calor aqui!’ é um pedido para que se abra a janela;
- g) desconhece as convenções das estruturas de diversos textos como, por exemplo, o fechamento de cartas comerciais: *Yours truly*/Atenciosamente (TAGNIN, 2005, p.12-13).

A autora estendeu o conceito de *falante ingênuo* ao de *tradutor ingênuo* (TAGNIN, 2005), ingenuidade que, basicamente, “se configura numa compreensão composicional do significado e numa falta de consciência do quanto uma língua é constituída dessas partes pré-fabricadas”. A dificuldade de percebê-las e de entendê-las decorre justamente da sua não-composicionalidade, pela qual devem ser aprendidas uma a uma, não havendo regras que as expliquem.

Ao pesquisar esse ‘jeito que a gente diz’, Tagnin (2005, p.14) evidenciou:

- a) que desse jeito fazem parte as conhecidas (e temidas) expressões idiomáticas (EIs);
- b) que os linguistas divergem quanto ao que chamar de EIs;
- c) que existem outras ULs menores que também são idiomáticas, embora não sejam o que comumente se entende por EIs;
- d) que há ULs que fazem parte desse ‘jeito que a gente diz’ mas que não são idiomáticas;
- e) que todas essas unidades são aprendidas em bloco e que, portanto, ‘o jeito que a gente diz’ refere-se a convenções, ou seja, ‘aquilo que é aceito de comum acordo’ por determinada comunidade linguística.

Apresentaremos a seguir as concepções de Tagnin sobre a convencionalidade e a idiomaticidade, bem como os níveis em que a convencionalidade pode ocorrer.

A convencionalidade e a idiomaticidade

Segundo Tagnin (2005, p.15), a noção de **convencionalidade** abrange tudo o ‘que é de uso ou de praxe, consolidado pelo uso ou pela prática’. Por exemplo, na maioria das sociedades ocidentais, no Natal costuma-se dar presentes e dizer ‘Feliz Natal!’. Essa é uma *convenção social*. Desculpar-se por pisar no pé de alguém, elogiar um presente que não nos

agradou e agradecer um favor recebido são também costumes, atitudes que temos muitas vezes para não incorrer na ruptura de uma convenção social.

A pesquisadora lembra (2005, p.15-16) que a mesma noção de convenção aplica-se à língua: *quando* dizer algo (nível social) e *como* dizer algo (nível linguístico). Há expressões que são convencionais por estarem ligadas ao fato social ('Feliz Natal!' = comemoração), enquanto outras são convencionais devido à forma⁴⁸ (convencionou-se combinar as palavras 'mundos e fundos' e não 'universos e profundidades') e também à ordem (nunca 'fundos e mundos')⁴⁹.

“Quando a convenção passa para o nível do significado entramos no campo da **idiomaticidade**” (TAGNIN, 2005, p. 16). Assim, uma expressão seria idiomática apenas quando o seu significado não é *transparente*, isto é, “quando o significado da expressão toda não corresponde à somatória do significado de cada uma de suas partes”. ‘Bater as botas’, por exemplo, não significa ‘dar pancadas com calçado que envolve o pé e parte da perna’, mas sim ‘morrer’.

Conclui, portanto, “que toda expressão idiomática é também convencional, mas nem toda expressão convencional é idiomática” (2005, p.16). A expressão ‘Feliz Natal’ é convencional, porém não idiomática, pois seu significado é transparente. Por outro lado, ‘mundos e fundos’ e ‘bater as botas’ são expressões convencionais e idiomáticas porque não se pode depreender seu significado da soma de seus elementos individualmente. Em outras palavras, seu significado não é transparente.

Os níveis de convencionalidade

A convencionalidade pode ocorrer em diversos níveis da língua. Tagnin opta por abordar apenas aqueles que dizem respeito às expressões convencionais e idiomáticas. Não considera os níveis fonológico e morfológico, concentrando-se nos níveis de convencionalidade sintático, semântico e pragmático (p. 17).

a) O nível sintático

Compreende a **combinabilidade** dos elementos, sua **ordem** e sua **gramaticalidade**.

A combinabilidade é a faculdade dos elementos linguísticos de se combinarem de forma natural. É o caso do adjetivo *blithering*, já citado, que somente coocorre com *idiot* e *fool* ou ‘coroca’, que coocorre preferencialmente com ‘velha’.

⁴⁸ As sublinhas são nossas.

⁴⁹ Outro exemplo interessante é ‘doce ilusão’. ‘Ilusão doce’ perderia o tom irônico (Tagnin, 2005, p.15-16).

A respeito da **combinabilidade**, Tagnin observa (2005, p.18) que há casos em que a coocorrência não é tão rigorosa. Para demonstrá-lo, refere exemplos como *TV set* ('aparelho de TV') e *fill a prescription* ('aviar uma receita'), cujos elementos ocorrem em outras associações também. No entanto, essas são consideradas combinações consagradas porque não admitem substituição por outros elementos semelhantes, como evidencia Tagnin em *TV instrument* ('instrumento de TV') e *supply a prescription* ('atender uma receita').

A **ordem** em que os elementos aparecem também é convencionalizada: convencionou-se dizer *bed and breakfast* 'cama e mesa', não o contrário.

A **gramaticalidade** refere-se a estruturas que são agramaticais, porém consagradas pelo uso, como *by and large* (= 'em geral'), cujos membros são uma preposição e um adjetivo que, não pertencendo à mesma classe gramatical, não poderiam ser unidos pela conjunção coordenativa 'e'.

b) O nível semântico

Observa-se aqui a convencionalidade na relação não motivada entre expressão e significado – a impossibilidade de explicar por que, por exemplo, as expressões 'bater as botas' e *kick the bucket*, referidas acima, significam 'morrer' (2005, p. 19).

Tagnin lembra que o significado de uma imagem também pode ser convencionalizado. Na cultura ocidental, por exemplo, tudo o que for 'para cima' tem uma conotação positiva, enquanto o que for 'para baixo' tem conotação negativa: *Thumbs up, I'm feeling down* são exemplos em inglês. Em português temos 'Ele está num alto astral' / 'Caiu de cama'.

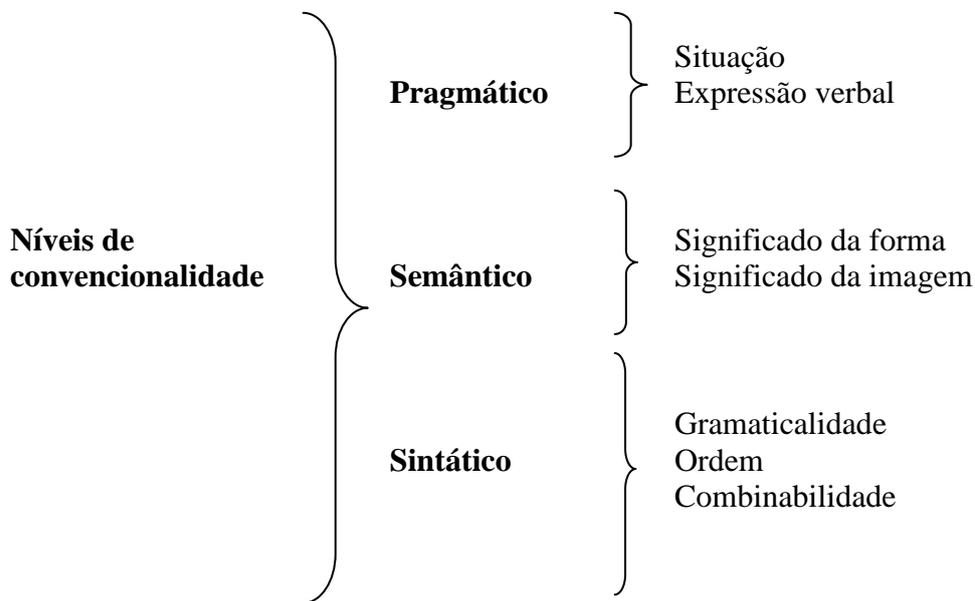
c) O nível pragmático

Refere-se ao uso da língua em situações de interação entre falantes.

É nesse nível que entram dois outros aspectos da convenção já mencionados: o comportamento social exigido pela situação – por exemplo, agradecer um presente – e a expressão verbal correspondente – *Thank you* / 'Obrigado'.

Tagnin (2005, p.20) resume os níveis de convencionalidade no seguinte esquema:

Figura 1 – Níveis de convencionalidade



Fonte: Tagnin (2005)

A seguir, trata em detalhes cada nível da tripartição. O primeiro nível abordado (p. 30) é o sintático e, dentro dele, primeiramente são identificadas as ULs convencionais, caracterizadas pela combinabilidade de seus elementos e formadas em geral por uma **base** e um **colocado**.

A **base** é a palavra que carrega mais conteúdo semântico e que determina a ocorrência da outra. Por sua vez, o **colocado** é a palavra que não conhecemos e que precisamos aprender em conjunto com a base, pois é a base que a determina. Exemplo: **cabelo** (base) **grisalho** (colocado); *Merry* (USA)/*Happy* (GB) (base) *Christmas* (colocado).

Tagnin demonstra que, em geral, “não há regra sintática ou explicação semântica que justifique a coocorrência desses dois (ou mais) elementos” (p.30).

Tais unidades são denominadas **coligações** (combinações gramaticais) ou **colocações** (combinações lexicais). Tagnin adverte que a literatura especializada ainda diverge sobre a diferença entre essas duas unidades e esclarece que adota as seguintes definições:

Quadro 3 - Definição de coligação e de colocação

Coligação: combinação consagrada de elementos linguísticos em que o colocado é uma palavra gramatical. Vejam-se os exemplos em inglês *look at, mad about* e em português ‘obedecer **a**’, ‘cumpridor **de**’.

Colocação: combinação lexical consagrada de duas ou mais palavras de conteúdo. Por exemplo, *red cabbage* em inglês, mas ‘repolho **roxo**’ em português, *rocking chair* em inglês, mas ‘cadeira de balanço’ (e não ‘cadeira balançante’) em português.

Fonte: Tagnin (2005).

Tagnin organiza as coligações em três grupos da seguinte forma (p. 31):

a) **Coligações de regência:** grupo que engloba todos os tipos de regência – verbos, substantivos, adjetivos e advérbios, seguidos de preposição. Importante salientar os numerosos exemplos que Tagnin fornece, fazendo notar a dificuldade de aprendizado das preposições em qualquer língua e evidenciando o contraste entre inglês e português:

Verbos: *congratulate on*/ ‘cumprimentar **por**’; *depend on*/ ‘confiar **em**’;

Substantivos: *aptitude for*/ ‘aptidão **para**’; *obedience to*/ ‘obediência **a**’;

Adjetivos: *crazy about*/ ‘louco **por**’; *dressed in*/ ‘vestido **de**’;

Advérbios: *because of*/ ‘por causa **de**’; *instead of*/ ‘em vez **de**’.

b) **Phrasal verbs:** classe que não existe em português e é formada por um verbo seguido de uma partícula adverbial. A autora alerta que:

* com respeito aos verbos preposicionados, as preposições ligam o verbo a um objeto (*depend on somebody*/ ‘confiar em alguém’);

* com respeito aos *phrasal verbs*, o verbo e a partícula formam uma única UL, podendo ou não ter um objeto. Vejam-se os exemplos: *He gave away his old clothes* (‘Ele deu suas roupas velhas’); *He finally gave in* (‘Ele finalmente se rendeu’).

c) **Coligações prepositivas**

São formas convencionais quanto à preposição que precede ou segue o sintagma nominal, mas não quanto ao significado – que é transparente. Esse grupo inclui dois tipos de ocorrência:

1. Prep + SN – *at random*/'ao acaso'; *by appointment*/'com hora marcada';
2. Prep + SN + Prep – *in accordance with*/'de acordo com'; *in exchange for*/'em troca de'.

Tagnin (p. 36) resume as **coligações** da seguinte forma:

Quadro 4 - Tipos de coligações.

Coligações de Regência		
<i>Verbos</i>	<i>look at</i>	olhar para
<i>Substantivos</i>	<i>expert in</i>	especialista em
<i>Adjetivos</i>	<i>good at</i>	bom em
<i>Adverbios</i>	<i>because of</i>	por causa de
<i>Phrasal Verbs</i>	<i>look up</i>	consultar
Coligações Prepositivas		
Prep + S	<i>at random</i>	ao acaso
Prep + S + Prep	<i>in accordance with</i>	de acordo com

Fonte: Tagnin (2005)

As colocações

Introduzido pelo linguista britânico Firth (1955, apud Tagnin, 2005), o termo *collocation* designa casos de coocorrência léxico-sintática, ou seja, de palavras que usualmente “andam juntas” (TAGNIN, p.37) e combinam-se naturalmente, não havendo explicação para o fato. Na combinação ‘cão e gato’, por exemplo, o uso consagrou ‘cão’ e não ‘cachorro’; em inglês, a combinação *push the button*⁵⁰ (USA) e *press the button* (GB) foi consagrada diferentemente nos Estados Unidos e na Grã Bretanha.

Tagnin ressalta que é possível acontecer mais de uma associação, porém sempre dentro do mesmo campo semântico: “É o caso da palavra *impending*⁵¹, que tem prosódia semântica negativa, podendo ocorrer com *doom/disaster/horror/evil*⁵², todas elas palavras com valor altamente negativo (p.38)”. Em português, temos ‘varrido’, que ocorre com ‘louco’ ou ‘doido’ formando ‘louco/doido varrido’. Outros exemplos com alto grau de restrição são

⁵⁰ ‘apertar o botão’ [trad. nossa].

⁵¹ ‘que está prestes a acontecer’, ‘imminente’ (cf. wordreference.com).

⁵² ‘morte (ruína)’, ‘desastre’, ‘horror’, ‘mal’ [trad. nossa].

‘velho gagá’, ‘fato consumado’, ‘gato pingado’, ‘óbvio ululante’, ‘débil mental’ e ‘papo furado’.

As colocações são agrupadas por Tagnin da seguinte forma (p.38-47):

a) Colocações adjetivas

Nesse grupo, que reúne estruturas do tipo ADJ + S, tanto o adjetivo quanto o substantivo podem ser convencioneados. Um exemplo é *silent movie*/‘cinema mudo’, no qual as duas línguas consagraram adjetivos distintos para caracterizar a mesma obra cinematográfica; *brown sugar*/‘açúcar mascavo’ é outro exemplo.

Em alguns casos, o elemento convencioneado é o substantivo, como em ‘interesse comum’/*common ground*, e não *interest*; ‘ataque epilético’/*epileptic fit*, e não *attack*.

Tagnin ressalta que o *falante ingênuo* não conheceria qualquer dessas colocações.

b) Colocações nominais

São estruturas do tipo S + S, das quais ao menos um substantivo, o colocado, é convencioneado; por vezes os dois o são: *village green*/‘praça pública’; *friction tape*/‘fita isolante’.

Na linguagem técnica, encontra-se seguidamente esse tipo de colocação: *damping roller*/ ‘cilindro molhador’; *ink knife*/ ‘lâmina do tinteiro’. Isso também ocorre no vocabulário da culinária: *cinnamon stick*/ ‘pau de canela’; *black pepper*/‘pimenta-do-reino’.

A linguista (p.41) observa que as colocações inglesas do tipo S+S, em geral, correspondem à estrutura S+Prep+S em português: *computer science*/‘ciência da computação’. Há casos, porém, que o correspondente é uma forma composta – *key question*/ ‘questão-chave’; *seashore*/‘beira-mar’. Por outro lado, há colocações que já em inglês possuem a forma S+Prep+(Art) S: *children of darkness*/‘filhos das trevas’.

c) Colocações verbais

Existem substantivos que coocorrem naturalmente com alguns verbos, mas podem diferir de uma língua para outra. Tagnin (p.42) chama a atenção para o fato de que, em português, o equivalente de cada uma das seguintes colocações com o verbo inglês *make* seleciona um verbo diferente:

make a date

marcar um encontro⁵³

⁵³ As sublinhas são nossas.

<i>make arrangements</i>	<u>tomar</u> providências
<i>make an impression</i>	<u>causar</u> uma impressão
<i>make a joke</i>	<u>fazer</u> uma piada
<i>make trouble</i>	<u>criar</u> problemas

Outros exemplos são: *pay a compliment* ('fazer um elogio'); *ask (make) a question* ('fazer uma pergunta'), *take care* ('tomar cuidado').

Em algumas colocações, os verbos podem vir seguidos de preposição, formando a estrutura V+Prep+N: *come into force* ('entrar em vigor'); *keep in line* ('ficar na fila').

As colocações verbais incluem também verbos seguidos de adjetivos e, nesse caso, há exemplos em português aos quais não corresponde a mesma estrutura em inglês: 'dar certo' (*to work out*); 'ficar ofendido' (*take offense*); 'suar frio' (*to be in a cold sweat*). Segundo Tagnin, as colocações verbais "[...] são fonte de grande dificuldade para o aprendiz de língua estrangeira, mas também para aquele de língua materna." (p. 44).

d) Colocações adverbiais

Dividem-se em dois grupos:

- ADV modifica o ADJ = *deeply offended* ('profundamente ofendido')
- ADV modifica o V = *take seriously* ('levar a sério')

Com relação às colocações adverbiais, Tagnin observa que:

1. Há casos em que o advérbio coocorre com mais verbos do mesmo campo semântico: 'cegamente' coocorre com verbos que denotam *confiança*: *acreditam/confiam/ obedecem cegamente*. Já 'regiamente' coocorre com verbos relacionados a *dinheiro*: *regiamente recompensada/paga/remunerada*.
2. Nem sempre uma colocação é traduzida da mesma maneira: *He flatly refused to discuss anything related to Monday's Killing...* ('Ele recusou-se terminantemente ...');
3. Outras colocações ocorrem preferivelmente em determinadas formas. Tagnin (p.46) traz o exemplo 'cerveja estupidamente gelada' (já 'chopp' teria ocorrência 10 vezes menor). *Ice cold* é uma tradução possível para o inglês, mas o âmbito é bem mais abrangente e pode ocorrer com qualquer bebida: *beer, tea, soda, drink, water*, ao passo que em português 'estupidamente' ocorre, sobretudo, com 'cerveja'.

Tagnin (2005, p. 47) aborda, ainda, as **expressões especificadoras de unidade** – expressões de valor partitivo que podem ser gerais (*a piece of/a bit of*) ou específicas (combinam-se naturalmente com os substantivos concretos: *a bar of chocolate*/ 'uma **barra**

de chocolate'; *a bar of soap*/'uma **pedra** de sabão'⁵⁴ [os grifos são nossos]. Estes exemplos ocorrem com substantivos abstratos: *a piece/word of advice* ('um conselho'); *a piece/an item of information* ('uma informação').

A propósito dos **coletivos** (2005, p. 48), a pesquisadora observa que até mesmo falantes de primeira língua têm de aprendê-los um a um: *a brood of chicks* ('uma ninhada de pintinhos'); *a bunch of flowers* ('um **buquê/ramalhete** de flores'); *a bunch of grapes* ('um **cacho** de uvas'); *a bunch of keys* ('um **molho** de chaves')⁵⁵ [os grifos são nossos].

Para melhor visualização do conjunto, a autora apresenta um quadro-resumo da tipologia estabelecida para as colocações vistas até aqui:

Quadro 5 - Tipos de colocações.

Colocações adjetivas	<i>brown sugar</i>	açúcar mascavo
Colocações nominais	<i>village green</i>	praça pública
Colocações verbais	<i>make a date</i>	marcar um encontro
Colocações adverbiais	<i>pay a compliment</i>	fazer um elogio
ADV + ADJ	<i>deeply offended</i>	profundamente ofendido
V + ADV	<i>take seriously</i>	levar a sério
Expressões especificadoras de unidade	<i>a bar of chocolate</i>	uma barra de chocolate
Coletivos	<i>a bunch of flowers</i>	um buquê de flores

Fonte: Tagnin (2005)

Ainda no nível sintático, Tagnin (p. 50-56) trata longamente e com profusão de exemplos outro aspecto que pode ser convencionado: a ordem de ocorrência dos elementos.

O fenômeno aplica-se, sobretudo, a um tipo especial de colocação – os **binômios**, geralmente formados por duas palavras de mesma categoria gramatical, unidas por uma conjunção ou preposição: *profit and loss*/'lucros e perdas'; *bit by bit*/'pouco a pouco', podendo ainda ser precedido de preposição: *from head to toe*/'da cabeça aos pés'.

⁵⁴ Note-se a escolha distinta entre as expressões especificadoras de unidade neste exemplo, entre muitos outros referidos por Tagnin: enquanto em inglês a unidade *bar* é a mesma nos dois casos, em português a escolha recai sobre 'barra' na primeira expressão e sobre 'pedra' na segunda.

⁵⁵ Também aqui se evidencia a escolha distinta entre as expressões especificadoras de unidade nas duas línguas: para *bunch* temos como correspondente, em português, 'buquê' ou 'ramalhete' na primeira expressão, 'cacho' na segunda e 'molho' na terceira.

Há os binômios com elementos idênticos, nos quais não cabe falar de ordem fixa, pois aqui foi a combinabilidade dos elementos que ficou consagrada: *on and on*/ ‘continuamente’; *over and over*/ ‘repetidamente’; *again and again*/ ‘continuamente’.

No entanto, Tagnin enfatiza que, uma vez convencionalizada a ordem, o binômio torna-se *irreversível*⁵⁶: *come and go*/ ‘ir e vir’; *cats and dogs*/ ‘cães e gatos’.

Haveria alguns poucos binômios *reversíveis*, aqueles que permitem uma inversão da ordem: *day and night/night and day* (‘dia e noite’/ ‘noite e dia’). O que ocorre com esse tipo de binômio, segundo a autora, é que a nova formação, em geral, deixa de ser uma convenção. ‘Adão e Eva’ refere-se ao casal bíblico, já Eva e Adão a qualquer casal assim denominado. O binômio *ham and eggs* designa um prato típico do café da manhã nos Estados Unidos, enquanto *eggs and ham* indica apenas os ingredientes considerados individualmente⁵⁷.

Tagnin menciona os estudos de Malkiel (1959) e Makkai (1972), voltados a justificar a ordem de ocorrência dos elementos do binômio, evidenciando que:

- a) O primeiro elemento tem prioridade cronológica: ‘pegue e pague’ (ou seja, pega-se antes e paga-se depois).
- b) A prioridade é inerente ao imaginário da sociedade (o que é considerado mais importante ocorre antes): *boys and girls*/ ‘meninos e meninas’; *father and son*/ ‘pai e filho’⁵⁸.
- c) Tem prioridade o vocábulo mais curto: *bed and breakfast/ladies and gentlemen* são exemplos para o inglês; ‘capa e espada’/ ‘cão e gato’, para o português⁵⁹.

No nível semântico, Tagnin (p.53) afirma que os binômios podem ser:

- a) idiomáticos⁶⁰: *bag and baggage*/ ‘mala e cuia’; *heads or tails*/ ‘cara ou coroa’;
- b) não-idiomáticos: *deaf and dumb*/ ‘surdo-mudo’; *rice and beans*/ ‘arroz e feijão’.

⁵⁶ Cf. denominação de Malkiel (1959).

⁵⁷ Para o inglês, Tagnin refere uma exceção em que a inversão é também um binômio: *salt and pepper* indica o conjunto de saleiro e pimenteiro, e a inversão *pepper and salt* designa um tipo de tecido de fios claros e escuros entrelaçados. Para o português, a linguista cita um exemplo interessante de possível inversão: ‘arroz e feijão’, combinação mais frequente, indica o prato da cozinha brasileira. A estrutura, porém, assume sentidos diversos conforme a ordem em que os elementos ocorrem e conforme a sua combinação – se for com a conjunção ‘e’ ou com a preposição ‘com’. ‘Feijão e arroz’ é menos frequente e refere-se à listagem de ingredientes. ‘Arroz com feijão’ também se refere ao prato, porém, ‘feijão com arroz’, além de se referir ao prato, tem ainda o sentido de ‘fácil’ ou ‘básico’.

⁵⁸ Tagnin lembra que causou estranheza a fala do Presidente Sarney ao dirigir-se ao povo com a forma ‘brasileiras e brasileiros’, ou seja, invertendo a ordem do binômio consagrada na sociedade brasileira. Observa que a ruptura do convencional é, inclusive, um recurso estilístico para causar impacto.

⁵⁹ Tagnin observa que, às vezes, tais critérios são contraditórios (*ladies and gentlemen*: critério ‘c’ ou ‘b?’), mas são válidos de qualquer forma, uma vez que nos fornecem “um mínimo de orientação no assunto”.

⁶⁰ Importante lembrar que ‘idiomático’ para Tagnin significa ‘opaco/não transparente’ e ‘não-idiomático’ significa ‘transparente’.

Considerando, portanto, esses três aspectos, dois sintáticos (combinabilidade e ordem) e um semântico (idiomaticidade), Tagnin (p. 54-55) classifica os binômios da seguinte forma:

Quadro 6 - Classificação dos binômios.

1. Binômios de elementos idênticos

- a) Não-idiomáticos: *for ever and ever*/‘para todo o sempre’; *face to face*/‘cara a cara’.
- b) Idiomáticos: *all in all*/‘em resumo’; *by and by*/‘após algum tempo’; ‘pouco a pouco’ (gradualmente); ‘ponto a ponto’ (referido a viagens).

2. Binômios de elementos diferentes

- a) Não idiomáticos: *dead or alive*/ ‘vivo ou morto’; *action and reaction*/‘ação e reação’.
- b) Idiomáticos: dividem-se em:
irreversíveis – *by and large* (em geral); ‘mundos e fundos’.
reversíveis – (com perda da convencionalidade) – *Adam and Eve*/‘Adão e Eva’;
ham and eggs (*eggs and ham*).

Fonte: Tagnin, 2005.

A autora conclui a tipologia dos binômios referindo exemplos de **trinômios**, que formam um pequeno grupo: em inglês *bacon eggs and coffee* e, em português, ‘cama mesa e banho’.

Resta ainda tratar, dentro do nível sintático, outro aspecto que pode ser convencionalizado: a gramaticalidade. As **estruturas agramaticais consagradas** (p. 57) são aquelas estruturas que o uso consagrou e que são aceitas na língua não obstante a sua agramaticalidade. Tagnin (2005) divide as estruturas convencionais, porém agramaticais, em:

- a) **Estruturas sintaticamente imprevisíveis:** quando não há regras que expliquem sua formação – é o caso de *How come?*, cuja forma interrogativa correta seria *How does it come?* – ou quando há violação das regras da língua – é o já referido caso de *by* [prep] *and large* [adj], pois as regras não preveem a coordenação (*and*) entre categorias gramaticais não idênticas.
- b) **Estruturas sintaticamente petrificadas:** são aquelas que, em algum momento, petrificaram-se numa forma que não corresponde ao que seria a forma usual atual. São

exemplos: *president elect*⁶¹, em que a ordem é inversa à ordem prescrita pela gramática normativa, na qual o adjetivo precede o substantivo, e, ainda, *The sooner, the better*⁶², pois as regras gramaticais do inglês não preveem o uso do artigo antes de adjetivo na forma comparativa.

c) **Bloqueio sintático imprevisível:** refere-se a estruturas gramaticais, porém sujeitas a certas restrições sintáticas. Por exemplo, certas expressões como **Ever** (*at any time*) ocorrem só em orações negativas (*I've never*⁶³ *been to New York*), interrogativas (*Have you ever been to New York?*) e condicionais (*If you ever go to New York...*). Porém, não ocorre *I was ever in New York*. Alguns verbos coocorrem obrigatoriamente com **can**: *Can you afford staying at Hilton?* (Você pode se dar ao luxo de ficar no Hilton?); *I can't bear his absence*. (Não suporto a ausência dele).

Nesse estágio, Tagnin (p. 61) passa a examinar as **expressões convencionais**, construções um pouco mais longas do que aquelas estudadas até aqui, “mas que ainda não fazem parte das ‘famosas’ expressões idiomáticas propriamente ditas simplesmente por seu significado ser transparente”: *be open to argument* (‘estar aberto para discussão’); *good deed for the day* (‘a boa ação do dia’). Segundo a linguista, essas são estruturas de fácil compreensão por seu significado ser literal, mas ressalta que produzi-las apresentaria outros desafios (o aprendiz poderia, por exemplo, usar *action* ao invés de *deed* na expressão *good deed for the day*).

Tagnin observa que “dicionários e livros-texto muitas vezes não diferenciam expressões convencionais e expressões idiomáticas, provavelmente por não entender *idiomático* como *significado não transparente*”.

As expressões idiomáticas

Tagnin (2005, p. 62) entra então “no nível *semântico* da convencionalidade, isto é, no nível do significado”. Para a autora, a maioria dos linguistas, ao definir tais expressões, recorre ao fato de que o significado de toda a expressão não é previsível a partir da soma de suas partes – o significado não-composicional. Isso implica que o significado foi convencionalizado e a expressão é decodificada como um todo. Retomando os exemplos já mencionados, temos, para o inglês, *kick the bucket* e, para o português, ‘bater as botas’, cujo

⁶¹ ‘presidente eleito’ [trad. nossa].

⁶² ‘Quanto antes, melhor’ [trad. nossa].

⁶³ *Not + ever*.

significado real é ‘morrer’ e não pode ser alcançado a partir do significado composicional das duas expressões⁶⁴.

No entanto, a autora ressalta que uma expressão não é necessariamente **idiomática** ou **não-idiomática**. O que existe são graus de idiomaticidade: em *white lie*⁶⁵, por exemplo, só o adjetivo é idiomático. A seguir, mostramos como ela exemplifica melhor esse ponto.

Tagnin considera que os aspectos que podem ser convencionados dentro do nível semântico são:

- **A forma linguística**

A forma linguística foi convencionada quando passou a ter um significado distinto do significado de seus constituintes: *pay the piper* (‘arcar com as consequências’); *in the soup* (‘em maus lençóis’); *pagar o pato* (‘sofrer as consequências’); *no papo* (‘fácil de ser superado’). Embora nem todos esses exemplos tenham formas sintáticas convencionais, todos são semanticamente convencionados, já que seu significado não resulta da soma de suas partes. Logo, todos são idiomáticos.

Isso quer dizer que uma expressão pode ser uma convenção em um nível, sem sê-lo no outro: *pay the piper* não constitui uma convenção sintática porque respeita as regras gramaticais (V+OBJ); é, no entanto, uma convenção semântica, assim como ‘pagar o pato’. Já a expressão *deaf and dumb*/ ‘surdo e mudo’ é uma convenção sintática quanto à ordem e a combinabilidade dos seus elementos (que não podem ser alterados), porém não é uma convenção semântica.

- **A imagem**

Na cultura ocidental, o polegar para cima significa *bom*, para baixo significa *ruim*. A mesma imagem transparece em formas linguísticas: *ups and downs* (‘altos e baixos’); *raise one’s spirits* (‘levantar o ânimo de alguém’); ‘no auge da fama’; ‘no fundo do poço’. Uma mesma imagem pode também ter significados diferentes mesmo em duas culturas ocidentais (o encontro do polegar com o indicador significa OK em inglês, mas é um gesto obsceno em português).

⁶⁴ Tagnin observa que o sentido da expressão idiomática ‘chutar o pau da barraca’ pode ser recuperado a partir da metáfora que transmite: ‘chutar o pau da barraca’ implica desmontá-la, o que remete ao significado ‘pôr tudo a perder’.

⁶⁵ ‘mentira branca’ [trad. nossa].

- **Símiles**

São estruturas do tipo *eat like a horse*, em inglês, e ‘ágil como um cabrito’, em português. Representam imagens consagradas em cada língua que, em alguns casos, são correspondentes em duas ou mais línguas, como em *beautiful as an angel/white as snow/as drunk as a skunk* (‘bonito como um anjo’/ ‘branco como a neve’/ ‘bêbado como um gambá’).

Em outros casos, os referentes são distintos para o mesmo conceito: *eat like a horse/strong as a lion/wet as a fish* (‘comer como um leão’/’forte como um touro’/’molhado como um passarinho’).

Expressões metafóricas e idiomáticas

Para demonstrar o que entende por “grau de idiomaticidade”, Tagnin (p. 67) propõe o exame das EIs em uma escala: na parte mais baixa, as menos idiomáticas (que têm apenas um ou alguns elementos idiomáticos ou uma imagem de fácil decodificação) e, na parte mais alta, as totalmente idiomáticas (quando nenhum elemento contribui para a compreensão da expressão). As expressões nas duas línguas são as seguintes:

Quadro 7 - Graus de idiomaticidade.

<i>To hold one's head up</i>	andar de cabeça erguida
<i>To speak one's mind</i>	dizer o que pensa
<i>To bark up the wrong tree</i>	estar no caminho errado
<i>To have the ball at one's feet</i>	ter/estar com a faca e o queijo na mão
<i>To keep one's head above water</i>	sobreviver financeiramente
<i>To pour oil on troubled waters</i>	pôr água na fervura
<i>To beat around the bush</i>	falar com rodeios
<i>To burn the candle at both ends</i>	trabalhar demasiado
<i>To chew the fat</i>	bater papo
<i>To put oneself out</i>	se virar do avesso para fazer algo

Fonte: Tagnin, 2005.

A primeira expressão é de fácil entendimento, pois a mesma imagem – *the up is good* – é consagrada em inglês e em português. Na segunda, apenas *mind* tem sentido figurado; o equivalente em português não é idiomático. As três expressões seguintes são metafóricas e

podem ser decodificadas se o leitor conhecer a imagem aludida: ‘ter a bola a seus pés’ é uma expressão que tem origem no futebol, significando, como se pode depreender desse jogo, ‘ter o controle da situação’; ‘manter a cabeça fora d’água’ tem conotação positiva, sendo o contrário de ‘sucumbir’; a terceira delas refere-se ao fato de que, se despejado em águas revoltas, o óleo se acalma, portanto esta expressão significa ‘acalmar os ânimos’ e possui um correspondente em português que é ‘pôr água na fervura’.

A expressão seguinte – *to bark up the wrong tree* – também dá indicações sobre seu significado, que pode ser deduzido. A imagem é a de um cão latindo ao pé de uma árvore a qual, somada ao significado do adjetivo *wrong* (errado), dá pistas sobre o significado da expressão: ‘estar no caminho errado, estar se dirigindo à pessoa errada’.

Já a compreensão das expressões seguintes é mais difícil. Originalmente podem ter sido expressões metafóricas, mas são hoje entendidas como um todo e não é possível decodificar seu sentido a partir da imagem. Por exemplo, não se sabe por que *to beat about the bush* quer dizer ‘falar com rodeios’ ou *to burn the candle at both ends* significa ‘trabalhar demasiado’. Depois de conhecer esses significados até pode-se encontrar alguma relação entre imagem e sentido, porém Tagnin afirma que o leitor/ouvinte não conseguiria chegar a eles sozinho.

As duas últimas podem ser consideradas totalmente idiomáticas. A distinção entre esse grupo e o anterior está no fato de que, mesmo depois de aprender seu significado, não se percebe a sua relação com a imagem aludida. Por que *to chew the fat*⁶⁶ quer dizer ‘bater papo’ e se convencionou que *to put oneself out* significa ‘se virar do avesso para fazer algo’?

Tagnin chega à seguinte conclusão: se a expressão deixa transparecer a relação entre seu significado e a imagem aludida, ela é uma **expressão metafórica**. Se, entretanto, não se puder mais recuperar tal relação, estamos diante de uma **expressão idiomática** propriamente dita, de sentido totalmente arbitrário.

No nível pragmático da língua, a pesquisadora (p.70-74) aborda os **marcadores conversacionais** (MARCUSCHI, 2001, chamados *gambits* por KELLER, 1979, apud TAGNIN, 2005), grupo de expressões que sinalizam certas estratégias da conversação que indicam ao ouvinte a intenção do falante. Sendo esse tópico de grande interesse para o ensino de LEs, embora de menor interesse para esta pesquisa especificamente, limitamo-nos a referir que Tagnin estabelece uma classificação dos marcadores conversacionais em quatro grupos:

⁶⁶ ‘mastigar a gordura’ [trad. nossa].

marcadores conversacionais de estruturação semântica, de sinalização do contexto social, de sinalização de entendimento e de sinalização de controle da comunicação.

Ainda no nível pragmático, a estudiosa (2005, p.75-86) examinou, detalhadamente, o que chamou genericamente de **fórmulas situacionais** (FS), definidas como expressões fixas usadas em determinadas situações, as quais englobam desde fórmulas de polidez até provérbios, frases feitas, citações e fórmulas de rotina. Agrupou-as em três tipos básicos:

- 1) *Fórmulas situacionais sintáticas*, em que a parte inicial é fixa e o restante é completado conforme a situação: – **May I** (V) *smoke?* **Posso** (V) fumar?’
- 2) *Fórmulas fixas*: diversos gêneros de FS proferidas como comentário que funcionam isoladamente e podem recriar toda uma situação: – *Act your age!*⁶⁷
- 3) *Fórmulas de rotina*: usadas em situações que exigem comportamento ritualizado. Se não forem proferidas, implicam a ruptura de convenções sociais. São fórmulas fixas que permitem pequenas variações: – ‘Muito prazer.’ ‘ – O prazer é (todo) meu.’

Abordaremos aqui somente o ponto nº 2, as *fórmulas fixas*. Embora tais construções (como a própria classificação de Tagnin indica) possuam grande rigidez e funcionem como blocos independentes no discurso, ainda assim são estruturas mais afins⁶⁸ às estruturas objeto de nossa pesquisa – as EIs. Por isso, optamos por examiná-las uma a uma, ainda que muito brevemente. São elas as frases feitas, as citações e os provérbios.

As frases feitas

Tagnin (p. 79) esclarece que as frases feitas diferem das fórmulas situacionais propriamente ditas porque o fato de não serem ditas não caracteriza uma ruptura de padrões convencionais. Porém, utilizá-las nas situações adequadas revela grande domínio da língua.

Speak of the devil.../ ‘Falando do diabo...’

Don't jump to conclusions./ ‘Não tire conclusões apressadas.’

As citações

⁶⁷ ‘Comporte-se!’ [trad. nossa].

⁶⁸ Para Francisco (2010, p.45), as EIs e os provérbios, por exemplo, apresentam como características comuns a conotação, a indecomponibilidade e a cristalização.

A linguista traz dois exemplos de citações famosas, sublinhando que essas estruturas só podem produzir um efeito se o seu conhecimento for compartilhado, ou seja, se os interlocutores as reconhecerem como tais:

To be or not to be, that's the question! 'Ser ou não ser, eis a questão!' (Shakespeare)

'Como é para o bem de todos e a felicidade geral da nação, estou pronto. Diga ao povo que fico.' (D. Pedro I)

Os provérbios

São as fórmulas mais fixas dentre todas, admitem pouca ou nenhuma variação, sintática ou lexical, e caracterizam-se por transmitir um ensinamento moral.

Alguns são iguais nas duas línguas:

Like father, like son. / 'Tal pai, tal filho.'

All that glitters is not gold. / 'Nem tudo o que reluz é ouro.'

Outros têm o mesmo sentido, mas formas apenas semelhantes:

Dog does not eat dog. / 'Lobo não come lobo.'

All cats are grey in the dark. / 'À noite, todos os gatos são pardos.'

Outros ainda têm o mesmo sentido, porém formas diferentes nas duas línguas:

Doing nothing is doing ill. / 'A ociosidade é a mãe de todos os vícios.'

A burnt child dreads the fire. / 'Gato escaldado tem medo de água fria.'

E há ainda provérbios que não possuem correspondente na outra língua.

Adotamos os postulados de Tagnin para o reconhecimento das EIs sobretudo no que concerne à idiomaticidade, pois essa autora classifica e descreve detalhadamente as expressões convencionais diferenciando-as das expressões que, a seu ver, além de convencionais, são também idiomáticas.

A importância do referencial teórico de Tagnin para nossa pesquisa deve-se também ao fato de que a reflexão dessa autora é voltada ao ensino de uma LE para brasileiros – o inglês – e à preocupação com a dificuldade do aprendizado dessas estruturas complexas. Some-se a esses aspectos a ênfase de suas pesquisas na importância dos recursos oferecidos pela Linguística de *Corpus* para o tratamento dos fraseologismos.

2.2.7 Gross (1996)

O linguista francês Gaston Gross desenvolveu reconhecidos estudos sobre as estruturas fraseológicas, que denomina ‘expressões ou locuções congeladas’. Suas pesquisas são especialmente voltadas para o fenômeno do congelamento, definido como “[...] um processo linguístico no qual, de um sintagma em que os elementos são livres, faz-se um sintagma em que os elementos não podem ser dissociados” (GROSS, 1996, p. 4).

Na introdução de *Les expressions figées en français: noms composés et autres locutions* (1996, p. 3), Gross evidencia a ‘flutuação terminológica’ que reina no domínio dos estudos do léxico ao analisar o reconhecido *Dictionnaire de Linguistique Larousse*, do qual extrai as definições de *expressão idiomática*, *idiotismo* e *palavra composta*.

O dicionário (1996, p. 4) distingue o conceito de *expressão idiomática*, que constituiria a “forma gramatical em que o sentido não pode ser deduzido de sua estrutura em morfemas que não entram na constituição de uma forma mais larga”, da concepção de *idiotismo* (ou *idiomatismo*), entendido como “toda construção que parece própria de uma dada língua e que não possui nenhum correspondente sintático em outra língua”, e da noção de *palavra composta*, que seria “uma palavra que contém dois ou mais morfemas lexicais e correspondentes a uma unidade significativa”. Assim, segundo este dicionário, *Comment vas-tu?* seria um exemplo de expressão idiomática, *c’est* de um galicismo – ou seja, de um idiotismo próprio do francês – e *chou fleur* e *pomme de terre* seriam exemplos de palavras compostas.

Gross (1996) conclui que a ausência de critérios precisos acarreta uma grande confusão em tal dicionário, destinado a ser uma obra de referência. No caso dos estudos do congelamento, somam-se a essas dificuldades a terminologia própria de certos linguistas, que reflete a diversidade de seus pontos de vista teóricos. Assim, para Gross, perde-se de vista o funcionamento real dos elementos linguísticos em função de preocupações terminológicas. O linguista pondera que os problemas linguísticos são complexos e necessitam de múltiplos parâmetros de análise que demonstrem suas inter-relações, explicitando que sua obra é uma tentativa de estabelecê-los.

Expõe, então, sua própria definição de idiotismo, “sequência que não pode ser traduzida termo a termo para outra língua”, pois não possui, nessa língua em questão, “nem correspondência sintática (as transformações habituais são possíveis), nem correspondência semântica (o sentido é composicional e não opaco)” (1996, p. 6).

Gross estabelece, ainda, critérios para caracterizar o fenômeno do congelamento lexical, aqui brevemente resumido (p. 9-23):

1. **A polilexicalidade:** é a primeira condição para que uma expressão seja congelada. Constitui-se em um conjunto de palavras que têm uma existência autônoma e formam um todo significativo. Os elementos separadores admitidos são o traço de união, o apóstrofe e a lacuna (como por exemplo a EI *prendre la tangente*). Gross enfatiza, porém, que o problema dos separadores não se reduz a uma simples questão de grafia (p. 9-10).

2. **A opacidade semântica:** na expressão *les carottes sont cuites*, temos um sentido composicional e transparente ('as cenouras estão cozidas', isto é, os legumes estão prontos para ser ingeridos) e outro não-composicional e opaco ('a situação é desesperadora') (p. 11). Na segunda interpretação, estamos diante de uma expressão cujo significado não é aquele dos seus elementos constituintes, estamos, pois, diante de uma expressão opaca ou semanticamente congelada e restrita lexicalmente (p. 10-11).

3. **O bloqueio das propriedades transformacionais:** as construções livres apresentam propriedades transformacionais (apassivação, pronominalização, topicalização, extração, relativização) que dependem de sua organização interna. As expressões congeladas, ao contrário, não podem sofrer modificação na sua estrutura, justamente por serem congeladas. Assim, explica Gross, dizemos *Luc a pris la tangente* ('Lucas saiu pela tangente'), mas não podemos dizer *La tangente a été prise par Luc* ('A tangente foi tomada/saída por Lucas'). A expressão *prendre la tangente* ('sair pela tangente') não pode ser apassivada. Gross também traz o exemplo de *cordon(-)bleu* ('mestre-cuca', isto é, bom cozinheiro, literalmente 'fita azul'), no qual a opacidade semântica é evidente e as transformações são proibidas: * *le bleu de ce cordon* (o azul desta fita); * *un cordon particulièrement bleu* (uma fita particularmente azul). Tais exemplos mostram que não é possível aplicar às sequências congeladas as propriedades transformacionais comuns às construções livres (p. 12-13).

4. **A não-atualização dos elementos:** os elementos de uma sequência congelada não podem ser atualizados individualmente. Assim, em uma determinada locução, não pode haver relação predicativa entre os diferentes elementos que concernem o congelamento, característica das construções livres. Comparando, a seguir, os dois empregos da expressão *prendre une veste* ('pegar um casaco' e 'tomar [levar] um casaco [capote]'), perceberemos que a leitura

composicional permite a atualização do complemento *veste* (casaco): *Paul a pris une* (*sa, cette, ta*) *veste*, enquanto na sequência congelada *Ce candidat a pris une veste* (isto é, foi derrotado nas eleições) *veste* não se refere à vestimenta, o que estabelece a obrigatoriedade do determinante *une* (p.14) [os grifos são nossos] (p. 13-15).

5. **O escopo do congelamento** (*portée du figement*): Em uma determinada expressão, Gross afirma que uma descrição linguística deve dar conta daquilo que é congelado e do que não é, sendo que “a situação mais simples é aquela em que o congelamento afeta a totalidade da expressão” (1996, p. 15), como no provérbio *avoir les yeux plus gros que le ventre* (‘ter o olho maior do que a barriga’) ou do já mencionado substantivo *cordon-bleu* (‘mestre-cuca’), nos quais não existe um grau de liberdade para nenhum dos elementos envolvidos. Contudo, essa não é a situação mais frequente, segundo Gross. Por exemplo, não há congelamento total em *Luc a cassé sa pipe* (‘Lucas bateu as botas’), na medida em que o pronome reflexivo *sa* necessariamente mudará de forma caso haja uma mudança de sujeito na frase: *Attention, tu vas casser ta pipe* (‘Cuidado, você vai bater as botas’) (p. 15-16).

6. **O grau de congelamento**: há sequências em que somente uma parte é objeto de congelamento, o resto depende de uma combinação livre. Não é o caso de *cordon bleu* (‘mestre-cuca’), em que não é possível substituir *cordon* por outro substantivo, nem *bleu* por outro adjetivo. No entanto, muitas expressões podem apresentar diversos graus de congelamento. Gross pondera que, em *raper le coche* (‘perder uma boa ocasião’)⁶⁹, o verbo *raper* pode ser substituído por *louper* ou *manquer*, existindo na expressão uma certa liberdade lexical, ainda que o sentido permaneça opaco (p. 16).

7. **O bloqueio dos paradigmas sinonímicos**: nas sequências congeladas, não há a possibilidade de substituição sinonímica. Por exemplo, a EI *casser sa pipe* (‘bater as botas’) não pode dar lugar a substituições como **casser sa bouffarde* ou **briser sa pipe*, pelo simples fato de que a tradição consagrou a forma *casser sa pipe*, o que não ocorre com as outras formas citadas, não reconhecidas como UFs. Isso é válido para todas as categorias, não apenas para as locuções verbais. Em português, por exemplo, a forma consagrada é ‘chutar o balde’, não ‘*golpear o balde’ ou ‘*chutar a bacia’, assim como é consagrada a EI ‘morrer na praia’ e não ‘*morrer no porto’ (p. 17-18).

⁶⁹Paráfrase explicativa extraída de <http://www.linternaute.com>

8. **A não-inserção:** nas expressões livres, é possível, em determinados segmentos, inserir elementos, como um adjetivo ou um relativo, em um grupo nominal: *J'ai lu un livre ; J'ai lu un beau livre; J'ai lu un livre qui m'a plu*⁷⁰. Nas expressões congeladas, no entanto, a inserção de elementos novos é muito reduzida, pois o congelamento não permite alterações. Em *tourner de l'oeil* (desmaiar, perder a consciência), por exemplo, não é possível acrescentar nenhum elemento ou modificar a expressão: **il tourne d'un oeil, *il tourne de l'oeil gauche, *il tourne du bon oeil*. A impossibilidade de acrescentar elementos externos põe em evidência o fenômeno do congelamento. Inserções e modificações podem ocorrer somente nas sequências deslexicalizadas, com a intenção de atingir determinado fim ou provocar efeitos de estilo (p. 18-19).

9. **A deslexicalização (ou desautomatização):** O congelamento pode ser evidenciado graças ao efeito causado pelo jogo da deslexicalização (ou desautomatização), que consiste em romper a rigidez que caracteriza as expressões congeladas. Esse fenômeno pode ser observado na imprensa, que se serve da deslexicalização para causar determinados efeitos voltados a atrair a atenção do leitor. A deslexicalização assim praticada não pode ser considerada um erro, mas uma atividade lúdica. Gross dá vários exemplos em francês (p. 19-21). Para exemplos em italiano, remetemos às páginas 124 e 125 desta tese.

10. **A etimologia:** Gross também faz referência ao parâmetro da etimologia das expressões. Com respeito à origem do congelamento, o linguista observa que esta pode ser externa, fazendo referência a eventos históricos, mitológicos e religiosos, ou pode constituir reminiscências literárias. O congelamento pode, por outro lado, referir-se a elementos ou construções que remontam a um estado de língua anterior.

Gross (2012, p. 209-210) também estabelece critérios sintáticos para o reconhecimento das expressões congeladas, quais sejam:

A apassivação (ou apassivamento)

Gross observa que nem todos os verbos transitivos livres apresentam a forma passiva, como os que designam medida, peso ou preço. Tal fato não caracteriza, obrigatoriamente, uma expressão congelada.

⁷⁰ 'Eu li um livro'; 'eu li um bom livro'; 'eu li um livro que me agradou/do qual gostei' [trad. nossa].

A expressão congelada, porém, não possui estrutura passiva. Com a sequência congelada *prendre la mouche* ('perder as estribeiras') pode-se ter, por exemplo, a forma no passado *Paul a pri la mouche* ('Paulo perdeu as estribeiras'), mas não a forma passiva **La (Cette) mouche a été prise par Paul* ('*As estribeiras foram perdidas por Paul').

A extração (ou clivagem)

A clivagem é uma mudança de estrutura que pode ser aplicada a um argumento (sujeito ou objeto) quando se trata de opor dois elementos num dado paradigma. Exemplo: *C'est une poire que j'ai mangée et non une pomme* ('É uma pera que eu comi e não uma maçã'). Portanto, há objeção entre a extração e uma locução verbal em que as posições argumentais são obrigatórias. Isso explica que não possamos ter: ** C'est la mouche qu'il a prise*. ('*São as estribeiras que ele perdeu').

A topicalização

A topicalização é uma estratégia que coloca em evidência um elemento, o qual é deslocado para o início da sentença: *J'ai acheté ce manteau en Italie* ('Comprei esse sobretudo na Itália'), *Ce manteau, je l'ai acheté en Italie* ('Esse sobretudo, eu o comprei na Itália'). Para que a topicalização seja possível, é necessário que o determinante seja definido, sendo que o indefinido bloqueia a transformação. Por esse motivo, não existe a possibilidade de topicalização com a expressão **La mouche, tu la prends souvent*.

A pronominalização

Segundo Gross, tal transformação tem origem na topicalização ou na retomada anafórica: *Ce manteau, je l'ai acheté en Italie. Il était bon marché* ('Ele foi barato'). Essa retomada não é possível nas locuções verbais como, por exemplo, *Luc tire au flanc* ('Lucas faz corpo mole').

A relativização

Esta transformação é importante para distinguir as construções com verbo-suporte das locuções verbais genuínas. Assim, *avoir fame* ('ter fome') é uma construção nominal, enquanto *avoir froid* ('ter frio') é uma locução verbal. A relativização aplica-se à primeira, mas não à expressão congelada: *la faim que j'ai eue* ('a fome que eu tive'), **le froid que j'ai eu* ('o frio que eu tive'); *la décision que j'ai prise* ('a decisão que eu tomei'), *la tangente que j'ai prise* ('a tangente que eu saí').

A interrogação

Como as anteriores, a interrogação aplica-se geralmente às construções livres, mas, a partir do momento em que a posição do argumento é obrigatória, esta propriedade não se verifica:

Cet élève a pris la porte. (‘Este aluno tomou o rumo da porta.’)

**Qu’est-ce que cet élève a pris?* = (‘O que este aluno tomou?’)

Os critérios estabelecidos por Gross para a identificação do grau de congelamento lexical das UFs são de fundamental importância para seu reconhecimento e classificação. Seus critérios são úteis para o presente trabalho porque Gross estabelece, com clareza, as propriedades que caracterizam o fenômeno do congelamento, bem como critérios sintáticos para o reconhecimento das UFs.

Ressaltamos, ainda, sua reconhecida contribuição à Linguística de *Corpus* associada ao ensino de LE e à tradução, bem como sua atuação em diversos grupos de pesquisa, a saber o COMET – *Corpus* Multilíngue para Ensino e Tradução (USP); os Estudos em Língua de *Corpus* (UFU) e a fraseologia e sua equação nas subáreas da Língua Aplicada (UNB).

2.2.8 Corpas Pastor (1996)

Em suas pesquisas voltadas à fraseologia da língua espanhola, Corpas Pastor (1996) revisa e acrescenta outros aspectos às teorias e às classificações de Casares (1950) e de Zuluaga (1980), exercendo grande influência sobre as pesquisas fraseológicas, principalmente no âmbito da Fraseologia espanhola, a partir de então.

Corpas Pastor defende uma concepção ampla de Fraseologia, entendendo-a como uma subdisciplina da Lexicologia (1996, p. 15) e considerando como seu objeto de estudo as combinações formadas por ao menos duas palavras cujo limite superior se situa na oração composta. Para a linguista, os traços que caracterizam as UFs são a *frequência*, a *institucionalização*, a *estabilidade* (fixação e especialização semântica), a *idiomaticidade*, a *variação* e a *graduação* (1996, p. 20).

A *frequência* (1996, p. 20), apresenta duas vertentes: a frequência de coocorrência dos elementos e a frequência de uso da UF como tal. É a frequência de uso de alguns itens lexicais, empregados em determinada situação, o que acarreta a cristalização da combinação, que passa então a ser memorizada e a estar disponível para ser reutilizada no discurso pelos falantes. Quanto mais frequentemente for usada uma dada combinação de palavras, maior a

possibilidade de consolidar-se como expressão fixa. O aspecto da frequência de uso está, portanto, intimamente associado à institucionalização.

A *institucionalização* (ou convencionalidade), por sua vez, é o resultado do uso, da repetição e da frequência de ocorrência de uma UF. Para a fraseóloga, determinadas combinações são reproduzidas frequentemente no discurso e acabam sendo consagradas pelo uso (fixação na norma). É a repetição continuada de uma forma que a faz passar do discurso para a língua, permitindo, assim, que duas ou mais palavras formem uma nova entidade absoluta e dificilmente analisável (fixação no sistema), característica que é denominada ‘reprodutibilidade’ (CORPAS PASTOR, 1996, p.21).

A *estabilidade* (1996, p.23) abarca tantos os fenômenos de institucionalização quanto os de lexicalização. A institucionalização apresenta duas características: a fixação e a especialização semântica. A fixação traz consigo a segunda característica – a especialização semântica, pois a fixação formal conduz à mudança de significado. A especialização semântica (ou lexicalização) ocorre quando “se estabelece uma associação direta e inequívoca entre a UF e sua interpretação semântica (1996, p.24)”. A autora explica que primeiramente se produz a fixação e depois, como consequência, pode ocorrer uma mudança semântica. Por esta razão, afirma ela, toda expressão que apresenta especialização semântica é fixa, mas o contrário não é necessariamente verdadeiro. Em outras palavras, Pastor afirma o mesmo que Tagnin: nem toda expressão fixa (isto é, convencionalizada) é idiomática, mas toda expressão idiomática é fixa.

Quanto ao termo *idiomaticidade*, ele é reservado ao mais alto grau de especialização semântica ou lexicalização, quando o significado de uma expressão não é dedutível da soma dos significados dos elementos que a compõem. Para a corrente de investigação anglo-norteamericana, esse é o traço essencial das UFs.

Por sua vez, a *variação* das UFs é relativa. Corpas Pastor (1996, p. 27) cita a classificação de Zuluaga (que será a classificação por nós utilizada no protótipo do hiperdicionário), na qual o autor distingue entre *variantes* (*alzarse/cargar con el santo y la limosna*), em sentido restrito, e *variações* (diatópicas: *hacer dedo/hacer auto-stop*; transformações: *meter la pata/ metedura de pata*), no sentido amplo do termo. Existem, ainda, as possíveis modificações criativas ocasionais que as UFs podem apresentar no discurso. Quanto maior a sua fixação, e portanto a sua institucionalização, maior a possibilidade de sofrerem modificações no discurso e de que tais modificações sejam reconhecidas pelos falantes (conceito de *potential words*).

A *graduação* é o fenômeno pelo qual as UFs apresentam essas características, em diferentes graus.

Corpas Pastor estabelece uma nova classificação das UFs em espanhol, combinando o critério do enunciado (ato de fala) e o critério da fixação (no sistema, na norma⁷¹, ou na fala).

O **critério do enunciado**, definido como "uma unidade de comunicação mínima, produto de um ato da fala, que geralmente corresponde a uma oração simples ou composta" estabelece dois tipos de UFs: a) as que correspondem a sintagmas e precisam se combinar com outros elementos oracionais; e b) as que constituem unidades completas (orações simples ou compostas).

O **critério da fixação** permite distinguir entre unidades fixas no sistema, na norma e na fala. As primeiras são as *locuções*, as segundas as *colocações* e as últimas os *enunciados fraseológicos*.

Figura 2 - Classificação das unidades fraseológicas.

	-enunciado [-ato de fala]	+enunciado [+ato de fala]
Fixação Sistema Locuções	Fixação Norma Colocações	Fixação Fala Enunciados Fraseológicos

Fonte: CORPAS PASTOR, 1996.

A primeira categoria estabelecida por Corpas Pastor são as **locuções** (correspondentes às expressões idiomáticas ou *idioms* na escola anglo-americana), definidas como UFs fixas do sistema, que apresentam fixação interna e externa e possuem unidade de significado.

É a seguinte a tipologia das locuções que a autora estabeleceu, segundo a função oracional desempenhada (1996, p. 270):

- a) nominais: *mosquita muerta; vacas flacas; paño de lágrimas*
- b) adjetivas: *corriente y moliente; limpio de polvo y paja, sano y salvo*
- c) adverbiais: *a todas luces; de brazos abiertos; gota a gota*

⁷¹ Como já mencionado, o conceito de norma foi acrescentado por Coseriu (1951) aos conceitos saussurianos de *langue* e *parole*.

d) verbais: *ser el vivo retrato de alguien; dormir como un tronco; llevar y traer*

e) prepositivas: *en lugar de; con arreglo a; con vistas a*

f) conjuntivas: *ora... ora; a fin de que; ya... ya*

g) oracionais: *caérsele a alguien el alma a los pies; subírsele a alguien la sangre a la cabeza.*

A segunda categoria são as **colocações** (*dinero negro, guerra fria*), que abarcam unidades fixas na norma e correspondem a sintagmas livres que devido ao uso adquiriram certo grau de fixação.

A terceira categoria são os **enunciados fraseológicos**, que englobam unidades que constituem enunciados independentes, são fixos na fala e fazem parte do acervo cultural do falante em uma determinada cultura. Aqui estão incluídas as parêmias (*A buen entendedor, pocas palabras/A Dios rogando y con el mazo dando*) e as fórmulas de rotina (*felices pascuas, lo siento mucho*). As fórmulas de rotina têm um caráter enunciativo, porém não têm autonomia textual como as parêmias e dependem de uma situação comunicativa.

A importância do trabalho de Corpas Pastor está no fato de ter resumido as reflexões dos principais autores que a precederam e de ter incorporado à sua proposta de tipologia das UFs os princípios já consagrados até então.

2.2.9 Gonzalez-Rey (2002)

O trabalho de Gonzalez Rey é especialmente voltado para a fraseodidática, ramo da Fraseologia que se dedica ao ensino das UFs. Segundo a linguista, “a fraseodidática define-se não somente pelo seu objeto de estudo, mas também pela função que reclama no seio da didática das línguas estrangeiras, já que sua presença é quase inexistente”. Assim, estas estruturas “[...] são geralmente relegadas ao capítulo das esquisitices da língua e, conseqüentemente, banidas do ensino das línguas estrangeiras⁷²” (GONZALEZ REY, 2010, p. 12). Representam, porém, “[...] verdadeiros entraves para a aquisição de uma nova língua, contra os quais se obstina sem cessar o nosso espírito em busca de lógica⁷³” (GONZALEZ REY, 2002, p.14).

A busca de lógica nas expressões fixas parece não ser perseguida apenas pelos que aprendem uma LE. De fato, Greimas (1960, p . 42, apud MURANO, 2010, p. 29) evidenciou, relativamente ao campo da fraseologia, a presença de uma idiomatidade interlinguística (a

⁷² No original, «[...] sont généralement releguées au chapitre des bizarreries de la langue et, de ce fait, bannies de l'enseignement des langues étrangères.»

⁷³ No original, «[...] de véritables entraves dans l'acquisition de la nouvelle langue, contre les quelles bute sans cesse notre esprit en quête de logique.»

comparação entre diferentes línguas), mas também de uma idiomaticidade intralinguística (que ocorre dentro da mesma língua).

Gonzalez Rey (citada por MURANO, 2010, p.35) adota o termo *unidades fraseológicas* (UFs) em sua proposta de classificação, um dos trabalhos recentes voltados para a fraseologia do francês. Essa linguista propõe uma divisão das unidades fraseológicas em expressões idiomáticas, colocações e parêmiás, todas elas unidades que compartilham os traços da polilexicalidade, do congelamento, da repetição e da institucionalização. As diferenças entre as unidades situam-se nos planos semântico e pragmático. Do ponto de vista semântico, o sentido pode ser composicional, não-composicional ou os dois simultaneamente. Do ponto de vista pragmático, as UFs podem ter uma função referencial e denotativa, inferencial e conotativa, referencial e inferencial simultaneamente.

Dessas distinções resulta a seguinte tripartição:

1) **Expressões idiomáticas:** perdem sua identidade para formar uma sequência com sentido figurado, tendo uma função inferencial (MURANO, 2010 p.35). Nesse grupo, distinguem-se dois subgrupos (GONZALEZ REY, 2002):

– os *enunciados idiomáticos*, expressões da conversação compostas de fórmulas de rotina e de expressões familiares, como

– atos de palavras: *Au revoir!*, *Je vous en prie*, *Ça suffit.*⁷⁴

– exclamações: *Bonne idée!* *Chic alors!* *Tant mieux!*

– onomatopeias: *Ouf!* *Chut!* *Bof!*

– os *sintagmas idiomáticos*, expressões imagéticas formadas a partir do léxico:

– do corpo humano: os somatismos (*en un clin d'oeil*, *donner un coup de main*);

– dos animais: os zoomorfismos (*faire l'autruche*, *rire comme une baleine*);

– das cores: os cromatismos (*broyer du noir*, *rire jaune*, *une peur bleue*);

– dos alimentos: *être une soupe au lait*, *casser du sucre sur le dos de quelqu'un*;

– dos numerais: *chercher midi à quatorze heures*, *voir trente-six chandelles*,
se mettre sur son trente et un;

– de objetos variados: *tourner la page*, *fermer son parapluie*, *avoir avalé son bulletin de naissance*.

⁷⁴ – atos de palavras: ‘Até logo!’, ‘Eu te imploro’, ‘Chega (Já chega)’. – exclamações: ‘Boa ideia!’, ‘Chic alors!’ (indica prazer, satisfação), ‘Melhor assim!’. – Onomatopeias: ‘Ufa!’ ‘Silêncio!’ ‘Bof!’ (interjeição que indica incerteza ou indiferença) [trad.nossa].

2) **Colocações:** não perdem o seu sentido próprio e têm uma função referencial. São sintagmas fixos de sentido composicional e podem ser:

- sem artigo: *prendre soin, avoir tort, avoir raison, tirer avantage*⁷⁵.
- com artigo: *faire un tour, poser une question, résoudre un problème*.
- terminológicos: *dresser un bilan* (comercial), *porter plainte* (jurídico), *être en garde à vue* (judiciário), etc.

3) **Parêmiias:** são os elementos gnômicos da linguagem, que possuem um duplo sentido, literal e figurado. Têm uma função argumentativa e possuem um estatuto de citação no texto. Podem ser:

- averbais: *Après la pluie, le beau temps; Tel père, tel fils*⁷⁶.
- verbais: *À chaque jour suffit sa peine; Aide-toi, le ciel t'aidera*.

Entre as contribuições da linguista, mencionamos ainda sua proposta de estruturação dos estudos fraseológicos (GONZALEZ REY, 2002):

– **Fraseologia descritiva:** abordagem sincrônica. Trata do sistema fraseológico no eixo formal, semântico e pragmático.

– **Fraseologia histórica:** abordagem diacrônica. Aborda questões etimológicas de gênese das unidades fraseológicas.

– **Fraseologia comparativa ou contrastiva:** trata das questões de tradução, de equivalência, ou de correspondência entre sistemas linguísticos.

– **Fraseologia lexicográfica ou fraseografia:** voltada à elaboração de dicionários gerais e especiais.

Em se tratando o nosso estudo de uma proposta de modelo de hiperdicionário bilíngue inserida em um ambiente virtual para aprendizes brasileiros de italiano como LE, a presença de Gonzalez Rey se justifica principalmente pela relevância de seus estudos no âmbito da fraseologia com fins didáticos. Sua obra *La Phraséologie du Français* (2002) fornece um panorama da Fraseologia, em geral, e da Fraseologia francesa, em particular, distinguindo três tipos de UFs no âmbito da língua geral: as expressões idiomáticas, as colocações e as

⁷⁵ – sem artigo: ‘ter cuidado/importar-se com’, ‘ter razão’, ‘não ter razão’, ‘tirar vantagem’; – com artigo: ‘dar uma volta’, ‘colocar uma questão’, ‘resolver um problema’; – terminológicos: ‘fazer um balanço’ (comercial), ‘prestar queixa’ (jurídico), ‘estar preso/estar sob custódia’ (judiciário) [trad.nossa].

⁷⁶ – averbais: ‘Depois da tempestade vem a bonança’; ‘Tal pai, tal filho’; – verbais: ‘A cada dia basta a sua dificuldade’; ‘Ajuda-te que Deus te ajudará’ [trad.nossa].

parêmiás. Em coautoria com Vilmos Bárdosi, lançou recentemente o *Dictionnaire phraséologique thématique français-espagnol* (2012), dicionário que foi uma referência para o desenvolvimento desta tese.

2.2.10 Vale (2001)

Na tese *Expressões cristalizadas do português do Brasil: uma proposta de tipologia* (2001), Oto Araújo Vale estuda 3400 expressões cristalizadas (ECs) verbais do português do Brasil sob uma ótica valencial. O autor observa que tais expressões são numerosas em todas as línguas e apresentam uma questão interessante para a teoria de valências. Um princípio de tal teoria é que o verbo é o centro estruturador da frase. Vale observa que as ECs funcionam como um verbo – ‘Rui vestiu o paletó de madeira’/’Rui morreu’. Sendo assim, pergunta-se se a teoria de valências poderia ser aplicada com sucesso às EIs da mesma forma como ocorre com verbos e nomes.

Vale trata as EIs segundo os procedimentos metodológicos da teoria do Léxico-Gramática, juntamente com a Teoria de Casos (BORBA, 1996; 1991, apud VALE, 2001, p. 12).

Revê estudos psicolinguísticos sobre as expressões cristalizadas, além de estudos que partem de uma ótica cognitivista, no intuito de responder uma pergunta fundamental: o grau de cristalização teria uma relação direta com a transparência/opacidade dessas expressões? A resposta leva em conta o fato de que existem expressões cuja cristalização é antiga e que guardam uma relação de transparência bem próxima de seus constituintes. Partindo da definição tradicional de expressão idiomática, objeta que, apesar de operacional para os fins propostos em sua tese, esta definição é insuficiente, pois as ECs “podem ser caracterizadas por um *continuum* que vai da expressão relativamente transparente e flexível à expressão completamente opaca e cristalizada” (p. 18).

O exame restringe-se à modalidade escrita da língua, partindo de expressões observadas em textos, recolhidas na experiência quotidiana ou encontradas em dicionários, para buscar suas ocorrências no *corpus* constituído (p. 7). Formula sua hipótese de trabalho a partir de duas questões. A primeira é de ordem formal: *As expressões cristalizadas são uma frase ou um item do léxico da língua?* Vale postula que uma expressão cristalizada verbal deve ser considerada como um item lexical (um verbo) e, como tal, tem valências da mesma maneira que os verbos composicionais (p. 45). A segunda questão refere-se à posição dessas

expressões dentro da competência de cada falante: *Como o falante distingue uma expressão cristalizada de uma forma não cristalizada?*

Vale estabelece uma tipologia das expressões, em 10 classes diferentes, segundo a distribuição dos elementos cristalizados e dos argumentos livres de cada uma das expressões. Cada classe constitui uma matriz binária contendo, nas linhas, as expressões e, nas colunas, as propriedades sintáticas e semânticas. Ao examinar cada uma dessas classes, estabelecidas segundo critérios sintáticos, o pesquisador depreende uma série de regularidades semânticas advindas dessa classificação, o que demonstra que essas expressões não são uma excepcionalidade dentro da língua.

A pesquisa evidencia a extensão do fenômeno das expressões cristalizadas, sua importância no estudo de todas as classes de palavras, em particular, além dos verbos, dos substantivos e advérbios. A taxonomia estabelecida por Vale é útil não só para uma visão geral de como se processa a cristalização de tais expressões, mas também para outros estudos sobre o uso das ECs, uma vez que as matrizes podem ser adaptadas para que programas de computador as utilizem para investigá-las em grandes *corpora*.

Vale aborda muitos aspectos que nos interessam diretamente: a caracterização das ECs segundo um *continuum* que vai da expressão relativamente transparente e flexível à expressão completamente opaca e cristalizada, a questão das variantes nas formas de ocorrência das ECs, a reflexão sobre vários outros tipos de construção cristalizada, como construções com verbo-suporte, provérbios e expressões derivadas de provérbios, expressões substantivais e adverbiais, além da categoria foco do seu trabalho – as ECs verbais.

Vale ressalta, ainda, as três áreas que têm particular interesse nas ECs: a lexicografia, o ensino de LE e a tradução. Detém-se mais longamente na abordagem lexicográfica, analisando o tratamento lacunar dispensado às ECs nos dicionários monolíngues (2010, p. 58-64).

2.3 LINGÜÍSTICA DE *CORPUS* E PROCESSAMENTO DE LÍNGUA NATURAL: NOVOS HORIZONTES NO TRATAMENTO DE EIs

Como visto neste capítulo, o reconhecimento da natureza e da constituição das diferentes UFs (incluídas aqui as EIs), bem como do seu comportamento, tem sido há décadas uma das preocupações centrais dos estudos fraseológicos.

Para tal tarefa, hoje a Fraseologia lança mão de subsídios de duas disciplinas relativamente recentes, que têm experimentado um desenvolvimento crescente: a Linguística

de *Corpus* (LC) e o Processamento Automático de Línguas Naturais (PLN). A seguir, veremos em que consistem e de que forma podem auxiliar os estudos fraseológicos, especificamente o estudo das EIs.

2.3.1 Linguística de *Corpus* e EIs

A Linguística de *Corpus* (doravante LC), tal como apresentada no Brasil por Berber Sardinha (2004), propõe-se a observar dados autênticos de uma língua natural utilizando *corpora* de diferentes dimensões para deles extrair conhecimento.

A LC é um campo que se dedica à criação e análise de *corpora* (plural latim de *corpus*), que são conjuntos de textos e transcrições de fala armazenadas em arquivos de computador (BERBER SARDINHA, 2004). A LC vem revolucionando a maneira como se investiga a linguagem, nos seus mais diversos níveis, colocando à disposição do analista quantidades de dados antes inacessíveis. Um dos grandes agentes dessa revolução é a informática; sem ela, a Linguística de *Corpus* contemporânea não poderia existir. Assim, o linguista de *corpus* depende de programas de computador para lidar com *corpora* (BERBER SARDINHA, 2004).

Um corpus é “uma coletânea de textos, necessariamente em formato eletrônico, compilados e organizados segundo critérios ditados pelo objetivo de pesquisa a que se destina” (TAGNIN, 2005, p.21). Uma das principais recomendações metodológicas da LC é a observação da língua em uso, em grande escala (FINATTO et al, 2010, p. 231). E não se poderia chegar a muitas constatações a respeito da língua senão através da observação das evidências fornecidas pelo *corpus* (TOGNINI-BONELLI, 2001, p. 85)

De fato, é a manipulação de grandes quantidades de ocorrências de ULs o que torna possível a “[...] identificação de recorrências, de repetições, ou seja, de padrões, justamente o que caracteriza a maioria dos fraseologismos.” (TAGNIN, 2011, p. 278). A fraseóloga espanhola Corpas Pastor (2008, p. 01), por exemplo, observa que a investigação com *corpus* revolucionou principalmente os estudos de lexicografia, campo no qual “o corpus marca claramente um antes e um depois⁷⁷” [trad. nossa]. Por isso a importância vital dessa nova disciplina para o estudo da Fraseologia.

Dependendo de como for empregada, a LC pode ser considerada uma abordagem (se representar uma perspectiva de estudo da língua) ou uma metodologia (se for entendida como

⁷⁷ No original, “*el corpus marca claramente un antes y un después*”.

instrumental) (TAGNIN, 2011). No nosso trabalho, ela será utilizada como uma metodologia e também como uma abordagem.

A LC é essencialmente empírica, perspectiva defendida por seus precursores Firth (1957), Halliday (1990) e Sinclair (1991), em contraposição à visão racionalista de Chomsky (2002 [1957]), que privilegia os juízos de gramaticalidade e a competência e intuição do falante nativo (TAGNIN, 2011). A LC pretende, ao invés, “[...] descrever o uso efetivo da língua com base no desempenho do falante” (TAGNIN, 2011). A linguista esclarece que a LC prioriza a **probabilidade** de ocorrência, enquanto Chomsky interessa-se apenas pela **possibilidade** (2011, p. 278, grifos da autora). Ou seja, nem tudo que é **possível** ocorrer, é **provável** que ocorra. De fato, ainda que corretas gramaticalmente, há estruturas que não fazem parte do uso corrente, enquanto outras são consagradas pelos falantes, embora sejam agramaticais⁷⁸.

Ao contrário da visão tradicional de que a língua é composicional, na visão probabilística as línguas naturais seguem padrões associativos regulares e complexos (SINCLAIR, 1991). O falante tem à sua disposição uma infinidade de escolhas livres para a associação de itens lexicais na formação de frases e enunciados, tendo como restrição apenas a gramática. A esse princípio Sinclair chamou *open choice principle* ou ‘princípio da livre escolha’.

No entanto, o falante utiliza de forma recorrente certas sequências sintagmáticas que aparecem como pré-construídas e que são apreendidas como um todo. É o que Sinclair chama *idiom principle* ou ‘princípio idiomático’, o qual também rege a língua e representa as categorias convencionadas na comunidade linguística (TAGNIN, 2011, p. 284-285).

O princípio idiomático situa-se na interface entre o léxico e a sintaxe, estando as combinatórias em um ponto de tensão entre uma análise enquanto constituintes sintáticos analisáveis, e portanto com estrutura interna reconhecida, e uma análise enquanto unidade não analisável do léxico.

Na sua essência, qualquer *corpus* é tido como representativo da linguagem, de um idioma, ou de uma variedade dele, e todo *corpus* também é uma amostragem de uma população da qual não conhecemos o tamanho (BERBER SARDINHA, 2004, p. 23). Ou seja, todo *corpus* é um fragmento de língua que representa o sistema global de uma língua (ou

⁷⁸ Um exemplo é a já mencionada (p.72 desta tese) e amplamente empregada expressão inglesa *by and large* (= ‘em geral’), cujos elementos constituintes são uma preposição e um adjetivo que, não pertencendo à mesma classe gramatical, não poderiam ser unidos pela conjunção coordenativa ‘e’. Contudo, é uma expressão consagrada pelo uso.

parte dele) e, mesmo incompleto e fragmentado, pode refletir as possibilidades de ocorrência de usos linguísticos potenciais (BERBER SARDINHA, 2004).

Distinguem-se dois tipos de perspectiva na pesquisa linguística com *corpora* eletrônicos: *corpus based* (baseada em *corpus*) e *corpus driven* (orientada pelo *corpus*) (TOGNINI-BONELLI, 2001). A perspectiva *corpus based* procura no *corpus* determinados tipos de combinatórias, previamente identificados. A perspectiva *corpus driven* representa o percurso contrário, parte-se dos dados do *corpus* para observar as evidências fornecidas por ele.

A nossa perspectiva será uma perspectiva *corpus-based*, pois partirá do levantamento e cruzamento das EIs que consideramos gastronomismos linguísticos em cinco obras lexicográficas para depois observar seu comportamento em *corpus*.

No Brasil, cada vez mais, pesquisadores, professores e alunos utilizam a LC como um suporte não somente teórico, mas também aplicado ao ensino, o que tem contribuído para a criação de materiais que facilitam o processo de aprendizagem (VIANNA; TAGNIN, 2010).

A seguir veremos algumas opções usadas para a investigação de EIs em *corpus*, sobretudo utilizando a *Web*.

2.3.1.1 A *Web* como *corpus*

A maior parte dos fraseólogos hoje utiliza *corpus* para suas pesquisas, seja para observar as UFs em uso, seja para atestar sua frequência. No entanto, o limiar de frequência para garantir a inclusão de uma unidade lexical em um dicionário ainda não é consenso entre os lexicógrafos (XATARA, 2006).

A seleção da nomenclatura de um dicionário fraseológico “submete-se a um princípio filológico: a unidade fraseológica a ser inventariada deve figurar em uma fonte “autorizada”, e tais fontes dificilmente baseiam-se no discurso anônimo do cotidiano ou em textos escritos espontâneos, ficando restritas ao discurso escrito, literário e científico” [...] (REY & DELESALLE, 1979, *apud* RIVA, 2009). No entanto, os dicionários fraseológicos devem espelhar justamente a linguagem coloquial, que é permeada de fraseologismos, e para tanto precisam valer-se de fontes de grandes dimensões.

No entanto, Xatara (2005) observa que as bases textuais disponíveis não registram grande número de textos coloquiais, que seriam a maior fonte para se observar EIs em uso. A pesquisadora apoia-se então nos estudos de Colson, que defende o uso da *Web* e da medida de ocorrências *per million words* para o tratamento dos idiomatismos:

A linguística de *corpus* oferece um padrão útil para medir a frequência de idiomatismos: o número de ocorrências por milhão de palavras (*pmw*). Muitos idiomatismos verbais do inglês, francês e alemão (e provavelmente de todas as línguas europeias) correspondem a uma frequência menor do que 1pmw, i.e., a sua ocorrência em um *corpus* é inferior a 1 em 1 milhão de palavras. (COLSON, 2003, p. 47)⁷⁹.

Colson acrescenta que 70% das EIs têm frequência inferior a 1 PMW nos bancos de *corpora* eletrônicos existentes, e muitas EIs nem são detectadas. Mesmo sendo as EIs muito frequentes nos textos, isso não significa que uma determinada EI aparecerá com frequência, mesmo em grandes *corpora*, o que leva Colson a afirmar que “A *Web* é atualmente o único *corpus* gigante que pode dar conta desse objetivo”⁸⁰ (2003, p.59).

Colson (2007, p. 1077) conclui que, embora a *Web* não ofereça uma solução ideal para a pesquisa sobre idiomatismos, suas dimensões monumentais e seu caráter multilíngue fará com que ela se torne “um concorrente imbatível” para os *corpora* tradicionais⁸¹.

Para a identificação da frequência das EIs, é prática comum entre os pesquisadores em fraseografia proceder a um levantamento na *Web*, considerando-a um imenso *corpus* linguístico e usando o Google como motor de busca⁸². Segundo Riva (2009, p. 53), para vários pesquisadores a *Web* é “uma fonte de fácil acesso, atualizada constantemente, rica em linguagem coloquial e, portanto um fértil terreno que não pode ser abandonado para uma produção lexicográfica como a nossa”, ou seja, a produção fraseográfica.

Também Xatara (2006, p. 772) reitera que, para uma pesquisa de frequência das UFs, ainda que a *Web* não seja um “conjunto controlado de textos”, tudo aponta para que ela seja utilizada como base textual, pois a sua dimensão presta-se “tanto para a demonstração do idiomatismo em um contexto real, quanto para acrescentar importantes informações concernentes à significação e uso de cada EI”. Para compor o *Dictionnaire d'expressions idiomatiques français-portugais-français on-line* (2007), Xatara realizou uma pesquisa da frequência das EIs no português do Brasil na *Web*, utilizando a ferramenta de busca do Google. Baseando-se nos estudos de Colson, estipulou que as EIs frequentes no francês da

⁷⁹ No original, “*Corpus linguistics offers a useful standard for measuring idiom frequency: the number of occurrences per million words (PMW). Many verbal idioms of English, French and Dutch (and probably of all European languages) correspond to a frequency of less than 1PMW, i.e. their occurrence in a Corpus is inferior to one in a million words.*”

⁸⁰ No original, “*The Web is presently the only gigantic corpus that can stand up to that goal.*”

⁸¹ No original, “*Although the World Wide Web does not offer a perfect solution to research on set phrases, its huge size and its multilingual character will probably make it an unbeatable competitor for traditional corpora.*”

⁸² Vejam-se as pesquisas fraseográficas dos já citados Xatara (1998), Riva (2009) e outros, como Rios (2010), Zavaglia (2004); Orsi (2007; 2009); Gonzalez Rey & Bárdosi (2012), etc.

França e no português do Brasil seriam as que ocorressem a cada milhão de palavras (*per million words*).

2.3.1.2 A ferramenta Webcorp

O *Webcorp* (*the Web as corpus*) é um conjunto de ferramentas que permite o acesso a *Word Wide Web* como um *corpus* voltado para a busca de informação linguística. Foi lançada em 2000 e é mantida pela *Research and Development Unit for English Studies* (RDUES) *Birmingham City University*. É possível acessá-la livremente em *www.webcorp.org.uk*. É um dos recursos oferecidos pela Linguística de *Corpus* para auxiliar na observação de padrões, isto é, para permitir extrair fatos sobre o comportamento de diferentes línguas, “como se a *Web* fosse um grande *corpus* – o maior deles”⁸³.

Por isso, as ferramentas *WebCorp* estão sendo muito utilizadas por lexicógrafos, professores de línguas e linguistas como recurso de pesquisa. Nessa tese será útil não só para analisar como se apresentam as EIs em contextos autênticos como também para observar a sua frequência.

O *Webcorp* oferece dois tipos de busca: simples e avançada. A busca simples prevê os campos: *keyword* (palavra-chave ou palavra de busca), seleção do buscador, *sensitive case* (seleção de palavras iniciadas por maiúsculas ou minúsculas), *span* (extensão do contexto da palavra-chave, isto é, o número de palavras que queremos à esquerda e à direita da palavra de busca) e a língua sobre a qual queremos obter informações (BEVILACQUA, 2011, p. 73-82).

Por sua vez, a busca avançada (*advanced options*) oferece mais filtros além daqueles incluídos na busca simples: domínio na *Web* (**.br**; **.es**; **.uk**; **.it**; etc.), *sites* populares e área ou tema (*wordfilter*) relacionado à busca. Podemos, por exemplo, obter informações sobre a EI “cair como uma luva” apenas em textos escritos no português do Brasil e assim selecionamos o domínio **.br**, procedimento que exclui as buscas em textos escritos provenientes de outros países de língua portuguesa. O mesmo para o italiano, inserindo, por exemplo, a EI *bere il bicchiere della staffa* e selecionando o domínio **.it**.

Podemos usar uma palavra-chave e, clicando sobre ela, abre-se uma nova janela com o texto completo e com as ocorrências da palavra de busca em amarelo. Pode-se ainda ter acesso à fonte do texto, o que garante a confiabilidade da informação.

⁸³ Cf. <https://sites.google.com/site/linguacorporus/ferramentas-webcorp>

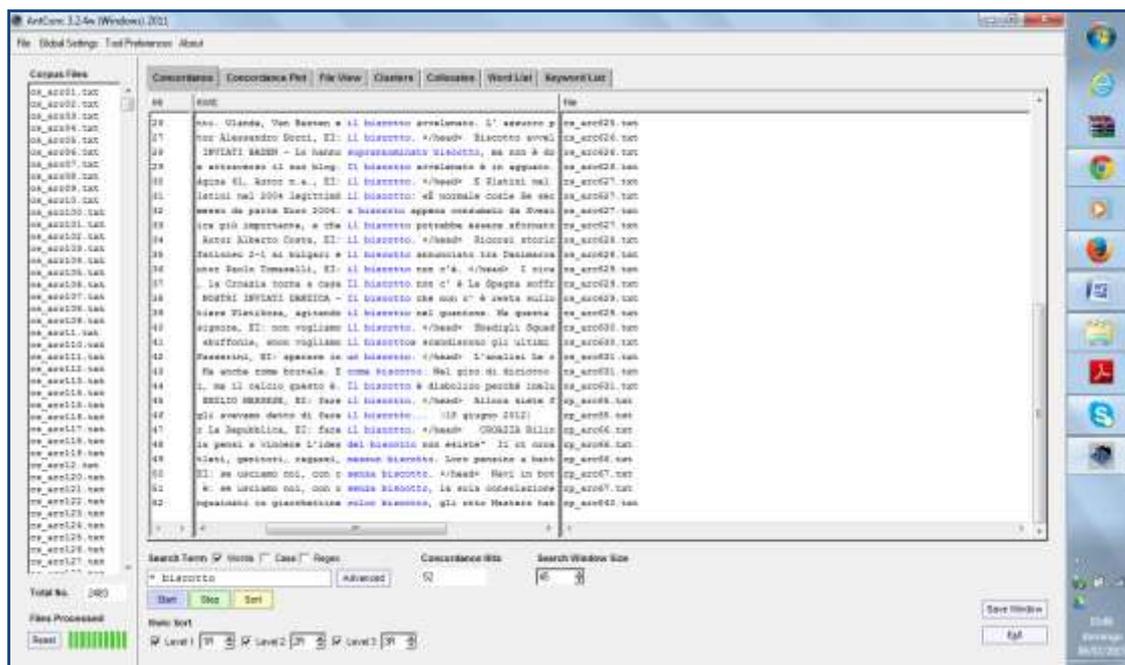
2.3.1.3 A ferramenta *AntConc*

A ferramenta *AntConc* 3.2.4 é um concordanciador que permite buscar de forma rápida e eficiente ocorrências e combinações linguísticas em *corpora* para identificar padrões reais do uso da língua. Assim, com esse software é possível listar como, no nosso caso, se comportam as EIs no *corpus* que queremos analisar.

A ferramenta *AntConc* permite acionar diferentes funções como, por exemplo, produzir listas de concordâncias com determinada palavra, verificar uma palavra que pode se combinar com outras para formar colocações, ou ainda criar listas de palavras-chave (*keywords*), entre outros.

No programa *Antconc*, há também a alternativa de usar o asterisco (*) como um caractere curinga (*wildcard*), ou seja, um caractere de significação aberta. A *wildcard* pode ser usada para diferentes tipos de busca, conforme o objetivo da pesquisa. Para a busca das EIs procuramos pelo seu núcleo considerado mais fixo ou estável (o chamado *nocciolo duro* [Giacoma, 2012] ou ‘núcleo duro’), assim eliminamos pequenas variações de EIs de distribuição restrita ou de EIs verbais (*come il cacio sui maccheroni* ao invés de *essere come il caccio sui maccheroni*, por exemplo), às vezes substituindo um termo no meio da EI por um asterisco. Por exemplo, no caso de uma EI como *fare il biscotto*, que pode ocorrer com o artigo determinativo *il* (*il biscotto*), mas também com o artigo indeterminativo *un* (*un biscotto*), no lugar do artigo utiliza-se o asterisco (** biscotto*) para buscar resultados com as duas formas. Como na figura reproduzida abaixo:

Figura 3: Busca pelo item *biscotto* com *wildcard* (** biscotto*).



Fonte: Ancont, 2014.

2.3.2 Tratamento automático de EIs

O Processamento Automático de Línguas Naturais (doravante PLN) denota o desenvolvimento de sistemas computacionais capazes de processar objetos de natureza linguística. As pesquisas dessa natureza têm como meta projetar e implementar sistemas computacionais avançados em que a comunicação entre o homem e o computador possa realizar-se por meio de línguas naturais, e não por meio de instruções e comandos codificados numa linguagem de programação artificialmente construída por programadores. Um empreendimento polêmico, complexo, desafiador e fascinante, nas palavras de Dias-da-Silva (1996, p. 13).

À época da elaboração de sua tese, Dias-da-Silva observou que, com quase meio século de experiências, o PLN era um campo de estudos bastante heterogêneo e fragmentado, o qual acumulava vasta literatura e agregava pesquisadores de várias especialidades, com formação acadêmica e interesses diversos.

Para esse autor, entre as falhas observadas no campo de estudos do PLN encontra-se o não raro tratamento superficial dado aos complexos fenômenos da linguagem. Constata e lamenta que os fenômenos linguísticos, cuja compreensão é essencial para o sucesso das pesquisas em PLN, tenham sido subdimensionados por um “pernicioso distanciamento entre os Estudos de PLN e os Estudos Linguísticos”. Pondera, ainda, que um trabalho

interdisciplinar seria extremamente desejável, mas que, ao mesmo tempo, representa um desafio para ambas as classes de profissionais: os cientistas da linguagem e os engenheiros da linguagem.

Passados 18 anos da tese pioneira (DIAS DA SILVA, 1996), podemos perceber alguns resultados do esforço conjunto de linguistas e informatas. No Brasil, por exemplo, é possível mencionar dois núcleos de pesquisas que contam com a soma desses esforços e cujos membros trabalham ativamente em projetos que estudam as línguas naturais: o Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional – NILC, da Universidade de São Paulo, e o Núcleo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, coordenado pela Profa. Renata Vieira.

Na Itália, ressaltam-se os nomes de Mirella Conenna (2000), autora, entre outros, de um estudo para extração automática de provérbios, e de Nicoletta Calzolari (2000), diretora do *Istituto di Linguistica Computazionale* do *Centro Nazionale di Ricerche*, em Pisa.

Vamos nos concentrar aqui em algumas pesquisas em PLN relacionadas ao objeto do nosso estudo, as EIs.

O tratamento de blocos de palavras que os linguistas/fraseólogos chamam de UFs (no nosso caso específico as EIs) mostra-se particularmente complexo também para os informatas, que os denominam *multiwords expressions* (MWE), “expressões multipalavra” (doravante EMs), representando um campo de trabalho altamente desafiador.

Nesse sentido, pesquisas em PLN estão se dedicando a propor métodos para automatizar a aquisição lexical que “têm se centrado em um conjunto de fenômenos para os quais recursos lexicais são particularmente carentes de cobertura, entre os quais se destacam as expressões multipalavras” (Villavicencio et al, 2009). Enfim, aqui o desafio é a detecção automática de EIs em meio a outros tipos de expressões multipalavra.

Sager *et al* (2002) definem EMs como sendo “[...] interpretações idiossincráticas que cruzam os limites (ou espaços) das palavras”. Os autores se concentram na diferença entre a interpretação de uma EM (‘bode expiatório’) como um todo e os significados isolados das palavras que a compõem (‘bode’ e ‘expiatório’), considerando como EMs um grande número de outros fenômenos, da mesma forma que os linguistas apresentados neste capítulo consideram as UFs. Segundo Villavicencio & Ramisch (2010, p. 31), por serem de natureza diversa, EMs formam um conjunto muito heterogêneo: expressão idiomática (‘chutar o balde’), colocação (‘sal e pimenta’), composto nominal (S+de+S= ‘faca de pão’), nome próprio (‘Estação da Sé’), substantivo + preposição (‘cópia de’), verbo de suporte (*fire burns*), preposição de suporte (‘em perigo’), verbo preposicionado (‘procurar por’), construção

verbo-partícula (CVP – *shut up*), CVP com preposição (*put up with*), verbo+subs+prep (*take advantage of*), adj+prep (‘similar a’), sequência lexical (‘eu gostaria de’), expressão fixa (*ad hoc*) e SP (sintagma preposicionado) sem artigo (‘de cama’, ‘em reunião’).

Continuando nessa linha, Villavicencio observa que é tarefa complicada decidir se uma sequência de palavras constitui uma EM ou não, pois envolve não somente a avaliação das propriedades gerais de EMs, mas também a avaliação de características de tipos específicos (como as expressões idiomáticas que queremos investigar, por exemplo).

Uma classificação de EM de Sager *et al.* (2002) “permite agrupá-las em classes de dificuldade para métodos de identificação automáticos” (VILLAVICENCIO & RAMISCH, 2010, p.17). Sager as divide em dois grandes grupos: *expressões institucionalizadas* e *expressões lexicalizadas*.

– As *expressões institucionalizadas* são sintática e semanticamente composicionais, mas “estatisticamente idiossincráticas” (VILLAVICENCIO & RAMISCH, *op cit.*, p.18)⁸⁴. As mais representativas do grupo são as colocações: ‘sal e pimenta’, ‘bagagem emocional’, etc. Podem variar de duas a cinco palavras e envolver palavras não adjacentes, fator que acarreta problemas para a identificação de EMs, pois “não se pode saber *a priori* quais os limites das EMs a serem extraídas automaticamente de textos” (VILLAVICENCIO & RAMISCH, *op cit.*, p.18).

– Já as *expressões lexicalizadas* são expressões que apresentam certa rigidez formal. Abarcam EMs que possuem, pelo menos, sintaxe ou semântica parcialmente idiossincrática, ou contêm palavras que não ocorrem isoladamente. São subdivididas em três grupos:

i) *expressões fixas*: são as mais rígidas de todas, não apresentando variações morfossintáticas nem permitindo modificações internas, como *ad hoc*;

ii) *expressões semifixas*: permitem certo grau de variação. Desse grupo fazem parte as **expressões idiomáticas indecomponíveis**, que aceitam variação apenas quanto à flexão e à forma reflexiva, mas não variação sintática (modificações internas ou para a voz passiva). A expressão *kick the bucket* pode ser usada, por exemplo, no passado (*kicked*), mas não admite modificações internas (*kick the big bucket*, por exemplo);

iii) *expressões sintaticamente flexíveis*: ao contrário das semifixas, possuem maior variabilidade sintática. EMs desse tipo incluem construções do tipo verbo-partícula (*look up* e *break up*), EIs decomponíveis (‘ser barra pesada’ e ‘a barra pesou’), verbos de suporte (‘tomar um banho’, ‘dar uma caminhada’, etc).

Os componentes de EM desse tipo podem estar separados uns dos outros por aceitarem constituintes variáveis ou devido à variação na ordem sintática por apassivamento e topicalização, entre outros. Por exemplo, em *eat up*, o verbo (*eat*) pode estar separado da partícula (*up*) por complementos de extensão imprevisível, como em *eat up the delicious and*

⁸⁴ Ou seja, coocorrem com uma frequência muito maior do que qualquer outra formulação.

very expensive Belgian chocolate X eat the delicious and very expensive Belgian chocolate up. Esse grau de flexibilidade varia de uma expressão para outra e não é previsível. Por exemplo, *spill the beans* e *kick the bucket* são duas expressões idiomáticas formadas por verbo transitivo e objeto direto, mas diferem quanto ao grau de flexibilidade: a primeira é sintaticamente flexível e a segunda é semifixa.

Tal classificação permite observar que EMs, embora possam ser de mesma natureza (indecomponíveis) e constituição (verbo transitivo + objeto direto), podem não ter o mesmo comportamento. Na escala acima, as EMs são classificadas como *expressões lexicalizadas semifixas* (*kick the bucket*) e não aceitam variação sintática. Porém, no item iii, encontramos a EI *spill the beans* como exemplo de que ‘o grau de flexibilidade varia de uma expressão para outra’ (RIEHMANN, 2001).

O diverso grau de flexibilidade ocorre também para as EIs indecomponíveis ‘bater as botas’ e ‘chutar o balde’⁸⁵, ambas compostas por verbos transitivos + objeto direto. Enquanto ‘bater as botas’ (como *kick the bucket*) é semifixa, a expressão ‘chutar o balde’⁸⁶(como *spill the beans*) é **sintaticamente flexível** – pode-se dizer ‘chutar **mesmo** o balde’ ou ‘chutar **de vez** o balde’ e *spill all the beans* ou *spill some beans*, como permite observar nossa rápida consulta no motor de busca Google:

Question! Should I spill all the beans, or just some?

(Acesso em 24/02/12).

<http://www.verlakay.com/boards/index.php?topic=17485.0;wap2>

Is it always good to spill all the beans.

(Acesso em 24/02/12).

<http://empoweryourself.myfreeforum.org/archive/is-it-always-good-to-spill-all-the-beans>

Or just give me a call if you want to spill some beans.

(Acesso em 24/02/12)

<http://empoweryourself.myfreeforum.org/archive/is-it-always-good-to-spill-all-the-beans>

Chega um momento na vida que tem que **chutar mesmo o balde...**

(Acesso em 24/02/12).

www.precisofalar.com.br/forum/trabalho/vaidade-ou-loucura?

O ex-presidente do PSB de Balneário decidiu **chutar de vez o balde...**

(Acesso em 24/02/12).

www.cambc.sc.gov.br/clippings/imprimir/7371

Também encontramos exemplos com EIs italianas de mesma estrutura sintática. Expressões como *chiudere bottega* (‘pendurar as chuteiras’), *alzare il gomito* (‘tomar um

⁸⁵ Villavicencio & Ramisch, p.36, 2009.

⁸⁶ Villavicencio & Ramisch, p.36. 2009.

pileque’) e *tagliare la corda* (‘puxar o carro/picar a mula’) deveriam ser classificadas na escala de Sager como semifixas, uma vez que são EIs indecomponíveis. No entanto, a exemplo do que ocorre com *spill the beans* e ‘chutar o balde’, mesmo sendo indecomponíveis essas expressões aceitam variações sintáticas, com o acréscimo, por exemplo, de advérbios como *subito, troppo, un po’, molto*:

*Oltre tutto, se quello è davvero il numero dei salvati, allora possiamo **chiudere subito bottega**, noi e loro.*

(Acesso em 24/02/12).

www.qumran2.net/parolenuove/mobile.php?mostra

*Divertiti...senza **alzare il gomito!***

(Acesso em 24/02/12).

<http://ilquotidianoinclassa.quotidiano.net/2012/02/divertiti-senza-alzare-il-gomito/>

*Fabio Capello avverte i giocatori della nazionale inglese: **alzare troppo il gomito** significa abbassare l'età del ritiro.*

(Acesso em 24/02/12).

<http://www.vocegiallorossa.it/altre-notizie/capello-alzare-troppo-il-gomito-riduce-la-carriera->

*Comunque buon appetito e non **alzare molto il gomito.***

(Acesso em 24/02/12).

<https://it-it.facebook.com/.../216038478455101/?ref>

No entanto, esse grau de flexibilidade “[...] parece não ser previsível a partir da estrutura sintática em si”, afirmam Villavicencio & Ramisch (2010, p. 36). Em uma avaliação de distribuição de flexibilidade de EMs, os autores constataram, porém, alguma regularidade: os 43 casos de expressões verbais encontrados dividiam-se em 22 grupos, cada qual com um padrão de variação distinto e distribuição não uniforme. Os maiores grupos eram aqueles que possuíam características regulares, como os grupos com verbos transitivos e complementos definidos, caso das expressões acima. Quanto mais variabilidade sintática, menor o número de elementos do grupo (*touch/find/strike a [raw] nerve*). Por extensão, poderíamos aventar a hipótese de que quanto menor o número de elementos do grupo, menos congelado ele é e mais imprecisões/dificuldades apresenta para o reconhecimento automático da sua função como EI.

A classificação de EMs por grupos de dificuldade para métodos de identificação automáticos, sugerida por Sager e apresentada acima nesse texto, refere-se ao fenômeno do congelamento em Fraseologia, objeto de pesquisa especialmente de linguistas como Gross (1996) e Mejri (2000). Tal fenômeno é fundamental para a identificação e caracterização das UFs/EMs, e as reflexões desses estudiosos podem ser úteis aos estudos de PLN, tendo, eles próprios, interesse no tratamento automático das línguas.

No que tange especificamente às EIs, Araujo & Ramisch (2011) desenvolveram uma ferramenta denominada *multiword expressions toolkit*, a qual se espera possa ser aprimorada em breve para, quem sabe, conseguir identificar essas estruturas em *corpora*, contando com o trabalho conjunto de informatas e linguistas. No entanto, até o momento, ainda não se logrou realizar uma listagem que contemple especificamente EIs, de forma que a tarefa de identificá-las é, ainda, bastante artesanal.

2.3.3 Distinções: expressões idiomáticas

Dentre as várias subcategorias abarcadas pela Fraseologia, o tipo de unidade fraseológica que nos interessa investigar restringe-se às EIs. Uma EI é uma UF definida a partir de três propriedades: a indecomponibilidade, a cristalização e a idiomaticidade.

Para que uma UF seja uma EI, ela deverá ser indecomponível, ou seja, composta de duas ou mais unidades linguísticas, já que uma única unidade não será suficiente para caracterizá-la como tal. Deverá ainda ser cristalizada, ou seja, uma combinação fechada, uma vez que a substituição ou a inclusão de qualquer outra UL, com raras exceções, poderá desvirtuar a interpretação do significado da expressão.

A terceira propriedade é a idiomaticidade, traço essencial das EIs, que, a nosso ver, é determinante para que uma UF seja classificada como “idiomática”, ou seja, ela deverá ser necessariamente conotativa ou opaca semanticamente, em maior ou menor grau. Há UFs que são indecomponíveis e cristalizadas, mas seu significado é transparente e por isso não podem ser consideradas EIs como as entendemos aqui.

Resumindo, “[...] o significado idiomático de uma EI, que provém de seu caráter conotativo, só pode ser compreendido se esse for usado da maneira como foi cristalizado. Uma EI é, portanto, a cristalização indecomponível de um uso conotativo.” (RIOS, 2003, p. 39).

As propriedades das EIs serão tratadas com mais detalhes no próximo capítulo, com vistas ao propósito de selecionar as unidades que irão compor a nomenclatura do hiperdicionário semibilíngue de EIs italiano-português.

CAPÍTULO III – EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM REVISÃO

Nos dois capítulos anteriores, traçamos um panorama das áreas de estudo nas quais se enquadra esta pesquisa: a Lexicografia e a Fraseologia e, dentro dessa última, a Fraseografia e a Fraseodidática. Apresentamos também uma revisão da literatura e dos diferentes pontos de vista de fraseólogos e lexicógrafos a respeito das várias unidades fraseológicas (UFs). Além disso, apresentamos uma revisão dos aportes da Linguística de *Corpus* (LC) e do Processamento de Língua Natural (PLN) para o tratamento de EIs, UFs foco desta tese.

Neste terceiro capítulo, abordamos o valor das EIs como ULs portadoras da cultura e da idiossincrasia dos povos e apresentamos as razões pelas quais acreditamos que elas devam fazer parte de um programa de estudos de LE. Na sequência, descrevemos as principais características que definem uma EI e explicitamos nosso posicionamento em relação a sua definição.

3.1 EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS E CULTURA

Na língua mãe (doravante LM) ou em uma LE, as EIs são um terreno fascinante e inesgotável, registrando costumes, relações sociais, reações e sentimentos dos falantes frente a acontecimentos, ambientes e pessoas. Por isso representam um potente veículo de difusão da cultura do povo que as produz e refletem o ser humano no seu eterno criar e recriar. A esse propósito, o linguista italiano Tullio De Mauro lembra que

[...] não existe educação sobre os usos linguísticos de uma sociedade que não seja, ao mesmo tempo e complementarmente, uma educação sobre os usos culturais e sociais. Aprender uma língua significa adentrar uma tradição que não é feita somente de palavras e de frases vazias, mas de palavras e de frases que encontram o seu sentido na estreita relação com a tradição e a vida de uma cultura e de uma sociedade.⁸⁷ (1982, p. 160-162) [trad. nossa]

Já há muito tempo nas pesquisas fraseológicas afirma-se que as UFs são estruturas específicas da língua que acumulam o potencial cultural de um povo. A esse fato refere-se Babkin (1979, p.07, apud BARÁNOV; DOBROVOL'SKIJ, 2009), ao afirmar que a idiomática “é o *sancta sanctorum*⁸⁸ de uma língua nacional”, em que **de um jeito irrepetível** se manifesta o espírito e a peculiaridade de uma nação (BARÁNOV; DOBROVOL'SKIJ, 2009, grifo nosso).

⁸⁷ No original, “(...) non vi è educazione alle usanze linguistiche di una società che non sia nello stesso tempo, complementarmente, educazione alle usanze culturali e sociali. Imparare una lingua significa immettersi in una tradizione che non è fatta solo di parole e frasi vuote, ma di parole e frasi che hanno il loro senso nel rapporto stretto con la complessiva tradizione e vita d'una cultura e d'una società.”

⁸⁸ Cf. o DRAE “cosa que para una persona es de singularísimo aprecio”.

Perpetuadas através da memória coletiva, as EIs constituem uma das facetas mais coloridas do patrimônio sociocultural das línguas, resistindo à passagem do tempo sem perder sua vitalidade. Elas exprimem, às vezes de forma figurada, conceitos presentes em várias línguas, mas não necessariamente expressos da mesma maneira, uma vez que refletem tradições culturais diferentes. A cultura italiana, historicamente marcada pela tradição católica, possui um vasto repertório de EIs que fazem referência à religião: *essere di un'altra parrocchia, cominciare da Adamo e Eva, fare il giro delle sette chiese, non essere uno stinco di santo, avere qualche santo in paradiso, mandare da Erode a Pilato, essere una madonnina infilzata, fare gli interessi della propria parrocchia, non essere farina da far ostie*, para citar algumas. Por sua vez, a cultura brasileira, dada a importância que atribui ao futebol, cunhou um sem número de fraseologismos que fazem alusão a esse esporte como, por exemplo, 'levar bola nas costas', 'tirar o time de campo', 'não apitar nada', 'pisar na bola', 'pendurar as chuteiras', 'dar de dez a zero', 'jogar em outro time', 'estar com a bola murcha', 'Deus não joga, mas fiscaliza', 'não se mexe em time que está ganhando'.

O seguinte exemplo de EIs que, curiosamente, nesse par de línguas se insere justamente nos campos léxicos da religião e do futebol, ilustra como a especificidade de universos culturais diferentes reflete-se em diferentes correspondências linguísticas: a EI italiana *essere di un'altra parrocchia* (literalmente 'ser de outra paróquia') significa 'ser homossexual'; já o português brasileiro expressa o mesmo conceito com a EI 'jogar em outro time'. Giacoma (2012:82), cuja obra versa sobre a fraseologia e a fraseografia italiano-alemão, observa o mesmo com relação a EIs italianas que, diferentemente do alemão, têm suas raízes na esfera religiosa, e cita outros exemplos como *non avere voce in capitolo, essere come il diavolo e l'acqua santa, gettare il saio/la tonaca alle ortiche*.

Sendo um dos objetivos da tese a elaboração de uma amostragem de verbetes do modelo de hiperdicionário, procuramos trazer, nesta seção, exemplos de EIs referentes ao campo semântico que elegemos para a amostragem – o campo da alimentação, atividade revestida de particular importância na cultura italiana. Prova disso encontra-se no texto do guia de uso do *Dizionario di Tedesco* (VERDIANI; GIACOMA; KOLB, 2001) da editora Zanichelli: "Uma atenção especial foi dedicada, na seção italiana, aos verbetes referentes à cozinha e aos vinhos, dada a importância destes dois setores na nossa cultura nacional⁸⁹".

⁸⁹ No original, "*Una particolare attenzione è stata dedicata nella sezione italiana alle voci riguardanti la cucina e i vini, vista l'importanza di questi due settori nella nostra cultura nazionale.*" Disponível em: <http://online.scuola.zanichelli.it/alt/materiali/tedesco/guidauso.html>

O ato de comer é uma atividade cultural e também um ato social que “manifesta-se por distintos ritos ou procedimentos que envolvem o cultivo, a seleção do que pode e deve servir de alimento, a [sua] preparação [...]” (MONTEIRO-PLANTIN, 2011, p. 254). As EIs que de alguma forma estão relacionadas à alimentação são denominadas ‘gastronomismos linguísticos’. Os gastronomismos linguísticos definem-se como sendo EIs que se referem seja ao produto a ser consumido (em italiano, teríamos então EIs como *non essere farina da far ostie, rendere pan per focaccia, essere come il cacio sui maccheroni*), seja aos utensílios utilizados na preparação dos alimentos (*avere il mestolo in mano, sapere cosa bolle in pentola, avere il coltello dalla parte del manico*). Além dessas, incluímos aqui as EIs que indicam a ação de comer ou preparar os alimentos (*mandare a farsi friggere, mangiare a crepelle*).

Retomando o que acima dizíamos sobre universos culturais diferentes, uma EI muito frequentemente traz as marcas das características socioculturais da comunidade linguística que a gerou. É por isso que, enquanto os brasileiros ‘**garantem [ou defendem] o leite das crianças**’ e os italianos *si portano a casa la pagnotta*, os norte-americanos, ao invés do ‘leite’ e da *pagnotta*, preferem *bring home the bacon* – todas expressões que significam ‘manter a família economicamente’⁹⁰. Essa última expressão provavelmente só poderia ter origem na cultura anglo-saxã, já que o *bacon* é um elemento preponderante na alimentação desse povo, sobretudo no café da manhã, uma marca cultural que se cristaliza na expressão.

Assim também a maior iguaria russa, o caviar, desembarcou na efervescente Paris dos anos 1920, que recebia aristocratas e intelectuais russos exilados. Por obra de dois irmãos armênios⁹¹, cuja tradicional empresa ainda hoje é responsável pela venda de 20% do caviar produzido no mundo, o caviar russo foi apresentado aos parisienses e, da França, as ovas do esturjão foram alçadas ao *status* de um dos produtos mais glamourosos da gastronomia mundial. É esse o *background* cultural que explica a corrente expressão francesa *c'est du caviar*⁹², que designa algo perfeito, e a expressão antônima, *ce n'est pas du caviar*, que designa um produto ou algo inferior e nada refinado.

⁹⁰ Já em francês, uma EI equivalente seria *faire bouillir la marmite*, enquanto na Espanha dir-se-ia *ganarse los garbanzos* (*garbanzo* = ‘grão-de-bico’), EI que possui muitas variações, segundo o país de fala hispânica que elegermos: *ganarse el cocido*, no México, e *ganarse el puchero*, na Argentina e no Chile. *Ganarse la papa*, na República Dominicana, na Colômbia e na Bolívia. *Ganarse los frijoles (frejoles)*, no Peru. *Ganarse los porotos*, no Panamá e no Equador.

⁹¹ Após a Revolução Comunista na Rússia, em 1917, os irmãos armênios Melkoum e Mouchegh Petrossian migraram para a capital francesa, de onde importaram, em 1920, as primeiras duas toneladas de caviar da Rússia. Disponível em: <http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/2011/11/petrossian.html>.

⁹² Cf. Xatara (2007).

Em línguas diferentes, frequentemente uma ideia é representada dentro do mesmo campo semântico sem que os elementos das EIs envolvidas se mantenham os mesmos, ou seja, há uma equivalência de significado, mas os lexemas não são iguais. É o que constata Giacoma ao analisar os diferentes animais presentes em EIs do italiano e do alemão, observando que as metáforas italianas elegem o burro, ao passo que as alemãs preferem animais como o urso, a raposa ou a lebre (SKYTTTE, 1988, apud Giacoma, 2012, p. 82).

A identificação das diferentes representações do comportamento animal subjacentes às EIs de línguas diversas tem sido um filão produtivo dos estudos fraseológicos no Brasil (FALCÃO, 2002; 2009; CARAMORI, 2000; MARQUES, 2014). No manual *Fare come l'asino del pentolaio: cem expressões idiomáticas italianas para brasileiros* (TERMIGNONI, 2008), tivemos a oportunidade de analisar cem EIs italianas que contêm nomes de animais (e que denominamos 'zoônimos', p.15), percebendo que, em 32 delas, a EI brasileira correspondente não possui o mesmo zoônimo ou nem sequer contempla um. Sobre diferenças entre EIs italianas com zoônimos e EIs brasileiras correspondentes, no prefácio do manual Raso observa que

[...] em alguns casos a fauna ou o referente citado remete a um universo ambiental diferente (o muçum, por sinal palavra tupi, é parecido com a *anguilla* mas é uma espécie típica da América do Sul, assim como a anta, a araponga, a piranha e o carrapato, ou, fora do mundo animal, o abacaxi ou a cocada preta); como a forma pode denunciar a época de origem (por exemplo, *piazzare una cimice nel telefono* pressupõe tecnologias muito recentes), ou como às vezes é possível acompanhar o seu nascimento e a sua difusão: é o caso de *fare il vitellone*, que se deve à grande capacidade do cinema de Fellini em caracterizar certas figuras sociais, como aquela que gerou a internacionalização do termo *paparazzo*⁹³. (TERMIGNONI, 2008, p.12).

Exemplos da diversidade cultural espelhada nas EIs zoonímicas encontram-se também em Gomez (2004)⁹⁴: “*un frío de perros en español pasa a ser un frío de patos en francés (un froid de canard)*”. No entanto – poderíamos acrescentar –, se mantém ‘um frio do (de) cão’ em português e *un freddo cane*⁹⁵, em italiano. E “*una cabeza llena de pájaros se llena de grillos en italiano*” (GOMEZ, 2004), essa última uma referência à EI italiana *avere grilli per la testa*, ‘grilos’ que, por sua vez, transformam-se em ‘minhocas’ na EI brasileira (‘uma cabeça cheia de minhocas’).

⁹³ As EIs italianas e as EIs correspondentes em português às quais se refere Raso são as seguintes: *essere un'anguilla (imburrata)* – ‘ser um muçum ensaboado’; *essere un pollo* – ‘ser uma anta’; *essere una talpa* – ‘ser um(a) araponga’; *essere una cagna in calore (un'allupata)* – ‘ser uma cadela no cio (uma piranha)’; *attaccarsi come l'ostrica allo scoglio* – ‘grudar como (que nem) carrapato’; *prendersi una gatta da pelare* – ‘descascar um abacaxi’; *credersi il figlio dell'oca (della gallina) bianca* – ‘ser o rei da cocada preta’; *piazzare una cimice nel telefono* – ‘grampear o telefone’; *fare il vitellone* – ‘ser um boa-vida’. (TERMIGNONI, 2008, p.12).

⁹⁴ Disponível em: <http://www.1de3.es/2004/09/02/locuciones-diferentes-idiomas/>

⁹⁵ *Un freddo cane: temperatura bassissima*, cf. Zingarelli (2008).

Os animais também são chamados em causa quando queremos significar que uma determinada situação não nos parece clara, que a ela subjaz algo que pressentimos, sem que, contudo, possamos identificar o que é. Em tal situação, no Brasil, podemos dizer ‘Aí tem truta...’, ou ainda ‘Aí tem dente de coelho...’. Os espanhóis dizem que *hay gato encerrado*, os italianos também elegem o felino na expressão correspondente *gatta ci cova...*, enquanto os franceses expressam a mesma ideia com a EI *il y a anguille sous roche*.

De fato, salta aos olhos o número de pesquisas recentes em FC que são centradas no universo animal. Nos *Cadernos de fraseologia galega*, uma das mais respeitadas publicações da área, por exemplo, encontramos três trabalhos sobre UFs com zoônimos em um mesmo exemplar, o de nº 12, publicado em 2010⁹⁶. No II Congresso Internacional de Fraseologia e Paremiologia & I Congresso Brasileiro de Fraseologia⁹⁷, dentre as comunicações apresentadas, chama a atenção o fato de que sete exploram a fraseologia referente aos animais⁹⁸.

Ainda em uma perspectiva multilíngue e multicultural, em espanhol temos *llueve a cantaros*. Em português brasileiro, os cântaros se mantêm (‘chove a cântaros’), porém em italiano são substituídos pelas bacias (*piove a catinelle*) e em francês pelos baldes (*pleuvoir à seaux*)⁹⁹, podendo ainda dizer-se *il pleut à verse* e, de uso vulgar mas corrente, *il pleut comme vache qui pisse*. Entretanto, nem sempre é possível estabelecer uma relação entre imagem e significado. Nos países de língua inglesa, a chuva torrencial é indicada por uma expressão frequente que em nada se assemelha às anteriores e cuja metáfora – *to rain cats and dogs*¹⁰⁰ – não é passível de ser recuperada. De fato, em que cães e gatos teriam relação com a chuva? Ambientadas no campo semântico da gastronomia, as pesquisas de Pamies Bertrán (2011, p.

⁹⁶ Martínez Blanco, Xulián; Veiga Alonso, Serxio. *Fraseoloxía galega de peixes e outros animais mariños* (p.155-174); Silva López, Martina. *Símbolos nos fraseoloxismos con nomes de animais en alemán e español* (p. 273-286); Groba Bouza, Fernando. “*A cabalo regalado non se lle mira o dente*”. *Compilación da fraseoloxía equina galega actual* (p. 317-372).

⁹⁷ Ocorrido na Universidade Federal de Brasília, de 13 a 18 de novembro de 2011.

⁹⁸ CRUZ ROMÃO, Tito Lívio. *As aves de aquém e além-mar: fraseologias cotejadas entre o português do Brasil e o alemão* (In: ALVAREZ, 2012, II: 103-114); PEREIRA, Fausto Pinheiro. *Provérbios e outras expressões envolvendo animais: uma análise contrastiva entre japonês e português* (In: ALVAREZ, 2012, II:295-310); TERMIGNONI, Susana. *Fare come l’asino del pentolaio: cem expressões idiomáticas italianas para brasileiros* (ALVAREZ, 2012, II: 365-364). E ainda: FONSECA, Heloisa da Cunha. *Fraseologismos zoônimos: elaboração de uma base de dados português-francês*; MARTIN, Blanca Elena Sanz e PAREDES, Maria del Refugio Pérez. *El reino animal y el dominio corporal en la paremiología española: un análisis semântico*; PASTORE, Paula Christina Falcão. *A elaboração do dicionário inglês-português de expressões idiomáticas com nomes de animais*; PAIÃO, Jessica dos Santos e MARQUES, Elizabete Aparecida; *COMO EL PERRO Y EL GATO: uma análise desses animais em fraseologismos do espanhol peninsular* (In: *Livro de resumos. II Congresso Internacional de Fraseologia e Paremiologia & I Congresso Brasileiro de Fraseologia*, Brasília, 2011).

⁹⁹ As correspondências em francês desse exemplo foram extraídas de Xatara (2007). Disponível em: http://www.cnrtl.fr/dictionnaires/expressions_idiomatiques/voir.php?entryId=1858&lang=fp

¹⁰⁰ A propósito da EI *to rain cats and dogs*, veja-se também o ponto 3.3.3 deste capítulo, p.135.

49-64) e Monteiro-Plantin (2011, p. 249-275) são voltadas a examinar a relação entre língua e cultura, da qual “a fraseologia é um favorecido representante” (PAMIES BERTRÁN, *op.cit.*). No campo gastronômico, o elo entre fraseologia e cultura se evidencia nas conotações que os alimentos adquirem em determinada língua e que muitas vezes não se verificam em outra, como demonstrado no exemplo da EI *bring home the bacon*. “A gastronomia é uma fonte especialmente rica em culturemas” – diz Pamies Bertrán (*op. cit.*, p. 61-62) – “porque se encontra no cruzamento entre o SABOR, o CUSTO e os COSTUMES (tradições agrícolas e culinárias), domínios especialmente propícios a valorações inerentes, positivas ou negativas”.

Dessa forma, há botanismos (PAMIES BERTRÁN, 2011, p. 49) ou gastronomismos (MONTEIRO-PLANTIN, 2011, p. 249) que, por sua abundância e preço baixo, – como a banana no Brasil (‘a preço de banana’, ‘dar uma banana’, ‘ser um banana’, ‘como banana’) ou o *pimiento* [pimentão] na Espanha (*no valer un pimiento, importar un pimiento, no saber un pimiento, y un pimiento!*) – são culturemas que expressam um valor ínfimo ou, por associação, outros valores negativos, como nulidade, indiferença, ignorância, rejeição. Pamies Bertrán demonstra que a correspondência do *pimiento* em francês, com a mesma conotação negativa, não seria *piment* (‘pimentão’), mas *prune* (‘ameixa’), e observa que o caso do *pimiento* espanhol e da *prune* francesa evidencia como elementos gastronomicamente positivos podem ganhar conotações negativas. Pondera que talvez isso se deva ao “seu baixo custo, uma vez que o contrário pode ser observado em metáforas que contém produtos caros, como o azeite e a azeitona, cujas conotações são sempre positivas¹⁰¹” (2011, p. 62) e conclui explicando que “a discordância semiótica entre *pimiento* e *piment* mostra que um mesmo culturema muda de valores de uma língua para outra, enquanto a coincidência simbólica entre *pimiento* e *prune* demonstra que os mesmos valores podem recair sobre culturemas distintos em outro idioma”.

A noção de culturema é cada vez mais usada em estudos culturais, fraseológicos e tradutórios, embora sua origem não seja clara (LUQUE NADAL, 2009, p.95):

Segundo Mayoral Asensio (1999, p.67-72), Nord cita a seguinte definição de culturema, atribuída a Vermeer (1983, p. 8): Culturema: Um fenômeno social de uma cultura A, que é considerado relevante pelos membros dessa cultura e que, quando se compara com um fenômeno social correspondente na cultura B, evidencia-se que é específico da Cultura A.¹⁰² [trad. nossa]

¹⁰¹ Aqui também poderíamos incluir o já mencionado exemplo da EI francesa *c'est du cavar*.

¹⁰² No original, “Según Mayoral Asensio (1999:67-72), Nord cita la siguiente definición de culturema, atribuida a Vermeer (1983, p.08): Culturema: Un fenómeno social de una cultura A que es considerado relevante por los miembros de esta cultura y que, cuando se compara con un fenómeno social correspondiente en la cultura B, se encuentra que es específico de la Cultura A.”

Como veremos a seguir, Pamies Bertrán tem outra visão de culturema. Citando Luque Nadal, esse autor reitera a importância de se elaborar *dicionários culturais*, tanto monolíngues quanto bilíngues ou multilíngues, que descrevam o valor dos culturemas em diferentes línguas.

3.1.1 Culturemas, línguoculturologia e dicionários linguístico-culturais

A relação entre língua e cultura não é uma ideia nova. Humbolt (1820) já falava da língua como espírito da nação (PAMIES, 2011). Com o estruturalismo, essa ideia ficou quase esquecida, persistindo, porém, na Rússia, onde a escola da Semântica Lexical de Yuri Apresian (1974), e seus discípulos Dobrovolskij (1998) e a polonesa Wiersbicka (1997), e os fraseólogos da línguoculturologia Mokienko (1980) e Telyia (1996)

[...] nunca abandonaram a intuição de que existem ideias mais ou menos típicas de certas comunidades, com algum tipo de influência nas línguas locais, e que deveriam estar refletidas muito mais no léxico do que na gramática. É na fraseologia e na paremiologia, sobretudo, que vamos encontrar provas concretas e abundantes dessa relação língua/cultura. (PAMIES, 2011, p. 346).

Os culturemas¹⁰³ são símbolos extralinguísticos culturalmente motivados, que servem de modelo para que as línguas gerem expressões figuradas, como as UFs (PAMIES BERTRÁN, 2007). Quando entram na língua, as formas se fixam, mas o culturema mantém a sua autonomia, na medida em que é o seu valor simbólico o que agrega conjuntos de metáforas e permite que se continuem criando mais metáforas a partir dele (LUQUE NADAL, 2009). Pamies (2008) explica que o ‘louro’ (*laurel* em espanhol), por exemplo, é um culturema paneuropeo, comum a diversas culturas. Mesmo que o falante/ouvinte ignore a origem do *laurel*, e também a origem que explica o uso da EI *dormirse en los laureles*, o elemento literal continua vivo, pois falantes/ouvintes hispânicos não só conhecem o significado da locução (‘descuidar-se ou abandonar-se à atividade empreendida, confiando no êxito já atingido’¹⁰⁴, [trad. nossa]), como também sabem interpretar outras metáforas derivadas do mesmo culturema (LAUREL): *cubrirse de laureles*; fr. *se couvrir de lauriers* (‘conseguir êxito e fama’). Podem inclusive entender metáforas não necessariamente fixadas:

¹⁰³ Pamies Bertrán salienta que esta categoria tem um alcance diferente para outros autores, como Nord (1997), que a vê como um fenômeno social da cultura X que é considerado relevante pelos membros dessa cultura e é também específico dela. Para Pamies, um mesmo culturema pode ser compartilhado por várias culturas, e os seus membros não precisam ter consciência da sua existência nem da sua importância.

¹⁰⁴ No original, “*descuidarse o abandonarse uno en la actividad emprendida, confiando en los éxitos ya logrados*”, cf. DRAE, 1992.

sueña con los laureles, sólo le interesan los laureles. A essa possibilidade de entender outras metáforas a partir da inicial chamamos ‘produtividade’ (PAMIES, 2008, p. 45-46).

A línguoculturologia busca relações entre línguas e culturas através das associações de ideias que, inconscientemente, se transmitem e reforçam com a linguagem (PAMIES, 2011, p. 64). Os dicionários linguístico-culturais tratam dos fenômenos linguísticos associados a realidades físicas, culturais e sociais refletidos nas crenças, ritos e tradições dos falantes de uma comunidade linguística. Eles complementam os dicionários de fraseologismos e representam uma abertura a novos horizontes nas relações entre a Fraseologia e a Lexicografia através dos estudos culturoológicos (LUQUE NADAL, 2010).

O *Grupo de Investigación de Lingüística Tipológica y Experimental* (GILTE), com sede na Universidade de Granada, está elaborando material para a publicação de dicionários interlinguísticos e interculturais que recolham e sistematizem o vasto componente cultural presente no léxico de diferentes línguas do mundo a fim de poder comparar a riqueza expressiva que existe nas línguas (LUQUE NADAL, 2010, p. 22).

Nesse âmbito, ressalte-se a obra de Nadal (2010) *Fundamentos teóricos de los diccionarios lingüístico-culturales. Relaciones entre fraseología y culturología*, na qual o autor procura estabelecer os fundamentos que devem reger esse tipo de dicionário. Entre outros temas, aborda o debate sobre a universalidade e a especificidade das culturas, apresentando suas principais definições, bem como a polêmica relativa ao vínculo entre linguagem e cultura e linguagem e visão de mundo. Aborda também a função relevante das *palabras específico-culturais*, que representam realidades próprias de uma cultura, não existem em outra e são de difícil tradução (os *realia*). Sublinha a importância excepcional da fraseologia e da paremiologia para a observação dos fenômenos de simbolização na linguagem, pois elas são espelhos dos sistemas de valores de uma sociedade. Analisa oito culturas para estudar as principais diferenças culturais entre Oriente e Ocidente e as diferenças intraculturais em países multiculturais como os Estados Unidos. Dedicar também um capítulo para tratar os fundamentos teóricos da relação entre língua e cultura.

3.2 POR QUE ENSINAR EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS?

Um falante estrangeiro, embora conhecendo bem as regras da língua, pode produzir sentenças gramaticalmente corretas que não seriam aquelas produzidas por um nativo na mesma situação, o que é percebido pelo interlocutor como uma construção pouco natural e

destoante da usual. Da mesma forma, pode não entender uma sequência de palavras, apesar de conhecê-las todas. Isso porque, como vimos, essas estruturas foram convencionadas.

O uso de expressões fixas é um fato recorrente e constante na língua, por isso não se pode continuar a considerá-las como exceções e a pensar a língua exclusivamente como um conjunto de regras (FULGÊNCIO, 2008, p. 28).

No ensino/aprendizagem de LE, essas estruturas convencionadas ainda não ocupam o espaço que lhes cabe, nem têm o reconhecimento que merecem como imensa parcela do léxico cujo legado histórico e social constitui valor inestimável para uma comunidade linguística. Com efeito,

[...] na práxis didática e nos textos, a reflexão sobre a linguagem figurada geralmente é negligenciada e o aprendizado das expressões idiomáticas é frequentemente relegado a atividades pouco significativas e marginais¹⁰⁵(CARDONA, 2008).

Cabe notar que essas numerosas estruturas despertam naturalmente o interesse de quem estuda uma LE e são um instrumento precioso no desenvolvimento da competência comunicativa dos aprendizes, como demonstram os estudos de pesquisadores de renome internacional¹⁰⁶. Por esta razão, e dado o avanço alcançado nas pesquisas fraseológicas contemporâneas, queremos retomar e reforçar os dois adjetivos utilizados por Gonzalez Rey (2010) e por Sutkowska (2013), respectivamente, ao se referirem ao valor das UFs no domínio de uma LE: seu estudo é **incontornável** e seu papel na didática das LEs é **incontestável**.

Para refletirmos sobre a pertinência de ensinar EIs, valemo-nos de duas perguntas de Ettinger:

É possível, como falante de uma língua, expressar-se sem fraseologismos e, mesmo assim, comunicar-se perfeitamente com os demais? Seriam os fraseologismos (as locuções – precisa ele) realmente tão representativos e imprescindíveis no uso da língua a ponto de serem ensinados e aprendidos na língua materna ou em uma língua estrangeira?¹⁰⁷. (2008, p. 97).

Ettinger diz não se surpreender ao constatar que algumas pessoas discorrem sobre um tema com precisão e correção, durante longo tempo, sem usarem uma só UF, o que o leva a

¹⁰⁵ No original, “[...] *nella prassi didattica e nei testi, la riflessione sul linguaggio figurato viene generalmente trascurata e l'apprendimento delle espressioni idiomatiche è spesso relegato ad attività poco significative e marginali.*”

¹⁰⁶ Para mais detalhes sobre pesquisadores de renome que se dedicam aos estudos de fraseodidática ver item 1.4 p.41.

¹⁰⁷ No original, “[...] *É posible, como falante dunha lingua, expresarse sem fraseoloxismos e mesmo así comunicarse estupendamente cos mais? [...] os fraseoloxismos (locucións no noso caso) son realmente tan importantes, tan representativos e tan imprescindibles no uso dunha lingua como para ensinársese e aprenderse na lingua materna ou nunha lingua estranxeira.*”

questionar-se se elas realmente seriam necessárias. Na sequência, trataremos de dar nossa resposta à pergunta do fraseólogo alemão.

A respeito da competência linguística dos falantes, Fulgêncio (2008, p. 21) mostra, de forma brilhante, que não só de regras e parâmetros é feito o seu conhecimento e que a utilização de agrupamentos memorizados é um dos processos envolvidos na construção de sentenças. Além de sequências mais frequentes, preferidas e consideradas mais “naturais” pelos falantes em situações pragmáticas definidas, existem sintagmas memorizados, fórmulas fixas, blocos de palavras que eles repetem como um todo coeso.

Estudos do Léxico-Gramática¹⁰⁸ comprovaram empiricamente que as EIs são tanto ou mais numerosas que as construções livres (GROSS, 1994). De fato, as EIs, assim como as demais UFs, permeiam completamente a nossa linguagem, embora nem sequer o percebamos. Pollio et al (2000). analisaram nos anos 1970 diferentes tipologias de texto em diversos contextos comunicativos, demonstrando que são produzidas em média 4/5 expressões figuradas em um minuto de conversa, e Graesser et al. (1989), em uma série de debates na televisão, observaram a presença de uma metáfora em cada 25 palavras (citados por CARDONA, *op cit*, p. 46). Jackendoff (1997, p. 156) estima que “[...] o número de expressões multipalavra no léxico de um falante é da mesma magnitude que o número de palavras isoladas¹⁰⁹”. [trad. nossa]

Evidentemente há outras razões além do seu volume expressivo para se contemplar as UFs nos programas de ensino de LEs: elas permeiam diferentes tipos de texto e de discurso, tanto na língua oral quanto na língua escrita. Em conversas cotidianas e em leituras de jornais e revistas, deparamo-nos com UFs pertencentes ao patrimônio linguístico universal – como as EIs de origem bíblica *lavare le mani*/‘lavar as mãos’, ou originadas na história antiga *vittoria di Pirro*/‘vitória de Pirro’ –, que coexistem com EIs forjadas há bem menos tempo, fruto de eventos peculiares e emblemáticos de dada comunidade linguística. Em inglês temos a triste e eloquente expressão inglesa *to rearrange the deck chairs on the Titanic*¹¹⁰, ou seja, ‘emprender um esforço inútil em face de um desastre iminente’. Todas as línguas possuem um *background* cultural em constante evolução, e naturalmente vão incorporando novas

¹⁰⁸ Em *Méthodes et syntaxe* (1975) Maurice Gross assenta as bases teóricas da Léxico-Gramática nas quais demonstra que a separação entre léxico e gramática na descrição linguística é contraproducente, reflexão proveniente da observação de que sempre se deu prioridade à gramática em detrimento do léxico.

¹⁰⁹ No original, “[...] *the number of MWEs in a speaker’s lexicon is of the same order of magnitude as the number of single words.*”

¹¹⁰ *To rearrange the deck chairs of the Titanic: a pointless effort in the face of an impending disaster.* Literalmente ‘arrumar as cadeiras no deck do Titanic’. Disponível em: http://en.wiktionary.org/wiki/rearrange_the_deck_chairs_on_the_Titanic

unidades pluriverbais que nascem de acontecimentos marcantes da sua evolução histórica e cultural.

Pudemos observar que as EIs vão sendo inseridas, sempre com maior frequência, até mesmo nos discursos especializados. Evidentemente de maneira esparsa e pontual, porém de qualquer forma surpreendente em se tratando de um terreno a princípio inóspito para o cultivo dessas unidades, que tradicionalmente (e erroneamente, como vimos) eram consideradas típicas da coloquialidade. Isso prova que as EIs perpassam todo tipo de gênero textual. É assim que, em uma supervisão analítica com seus pares – todos especialistas, portanto –, o psicanalista relata que o paciente, não querendo se conscientizar do problema, ‘fez como a avestruz’ ou ‘fingiu-se de peixe morto’¹¹¹. Ou, em um artigo sobre um tema como metodologias do ensino de LE, o linguista afirma que “de nada adianta o professor *ter muita bala na agulha*¹¹², se não possui um alvo preciso”. Como se vê “[...] existe um mecanismo de retomada de estruturas completas, recuperadas da memória como um conjunto coeso (FULGÊNCIO, 2008, p.20)”, blocos de palavras pré-fabricados, memorizados e prontos para o uso que vêm em auxílio dos falantes nas interações comunicativas, até mesmo de cunho especializado entre pares. Parece-nos, portanto, ser inegável o papel de relevo que elas desempenham.

Já no jornalismo e na publicidade sabemos que as EIs são largamente empregadas, recurso valioso de jornalistas e publicitários para atrair a atenção do público leitor/consumidor em manchetes e chamadas publicitárias. Certamente muitos lembrarão, por exemplo, de uma campanha publicitária de eletrodomésticos que, há quase 20 anos, cristalizou, no português do Brasil, a expressão ‘não é nenhuma Brastemp’. Incorporada à linguagem informal com o sentido de ‘não é lá essas coisas/não é a sétima (oitava) maravilha do mundo’, é um exemplo de expressão que resistiu à passagem do tempo, sendo usada ainda hoje, embora com menos frequência. Outra expressão que nasceu no âmbito da propaganda brasileira é ‘a família margarina’, ou seja, a família perfeita, típica dos comerciais desse produto, os quais comumente utilizam a imagem de uma família sorridente, bonita e saudável. A língua italiana possui um correspondente na expressão *la famiglia mulino bianco*, na qual *Mulino Bianco* é o nome de uma famosa marca italiana de biscoitos e produtos de forno pertencente à tradicional indústria de massas Barilla, que veicula na mídia a mesma imagem

¹¹¹ Em italiano: *ha fatto come lo struzzo e ha fatto il pesce in barile*. Observação extraída da assistência à palestra do psicanalista italiano Stefano Bolognini na sede da SPPA, em Porto Alegre, junho de 2008.

¹¹² No original italiano: *avere molti colpi in canna*. PORCELLI, Gianfranco. Prospettive glottodidattiche. In: *Principi di glottodidattica*. Brescia: La Scuola, 1994. Capítulo traduzido por Liziane Mayer, em seu estágio de tradução no Curso de Bacharelado em Letras, UFRGS, 2009.

familiar que transpira saúde e felicidade. EIs um caso em que a realidade é percebida de maneira muito semelhante por sistemas linguísticos diferentes.

Consequentemente, programas de estudo de LEs que não atentem para a importância dessas estruturas (referimo-nos aqui às UFs em geral e não apenas às EIs) deixam em dificuldades o estudante que, inevitavelmente, com elas se defronta a todo momento quando em contato com a outra cultura, em manchetes jornalísticas, em anúncios publicitários, em programas televisivos ou na própria interação oral cotidiana, não conseguindo captar nuances e referências importantes da cultura estrangeira.

Esse fato, por si só, já seria suficiente para justificar a importância de estudá-las. Se não para empregá-las, para compreendê-las, e aqui nos deparamos com outra questão levantada por Ettinger quando pergunta: “No ensino de línguas deve desenvolver-se a competência fraseológica ativa ou passiva?” (2008, p. 100, trad. nossa). Para o linguista alemão, no ensino de LE deve ser feita uma nítida distinção entre essas competências, sendo que as UFs de uma LE devem ser aprendidas, em primeiro lugar, para adquirir uma competência fraseológica passiva¹¹³. E conclui: “Contar com conhecimentos fraseológicos profundos em uma língua estrangeira **facilita a compreensão leitora, dá pistas sobre as intenções do falante, torna as alusões contidas nos textos mais transparentes, permite entender jogos de palavras**, sobretudo na publicidade, etc.” (IGLESIAS IGLESIAS, 2007, p. 70-83, apud ETTINGER, *op.cit.*, 101, [trad. nossa])¹¹⁴ (o grifo é nosso).

Essa visão é reforçada por Luque Nadal:

[...] se analisarmos artigos de opinião atuais em espanhol, inglês, francês, etc., vemos que eles frequentemente apresentam dificuldades de compreensão para um leitor não familiarizado com universos culturais específicos de um país e de uma época, o que implica que um estudante estrangeiro precisará conhecer não somente aspectos da gramática e do léxico de uma língua, mas também ter outros conhecimentos adicionais de tipo cultural¹¹⁵. [trad. nossa] (2009, p. 95).

A mesma concepção encontra-se em Cardona:

¹¹³ O mesmo é reiterado nas palavras de Gonzalez Rey (2010, p.01): “*Faisant défaut dans les manuels de français langue étrangère actuels, même dans ceux qui se réclament du Cadre Européen Commun de Référence, ces expressions font généralement l’objet de recueils visant plutôt à la compréhension qu’à la production.*”

¹¹⁴ No original, “*Contar con coñecementos fraseolóxicos profundos nunha lingua estranxeira facilita a comprensión lectora, dá pistas sobre as intencións do falante, fai as alusións contidas nos textos máis transparentes, permite entender xogos de palabras, sobre todo na publicidade, etc.*”

¹¹⁵ No original, “[...] *si tomamos artículos de opinión actuales en español, inglés, francés, etc., vemos que frecuentemente presentan dificultades de comprensión para un lector no familiarizado con universos culturales específicos de un país y de una época, lo que implica que un estudiante extranjero necesitará conocer no solamente aspectos de la gramática y del léxico de una lengua sino también otros conocimientos adicionales de tipo cultural.*”

Frases idiomáticas, colocações, coocorrências, fórmulas de rotina e cristalizadas constituem um componente relevante do *corpus* lexical de uma língua. Todavia, pela sua própria natureza, elas apresentam algumas dificuldades no seu aprendizado. Tais expressões, de fato, são transparentes em uma determinada comunidade linguística, mas podem ser incompreensíveis ou de difícil interpretação para aqueles que aprendem uma língua estrangeira [...] ¹¹⁶ [trad. nossa] (2008, p. 45).

Eloquentes e dignas de nota são também as palavras de Guilhermina Jorge:

Introduzir a idiomaticidade no processo de aprendizagem de uma língua é oferecer aos aprendizes uma riqueza suplementar, um vínculo entre a língua e a experiência humana. Essa riqueza dá vida à língua e assim poderíamos falar de uma humanização da língua e do ensino ¹¹⁷. [trad. nossa] (1992, *apud* GONZALEZ REY, 2010).

Basta observar alguns poucos exemplos para comprovarmos essas afirmações, assim como a riqueza cultural que se reflete nas EIs e a importância desse conhecimento para os estudantes.

Exemplo nº 1: Podemos imaginar a dificuldade de um aprendiz brasileiro de língua italiana para entender a seguinte propaganda institucional em defesa de melhores condições de locomoção para os deficientes visuais:

¹¹⁶ No original, “*Frasi idiomatiche, collocazioni, co-occorrenze, forme routinizzate e cristallizzate costituiscono una componente rilevante del corpus lessicale di una lingua. Tuttavia, per la loro stessa natura, esse presentano alcune difficoltà nel loro apprendimento. Tali espressioni, infatti, sono trasparenti all’interno di una determinata comunità linguistica, ma possono essere incomprensibili o di difficile interpretazione per coloro che apprendono una lingua straniera [...]*”

¹¹⁷ No original, «*Introduire l’idiomaticité de la langue dans le processus d’apprentissage d’une langue, c’est offrir aux apprenants une richesse supplémentaire, un lien entre la langue et l’expérience humaine. Cette richesse donne vie à la langue et on pourrait parler d’une humanisation de la langue et de l’enseignement.*»

Figura 4- Jogo de palavras com a EI *mettere il bastone fra le ruote* em propaganda institucional

PUBBLICITA' PROGRESSO. LA PUBBLICITA' ITALIANA A DIFESA DEGLI INDIFESI.

Per i 4000 non vedenti di Roma una passeggiata in centro può diventare un percorso a ostacoli. Per colpa nostra.

Ci sono semplici norme di civiltà che spesso non vengono osservate neppure da chi ha dieci decimi. Eccone alcune.

Non parcheggiate in modo da ostruire il marciapiede.

Non gettate rifiuti per terra e se portate in giro il cane, portate anche una palette.

Non fate ruscios inutile: un non vedente si orienta con l'udito.

Non saltateci improvvisamente quando lo incontrate: vi renderete invisibili.

Se lo aiutate per strada o sull'autobus, non afferrate il suo braccio, ma offrigli il vostro. Quando vi separate, attenti a non lasciarlo davanti a un palo o a uno scalo.

Salutateci sempre: un sorriso o un cenno della testa non servono.

Seguite queste regole e il vostro buon senso: avrete già fatto molto.

Se volete fare ancora di più, presentate i vostri occhi, le vostre mani, la vostra voce alle associazioni dei non vedenti, anche per poche ore alla settimana. (Per informazioni, chiamate il numero 1678-661119).

Dare un grande aiuto a chi non vede è facile: basta essere un po' più gentili. Ricordate che la cortesia aiuta tutti a vivere un po' meglio: vedenti e non vedenti.

I NON VEDENTI USCIREBBERO PIU' VOLENTIERI SE NON GLI METTESSIMO LE RUOTE FRA I BASTONI.

Via Berthel, ore 14.20

Via del Melone, ore 11.10

Via della Farusina, ore 12.50

IL MESSAGGERO 20/10/92

Fonte: IL MESSAGGERO, 1992.

A EI italiana *mettere un bastone fra le ruote* (literalmente “colocar um bastão entre as rodas”) significa ‘criar obstáculos ao andamento de uma atividade ou de um negócio’ e equivale em português à EI ‘jogar areia’¹¹⁸. Nesta peça publicitária, há um jogo de palavras em que os vocábulos *ruote* (rodas) e *bastoni* (palavra que pode significar também ‘bengalas’) são invertidos, invertendo também a ideia de ‘criar obstáculos’, da expressão original: seriam as rodas dos carros, estacionados nas calçadas, a atrapalhar os deficientes visuais, cujos passos são orientados por suas bengalas. O artifício da deslexicalização (ou desautomatização), como é chamado, é muito usado para causar determinado efeito no leitor e chamar sua atenção, frequentemente em publicidade e na imprensa em geral.

¹¹⁸ Cf. Termignoni (2009, p.105).

Exemplo nº 2: O mesmo vale para a compreensão do jogo de palavras contido na chamada da seguinte propaganda da RAI – Radio Televisione Italiana, que tem como ilustração o desenho de ‘estranhos seres marinhos’ no fundo do mar e a chamada *Per non prendere granchi seguiamo le notizie fino in fondo*:

Figura 5 - Jogo de palavras com a EI *prendere granchi* em propaganda da RAI.



Fonte: RAI, 1996.

A expressão italiana *prendere granchi* [un granchio] (literalmente ‘pegar caranguejos [um caranguejo]’) significa ‘cometer uma gafe [um erro]/dar um fora’. Nesta publicidade, há um jogo de palavras entre os sentidos denotativo (pegar caranguejos) e conotativo (dar um fora/uma bola fora) na expressão *prendere granchi*. Além de reforçado pelo desenho, o efeito é reforçado também pela expressão *fino in fondo*, cujo significado é ‘até o fim’, mas que, contendo a palavra *fondo* [fundo], neste contexto também remete ao fundo do mar. Assim, a chamada publicitária, literalmente, lê-se ‘Para não pegar caranguejos, acompanhamos as notícias até o fundo’, contudo a mensagem realmente significa ‘Para não dar foras, acompanhamos as notícias até o fim’.

Exemplo nº 3: Em 2011, festejou-se o 150º aniversário da Unificação Italiana. Na ocasião, em jornais italianos e na imprensa em geral podiam ser lidas manchetes como essas: “*È successo un quarantotto celebra l’Unità d’Italia*”, “*Viva l’Italia ma fateci parlare un po’ male di Garibaldi*”, “*L’Italia è fatta facciamo i lettori*”, “*Artusi, l’Italia è fatta: diamole da mangiare*”, “*Viva Verdi! La colonna sonora del Risorgimento*”. Todos esses títulos contêm estruturas fraseológicas subvertidas – EIs, aforismas, *slogans* – que fazem alusão a episódios referentes à Unificação Italiana. Cristalizadas na língua e transmitidas de geração em geração, essas estruturas do italiano têm sua origem naquele período da história da Itália e são emblemáticas de eventos e personagens de relevo na cultura do país. Para quem estuda a língua de Dante, o domínio dessas formas idiomáticas é de grande valia. Além de permitir decifrar manchetes desse tipo, oferece a oportunidade de ampliar o conhecimento da cultura e da história da Itália, pois a riqueza semântica que elas contêm é como um fio que vai tecendo o traçado desse percurso singular e irrepetível da história.

As EIs *succedere (fare/essere) un quarantotto* permanecem ainda na fala cotidiana dos italianos, significando “uma situação imprevista de agitação e tumulto¹¹⁹”, reminiscência dos inúmeros movimentos revolucionários que sacudiram a Itália e a Europa da Restauração, sobretudo no ano de 1848, número que dá origem às EIs (*quarantotto* = ‘quarenta e oito’). Também a EI *parlar male di Garibaldi* passou a fazer parte do idioma com o significado de “[...] falar mal de coisas consideradas intocáveis e indiscutíveis¹²⁰”, uma referência ao papel desempenhado pelo herói de dois mundos no processo de Unificação Italiana.

Já o famoso aforisma¹²¹ *Fatta l’Italia bisogna fare gli italiani*¹²², atribuído por alguns ao ministro Massimo D’Azeglio, e por outros a Camillo Benso, Conde de Cavour, indicava um dos problemas mais sérios que o governo precisou enfrentar depois da Unificação: as imensas diferenças entre o Norte e o Sul e a pouca unidade cultural e linguística da Itália recém-unificada. Por último, a popularidade do compositor vêneta Giuseppe Verdi originou o igualmente famoso acrônimo V.E.R.D.I. (*Vittorio Emanuele Re D’Italia*) presente no *slogan* VIVA VERDI!, o qual, escrito nos muros das cidades italianas sob o domínio austríaco, difundiu-se na península como forma de incitar a monarquia dos Savoia a tomar o poder, o que efetivamente se verificou em 1861¹²³.

¹¹⁹ Cf. Dizionario Zingarelli, 2008: *avere una situazione improvvisa di agitazione e tumulto*.

¹²⁰ Cf. Dizionario Zingarelli, 2008: *parlar male di cose giudicate intoccabili e indiscutibili*.

¹²¹ O aforisma seria uma UF que possui um autor, diferentemente do provérbio, que é anônimo (FRANCISCO, 2010).

¹²² ‘Feita a Itália, é preciso fazer os italianos’.

¹²³ Para mais detalhes ver Termignoni, 2011.

Neste ponto, convém retomar o que diz Coseriu sobre o *discurso repetido* (Capítulo II, p. 58-61) ao incluir entre as UFs aquelas que podem ser “de citação”, ou seja, partes de textos, literários ou não, conhecidos como tais e importantes para se identificar as tradições linguísticas de dada comunidade. UFs que derivam de trechos literários de obras famosas como, por exemplo, *lasciate ogni speranza voi che entrate* ou *senza infamia e senza lode*, estão presentes no *Inferno* da Divina Comédia, de Dante Alighieri, e são encontradas diariamente em revistas e jornais da atualidade.

Outro bom exemplo é o célebre aforisma *Eppur si muove ...*¹²⁴, que Galileu Galilei teria murmurado, cabeça baixa, diante do Tribunal da Santa Inquisição, logo após ter renegado sua crença de que a Terra se move ao redor do Sol, forma que na Itália é *repetida* à exaustão, desautomatizada ou não, nas mais diversas circunstâncias comunicativas. A seguir, apresentamos três exemplos de manchetes de jornais italianos, extraídas do Google em uma rápida pesquisa. As duas primeiras manchetes trazem o aforisma desautomatizado (modificado), recurso que, como vimos, é frequente em textos jornalísticos e publicitários para obter determinado efeito – atrair a atenção, provocar o riso, ressaltar uma intenção, fazer um jogo de palavras:

- *Maledette primavere: Siria, eppur si muore*, manchete do jornal *on-line Il Primato Nazionale*, de 27 de março de 2014, sobre o conflito Síria-Turquia.
- *Eppur si mangia – Alimentazione, conservazione e cottura del cibo, distribuzione del rancio nella Prima Guerra Mondiale*, Exposição em Udine, de 25 de janeiro a 28 de fevereiro de 2014.

A terceira manchete apresenta o aforisma sem alterações e o utiliza para enfatizar a síntese da mensagem – a adoção gradual de livros didáticos digitais pelas escolas italianas, ainda que lentamente:

- *Scuola digitale ... eppur si muove*, manchete de 13 de novembro de 2013, sobre o decreto da adoção gradual, pelas escolas italianas, de livros-texto em formato eletrônico a partir de 2014. (Mauro Vecchio, www.punto-informatico.it, 30 Settembre 2013).

Fica claro, assim, que não se consegue decifrar uma infinidade de contextos se não se conhece a fraseologia da LE estudada. A mesma fraseóloga portuguesa Guilhermina Jorge,

¹²⁴ ‘E, no entanto, ela se move...’

refletindo sobre as dificuldades que tem o aprendiz de LE de decodificar (e também de codificar) as UFs, pondera:

O falante apercebe-se da existência da lexicalização e da originalidade semântica de dada estrutura na sua língua materna, mas **terá mais dificuldades em reconhecê-la e interpretá-la na língua estrangeira**. Deste modo, o falante enfrenta várias dificuldades no domínio da fraseologia:

- dificuldades de reconhecimento (a EI pode confundir-se com frases não idiomáticas);
- dificuldades de interpretação (o sentido literal pode preceder o sentido idiomático e substituir esse);
- dificuldades de produção (o falante pode sentir dificuldade em reutilizar a expressão num contexto) (JORGE, 1997, p. 40) [o grifo é nosso].

Além disso, importa ressaltar que, ao aprender UFs, o aluno se integra mais à realidade da língua da qual está procurando se apropriar, e passa a entender que as diferenças existentes entre essa última e a sua língua não residem somente nas formas linguísticas, mas expressam uma maneira diferente de se relacionar com o mundo. Com referência a uma sala de aula de LE cujos estudantes são provenientes de diferentes culturas e países, afirma-se:

Fazer uso de expressões fixas cria um sentido de **solidariedade de grupo**, dado que cada membro de uma comunidade linguística pode apoiar-se nos outros para captar alusões, reconhecer maneiras familiares de pensar, e assim por diante (FENGYING, p. 9, apud BOLDEA, [s.d], p.163-168)¹²⁵ [trad. nossa].

Outro aspecto sublinhado por Ettinger (2008, p. 95) é a adequação do emprego das UFs à situação comunicativa: o aprendiz deve saber o porquê do emprego das UFs e não simplesmente a sua paráfrase, deve não só aprendê-las, como também saber “*quem as usa, em que situação e com que intenção*”. Ettinger menciona como exemplo o fraseologismo espanhol *preparar/gastar una inocentada a alguien*, que pode ser parafraseado por *burlarse de alguien*. Ressalta, porém, a importância de saber que, na Espanha, esta brincadeira tem seu uso restrito ao dia 28 de dezembro, dia dos Santos Inocentes (por isso *inocentada*), correspondendo ao *poisson d’avril* na França, brincadeira que ocorre, diversamente, no dia primeiro de abril. Semelhantemente – acrescentaríamos – ao que ocorre no português brasileiro (primeiro de abril), no italiano (*pesce d’aprile*) e no inglês (*april’s fool*). Parece-nos evidente que a inserção das EIs no processo de ensino/ aprendizagem de língua italiana pode somente beneficiar o aluno. Conhecer essas formas idiomáticas implica conhecer o povo e a cultura que lhes deu vida, o que descortina uma infindável gama de possibilidades para o ensino de

¹²⁵ No original, “*Making use of ready-made expressions creates a sense of **group solidarity**, since each member of a language community can depend on the others to pick up allusions, to recognize familiar ways of thinking, and so on.*”

Els, pela sua criatividade, expressividade e presença constante nos discursos cotidianos, tornando muito atraente o seu estudo, inclusive em uma perspectiva contrastiva.

Como acreditamos ter demonstrado, estas são possibilidades que deveriam ser exploradas nas aulas de italiano para brasileiros, tanto sob o aspecto linguístico-comunicativo quanto sob o aspecto histórico-cultural, apresentando múltiplos e diversos prismas da sociedade, da cultura e da história italiana, de forma original e, por que não, recreativa.

3.2.1 O ensino da fraseologia segundo o Quadro Comum Europeu

Para dar uma resposta à crescente necessidade do ensino de LEs e enfatizando a importância da identidade cultural dos povos, o Conselho Europeu desenvolveu uma série de políticas relacionadas à aprendizagem de línguas. É neste contexto que nasce o Quadro Comum Europeu de Referência para as Línguas.

O Quadro é um primeiro avanço para o ensino das UF's ao incluí-las como elementos obrigatórios de estudo (GONZÁLEZ REY, 2006, p.123-145). Nesta seção, com base na análise desse texto de González Rey, fraseóloga especializada em Fraseodidática, descreveremos brevemente como o Quadro Europeu circunscreve o ensino das UF's.

Enquanto a Fraseologia como disciplina linguística já está consolidada no plano teórico, González Rey afirma que o mesmo não se pode dizer da Fraseodidática, cuja situação se apresenta muito desigual nas diferentes línguas e cujas propostas existentes não correspondem à sua prática efetiva atual. Na realidade, a literatura científica sobre o tema não se traduz em uma atitude pedagógica firme, integrada ao ensino acadêmico de línguas e complementada com material didático próprio. No âmbito do Quadro Comum, González Rey pergunta-se sobre o futuro da Fraseodidática e como é possível melhorar a aprendizagem das UF's em LEs e na LM.

A fraseóloga explica que o Quadro nasceu com o intuito de ser um guia para os sistemas educacionais dos países membros da União Europeia: Elaborado por um grupo de especialistas do Conselho Europeu, é um instrumento conceptual e prático que permite esclarecer os elementos comuns que é necessário atingir nas várias etapas da aprendizagem das línguas, e os meios para tanto. Uma Resolução do Conselho da União Europeia (2001) recomendou que fossem estabelecidos sistemas de validação das competências linguísticas os quais descrevem as capacidades linguísticas e os saberes mobilizados para desenvolvê-las, bem como as situações em que se emprega uma LE. É uma ferramenta de referência muito

útil para conceber programas, manuais, exames para docentes, examinadores ou autores de métodos.

Segundo González Rey, o aluno só se aproxima dessa parte da língua – a Fraseologia – na fase final do seu aprendizado, considerada a mais próxima ao status de falante bilíngue. Para a estudiosa, o aluno nem ao menos se interessa por esse *top level* e o descarta porque ou acredita que é de um nível demasiado elevado, ou que é de uma área sem importância, que não lhe fará falta na comunicação com os nativos de um idioma, quando é justamente o contrário.

Com o objetivo de avaliar o domínio de um estudante em dada LE, o Quadro estabelece 6 categorias que podem ser resumidas em 3, cada uma com duas subdivisões, inferior e superior. O nível A corresponde ao usuário básico, dividido em A1 (iniciante) e A2 (básico); o nível B corresponde ao usuário independente, dividido em B1 (intermediário) e B2 (avançado); o nível C qualifica o usuário proficiente, e distingue os níveis C1 (proficiente autônomo) e C2 (domínio pleno). Esses níveis têm um caráter flexível, de modo que, além das subdivisões inferior e superior, podem conter ainda outra repartição. Cada instituição pode assim adaptar o seu próprio sistema educacional à escala do Quadro.

Desde os anos 1970, a didática das LEs utiliza predominantemente o método comunicativo, no qual é priorizada a comunicação e o estudante está no centro da aprendizagem. Retomando essa mesma finalidade, o enfoque *ativo* preconizado pelo Quadro acrescenta a ideia de “ação” ou de “tarefa” a ser cumprida nas situações em que o usuário estiver envolvido. A competência comunicativa que ele deve atingir exige que demonstre conhecimentos em três âmbitos: o linguístico, o sociolinguístico e o pragmático.

As atividades para alcançar a competência comunicativa desenvolvem-se através de tarefas e estratégias relacionadas aos níveis comuns de referência, os quais possuem descritores que estabelecem objetivos segundo três metacategorias:

- descritores das atividades comunicativas de recepção, produção, interação e mediação.
- descritores das estratégias de planificação, compensação, controle, correção.
- descritores das competências linguística, sociolinguística e pragmática.

Esses descritores são utilizados em quadros que resumem os objetivos que os usuários precisam atingir ao longo dos 6 níveis estabelecidos pelo Quadro.

González Rey aponta o lugar da fraseologia na competência comunicativa.

O primeiro lugar ocupado pelas UFs situa-se no **plano analítico**, na parte conceptual que trata os componentes linguísticos, sociolinguísticos e pragmáticos da competência comunicativa.

A) O componente linguístico

Nessa categoria, as UFs pertencem, segundo o Quadro, aos elementos léxicos. González Rey analisa as versões galega e francesa do Quadro, apresentando a classificação das UFs segundo a versão galega¹²⁶. Nós focamos aqui apenas a subcategoria que nos interessa: as EIs. Na versão galega do Quadro usa-se um só termo genérico para indicar as unidades fraseológicas – UFs, que se dividem em cinco tipos: os enunciados fraseológicos, **as locuções idiomáticas**, os esquemas fraseológicos, as colocações e outras expressões verbais preposicionadas. As EIs como as concebemos nesta tese pertencem à segunda subcategoria, a das locuções idiomáticas, que transcrevemos abaixo, com os exemplos em galego, e cujas explicações traduzimos para o português:

“2. As **locuções idiomáticas**: metáforas lexicalizadas, semanticamente opacas: *pechou o bico* (calou), *quedou de pedra* (ficou estupefato), *estaba nas nubes* (não prestavaatenção); intensificadores, ponderativos ou epítetos: *agudo coma un allo* (inteligente); locuções prepositivas (*diante de, por medio de, cara a*).

B) O componente sociolinguístico

Os diferentes elementos que configuram as UFs dependem de fatores sociais, como o *status* dos interlocutores, a proximidade das relações e o registro do discurso. Sobre esse item interessam aqui apenas o uso das expressões de sabedoria popular, dentre as quais sublinhamos as locuções idiomáticas: *apporter de l’eau au moulin /por campar rabiari; saír pitando; saír por pés; saír ao camiño; atar curto; dar con alguén; baixar cabeza*.

C) O componente pragmático

Dentro desta categoria entram duas vertentes, *a discursiva* (a capacidade de ordenar um discurso coerente segundo a temática) e *a funcional* (a escolha de formas linguísticas com microfunções – formando enunciados breves, ou com macrofunções – formando uma sequência às vezes ampla de orações).

Na *vertente discursiva*, as UFs podem entender-se como uma parte das habilidades que o usuário deve possuir ao empregar estratégias de interação, por exemplo, para reformular

¹²⁶ González Rey explica que o Quadro possui numerosas versões em 19 línguas: francês, inglês, alemão, finlandês, friulano, georgiano, húngaro, italiano, polonês, português, moldávio, sérvio, tcheco, russo, japonês, castelhano, catalão, basco e galego.

ideias, manter o turno na conversação enquanto elabora o que vai dizer, ou encadear frases através de conectores.

Na *vertente funcional*, as UFs demonstram a fluidez de expressão e a precisão na exposição de ideias. Aqui, tanto a competência passiva quanto a ativa dão agilidade ao intercâmbio com falantes nativos, evitam incompreensões e ambiguidades.

A seguir expomos o que diz González Rey sobre os níveis do Quadro nos quais as UFs se situam.

O segundo lugar onde se manifestam as UFs é no **plano sintético** do Quadro, ou seja, nos quadros sinópticos que contêm os descritores dos 6 níveis que oferece. Por razões de espaço e método, González Rey reduziu a variedade de termos explicitados na seção do componente lexical a 4 grupos principais: **as fórmulas e expressões básicas**, as **expressões idiomáticas e coloquiais**, os **provérbios** e as **colocações**.

A) **Fórmulas e expressões básicas**: frases curtas que se aprendem de memória para uso interacional oral em microfunções (cumprimentar, apresentar-se, etc.). Primeiras frases curtas que o falante aprende a usar e aparecem nos manuais já nas primeiras aulas.

B) **Expressões idiomáticas e coloquiais**: o falante deve dominar as EIs, tendo consciência do aspecto conotativo do seu significado. Deve demonstrar no item repertório um bom manejo dessas unidades. Situam-se na maior parte no nível C, no qual a competência aproxima-se da competência de um nativo. Contudo, as EIs podem ocupar um lugar anterior na escala se formos ao quadro das competências comunicativas de tipo linguístico, pois incluem-se nos elementos léxicos (e não gramaticais) e devem ser dominadas a partir do nível C1. Particularmente na compreensão oral geral do nível C1 o usuário deve ser capaz de reconhecer uma ampla gama de EIs e notar as mudanças de registro. Na compreensão audiovisual, deve ser capaz de compreender filmes com considerável quantidade de linguagem coloquial e de EIs.

As EIs situam-se nos níveis mais altos da aprendizagem das línguas pela sua dificuldade principalmente de compreensão, pois sua opacidade impede uma análise do usuário a partir dos conhecimentos adquiridos nos níveis anteriores.

C) **Provérbios**: enunciados fixos, próprios da cultura de cada língua, por isso a competência do usuário é indicada somente com relação à adequação sociolinguística. Distinguem-se do resto dos elementos fraseológicos por suas características formais e pragmáticas, por isso devem ser integrados no grupo das EIs com relação ao nível correspondente no Quadro, isto é, C1 e C2.

D) **Colocações:** locuções fixas, compostas com elementos considerados como “preferenciais”, (p. ex. *estreverse unha película/un vestido*), mas que também podem ser restritos semanticamente. Entram na competência da semântica lexical do usuário.

Os processos de aprendizagem das UFs propostos no Quadro

Os objetivos de ensino-aprendizagem das línguas podem centrar-se no desenvolvimento das *competências comunicativas gerais* do aluno ou de *uma ou mais competências parciais relacionadas a um dado âmbito*.

Para o uso de UFs relacionadas a atividades próprias de determinado âmbito (como, por exemplo, uma recepcionista em uma central telefônica), o Quadro oferece passos concretos para implantar a aprendizagem (GONZÁLEZ REY, 2006, p. 133), que não reproduziremos aqui.

Para a aprendizagem das UFs nas competências gerais do usuário, na seção sobre o desenvolvimento da competência léxica, o Quadro estipula as seguintes atividades, segundo o componente linguístico:

- por meio da sua simples exposição em textos autênticos orais e escritos.
- por meio da busca em dicionários ou perguntando aos alunos.
- por meio da sua inclusão em contexto.
- apresentando-as com apoio visual.
- por meio da memorização de listas de expressões, com sua tradução.
- explorando os seus campos semânticos e construindo mapas conceptuais.
- por meio do aprendizado do manuseio de dicionários fraseográficos e de coletâneas.
- explicando as suas estruturas e praticando a sua aplicação.
- comparando-as em diferentes línguas.

Embora o Quadro inclua as UFs nos elementos léxicos da comunicação linguística, considera que podem ser introduzidas na competência gramatical quando se trata, por exemplo, de expressões do tipo *por favor, pódeme dar...* Nesses casos, mesmo sendo consideradas “material complexo”, as UFs podem ser introduzidas muito cedo na aprendizagem da língua.

Quanto aos componentes sociolinguístico e pragmático, nada de concreto há com relação às UFs. Os diferentes usuários do Quadro (docentes, examinadores, autores de

métodos) precisam decidir se esses componentes devem ser desenvolvidos naturalmente ou quais métodos deveriam ser empregados para o seu desenvolvimento.

3.3 A CARACTERIZAÇÃO DAS EIs

Não entender uma manchete de jornal ou o que está dizendo um falante nativo é uma experiência comum a todos os que estão estudando uma LE, mesmo para aqueles que a estudam há alguns anos e acreditam sabê-la relativamente bem. É essa a sensação que provoca uma sequência de palavras cujo significado não se consegue apreender, mesmo conhecendo cada uma das palavras que a compõe.

Se um amigo italiano, por exemplo, na mesa de um bar, nos diz que *è ora di prendere il bicchiere della staffa*, que literalmente significa ‘tomar o copo do estribo’, na verdade está querendo nos dizer o que exprime a correspondente expressão brasileira ‘tomar a saideira’. Isso porque *prendere il bicchiere della staffa*¹²⁷ não equivale a

[o significado de *prendere*] +
 [o significado de *il*] +
 [o significado de *bicchiere*] +
 [o significado de *della*]
 [o significado de *staffa*]

mas tem um significado autônomo: ‘beber o último copo antes de ir embora’.

Fulgêncio pondera que:

[...] quando pensamos em EIs, imediatamente nos remetemos a exemplos como *pagar o pato, chutar o pau da barraca, matar dois coelhos com uma cajadada, misturar alhos com bugalhos, comprar gato por lebre* ou *ser cheio de nove horas*. É preciso salientar, porém, que esses exemplos representam apenas uma subcategoria de UFs (2014, no prelo).

Pois é justamente **essa subcategoria** que está no centro do nosso estudo e que trataremos de definir mais acuradamente agora, pois a nomenclatura do hiperdicionário em construção será constituída de estruturas fraseológicas desse tipo.

Como vimos no Capítulo II, a natureza complexa das EIs acarreta dificuldades de estabelecer suas fronteiras e de distingui-las das demais estruturas comumente abarcadas sob o nome de *unidades fraseológicas*. Dessa indefinição decorre a necessidade de delimitar a

¹²⁷ Deriva do antigo hábito de beber o último copo quando já se estava quase com o pé no estribo (*nella staffa*) do cavalo, antes de partir. Fonte: EDWARDS Graham e EDWARDS Sue. *Drink. Vini, liquori, cocktail e bevande di tutto il mondo*. Ed. Pan, 1988.

concepção de EI adotada. Embora ainda não se tenha chegado a uma descrição sistemática e teórica e a uma classificação uniforme das EIs, a maior parte dos pesquisadores concorda que uma EI é uma UF definida a partir de três propriedades: a indecomponibilidade, a cristalização (ou fixidez/congelamento) e a idiomaticidade (ou opacidade semântica).

Assim, uma EI é uma unidade pluriverbal indecomponível, consagrada pelo uso em uma comunidade linguística cujo significado não é identificado a partir da soma dos significados de cada um dos elementos que a compõe.

A EI italiana *darsi la zappa sui piedi* (literalmente ‘dar com a enxada no pé’), por exemplo, não significa “atingir o próprio pé com instrumento manual utilizado para trabalhar a terra”, mas sim, “dizer ou fazer alguma coisa que reverte em prejuízo próprio”. A expressão é considerada na sua globalidade, e o seu significado real representa algo novo e específico em relação ao seu significado “composicional”, isto é, à soma dos significados de cada um dos seus elementos tomados individualmente. Um equivalente em português brasileiro pode ser ‘dar um tiro no pé’, ou então, em determinados contextos, ‘sair o tiro pela culatra’ (TERMIGNONI, 2008, p.14).

A revisão da literatura no Capítulo II esclarece que, ao contrário dos provérbios, citações, refrãos, que são tipos de enunciados fraseológicos autônomos, as EIs referem-se a situações precisas e são, na maioria das vezes, enunciados incompletos que se integram ao discurso. Não raramente confundem-se com ele, a ponto de não serem reconhecidas como EIs, e são utilizadas em um contexto com um sujeito determinado pela situação. Retomando o exemplo da EI *darsi la zappa sui piedi*, poderíamos, então, dizer: *Ti sei dato/a la zappa sui piedi* (com a 2ª pessoa do singular, feminino ou masculino, e o verbo no passado) ou *Anna si sta dando la zappa sui piedi* (com a 3ª pessoa do singular e uma perífrase verbal), formas que demonstram, justamente, o grau de fixidez menor que possuem as EIs se comparadas, por exemplo, aos provérbios. De fato, *Aiutati che Dio ti aiuta*/‘Deus ajuda quem cedo madruga’ ou *Chi va via perde il posto all’osteria*/‘Quem vai ao ar perde o lugar’ são formas totalmente congeladas, que não aceitam alterações, substituições ou inclusões. São enunciados completos e independentes, diferentemente, por exemplo, da EI *darsi la zappa sui piedi* que somente torna-se um enunciado completo com a determinação de um sujeito (tu, Anna). Interessante é, porém, observar que muitas EIs têm origem em provérbios; por exemplo, a EI *essere un’acqua cheta* (literalmente ‘ser uma água calma’ [ser um lobo em pele de cordeiro]) tem origem no provérbio *L’acqua cheta rovina i ponti* (literalmente ‘a água calma arruína as pontes’) (NUCCORINI, 2007).

Na verdade, para os estudos de UFs como provérbios, ditados, aforismas, refrões, citações, máximas, existe o campo de estudos da Paremiologia, que é uma subdivisão dentro dos estudos fraseológicos.

A seguir, nos deteremos um pouco mais nas três propriedades constitutivas das EIs.

3.3.1 A indecomponibilidade

Dizer que uma EI é indecomponível significa dizer que, para que se mantenha seu sentido idiomático, não existe, ou existe uma possibilidade limitada de variações formais. É dizer que uma EI

[...] constitui uma combinatória fechada, de distribuição única ou distribuição bastante restrita, pois se apresenta como um sintagma complexo que não tem paradigma, ou seja, quase nenhuma operação de substituição característica das associações paradigmáticas pode ser normalmente aplicada. (XATARA; OLIVEIRA, 2002, p. 57).

Evidentemente as EIs apresentam graus diferentes de lexicalização. Isso significa que algumas permitem alterações, como o acréscimo de intensificadores e de advérbios, ou, por exemplo, a inversão da ordem dos seus constituintes, ao passo que outras estão completamente lexicalizadas e não aceitam modificações ou inclusão de elementos.

A já mencionada EI *darsi la zappa sui piedi*, por exemplo, possui cinco elementos (*darsi + la + zappa + sui + piedi*) que não podem ser substituídos por outros (*darsi l'accetta sui piedi* ou *darsi la zappa sul dito*, por exemplo), nem tampouco é possível modificar a sua categoria gramatical (*darsi le zappe sui piedi*), uma vez que *darsi la zappa sui piedi* é a forma italiana que o uso consagrou.

Posso dizer, por exemplo, que algo foi dito com a intenção de ‘colocar uma pulga atrás da orelha’ de alguém, mas não com a intenção de ‘*colocar uma pulga atrás do ouvido’ de alguém, embora haja semelhança semântica e estrutural nessas formas. Do mesmo modo, se alguém desiste de um objetivo quando está prestes a alcançá-lo, posso dizer que essa pessoa ‘morreu na praia’, mas não que ‘*morreu no porto’, embora essa última estrutura seja bem formada sintaticamente e não seja opaca semanticamente a ponto de ser impossível depreender seu significado. Ocorre que as expressões ‘colocar uma pulga atrás da orelha’ e ‘morrer na praia’ foram assim convencionalizadas e não admitem substituições. Os elementos que compõem esses sintagmas não podem ser alterados porque as expressões não são passíveis de criação pelo falante com base nas possibilidades permitidas pelo sistema da língua.

Da mesma forma, é permitida a reversibilidade em construções coordenadas não fixas do tipo *pulito e profumato*, em italiano, podendo ser permutados os elementos coordenados: posso dizer *profumato e pulito* e tal forma não causará um estranhamento ao meu interlocutor/leitor. Contudo, o mesmo não vale para expressões fixas como *bello e grosso* e *in fretta e furia*, nas quais **não** é possível permutar a ordem (**grosso e bello* e **in furia e fretta*), assim como também não vale para as expressões ‘curto e grosso’ e ‘são e salvo’, já que ‘*grosso e curto’ e ‘*salvo e são’ não são formas reconhecidas pelos falantes do português do Brasil.

São adotadas algumas formas e não outras porque essas formas foram consagradas pela norma, em cada língua, não havendo obstáculos por parte do sistema para que assim sejam utilizadas no discurso. Já as formas que sofreram alterações na ordem (‘*grosso e curto’, ao invés de ‘curto e grosso’), ou substituição na forma (*orelha* por *ouvido*, *praia* por *porto*) não são reconhecidas pela comunidade de falantes como sendo EIs.

3.3.2 A cristalização

A indecomponibilidade e a idiomaticidade estão diretamente ligadas à frequência de uso da EI, ou seja, estão ligadas à sua cristalização.

O processo de lexicalização das EIs deve-se à frequência de seu emprego pela comunidade dos falantes; “[...] é a sua consagração pela tradição cultural que o cristaliza em um idioma, tornando-o estável em significação, o que possibilita sua transmissão às gerações seguintes e seu alto grau de codificabilidade” (XATARA e OLIVEIRA, 2002 p.125).

O significado de uma EI não depende da interpretação do interlocutor. Nem tampouco o falante pode criar uma EI, ou um grupo de pessoas, ainda que numeroso, pode fazê-lo, pois

[...] essas realizações no plano da fala só passarão a constituir EIs quando passarem para o plano da norma, isto é, quando passarem para o dizer tradicional, comum e constante da língua. Daí uma das características obrigatórias das EIs: sua cristalização (RIOS, 2003, p. 45).

Portanto, para que a decodificação de uma EI ocorra, seu significado deve estar fixado e pertencer ao saber coletivo.

3.3.3 A idiomaticidade

A idiomaticidade é apontada como a característica constitutiva fundamental das EIs e sua importância tem sido reconhecida em diversas áreas de estudo, como a psicolinguística, a

semântica, a sintaxe, o processamento automático de línguas naturais (PLN). Essa importância encontra uma explicação no imenso número de expressões que possuem um significado figurado, fundamental para que os falantes sejam capazes de dominar os matizes de significação da língua.

Quando falamos de idiomaticidade do italiano e do português, referimo-nos, respectivamente, a expressões como *dare i numeri, a morsi e bocconi*, ‘morrer na praia’, ‘a toque de caixa’, todas opacas semanticamente, em diferentes graus. A anulação semântica dos componentes é considerada sempre o elemento que melhor caracteriza as EIs, segundo Casadei (1996, p.36). Da mesma forma, Mejri (2000, p. 26-27) ressalta que “[...] em todos os estudos sobre o congelamento é sempre evidenciada a relevância do sentido na análise das sequências congeladas”.

Welker (2004) caracteriza as UFs como sendo polilexicais e fixas. Já aquelas idiomáticas devem conter, indiscutivelmente, traços de idiomaticidade, ou seja, a sequência das partes que as compõem deve funcionar como uma unidade significativa.

A esse propósito, sobre a conhecida EI inglesa *to rain cats and dogs* (chover intensamente, torrencialmente) trazemos a observação de Weinrich (1979, p. 38), que enfatiza a inexistência de isomorfismo entre os constituintes da expressão *cats and dogs* [‘gatos e cachorros’] e os da sua paráfrase “de maneira intensa”:

Quem pensaria em correlacionar os constituintes da expressão *cats and dogs* com os constituintes de uma paráfrase como “de maneira intensa”? *Cats* significaria “intensa” e *dogs* “maneira”?¹²⁸. Não há, assim, uma relação entre significado literal e idiomático, sendo essa uma relação “por definição, em princípio, arbitrária”¹²⁹. [trad. nossa].

Conquanto a definição tradicional de EIs que adotamos possa ser considerada talvez “[...] insuficiente, uma vez que [as EIs] são caracterizadas por um *continuum* que vai da expressão relativamente transparente e flexível à expressão completamente opaca e cristalizada” (VALE, 2001, p. 18), tal escala idiomática, a nosso ver, continua sendo o que de mais característico há na configuração das EIs, por ser o aspecto semântico o que as distingue das demais subcategorias de expressões fixas. Xatara (1998, p. 21) observa, justamente, que uma EI “[...] poderia ser confundida com qualquer unidade léxica composta, devido ao critério de cristalização comum a ambas, **mas não o é por seu caráter eminentemente conotativo.**” (o grifo é nosso).

¹²⁸ No original, “Who would presume to correlate the constituents of the expression *cats and dogs* with the constituents of a paraphrase such as “in a intense manner”? Is *cats* “intense” and *dogs* “manner”?”.

¹²⁹ No original, *by definition, arbitrary in principle*”.

Veja-se também a esse propósito o que pondera Roncolato, ao analisar um dicionário fraseológico do espanhol da Colômbia¹³⁰:

[...] nem todas as unidades que aparecem no dicionário possuem um valor conotativo, um sentido figurado, como por exemplo, *tomar el sol* (asolearse), *tomar nota* (anotar), *poner remedio* (remediar) e *poner cerco* (sitiar). Essas estruturas, de acordo com nosso critério, **não são expressões idiomáticas**, nem mesmo fazem parte da Fraseologia.

Para nós, as citadas construções **não se comparam às expressões idiomáticas** *poner conejo* (sair sem pagar), *poner manteca* (atrapalhar, fastidiar) e *tomar el pelo* (zombar de alguém) cujo processo de formação é metafórico – suas palavras individuais perdem a identidade semântica própria e a expressão como um todo ganha um significado idiomático. (RONCOLATTO, 2004, p.47) (o grifo é nosso).

Roncolato julga que essas expressões (*tomar el sol*, *tomar nota*, *poner remedio* e *poner cerco*) nem deveriam ser objeto de estudo da Fraseologia porque “são frutos de um processo regular permitido pelo *sistema* da língua”. Em contrapartida, as “expressões fixas são consagradas pelo uso e a fixação dos elementos é determinada pela *norma*” (2004, p.47).

A concepção de EI de Roncolato, como se vê, é a mesma concepção de EI postulada por Tagnin (2005), para quem *idiomático* significa, justamente, figurado, opaco, e não “próprio de um idioma”. Convém aqui retomar seus esclarecimentos referidos na página 76: “Os dicionários e livros-texto muitas vezes não diferenciam expressões convencionais e expressões idiomáticas, provavelmente por não entender *idiomático* como ‘significado não transparente’” (TAGNIN, 2005, p. 61).

Nossas pesquisas nos levaram a constatar, especificamente sobre a delimitação das fronteiras das EIs, a preocupação dos fraseólogos brasileiros, sobretudo aqueles que trabalham em uma perspectiva bilíngue, em estabelecer a diferença entre *convencional* e *idiomático* (TAGNIN, 1989; 2005; RONCOLATTO, 2001; 2004; RIVA, 2009; FRANCISCO, 2010; XATARA, 1998; RIOS, 2003; XATARA; OLIVEIRA, 2002; XATARA, RIVA e RIOS, 2001; WELKER, 2004; ZAVAGLIA, 2006; ORSI, 2007; 2009, para citar alguns).

Do ponto de vista estrutural, identificamos EIs que são sintagmas nominais (*cacio sui maccheroni*), sintagmas verbais (*tagliare la corda*), sintagmas adverbiais preposicionados (*a bruciapelo*, *a tutta birra*, *in quattro e quatr’otto*), sintagmas qualificativos comparativos (*magro come un grissino*, *bianco come una mozzarella*), ou ainda EIs totalmente congeladas como, por exemplo, *garantito al limone*.

Entendemos as EIs a partir das três propriedades tratadas neste capítulo – a indecomponibilidade, a cristalização e a idiomaticidade, assumindo a mesma concepção compartilhada pela maior parte dos estudiosos brasileiros, dentre eles a pioneira Tagnin

¹³⁰ Roncolato refere-se ao *Lexicón de Fraseología del Español de Colombia* de MONROY, S.M. Santafé de Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1996.

(1989), concepção que é muito bem resumida na definição de EI de Rios (2003, p.39) como sendo “a cristalização indecomponível de um uso conotativo”.

Consideramos assim que uma EI é uma estrutura cristalizada (fixa e estocada na memória e não criada individualmente pelo falante), convencionada em uma comunidade de falantes (no Brasil ‘se defende o leite das crianças’, enquanto nos Estados Unidos se costuma *bring home de bacon*), indecomponível (não posso ‘amparar’, nem ‘salvar’, nem muito menos ‘proteger’ o leite das crianças) e idiomática (‘defender o leite das crianças’ é o sentido conotativo de ‘sustentar a família economicamente’).

Assim, desse ponto de vista, constituem EIs italianas unidades como *parlare a tu per tu, rendere pan per focaccia, in quattro e quattr’otto, farsi vivo, andare in brodo di giuggiole, bere il bicchiere della staffa, lasciar correre l’acqua alla china, fare un buco nell’acqua, essere il fiore all’occhiello, a bruciapelo, dormire sugli allori, sfoderare gli artigli, farla bella, darsi delle arie, capire (sentire) l’aria che tira, rimanere a bagnomaria, a tutta birra, berci sopra, dare la bustarella, prendere (dare) una lavata di capo, giocare l’ultima carta, lambiccarsi il cervello, tagliare la corda, garantito al limone, tirare il diavolo per la coda, combinarne di cotte e di crude, legarsela al dito, spararle grosse, parlare a cuore aperto, arrivare al dunque, da quattro soldi, essere una doccia fredda, da dare e da serbare, restare a denti asciutti, dare nell’occhio, fare l’avvocato del diavolo, capitare a fagiolo, essere una doccia fredda, dormirci sopra, ai tempi che Berta filava, non fare per qualcuno, essere il fanalino di coda, fare fuoco e fiamme, raccontare per filo e per segno, saltare il grillo, farla grossa, rompere il ghiaccio, alzare il gomito, darsela a gambe, dare una mano, aggiungere legna al fuoco, ficcare il naso, conoscere a menadito, a un tiro di schioppo, farla sul muso, dare i numeri, essere come il prezzemolo, mettere in ombra, prendere per oro colato, fare da palo, voltare pagina, essere pane e cacio, passare la patata bollente, andare via come il pane, vendere cara la pelle, buttarsi a pesce, fare piazza pulita, vincere a pie’ zoppo lasciar perdere, fare alla romana, fare uno strappo alla regola, para citar algumas.*

No Capítulo III, abordamos a relação entre fraseologia e cultura, procurando demonstrar que as EIs são um reflexo do pensamento e do comportamento de uma comunidade e representam um potente veículo de difusão da sua cultura. Procuramos demonstrar também que, dadas as dimensões pragmáticas, sociais e culturais das EIs, seu estudo torna-se *incontornável* (GONZALEZ REY, 2010) e seu papel na didática das LEs *incontestável* (SUTKOWSKA, 2013). Ressaltamos, ainda, a importância recentemente adquirida pelos estudos de línguo-culturologia e pela elaboração de dicionários linguístico-

culturais. Finalizamos o capítulo com a caracterização e a definição de EI, nosso objeto de estudo.

CAPÍTULO IV – TRATAMENTO DICIONARÍSTICO DE EIs

Na história do ensino-aprendagem de LEs, o dicionário passou de objeto superestimado, até boa parte do século passado, a item suprimido da sala de aula. Voltou a ser valorizado no início dos anos 1970, quando entraram em cena os *learner's dictionaries*, dicionários monolíngues de inglês para falantes não nativos, os quais pareciam ser muito úteis e cujo bom uso inspirou o retorno do uso de dicionários por parte de professores de línguas além do inglês. No entanto, foi apenas com o reconhecimento da importância do léxico e da língua materna na aprendizagem de LEs que os dicionários bilíngues começaram a recuperar o seu prestígio no âmbito escolar (DURAN, 2004).

Na aprendizagem de LEs, os dicionários, quer impressos quer no formato *on-line*, desempenham uma função importante como material de referência. Zucchi (2010, p. 1153) observa que, embora o aconselhamento ao uso de dicionário, bilíngue ou monolíngue, seja um aspecto controverso entre professores de línguas, “[...] é fato que dicionários são utilizados pelos estudantes, com frequência ou não, com orientação docente ou não”.

Por isso, e dado o papel que as UFs começam a adquirir no cenário da aprendizagem de LEs, é importante revisar, neste trabalho, como as EIs são tratadas nos dicionários, mesmo porque tal revisão deverá guiar nossas escolhas de dicionarização. É o que veremos neste capítulo.

Para projetar um dicionário específico de EIs, objetivo desta tese, precisamos, antes de mais nada, identificar os traços que o caracterizariam. Precisamos, portanto, lançar mão de uma tipologia de dicionários para procurar situá-lo. Assim, iniciamos este capítulo apresentando a tipologia de dicionários de Haensch (1982), uma obra clássica da Lexicografia Teórica, definindo o perfil do usuário e a função do dicionário. Sendo o nosso um dicionário *on-line*, fazemos um confronto entre os dicionários em papel (doravante DPs) e os dicionários eletrônicos (doravante DEs). A seguir, apresentamos os traços distintivos dos dicionários semibilíngues (doravante DSs). Na sequência, definimos os componentes canônicos do dicionário, detalhando alguns elementos da macro e microestruturas que interessam diretamente a elaboração do nosso protótipo de dicionário.

Analisamos, então, o tratamento dado às EIs no par italiano-português em alguns DBs e no dicionário semibilíngue *Parola Chiave*, com algumas observações sobre EIs em dicionários especiais que envolvem outras línguas. Por fim, relatamos nossas experiências didáticas que redundaram em duas coletâneas de UFs do italiano dirigidas a estudantes brasileiros: a primeira voltada para a fraseodidática, a segunda para a fraseografia.

4.1 TIPOLOGIAS DE DICIONÁRIOS

Os dicionários podem ser definidos como uma organização sistemática do léxico de uma língua que tem como papel descrevê-lo e registrar a norma linguística e lexical vigente na sociedade para a qual se destinam (BIDERMAN, 1998). Assim sendo, os dicionários "[...] devem ser uma espécie de porta-voz da sociedade, falar em nome dela e reunir, em sua nomenclatura, o repertório lexical em uso na sua sociedade e da forma pela qual ela usualmente se exprime" (BIDERMAN, 1994, p. 27-28).

A elaboração de um dicionário deve apoiar-se em uma tipologia que situe a obra desejada frente a outras e que, assim, delimite seus traços fundamentais. Junto a esse fator de fundo – identificar um dado perfil de obra –, no seu planejamento e na sua elaboração, é preciso considerar outros dois aspectos essenciais: qual é a sua função e qual o perfil de seu usuário.

As pesquisas metalexográficas (como vemos, por exemplo, em WELKER, 2004) têm evidenciado que, em geral, os DBs, tão importantes para os aprendizes de LEs, apresentam deficiências tanto macroestruturais (conjunto das entradas lexicais que constituem a nomenclatura do dicionário) quanto microestruturais (o conteúdo tratado em seus verbetes), o que os leva, muitas vezes, a não orientar adequadamente os usuários nas tarefas de decodificação (compreensão) e codificação (produção) de uma língua ou, ao menos, não como deveriam. As críticas geralmente apontam que muitos DBs são elaborados sem que se leve em consideração os princípios da lexicografia pedagógica, as características do usuário-aprendiz e para qual função os dicionários se destinam.

Embora talvez não seja possível estipular quantos tipos de dicionários existem e quais sejam exatamente suas características, mesmo porque sempre irão surgindo novos tipos de dicionário que, por vezes, não podem ser classificados pelos padrões estabelecidos, ainda assim as tipologias são essenciais na concepção de dicionários. Uma classificação prévia – ainda que sempre sujeita a críticas – é essencial porque oferece meios ao lexicógrafo para definir o dicionário que pretende produzir.

Uma tipologia, ou uma taxonomia, é “[...] um sistema para a classificação e descrição de itens” (SWANEPOEL, 2003, p. 45)¹³¹. Há diferentes formas de classificar dicionários, e diferentes autores elaboraram taxonomias divergentes, segundo o enfoque adotado. Podemos mencionar Zgusta (1971), Haensch (1982), Hausmann (1985), Martínez de Souza (1995), Hartmann James (2001), Biderman (2001), dentre os mais importantes, não havendo um

¹³¹ No original, “*a system for the classification and description of items.*”

consenso entre as taxonomias existentes. Porém, não é imprescindível que exista um consenso, “[...] desde que sejam respeitados os princípios básicos da Lexicografia teórica.” (SILVA, 2007, p. 12).

O objetivo principal de estabelecer tais tipologias é fornecer aos potenciais usuários dos dicionários uma classificação das obras existentes que se baseie em um conjunto de traços distintivos que

i) ofereça uma visão sistemática das várias categorias e subcategorias dos dicionários identificados;

ii) indique qual é/são o(s) traço(s) mais distintivo(s) de cada categoria principal e de cada subcategoria;

iii) torne possível explicar as diferenças e correlações de diferentes dicionários em uma (sub) categoria (SWANEPOEL, 2003).

Isso posto, trazemos uma síntese da tipologia de Haensch (1982, p. 95-186). Entre outras a escolher, adotamos essa porque estabelece critérios coerentes para distinguir os diferentes tipos de dicionários e porque é suficientemente ampla para permitir identificar a maioria das obras lexicográficas conhecidas, inclusive um dicionário de EIs.

4.1.1 A tipologia de Haensch

Haensch (1982) afirma que são três as perspectivas a considerar ao se classificar dicionários: linguística, histórico-cultural e prática. Isso porque julga que “tanto os critérios linguísticos quanto os fatores históricos e culturais influenciaram no nascimento e no desenvolvimento dos diferentes tipos de obras lexicográficas (HAENSCH, 1982, p. 96).”¹³²

Sob a *perspectiva linguística*, os dicionários podem ser classificados segundo as diferentes maneiras de ser da língua e os diferentes aspectos da descrição linguística. Assim, as obras lexicográficas podem ter o nome de glossários, thesauri (tesouros), atlas léxicos, dicionários monolíngue, bilíngue, normativo, de uso, de regionalismos, de gírias, etc.

Sob a *perspectiva histórico-cultural*, os dicionários podem ser classificados segundo a necessidade que motivou a sua criação. Para Haensch (1982), a influência da evolução sociocultural ao longo dos séculos tem maior força do que a perspectiva linguística para denominar os diferentes tipos de dicionários. Retoma, assim, o percurso das obras lexicográficas, desde seu surgimento até os dias de hoje.

¹³² No original, “*han sido no solo criterios lingüísticos, sino también factores históricos y culturales los que han influido en el nacimiento y desarrollo de los distintos tipos de obras lexicográficas.*”

Mas é sob *a perspectiva prática* que Haensch (1982) prefere classificar os dicionários:

Para distinguir de fato os diferentes tipos de obras lexicográficas, o mais indicado será [...] perguntar-se, pragmaticamente, que características tais obras reúnem, aplicando uma série de critérios de ordem prática em cada caso individual, ao invés de lhes dar um nome estereotipado, incapaz de refletir as distintas características que cada obra reúne em si mesma.¹³³(HAENSCH, 1982, p.126)[trad. nossa]

Descrevemos, a seguir, os critérios de ordem prática propostos por Haensch (1982) para a classificação de obras lexicográficas. Na descrição, assinalamos o ponto em que se poderia inserir um dicionários de EIs.

a) Formato e extensão

Esses critérios dizem respeito às dimensões, ao número de volumes, de entradas e de páginas em cada volume.

b) Caráter linguístico, enciclopédico ou misto

Divididos entre dicionários que possuem ou não possuem um caráter linguístico. Se os dicionários se ocupam exclusivamente dos signos, são considerados de caráter linguístico, se eles se ocupam das *coisas*, ou seja, do universo extralinguístico, são de caráter enciclopédico. Os de caráter misto caracterizam-se por apresentar uma parte dedicada à língua e outra dedicada a informações enciclopédicas adicionais nos verbetes.

c) Sistema linguístico em que se baseia a obra (de *corpus* ou de autor)

As obras lexicográficas podem estar fundamentadas em um sistema de autor ou em um sistema de *corpus*, ou seja, a descrição semântica está baseada no sistema linguístico individual do autor ou depende da informação reunida por meio de um *corpus*.

d) Número de línguas

Dicionários monolíngues ou plurilíngues, que por sua vez se dividem em bilíngues e multilíngues.

e) Classificação conforme a seleção do léxico

¹³³ No original, “*Para distinguir de hecho los diferentes tipos de obras lexicográficas, lo más indicado será [...] preguntarse, de modo pragmático, qué características reúnen éstos, aplicando una serie de criterios de orden práctico em cada caso individual, en vez de darles un nombre estereotipado, incapaz de reflejar las distintas características que cada obra reúne en sí.*”

- *vocabulário geral ou parcial*

É de caráter geral se o dicionário representa o léxico de uma língua sem restrição. Se há uma seleção do vocabulário, estamos diante de dicionários parciais. Essa seleção pode limitar a seleção do léxico no âmbito diatópico (geográfico: registram dialetos, variantes regionais), diastrático (de grupos sociais: registram a gíria e os jargões), diafásico (de níveis de língua), diatécnico (de linguagens de especialidade), entre outros.

- *codificação exaustiva ou seletiva*

Tanto os dicionários gerais quanto os parciais podem ser seletivos. É mais difícil que os gerais sejam exaustivos, pois o conjunto léxico de uma língua é muito grande e, portanto, difícil de ser incluído em sua totalidade. Ademais, o dicionário estaria defasado desde a sua elaboração, devido à incorporação de novas palavras ou novas significações. Quanto aos seletivos, é mais fácil abranger a totalidade léxica da área pretendida.

- *critério cronológico*

Sincrônico (registra uma seleção do vocabulário de uma língua em determinado momento) ou diacrônico (estuda a evolução do vocabulário através dos séculos).

- *caráter prescritivo ou descritivo*

Os dicionários de caráter prescritivo são os que têm efeito normativo e um ideal purista (dicionários acadêmicos, didático-escolares, de dúvidas e dificuldades, de pronúncia e ortografia), enquanto que os de caráter descritivo se preocupam apenas em descrever o léxico em uso. De qualquer forma, todos os dicionários têm uma função normativa.

f) **Ordenação dos materiais**

Dividem-se em *semasiológicos* (do significante para o significado) ou *onomasiológicos* (do significado para o significante).

g) **Finalidades específicas**

Refere-se à matéria tratada no dicionário:

- dicionários de abreviaturas
- dicionários onomásticos
- dicionários de pronúncia
- dicionários paradigmáticos

*de sinônimos

* de antônimos

- * de parônimos
- *outros
- dicionários ortoépicas
- dicionários ortográficos
- dicionários sintagmáticos
 - *de construção e regime
 - *de colocações
 - *de fraseologismos
 - *de provérbios
-  * de expressões idiomáticas (AQUI se inclui o nosso dicionário)
- *de citações
- *de estilo
- *gramaticais
- *de dúvidas e dificuldades

h) Dicionário convencional x dicionário eletrônico

Refere-se aos meios de divulgação. A tipologia distingue entre dicionários tradicionais (impressos) e dicionários eletrônicos (armazenados em memórias de computadores, em CD-ROM ou disquetes). Hoje, com o avanço vertiginoso da tecnologia, encontramos dicionários *on-line* disponibilizados na Internet e também como aplicativos para celulares, com conteúdos em permanente atualização, bastando ter uma conexão ativa com a Internet para poder acessá-los.

4.2 DICIONÁRIOS ELETRÔNICOS E DICIONÁRIOS EM PAPEL

As tecnologias da informação e comunicação (doravante TICs) têm sido “[...] instrumentos para pensar, aprender, conhecer, representar e transmitir para outras pessoas e para outras gerações os conhecimentos adquiridos” (COLL e MONEREO, 2010, p. 17).

O computador e a Internet estão entre as mais recentes TICs inventadas pelo homem. Para o ensino e aprendizagem de LÉs, elas são cada vez mais importantes, especialmente porque propiciam o contato e a interação com falantes nativos e também por causa da familiaridade dos alunos com esses recursos tecnológicos. Cada vez mais as salas de aula

estão recebendo alunos com alto nível de letramento digital – os nativos digitais¹³⁴ (PRENSKY, 2001), perfeitamente ambientados com as ferramentas tecnológicas.

No cenário atual, em que assistimos a uma expansão e, ao mesmo tempo, a uma intensificação da comunicação entre pessoas que falam línguas diferentes, é crescente o interesse pelos dicionários, sobretudo por produtos que envolvam mais de uma língua (semi, bi e multilíngues). A importância do uso do dicionário é incontestável, seja ele monolíngue, bilíngue, geral ou especial, para estudantes, tradutores ou para quem quiser se aprofundar no conhecimento de uma língua.

A produção lexicográfica dos últimos anos vem sendo influenciada pelos avanços teóricos e também, inevitavelmente, pelo progresso tecnológico representado pelas TICs, do qual tem procurado se beneficiar no intuito de fazer frente às novas e diversificadas demandas da sociedade.

O objetivo central desta tese é oferecer um modelo de dicionário de EIs *on-line*. Por isso, é importante falar um pouco sobre os DEs e o que podem oferecer comparativamente aos DPs.

Os DEs surgiram face às necessidades da sociedade moderna de obter informações rápidas por meio de recursos tecnológicos. Estudos comparativos entre o DE e o DP apontam para as vantagens que o primeiro apresenta em relação ao segundo (LEFFA, 2006, p. 323-324).

No Brasil, a maior parte dos dicionários não possui versões especialmente projetadas para serem utilizadas em suporte eletrônico, de forma que, em geral, as versões eletrônicas dos dicionários são apenas uma réplica “moderna” da sua versão em papel.

A realidade italiana parece não ser diferente. Para a lexicógrafa Murano (2008),

[...] no que concerne os dicionários gerais bilíngues ou os mais importantes, o mercado italiano atual propõe apenas adaptações eletrônicas de produtos oferecidos em papel: trata-se de *dicionários informatizados* (Pruvost, 2000, p.107), ou seja, de dicionários em papel transferidos para um suporte eletrônico.¹³⁵ (2008, p. 896) [trad. nossa]

Murano pondera, acertadamente, que este procedimento de *redicionarização* pode anular as possibilidades oferecidas pelo suporte eletrônico, que são aumentar e diversificar as

¹³⁴ O *nativo digital* (PRENSKY, 2001) é a pessoa que nasceu em meados dos anos 1990, já inserida no mundo digital, e que se sente completamente à vontade com a tecnologia.

¹³⁵ No original, «*En ce qui concerne les dictionnaires généraux bilingues ou majeurs, le marché italien actuel ne propose que des adaptations électroniques de produits offerts sur papier: il s'agit de dictionnaires informatisés* (Pruvost 2000,p.107), *c'est-à-dire de dictionnaires papiers que l'on a transférés sur un support électronique.*»

informações contidas em um dicionário, multiplicando ainda os percursos de exploração do texto lexicográfico.

O DE possui algumas diferenças básicas em relação ao DP. Segundo Leffa (2006, p. 323-324), a principal delas é o fato de o DE ser “[...] constituído de bits, minúsculos pulsos de luz praticamente sem características físicas palpáveis”. Sendo um arquivo digital, pode ser facilmente compactado, ampliado e atualizado, sem grandes custos de produção. O DE possibilita também a inclusão de textos e imagens e também de animação, som e vídeo. Leffa aponta outra vantagem do DE: a característica da invisibilidade, pela qual na tela do computador aparece só o verbete ou a informação solicitada e – importante – somente no momento em que o consulente assim o desejar. Todo o resto fica oculto “dentro do computador ou no suporte que o sustenta”. E conclui com uma observação interessante: “É impossível perceber um dicionário eletrônico em toda sua extensão”. Esse é um aspecto que o diferencia enormemente do DP. De fato, se pensarmos nas dificuldades que hoje ainda têm alguns recalcitrantes usuários de mídias eletrônicas, comuns entre os chamados *imigrantes digitais*¹³⁶, a invisibilidade – e também a *impalpabilidade* – talvez seja uma das características do mundo digital que mais cause estranheza a esses usuários.

Nos DEs, as informações lexicográficas tornam-se hipertextos, conectados através de hiperlinks. O hipertexto é um conjunto de informações relacionadas entre si e editado no computador.

Os hiperlinks, por sua vez, são dispositivos informáticos que conectam as informações. São constituídos por *links*, que são “[...] mecanismos de referência digital” (XAVIER, 2005, p. 192). Nos DEs, os hiperlinks conectam os lexemas entre si, remetendo o usuário a outras partes do hipertexto, clicando no dispositivo automático, que o conduz a outro lexema, por serem relacionados entre si. (VILARINHO; FAULSTICH, 2013, p.182).

A possibilidade de ampliar e atualizar dicionários com poucos recursos financeiros é sem dúvida muito significativa para a produção lexicográfica e é o maior benefício dos DEs quando confrontados com os DPs, os quais historicamente se defrontam com as seguintes questões: i) restrição do espaço e ii) rápida desatualização. Sem esquecer, ainda, a enorme vantagem que representam o dinamismo, a rapidez e a diversidade de recursos que podem ser oferecidos em suporte eletrônico e que tornam o DE um instrumento versátil e atraente.

¹³⁶ Diferentemente do *nativo digital*, o *imigrante digital* entrou em contato com o mundo dessa tecnologia já em idade adulta, e precisa fazer um esforço enorme para adaptar-se a esse mundo, sendo que nunca se libertará do padrão de pensamento analógico (PRENSKY, 2001).

Leffa (2006) pondera que o DP é o oposto das características acima, pois não se constitui de *bits*, mas de átomos, tem peso e dimensões físicas e não é passível de “ser fisicamente compactado e nem teletransportado de um lugar a outro (p. 324)”. Atualizações implicam novas reimpressões, com altos custos. Não é possível prever animação, som ou vídeo, e o volume do dicionário precisa ser manuseado inteiramente, embora o leitor procure uma só palavra.

Entretanto, a diferença mais significativa para o autor (2006, p. 234) “talvez esteja no acesso ao verbete desejado”. No DP, o leitor deve interromper a leitura do texto, voltar-se para outro texto (o dicionário) e “folhear inúmeras páginas até encontrar o verbete que procura”. A busca se complica se a informação desejada faz parte de uma EI, pois, além de identificá-la, o leitor deve “de certo modo tentar a sorte” procurando a solução em cada palavra que a constitui, e aqui Leffa usa o exemplo de uma expressão simples como *get done with* (‘terminar’), a qual “pode significar várias idas ao dicionário até encontrar uma solução satisfatória”.

Da mesma forma, se tentarmos encontrar no DP monolíngue Houaiss a EI ‘pior a emenda que o soneto’, por exemplo, iremos três vezes ao dicionário – nas entradas **emenda**, **soneto** e **pior** – e, ainda assim, *ficaremos a ver navios*. Em um DE, independentemente do resultado da busca, o processo é mais ágil.

Quanto à sua classificação, os dicionários *on-line* dividem-se em *dicionários prontos* ou *dicionários em construção* (STORRER; FREESE, 1996 *apud* WELKER, 2004, p. 228). Os *dicionários prontos* correspondem às versões eletrônicas de DPs e aos dicionários especialmente projetados para usufruir das vantagens do hipertexto.

Os *dicionários em construção* abarcam os dicionários que fornecem a parte do trabalho já concluída pelo(s) seu(s) autor(es) e os dicionários colaborativos, que se “constroem”, justamente, com as contribuições dos seus usuários. Esses últimos são dicionários que requerem uma supervisão profissional.

Em relação ao acesso, visto que, nos hipertextos, a informação se organiza em rede, o usuário não é obrigado a seguir o percurso linear tradicional dos DPs, podendo buscar livremente as informações que desejar. Os DEs disponibilizam diferentes formas de busca como:

- a) *Browsing*: como nos DPs, o usuário percorre uma lista alfabética até encontrar o item de seu interesse.
- b) *Busca direta*: o usuário digita um item na caixa de busca e tem acesso direto ao conteúdo da entrada.

c) *Fuzzy search*: quando um item é digitado de forma incorreta, o usuário conta com uma lista de sugestões cuja grafia se aproxima à grafia do item solicitado.

d) *Wildcards*: quando o usuário tiver dúvidas em relação à grafia do item, pode substituir o elemento ignorado por um ponto de interrogação ou utilizar * (asterisco) para qualquer outro número de caracteres desconhecidos.

O *layout* do DE é melhor do que o dos DPs, pois com mais espaço é possível dispor as informações da microestrutura mais eficientemente, utilizando cores, fontes e sinais que evidenciam aspectos do texto lexicográfico.

Muito pertinentes nos pareceram os resultados dos seguintes estudos (LAUFFER e HILL, 2000; NESI, 2000; TONO, 2000; LOUCKY, 2002, citados por SELISTRE (2010, p. 71) que indicam vantagens no uso de DEs e são aqui resumidos:

– Laufer e Hill utilizaram um dicionário *on-line* com explicações em inglês, tradução na língua materna, pronúncia audível e informações extras no intuito de estabelecer conexões possíveis entre retenção de vocabulário e comportamento de pesquisa (tipo de informação selecionada e número de consultas para cada item lexical). Os resultados sugeriram que **o uso de informações dicionarísticas múltiplas parece reforçar a retenção**. [o grifo é nosso]

– As pesquisas de Nesi, Tono e Loucky indicam que o uso de DEs **estimula mais a compreensão de textos e a aquisição de vocabulário** do que o uso de DPs devido aos **recursos que oferecem e à possibilidade dos usuários de ampliar sua pesquisa através dos links para os materiais adicionais**. [o grifo é nosso]

Embora não sejam conclusivos, Selistre entende que os resultados dessas pesquisas mostram que as especificidades do suporte *on-line* podem auxiliar efetivamente os usuários nas atividades de compreensão e de produção.

Em 1996, em um famoso texto apresentado na Universidade de Colúmbia, na *The Italian Academy for Advanced Studies in America*, Umberto Eco já mencionava esses mesmos aspectos ao descrever as vantagens e as desvantagens de que dispunham leitores de hipertextos e leitores de enciclopédias em papel, bem como os percursos de leitura que cada um desses recursos demanda. Reproduzimos aqui uma passagem mais longa, sobretudo por sua relevância para este tópico – as diferenças entre DEs e DPs –, mas também por ser brilhante, como habitualmente são os textos de Eco:

As enciclopédias são concebidas de forma a serem sempre consultadas e a nunca serem lidas da primeira à última página. Geralmente pegamos um dado volume de uma enciclopédia para saber, ou lembrar, quando morreu Napoleão ou qual é a fórmula do ácido sulfúrico.

Pessoas letradas usam enciclopédias de uma forma mais sofisticada. Por exemplo, se quero saber se é possível ou não que Napoleão tenha se encontrado com Kant,

pegarei o volume K e o volume N da minha enciclopédia: descobri que Napoleão nasceu em 1769 e morreu em 1821, Kant nasceu em 1724 e morreu em 1804, quando Napoleão já era imperador. Não é impossível que tenham se encontrado. Tenho, provavelmente, que consultar a biografia de Kant, ou a de Napoleão – mas, em uma curta biografia de Napoleão, que se encontrou com tantas pessoas em sua vida, esse possível encontro com Kant pode ter sido desconsiderado, enquanto que, em uma biografia de Kant, tal encontro deve ter sido registrado. Ou seja, preciso folhear vários livros nas estantes da minha biblioteca, tomar notas para comparar dados coletados, e assim por diante. Enfim, tudo isso me custará um penoso trabalho físico.

Em um hipertexto, ao invés, posso navegar pela enciclopédia inteira. Posso associar um evento registrado no início a uma série de eventos similares disseminados ao longo do texto, comparar o começo com o fim, pedir a lista de todas as palavras começando por A, perguntar por todos os casos nos quais o nome de Napoleão está vinculado com o de Kant, comparar as datas de seus nascimentos e mortes. Em resumo, posso fazer meu trabalho em segundos ou minutos.

Hipertextos certamente tornarão enciclopédias e manuais obsoletos. Em alguns CD-ROMs (talvez daqui a pouco, será um único) é possível armazenar mais informação do que em toda a Enciclopédia Britânica, com a vantagem de permitir referências cruzadas e recuperação não linear de informações. O conjunto CD mais o computador ocuparão um quinto do espaço ocupado pela enciclopédia. A enciclopédia não pode ser transportada como o CD-ROM, a enciclopédia não pode ser atualizada facilmente. As estantes que hoje são ocupadas, na minha casa e também nas bibliotecas públicas, por metros e metros de enciclopédias poderão ser eliminadas em um futuro próximo. E não haverá razão para lamentar o seu desaparecimento¹³⁷. [trad. nossa]

Note-se que, a respeito de espaço e armazenamento, naquela época nem se falava ainda em *pen drive*, esse diminuto dispositivo portátil, tão banal atualmente, que qualquer um carrega consigo como ‘objeto de primeira necessidade’ devido à sua alta capacidade de armazenamento e velocidade de transferência de arquivos. Menos ainda se falava ‘na nuvem’.

¹³⁷ No original, “*Encyclopedias are conceived in order to be always consulted and never read from the first to the last page. Usually one pick up a given volume of one's encyclopedia to know or to remember when Napoleon died or what is the formula of sulfuric acid.*

Scholars use encyclopedias in a more sophisticated way. For instance, if I want to know whether it was possible or not that Napoleon met Kant, I have to pick up the volume K and the volume N of my encyclopedia: I discover that Napoleon was born in 1769 and died in 1821, Kant was born in 1724 and died in 1804, when Napoleon was already emperor. It is not impossible that the two met. I have probably to consult a biography of Kant, or of Napoleon - but in a short biography of Napoleon, who met so many persons in his life, this possible meeting with Kant can be disregarded, while in a biography of Kant a meeting with Napoleon should be recorded. In brief, I must leaf through many books in many shelves of my library, I must take notes in order to compare later all the data I collected, and so on. In short, all this will cost to me a painful physical labor.

With a hypertext, instead, I can navigate through the whole encyclopedia. I can connect an event registered at the beginning with a series of similar events disseminated all along the text, I can compare the beginning with the end, I can ask for the list of all the words beginning by A, I can ask for all the cases in which the name of Napoleon is linked with the one of Kant, I can compare the dates of their birth and death - in short, I can do my job in few seconds or few minutes.

Hypertexts will certainly render obsolete encyclopedias and handbooks. In few Cd-roms (probably soon in a single one) it is possible to store more information than in the whole Encyclopaedia Britannica, with the advantage that it permits crossed references and non-linear retrieval of information. The whole of the compact disks, plus the computer, will occupy one fifth of the space occupied by an encyclopedia. The encyclopedia cannot be transported as the CD-ROM can, the encyclopedia cannot be easily updated. The shelves today occupied, at my home as well as in public libraries, by meters and meters of encyclopedia could be eliminated in the next future, and there will be no reasons to complain for their disappearance.”

A computação em nuvem (*cloud computing*) é uma tecnologia que permite utilizar a memória e a capacidade de armazenamento de computadores e de servidores interligados pela Internet. Assim, é possível acessar programas, arquivos e diferentes serviços *online* de qualquer computador e de qualquer lugar do mundo, pois os dados estarão salvos em uma rede. Como o acesso é remoto, isto é, por meio da Internet, se diz que os dados estão ‘na nuvem’.

O que Eco (1996) evidenciava, já em 1996, é que as vantagens dos hipertextos sobre as obras em papel são evidentes e permanentes. Há quase 20 anos, ele testemunhava o início do processo irreversível de informatização da sociedade e de virtualização da vida cotidiana, descrevendo com primor as mudanças que, hoje, fazem parte da rotina de qualquer leitor.

4.3 O PERFIL DO USUÁRIO

Qualquer dicionário é um instrumento que deve ser projetado e desenvolvido para satisfazer determinadas necessidades de um determinado usuário.

Na aula de LE, além do livro didático, os alunos têm o dicionário como material de referência no processo de ensino-aprendizagem. No Brasil, grande parte dos usuários que utilizam os DBs no par de línguas italiano-português é constituída de estudantes de língua italiana como LE.

Com relação ao ensino do italiano no Brasil, há dois tipos de aprendizes: aqueles que aprendem a língua apenas para comunicar-se em italiano, como usuários da língua, e aqueles que querem aprender o italiano também com o objetivo de empregá-lo como ferramenta de trabalho, o “aprendiz-especialista” (BACCIN, 2008). Algumas pesquisas foram realizadas para conhecer esse público (SENE, 2004; LIMA, 2007, apud Baccin, 2008) e analisar sua relação com os dicionários utilizados. No entanto, os resultados permitiram conhecer apenas parcialmente as suas necessidades. Por sua vez, Zucchi (2010), em uma pesquisa sobre o uso de dicionários para a compreensão escrita por aprendizes de língua italiana na universidade, comprovou que, para a real compreensão de uma palavra desconhecida, usar o dicionário é mais eficaz do que se valer exclusivamente do contexto através de estratégias de compreensão como a inferência.

O público usuário do protótipo de hiperdicionário aqui projetado é o aprendiz-especialista brasileiro de língua italiana como LE que pretende usar o idioma como instrumento de trabalho, seja como professor, seja como tradutor. O usuário é, portanto, um aprendiz-especialista, como definido por Baccin (2008).

4.4 A FUNÇÃO DO DICIONÁRIO

Os DBs podem ter uma ou duas direções: “[...] o dicionário monodirecional dirige-se aos falantes de apenas uma das duas línguas, ao passo que o bidirecional deve servir aos falantes de ambos os idiomas.” (WELKER, 2004, p. 200). Quanto à função, o dicionário *monodirecional* é elaborado para atender a apenas uma das necessidades: ou é um dicionário passivo (para a compreensão/decodificação) ou é um dicionário ativo (para a produção/codificação). Já o dicionário *bidirecional* visa ao desenvolvimento das habilidades de compreensão e de produção.

Nos estudos de lexicografia, cada vez mais se enfatiza a importância do usuário para a concepção de um dicionário (WIEGAND, 1995, *apud* GIACOMA, 2012) e como as suas necessidades podem variar conforme ele precise entender um texto ou produzi-lo.

Giacoma (2012, p. 48) observa que Hausmann (1985), ao tratar da lematização de UFs em DBs, cita como exemplo a UF *eingefleischter Junggeselle* (‘solteirão inveterado’¹³⁸) e afirma que, para quem deseja *produzir* um texto, seria útil encontrar esta UF no verbete *Junggeselle* (‘solteiro’), enquanto quem precisa *entender* a expressão em um texto provavelmente irá procurar no DB a palavra que conhece menos, no caso *eingefleischter* (‘inveterado’). Entretanto, Giacoma considera que a prática lexicográfica não permite considerar divisões tão rígidas entre uso ativo (codificação) e uso passivo (decodificação), mesmo quando o público usuário é bem definido, citando como exemplo de público bem definido estudantes italianos de alemão. Nesse caso, a lexicógrafa pondera que a solução ideal seria lematizar a UF em ambas as entradas¹³⁹. Considera esse tipo de organização exemplar teoricamente e certamente apreciada pelo usuário, embora pouco factível em obras impressas e não mais necessária em DEs.

No que tange especificamente ao tratamento das UFs em DBs italiano-português, teremos oportunidade de ilustrar essas questões no item 4.7.1 adiante.

4.5 OS DICIONÁRIOS SEMIBILÍNGUES

O conceito de *dicionário semibilíngue* (DS) é pouco estudado na tradição lexicográfica e, por isso, mal classificado. Isso se deve à sua natureza complexa, que se encontra “[...] a meio caminho entre os bilíngues e os monolíngues.” (MARELLO, 1996), e à

¹³⁸ As traduções para o português são nossas.

¹³⁹ Como sugerido por Burguer (2010, *apud* GIACOMA, 2012).

confusão terminológica existente, pela qual a mesma entidade é denominada de diferentes formas (dicionário híbrido, dicionário bilingualizado, *bridge dictionary* bilingualizado) (DE BENITO, 2008).

O DS tem sido discutido internacionalmente, mas ainda não existe um consenso sobre como deve ser inserido na classificação tipológica geral (DURAN, 2004). Os DSs pretendem aliar as vantagens dos DMs às vantagens dos DBs, isto é, apresentam definições na LE (como os monolíngues) seguidas de um equivalente na língua materna do usuário (como os bilíngues) (cf. HARTMANN e JAMES, 2001; WELKER, 2004, p. 201-203; DE BENITO, 2008; HÖFLING, 2006).

O primeiro dicionário semibilíngue moderno foi o *English-Hebrew Oxford Student's Dictionary for Hebrew Speakers*, publicado em 1986, por Kernerman e Kahn (LAUFER e MELAMED, 1994). No Brasil, temos o *Password: English Dictionary for speakers of Portuguese* (PED, 2005). Schmitz (2001) cita, ainda, como exemplos dessa tipologia de dicionários, Parker (1998) e Sinclair (1995), que incluem orações-modelo nos verbetes em inglês, auxiliando o usuário a decodificar o significado do verbe.

Originalmente, os DSs são obras monolíngues que sofrem adaptações para assumir um caráter bilíngue. De fato, o dicionário *Parola Chiave Dizionario Italiano* (doravante PCDIt), único DS italiano-português que temos no Brasil, foi inicialmente publicado em língua italiana, pela *Giunti Editore* de Milão, com o título *Dizionario Italiano per Stranieri*. Propõe-se como obra lexicográfica para compreensão dirigida ao aprendiz brasileiro de língua italiana.

Hausmann (1977, *apud* WELKER, 2004, p. 215) faz uma distinção entre dicionário para aprendizes e dicionário de aprendizagem. Os dicionários de aprendizagem seriam aqueles que devem ajudar o usuário na aquisição de massa léxica e, preferivelmente, têm macroestrutura onomasiológica (do significado para o significante). Os dicionários para aprendizes, ao invés, apresentam uma macroestrutura semasiológica (do significante para o significado) e têm como objetivo auxiliar o aprendiz de LE nas suas inúmeras atividades.

Para Schmitz (2001), o DS é uma inovação e representa “um avanço no campo da lexicografia, vindo possivelmente a substituir o dicionário bilíngue tradicional no futuro”. Ao confrontar DSs e DBs, afirma que um ponto positivo dos primeiros em relação aos últimos é que, diferentemente dos DBs, os DSs não apresentam uma série de alternativas de tradução descontextualizadas; ao contrário, oferecem definições acompanhadas de abonações que exemplificam o uso. Ao incluírem definições e orações para contextualização das acepções arroladas, propiciam respostas mais eficientes para o aprendizado do que os DBs. Schmitz

(2010, p. 1091-1092) também não indica pontos negativos para os DSs, como ele faz para os DBs tradicionais, imputando à falta de espaço a superficialidade na apresentação das equivalências nos DBs, além de referir como um grande problema dessas obras “[...] a limitação quanto ao número de vocábulos arrolados e a má qualidade das definições apresentadas”.

Lo Cascio e Nijpels (2006, p. 544) partilham com Schmitz a convicção de que, no futuro, os dicionários bilingualizados (também chamados DSs) “[...] terão um papel importante e atrairão a atenção da editoria internacional. Ainda que pouco difundidos, tais dicionários são considerados importantes e úteis para o aprendizado de línguas (MARELLO, 1996; LAUFER & MELAMED, 1994)”¹⁴⁰ [trad. nossa]. Lo Cascio e Nijpels (2006, p. 544) também citam a pesquisa conduzida por Laufer & Melamed (1994) a qual concluiu que

[...] os usuários adultos de uma língua estrangeira, estando em um nível avançado de estudo dessa língua, preferem os dicionários bilingualizados, mesmo em versão papel¹⁴¹, aos dicionários bilíngues ou aos monolíngues didáticos.¹⁴² [trad. nossa]

De fato, Laufer e Melamed (1994, p. 565) realizaram uma pesquisa sobre a eficiência de DMs, DBs e dicionários “bilingualizados” (ou DSs) para a compreensão e para a produção de novas palavras com 123 estudantes de inglês como LE, do ensino médio e universitário. Os autores concluíram que os índices mais altos de eficiência quase sempre foram obtidos quando foi utilizado o dicionário bilingualizado. Isso ocorreu para todos os aprendizes em situação de compreensão da LE e para os aprendizes bons e medianos em situação de produção.

Veja-se o quadro abaixo (1994, p. 574) para os resultados sobre a compreensão, que são os que mais nos interessam nesta pesquisa. Esquemáticamente, eles podem ser assim representados: o sinal > significa “melhor que” e o sinal * “significativamente melhor que”:

¹⁴⁰No original, “*dovrebbero avere un ruolo importante e destare l'attenzione degli studiosi e dell'editoria internazionale. Anche se poco diffusi, questi dizionari vengono ritenuti, infatti, importanti ed utili per l'apprendimento delle lingue.*”.

¹⁴¹Lo Cascio e Nijpels são autores do *Grande dizionario elettronico Italiano-Neerlandese* (2005). <http://www.italned.com/prodotti.html>

¹⁴²No original, “*gli utenti di lingua straniera, adulti, se hanno già una competenza avanzata della lingua straniera, preferiscono i dizionari bilingualizzati, anche se in versione cartacea, a quelli bilingui o a quelli monolingui didattici.*”

Quadro 8 – Resultados de pesquisa sobre a compreensão em DMs, DBs e DSs.

usuários sem habilidade	semibilíngue > bilíngue > monolíngue
	semibilíngue > * monolíngue
usuários medianos	semibilíngue > monolíngue > bilíngue
	semibilíngue > * bilíngue
usuários bons	semibilíngue > monolíngue > bilíngue

Fonte: (LAUFER; MELAMED, 1994).

Como ferramenta para o ensino do italiano a brasileiros, no sentido da compreensão textual, os DSs também “[...] ajudam o aluno a aumentar o seu repertório linguístico por meio da leitura e compreensão das definições e dos exemplos.” (BACCIN, 2008, p. 22). O mesmo afirmam Duran e Xatara (2006), reiterando que os DBs para compreensão passaram a atender mais eficazmente as necessidades dos aprendizes de LE com o formato popularizado como “semibilíngue”. Nesse artigo, as autoras inclusive avaliam a possibilidade de desenvolver esse padrão de dicionário também para a produção e não só para a compreensão de aprendizes.

O objetivo dos DSs seria anular a oposição entre o uso do dicionário monolíngue de LE (pedagogicamente útil e recomendado pelos professores) e o uso do dicionário bilíngue (mais rápido e mais fácil e, portanto, preferido pelos estudantes) (MARELLO, 1996; HÖFLING, 2006).

Entretanto, Lo Cascio e Nijpels ponderam que os DSs atuais possuem limites. Transcrevemos aqui integralmente suas observações, por serem extremamente pertinentes:

Nasceram como dicionários didáticos, destinados exclusivamente a um tipo de público estrangeiro. No formato papel, são em um só volume e unidirecionais, isto é, da LE para a LM. Em geral recolhem um número limitado de entradas lexicais. Tendem a apresentar uma macroestrutura mais reduzida do que o dicionário didático monolíngue para estrangeiros, por razões óbvias de espaço, devido à abundância de exemplos e à presença das traduções, sendo também mais reduzida do que a macroestrutura do dicionário bilíngue devido à presença da explicação dos significados de cada lema. [...] Portanto, nesse tipo de dicionário, o material linguístico tem, se não exatamente a função de propiciar o processo de aprendizagem, a função de enfrentar e tratar ao menos os eventuais problemas linguísticos que um falante de uma determinada língua poderia encontrar no aprendizado ou no uso de uma língua estrangeira específica.¹⁴³ (2006, p. 544) [trad.nossa].

¹⁴³ No original, “*Sono nati come dizionari didattici, destinati esclusivamente ad un tipo di pubblico straniero. Sono, se di formato cartaceo, monovolumi, unidirezionali, cioè del tipo lingua straniera-lingua materna. In genere, raccolgono un numero limitato di entrate lessicali. Tendono a presentare una macrostruttura in ogni caso più ridotta del dizionario didattico monolingue per stranieri, per ovvie ragioni di spazio, data l'abbondanza di esempi e la presenza delle traduzioni, e più ridotta del dizionario bilingue per la presenza della spiegazione dei significati di ogni lemma. [...] In questo tipo di dizionari il materiale linguistico ha*

Importa ainda referir a observação de Durão e Andrade (2007) ao afirmar que DSs e DBs respondem a uma demanda do ensino que, por não ser constante, dá margem à criação de materiais que satisfazem necessidades comerciais mais imediatas. Sendo assim, tais dicionários não se beneficiam dos avanços teóricos da Lexicologia e da Lexicografia e também não atendem às reais necessidades do público ao qual se destinam.

Todas essas informações nos permitem dizer que os DSs são realmente uma importante ferramenta alternativa de consulta para os aprendizes de LE. Entretanto, ainda carecemos de estudos consistentes sobre esse tipo de obra, uma vez que a literatura específica sobre eles não é extensa.

4.6 OS COMPONENTES CANÔNICOS DO DICIONÁRIO

Os componentes canônicos do dicionário são a macroestrutura, a microestrutura, a medioestrutura e o *front matter*, sendo que a qualidade e a real utilidade de uma obra lexicográfica decorrem da sua correta definição (BUGUEÑO MIRANDA e FARIAS, 2007).

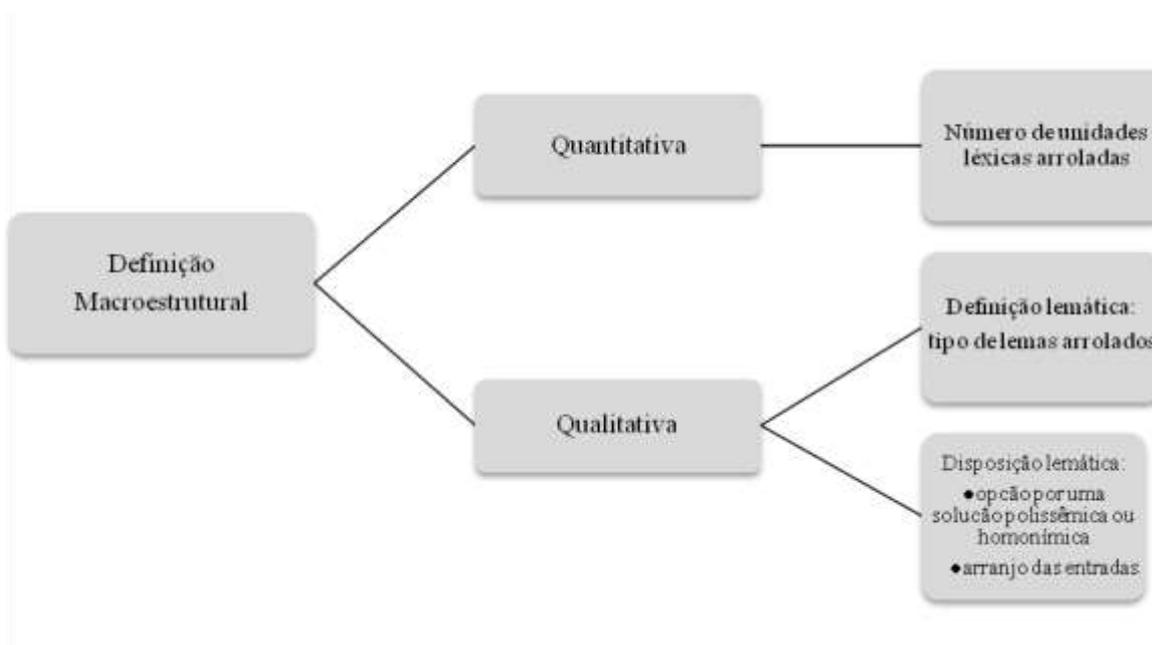
A canonicidade desses elementos, naturalmente, é uma constatação que se faz a partir da bibliografia de Lexicografia Teórica e também das práticas de dicionarização mais comuns. As denominações desses elementos são variáveis conforme diferentes autores e diferentes tradições de dicionarização.

4.6.1 A macroestrutura

A macroestrutura diz respeito às questões relacionadas à seleção e à ordenação do material léxico (HAENSCH, 1982; HARTMANN, 2001). Para Haensch (1982, p. 452-457), a questão mais relevante com relação à macroestrutura de um dicionário é a organização do material léxico segundo uma orientação semasiológica ou onomasiológica. São referentes à macroestrutura o estabelecimento do número de lexemas arrolados, o tipo de unidade repertoriada e como elas são dispostas no dicionário.

dunque, se non proprio la funzione di promuovere il processo di apprendimento, quella di affrontare e trattare almeno gli eventuali problemi linguistici che un parlante di una certa lingua potrebbe incontrare nell'apprendimento o nell'uso di una specifica lingua straniera.”

Figura 5: Elementos macroestruturais dos dicionários.



Fonte: Do Autor, 2014.

Seriam problemas de ordem macroestrutural, por exemplo, a identificação da forma de citação da EI, os critérios de seleção do *corpus*, a escolha do lema sob o qual arrolar a EI.

4.6.1.1 Seleção

Na compilação de um dicionário, a primeira questão de ordem macroestrutural a ser tratada é a seleção da nomenclatura (ou lematário), isto é, a escolha de uma lista de itens lexicais. Evidentemente não podemos esperar encontrar em um dicionário todas as palavras existentes em uma língua, uma vez que elas são selecionadas a partir de determinados critérios, que estão atrelados aos objetivos que devem ser atendidos pelo dicionário.

No caso de um dicionário especial – como é o dicionário de EIs, que arrola itens de uma determinada parcela do léxico (sinônimos, antônimos, fraseologismos e outros) –, é preciso delimitar que tipo de item irá compor o inventário. Conseqüentemente é fundamental estabelecer a sua caracterização, pois dela dependerá a seleção coerente da nomenclatura.

No que tange à densidade macroestrutural, um dicionário para a **compreensão** deve arrolar um extenso número de itens, uma vez que o vocabulário necessário para que o aprendiz compreenda textos é bem mais amplo do que o vocabulário necessário para a **produção** oral e escrita. Um dicionário para a produção pode ter um número de itens mais reduzido (uma macroestrutura sintética), com itens de frequência alta e uma microestrutura mais densa.

A seleção dos itens de um dicionário constitui uma grande dificuldade para os lexicógrafos (WELKER, 2004) e é um tema sempre controverso na literatura.

A seleção pode ser realizada por meio de diferentes procedimentos, geralmente por uma combinação deles: a análise de publicações e dicionários, a análise de *corpora*, a entrevista com falantes nativos, a análise estatística de coocorrências, a competência linguística do lexicógrafo, experiências psicolinguísticas e análises sociolinguísticas empíricas (GIACOMA, 2012, p. 94).

No nosso caso, as unidades que compõem o dicionário são EIs, já definidas no Capítulo III. A amostragem selecionada é constituída de EIs associadas a elementos da gastronomia (gastronomismos linguísticos, cf. MONTEIRO-PLANTIN, 2011), e seus núcleos são, geralmente, substantivos que indicam um alimento ou instrumento ligado à atividade culinária. Dessa forma, foram selecionadas, de cinco inventários (dicionários e coletâneas, bilíngues e monolíngues), apenas as unidades que i) constituíam EIs e ii) constituíam gastronomismos linguísticos, como descrito no Capítulo VII.

4.6.1.2 Lematização

As EIs constituem um bloco, sendo, assim, uma única unidade lexical. Contudo, esse fato “não significa que, na prática lexicográfica, as UFs devam ter uma entrada independente” (IRIARTE SANROMÁN, 2000). O fato de uma UF ser uma unidade lexical não significa que deva ser também um lema. Assim

[...] as entradas do dicionário devem continuar a ser palavras (no sentido em que um falante corrente entende intuitivamente o termo: conjunto delimitado por dois espaços em branco, espaço e sinal de pontuação ou espaço e hífen) ordenadas segundo um critérialfabético [...] (IRIARTE SANROMÁN, 2000, p. 22).

Para Sanromán, nos dicionários em formato eletrônico, a pesquisa poderá ser feita considerando a totalidade ou apenas uma parte da expressão pluriverbal. Essas expressões poderão ser registradas **em forma de entrada direta**, com a possibilidade de reenvios para os artigos correspondentes às palavras que compõem a expressão, onde poderão ser tratadas como subentradas. Aqui o autor se refere somente aos DBs de língua geral.

O princípio mais importante na lematização (ou ordenação) da macroestrutura, para Haensch (1982, p. 452), é a ordem alfabética das entradas. Em um dicionário fraseológico (doravante DF), no que tange à disposição das entradas selecionadas, é preciso decidir i) pela

organização alfabética dos núcleos ou palavras-chave¹⁴⁴ de cada UF ou ii) pela primeira palavra de cada UF.

Nos DFs de Schemann, é proposta a ordenação alfabético-gramatical. Foi convencionalizada uma ordem por classe gramatical com a seguinte prioridade para a palavra-chave: substantivo, verbo, adjetivo e advérbio (GIACOMA, 2012).¹⁴⁵ Assim a EI é lematizada conforme seu núcleo ou palavra-chave: se a EI possui um substantivo, é ele que conta, se possui dois substantivos, o que conta é o primeiro. Se não possui substantivos, conta o verbo, do contrário, conta o adjetivo. A maior parte das EIs é registrada pelo substantivo que as constitui.

A organização pelas palavras-chave significa uma busca mais trabalhosa para o usuário, que não sabe se a palavra-chave que escolheu foi a palavra escolhida pelo lexicógrafo (RIVA, 2009). Já a organização pela primeira palavra da EI pode acarretar um problema de segmentação, pois o usuário pode não saber se o início da expressão considerado por ele (*essere come il cacio sui maccheroni*) é o mesmo considerado pelo lexicógrafo ou se é um outro (*come il cacio sui maccheroni*, por exemplo).

Adotamos no hiperdicionário a organização das EIs por seus núcleos, que são os elementos a partir dos quais os gastronomismos são caracterizados. Em se tratando de um DE e, portanto, não tendo problemas de espaço, uma EI como a anterior (*come il cacio sui maccheroni*), por exemplo, pode ser ordenada tanto pelo substantivo *cacio* (queijo) quanto por *maccherone* (macarrão), como detalhado no Capítulo VII.

Para a lematização das UFs, Schemann recomenda não adotar a forma canônica nos DFs. Por exemplo, no caso da EI *come il cacio sui maccheroni*, o lema deve ser, segundo Schemann, *maccheroni*, tal qual se apresenta na EI, e não *maccherone*, a forma canônica. No hiperdicionário preferimos não adotar a solução sugerida por Schemann, lematizando as EIs pela forma canônica do elemento que indica o gastronomismo linguístico, procedimento usual nos dicionários gerais monolíngues e bilíngues e com o qual o usuário está habituado. No hiperdicionário, portanto, o aprendiz encontrará a EI *come il cacio sui maccheroni* lematizada tanto pelo núcleo *cacio* quanto por *maccherone*, na forma canônica.

¹⁴⁴ Preferimos chamá-los “núcleos”.

¹⁴⁵ No MEICIP (TERMIGNONI, 2009), por exemplo, as EI italianas foram lematizadas e ordenadas alfabeticamente pelo núcleo. Na lematização, foi considerada a ordem de prioridade: substantivo, adjetivo, verbo e advérbio, como nos exemplos com substantivos: *frangia: metterci la _*; *soldoni: dire in _*; *tiro: alzare il _*. As UFs que possuem mais de um substantivo foram lematizadas a partir de todos eles com o intuito de contemplar diferentes opções de busca do consultante, como no exemplo: *santo: avere qualche _ in paradiso* e *paradiso: avere qualche santo in _*.

4.6.1.2.1 Os verbos-suporte (*light verbs*)

Consideramos importante tratar brevemente o conceito de verbo-suporte, uma vez que ele está relacionado à questão da delimitação das expressões lexicalizadas, como demonstrado na tese de doutorado “*Verbo-suporte e expressões cristalizadas: um enfoque sintático-semântico-discursivo.*” (SILVA, 2006), cujas reflexões apresentamos a seguir, muito resumidamente.

Os verbos classificados como principais, plenos ou genéricos, que perdem certas propriedades típicas dessa classe em algumas construções, são chamados por alguns autores de verbos-suporte ou *verbos leves* (*light verbs*).

Os verbos-suporte são verbos plenos que passam por um esvaziamento lexical ou gramaticalização quando usados com nomes ou expressões nominais que atraem o centro semântico do enunciado. A ideia de esvaziamento é reforçada quando existem verbos plenos [queixar-se] que substituem o verbo leve [**fazer** queixa] em predicado complexo. Alguns autores aproximam esses verbos dos auxiliares (SILVA, 2006, p. 29-30).

Exemplos: Maria fez queixa./O ministro tem muita influência./O remédio não deu resultado.

Porém, a autora pondera que a descaracterização de um verbo em favor de um nome não parece ser tão simples. A gramática explica esse processo, porém há outros aspectos a considerar, o que ela explicita partindo do seguinte exemplo:

Maria fez queixa aos pais./Maria queixou-se aos pais.

Aqui a forma do verbo-suporte **fazer** foi comutada pelo **verbo pleno** [queixar-se] “constituído do radical do nome que serviu de complemento ao verbo e que centralizou o conteúdo semântico. Um verbo pleno que tem como complemento um nome pode ter esse nome substituído por um pronome oblíquo átono _ Maria fê-la aos pais. E o complemento indireto a que o verbo **fazer**, no caso, se refere? Esse complemento depende do nome que se refere ao verbo, pois o verbo **fazer** não exige complemento preposicionado, o conjunto **fazer queixa** é que o exige” (SILVA, p. 30).

Em expressões formadas por **verbo+nome**, Silva (2006, p. 31) destaca a dificuldade de classificar essas expressões sempre mais presentes nos enunciados que produzimos e que vêm se fixando através de uma variedade de verbos, como:

Minha cabeça **deu um nó.**

Deu zebra no desfile daquela escola.

Ele **não dá ponto sem nó.**

Nunca imaginei **dar** tanto **azar** assim!

Ele **fez picadinho** do meu amor.

Bruno **levou cano**.

O ladrão **passou a perna** no policial e fugiu [os grifos são nossos].

Silva (2006, p. 31) toma o verbo “[...] na ‘possibilidade’ de função predicativa da frase, em que assume a função central e determina a estrutura frásica de base, tanto sintática como semanticamente.” Sabendo-se que o único constituinte realmente essencial à oração é o predicado, e sendo possível tomar o verbo em função predicativa, esse possui “[...] a característica de acumular um componente lexical (predicador) e outro gramatical (reúne as categorias de tempo, modo, aspecto, número e pessoa).”

Silva reafirma, assim, que o verbo deve ser analisado como uma classe organizadora de estruturas possíveis, pois se realiza em várias situações discursivas segundo a intenção do falante (p. 32).

No *corpus* de Silva (2006), foram selecionados e analisados os verbos **cair**, **dar**, **fazer**, **levar** e **ter**. A autora percebeu, ao longo dos textos em que eles ocorrem, que i) sua carga semântica pode ser plena, ii) pode esvaziar-se (abrandar-se significativamente) e deslocar-se para o nome que lhe serve de objeto ou iii) pode cristalizar-se em expressões que só se efetivam em determinados discursos.

Sua proposta em relação ao material recolhido para análise é verificar que “[...] o léxico de uma língua não é um todo homogêneo.” A linguista pondera (2006, p. 51) que o verbo é essencialmente complexo e os critérios sintáticos e semânticos não dão conta completamente do seu valor nocional e das suas relações. Ele é pleno em uma determinada organização textual, enquanto em outra pode sofrer um processo de esvaziamento lexical já que permite deslocarmos para a expressão nominal o centro semântico da frase. O verbo **ter** em ‘**ter uma bola**’, ‘**ter confiança**’ e ‘**ter cabeça**’ apresenta, no primeiro caso, “[...] a ocorrência de um verbo pleno; no segundo, de um verbo leve (suporte) e no terceiro uma expressão cristalizada ou lexicalizada.” (p. 51).

Do estudo de Marques (2000, apud SILVA, 2006) sobre o uso concreto da língua na fala carioca, Silva (2006, p. 81) ressalta que o verbo-suporte é associado à noção de conjunto, que “parece mais conveniente do que tratá-lo como um verbo esvaziado semanticamente + um nome polarizador”: Diz Marques (2000 apud SILVA, 2006, p. 86):

No caso do verbo **fazer** + **substantivo**: **fazer barba, fazer cabelo, fazer compra, fazer conta, fazer comida**, há a correspondência com o **verbo-suporte**, aqui reconhecido como aquele em que se dá preferência ao conjunto, no lugar do verbo que corresponderia a este: **barbear, pentear, comprar, contar, cozinhar ou cozer**.

Para Silva (2006), *isso evidencia* “[...] a preferência do enunciador por esse conjunto no lugar da forma verbal correspondente.”

A análise parte do significado dicionarizado do verbo e das possibilidades significativas que esse assume no discurso. A autora adverte que a análise não comporta grupos divididos em verbo-suporte, expressão cristalizada ou valor polissêmico do verbo. Os verbos-suporte prototípicos muitas vezes tornam-se polissêmicos, sendo usados estilisticamente ao serem inseridos no contexto.

Eis alguns exemplos da diversidade de resultados encontrados na análise de Silva (2006, p. 148-149):

1. Dois homens roubaram um Palio em Austin e partiram para **fazer assaltos** na Dutra. (= assaltar). Verbo-suporte prototípico.
 2. Angola **faz festa** pelo primeiro ponto. (= festejar). Verbo-suporte prototípico.
 3. Sua ideia era **fazer composição** com muitos parceiros. (= compor). Verbo-suporte prototípico.
 4. Gritaram “perdeu”, me **levaram o carro** e me mandaram correr. (= roubaram). A expressão ‘**levar o carro**’ na frase significa “roubar” e não pode ser encaixada nos verbos-suporte. Uso conotativo, uso coloquial.
Confrontemos com: Meu irmão **levou o carro** para lavar. Aqui o emprego é denotativo. Logo, a expressão ‘**levar o carro**’ é polissêmica.
 5. Em Buenos Aires, moradores **fazem carnaval** digno de conquista de copa. Expressão cristalizada.
 6. Pelé **fez tabelinha** com desatentas canelas portuguesas. O uso do diminutivo empresta característica de afetividade ao termo e o aproxima do recurso de estilo.
 7. Tudo que ousou **fazer na vida**, Otto **fez muito bem**.
Fazer na vida é outra das expressões cristalizadas usadas contextualmente como reforço semântico de ‘viver plenamente’. É uma forma que se cristalizou.
 8. O português me **deu o fora**. (= ‘abandonar’, expressão cristalizada).
 9. Vou **dar o fora** daqui. (= ‘sair’, expressão cristalizada).
- Embora (8) e (9) se equivalham estruturalmente, divergem semanticamente. ‘**Dar o fora**’ é uma expressão cristalizada, e seu uso depende do contexto.

‘**Levar cano**’, ‘**levar vantagem**’, ‘**levar em consideração**’, ‘**levar carão**’, ‘**levar sabão**’, ‘**levar nas costas**’ são expressões lexicalizadas ou cristalizadas, isto é, há uma tendência da língua a utilizar estruturas verbais (verbo + nome) que têm suas funções modificadas, sem, entretanto, funcionarem como verbos-suporte. ‘**Levar tombo**’ seria ‘**tombar**’? Talvez ‘**levar em consideração**’ poderia ser vista como ‘**considerar**’, mas a estrutura do verbo-suporte prototípico não comporta a preposição antes do nome (2006, p. 100, grifos da autora).

Diante de tantas classificações dos usos do verbo que efetivamente ocorrem, conclui-se que verbos-suporte e expressões cristalizadas “[...] são unidades compósitas independentes e **estão mais para o discurso e o contexto do que para classificações gramático-sintáticas.**” (SILVA, 2006, p. 88, o grifo é nosso).

A autora pondera que a questão do reconhecimento de verbo-suporte tem produzido variadas pesquisas com o intuito de formalizar a questão, “[...] o que nos parece questionável, visto que esses verbos surgem nos textos em decorrência de fatores semânticos, assim como expressões se cristalizam na língua também por motivos semânticos.” (SILVA, 2006, p. 94-95).

De maneira que os verbos não podem ser sempre classificados segundo uma lógica normativa. “O discurso e a gramática nem sempre estão lado a lado visto que o falante se comporta conforme uma organização mental que atenda às necessidades expressivas de uma determinada situação.” (SILVA, 2006, p. 100).

Não há, em princípio, um limite fixo e claro para as significações das formas de verbo-suporte e de expressões lexicalizadas ou cristalizadas. Esse fato é, naturalmente, mais um complicador para a dicionarização dessas expressões.

É importante, ainda, ressaltar que mesmo os verbos-suporte podem ser usados conotativamente, como recurso estilístico, havendo casos de “dispersão semântica (ou polissemia)” em textos literários ou não. É, portanto, um processo em aberto, segundo Silva. Muitas vezes, é tênue a distinção entre umas e outras, e não se pode considerar o estudo como finalizado, “[...] pois é um assunto cujos limites se diluem, vão além das regras e das comprovações” (2006, p. 109).

Em suas conclusões, a autora classifica o tema do verbo-suporte como “[...] polêmico, mas instigante” (SILVA, 2006, p. 180) e “[...] ainda tão passível de discussão” (SILVA, 2006, p. 86).

4.6.1.2.2 *Polissemia e homonímia*

A “polivalência das palavras” (ULMANN, 1964) possui duas formas diferentes: a polissemia e a homonímia.

Na elaboração de um dicionário,

As ideias do autor sobre homonímia e polissemia não só influenciam na estrutura da parte definitória das entradas do dicionário, mas também na decisão de dar indicações sobre conteúdos ou equivalentes de tradução que correspondam a um

significante léxico em uma só entrada [...] ou se será preciso reparti-las em outras entradas. (HAENSCH *et al*, 1982, p. 297-298)¹⁴⁶

Graças à flexibilidade e dinamismo do léxico, uma UL pode assumir diferentes valores ou acepções. As acepções são como pequenas peças do mesmo tramado no qual se evidencia um único elemento semântico que se torna dominante para aquela acepção¹⁴⁷. A polissemia é assim uma circunstância em que dois ou mais significados são designados pela mesma UL.

Segundo Biderman, a **polissemia** é

[...] um fenômeno que ocorre no interior das redes de significação do léxico geral da língua comum, em virtude da economia lingüística, com o reaproveitamento freqüente de um certo número de lexemas no processo de comunicação. A ampliação do uso de uma palavra e a metaforização contínua da linguagem acarretam a freqüência de muitas unidades lexicais gerando a polissemia. (BIDERMAN, 1991, p. 283-284)

A freqüência de uma palavra relaciona-se com a sua polissemia: quanto mais frequente ela é, mais sentidos poderá ter (ULMANN, 1964, 350). Relações semânticas sistemáticas como a sinonímia e a polissemia (inclusive alguns tipos de polissemia regular) são típicas das EIs. Essa afirmação pode soar muito banal, pois se espera que essas estruturas da língua, como qualquer outra UL, apresentem relações semânticas paradigmáticas. Entretanto, é importante que isso seja evidenciado porque os dicionários não consideram seriamente a polissemia no campo fraseológico (DOBROVOL'SKIJ, 2007).

Carneado Moré (1985, p. 21) é de opinião que as UFs polissêmicas devem ser registradas em um DF “[...] mesmo que a polissemia não ocorra abundantemente na fraseologia, já que uma UF tem no geral menos mobilidade contextual que uma UL qualquer, isto é, não se manifesta livremente em relação semântica e gramatical com outras palavras”.

Riva (2009, p. 29), em seu protótipo de dicionário onomasiológico, refere a existência de EIs polissêmicas, embora, “[...] na maioria dos casos, não se saiba qual o sentido primeiro que adquiriram, pois ambos os sentidos são usuais”. Por exemplo, cita a EI ‘de olhos fechados’ que é frequente seja para indicar o conceito CONFIANÇA, seja o conceito FACILIDADE. O mesmo ocorre com a EI ‘de pernas pro ar’, que indica DESORDEM ou ÓCIO.

¹⁴⁶ No original, “*Las ideas del autor sobre homonimia y polisemia no sólo influyen en la estructura de la parte definitoria de los artículos del diccionario, sino también en la decisión de si las indicaciones sobre contenidos o equivalentes de traducción que pueden corresponder a un significante léxico se pueden dar en solo un artículo [...]*”

o si se han de repartir en varios artículos” (HAENSCH *et al*, 1982, p. 297-29).

¹⁴⁷ No original, “*Le accezioni sono come piccoli tasselli della medesima tessitura in cui si evidenzia un solo elemento semantico che diviene dominante per quell’accezione.*”

Enquanto a **polissemia** pode ser compreendida como a atribuição de significados diferentes a uma única UL, a **homonímia** é a representação de ULs diferentes por meio de um único significante. Em outras palavras, ela

[...] consiste em que um mesmo significante pode significar simultaneamente dois ou mais significados entre os quais não existe qualquer relação cognitiva. Neste caso, não se pode falar de uma palavra com vários significados, mas de várias palavras (homônimas) com o mesmo significante. (SILVA, 1989, p. 01)

Na macroestrutura do dicionário, a homonímia é representada pela distribuição da mesma UL em entradas independentes, e a polissemia pela disposição, dentro do verbete, dos diferentes significados da entrada.

O dicionário semibilíngue PCDI^{it}, por exemplo, tratou de forma diferenciada as formas homônimas de mesma categoria gramatical (o substantivo **radio**) por meio de entradas separadas e com números alceados diferentes:

ràdio1 *s.m.* Osso che costituisce insieme all’ulna lo scheletro dell’avambraccio. □ **rádío.**

ràdio2 *s.m.* Metallo altamente radiottivo presente nei minerali di uranio. □ **rádío.**

ràdio3 *s.f.invar.* **1.** Le trasmissioni radiofoniche: ascolta spesso la radio. [...] □ **rádío.**

Dentro dessa mesma concepção, foram lematizados em entradas distintas os substantivos **cavo1** e **cavo2**; **canto1** e **canto2**.

A polissemia seria, assim, o resultado diacrônico de uma divergência no plano do conteúdo, enquanto a homonímia seria o resultado diacrônico de uma convergência no plano da expressão (HAENSCH, 1982, p. 305).

4.6.2 A medioestrutura

A medioestrutura é o sistema de remissões (chamadas também de referências cruzadas, estrutura de vínculos ou estrutura medial) que remetem o usuário de uma parte a outra do dicionário e auxiliam na compreensão do significado dos itens lexicais arrolados. Tal sistema deve ser simples e objetivo, de forma que i) leve o usuário a encontrar rapidamente a informação que o dicionário quer fornecer, ii) seja sempre elucidativo e iii) seja sempre funcional (BUGUEÑO MIRANDA e ZANATTA, 2008). Assim o lexicógrafo deve funcionar

como um guia dentro da própria obra para abastecer o leitor de informação (FAULSTICH, 1993, p. 92).

Sobre a organização das remissões, lembra Faulstich (1993, p. 91): “[...] uma remissão, como indicativo de relações nocionalmente ligadas, surge na microestrutura, mas vai ter reflexo na macroestrutura textual”. De fato, as remissões corrigem o isolamento das mensagens no nível da microestrutura (reconstruindo seu campo semântico) e reúnem entradas equivalentes (sinônimos) no nível da macroestrutura. Elas seriam um tipo de “ricochete de informação”, formando a rede estrutural juntamente com a macro e microestruturas (BACELLAR, 2002, p. 106-107, apud FROMM, 2004).

As remissões podem ser *obrigatórias*, quando não há (ou há poucas) informações no lema consultado e o usuário somente encontrará a informação desejada se seguir a remissão para outro lema (Welker os chama lemas *remissivos*); ou *facultativas*, quando o usuário segue a remissão apenas se desejar informações adicionais (WIEGAND, 1996a apud WELKER, 2004, p. 178-179).

Existem remissões não só internamente ao dicionário, mas também externamente a ele. (WELKER, 2004, p. 177).

Nos dicionários *on-line*, a possibilidade de remissões, na verdade de hiperconexões através de *hyperlinks*, permite que o cruzamento de referências seja infinitamente mais abrangente do que nos DPs. É o caso do modelo (amostragem) de hiperdicionário aqui projetado, que está acoplado a um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). O modelo prevê **conexões internas**, dentro do dicionário, mas também **conexões externas** com a Internet e, ainda, com outros objetos de aprendizagem do AVA, como será demonstrado no Capítulo VI.

Por exemplo, a medioestrutura do hiperdicionário estabelece conexões, por meio de hiperlinks, de alguns dos verbetes com ilustrações na *Web*, de forma a facilitar a compreensão do estudante. Isso será demonstrado no Capítulo VII.

4.6.3 O *front matter*

O *front matter* “[...] são aquelas partes de um dicionário que precedem a seção central da lista de palavras.” (FORNARI, 2008, p. 15). É nessa seção que podem ser encontrados o prefácio, o índice, o guia do usuário e a gramática do dicionário (HARTMANN & JAMES, 2001, p. 60). O *front matter* do Dicionário Italiano-Português semibilíngue *Parola Chiave*,

por exemplo, é composto de índice, apresentação da edição brasileira, guia gráfico de consulta, abreviaturas e símbolos gráficos.

O *front matter* não é considerado um componente canônico por muitos autores. No entanto, somos do parecer de Bugueño Miranda; Farias (2007) e Fornari (2008) que o consideram essencial¹⁴⁸ devido a duas razões: o *front matter* i) informa o consulente sobre o que esperar do dicionário, ao mesmo tempo em que ii) funciona como um manual de instruções. De fato, é fundamental explicitar de início ao usuário, por exemplo, a presença de recursos como negrito, itálico, ou símbolos, tais como asteriscos, triângulos e setas, que funcionam como uma ferramenta de auxílio na compreensão dos verbetes, entre outros. O guia do usuário permitirá saber de que forma se movimentar dentro do dicionário.

4.6.4 A microestrutura

A microestrutura diz respeito a questões concernentes à organização interna dos verbetes (HAENSCH, 1982; WELKER, 2004).

Wiegand (1989a, p. 466, *apud* FARIAS, 2011) distingue *entre microestrutura abstrata e microestrutura concreta*. A primeira é o desenho de todo o conjunto de segmentos informativos que o verbete deve conter – um programa constante de informações [*festes Informationsprogramm*] (WIEGAND, 1989a, p. 417, *apud* FARIAS, 2011). A segunda é a realização concreta do plano de informações traçado na microestrutura abstrata.

Wiegand (1989b, p. 433, *apud* FARIAS, 2011) aponta um total de 62 tipos de segmentos informativos possíveis no verbete, evidentemente não para o mesmo lema, e cuja presença, ou não, depende do desenho da microestrutura que, por sua vez, está atrelada à taxonomia do dicionário.

A microestrutura apresenta dois segmentos básicos: o *comentário de forma* (todas as informações relativas ao lema enquanto significante) e o *comentário semântico* (todas as informações relativas ao lema enquanto significado), conforme proposto por Wiegand (1989, *apud* BUGUEÑO e FARIAS, 2006).

O *comentário de forma* diz respeito à presença, na microestrutura do dicionário, de informações justamente sobre a “forma” das unidades lexicais arroladas, ou seja, como são abordados aspectos como: categoria gramatical, transcrição fonética, divisão silábica, indicação de gênero, indicação de número, variação ortográfica e marcas de uso.

¹⁴⁸ Ver Fornari, M. Concepção e desenho do *front matter* do dicionário de falsos amigos espanhol-português. In: *Revista Voz das Letras*. v. 9. 2008.

O *comentário semântico*, por sua vez, deve fornecer informações sobre o significado das ULs: a definição do lema, a exemplificação, sinônimos, antônimos.

Quando se analisa o *comentário de forma* e o *comentário semântico* de um verbete, é possível verificar se a microestrutura: i) possui um PCI, ou seja, um programa de critérios informativos constantes (WIEGAND, 1989a, *apud* FARIAS, 2006) e ii) se tais critérios são aplicados de maneira uniforme relativamente à densidade das informações e ao lugar que elas ocupam na microestrutura.

Segundo o lema tratado, a microestrutura pode variar quanto à sua organização, mas deve manter sempre uma padronização interna. Bugueño e Farias (2006, p. 121) lembram que “[...] não há, no entanto, uma discussão sobre o que deve (ou não deve) estar presente na microestrutura, ainda que Wiegand (1989b) já advertisse sobre a necessidade de atrelar o programa constante de informações ao tipo de dicionário que se almeja redigir”.

4.6.4.1 A macro e microestruturas em DEs semibilíngues/bilingualizados

A era eletrônica está evidenciando um aumento da demanda por DEs. Vimos que os DEs, se comparados aos DPs, podem ser bem mais abrangentes porque exploram os recursos próprios do ambiente digital. Vimos também que a maior parte dos DEs atuais são apenas versões eletrônicas dos dicionários impressos e não dicionários projetados para a mídia eletrônica.

Lo Cascio e Nijpels (2006, p. 544) reiteram o que já foi dito sobre as vantagens dos DEs: se “até agora os critérios adotados na elaboração de dicionários [...] eram determinados pelos problemas de espaço e pela forma de consulta da versão em papel.”, hoje as versões eletrônicas devem desempenhar outra função, devem ter outra estrutura e outra abrangência. Os DEs deveriam, por exemplo, conter mais contextos com as estruturas tratadas, informação cada vez mais essencial do ponto de vista do aprendizado e do uso das LEs.

Os autores enfatizam que navegar é uma forma de adquirir conhecimento, o qual vai se formando ao longo de um percurso aparentemente desordenado e ditado por curiosidades e descobertas eventuais. Um percurso individual a partir dos próprios interesses permite a cada internauta chegar a um estado em que o conhecimento se reorganiza. Tal possibilidade de navegação incide diretamente na forma de se projetar a microestrutura do DE.

Para permitir uma navegação ampla no dicionário – explicam os autores –, os dados devem ser estruturados de forma eficiente. Hoje um dicionário deve ser feito partindo-se de um banco de dados acoplado a um banco de dados relacional, em que os dados sejam todos

codificados. Isso vale para os DMs, didáticos ou não, destinados a falantes nativos ou a estrangeiros. Vale também para os DBs eletrônicos, permitindo a navegação em uma língua e de uma língua para outra.

Contudo, para esses pesquisadores, são os dicionários bilingualizados (semibilíngues) que no futuro desempenhariam um papel realmente importante, chamando a atenção dos estudiosos e da editoria internacional. Ainda que pouco difundidos, são considerados importantes e úteis para o aprendizado de línguas (MARELLO, 1998; LAUFER e MELAMED, 1994, citados por Lo CASCIO e NIJPELS, 2006).

Na sequência, resumimos as mudanças que deveriam ser contempladas em um DB em suporte eletrônico, tanto as macro quanto as microestruturais, na concepção de Lo Cascio e Nijpels (2006, p. 545):

- As descrições poderão ser menos simples, diferentemente das descrições que se encontram nos DMs didáticos para estrangeiros. Navegando, o usuário encontra imediatamente a tradução das palavras utilizadas na explicação e, assim, não é mais necessário ater-se a um vocabulário simples, pode-se usar uma formulação mais natural e, portanto, mais complexa.
- As descrições poderão também conter hiperônimos, sinônimos, entre outros, indicando os domínios lexicais aos quais pertence uma palavra.
- Não havendo problemas de espaço, o DE poderá ter uma macroestrutura mais extensa, com uma grande quantidade de lemas, de exemplos e de contextualizações.
- Poderá ter uma coerente e exaustiva informação sobre colocações, tornando-se um potentíssimo instrumento didático e de consulta.
- As expressões lexicais complexas, as formas idiomáticas, as locuções poderão não só ser traduzidas, mas conter explicações e paráfrases formuladas na língua de partida.
- O confronto entre dados de tão vasto alcance permitirá evidenciar claramente diferenças e similitudes entre as línguas envolvidas.

Acrescente-se, ainda, que o usuário poderá navegar à vontade, o que servirá para estimular e favorecer o aprendizado.

Os autores ponderam que esses dicionários poderão tornar-se também bidirecionais (destinados aos dois públicos-alvo), com evidentes vantagens para o confronto entre as línguas. Consideram que até mesmo usuários que adotam o dicionário para a tradução, e não por motivos didáticos, usufruiriam de um DE que contém descrições e a explicação das

locuções em LE. A versão eletrônica ofereceria um dicionário bilingualizado potente, com vantagem para todos os tipos de usuários.

Lo Cascio e Nijpels informam que um possível primeiro exemplo de dicionário que nasceu como bilíngue e que depois assumiu as características de um DE bilingualizado moderno é o do *Grande Dizionario Elettronico Italiano-Neerlandese/Neerlandese-Italiano*, publicado recentemente (2005) em *cd-rom* pela fundação holandesa Italded, de autoria de Vincenzo Lo Cascio.¹⁴⁹

A partir desses autores, procuramos explorar os dados compilados no levantamento de EIs nos dicionários e repertórios com o objetivo de elaborar um DE que, não desconsiderando a importância da amplitude da macroestrutura, própria dos dicionários para a compreensão, procurasse privilegiar a microestrutura. Por exemplo, apresentando as EIs-entrada inseridas geralmente em mais de um contexto, incluindo um campo microestrutural com a análise componencial (tradução literal) da EI, para melhor compreensão do aprendiz, e interligando os verbetes do hiperdicionário **entre si**, através de hiperlinks (conexões internas), interligando-os também **com a rede** e mostrando, ainda, como essa conexão poderá ser feita **com verbetes de outros** (futuros) **dicionários e objetos de aprendizagem** do AVA (conexões externas).

4.6.4.2 A definição

A definição (paráfrase explanatória ou ainda paráfrase definitória) é uma das questões mais complexas da prática lexicográfica. Biderman assim sintetiza o que parece ser um consenso entre lexicógrafos a respeito da técnica de definir:

Na prática lexicográfica, a definição de uma palavra consiste em uma paráfrase dessa palavra, equivalente a ela semanticamente. Através dela, o lexicógrafo pretende explicitar o que os usuários de uma língua compreendem ao se fazer referência a uma dada palavra. (BIDERMAN, 1993, p. 47)

Para Porto Dapena (2014, p. 2) a definição é sempre um sintagma, chamado “sintagma definicional”, que faz parte de um enunciado lexicográfico. Quando o sintagma definicional não contém todas as características definitórias, elas costumam aparecer em um enunciado independente que o lexicógrafo chama de “extensão definicional”.

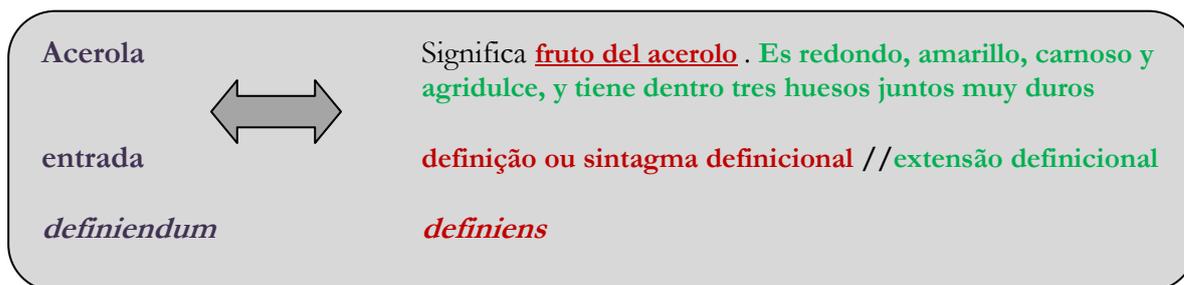
Entre *definiendum* (a entrada ou vocábulo definido) e *definiens* (o sintagma definicional), deve-se dar uma relação de equivalência (\Leftrightarrow) ou coincidência semântica,

¹⁴⁹ O DE em *cd-rom* é distribuído, na Holanda e na Bélgica, pela Amsterdam University Press (www.aup.nl) e, no resto do mundo, pela própria *Fondazione Italded* (www.italded.com).

princípio fundamental que toda definição deve cumprir. Reproduzimos o exemplo de enunciado lexicográfico e dos segmentos que o compõem oferecido por Porto Dapena (2014, p. 2):

Acerola f. Significa fruto del acerolo. *Es redondo, amarillo, carnosos y agrídulce, y tiene dentro tres huesos juntos muy duros*

A seguir, procuramos representá-los graficamente, a partir da explicação do autor:



A definição clássica é reconhecida pela presença de duas categorias referenciais: o gênero próximo, ou seja, a parte de uma definição que expressa a classe a que pertence o ente definido, e a diferença específica, isto é, as particularidades que distinguem o ente definido em relação a outros pertencentes a mesma classe (FINATTO, 2003). Há o exemplo clássico do substantivo ‘cadeira’, que poderia ser definido como *assento com encosto para uma pessoa*, onde *assento* seria o gênero próximo e *com encosto e para uma pessoa* seriam os traços que constituiriam a diferença específica. Zgusta (1971, p. 254) traz como exemplo uma definição do verbo *to intone*: *to recite in a singing tone*, com a qual explica que “*to recite* é aqui um hiperônimo que funciona como o gênero próximo e *in a singing tone* é o traço semântico adicional que funciona aqui como a diferença específica”.

Esse tipo de definição é a que possui maior prestígio (BÉJOINT, 2000). Contudo, Béjoint observa que a definição por gênero próximo e diferença específica nem sempre é a mais adequada para determinados vocábulos, sugerindo que sejam considerados os diferentes tipos de definição relativamente ao tipo de usuário e à classe de palavra definida.

Os DBs tradicionalmente não continham definições. Elas eram substituídas pelos equivalentes, considerados como uma espécie de paráfrase e uma forma de evitar a redundância. Somente na ausência de um equivalente na outra língua o DB deveria oferecer uma perífrase ou definição que o substituísse (HAENSCH *et al*, 1982).

A presença simultânea de definições e de equivalentes nos DBs deve-se, em grande parte, ao processo de adaptação de DMs para uso bilíngue, os chamados bilingualizados ou ainda semibilíngues (DURAN; XATARA, 2006).

Nosso interesse aqui é a definição aplicada a EIs, para seu registro em um hiperdicionário semibilíngue italiano-português, sem esquecer que se trata especificamente de um dicionário centrado na habilidade de compreensão de leitura e voltado ao aprendiz-especialista de língua italiana de nível intermediário-avançado. É preciso lembrar também um princípio básico da lexicografia monolíngue para estudantes de LE, segundo o qual as definições presentes em um dicionário devem conter palavras mais fáceis de compreender do que aquelas que nele estão definidas (ZGUSTA, 1971). É preciso lembrar, ainda, que o dicionário em foco é um dicionário semibilíngue e que, portanto, seus usuários deverão ser capazes de compreender definições na língua de partida, o italiano.

Entretanto, como frequentemente ocorre em vários outros aspectos relativos à prática fraseográfica, “[...] nos tratados lexicográficos apenas se faz referência à definição deste tipo de unidade” (SILVA, 2004). Enquanto abundam informações sobre as questões conexas à definição de cada classe de palavras, Silva observa que **não há menção especial à definição das UFs**, nem em Haensch *et al* (1982), nem em Martínez de Souza (1995), nem em Porto Dapena (2002), “[...] obras consideradas tão completas”.

Silva, assim como nós ao encontrarmos esse mesmo resultado (desolador) sobre a definição fraseológica, também se pergunta: “As considerações feitas sobre a definição das unidades lexicais simples podem ser aplicadas da mesma forma às UFs?”. Conclui que, realmente, pouca atenção foi dada à definição em fraseologia, persistindo, entretanto, uma atitude crítica com relação à forma como as UFs são definidas. Assim, ao se projetar, por exemplo, um dicionário de EIs, haverá mais um desafio a enfrentar: como apresentar a definição desse tipo de unidade?

Ainda que Silva se restrinja à análise das definições de UFs em DMs do espanhol e à opinião de linguistas/fraseólogos espanhóis, optamos por referir essas suas reflexões pois analisam, do ponto de vista definitório, o tipo de unidade que aqui nos interessa particularmente, também oferecendo parâmetros e exemplos do tratamento dicionarístico das definições de UFs. Foi o material mais detalhado que encontramos.

A fraseóloga brasileira afirma que há uma opinião geral segundo a qual um dos problemas básicos que ainda não foi resolvido em fraseologia é o que se refere à definição das UFs, existindo uma grande variedade de procedimentos no seu tratamento.

Nesse percurso investigativo, Silva levanta opiniões e críticas de estudiosos espanhóis a respeito das definições de UFs em dicionários espanhóis. São resumidamente as seguintes:

- i) É inadequado incluir o definido na definição.
- ii) Há informações sobre a etimologia, bastante distantes do usual, em dicionários didáticos.
- iii) Determinadas UFs exigem uma explicação sobre como são usadas, o que complica o trabalho lexicográfico. Porém, enquanto alguns aprovam a inclusão de observações sobre o seu uso, outros as condenam. Ruiz Gurillo (2000), por exemplo, afirma que se deve oferecer uma definição sinonímica ou perifrástica em alto grau, na qual os aspectos sobre o uso da UF estejam representados, se necessário, por abreviaturas que não integrem a definição. Condena, assim, a metalinguagem de signo¹⁵⁰, pois ao invés de se explicar o que significa a UF, informa-se sobre seu uso e emprego.
- iv) São examinadas as UFs definidas como de *sentido ou significado claro* no DUE¹⁵¹ e se coloca como problemática a forma como elas são definidas nessa obra.
- v) Alguns reconhecem a necessidade de recorrer a um conhecimento enciclopédico na hora de definir certas EIs, outros o condenam, como Ruiz Gurillo (1998), segundo a qual a definição deveria ser essencialmente linguística.
- vi) Alguns estudiosos coincidem em criticar a informação sobre a categoria gramatical, que não deveria ser indicada.

Silva encontra em Zgusta (1971, p. 154) que “[...] UFs e ULs carregam o significado da mesma forma.” Isso lhe permite demonstrar que, de fato, **algumas questões inerentes à definição das ULs se repetem na definição das UFs**. Assim conclui que as reflexões relatadas acima encontram eco na prática lexicográfica e servem, ademais, como pauta útil para analisar a práxis nos dicionários. Silva indica soluções e alternativas para alguns pontos levantados, que analisa e exemplifica com base em dicionários de espanhol.

¹⁵⁰ Seco (2003) elaborou os conceitos de ‘metalinguagem de signo’ (ou definição imprópria) e ‘metalinguagem de conteúdo’ (ou definição própria). A primeira não seria propriamente uma definição, mas uma explicação da palavra-lema, ou seja, o que é, como e para que se emprega. Já a segunda explica o que a palavra-lema significa e constitui uma definição propriamente dita.

¹⁵¹ Silva examinou exemplos de definição nas seguintes obras: *Clave. Diccionario de uso del español actual* (CLAVE), *Diccionario del español actual* (DEA), *Diccionario fraseológico del español moderno* (DFEM), *Diccionario de locuciones verbales para la enseñanza del español* (DICLOCVER), *Diccionario Salamanca de lengua española* (DSLE), *Diccionario de la lengua española* (DRAE), *Diccionario de uso del español* (DUE), *Gran diccionario de la lengua española* (GDLE) y *Larousse diccionario práctico de locuciones* (LDPL), *Diccionario del Español* (DRAE).

Com referência às definições circulares, baseada em Zgusta (1971), mostra como é possível evitar a inclusão do definido na definição de uma UF, como no exemplo de *llevar la mejor parte*. A coluna da esquerda traz a definição circular, a da direita aponta soluções:

	DEA 'Resultar el más favorecido' (p. 3404).
DUE 'En una lucha o competición llevar ventaja: estar en camino de ganar' (p. 648).	DRAE 'Estar próximo a vencer' (p. 1687).
	LDPL 'Ser el más beneficiado en un asunto' (p. 190).

Entretanto, os problemas definitórios comuns às UFs e ULS abarcam questões complexas. Eis os vários tipos de definição acima assinalados pelos diferentes autores e exemplificados por Silva:

- a) definição perifrástica construída em metalinguagem de signo:
darle [una pers. el pie [a otra] y tomarse (o coger) [esta] la mano (o darle la mano y tomarse (o coger) el pie) (col) Se dice a propósito de la pers a quien se hace una concesión y que se toma, con ocasión de ello, otras que no se le han dado (DEA, p. 3526)
- b) definição perifrástica construída em metalinguagem de significado¹⁵²:
buscar una aguja en un pajar. Empeñarse en encontrar una cosa imposible o muy difícil de buscar (DICLOCVER, p. 34).
- c) definições híbridas: vivito y coleando Dicho de una persona: Que se creía muerta y está con vida (DRAE, p. 2313).
- d) inclusão na definição de dados extralinguísticos:
COGER [TOMAR] LAS DE VILLADIEGO Por alusión a las alforjas que se fabricaban en esta población, marcharse de un sitio precipitadamente o huyendo (DUE, p. 1530).
- e) definição sinonímica, mas não mediante uma **UF** sinônima, mediante uma **UL** sinônima:
helársele la sangre (en las venas) a alguien Asustarse, horrorizarse (DFEM, p. 252).

A diversidade de definições pode ser entendida como um requisito próprio de qualquer UL, já que as diversas ULs possuem diferentes propriedades semânticas. Segundo a autora, tal diversidade deve ser vista mais além do binômio homogeneidade/heterogeneidade ou do fato que exista um tipo de definição melhor do que outro. Afinal, como apontava Bejoint (2000),

¹⁵² O mesmo que metalinguagem de conteúdo.

essa heterogeneidade pode ser vista em relação à diversidade de ULs e aos diferentes grupos de usuários.

Tal como ocorre com as ULs, a definição perifrástica (analítica) é a mais recomendada no caso das UFs, enquanto a definição sinonímica tem menos prestígio por considerar-se “[...] imprecisa ou insatisfatória.” (WERNER, 1982, apud SILVA, 2004). Entretanto, para alguns autores a definição sinonímica é usada comumente com nomes abstratos, pois nesses casos o emprego da definição perifrástica é mais difícil. Isso parece comprovar-se no caso de algumas UFs em que se emprega a definição sinonímica, como nos exemplos a seguir (as sublinhas são nossas):

pasar a mejor vida *Morir* (DICLOCVER, p. 124).
IRSE AL TRASTE una cosa Frustrarse o malograrse (DUE, p. 1374),
 em que os sinônimos apresentados, nos dois casos, correspondem a ULs.

salirle a alguien algo de las narices darle la gana (DRAE, p. 1566).
tocar las narices *Hinchar las narices* (DSLE, p. 1071),
 em que os sinônimos oferecidos são outra UF.

Às vezes, há definições mistas, sendo oferecidos como sinônimos uma UL e uma UF:
dar en la cresta *Humillar* <unapersona> a otra persona, *bajarse los humos* (DSLE, p. 428).

Silva pondera que o emprego da definição sinonímica nos casos examinados quase nunca obriga a reiteradas buscas, pois as ULs utilizadas na definição pertencem ao léxico comum. Já a inclusão de outra UF para definir constitui uma exceção e não é recomendável.

Assim, para a autora, o emprego da definição sinonímica de uma UF por uma UL, nos casos acima, apresenta-se não só aceitável como até mesmo recomendável, sendo que uma definição perifrástica implicaria o uso de circunlóquios inúteis. Em outros casos, a formulação desse último tipo de definição seria muito difícil. Como propor uma definição perifrástica, por exemplo, para *irse al traste*¹⁵³? – pondera Silva. Seu equivalente semântico mais próximo é um lexema e não seria natural recorrer a uma descrição ou explicação para expressar tal equivalência, como demonstrado no exame a outros dicionários. Isso não significa, porém, que todas as definições sinonímicas apresentadas nos dicionários sejam legítimas (WERNER, 1982, p. 278 apud SILVA, 2004). Seria preciso analisar cada caso.

¹⁵³ Segundo o DRAE, “**traste**¹. (De *tastar*). **1.** m. Cada uno de los resaltos de metal o hueso que se colocan a trechos en el mástil de la guitarra u otros instrumentos semejantes, para que, oprimiendo entre ellos las cuerdas, quede a estas la longitud libre correspondiente a los diversos sonidos. **2.** m. *And.* Vaso pequeño, de vidrio, con que prueban el vino los catadores. **3.** m. *And., Am. Cen., Méx. y P. Rico.* trasto (|| utensilio casero)”.

Já a metalinguagem de signo e a metalinguagem de significado constituem procedimentos usados em vários dicionários. Como assinala Porto Dapena (2002, p. 241), em sua totalidade o dicionário pode ser considerado um texto ou discurso de caráter *metalinguístico*. Portanto, o uso da metalinguagem de signo e da metalinguagem de significado depende da natureza da UF descrita. No caso de locuções adjetivas e nominais, por exemplo, a utilização da metalinguagem de signo na definição parece atender à necessidade de indicar os elementos do contorno de tais unidades. Assim, em muitos casos, são explicitadas suas restrições colocacionais, como em:

golpe bajo; 1 *En boxeo, el dado por debajo de la cintura* (CLAVE, p. 978).

limpio de polvo y paja 2 Dicho de un producto: Líquido, descontadas las expensas (DRAE, p. 1799).

De qualquer forma, cada caso deve ser examinado individualmente com o fim de averiguar se é preciso aplicar uma metalinguagem ou outra. Um alto grau de fixação pragmática de uma unidade pode exigir maior referência a seu uso pragmático, o que justifica a utilização da metalinguagem de signo. Na opinião de Silva (2004), os dados pragmáticos são de qualquer forma necessários para uma descrição semântica mais completa e, por isso, seu uso não pode ser criticado.

Quanto à inclusão de dados extralinguísticos na definição de UFs, eles podem ser exigidos pela própria natureza de uma dada UL. Bajo Pérez (2000, apud SILVA, 2004) mostra que a presença de UFs nos dicionários justificaria a inclusão de informações enciclopédicas. Veja-se como, na definição da locução a seguir, os dados extralinguísticos integram o seu significado fraseológico:

cuesta de enero Período de dificultades económicas que coincide con este mes a consecuencia de los gastos extraordinarios hechos durante las fiestas de Navidad (DRAE, p. 709).

Como afirma Béjoint (2000, p. 22-23), a divisão entre os conhecimentos linguístico e enciclopédico não é tão rígida, e as pesquisas demonstraram que os dois estão misturados indissolavelmente: “É impossível definir o *signifié* de uma palavra sem mencionar e de certa forma descrever o referente.”¹⁵⁴. [trad. nossa]

¹⁵⁴ No original, “*It is impossible to define the signifié of a word without mentioning and to a certain extent describing the referent.*”

Desse modo, também a coexistência de significado literal e idiomático interfere na definição lexicográfica de UFs. Em alguns dicionários, é indicada esta dupla possibilidade:

DAR MARCHA ATRÁS *Además del significado normal de «introducir la marcha atrás en un vehículo», significa, en sentido figurado, retroceder deliberadamente en cualquier asunto* (DUE, p. 350).

dar en el blanco *Además del sentido literal, atinar o acertar em algo* (GDLE, p. 245).

saltar en pedazos *Romperse, malograrse, deshacerse, tanto en sentido literal como figurado* (LDPL, p. 197).

A partir das opiniões de especialistas e de exemplos recolhidos em diferentes dicionários monolíngues da língua espanhola, a autora conclui que o tratamento da definição das UFs é ainda incipiente. Assim, sob essa ótica, confirma-se o nosso desafio para projetar um dicionário de EIs.

4.6.4.3 As marcas de uso

As marcas de uso¹⁵⁵, ou *marcas diassistemáticas*, apontam aspectos que divergem da língua padrão, como o registro estilístico, a difusão geográfica, a difusão temporal, a postura do falante, a frequência e a situação em que as EIs ocorrem.

Hausmann (1989, *apud* WELKER, 2004, p. 131) propõe a seguinte classificação para as marcas diassistemáticas:

Diacrônicas	relativas à vigência de uso de uma palavra: <i>arcaico, neologismo, etc</i>
Diatópicas	restritas a certas regiões ou países
Diintegrativas	assinalam estrangeirismos
Diamediais	diferenciam a linguagem oral da escrita
Diastráticas	relativas ao nível sociocultural: <i>chulo, familiar, coloquial, elevado</i>
Diafásicas	diferenciam a linguagem formal da linguagem informal
Diatextuais	assinalam o gênero textual ao qual a palavra se restringe: <i>poético, literário, jornalístico</i>
Diatécnicas	relativas a palavras pertencentes a tecnoletos
Diafrequentés	em geral: <i>raro, muito raro</i>

¹⁵⁵ Giacomina esclarece em nota (2012, p.66) que, na Itália, são chamadas geralmente *marche d'uso* ou *etichette*, sendo preferido, em alemão, o termo *Diasystematische Markierungen* (marcas diassistemáticas).

Diaevaluativas	revelam certa atitude do falante ao usar o lexema: pejorativo, eufemismo
Dianormativas	indicam que o uso de determinada acepção é considerada errada pelas normas da língua padrão

Welker (2004) ressalta que a delimitação é o ponto crucial e pergunta: a partir de que momento um lexema não é mais um neologismo, ou já é antiquado? Qual a fronteira entre formal e informal, ou entre, por exemplo, familiar e coloquial? A grande dificuldade enfrentada pelo lexicógrafo é a falta de levantamentos e classificações, e os dilemas persistem mesmo quando se dispõe de *corpora*.

Marcas de uso como *vulgar*, *popular*, *poético* são utilizadas para fornecer ao usuário uma indicação que o impeça de adotar determinada unidade léxica em determinadas situações com determinados receptores ou para um determinado assunto no qual não deveria usá-la ou, ainda, que possa evitar mal-entendidos graves com respeito ao conteúdo (WERNER, 1982).

As marcas de uso são essenciais nos dicionários para produção, aos quais o usuário recorre para saber quando empregar ativamente determinada unidade lexical. No caso dos dicionários passivos, em geral a literatura argumenta que o usuário dispõe do texto para inferir o uso do léxico e que, portanto, as marcas de uso não são imprescindíveis. No entanto, o mesmo Welker (2004) salienta que elas também “são importantes na recepção, pois sem elas não se alcança uma compreensão exata do texto”.

Em geral, os dicionários são bastante cautelosos na indicação de marcas de uso devido à dificuldade de estabelecê-las com clareza. Dicionaristas e metalexicógrafos concordam que essa é uma tarefa difícil, constatando-se inclusive divergências em dicionários da mesma língua. Apesar das dificuldades, seria desejável que os dicionários contivessem mais marcas de uso (WELKER, 2004).

4.6.4.3.1 Marcas de uso e fraseologia

As EIs são “[...] um verdadeiro campo minado” (XATARA, 1998, p. 11) no sentido de que são estruturas de difícil compreensão semântica e possuem significados com matizes às vezes muito tênues. Sobre a atribuição de marcas de uso especificamente para as EIs, a linguista italiana Luisa Giacoma (2012, p. 46-47) analisa as seções fraseológicas de verbetes dos dicionários gerais bilíngues alemão-italiano DIT¹⁵⁶ (2008) e SANSONI¹⁵⁷ (2006),

¹⁵⁶ *Dizionario Tedesco-Italiano, Italiano-Tedesco*. Torino: Paravia/Langenscheidt, 2008.

¹⁵⁷ *Il dizionario Sansoni Deutsch-Italienisch, Italiano-Tedesco*. Milano: Rizzoli/Larousse, 2006.

observando que a marca *fig*¹⁵⁸ não é atribuída de forma coerente. Está presente antes de certas EIs e “inexplicavelmente” ausente diante de outras, o que já não ocorre no dicionário de mesma tipologia Giacoma/Kolb (2009)¹⁵⁹, no qual as EIs são precedidas dessa marca. Por outro lado, a linguista ressalta que indicações como, por exemplo, marcas de registro estilístico do tipo familiar, rebuscado, gíria ou obsoleto possuem uma tradição lexicográfica consolidada e por isso estão presentes nesses dicionários, “embora em medida inferior às reais necessidades do leitor”. Função semelhante têm as indicações de marcas diatemporais, pelas quais as EIs mais obsoletas tendem a ser percebidas também como rebuscadas (*um jds Hand anhalten/chiedere la mano di qualcuno*), enquanto as que se originam na linguagem dos jovens são percebidas como familiares e informais (*ricaricarsi fam, ricaricare le batterie fam*). Há ainda, nos dicionários DIT e SANSONI (citados por GIACOMA, 2012, p. 66-67), algumas remissões inadequadas, como EIs não marcadas temporalmente que remetem a EIs marcadas como antiquadas, marca que deveria estar presente também nas primeiras. Giacoma salienta que, nos casos em que as EIs podem ser marcadas por uma postura particular do falante (brincalhona, irônica, depreciativa, enfática ou eufemística), essa nuance deve ser assinalada com uma marca de registro estilístico (diaevaluativa).

4.6.4.4 A variação fraseológica

Pesquisadores do campo da Fraseologia, como Zuluaga (1980), Corpas Pastor (1996), Garcia-Page Sanchez (1998), estudaram a variação nas expressões fixas e estabeleceram em que ela difere da sinonímia. Também a fraseóloga Guilhermina Jorge (2001) desenvolveu estudos sobre a variação.

As EIs *hablar por los codos/hablar hasta por los codos; agarrar/asir/coger el cielo con las manos; a boca de jarro/a bocajarro; a troche y moche /a trochemoche; a cada triqui traque/a cada triqui traque; de quitapon/de quita y pon; poner de patas en la calle/poner de patitas en la calle* são expressões fixas que, porém, apresentam certa variação na estrutura formal, ou seja, apresentam o que os fraseólogos chamam de *graus de fixação* (CORPAS PASTOR, 1996, p. 30-32; PENADÉS MARTINEZ, 1999, p. 16). Essa potencial variação das UFs é vista, assim, como mais uma de suas características.

¹⁵⁸ Giacoma observa que esta marca (*fig.* = figurado) possui uma longa tradição na prática lexicográfica italiana, embora sua utilização seja muito criticada no âmbito da lexicografia teórica.

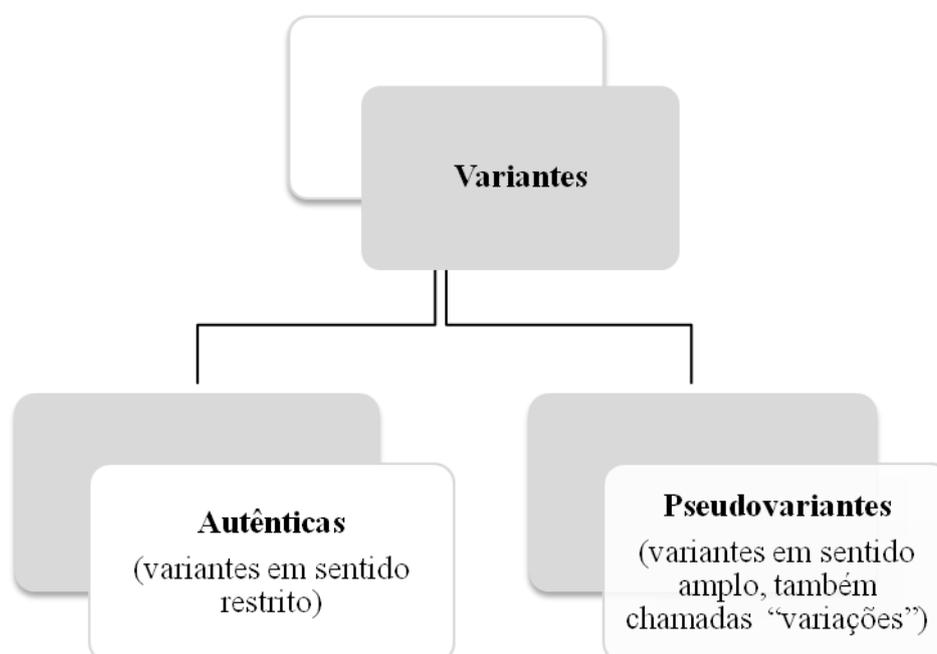
¹⁵⁹ *Il nuovo dizionario di Tedesco. Dizionario Tedesco-Italiano Italienisch-Deutsch*. Torino: Zanichelli, 2009.

Para o tratamento da variação e da sinonímia fraseológica, adotamos as concepções de Zuluaga. Em nosso entendimento, as suas concepções, resumidas a seguir, são as que melhor atendem aos nossos propósitos de indicar variantes de uma mesma EI.

Zuluaga (2001, p. 238-241) explica que, se temos várias expressões semelhantes na forma e, ao intercambiá-las não se produz uma mudança de significado, estamos diante de “variantes de uma mesma invariante”, ou seja, de manifestações de uma mesma unidade do sistema de uma língua funcional concreta¹⁶⁰.

Zuluaga distingue as variantes em dois grupos:

Figura 6: Classificação das variantes de Zuluaga (2001).



Fonte: Do autor, 2014.

As **variantes autênticas**:

- a) Devem ocorrer dentro de uma mesma língua funcional. Por exemplo, *tomar las de Villadiego* tem, na Espanha e na Colômbia, a variante *coger las de Villadiego*, o que não acontece na Argentina e no Uruguai.
- b) Não podem apresentar diferença de sentido.
- c) São independentes do contexto.
- d) Apresentam uma substituição parcial em sua estrutura, pois apenas um elemento ou uma parte da expressão é substituída. Assim, Zuluaga considera as UFs *coger las de*

¹⁶⁰ O autor observa que, se há mudança de sistema funcional, estamos falando de equivalentes e não mais de variantes.

Villadiego e *tomar las de Villadiego* como variantes autênticas, isto é, como duas formas de uma mesma UF; enquanto *tomar las de Villadiego* e *poner pies en polvorosa* não constituem UFs variantes em sentido restrito, mas são consideradas sinônimas.

e) Têm a própria substituição fixa, ou seja, previamente estabelecida. Por exemplo, na UF *todo queda en casa* apenas o elemento *casa* pode ser substituído, e tão somente pelo elemento *familia*, não por *hogar* (*todo queda en familia*, **todo queda en hogar*). Zuluaga conclui que a existência de variantes de texto repetido (ou seja, de UFs) não indica propriamente um menor grau de fixação, pois **a substituição, uma vez admitida, está fixada.**

Por outro lado, as **pseudovariantes** são:

- a) As transformações reais das UFs (*tomar el pelo/tomadura* de pelo), que Zuluaga chama de “variantes transformadas”.
- b) UFs aparentemente semelhantes, mas com significados opostos (*hacer [algo] de buena / mala fe*).
- c) As variações livres de uma mesma UF, necessárias para a adaptação às necessidades do discurso, como *pasar una [duas/varias]noche[s] en vela*.
- d) As UFs com estrutura e elementos distintos, mesmo que possuam significados idênticos (*tomar las de Villadiego*, *poner pies en polvorosa*).
- e) As variantes socioculturais (*me importa un chorizo* é, na Colômbia, uma variante popular de *me importa un bledo*).
- f) As variantes diafásicas, como *me importa un culo*, que equivale às anteriores *me importa un chorizo* e *me importa un bledo*, mas que não constitui uma variante de nenhuma delas em sentido restrito, pois pertence a outro registro de língua (registro vulgar), diferentemente das outras duas que são apenas coloquiais.

No item (d) das variantes autênticas, encontra-se, muito claramente, a concepção que adotamos não só para determinar o que consideramos *variante* no hiperdicionário, mas também o que consideramos *sinônimo*. Na concepção resumida das ideias de Zuluaga acima exposta, as duas concepções estão presentes. Nesta seção, porém, vamos nos deter apenas nas variantes. Os exemplos em espanhol ajudam a compreender o que o autor quer demonstrar. Vamos a eles.

Zuluaga nos diz, na análise das EIs *coger las de Villadiego* e *tomar las de Villadiego*, que estamos diante de variantes autênticas, de “variantes de uma mesma invariante”, ou seja, de **duas manifestações de uma mesma UF**. São assim consideradas por que

- i) ocorrem em uma mesma língua funcional (no caso, no espanhol da Espanha ou da Colômbia);
- ii) possuem o mesmo significado (de fato, segundo a Real Academia Espanhola ambas significam “ausentar-se impensadamente, em geral para fugir de um risco ou de um compromisso”¹⁶¹ [trad. nossa]; e
- iii) apresentam uma substituição parcial em sua estrutura, pois **apenas uma parte da EI** é substituída (*coger las/tomar las*).

Se, ao contrário, as EIs, mesmo possuindo significados idênticos, tivessem **estrutura e elementos distintos** (como *tomar las de Villadiego, poner pies en polvorosa*), não seriam mais EIs variantes, mas sim EIs sinônimas, e seriam classificadas como pseudovariantes. Isso é o que veremos nas próximas duas seções: uma concepção de sinonímia para aplicar às EIs do dicionário em construção.

4.6.4.5 Algumas considerações sobre as relações de sinonímia à luz de Cruse

Sabemos que a questão da sinonímia é muito complexa. As relações de sinonímia não são absolutas e não existe, lamentavelmente, uma forma nítida de caracterizar os sinônimos (CRUSE, 1986).

À luz das concepções de Cruse, duas ULs seriam sinônimos absolutos (i.e. teriam significados idênticos) se, e somente se, todas as suas relações contextuais fossem idênticas. Seria impraticável provar a sinonímia absoluta entre duas ULs a partir dessa definição, pois isso implicaria checar suas relações em todos os contextos possíveis, empresa impossível até mesmo teoricamente, considerando-se que o número de contextos possíveis é provavelmente infinito. Por isso, Cruse acredita ser conveniente conduzir a busca por sinônimos absolutos em termos da relação contextual menos específica, ou seja, em termos da normalidade relativa. Prossegue em sua reflexão por essa linha para concluir que “[...] a equinormalidade em todos os contextos é o mesmo que identidade de significados.” (CRUSE, 1986, p. 268).

Para desenvolver a noção de sinonímia, Cruse (1986, 265-268) propõe partir de duas fortes intuições semânticas:

¹⁶¹ No original, “*Villadiego. coger, o tomar, las de ~. 1. locs. verbs. Ausentarse impensadamente, de ordinario por huir de un riesgo o compromiso.*” Acesso em: 10.01.2014.

i) Certos pares de itens lexicais transportam um para o outro um tipo especial de semelhança semântica e são, comumente, chamados **sinônimos**. Contudo, a noção de sinonímia cognitiva (par de unidades lexicais que partilham determinadas propriedades semânticas) não esgota a “classe intuitiva dos sinônimos”, pondera Cruse, o que qualquer dicionário de sinônimos pode confirmar. Cruse observa que o *Dictionary of English Synonyms*, por exemplo, apresenta *kill* como sinônimo de *murder*, e *strong* como sinônimo de *powerful*. No entanto, para Cruse a sinonímia cognitiva não está demonstrada, no sentido de que *an accidental killing is not murder* [‘uma morte acidental não é assassinato’]¹⁶², e *a strong car* [‘um carro forte’] não é necessariamente *a powerful car* [‘um carro potente’].

ii) Certos pares de itens lexicais são mais sinônimos do que outros. Segundo Cruse, *die* [‘morrer’] e *kick the bucket* [‘bater as botas’] são mais sinônimos do que *boundary* [‘linha limítrofe’] e *frontier* [‘fronteira’], por exemplo. Isso ocorre porque, em inúmeros casos, a linha divisória que separa sinônimos de não sinônimos é muito tênue.

Essas duas intuições semânticas parecem sugerir, assim, a existência de uma espécie de *escala de sinonímia*.

Tentando obter um quadro mais nítido de toda a classe dos sinônimos, Cruse propõe enfrentar a questão de duas maneiras:

- i) em termos de semelhanças necessárias e diferenças permitidas; e
- ii) contextualmente em termos de *diagnostic frames*.

Argumenta que, obviamente, os sinônimos precisam ter um grau significativo de sobreposição semântica. Por exemplo, *truthful* [‘confiável’] e *honest* [‘honesto’] têm uma sobreposição semântica relativamente alta, o que não significa, adverte Cruse, que quanto mais traços semânticos um par de palavras compartilhe, mais sinônimo ele é. Esclarece que a chave para o enigma reside na natureza das características diferenciadoras, ou seja, não basta a um par de sinônimos ter um alto grau de sobreposição semântica, ele precisa ter também um baixo grau de contraste implícito. Voltando ao exemplo, embora *truthful* e *honest* não tenham significados idênticos, ao dizer *John is honest* [‘John é honesto’], a diferença com *John is truthful* [‘John é confiável’] não é salientada, nem tampouco ao dizer *John is not honest* alguém está insinuando que talvez *truthful* seja mais apropriado.

Pela utilização do que Cruse irá chamar de ‘*diagnostic frames*’ [contextos diagnósticos], propriedades semânticas que gostaríamos de diagnosticar, mas que não podem ser deixadas a cargo da pura e simples intuição, são convertidas em propriedades em relação

¹⁶² As traduções do texto de Cruse são nossas.

às quais julgamentos diretos e intuitivos são relativamente confiáveis. O contexto *Xs and other Ys* pode ser usado para o diagnóstico de uma relação específica entre X e Y. O julgamento que se requer do informante é o da normalidade, como demonstrado no exemplo:

dogs and other cats (estranho)

animals and other dogs (estranho)

dogs and other animals (normal)

Feitas essas considerações, Cruse afirma que

Sinônimos, então, são itens lexicais cujos significados são idênticos com relação aos seus traços semânticos ‘centrais’, mas que podem diferir, eventualmente, apenas com referência ao que provisoriamente poderíamos descrever como sendo traços semânticos ‘mínimos’ ou ‘periféricos’. (1986, p. 267)¹⁶³ [trad. nossa]

Se a sinonímia pode ser compreendida como sendo uma relação entre itens lexicais cujos significados são idênticos em termos de **traços semânticos centrais**, no que concerne aos **traços mais periféricos** essa relação poderá apresentar diferenças de significado.

Dessa forma, para Cruse, *violin* [‘violino’] e *fiddle* [‘rabeça] são palavras que, prototipicamente falando, podem ser consideradas sinônimas.

Tendo presente essas considerações de Cruse, vamos agora ver o que diz a teoria a respeito da sinonímia aplicada às EIs, que aqui nos interessam diretamente.

4.6.4.5.1 A sinonímia fraseológica

Semelhantemente à relação estabelecida entre ULs simples, as EIs também podem expressar uma relação de sinonímia. No prólogo ao *Idiomatik Deutsch–Spanisch Diccionario Idiomático Alemán–Español*, Schemann ressalta a importância da sinonímia fraseológica para o desenvolvimento das habilidades linguísticas de um falante:

Um bom dicionário idiomático indica, sempre que possível, expressões idiomáticas sinônimas ou quase sinônimas, de forma que o usuário aprende a perceber as relações semânticas, a reconhecer matizes semânticos, bem como a descobrir e construir variantes. (SCHEMANN, 2013, p. VI [trad. nossa]¹⁶⁴

¹⁶³ No original, “Synonyms, then, are lexical items whose senses are identical in respect of ‘central’ semantic traits, but differ, if at all, only in respect of what we may provisionally describe as ‘minor’ or ‘peripheral’ traits.”

¹⁶⁴ No original, “Un buen diccionario idiomático indica, siempre que es posible, expresiones idiomáticas sinônimas o cuasi sinônimas, de modo que el usuario aprende a fijarse en las relaciones semânticas, a reconocer matices semânticos, así como a descubrir y construir variantes.”

Schemann é autor do *Synonymwörterbuch derdeutschen Redensarten* (1989), o primeiro de seus dicionários fraseológicos “[...] e um raro exemplo de dicionário fraseológico monolíngue sinonímico.” (GIACOMA, 2012, p. 101)

Com base nas concepções de Zuluaga, apresentadas no item 4.6.4.3 e exemplificadas pelas EIs *coger las de Villadiego* e *tomar las de Villadiego*, podemos considerar que as variantes autênticas apresentam uma substituição parcial em sua estrutura (*coger las/tomar las*). Em outras palavras, podemos considerar que as variantes são modificações de uma mesma EI.

Ao contrário, as EIs *tomar las de Villadiego* e *poner pies en polvorosa* são pelo mesmo autor consideradas **sinônimas**, e não variantes em sentido restrito. Por isso, Zuluaga as classifica como UFs com estrutura e elementos distintos (*pseudovariantes*), que possuem significados idênticos, como explicita no item (d) da exposição que fizemos no Capítulo IV “[...] *tomar las de Villadiego* e *poner pies en polvorosa* não constituem UFs variantes em sentido restrito, mas **são consideradas sinônimas.**”

Essas EIs ocorrem na mesma língua funcional – o espanhol –, e seu significado difere talvez apenas por um matiz, respectivamente, “ausentar-se impensadamente, em geral para fugir de um risco ou de um compromisso” e “fugir, escapar”, segundo a Real Academia Española¹⁶⁵. Assim, são EIs que apresentam estruturas e elementos distintos e não somente uma substituição parcial.

Divergem, sobretudo, nos elementos e imagens, sendo ambas EIs não motivadas. *Poner pies en polvorosa* teria origem, segundo Navarro (2007), em um fato histórico relacionado com Alfonso III *el Magno* e sua luta contra os mouros. Parece que este monarca teria travado uma batalha contra os sarracenos na província de Valencia denominada Polvorosa, Pulvararia ou Pulveraria, segundo as crônicas. O rei asturiano conseguiu uma vitória favorecido por um eclipse que facilitou a surpresa do ataque, e seus inimigos fugiram precipitadamente¹⁶⁶. Por sua vez, *tomar las de Villadiego* é expressão antiga e de origem controvertida¹⁶⁷: talvez remeta a um tipo de calças que antigamente eram fabricadas na cidadezinha espanhola de Villadiego, ou talvez se refira a um aventureiro cujo nome era *Villadiego* e que foi obrigado a escapar precipitadamente de determinado lugar. Não é

¹⁶⁵ Cf. DRAE “**poner ~s en polvorosa**. 1. loc. verb. coloq. Huir, escapar.” Acesso em 21.03.2014.

¹⁶⁶ No original, “*poner pies en polvorosa* [...] tiene origen en un hecho histórico relacionado con Alfonso III el Magno y su lucha con los moros. Parece ser que este monarca libró una batalla contra los sarracenos en la provincia de Palencia denominada: Polvorosa, Pulvararia o Pulveraria, según las crónicas. El rey asturiano consiguió una victoria ayudado por un eclipse que facilitó la sorpresa del ataque y sus enemigos huyeron precipitadamente.”

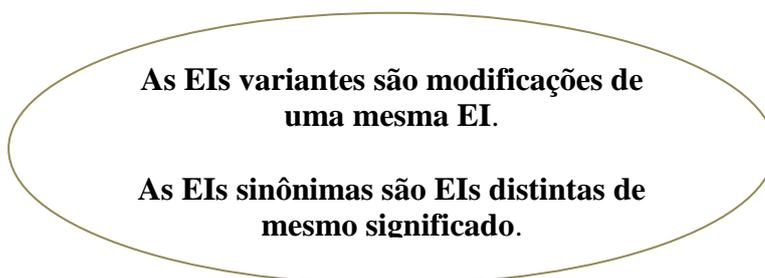
¹⁶⁷ Cf. <http://acebo.pntic.mec.es/~aromer3/Lengua/Menu%20de%20lengua/MENULENGUA.htm>

possível sabê-lo. Certo é que os elementos que compõem as duas EIs divergem. No entanto, as duas têm o mesmo significado.

4.6.4.6 Distinção entre EIs variantes e EIs sinônimas

Em síntese, para distinguir EIs variantes e EIs sinônimas no hiperdicionário adotamos as seguintes definições:

Figura 7: Distinção entre EIs variantes e sinônimas.



Fonte: Do autor., 2014

1) **São variantes** as EIs que apresentam modificações, como certas diferenças lexicais (*magro come un'acciuga/ secco come un'acciuga*) ou gramaticais (*fare il biscotto/fare un biscotto*), por exemplo, porém possuem a mesma imagem.

2) **São sinônimas** as EIs que possuem um mesmo significado, porém elementos e imagens diferentes (*magro come un chiodo/magro come un'acciuga/magro come uno spaghetti/magro come un grissino*¹⁶⁸) ou ainda *non capire un cavolo/non capire un tubo/non capire un'acca*).

4.6.4.7 Os exemplos

Os exemplos de uso para uma palavra dicionarizada são a primeira coisa que os usuários consultam. É o que revelam alguns questionários realizados em diversas partes do mundo (HARVEY; YUILL, 1992, apud HUMBLÉ, s/d), comprovando que “[...] para um aprendiz de língua estrangeira, o exemplo é de suma importância.”

Do ponto de vista da aprendizagem de LE, esse tipo de informação torna-se cada vez mais essencial. Com relação especificamente às EIs em caso de produção, o seu uso em uma

¹⁶⁸ Respectivamente *un chiodo* (‘um prego’), *un'acciuga* (‘uma anchova’), *uno spaghetti* (‘um espagete’) e *un grissino* (‘um grissino’).

LE certamente comporta riscos. Mesmo em uma língua que se conheça bem, a possibilidade de utilizar uma EI de forma pouco usual é considerável (GIACOMA, 2012; ETTINGER, 2008). Por isso, as informações sobre como elas acontecem na língua são muito importantes para orientar o usuário, também para a sua correta compreensão. A função dos exemplos seria então a de complementar as informações dadas na definição, e esses devem ser de tal ordem que o usuário possa identificar neles um modelo para o que precisa *decodificar/compreender*, no caso do nosso dicionário.

Os exemplos de estruturas fraseológicas não encontram obviamente espaço em um DB de língua geral, porém podem ser arrolados de forma sistemática em um dicionário que trate especificamente de uma subcategoria de UFs, como as EIs. Em se tratando de um DE, não há restrições de espaço, como já tivemos oportunidade de assinalar, de forma que eles podem ser numerosos.

Uma das questões que se coloca sobre os exemplos é se eles devem ser ocorrências reais extraídas de um *corpus* ou se devem ser elaborados pelo lexicógrafo.

Os argumentos a favor da primeira hipótese é que os exemplos extraídos de um *corpus* refletem a realidade linguística sem interferência das reflexões e da intuição do lexicógrafo, ao passo que os exemplos elaborados muitas vezes são forçados e artificiais. Não obstante a inegável importância do uso de exemplos autênticos, pelos quais, inclusive, optamos, é preciso concordar com Giacoma (2012, 64-65) quando afirma que eles “podem apresentar alguns problemas, principalmente no que se refere à fraseografia para aprendizes”. A fraseóloga italiana aponta, justamente, que

– muitas citações não podem ser utilizadas por serem longas ou complexas (de fato, comprovamos reiteradamente esta afirmação, como veremos no Capítulo VII);

– o léxico frequentemente é muito difícil para aprendizes;

– alguns exemplos contêm erros que devem ser corrigidos um a um.

Por esses motivos, optamos, no nosso dicionário de EIs, por extrair do *corpus* exemplos autênticos e modificá-los para que possam ser melhor compreendidos pelos consulentes, conforme sugerido por Giacoma (2012).

Schemann (2009, *apud* GIACOMA, 2012), ao contrário, é a favor da segunda hipótese, e afirma que o próprio lexicógrafo deve elaborar os exemplos, de forma a permitir ao usuário fazer generalizações em outros contextos. Para o fraseógrafo, o exemplo deve representar a maior parte dos contextos possíveis, o que em sua opinião raramente se consegue com textos autênticos. Foi esse o procedimento que adotou na elaboração de seus dicionários fraseológicos em diversos pares de línguas.

4.7 EIs NOS DICIONÁRIOS

Estudos metalexigráficos têm evidenciado que, de modo geral, os dicionários, sobretudo os que envolvem mais de uma língua, apresentam deficiências no registro das EIs e são frequentemente lacunares em orientar o usuário no seu emprego adequado, indicando alternativas de aperfeiçoamento para esses materiais.

Os próximos itens – 4.7.1. e 4.7.2 – serão dedicados a examinar alguns exemplos de registros de EIs (sobretudo de gastronomismos linguísticos) em dicionários gerais bilíngues e semibilíngues italiano-português e em dicionários de EIs em geral. A análise visa ilustrar o tratamento dispensado às EIs nos DBs que envolvem esse par de línguas, bem como a importância de se elaborar um dicionário voltado para aprendizes brasileiros de italiano que se ocupe especificamente dessas unidades da língua, a fim de embasar a proposta do protótipo de hiperdicionário que será apresentada no Capítulo VII.

4.7.1 EIs nos dicionários gerais bilíngues e semibilíngues

Como vimos, os dicionários podem ser divididos em dicionários de língua geral, dicionários terminológicos (ou de especialidade) e dicionários especiais. Dentre esses últimos, encontram-se os dicionários fraseológicos e os dicionários específicos de um tipo de UF, como o de EIs.

Estudos metalexigráficos ressaltam que, na produção lexicográfica, de modo geral a qualidade da informação fornecida ao usuário é irregular e insuficiente no tratamento das UFs:

Embora a lexicografia sempre tenha prestado atenção aos elementos fraseológicos, o fez de forma inadequada e pouco homogênea e, ainda hoje, apesar do número crescente de estudos teóricos e descritivos das UFs, a maioria dos dicionários bilíngues não fazem referência à teoria seguida, nem aos critérios seletivos e lematizadores. Por isso, em geral se observa uma falta de uniformidade no tratamento dessas lexias complexas. (NAVARRO, 2005, p. 428)¹⁶⁹ [trad. nossa]

¹⁶⁹ No original, “*Si bien la lexicografía ha prestado siempre atención a los elementos fraseológicos, lo ha hecho de manera inadecuada y poco homogénea y todavía hoy, a pesar del número creciente de estudios teóricos y descriptivos de las UFS, la mayoría de los diccionarios bilingües no hacen referencia a la teoría seguida ni a los criterios selectivos y lematizadores, por lo que en general se observa una falta de uniformidad en el tratamiento de estas lexias complejas.*”

Com efeito, dentre os problemas verificados estão a falta de sistematicidade, tanto na seleção da nomenclatura quanto na disposição das informações nos verbetes, e a ausência de muitas UFs recorrentes no discurso dos usuários.

No que tange à categorização das UFs, Mura e D’Adamo (2011) observam que a falta de critérios bem definidos produz um repertório indiscriminado de estruturas fixas e também de estruturas livres, que não respondem a uma taxonomia clara. A falta de homogeneidade no tratamento das UFs, tanto no âmbito lexicográfico monolíngue quanto bilíngue, não permite que o usuário consulte o dicionário de uma maneira ágil e eficiente, seja ele aprendiz, especialista ou simples curioso. Frequentemente nos dicionários encontram-se definições vagas e também tentativas de classificação pouco uniformes. Não é raro encontrar duas UFs com estrutura semelhante tratadas em um mesmo dicionário como dois fenômenos diferentes. Ou o contrário, uma mesma UF classificada de duas formas diferentes em mais de um dicionário. De fato, raramente as UFs são tratadas de maneira sistemática e exaustiva, são apresentadas apenas com um (ou alguns) de seus potenciais significados ou, muitas vezes, nem sequer são mencionadas (MURA; D’ADAMO, 2011).

Os DBs geralmente não dão acesso a detalhamentos da significação das entradas, “[...] apenas os chamados semibilíngues, ainda incipientes no mercado, têm essa proposta” (DURAN; XATARA, 2005).

Entre os problemas encontrados nos dicionários está o registro de equivalentes. Sobretudo para estruturas complexas como as EIs, identificar os equivalentes e registrá-los não é de fato tarefa simples. Os DBs listam equivalentes que muitas vezes não satisfazem o consulente. Por outro lado, é preciso considerar que não é factível imaginar que se possam encontrar indicadas nos dicionários todas as traduções de todos os itens lexicais apropriados a determinado contexto de uso. Apesar disso, um bom dicionário bilíngue seria aquele que traz o maior número possível de equivalências (WELKER, 2004).

Camacho (2008) chama a atenção para as lacunas no registro das equivalências nos DBs e para o fato de fornecerem apenas definições, o que é de pouca serventia para o tradutor que procura por EIs de igual valor idiomático. A esse respeito, refere, por exemplo, que

[...] no *Dicionário escolar francês-português/português-francês*, de Corrêa e Steiberg (1982), a expressão francesa *prendre racine* possui como definição “enraizar-se”; “arraigar-se”. Porém, não há nenhuma indicação de que se trata de um idiomatismo e não se oferece ao consulente uma EI equivalente em português (“criar raízes”), o que garantiria o mesmo nível de expressividade ao texto traduzido. (CAMACHO, 2008, p. 44).

Nossa experiência didática com o ensino de língua italiana e de tradução nos permitiu comprovar reiteradamente essas afirmações nas consultas aos DBs italiano-português. Quando as EIs são contempladas nesses dicionários, no mais das vezes ou é apresentado um equivalente da EI italiana, ou é explicitado o seu sentido com uma definição ou paráfrase explicativa. Dificilmente são fornecidas as duas informações simultaneamente. Importante também notar que não há uma regularidade no seu tratamento, seja com respeito às informações fornecidas, seja com respeito à forma de registrá-las, o que teremos a oportunidade de demonstrar na sequência.

Para exemplificar tais afirmações, consultamos aleatoriamente o verbete *acqua* (p. 13) do *Dicionário Bilíngue Italiano-Português Spinelli & Casasanta* (doravante DSC). Verificamos que as EIs são listadas ao final do verbete sem indicação de sua natureza fraseológica. Para as expressões *fare un buco nell'acqua*, *pestare l'acqua nel mortaio* e *esser con l'acqua alla gola*, o dicionário apresenta, respectivamente, as paráfrases ‘não conseguir nada’, ‘perder tempo em coisas inúteis’ e ‘estar em má situação’. Em contrapartida, não fornece uma EI equivalente para elas, sendo que em português existem possíveis equivalentes como ‘dar com os burros n’água’, ‘enxugar gelo’ e ‘estar com a corda no pescoço’ (TERMIGNONI, 2009, p. 91, 88 e 37), respectivamente¹⁷⁰.

É também o que constatam Gonçalves & Sabino (2001) ao investigar sEIs DBs italiano-português, questionando a sua eficácia no que se refere ao tratamento dado às EIs. São eles os DBs Amendola (1976); Mea (1989); Michaelis (1993); Parlagreco (1990); Spinelli & Casasanta (1983) e o dicionário monolíngue italiano Zingarelli (1991). Segundo as autoras, os dicionários ou não apresentam um equivalente da EI de partida, ou apresentam equivalentes inadequados. Por vezes, registram somente uma paráfrase explicativa e não o equivalente na língua de chegada e raramente fornecem o equivalente e o significado simultaneamente. Eis um exemplo extraído do dicionário Spinelli & Casasanta e os comentários e sugestões das autoras:

Mettere il bastone fra le ruote.

Explicação do contexto: Criar dificuldade. Criar obstáculos.

Equivalência não indicada.

Sugestão de equivalência: Jogar areia em.

¹⁷⁰ Essa lacuna, largamente comprovada nos DBs italiano-português durante anos de uso de dicionários nas aulas de língua italiana e de tradução na universidade, foi exatamente o que nos motivou a elaborar as duas coletâneas das quais tratamos no Capítulo IV.

Outro aspecto diz respeito a equivalências inadequadas para a variante brasileira da língua portuguesa, o que pode representar um grande obstáculo para o usuário, como o seguinte exemplo do dicionário MEA:

Avere il bernoccolo di.

Tradução inadequada para a variante brasileira: Ter bossa para.

Sugestão de tradução: Levar jeito para, ter vocação para.

Além disso, a maioria dos dicionários a que tivemos acesso não traz exemplos contextualizados, nem em português, nem em italiano, os quais seriam importantes para orientar o consultante em relação ao uso efetivo das EIs.

Tendo em mente a amostragem do hiperdicionário que nos propomos elaborar, que contempla EIs do campo semântico da gastronomia na direção italiano-português, observemos agora como são tratados os três gastronomismos *avere le mani di **pasta frolla***, *essere come il **cacio sui maccheroni*** e *avere il **coltello** dalla parte del manico* no dicionário semibilíngue *Parola Chiave Dizionario Italiano* (doravante PCDIt) e no dicionário bilíngue *Spinelli & Casasanta* (doravante DSC):

avere le mani di pasta frolla

1. No PCDIt, a EI não aparece em *pasta*, aparece em *frollo*, e traz a definição *lasciarsi cadere tutto di mano*, seguida do equivalente na forma canônica: ‘ter as mãos furadas’. Não há exemplos.

2. No DSC, no lema *frollo* aparece *pasta frolla*, mas não é registrada a EI. Em *mão*, ela tampouco está presente.

avere il coltello dalla parte del manico

1. No PCDIt, aparece em *coltello*. Apresenta a definição *essere in una posizione di vantaggio* e o equivalente ‘ter a faca e o queijo na mão’. Não há exemplos.

2. No DSC, no lema *coltello* encontramos as formas *tener il coltello per il manico/prendere il coltello per la lama* e a definição ‘fazer o próprio dano’. Não é registrado um equivalente, nem exemplos de uso. Em *manico* temos //avere il coltelo per il manico, ‘levar vantagem’//.

essere come il cacio sui maccheroni

1. No PCDIt, não aparece em *cacio*, mas em *maccherone*. Ao contrário da EI anterior, não apresenta a definição, mas apresenta o exemplo *È come il cacio sui maccheroni*, seguido do equivalente ‘é como sopa no mel’, porém este não está na forma canônica.
2. No DSC, a EI não é registrada nem no lema *cacio*, nem em *maccherone* e tampouco na forma plural *maccheroni*, também lematizada. Interessante notar que essa EI pode ser classificada como um gastronomismo linguístico a partir de dois dos seus elementos: *cacio* e *maccherone*; contudo, nesse dicionário não está contemplada em qualquer dos dois lemas.

A análise das três EIs evidencia que há uma assistemática nas informações dos verbetes em um mesmo dicionário. As EIs não são descritas de igual maneira, isto é, apresentam determinada informação em um lema e não em outro.

No PCDIt, as EIs *avere le mani di pasta frolla* e *avere il coltello dalla parte del manico* apresentam, respectivamente, as paráfrases explanatórias *lasciarsi cadere tutto di mano* e *essere in una posizione di vantaggio*, mas não apresentam exemplos. Fornecem também os equivalentes na forma canônica – ‘ter as mãos furadas’ e ‘ter a faca e o queijo na mão’. Já a EI *essere come il cacio sui maccheroni* não apresenta a definição, fornecendo apenas a forma *è come il cacio sui maccheroni*, que não se sabe se é um exemplo (e se o for, que elucidação do contexto de uso oferece ao consulente?) ou o registro da expressão seguida de um equivalente. Nesse último caso, isto é, se a forma “é como sopa no mel” estiver sendo considerada como um equivalente, não está registrada na forma canônica, como ocorre com as duas outras EIs: ‘ter as mãos furadas’ e ‘ter a faca e o queijo na mão’.

A assistemática está presente também na lematização das EIs no PCDIt: *avere le mani di pasta frolla* não aparece registrada no primeiro substantivo (*mano*) nem no segundo (*pasta*), mas está registrada em *frolla*, o que representa uma busca complicada para o usuário. Já *essere come il cacio sui maccheroni* não é registrada em *cacio*, mas em *maccherone*, segundo substantivo presente na EI, ao passo que *avere il coltello dalla parte del manico* aparece em *coltello*, o primeiro substantivo.

O tratamento no DSC mostra-se ainda mais lacunar. Primeiramente, nos lemas em que as EIs são registradas não há uma indicação de que se trata de uma construção fraseológica: “fr.”. Ademais, as EIs *avere le mani di pasta frolla* e *essere come il cacio sui maccheroni* não estão contempladas no dicionário. Essa falta de informações torna-se incongruente se

comparada com o tratamento dispensado à terceira EI, *avere il coltello dalla parte del manico*, que está presente tanto no lema *coltello (tener il coltello per il manico/prendere il coltello per la lama)* quanto em *manico (avere il coltelo per il manico)*. Não é registrado equivalente para *tener il coltello per il manico/prendere il coltello per la lama* e *avere il coltelo per il manico*, nem exemplos de uso.

Ocorre aqui um problema sério: ‘fazer o próprio dano’ é, sim, a paráfrase de *prendere il coltello per la lama*¹⁷¹, mas não é a paráfrase de *tenere il coltello per il manico*, a EI que nos interessa aqui e que indica **exatamente** o contrário. Da forma como as EIs são apresentadas, justapostas e separadas por uma barra, sem equivalentes e sem exemplos de uso, elas apenas confundem o consulente e não têm serventia.

Diante disso, é clara a necessidade de um procedimento que siga um programa constante de informações (Wiegand, 1989a, p. 417; FARIAS, 2011, p. 110), ou seja, de um conjunto planejado de informações presentes nos verbetes, de forma que o usuário-aprendiz, ao consultar uma EI no dicionário, encontre uma definição, mas também um equivalente. Assim, um programa uniforme e constante, que contemple o mesmo tipo de informação (mesmo indicando uma equivalência nula [Ø], por exemplo) é o que poderá garantir a qualidade de uma obra de consulta que efetivamente ofereça orientação e segurança ao aprendiz.

4.7.2 EIs nos dicionários especiais ou segmentados

Os dicionários especiais são dicionários que fazem determinados recortes no léxico da língua para se ocupar em detalhes das ULs pertencentes a esses diferentes recortes (XATARA, 2006). O dicionário de EIs objeto desta tese é um dicionário especial.

A atividade de compilação e descrição de repertórios de UFs – a Fraseografia – começou ainda muito antes do que a expansão da Fraseologia como campo de estudos. Silva (2011) destaca a *Collecção de provérbios, adágios, rifaos. Anexins, sentenças Moraes e idiotismos da língua portuguesa* (1848), de Paulo Perestrello da Câmara, como a primeira obra fraseográfica conhecida publicada no Brasil. No entanto, os DFs como são concebidos hoje possuem uma história recente.

Até o início dos anos 1990, os dicionários fraseológicos em geral eram, na verdade, de qualidade inferior aos dicionários gerais no que se refere ao tratamento das EIs (PILZ, 1987; BURGER, 2010, citados por GIACOMA, 2012). Entretanto, já anteriormente era reconhecida

¹⁷¹ Literalmente ‘pegar a faca pela lâmina’.

a necessidade de tratá-las em dicionários específicos, pois o tipo e a quantidade de informações que devem acompanhá-las ultrapassam os limites dos verbetes de um dicionário geral (GIACOMA, 2012).

Sendo os dicionários uma herança cultural legada de geração em geração, as UFs sempre foram registradas nos dicionários gerais dos vários idiomas. Mas somente aos poucos, ao expandir-se o interesse pelos estudos fraseológicos e à medida que esses foram tomando fôlego em diversos países, despertou a consciência da necessidade de se compilar dicionários específicos para descrever melhor as unidades complexas do léxico. Em 1998, Wotjak observava que o interesse crescente pelas UFs

[...] que costumam causar múltiplos problemas teórico-práticos tanto ao tratamento informatizado de textos e idiomas como à aprendizagem de idiomas estrangeiros e à tradução, gerou uma série de dicionários especializados em UFs nos últimos anos. [...] ¹⁷²[a trad. é nossa].

No Brasil, os estudos voltados à elaboração de dicionários fraseológicos floresceram mais tarde. Se pensarmos particularmente nos dicionários fraseológicos bilíngues, ainda hoje não são muitas as obras impressas encontradas no mercado editorial brasileiro, e isso diz respeito não só à língua italiana, mas também a outras LEs. Basta nos dirigirmos às estantes das maiores livrarias das grandes cidades brasileiras onde estão expostos os dicionários para comprová-lo. É, contudo, perceptível um aumento da produção mais recente, grosso modo do ano 2000 em diante, de dicionários impressos e coletâneas de fraseologismos (CARAMORI, 2000; XATARA; OLIVEIRA, 2002; PASTORE, 2009; RIVA, 2013; ZAVAGLIA, 2014), lembrando ainda a nova edição, em 2013, do livro *O jeito que a gente diz*, de Tagnin, com exemplos, além de em inglês e português, também em alemão, espanhol, francês e italiano, elaborados, respectivamente, por Glenk, Cintrão, A. Zavaglia e Zucchi.

Felizmente começam a despontar também os dicionários eletrônicos, tipologia que tende a se expandir na produção lexicográfica e fraseográfica atual. Neste sentido, muito bem-vindo é o *Dictionnaire d'expressions idiomatiques français-portugais-français on-line*, de Cláudia Xatara (2007), professora e pesquisadora da UNESP de São José do Rio Preto junto ao *Centre National de Ressources Textuelles e Lexicales*, e também o *Dicionário de expressões idiomáticas Português do Brasil e de Portugal – Francês da França, da Bélgica e*

¹⁷² No original, “*que suelen causar múltiples problemas teórico-prácticos tanto al tratamiento informatizado de textos e idiomas como al aprendizaje de idiomas extranjeros y a la traducción, gerou una série de diccionarios especializados en UF en los últimos años[...]*”. [a trad. é nossa]

do Canadá (2013), da mesma autora e seus colaboradores (o último em fase de implementação), produto da soma de trabalhos acadêmicos.

Esse incremento da fraseografia, tanto de obras impressas quanto eletrônicas, certamente é o reflexo da propagação, essa sim considerável, das pesquisas e dos estudos fraseológicos nas universidades brasileiras.

O par de línguas italiano-português até poucos anos não possuía dicionários fraseológicos bilíngues. Felizmente esta lacuna está sendo preenchida por numerosas pesquisas e estudos teórico-práticos em fraseologia e fraseografia, como as dissertações e teses mencionadas nas páginas 27 e 40. Também é preciso referir que se encontra em fase final de elaboração o *Dicionário Multilíngue das Cores on-line italiano-português/português-italiano*, de Cláudia Zavaglia, também professora e pesquisadora da UNESP de São José do Rio Preto.

Na opinião da lexicógrafa Luisa Giacoma (como referido no item 1.2), que se dedica à fraseologia no par de línguas italiano-alemão, na Itália a produção de dicionários fraseológicos é modesta, sobretudo a de dicionários fraseológicos bilíngues. Uma exceção é o *Dizionario Idiomatico Tedesco-Italiano*, de Schemann *et al.*, abaixo citado, com o qual colaborou, e que se destaca pela extensão – 35.000 EIs¹⁷³.

Relativamente ao estudo de EIs na Itália, Giacoma cita os dois nomes de maior relevância na área: Casadei (1996) e Vietri (1984)¹⁷⁴. Salientamos ainda os estudos de Marelllo (1996) e de Lo Cascio (2007, 2012/2013).

Não podemos falar em fraseografia sem referir a obra de Hans Schemann, fraseólogo e professor alemão na Universidade do Minho, Portugal, que abarca uma série sem igual de dicionários fraseológicos bilíngues¹⁷⁵ alemão-LE, considerada um “[...] divisor de águas na fraseografia.” (GIACOMA, 2012). Trata-se de dicionários que tiveram origem em um dicionário idiomático da língua alemã, partindo de um *corpus* alemão comum de cerca de 35.000 EIs e cujo valor é reconhecido internacionalmente, a saber:

SCHEMANN, Hans; KNIGHT, Paul (2011): *Idiomatik Deutsch-English*. Hamburg: Buske (alemão-inglês).

SCHEMANN, Hans; Raymond, Alain (2011): *Idiomatik Deutsch-Französisch*. Hamburg: Buske (alemão-francês).

¹⁷³ Ressaltamos, porém, que o conceito de EI de Giacoma, assim como o de Casadei (1996) e o de Schemann (2009; 2011; 2012), é mais amplo do que o conceito por nós adotado e pela maior parte dos fraseólogos brasileiros, como teremos oportunidade de comentar a seguir.

¹⁷⁴ É preciso mencionar também o trabalho do linguista italiano Lo Cascio, por sua recente obra a propósito das combinações italianas, o *Dizionario Combinatorio Compatto Italiano* (2 v., 2012).

¹⁷⁵ Os dicionários citados foram publicados anteriormente, em diferentes datas, e reeditados nas datas acima.

SCHEMANN, Hans; Mellado Blanco, Carmen; Buján, Patricia; Iglesias, Nely; Larreta, Juan P.; Mansilla, Ana (2012): *Idiomatik Deutsch-Spanisch*. Hamburg: Buske (alemão-espanhol).
 SCHEMANN, Hans; SCHEMANN-DIAS, Maria Luiza; AMORINM-BRAUN, Luisa; HUNDERTMARK-SANTOS MARTINS, Teresa; ROMERO DIAS DUQUE-GITT, Maria João; COSTA, Helena (2012): *Idiomatik Deutsch-Portugiesich*. Hamburg: Buske (alemão-português)¹⁷⁶.
 FENATI, Beatrice; ROVERE, Giovanni; SCHEMANN, Hans. *Dizionario Idiomatico Tedesco-Italiano*. Bologna: Zanichelli, 2009. (alemão-italiano) (cf. GIACOMA, 2012).

Schemann afirma que na variante continental do português existem em torno de 7.000 a 11.000 unidades fraseológicas ou idiomáticas, sendo que o número fica entre 12.000 a 15.000 para a variante brasileira do português (KLARE, 1986, p. 357). Nesse número estão compreendidas outras subcategorias de UFs que não somente as EIs como as delimitamos nesta pesquisa, uma vez que o conceito adotado por Schemann para a definição de EIs engloba outras UFs.

No dicionário alemão-espanhol de Schemann, encontramos arroladas, por exemplo, unidades como *etw. unter Zwang tun* – *hacer algo por obligación*; *unter Zwang stehen form Selten* – *estar bajo coacción*; *zutiefst gerührt/getroffen/... path* · *profundamente conmovido/ afectado/...*; *der Zweck heiligt die Mittel* *el fin justifica los medios*; *was zuviel ist, ist zuviel!* ; *todo tiene sus límites!* A nosso ver, essas estruturas não são EIs, mas exemplos de outras subcategorias de UFs, o que demonstra que o conceito de EI de Schemann é, de fato, mais amplo.

Consideramos que as estruturas *etw. unter Zwang tun* – *hacer algo por obligación* (‘fazer algo por obrigação’); *unter Zwang stehen form Selten* – *estar bajo coacción* (‘estar sob pressão’) e *zutiefst gerührt/getroffen/... path* – *profundamente conmovido/afectado/...* (‘profundamente comovido’/ ‘tocado’) são colocações, não EIs. Também *der Zweck heiligt die Mittel* *el fin justifica los médios* (‘o fim justifica os meios’) é um aforisma¹⁷⁷, não uma EI, no nosso entender.

Por outro lado, são exemplos de EIs conforme o conceito que adotamos: *sich ein paar Tränen/(...) abquetschen ugs* – *llorar a lágrima viva/a moco tendido/como una Magdalena* (‘chorar como/feito um bezerro desmamado’¹⁷⁸) e *zum Abschießen sein sal* – *no querer ver a alg. ni en pintura col.* (‘não querer ver [alg] nem pintado de ouro’).

¹⁷⁶ Informação do site do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho. Disponível em: <http://ceh.ilch.uminho.pt/pagina_investigador.php?inv=hans_schemann_ling.php>. Acesso em: ago. 2014.

¹⁷⁷ Ainda que a frase não se encontre na obra de Maquiavel, ela lhe é atribuída.

¹⁷⁸ As traduções das EIs são nossas, as traduções das demais UFs são de Leonardo Zilio.

A extensa obra de Schemann evidencia a importância de produzir DFs. A sua utilidade é preencher o vazio que naturalmente existe nos DBs não fraseológicos, isto é, nos dicionários gerais bilíngues que, obviamente, são incompletos em relação à fraseologia, pelas questões já tratadas.

Da mesma forma que para os dicionários gerais, a elaboração de dicionários especiais de EIs também carece de sistematização. Em geral, na nomenclatura selecionada nesses dicionários, estão presentes “[...] unidades muito heterogêneas e heteróclitas, como lexemas isolados de sentido figurado fixo, todo tipo de anomalias e curiosidades gramaticais.” (XATARA, 2001, p. 19). Tal afirmação é reiterada por Ortiz Álvarez (2000), para a qual grande parte desses dicionários específicos de um tipo de UF “misturam frases feitas, locuções, ditos populares, clichês, expressões idiomáticas, refrões e provérbios”. A linguista comprovou, analisando diversos DBs e DMs, que se repete o mesmo dilema: i) incoerência na hora de definir o tipo de UF e, conseqüentemente, ii) incoerência na definição do tipo de dicionário (fraseológico ou de EIs).

Certamente a elaboração de DFs bilíngues apresenta desafios ainda maiores do que a de DMs, pois a fraseologia de duas línguas é frequentemente assimétrica, como teremos oportunidade de detalhar na próxima seção deste capítulo. No campo da Lexicografia Bilíngue “[...] lidamos com signos linguísticos providos de significação cuja relação de biunivocidade é um *desiderium* frequentemente não alcançado.” (ZAVAGLIA, 2014, p. 1).

A tarefa é ainda mais complexa quando o fraseógrafo não se limita a fornecer um único equivalente para cada expressão, mas, quando possível, oferece mais de um. Ele trabalha com um grande número de EIs e, para cada uma delas, deve tentar encontrar na língua de chegada uma EI (ou mais) que possua o mesmo conteúdo semântico.

Na análise do tratamento dispensado a EIs e provérbios em DBs especiais, percebe-se, na literatura, que a maioria dos autores considera as equivalências como a melhor ajuda que o tradutor pode encontrar em dicionários especializados em fraseologismos (FRANCISCO, 2010, p. 112) Para a tradução dessas unidades complexas, a visão predominante é a de que, inicialmente, deve-se ir à procura de um equivalente e, somente na sua inexistência, explicar o seu sentido por meio de uma paráfrase. Como no seguinte verbete:

ADAM

not know someone from Adam – nunca ter visto alguém mais gordo, não ter a menor ideia de quem é alguém. – “*Who is that woman that keeps smiling at you?*” “*I have no idea, I don’t know her from Adam.*” – *How am I supposed to meet Mr. Walton amongst all the passengers arriving from Boston when I don’t know him from Adam.* (Schambil e Schambil, 2002, p. 21-22).

O verbete acima apresenta em negrito a expressão da língua de partida (***not know someone from Adam***), seguida de seu equivalente em português (‘nunca ter visto alguém mais gordo’), uma explicação (não ter a menor ideia de quem é alguém) e dois exemplos contextualizados: 1. “*Who is that woman that keeps smiling at you?*” “*I have no idea, I don’t know her from Adam*”. 2. *How am I supposed to meet Mr. Walton amongst all the passengers arriving from Boston when I don’t know him from Adam*. É um bom modelo de verbete.

Também acreditamos que equivalentes e definições devam ser ambos fornecidos ao consultante em um DF bilíngue. É o que defenderemos ao longo deste capítulo e do Capítulo V, buscando recursos em diversos autores (DOBROVOL’SKIJ, 1998; GIACOMA, 2012; XATARA, 1998; RONCOLATTO, 2004; FRANCISCO, 2010; CAMACHO, 2008; RIOS e RIVA, 2002; RIVA, 2009; ZAVAGLIA, 1996; ZAVAGLIA & ZAVAGLIA, 2000). Esta convicção já está presente em nossos trabalhos anteriores, como nos dois exemplos a seguir de EIs italianas do repertório do MEICIP (TERMIGNONI, 2009, pp.44 e 99), seguidas de possíveis equivalentes em português brasileiro e de suas respectivas definições:

Calare (Raccogliere) le vele/Appendere qualcosa al chiodo/Chiudere bottega
 Pendurar as chuteiras/Tirar o time de campo
 Cessar uma atividade, desistir de uma empreitada ou de um relacionamento.

Lagnarsi (Lamentarsi/Dolersi) di gamba sana (del brodo grasso)
 Reclamar de barriga cheia
 Reclamar sem razão.

A nossa proposta de hiperdicionário semibilíngue de EIs aproveita esses elementos anteriores, contempla definições e equivalentes (e não apenas um ou outro) e expande as informações microestruturais segundo um modelo projetado a partir de Lo Cascio e Nejpels (2006), como veremos no Capítulo VII.

A expansão e a abrangência microestruturais foram possíveis graças ao formato DE, cujos critérios de elaboração não estão mais limitados por questões de espaço e pela forma de consulta linear dos DPs, o que permite inserir mais exemplos para ilustrar o funcionamento das EIs, informação cada vez mais essencial do ponto de vista do aprendizado de LEs.

4.8 RELATO DE EXPERIÊNCIA PESSOAL COM FRASEODIDÁTICA E FRASEOGRAFIA

Minha experiência de mais de 20 anos com o ensino da língua italiana e da tradução evidenciou o interesse que as EIs despertam nos alunos, fazendo com que queiram conhecê-las como forma de dominar o universo da língua que estão aprendendo. De fato, conhecer os

idiomatismos de uma língua permite ao estrangeiro captar e dominar nuances que são habitualmente patrimônio do nativo. Como vimos, o ‘falante ingênuo’ (FILLMORE, 1979) é aquele que não percebe essa realidade e, portanto, desconhece a convencionalidade da língua. Quanto maior o domínio da convencionalidade, maior o domínio da língua e a fluência do falante, daí a importância desse aspecto no aprendizado de línguas (TAGNIN, 2005).

O mesmo pode-se dizer para os aprendizes da tradução, os quais precisam enfrentar o difícil desafio de transpor essas estruturas complexas para outra língua. Tagnin estendeu o conceito de falante ingênuo ao conceito de “tradutor ingênuo” – o tradutor que não tem consciência de que grande parte da língua é formada de expressões prontas, das chamadas unidades fraseológicas: “Basicamente, a ingenuidade do tradutor se configura numa compreensão composicional do significado e numa falta de consciência do quanto uma língua é constituída dessas partes pré-fabricadas.” (TAGNIN, 2002, p. 193).

Para tanto, é imprescindível contar com bons instrumentos de estudo e de consulta. Entretanto, ao consultarem dicionários monolíngues e bilíngues para dirimir dúvidas e buscar informações precisas, muitas vezes os usuários deparam-se com inexatidões e lacunas.

Há aproximadamente 15 anos, constatando essas lacunas nos dicionários bilíngues existentes no Brasil, iniciei uma pesquisa a partir da observação e experiência didática com tradução e ensino, registrando as UFs italianas com as quais me deparava no exercício da profissão e para muitas das quais não encontrava registros de equivalências nos DBs. Com o passar do tempo, mais e mais UFs foram sendo acrescentadas ao trabalho, e percebi que ele poderia vir a constituir um material útil para o ensino da língua italiana e da tradução.

As estruturas foram sendo extraídas tanto de fontes secundárias – obras lexicográficas e de referência – quanto de fontes primárias – artigos de jornais e revistas, publicidade veiculada pela mídia, obras literárias e livros didáticos para o ensino do português e do italiano para estrangeiros.

Essa coleta serviu de base para a elaboração do manual didático *Fare come l’asino del pentolaio: cem expressões idiomáticas italianas para brasileiros*, composto de cem expressões idiomáticas italianas que contêm um nome de animal – um zoônimo – , extraídas da compilação mencionada. Em 2008, o manual foi concluído e publicado pela Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (EDIPUCRS). Embora não se caracterize como uma obra lexicográfica, na sua elaboração procurei seguir uma diretriz que reparasse lacunas e inexatidões no tratamento das EIs e de suas equivalências, a partir das observações dos trabalhos de Gonçalves & Sabino (2001), Zavaglia (1996; 2006; 2014), Xatara (1998; 2002; 2007) e Zavaglia & Zavaglia (2000).

Nesse manual, as expressões são classificadas alfabeticamente pelo substantivo (o zoônimo), é estabelecido o seu equivalente em português (com expressões sinônimas, quando é o caso), é ainda explicitado o seu sentido e, sempre que possível, também a sua origem. Por fim, a expressão é contextualizada em frases ou microdiálogos. Essas frases, porém, não foram extraídas de *corpus*, foram elaboradas por mim. Sendo um manual didático, ao final de cada um dos cinco capítulos, há uma bateria de exercícios para que os estudantes possam testar o conhecimento das expressões apreendidas, cujas respostas podem ser conferidas nas últimas páginas do manual¹⁷⁹.

Paralelamente, dei continuidade ao trabalho através da ação de extensão *Produção e difusão de material didático para o ensino de língua italiana a estudantes brasileiros – as expressões idiomáticas referentes ao corpo humano*, vinculada ao Projeto NAP/PIMEI 2006, cujos objetivos foram parcialmente alcançados e que contou com a participação de duas alunas do Curso de Licenciatura em Letras da UFRGS.

A coletânea compilada deu origem a outro livro – *Mil expressões idiomáticas e coloquialismos italiano-português* (doravante MEICIP) –, também publicado pela EDIPUCRS, em 2009.

Embora o trabalho tenha levado em conta a diversidade das UFs, quando selecionei os itens da coletânea não foi meu objetivo classificá-las segundo suas subcategorias. Assim, a maior parte das estruturas são EIs. Porém, há também, em menor número, formas proverbiais, gírias, colocações e formas fixas que englobei sob a denominação “coloquialismos”.

O livro é uma coletânea, friso, não um dicionário. É um registro do conjunto das UFs italianas pesquisadas para as quais foram encontrados equivalentes em português brasileiro. São também apresentadas as respectivas definições, formas sinônimas e variantes.

No que se refere especificamente às formas idiomáticas italianas, o que geralmente ocorre é que, quando são contempladas nos DBs, ou é apresentado o equivalente da EI italiana, ou é explicado o seu significado. Dificilmente são fornecidas as duas informações simultaneamente, procedimento que, ao contrário, segui na compilação do MEICIP. Outro ponto a mencionar é que, dentre as unidades compiladas e seus equivalentes, um expressivo número ainda não figurava nos DBs italiano-português existentes à época da publicação, como os exemplos *avere molti colpi in canna* (‘ter muita bala na agulha’), *dormirci sopra* (‘consultar o traveseiro’), *essere acqua fresca* (‘ser café pequeno’), *andare sotto i ferri*

¹⁷⁹ Na elaboração do manual, contamos com a orientação do professor italiano Tommaso Raso, ex-professor da *Università Ca' Foscari* de Veneza, atualmente lotado no Departamento de Linguística da Universidade Federal de Minas Gerais, e da Profa. Maria Teresa Albiero, que foi professora do Setor de Italiano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

(‘entrar na faca’), *essere il re travicello* (‘não apitar nada’), *non essere farina da far ostie* (não ser trigo limpo/não ser flor que se cheire), *andare giù duro* (pegar pesado), *dire in soldoni* (‘trocar em miúdos’), *finire in bellezza* (‘fechar com chave de ouro’), para citar alguns. Assim, acredito que esses sejam aspectos importantes que fazem do trabalho uma contribuição original para a fraseologia italiano-português.

A maior parte das unidades que compõem a coletânea é constituída de EIs verbais, organizadas em ordem alfabética a partir do infinitivo do verbo que introduz a expressão, como em: *andare sotto i ferri* – ‘entrar na faca’; *essere dei quartieri alti* – ‘ser gente bem’; *finire in bellezza* – ‘fechar com chave de ouro’. As expressões podem, também, ser introduzidas por uma preposição: *a prezzi stracciati* – ‘a preço de banana’; *da dare e da serbare* – ‘para dar e vender’; *per ogni verso (per tutti i versi)* – ‘de todas as formas’. Outras são formas fixas, que não admitem variações, como: *Tizio, Caio e Sempronio* – ‘Fulano, Beltrano e Sicrano’; *Acqua in bocca! Zitto e mosca!* – ‘Boca de siri!’.

É preciso esclarecer que as expressões italianas registradas e suas traduções nem sempre são intercambiáveis em todos os contextos em que ocorrem, porém é indicado ao menos um contexto italiano para o qual a expressão brasileira pode ser um correspondente. Um exemplo é a expressão *essere il pezzo forte*, que tem como correspondente ‘ser o carro-chefe’, cujo sentido “ser o elemento mais importante com o qual se conta para vencer ou para se sobressair” é explicitado logo a seguir. Porém, se tomarmos uma frase como *La matematica non è il mio pezzo forte* (A matemática não é o meu forte), *pezzo forte* não pode ser traduzido por ‘carro-chefe’ mas, sim, simplesmente por ‘forte’, pois, neste contexto, o sentido não é exatamente o mesmo e indica “campo, setor, aspecto em que alguém ou algo se sobressai”.

Procurei atentar, ainda, para o aspecto da frequência de uso. No trabalho, a *Web* e o buscador Google foram valiosos, servindo tanto para constatar a frequência de estruturas quanto para descartar correspondentes que se mostraram inadequados nas ocorrências contextuais encontradas ou, ao contrário, para consagrar outros.

As unidades, portanto, foram selecionadas procurando atender a esse quesito, exceção feita a algumas poucas formas que, apesar da baixa frequência, foram incluídas pela riqueza e criatividade que denotam. São exemplos *andare con il cavallo di San Francesco* – ‘andar no cavalo dos frades’/‘ir de (no) expresso canelinha’ – que significa ‘ir a pé’, assim como *andare in Oga Magoga (in capo al mondo)* – ‘ir para a Cochinchina’ – que significa ir para muito longe, para um lugar pouco real. Também mereceram registro outras expressões que, não sendo frequentes em uma das duas línguas, são, porém, muito usadas na outra. É o caso de

essere allegrezza di pan fresco (‘alegria efêmera’), expressão que provavelmente, na Itália, seja conhecida somente na Toscana; contudo, quem no Brasil nunca ouviu a expressão ‘ser alegria de pobre’? O mesmo vale para *insegnare ai pesci a nuotare (ai gatti a rampicare/miagolare)*, pouco comum no Bel Paese, mas cuja tradução ‘ensinar o padre a rezar a missa’ (‘o padre-nosso ao vigário’) é de uso corrente na comunicação entre os brasileiros. É o caso, ainda, de *grattare la pancia alla cicala* – ‘jogar verde pra colher maduro’.

Estão presentes também algumas expressões chulas ou vulgares, como *essere incazzato nero* – ‘estar puto da cara (da vida)’ e *rompere le scatole a qualcuno* – ‘encher o saco de alguém’.

Nas primeiras páginas do livro, há um breve guia sobre as expressões registradas e sobre como o usuário pode se orientar quanto à disposição das informações.

O livro também possui algumas ilustrações acompanhadas de legendas explicativas. Elas reproduzem imagens metafóricas contidas nas expressões italianas que, na maior parte dos casos, são diferentes das imagens metafóricas das expressões brasileiras correspondentes. Esse recurso, além de evidenciar aspectos peculiares da cultura italiana, chama a atenção para a expressão tratada, ajudando a memorizá-la. A seguir, apresento dois exemplos do livro:

Figura 8: *Attaccare un bottone.*



Fonte: TERMIGNONI, 2009.

Attaccare un bottone a qualcuno

Alugar alguém

Obrigar alguém a escutar alguma coisa que não lhe interessa. Literalmente a expressão italiana significa “Pregar (costurar) um botão”. Antigamente, a expressão *Affibbiare un bottone* (*Affibbiare*= afivelar e, em sentido figurado, pespegar, assentar, impingir) significava “falar mal de alguém”.

Figura 9: *Essere come il cacio sui maccheroni.*



Fonte: TERMIGNONI, 2009.

Essere come il cacio sui maccheroni

Cair como uma luva

Adaptar-se perfeitamente, ser muito apropriado. Literalmente a expressão italiana significa “ser como o queijo no macarrão”, combinação perfeita para os italianos.

A investigação que proponho nesta tese tem origem nesses trabalhos anteriores e pretende estabelecer uma base teórica e metodológica sólida para que eu possa dar um passo além deles, trazendo um desenho básico de dicionário de EIs que seja teoricamente correto e que, ao mesmo tempo, possa ser útil para o usuário pretendido.

No Capítulo IV, apresentamos a tipologia de dicionários de Haensch (1982), o perfil do usuário e a função do dicionário, elementos fundamentais para que se possa construir um dicionário. Confrontamos os DEs e os DPs e apresentamos os traços distintivos dos DSs. Na sequência, definimos os componentes canônicos do dicionário, tratando mais detalhadamente a macro e microestruturas. Na sequência, analisamos como são tratadas as EIs italiano-português em DBs, no DS *Parola Chiave* e em dicionários especiais que envolvem outras línguas. Por fim, relatamos nossas experiências didáticas e a elaboração de dois livros sobre fraseologia.

No próximo capítulo, abordamos as questões da tradução e da equivalência de EIs no par português-italiano, que naturalmente se colocam como implicações nesse tipo de obra, ainda que o uso pretendido seja no âmbito do ensino/aprendizagem de LE e não no âmbito da tradução. Apresentamos a classificação dos tipos de equivalência e também confrontamos dois diferentes procedimentos de tradução aplicados a uma mesma EI: a tradução por equivalência e *a tradução da letra*. As ponderações de Francisco (2010), Xatara e Rios (2009) e de Humblé (2005) – o primeiro sobre a tradução de UFs e os demais sobre o distanciamento entre a Lexicografia e os Estudos da Tradução – nos levaram a refletir sobre as

especificidades das tarefas de tradutores e lexicógrafos e a constatar, ao final, como é extenso o entrelaçamento desses dois domínios, como também da Fraseologia Contrastiva, no tratamento das EIs.

CAPÍTULO V – EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS, EQUIVALÊNCIA E TRADUÇÃO

Dentre os problemas teóricos e práticos enfrentados na elaboração de qualquer dicionário que envolva mais de uma língua destaca-se a espinhosa e controvertida questão da equivalência. A reflexão sobre a equivalência, voltada aqui especificamente para as EIs e para a elaboração do hiperdicionário, nos levou a conhecer mais profundamente a amplitude desta problemática, na qual percebemos o entrelaçamento de diferentes campos de estudo: a Teoria (e os Estudos) da Tradução (doravante TT), a Lexicografia Bilíngue (doravante LB), a Fraseologia Contrastiva e, mais recentemente, a Língua-culturologia, tratada brevemente no Capítulo III.

A nossa é uma pesquisa de comparação interlinguística, por isso sabíamos não poder prescindir de uma reflexão sobre o tema da equivalência. Contudo, a intenção inicial não era estender-nos demasiado, pois, além de ser questão muito complexa, um aprofundamento do tema não é central para este trabalho. Pretendíamos abordar o assunto em apenas dois itens no Capítulo IV.

Ocorre que, durante o doutorado, assistimos a um filme intitulado *Un cuento chino*. *Un cuento chino* é uma expressão idiomática. A tradução do título é ‘Um conto chinês’ ... , uma tradução literal. Como assim? Uma tradução literal para uma expressão idiomática? Não faz sentido. Por que não uma expressão equivalente? Deve existir uma. Muito melhor seria uma expressão equivalente, claro! Com certeza em outras línguas o título do filme foi traduzido por uma expressão equivalente. Com certeza? E, para nossa surpresa, foi a esse resultado que nos conduziram essas indagações: um capítulo adicional.

No Capítulo V, fazemos uma reflexão sobre a questão da equivalência, focando especificamente as EIs. Iniciamos com algumas considerações de ordem geral. A seguir apresentamos a classificação dos tipos de equivalência (equivalência total, parcial e zero), na perspectiva da Fraseologia Contrastiva, e a postura de alguns teóricos sobre a equivalência como procedimento preferido na tradução de EIs. Na sequência, um parêntese ilustrativo servirá para contrapor e analisar dois procedimentos tradutórios – a *tradução da letra* e a tradução por equivalência – aplicados à tradução da EI que dá nome ao filme argentino *Un cuento chino* em quatro línguas.

A partir desse embasamento, apresentamos as reflexões de Xatara e Rios (2009) e de Humblé (2005): as primeiras salientam a incompatibilidade do termo *equivalência de tradução* nas áreas da Teoria da Tradução (doravante TT) e da Lexicografia Bilíngue (doravante LB); o segundo evidencia as diferentes atribuições de cada um desses domínios; e,

a nosso ver muito importante: ambos salientam o distanciamento entre as duas disciplinas, “que não se consideram reciprocamente” (XATARA e RIOS, 2009).

Na sequência, enunciamos nossas conclusões sobre a questão da equivalência, reiterando que o registro de equivalentes idiomáticos em dicionários não é um fato irrelevante, mas de suma importância para a eficiência dessas obras. Salientamos que a atividade do lexicógrafo difere da atividade do tradutor, cabendo ao lexicógrafo buscar e registrar, da melhor maneira possível, o(s) equivalente(s) de EIs em dicionários bilíngues e multilíngues e, mais recentemente, também em dicionários linguístico-culturais.

A seguir, abordamos o tema dos *falsos amigos fraseológicos*. A escolha de não incluir esse último item antes das conclusões deve-se ao fato de que ele interromperia o fluxo de raciocínio desenvolvido até então. Por fim, explicitamos as perspectivas do presente trabalho.

5.1 A SEMPRE CONTROVERSA QUESTÃO DA EQUIVALÊNCIA

O universalmente conhecido e citado adágio italiano *traduttore, traditore* é emblemático de uma antiga convicção: a de que não é possível transportar inteiramente os significados de um texto por meio da tradução. Por outro lado, os estudos mais tradicionais sobre tradução partiam da premissa de que seria possível uma relação perfeita entre unidades de línguas diferentes, de forma que o conceito de fidelidade, até meados do século XX, “[...] persistia como um conceito tangível, pautado em equivalências entre os dois textos e as duas culturas em contato” (COSTA FARIA, 2010, p. 88).

Para introduzirmos uma reflexão ao tema com relação às unidades objeto de estudo, é preciso retomar a conceitualização de EI, pois é nessa subcategoria de fraseologismos que iremos focar a atenção ao falarmos de equivalência. No Capítulo II, vimos que, embora ainda não se tenha chegado a uma classificação uniforme, há um consenso geral segundo o qual uma EI é uma UF definida a partir de três propriedades: o congelamento, a indecomponibilidade e a opacidade semântica.

Dessas propriedades, decorre a impossibilidade de se traduzir literalmente tais unidades, pois “[...] a simples transposição palavra a palavra de uma UF¹⁸⁰ produz, a maior parte das vezes, sequências inaceitáveis, desprovidas de sentido ou portadoras de um sentido ou de uma conotação diferente na língua de chegada” (MURANO, 2010, p. 71-72). Para Murano, as várias propostas de “soluções possíveis e diferentes variáveis de equivalências” partem sempre da constatação de “que uma UF é uma unidade de tradução específica”, de

¹⁸⁰ No original, a autora adota o termo *SF* (*sequences figées*), com o qual designa genericamente as expressões congeladas, não somente as expressões idiomáticas, como são definidas neste trabalho.

extensão variável, que “vai do enunciado (provérbio) ao sintagma (colocação) [...] e onde a equivalência se estabelece de maneira global, não analítica” (BALLARD, apud MURANO, 2010, p.72).

O próprio termo *equivalência* é muito controvertido e não é adotado unanimemente. Na tradução de fraseologismos, por exemplo, para Francisco (2010) duas UFs de idiomas diferentes raramente têm o mesmo valor, não são fixas, não existem de antemão e sua definição depende de cada situação tradutória. Por isso, ao termo *equivalência* prefere o termo *fraseologismo correspondente*, que define como sendo aquele “que o tradutor seleciona na língua de chegada como sendo capaz de cumprir uma função semelhante à daquele utilizado na língua de partida, se empregado no contexto correspondente no texto traduzido” (FRANCISCO, 2010, p. 57).

Rios e Riva (2002) também optam pelo termo *correspondência*, e Rios (2003) propõe o termo *correspondência idiomática interlinguística*. Por sua vez, Costa Faria (2010, p.92) ressalta que o termo *equivalência* deve ser evitado devido ao seu conceito matemático que “[...] deixa implícita a ideia de tradução como algo que é preciso, exato, simétrico e, portanto, passível de um juízo de valor pretensioso e prescritivo [...]”.

Segundo Rodrigues (2000, p.175), não é possível atribuir um mesmo valor a palavras de duas línguas diferentes, “[...] pois nada ancora os signos aos referentes e o sistema é quem estabelece os limites entre os signos”, não organizando “[...] seus componentes de modo a espelhar exatamente a organização de outro sistema.”

Por outro lado, as línguas também apresentam semelhanças, pois a humanidade compartilha o mesmo planeta e as mesmas situações e condições de vida comuns a todo ser humano. Dessa forma, “[...] temas como a morte e o nascimento estão presentes em diversas culturas embora possam ser tratados de maneira distinta [...] e as expressões correspondentes formuladas com imagens bastante diferentes” (CAMACHO, 2008, p.39-40). Camacho opta, assim, pelo termo *equivalente*, que estabeleceria uma reciprocidade entre unidades de línguas diferentes ao analisar suas semelhanças e ao propor traduções que possuam uma relação harmônica entre elas, embora não sejam rigorosamente iguais. Isso porque

[...] a tradução em lexicografia bilíngue não visa ao apagamento das diferenças interlinguísticas, mas à **transposição das barreiras que impedem o diálogo intercultural**, pressupondo, assim, a possibilidade de resgatar o maior número possível de elementos constituintes dos significados lexicais (RIOS e RIVA, 2002, o grifo é nosso).

A nosso ver, a própria discussão sobre esses termos já reflete a complexidade da questão da equivalência. Na verdade, a escolha de um ou de outro termo não esgota a

problemática, pois, em se tratando de um órgão vivo como é a língua, a questão é inesgotável, imprevisível, e sujeita a mutações.

5.2 EPPUR SI TRADUCE....

Para além da discussão sobre a terminologia empregada e das afirmações como a de Rodrigues acima, que poderia levar-nos a “[...] concluir que a prática da Lexicografia Bilíngue seria inexequível” (CAMACHO, 2008, p.37), continua-se a traduzir, a buscar equivalentes e a elaborar dicionários. “Como, então, explicar esse paradoxo?” – pergunta-se Camacho.

A tarefa de traduzir é possível “lançando-se mão de expedientes linguísticos dos mais variados tipos, visto que sem ela, não existiriam os dicionários bilíngues e plurilíngues, tão importantes e cada vez mais necessários no atual contexto globalizado em que vivemos” (ZAVAGLIA, 2014). Embora possa suscitar controvérsias a indicação de equivalências para UFs em uma LE, uma vez que, quando se fala em equivalência estão envolvidos diversos fatores, **“paradoxalmente, é possível se estabelecer uma correspondência idiomática e dicionarizá-la”** (RIOS e RIVA, 2002, o grifo é nosso).

Nos estudos tradutórios, a equivalência é considerada um procedimento de tradução, e os procedimentos surgem nos estudos tradutórios como uma forma de justificar a tradução não literal (BARBOSA, 2004, p.21). Um dos primeiros problemas que apresenta a noção de equivalência é o da sua definição, que está longe de ser resolvido (GONZÁLEZ REY, 2014).

Os pioneiros Vinay e Darbelnet (1972, p. 46) dividem a tradução em dois eixos: o da *tradução direta* e o da *tradução oblíqua*, nos quais distribuem sete procedimentos de tradução, categorizados e ordenados conforme o grau de dificuldade. A *tradução direta* seria mais fácil de executar, pois é mais próxima do texto original e prevê as técnicas do empréstimo, do decalque e da tradução literal. Já a *tradução oblíqua* (na qual se insere a equivalência) é aquela que não é literal, que se afasta mais do texto original e, por isso, acarretaria mais dificuldades de tradução. Isso porque há casos em que o texto produzido pela tradução literal na língua-alvo não é aceitável (1972, p. 49).

Essa última afirmação de Vinay e Dalbernet é exemplificada por Barbosa (2004, p. 24-25) com a frase *Paul kicked the ball*, que permitiria a tradução palavra-por-palavra: *Paul* (Paulo) *kicked* (chutou) *the* (a) *ball* (bola). Porém, o mesmo procedimento já não seria aceitável na frase *Paul kicked the bucket* (a qual contém uma EI), uma vez que a tradução literal ‘Paulo chutou o balde’ não corresponde ao significado da língua de partida ‘Paulo

morreu’, ou, para manter o mesmo registro¹⁸¹ recomendado por Vinay e Darbelnet (BARBOSA, 2004, p.33), ‘Paulo bateu as botas’, ou ‘Paulo abotoou o paletó’. Recorre-se, então, à tradução oblíqua, ou seja, alterando a forma, mas não o conteúdo da mensagem. Os teóricos franceses sublinham que as equivalências referem-se à totalidade da mensagem, “[...] são fixas e fazem parte de um repertório fraseológico, de idiotismos, de clichês, de provérbios, de locuções substantivas e adjetivas¹⁸²” (VINAY e DALBERNET, 1972, p. 52).

O fraseólogo colombiano Zuluaga (2001, p.68) afirma textualmente que “[...] a tradução fundamenta-se em uma relação de equivalência” e que o processo de tradução consiste essencialmente em buscar e selecionar equivalências. Salienta, contudo, que “[...] as **equivalências** – que são **unidades texto** – nem sempre coincidem com as **correspondências** – que são **unidades do sistema**”¹⁸³ (os grifos são nossos). Assim, ULs como *quitter*, do francês, e *colgar*¹⁸⁴, do espanhol, não se corresponderiam no nível dos sistemas léxicos, mas são equivalentes na tradução de *Ne quittez pas!* – *¡No cuelgue!*¹⁸⁵, quando se fala ao telefone.

Zuluaga ressalta assim que o conceito de equivalência é um conceito relativo, não existindo equivalências absolutas, apenas parciais. Trata-se não de uma relação de igualdade, mas de um valor igual que “se fundamenta em ao menos um fator da constituição do sentido (do texto), que permanece o mesmo e constitui uma invariante ou *tertium comparationis*” (ALBRECHT, 1990, p.74, apud ZULUAGA, 2001). Ao tradutor resta privilegiar um ou alguns desses fatores e ignorar, ‘trair’ (nós diríamos ‘sacrificar’) os outros¹⁸⁶, uma vez que nenhuma tradução pode igualar-se ao original em todos os sentidos.

Da definição clássica de Vinay e Dalbernet, pela qual “[...] dois textos dão conta de uma mesma situação usando dois meios estilísticos e estruturais completamente diferentes.” (1972, p. 52) [trad.nossa]¹⁸⁷, a noção de equivalência foi evoluindo nos estudos da tradução, desde as concepções mais tradicionais de tipo prescritivo, que a situam no plano da língua, até

¹⁸¹ Preferiríamos dizer “para utilizar uma **expressão correspondente**”, pois entendemos que o registro refere-se ao nível linguístico, variável de acordo com o contexto. Nesse caso, um exemplo de registro linguístico culto seria a EI ‘entregar a alma ao criador’ e de registro informal as EIs ‘bater as botas’ e ‘abotoar o paletó’.

¹⁸² No original, «*sont figées et font partie d’un repertoire phraseologique d’idiotismes, de clichés, de proverbes, de locutions substantivales ou adjectivales, etc.*”

¹⁸³ No original, “*Las equivalencias – que son unidades texto – no siempre coinciden con las correspondencias – que son unidades del sistema.*”

¹⁸⁴ Em português *quitter* [‘deixar’] e *colgar* [‘pendurar’].

¹⁸⁵ ‘Não desligue!’ [trad.nossa].

¹⁸⁶ É assim que ‘pinguim’ pode ser equivalente de *agnus* (= cordeiro), na tradução da Bíblia, para um povo em cujo entorno não existem os cordeiros, lembra Zuluaga (citando o famoso exemplo de Nida, 1964). ‘Pinguim’ e *agnus* não se correspondem em seus significados básicos nem em suas denotações, mas são bons equivalentes do ponto de vista classemático (animal) e do ponto de vista da valorização social (mansidão) nas respectivas língua e culturas e constituem, nesse caso, as invariantes (ZULUAGA, 2001).

¹⁸⁷ No original, “*deux textes rend compte d’une même situation en mettant en oeuvre des moyens stylistiques et structuraux entièrement différents.*”

as concepções mais atuais, que lhe atribuem um caráter contextual, comunicativo e funcional e que avançam na sua descrição e na definição de critérios que regem o seu funcionamento (HURTADO ALBIR, 2001).

5.3 EQUIVALÊNCIA E EIs

Ao longo das próximas seções, trataremos mais detalhadamente da equivalência aplicada às EIs. Inicialmente apresentaremos a classificação dos tipos de equivalência (equivalência total, parcial e zero) na perspectiva da Fraseologia Contrastiva.

Na sequência, abordaremos a priorização da busca por equivalentes para traduzir EIs, como postulam pesquisas recentes (XATARA, 1998; XATARA e RIOS, 2005; XATARA e OLIVEIRA, 2002; RIVA, 2009; RIOS e RIVA, 2002; RONCOLATTO, 2004; CAMACHO, 2008) nas áreas de Fraseologia Contrastiva e de Lexicografia no Brasil.

5.3.1 O anisomorfismo linguístico

No clássico *Manual of Lexicography*, Zgusta (1971, p. 294) elabora o conceito de anisomorfismo linguístico, pelo qual cada sistema linguístico possui características próprias que não seriam totalmente compartilháveis com outras línguas. Assim, a dificuldade fundamental de coordenação das equivalências entre unidades lexicais de línguas diferentes é causada basicamente pelas diferenças na organização dos *designata* de cada língua individualmente (e por outras diferenças entre línguas)¹⁸⁸.

O anisomorfismo diz respeito não apenas a não coincidência de uma noção nas duas línguas, mas também à presença de uma noção em uma língua e não na outra (aos *realia*). As exceções a tal assimetria dizem respeito quase que exclusivamente aos termos técnico-científicos.

Alguns exemplos dessas palavras seriam a francesa *bistrot*, a italiana *cappuccino*, a portuguesa *fado*, a russa *perestroika*, a japonesa *origami*, a hebraica *kibutz*, a árabe *cuscús* (LUQUE NADAL, 2010).

A noção de equivalência em fraseologia torna-se mais precisa graças a numerosos estudos sobre “tentativas de classificação de tipos de equivalências na área da fraseologia

¹⁸⁸ No original, “The fundamental difficulty of [] such a co-ordination of lexical units is caused by the anisomorphism of languages, i.e. by the differences in the organization of designates in the individual languages and by other differences between languages.” (ZGUSTA, 1971, p. 294)

interlinguística, fundados em diferentes critérios que frequentemente se cruzam: formais, semânticos e pragmáticos” (GONZÁLEZ REY, 2014)¹⁸⁹.

5.3.2 Equivalência total, equivalência parcial e equivalência zero

As disciplinas que estudam as correspondências interlinguísticas são três: a Lexicografia, a Tradutologia e a Fraseologia Contrastiva (doravante FC). Essa última não conta com muitos estudos, salvo em algumas línguas como o alemão, cujas pesquisas são particularmente avançadas neste campo. Por isso, usaremos como referência os estudos de FC que envolvem o alemão e aos quais tivemos acesso por meio das pesquisas de Navarro (2007) para o par espanhol-italiano, baseadas fundamentalmente nas investigações alemão-espanhol¹⁹⁰, e de Giacoma (2012) para o par alemão-italiano¹⁹¹.

Conforme as classificações propostas nos estudos de FC (GIACOMA, 2012, p.77), a equivalência das EIs em um par de línguas, segundo o seu maior ou menor grau de equivalência (no que tange ao significado, à estrutura e à idiomaticidade), pode ser de três tipos: a *equivalência total*, a *equivalência parcial* e a *equivalência zero*. Entre os extremos da *equivalência total* e da *equivalência zero* encontram-se três níveis intermediários de *equivalência parcial*:

- i) a equivalência semântico-estrutural (igualdade de significado e de estrutura, mas lexemas diferentes);
- ii) a equivalência semântica (igualdade somente de significado, mas estrutura e lexemas diferentes); e
- iii) a equivalência parcial devido à presença, na L2, de uma EI de significado ou apenas literal ou apenas idiomático.

Por sua vez, os *quase equivalentes* são EIs intercambiáveis em muitos contextos, mas não em todos, devido a características sintáticas, semânticas ou pragmáticas que não

¹⁸⁹ No original, “*tentatives de classification des types d’équivalences a l’oeuvre en phraséologie interlinguistique, fondées sur différents criteres qui se croisent souvent: formels, sémantiques et pragmatiques*” (GONZÁLEZ REY, 2005).

¹⁹⁰ No original, “[...] de esta última [la FC], que cuenta con pocos estudios en general y son casi inexistentes en el caso específico del español /italiano, por lo que nos apoyaremos básicamente en las investigaciones llevadas a cabo en el ámbito de la FC entre alemán y español.”

¹⁹¹ A esse respeito repetimos aqui o que foi dito no primeiro capítulo: se não se conhece o alemão, não se tem acesso a grande parte da literatura sobre comparações interlinguísticas fraseológicas, já que não se encontram traduções desses textos. Conseguimos, porém, ter acesso a parte dessa literatura através dos textos de outros autores (como Navarro [espanhol-italiano] e Giacoma [alemão-italiano]). Para os estudos de Dobrovól’skij na direção russo-alemão é possível encontrar alguns textos em inglês; para outros nos valem de Giacoma (2012).

permitem que elas sejam usadas em determinados contextos (seria um exemplo, no par italiano-português brasileiro, a EI *con il cuore in mano*/ ‘do fundo do coração’¹⁹²).

Já o termo *pseudoequivalentes* indica os falsos amigos, pares de EIs em duas línguas à cuja equivalência formal e lexical não corresponde necessariamente uma equivalência semântica. Um exemplo é o par italiano-português *piovere sul bagnato*/ ‘chover no molhado’: enquanto a EI italiana é utilizada para indicar que “a uma situação já complicada somam-se outras dificuldades”, a EI brasileira significa “repetir exaustivamente o que já se disse, ou insistir inutilmente”. Os falsos amigos fraseológicos serão tema de uma seção específica neste mesmo capítulo.

A **equivalência total** é o caso ideal de equivalência, do tipo 1:1 (GIACOMA, 2012, p.78). É caracterizada pela sobreposição tanto estrutural quanto semântica, pela plena correspondência de lexemas e por diferenças conotativas nulas ou mínimas. Na maior parte dos casos, essa convergência de fatores é encontrada nos chamados internacionalismos¹⁹³, EIs que testemunham uma mesma origem em línguas diferentes.

Geralmente são EIs que têm origem nas Sagradas Escrituras e na vida de Cristo (*un sepolcro imbiancato*/‘um sepulcro caiado de branco’; *scagliare la prima pietra*/‘atirar a primeira pedra’; *il bacio di Giuda*/‘o beijo de Judas’; *a Cesare quel che è di Cesare*/‘César o que é de César’); nas fábulas (*far la parte del leone*/‘ficar com a parte do leão’; *scaldare (allevare) una serpe in seno*/‘criar uma cobra’); na mitologia grega (*il tallone di Achille*/‘o calcanhar de Aquiles’; *il pomo della discordia*/‘o pomo da discórdia’); na história antiga (*una vittoria di Pirro*/‘uma vitória de Pirro’; *passare il Rubicone*/‘atravessar o Rubicão’).

Numerosas são também as correspondências entre EIs que apresentam um zoônimo¹⁹⁴: *dar perle ai porci*/‘dar pérolas aos porcos’; *come cane e gatto*/‘como cão e gato’; *un branco di pecore*/‘um bando de ovelhas’; *un pesce fuor d’acqua*/‘um peixe fora d’água’; *memoria di elefante*/‘memória de elefante’; *andare a letto con le galline*/‘ir pra cama com as galinhas’, entre tantas outras. Ou um somatismo¹⁹⁵ (parte do corpo humano) – *chiudere un occhio*/ ‘fechar um olho’; *dare una mano*/‘dar uma mão’; *mettere la mano sul fuoco*/‘pôr a mão no fogo’; *avere lo (uno) stomaco da struzzo*/‘ter (um) estômago de avestruz’, essa última uma EI que contém simultaneamente um somatismo (*stomaco*) e um zoônimo (*struzzo*).

¹⁹² Ver 5.4, falsos amigos.

¹⁹³ Ver *Widespread Idioms in Europe and Beyond* (PIIRAINEN, 2007), projeto em grande escala que investiga sistematicamente as similitudes entre as UFs em um grande número de línguas.

¹⁹⁴ Para mais detalhes sobre zoônimos, voltar às p. 110-111.

¹⁹⁵ Para mais detalhes, remetemos à Navarro (2007), cuja pesquisa aborda os graus de divergência e de equivalência linguística das UFs no par italiano-espanhol que contém um somatismo.

Geralmente as EIs totalmente equivalentes em italiano e português existem também em outras línguas. É o caso de muitas EIs zoonímicas, como as mencionadas *andare a letto con le galline*/'ir pra cama com as galinhas'/*acostarse con las gallinas/to go to bed with the chickens/coucher[se] avec les poules*, para indicar alguém que tem o hábito de dormir muito cedo, e também *avere lo (uno) stomaco da struzzo*/'ter (um) estômago de avestruz'/*tener un estomago de acero/to have the stomach of an ostrich/avoir un estomac d'autruche*, utilizada para dizer que alguém não tem problemas de digestão. Outros exemplos são *di male in peggio*/'de mal a pior'/*de mal en peor/from bad to worse/de mal en pis*; *avere (gli) occhi di lince*/'ter olhos de lince'/*tener ojos de lince/to be lynx-eyed/avoir des yeux de lynx*; *avere i nervi d'acciaio*/'ter nervos de aço'/*tener nervios de acero/ to have nerves of steel/avoir des nerfs d'acier*; *avere le mani legate*/'estar de mãos atadas'/*tener las manos atadas/to have one's hands tied/avoir les mains liées*, que ilustram as EIs que são totalmente equivalentes em algumas línguas.

No entanto, cabe registrar esta observação de Giacoma, particularmente importante para os desdobramentos seguintes que culminarão no item 5.3.5 Equivalência de tradução *versus* equivalência lexicográfica:

A propósito da *equivalência total* observável no nível da *langue*, **portanto dentro de um verbete lexicográfico**, deve ser ressaltado que essa coincidência ideal mostra seus limites do ponto de vista pragmático, portanto da *parole*.(GIACOMA, 2012, p.79) [o grifo é nosso]

A análise realizada em *corpora* por Dobrovol'skij (1997, apud GIACOMA, 2012, p.79) no seu dicionário idiomático russo-alemão, por exemplo, encontra mais discrepâncias do que sobreposições, mesmo entre pares de EIs que aparentemente são equivalentes totais. Por isso, o autor ressalta que embora uma dada EI alemã possa ser considerada um equivalente absoluto de uma EI russa do ponto de vista semântico, ainda assim talvez ela não possa ser usada como um correspondente na tradução de textos autênticos, porque seu uso se limita a determinados tipos de texto (DOBROVOL'SKIJ, 1998).

A **equivalência parcial** é certamente o tipo de equivalência mais comum entre EIs de línguas diferentes e baseia-se em uma identidade essencial de conteúdo, mas divergente devido a outros aspectos (lexical, estrutural, estilístico). Possui três níveis:

1. Se há igualdade do significado global e as duas EIs têm estrutura muito semelhante, mas **os lexemas são diferentes**, trata-se de *equivalência semântico-estrutural*.

Giacoma cita exemplos no par italiano-alemão, dentre os quais selecionamos alguns que também possuem equivalentes semântico-estruturais em português e que aqui indicamos: *non avere né capo né coda* (literalmente ‘não ter nem cabeça nem rabo’¹⁹⁶)/*weder Hand noch Fuß haben* (literalmente ‘não ter pé nem mão’¹⁹⁷)/‘não ter pé nem cabeça’ em português; *prendere due piccioni con una fava* (literalmente ‘pegar dois pombos com uma fava’)/*zwei Fliegen mit einer Klappe schlagen* (literalmente ‘bater em duas moscas com uma palma’), em português ‘matar dois coelhos com uma só cajadada’; *fare qc in un batter d’occhio* (literalmente ‘fazer algo num bater de olho’)/*etwas im Handumdrehen machen* (literalmente ‘fazer algo numa virada de mão’), em português ‘fazer algo num piscar de olhos’; *avere una fame da lupo* (literalmente ‘ter uma fome de lobo’)/*einen Bärenhunger haben* (literalmente ‘ter uma fome de urso’), ‘ter uma fome de leão’ em português; *avere un cervello da gallina* (literalmente ‘ter um cérebro de galinha’)/*ein Spatzenhirn haben* (literalmente ‘ter um cérebro de pardal’), ‘ter (um) cérebro de passarinho’ em português.

A EI *molto fumo e poco arrosto* (literalmente ‘muita fumaça e pouco assado’) apresenta estrutura muito semelhante à EI ‘muita fumaça e pouco fogo’, apenas um dos lexemas é diferente (*arrosto*/‘fogo’). Já no par italiano-alemão, a mesma EI italiana e seu equivalente alemão incluem-se no próximo item.

2. Um mesmo fato pode ser representado de forma diferente em línguas e culturas diversas. Se há **igualdade apenas de significado**, mas não de estrutura ou lexemas, ou seja, se as EIs se correspondem semanticamente, mas usam imagens distintas para transmiti-lo, trata-se de equivalência semântica.

Giacoma cita exemplos no par italiano-alemão, dentre os quais selecionamos alguns e os comparamos também ao português: *tirare l’acqua al proprio mulino* (literalmente ‘puxar a água para o próprio moinho’)/*sein Schäfchen ins Trockene bringen* (literalmente ‘levar seu cordeirinho para o seco’), em português temos a EI ‘puxar a brasa para a sua sardinha’; *avere ancora il latte alla bocca* (literalmente ‘ter ainda o leite na boca’)/*noch grün hinter den Ohren sein* (literalmente ‘ainda ser verde atrás da orelha’), em português ‘não ter ainda saído das fraldas’; *essere nato con la camicia* (literalmente ‘ter nascido com a camisa’)/*ein Sonntagskind sein* (literalmente ‘ser um filho do domingo’), em português ‘nascer virado pra lua’; *molto*

¹⁹⁶ As traduções do italiano para o português são nossas.

¹⁹⁷ As traduções do alemão para o português são de Leonardo Zilio.

fumo e poco arrosto (literalmente ‘muita fumaça e pouco assado’/*mehr Schein als Sein* (literalmente ‘parecer mais do que ser’).

3. Além desses dois tipos, fala-se de equivalência parcial quando, na L1, uma EI pode ser entendida tanto em sentido literal quanto em sentido idiomático, enquanto, na L2, a EI equivalente pode ser entendida ou somente em sentido literal, ou somente em sentido idiomático. Giacomina cita o exemplo da EI italiana *avere le bende davanti agli occhi* que tem o seu equivalente literal em *eine Binde vor den Augen haben/tragen*, enquanto o equivalente idiomático é *mit Blindheit geschlagen sein*.

A não equivalência ou equivalência zero é a *inexistência* de uma EI, na L2, que seja equivalente à EI na L1, sendo, portanto, preciso recorrer a outros meios de expressão ou a uma paráfrase explicativa para traduzir o seu significado. Um exemplo no par de línguas francês-português é *parler comme un oiseau en cage* /‘ser palpiteiro’ (XATARA, 1998, p. 68).

São os assim chamados *realia* que, não tendo equivalentes, representam “vazios onomasiológicos” no sistema da L2 (Zgusta, 1971, p. 325), o que expusemos no item 5.3.1.

No que tange especificamente à tradução de EIs, Xatara (1998, p. 69) diz que há EIs que podem ser traduzidas literalmente e outras cuja tradução é feita de modo não-literal. A tradução literal seria menos frequente e só seria possível no caso de existirem expressões idênticas nos dois idiomas, com “equivalentes lexicais e manutenção da idiomaticidade, da mesma estrutura (classe gramatical e ordem), do mesmo valor conotativo, do mesmo efeito e do mesmo nível de linguagem”. São exemplos as expressões *arriver comme un ouragan* /‘chegar como um furacão’, *couper la parole* /‘cortar a palavra’ ou ainda *donner les cartes* /‘dar as cartas’¹⁹⁸ (XATARA, 1998, p. 67).

Xatara (1998) recomenda recorrer a paráfrases explicativas somente em último caso, quando não forem encontrados equivalentes idiomáticos, ideia recorrente em Xatara, Riva & Rios (2001, p.188): “Se identificarmos uma lexia complexa como EI, não devemos nos contentar, na tradução, com uma paráfrase da expressão. Devemos, pois, encontrar uma expressão correspondente que podemos identificar com base em seu significado conotativo”.

A respeito da importância, para o tradutor, de dominar as EIs e seus equivalentes na língua-meta, diz a mesma autora:

¹⁹⁸ As três EIs possuem em italiano equivalentes com os mesmos valores e a mesma estrutura, respectivamente: *arrivare come un uragano, tagliare la parola e dare le carte*.

O domínio dessas expressões é imprescindível para o tradutor, não somente porque evita o frequente erro de traduzir literalmente os fraseologismos, mas também porque permite eleger entre vários sinônimos o que estilisticamente se aproxima mais do original (Tristá, 1988). Assim, cairá a qualidade da tradução se uma EI do francês, como *glisser une peau de banane à quelqu'un* receber em português uma ‘explicação’, no caso “enganar, lograr, burlar ou ludibriar”, ao invés de simples e precisamente sua equivalência idiomática, “puxar o tapete” ou “dar uma rasteira”; da mesma forma, “levar vantagem” não deve ser considerada a ‘tradução’ da EI *couper l’herbe sous les pieds à quelqu’un*, mas sim “passar a perna” (XATARA, 1998, p. 63).

Na esteira de Xatara, poderíamos afirmar que, se uma EI italiana como, por exemplo, *essere acqua fresca* for traduzida em português pela explicação “tarefa que não apresenta dificuldade”, o efeito produzido não será o mesmo que produziria um equivalente idiomático como ‘ser café pequeno’, ou, em um registro mais informal, ‘ser pinto’, ou ‘ser fichinha’ (TERMIGNONI, 2009, p. 58). Vejam-se, a propósito, as traduções para o português de contextos italianos extraídos da *Web* nos quais a EI está presente:

1. *Attenzione al sapore (al confronto la senape forte pare miele), ed agli occhi, durante la preparazione della radice (al confronto la cipolla è acqua fresca)*¹⁹⁹.

Tradução: Cuidado com o sabor (se comparada, a mostarda forte parece mel), e também com os olhos, durante a preparação da raiz (se comparada, a cebola é **café pequeno**).

2. *Con un muro a dividere, in mezzo, che quello di Berlino a confronto è acqua fresca.*²⁰⁰

Tradução: Com um muro dividindo pela metade, que comparado ao de Berlim é **café pequeno**²⁰¹.

A priorização da busca por equivalentes para traduzir EIs está explícita também nas passagens de dois tradutores consagrados, Paulo Rónai e José Carlos Paes, citados por Francisco (2010, p. 73 e p. 90-91) para sublinhar a preferência da maioria dos estudiosos por este procedimento de tradução:

Ai do tradutor que não identifica a metáfora convencional e a verte dissecada em seus elementos. “Não ter papas na língua”, “vir com quatro pedras na mão” assim como *avoir du poil dans le nez* ou *faire des gorges chaudes* se aplicam a situações dissociadas por inteiro respectivamente, de “papa”, de “pedra”, de “nariz” e de “calor” (RÓNAI, 1981, p.56).

Cortar caminho, em tradução, significa quase sempre privar o leitor de alguns dos maiores encantos da travessia do texto. Isso acontece sobretudo quando, por não encontrar na língua-alvo equivalente adequado para alguma expressão figurada do texto-fonte, o tradutor se contenta em verter-lhe apenas o significado, sem fazer justiça ao torneio verbal. Em tal pecado incorreria, por exemplo, quem diante de um

¹⁹⁹ www.cucinamantovana.it/cren.htm. Acesso em 10.01.2012.

²⁰⁰ www.finanzaonline.com/.../1151958-avvertimento-se-litalia-e-costretta-ad-uscire-dalleuro-si-rischia-la-secessione-9.html Acesso em 10.01.2012.

²⁰¹ Nos dois exemplos, optamos por traduzir *essere acqua fresca* pela EI ‘ser café pequeno’, uma vez que as demais opções registradas, a saber, ‘ser pinto’ e ‘ser fichinha’, embora sejam opções legítimas, pertencem a um registro de língua demasiadamente informal.

idiomatismo tão saboroso quanto o nosso “descascar o abacaxi”, se contentasse em prosaicamente traduzi-lo por “to solve a rough problem”, deslembrado ou ignorante de que existe em inglês idiomatismo equivalente, não menos saboroso, qual seja “*to handle a hot potato*”. (PAES, 1989, p. V-VI).

Finalizando este item, na tradução de EIs, vimos que, em geral, prioriza-se a busca por equivalentes na tradução de EIs. No próximo item, queremos contrapor a essa visão a perspectiva da *tradução da letra* de Berman (2007), que diz exatamente o contrário ao defender a ideia de que “traduzir não é buscar equivalências”. Para tanto, apoiamo-nos no estudo de Francisco (2010).

5.3.3 Equivalência X Tradução da letra

O teórico da tradução Antoine Berman (2007, p.16) propõe uma tradução que seja próxima à *letra* do texto original, isto é, voltada para a recriação das características formais da unidade ou segmento da língua de partida na língua de chegada. Para Berman, essa prática constituir-se-ia em uma tradução “ética”, já que não tem como objetivo esconder o elemento estrangeiro da obra original, mas, sim, reconhecer e “receber o Outro enquanto Outro”.

Tal concepção de tradução o leva a contestar as formas tradicionais das traduções literárias, as quais representariam, em sua opinião, um ato **culturalmente etnocêntrico**, uma forma de tradução baseada na apropriação do Outro, uma vez que “traz tudo à sua própria cultura, às suas normas e valores, e considera o que se encontra fora dela — o Estrangeiro — como negativo ou, no máximo, bom para ser anexado, adaptado, para aumentar a riqueza desta cultura” (2007, p.28).

Assim, a *tradução da letra*, de Berman, vê a busca de equivalentes como uma tentativa de apagar as marcas identitárias do texto original, de forma a obter um texto que “o autor estrangeiro teria escrito se tivesse escrito na língua da tradução” (2007, p. 33). Afirma o teórico francês a respeito da tradução de **idiotismos, provérbios e locuções**:

Ora, ainda que o sentido seja idêntico, substituir um idiotismo pelo seu equivalente é um etnocentrismo [...]. As equivalências de uma locução ou de um provérbio não os *substituem*. **Traduzir não é buscar equivalências** (BERMAN, 2007, p. 60, itálico do autor e negrito nosso).

Francisco (2010) analisou diferentes estratégias de tradução, dentre as quais também a *tradução da letra*, aplicando-as especificamente a provérbios e a EIs. Analisando a *tradução da letra* aplicada a provérbios e EIs extraídos do romance italiano *Fontamara*, de Ignazio Silone, o pesquisador conclui que, considerando os exemplos com os quais trabalhou, parece

ser viável realizar traduções literais no sentido proposto por Berman. É o que demonstra o provérbio italiano do trecho seguinte e sua tradução para o português (os grifos são nossos):

*Il conducente non gli fece più caso e riprese a gridare: Presto, presto; **chi tardi arriva, male alloggia.***²⁰²

O motorista não lhe fez mais caso e recomeçou a gritar: “Rápido, rápido; **quem tarde chega, mal se aloja.**”²⁰³

No português brasileiro, não existe o provérbio ‘Quem tarde chega, mal se aloja’. No entanto, para Francisco a tradução literal resulta aqui em uma frase com ‘sabor de provérbio’, sendo um exemplo de *tradução da letra* bem-sucedida do provérbio italiano *Chi tardi arriva, male alloggia*²⁰⁴.

Observa, contudo, que a estratégia de *tradução da letra* representa uma ruptura em relação ao que defende a maior parte dos teóricos. O estudo de autores que se debruçam sobre a tradução de EIs revela, segundo Francisco, que a grande maioria defende a utilização de uma EI no texto-meta que seja correspondente semanticamente à EI do texto de partida. No caso de não existir uma expressão correspondente composta por imagens semelhantes, prefere-se buscar uma EI que contenha imagens diferentes, mas transmita o mesmo conteúdo. O linguista vai mais além, constatando que a maioria dos teóricos *até mesmo descarta* a possibilidade de recorrer a uma tradução literal, sendo que, na impossibilidade de encontrar um equivalente, a solução seria conformar-se, a contragosto, com uma paráfrase explicativa. “A recriação de uma expressão ou provérbio calcada na tradução literal não é, em geral, considerada como uma solução boa ou sequer possível” (FRANCISCO, 2010, p.109). Nesse sentido, podemos concluir que a *tradução da letra* representa uma concepção oposta à tradução voltada para a busca de equivalentes.

Entendemos que a intenção de Francisco não é defender a *tradução da letra* como sendo uma forma melhor do que a busca de equivalentes para traduzir EIs, já que tal postura “seria passar de um extremo a outro”. A esse respeito o autor afirma, acertadamente, que não há como adotar uma receita aplicável à tradução de qualquer texto. O que ele deplora é o fato de que, por ser condenada pela tradição, a sugestão de tradução de Berman seja quase sempre descartada *a priori* quando, na verdade, pode oferecer efeitos interessantes, “os quais, entretanto, **somente poderão ser melhor verificados e avaliados se testados pelos tradutores em seus trabalhos**” (2010, p.115, o grifo é nosso).

²⁰² SILONE, 1988, p.99, apud Francisco, 2010, p.102.

²⁰³ Tradução de Dóris Natia Cavallari.

²⁰⁴ Na verdade, consideramos que existem equivalentes deste provérbio em português (‘Quem vai ao ar perde o lugar’/‘Quem vai à feira perde a cadeira’), mas não foi essa a opção da tradutora neste texto.

Essa afirmação de Francisco delega ao tradutor o desafio da escolha e, ao final desta nossa argumentação (p. 189-190), vai se entrelaçar às reflexões de Humblé (2005), que especifica e distingue os campos em que atuam tradutores e lexicógrafos.

Essa sua última afirmação enseja a oportunidade de levantarmos uma questão que consideramos importante no âmbito desta tese: a da reflexão sobre os termos *equivalência de tradução* e *equivalência lexicográfica*. Com esse fim, abriremos agora um parêntese ilustrativo para contrapor e analisar os dois procedimentos tradutórios – a *tradução da letra* e a tradução por equivalência – aplicados à tradução do título do filme argentino *Un cuento chino* para o português, o italiano, o inglês e o francês.

Assim procedendo, nosso intuito será ressaltar, adiante, as diferentes esferas de atuação da LB e da TT. Para tanto, nos respaldamos nas reflexões de Xatara e Rios (2009) e de Humblé (2005).

5.3.4 Parêntese ilustrativo: *Un cuento chino*

Convidamos o leitor a nos acompanhar no breve exercício proposto a seguir, ilustrativo das ponderações feitas acima. Trata-se de aplicar a *tradução da letra* de Berman a uma situação concreta de tradução de uma EI, aplicando ao mesmo caso, simultaneamente, uma tradução por equivalência a fim de verificar as possibilidades que cada uma das estratégias oferece, no caso específico.

Trata-se da EI que dá nome ao filme de coprodução argentina e espanhola *Un cuento chino*, lançado em 2011 e dirigido por Sebastián Borensztein, que alcançou sucesso internacional.

Resumindo brevemente a trama: na rápida cena inicial do filme, um estranho caso com uma vaca que caiu do céu, na China, fornece as informações essenciais para toda a história. Ato contínuo, o espectador encontra-se já em Buenos Aires, diante de Roberto, um portenho solitário e rabugento, veterano da Guerra das Malvinas que vive recluso em casa há 20 anos. Nosso protagonista herdou do pai uma pequena loja de ferragens e leva uma vida pacata, tendo desenvolvido uma série de manias. Uma delas é recortar notícias bizarras de jornal, que cola cuidadosamente em um álbum. Essa rotina é interrompida bruscamente quando um jovem chinês aparece em sua vida, depois de ter sido roubado e arremessado de um táxi diante de seus olhos. Jun não fala espanhol e está na Argentina à procura de um tio, seu único parente vivo. Roberto, contrariado, se vê obrigado a hospedá-lo e se apresentam, a partir de então, situações hilárias que mostram o choque cultural e as dificuldades de convivência entre

os dois desconhecidos. A estranha cena inicial do filme é entendida somente no fim, quando o espectador descobre que há, afinal, um fato inusitado que une os destinos de Roberto e Jun: a vaca que caiu do céu. Foi nesse episódio que Jun perdeu sua noiva, morta pelo impacto da queda da vaca sobre o pequeno bote no qual o casal passeava tranquilamente em um lago, notícia extraordinária que Roberto recortara, há tantos anos passados, para sua coleção de fatos bizarros.

Voltemos agora ao título do filme – *Un cuento chino*. Essa é uma EI da língua espanhola cujo significado é “relato falso ou exagerado com o qual se pretende enganar, geralmente para se vangloriar ou chamar a atenção dos outros²⁰⁵ [tra.nossa]”. Literalmente quer dizer ‘Um conto chinês’. Jogando brilhantemente com as palavras, os idealizadores do filme nos oferecem uma bela história cuja trama não só é inverossímil, como também é protagonizada por um jovem chinês, de forma que ‘chinês’ corresponde aqui plenamente ao seu título. Como é de se supor, tal conjunção de aspectos linguísticos e extralinguísticos dificilmente é reproduzível em outra língua, de sorte que, em tais casos, é necessário fazer escolhas; sacrificar, ao traduzir, algum fator em benefício de outro. Tentaremos agora aplicar à EI *Un cuento chino*, nesse contexto, as duas estratégias de tradução – por equivalência e a *tradução da letra*, considerando o português, o italiano, o francês e o inglês como línguas de chegada.

Se procurarmos uma solução **por equivalência**, será necessário buscar o equivalente da EI *un cuento chino* em cada uma dessas línguas²⁰⁶, sempre que exista um. Começemos pelo português: para *cuento chino* são elencadas as EIs ‘conto da carochinha’/‘conversa fiada’²⁰⁷. Em italiano, o dicionário Garzanti-Santillana (2003, p. 217) não registra uma EI, apenas os lexemas *frottola* e *balla*²⁰⁸. Em francês, consta em Xatara (2007) a EI *conte [histoire] à dormir debout*²⁰⁹ como equivalente de ‘história [conversa] pra boi dormir’/‘história da carochinha’. Em inglês, encontramos a expressão *a cock and-bull story* – ‘história pra boi dormir’ (BREZOLIN *et al.*, 2006, p. 52). Gomes (2009, p. 86) confirma a EI em português e oferece acréscimos: *cock-and-bull story* – ‘história absurda, lorota, história da carochinha’. Apenas para o italiano não foi possível encontrar uma EI. Para as outras línguas

²⁰⁵ Cf. The freedictionary, *cuento* s.m. 3. “Relato falso o exagerado con el que se pretende engañar, generalmente para presumir o llamar la atención de los demás”. Disponível em: <http://es.thefreedictionary.com/cuento>. Acesso em 06.06.2012.

²⁰⁶ Mencionamos apenas alguns dos registros encontrados, sendo que a maioria dos dicionários bilíngues pesquisados não registra a expressão.

²⁰⁷ <http://www.wordreference.com/espt/cuento>.

²⁰⁸ ‘mentira, lorota’ [trad.nossa].

²⁰⁹ http://www.cnrtl.fr/dictionnaires/expressions_idiomatiques.

temos, portanto, as seguintes expressões com o significado de ‘história absurda e inverossímil’:

- ‘história da carochinha’/ ‘história (conversa) pra boi dormir’ (português);
- *conte (histoire) à dormir debout* (francês); e
- *a cock and-bull story* (inglês).

Se, ao contrário, optarmos por uma **tradução da letra**, que é na verdade uma classe especial dentro da categoria da tradução literal ou, de certa forma, literalizante (FERREIRA, 2008), teríamos então, para *un cuento chino*, as traduções:

- um conto chinês (português)
- *un racconto cinese* (italiano)
- *un conte chinois* (francês)
- *a chinese tale* (inglês)

Vejamos agora as **soluções tradutórias oficiais** com as quais o filme *Un cuento chino* acabou sendo divulgado nessas mesmas línguas.

Em português a obra foi lançada com o título **Um conto chinês**. Em italiano, a solução tradutória é diferente das encontradas nas outras três línguas: não opta nem por uma expressão equivalente, nem por uma tradução literalizante, predominando um aspecto mais lúdico (ou trágico!) do filme: o título escolhido – *Cosa piove dal cielo?*/ ‘O que está caindo do céu?’ (ressaltando que *piove* traduz-se literalmente por **chove**) – alude à queda da vaca durante o passeio do casal chinês. Em francês, o título foi traduzido literalmente por *Un conte chinois* e, em inglês, por *Chinese Take-Away*, que em português significaria algo como ‘Chinês pra levar’, uma referência ao fato de Roberto tentar se liberar, a todo custo, do fardo de continuar hospedando o jovem chinês.

Resumindo:

1. Em português e em francês, as soluções tradutórias oficiais foram literais – **Um conto chinês** e *Un conte chinois* – mesmo sendo possível encontrar dicionarizadas, nas duas línguas, Els perfeitamente equivalentes ao significado de “história inverossímil”, quais sejam, respectivamente, ‘Uma história da carochinha (pra boi dormir)’ e *Un conte (une histoire) à dormir debout*.

2. Em italiano e em inglês, não se opta nem por uma EI equivalente, nem por uma tradução literal. As escolhas apenas evocam ‘traços’ do título original *Un cuento chino*. O título italiano *Cosa piove dal cielo?* evocaria, talvez, a inverossimilhança do fato que fundamenta a escolha do título original espanhol – a queda da vaca –, através da interrogação que sugere que algo mais além de chuva possa cair do céu. Em inglês, o título *Chinese Take-Away* elege um aspecto da trama que do título original conserva apenas o referente chinês, e que, semelhantemente ao original, também faz um jogo de palavras: o sentido denotativo de *chinese take-away* é “comida chinesa para viagem (para levar)”, de forma que o título inglês evoca a inconveniência de ter que hospedar o chinês desconhecido. No entanto, diferentemente do que (não) encontramos para o italiano, em inglês há, como em português e em francês, uma EI equivalente a *un cuento chino*, de uso frequente e registrada em muitos DBs: *a cock and bull story*²¹⁰. Nem por isso a escolha do título oficial inglês recaiu sobre ela.

3. Ao fim e ao cabo, a *tradução da letra*, que segundo Francisco é quase sempre condenada pela tradição em detrimento de uma tradução por equivalência, neste caso específico acabou predominando, pois, nas quatro línguas analisadas, duas optaram por uma tradução que pode ser chamada “*da letra*”²¹¹ ou “literalizante” e nenhuma por uma tradução por equivalência.

4. A partir do exposto, não seria então o caso de nos perguntarmos qual a importância de registrar equivalentes idiomáticos nos DBs? Mais ainda, seria válido e realmente necessário elaborar DFs bilíngues que registrem esses equivalentes? No confronto dos títulos oficiais analisados, salta aos olhos a inexistência, nas quatro línguas, de uma solução tradutória que privilegie uma escolha por equivalência. Como vimos, à exceção do italiano (até prova em contrário), equivalentes da EI *un cuento chino* são facilmente encontrados em português, francês e inglês nos DBs. Se pensarmos que, no âmbito da tradução de provérbios e EIs, “[...]”

²¹⁰ Pastore (2009, p. 46) refere também a EI *shaggy dog story* como equivalente de ‘conversa pra boi dormir’.

²¹¹ Não vemos aqui uma intenção de traduzir palavra por palavra, não se trata apenas de uma reprodução. Embora existindo equivalentes igualmente idiomáticos e frequentes à disposição, optou-se por uma tradução que preserva a letra da expressão original espanhola. Essa tradução é convincente e facilmente aceita pelos espectadores do filme pela presença do referente chinês, ainda que se perca na língua de chegada a idiomática e, portanto, o jogo de palavras do original. Há *sites* na Internet que trazem à baila a questão de as traduções para o francês, o inglês e o português não terem mantido, no título desse filme, uma EI correspondente. Na verdade, a nosso ver, do ponto de vista do público receptor, poucos são os que percebem que se trata de uma EI no original, e isso não prejudica em nada o efeito da tradução do título do filme. Repetimos, com Dobrovol’skij (2009), que tal fato “é irrelevante”, ou seja, para a adequação tradutória é absolutamente irrelevante o fato de traduzir uma EI por outra EI correspondente na língua meta ou traduzi-la por outra forma qualquer que não seja uma EI “é irrelevante”. De fato, entendemos que essa é uma questão que diz respeito à esfera tradutológica e não lexicográfica. Insistimos, entretanto, que o registro de equivalentes idiomáticos em dicionários, diferentemente, não é um fato irrelevante, mas de suma importância para a eficiência dessas obras. Ao lexicógrafo cabe buscar e registrar, da melhor maneira possível, o(s) equivalente(s) da EI no dicionário.

a maior parte dos teóricos encara a busca de um equivalente na língua de chegada como o melhor procedimento diante de uma dessas lexias complexas” (FRANCISCO, 2010, p.115), é curioso que, no exemplo analisado, em nenhuma das línguas tenha-se optado por essa solução.

Para levar adiante nossa argumentação e tentar responder essas questões, parece-nos importante observar mais de perto os termos *equivalência de tradução* e *equivalência lexicográfica*, o primeiro amplamente adotado, o segundo quase ausente na literatura. É o que faremos a seguir, começando por analisar como o termo *equivalência* é compreendido em dois domínios da Linguística: a Teoria da Tradução e a Lexicografia Bilíngue, apoiando-nos nas reflexões de Xatara e Rios (2009) e Humblé (2005).

5.3.5 Equivalência de tradução X equivalência lexicográfica

Xatara e Rios (2009, p.149) contrastam os sentidos do termo *equivalência* nos diferentes domínios da Teoria da Tradução (TT) e da Lexicografia Bilíngue (LB) com o intuito de demonstrar a incompatibilidade do mesmo termo – *equivalente de tradução* – nesses dois domínios, dado que lexicógrafos e teóricos da tradução parecem não concebê-lo da mesma maneira. Em um primeiro momento, as autoras apresentam o termo *equivalência* em LB e, posteriormente, como ele é concebido em TT, assim observando sobre suas diferenças:

[...] ao negar que um elemento de uma língua pode corresponder a outro elemento de língua diferente, Rodrigues (2000) baseia-se na formação discursiva da TT, que não problematiza as divergências entre sistemas linguísticos. Por outro lado, apesar de em LB o termo *equivalência de tradução* não ter sido questionado, verificamos que essa questão é amplamente discutida nos textos teóricos sobre LB. [...] Podemos concluir, portanto, que embora tratem do mesmo tema (*equivalência de tradução*), os textos analisados provêm de duas formações discursivas diferentes (2009, p.164).

Xatara e Rios (2009, p.165) evidenciam que as duas formações discursivas “[...] não se consideram reciprocamente”. Assim, ponderam que Rodrigues (2000, p.187), ao afirmar que “seria impensável atribuir um mesmo valor a palavras de línguas diferentes”, reporta-se à concepção tradicional de *equivalência* em TT, “[...] que não questiona, por exemplo, as divergências nas estruturas lexicais de línguas diferentes”. As autoras observam, por outro lado, que “embora haja consciência das dificuldades de se estabelecer relações entre estruturas

lexicais de idiomas diferentes, em LB se supõe que há correspondência entre elementos de sistemas linguísticos diversos” (XATARA e RIOS, 2009, p.164).

Xatara e Rios acrescentam que, se por um lado “ [...] o significado de um texto não é fixo e sua interpretação é inevitável” (FISH, 1980, apud Xatara e Rios, 2006), por outro Fish reconhece que o significado “é comunitário e convencional”. Portanto, “[...] não somos livres para criar nossos próprios propósitos e objetivos, pois não somos independentes de pressuposições institucionalmente determinadas” (RODRIGUES, p. 180, apud XATARA e RIOS, 2006).

As autoras concluem que é tarefa da LB

[...] analisar as línguas em busca dos significados comunitários e convencionais das unidades linguísticas, buscando suas similitudes e propondo relações harmônicas entre sistemas linguísticos, a fim de descrever as relações entre unidades linguísticas de línguas diferentes. (XATARA e RIOS, 2006, p.165).

E acrescentam que, dessa forma, à LB cumpre elaborar DBs confiáveis e projetados criteriosamente para atividades com LE, para as quais são imprescindíveis, “[...] **apesar dos percalços da LB e de suas aparentes incongruências com relação à TT, em especial no que concerne à questão do *equivalente de tradução***”. [o grifo é nosso].

Importa também trazer a reflexão de Humblé (2005) que, de certa forma, corrobora e complementa a visão das autoras abordando a relação entre esses mesmos domínios.

Já no início de sua reflexão, Humblé (2005, p. 233-234) diz estranhar o fato de “[...] não ter encontrado nenhum artigo que trate de dicionários na literatura tradutológica”. Observa que os Estudos da Tradução ignoram a Lexicografia e que essa última só não ignora totalmente os primeiros porque, neste campo, sempre houve “questionamentos sobre a possibilidade de ‘equivalência’ entre palavras de línguas diferentes”. E pondera que, embora a “indiferença mútua, parece óbvio que um dicionário bilíngüe não deixa de ser um gigantesco esforço de tradução de uma língua em outra”. Para Humblé (2005), o problema da tradução da EI ‘desse mato não sai cachorro’, por exemplo, interessa tanto lexicógrafos quanto tradutores. Porém, enquanto o tradutor pode escolher não traduzi-la e compensá-la “[...] de outra maneira em outro lugar, **o lexicógrafo não tem essa opção.**” (2005, p. 235, o grifo é nosso).

Se, em um DB,

[...] o lexicógrafo fez tudo para primeiro catalogar e depois explicitar os diferentes contextos nos quais a palavra pode aparecer [...], quem vai traduzir realmente é o tradutor, que vai escolher entre as diferentes alternativas, não o lexicógrafo que deu todas as equivalências possíveis” (Humblé, 2005, p.239).

Ao falar de ‘sentido’, Humblé (2005) reforça que o sentido exato só pode ser dado pelo texto, e o texto está nas mãos do usuário.

Apropriando-nos dessa passagem de Humblé, poderíamos então dizer que a tradução da EI *Un cuento chino* compete, na verdade, ao tradutor, que vai optar por uma das alternativas disponíveis no dicionário (ou decidir por um procedimento de tradução que não seja por equivalência), não ao lexicógrafo, que indicou todas as equivalências fraseológicas possíveis (por exemplo, em um suposto dicionário espanhol-português brasileiro – ‘história da carochinha’/‘história (conversa) pra boi dormir’.

Portanto, as palavras de Humblé (2005) reiteram o que dissemos até aqui e, mais precisamente, na p. 220 desta tese: a escolha de traduzir uma EI por outra EI ou por outro procedimento tradutório qualquer **é uma questão que diz respeito à esfera da Tradução, não à esfera da Lexicografia/Fraseografia.**

Quanto ao uso do termo *equivalente de tradução*, ressalte-se que, no texto de Xatara e Rios, quando se fala em equivalência, o termo adotado é *equivalência* (ou *equivalente*) *de tradução*, mesmo quando o domínio abordado é o da Lexicografia Bilíngue e não o da Teoria da Tradução. Se, como afirmam as autoras, nesses dois domínios há uma incompatibilidade do mesmo termo – *equivalente de tradução* –, uma vez que lexicógrafos e teóricos da tradução parecem não entendê-lo da mesma maneira, parece-nos que seria importante pensar em propor, à luz da constatação de tal incompatibilidade, outro termo para a equivalência quando referida ao domínio da LB – *equivalente lexicográfico?* –, reservando o termo *equivalente de tradução* para o domínio da TT.

As leituras realizadas nos levaram a pensar sobre a necessidade de propor talvez outro termo para, no discurso, distinguir atividades e competências que em sua essência não são as mesmas (traduzir/elaborar dicionários), pois que são próprias de domínios diversos (a Tradução/a Lexicografia), os quais utilizam o mesmo termo já bem sedimentado na literatura (equivalência/equivalente de tradução).

Em princípio era nossa intenção contribuir para tentar estabelecer tal distinção, ou seja, a contraposição entre os termos *equivalência de tradução* e *equivalência lexicográfica*. Entretanto, não nos foi possível ter acesso a textos que possivelmente abordem a equivalência lexicográfica. Em uma rápida busca no *Google*, pode-se perceber que o termo existe, sem, no entanto, ser difundido, pois há pouquíssimas ocorrências. Não foi possível encontrar autores que tenham tratado a *equivalência lexicográfica* como a estamos entendendo. Por isso, deixamos aqui essas reflexões inconclusas, que permanecem em aberto para futuras investigações.

5.3.6 Conclusões sobre a questão da equivalência em um dicionário de EIs

Neste capítulo, procuramos pontuar algumas reflexões como forma de tentar ‘traduzir’ as indagações que nos surgiram a respeito da questão da equivalência durante o desenvolvimento desta tese. Essas reflexões tiveram apenas a intenção de levantar alguns aspectos envolvidos na elaboração de um dicionário de EIs, mas, ao longo do percurso, percebemos o quanto é extenso (e complexo) o entrelaçamento dos campos de estudo envolvidos no tratamento das EIs – a TT, a LB, a FC e, mais recentemente, a línguoculturologia, que interessa fortemente a Fraseologia.

Acertadamente Dobrovol’skijl (2009) afirma que, em geral, é impossível encontrar, registradas em DBs e em descrições contrastivas de EIs, expressões paralelas em duas línguas que possam ser igualmente usadas em todos os casos. Não há receitas aplicáveis à tradução de qualquer texto, confirma Francisco (2010) sobre a tradução de EIs e provérbios.

Dobrovol’skijl (2009) observa ainda que, enquanto dicionários bilíngues de EIs tentam encontrar uma EI correspondente na L2 [...] para explicar o significado da EI na L1, para a adequação tradutória é **absolutamente irrelevante** se uma EI na L1 é traduzida para a L2 por uma outra EI, pois o único aspecto que interessa é a adequada tradução do texto como um todo. Entendemos que tais ponderações são perfeitamente pertinentes e, importa ressaltar, em consonância com o que afirmamos até aqui sobre os equivalentes de tradução.

No entanto, cumpre também ressaltar que a “irrelevância” mencionada por Dobrovol’skijl é uma irrelevância do ponto de vista da Teoria da Tradução (TT), não do ponto de vista da Lexicografia Bilíngue (BB). Acreditamos ter suficientemente demonstrado na análise da tradução do título do filme *Un cuento chino* que, para a adequação tradutória à qual se refere Dobrovol’skijl, não necessariamente uma EI em L1 deve ser traduzida para a L2 por outra EI. De fato, no caso da tradução do título do filme argentino, a expressão que lhe dá nome **não foi traduzida por uma EI** em português, francês, inglês e italiano, embora o patrimônio fraseológico dessas línguas, à exceção da língua italiana (até prova em contrário, repetimos), possua EIs equivalentes à expressão espanhola, igualmente idiomáticas, frequentes e dicionarizadas.

No entanto, essa escolha, que pode ser mais ou menos discutida na sua adequação, não desmerece a tarefa do lexicógrafo de registrar em dicionários bilíngues, sempre que existam, um ou mais equivalentes lexicográficos da EI da língua de partida na língua de chegada.

Evidentemente não cabe ao lexicógrafo solucionar todas as questões de tradução, esgotar possíveis contextos e empregos de uma EI, prevendo cada uma de suas aplicações.

Mas é, sim, ao contrário, dever do lexicógrafo “[...] fornecer um número adequado de equivalentes que possam, na melhor das hipóteses, constituir uma resposta pronta.” ou então que “[...] constituam uma base de partida sólida para a formulação de uma solução tradutória.²¹²” (GIACOMA, 2012, p. 89-90, trad. nossa). Convém ainda ter presente que as equivalências propostas no dicionário “não constituem um conjunto fechado, mas sim uma lista aberta que pode ser posteriormente enriquecida²¹³”, segundo a situação comunicativa específica com a qual se defronta o usuário do dicionário. (GIACOMA, 2012, p.89-90, trad. nossa).

Acreditamos que as reflexões de Humblé, bem como as de Xatara e Rios, contribuem para trazer luz à questão como um todo através da evidenciação da distância que existe entre os domínios da Teoria da Tradução e da Lexicografia Bilíngue, os quais, paradoxalmente, têm, no dicionário, um objeto de indiscutível interesse comum: para a Tradução ele é um instrumento coadjuvante imprescindível, para a Lexicografia é a sua própria razão de existir.

Humblé aponta “a indiferença mútua” que existe entre esses dois domínios, embora sejam interrelacionados, e especifica as diferentes atividades exercidas em cada um.

Por sua vez, Xatara e Rios demonstram a incompatibilidade do termo *equivalente de tradução* nos domínios da TT e da LB, diferentemente concebido por lexicógrafos e teóricos da tradução. As autoras concluem que à LB cumpre elaborar DBs confiáveis “**apesar [...] das suas aparentes incongruências com relação à TT, em especial no que concerne à questão do equivalente de tradução** (2006, p. 165)”[o grifo é nosso].

Pensando na incongruência constatada pelas autoras, acreditamos ser importante considerar a possibilidade de estabelecer talvez outro termo para distinguir a equivalência quando referida ao domínio da LB – *equivalente lexicográfico*? –, reservando o termo *equivalente de tradução* para o domínio da TT, uma vez que esse último e mesmo termo causa, muitas vezes, incompreensões recíprocas. Retomando o contexto do filme argentino, em português um *equivalente de tradução* para o título original seria ‘Um conto chinês’, ao passo que *equivalentes lexicográficos* poderiam ser ‘história da carochinha’/‘história (conversa) pra boi dormir’.

²¹² No original, “*Compito del lessicografo rimane comunque quello di fornire un numero adeguato de equivalenti che possano, nei migliori dei casi, costituire una soluzione pronta per il traduttore e che negli altri casi possano comunque essere una solida base di partenza per la formulazione di un traduce.*”

²¹³ No original, “[...] *i traduceanti proposti dal lessicografo non costituiscono un insieme chiuso, bensì una lista aperta che può essere ulteriormente arricchita.*”

Parece-nos que as palavras de Pamies Bertrán podem sintetizar perfeitamente esta longa reflexão sobre a questão da equivalência, com as contribuições de diferentes autores em diversos campos de estudo, entre eles também o campo da Culturologia:

Assim como a lexicografia multilíngue busca correspondências (virtuais e estáveis) entre línguas [...] e a tradutologia procura equivalências (reais e contextuais) de textos (WOTJAK, 1995; CORPAS, 1997), a línguo-culturologia busca relações entre línguas e culturas através das associações de ideias que, inconscientemente, se transmitem e reforçam com a linguagem, especialmente a linguagem figurada, da qual a fraseologia é um favorecido representante. (PAMIES BERTRAN, 2011, p. 64).

Nesse sentido, o linguista espanhol salienta que convém distinguir esses três âmbitos diferentes e complementares, mas que “**somente a conjunção dos três enfoques** pode alcançar uma comparação completa entre línguas diferentes” [o grifo é nosso].

É, assim, no entrelaçamento de diferentes domínios, na **complementariedade** e na **conjunção** de enfoques que se configura a ponte capaz de dar passagem às particularidades de cada mundo, possibilitando, assim, a concretização da comunicação entre o que é desigual.

5.4 OS FALSOS AMIGOS FRASEOLÓGICOS

O fenômeno dos *falsos amigos*, no Brasil também conhecidos como *falsos cognatos* ou *heterossemânticos*, deve a Koessler & Derocquigny²¹⁴ a denominação *faux amis*, acolhida posteriormente pela tradição lexicográfica europeia.

Entre línguas próximas, como o português e o italiano, não é raro encontrarmos *falsos amigos* – pares de palavras que, não tendo necessariamente uma relação etimológica comum, são homônimas, porém possuem significados diferentes. Sua interpretação equivocada pode, algumas vezes, produzir um enunciado incompreensível, absurdo ou até mesmo cômico, provocando, ocasionalmente, verdadeiros “desastres comunicativos”. Dentre inúmeros exemplos, em português–italiano podemos mencionar, respectivamente, os vocábulos ‘burro’ (asno) e *burro* (manteiga); ‘caldo’ (líquido resultante do cozimento em água de carne, peixe ou verdura) e *caldo* (temperatura elevada); ‘presunto’ (fiambre) e *presunto* (‘presumido’, particípio passado do verbo *presumere* [presumir]); ‘palestra’ (conferência) e *palestra* (academia de ginástica e de esportes).

Os falsos amigos ocorrem também no âmbito da Fraseologia e são um tema “[...] restrito mas interessante.” (GIACOMA, 2012, p. 85), no que

²¹⁴ No livro *Les faux-amis, ou, Les trahisons du vocabulaire anglais: conseils aux traducteurs*, publicado em 1928, em Paris, pela Editora Vuibert.

diz respeito à subcategoria das EIs.

Em um estudo comparativo francês-alemão, Ettinger (1994, p.109-136, apud ETTINGER, 2008) emprega o termo *falso amigo fraseológico* e, por analogia, o termo *verdadeiro amigo*. O termo indica o fenômeno pelo qual também duas UFs, que aparentemente se correspondem exatamente, são empregadas com significados totalmente diferentes, ou seja, à equivalência formal não corresponde necessariamente uma equivalência semântica.

Os falsos amigos fraseológicos não receberam muita atenção científica, nem foram descritos detalhadamente, ao contrário dos falsos amigos no âmbito dos lexemas simples.

A respeito de EIs que, em duas culturas diversas recorrem à mesma imagem mas que possuem significados distintos, um exemplo é a EI ‘passar de pato a (para) ganso’, que, no Brasil, significa “mudar de um assunto para outro” enquanto, no português europeu, quer dizer “piorar de situação” (CAMACHO, 2008).

A experiência com o ensino de língua italiana e de tradução permitiu-nos evidenciar alguns exemplos ilustrativos de falsos amigos fraseológicos no confronto entre o português e o italiano. É sobre esses casos que nos debruçaremos a seguir.

O primeiro exemplo de expressão que aparentemente pode ser traduzida com um mesmo e único sentido é a EI *essere come l’araba fenice*/ ‘**ser como a fênix**’, originada no famoso mito do pássaro que renasce das cinzas. Em português, seu emprego privilegia a capacidade que alguém tem de recuperar-se de uma imensa perda ou dor, como a fênix, o pássaro mitológico que teria a condição de eternamente renascer das próprias cinzas. Em italiano²¹⁵, além desse significado, a expressão também pode indicar algo ou alguém irreal, inalcançável ou muito raro, como a fênix, da qual muito se fala, mas que, no entanto, nunca foi vista²¹⁶. Este seria um caso de falsos amigos parciais, pois na verdade a EI italiana possui dois significados e somente um deles é retomado pela (parcialmente) equivalente EI brasileira ‘ser como a fênix’. Vejam-se os exemplos a seguir, nas duas línguas:

(01) *Berlusconi è come la Fenice che rinasce dalle ceneri. Il problema è che si tratta delle ceneri del nostro paese.*²¹⁷

²¹⁵ Conf. Zingarelli (2008), *la fenice/l’araba fenice* (fig) simbolo di cosa o persona irreal, introvabile o molto rara.

²¹⁶ É provável que esta última acepção tenha origem nos famosos e musicais versos do poeta italiano árcade Pietro Metastasio: *È la fede degli amanti/come l’araba fenice/che ci sia ciascun lo dice/dove sia nessun lo sa* (A fé dos amantes é como a fênix/todos dizem que ela existe, mas ninguém sabe onde ela está).

²¹⁷ Disponível em: www.eunews.it/intervista-pittella-contro-la-speculazione-rafforzare-il-parlamento. Acesso em 15.08.12.

(02) *Conquistare la formula del successo in Borsa è come conquistare la formula della Pietra filosofale, è come l'Araba Fenice del successo e dell'opulenza cui tutti aspirano, anche se non sanno esattamente come e perché*²¹⁸.

(03) “A partir de agora o Flamengo é como a fênix, ressurge das cinzas para dar o que o torcedor gosta e (*sic*) fique satisfeito com sua equipe”. [...]”²¹⁹

Outro exemplo é *piovere sul bagnato*²²⁰, que aparentemente possui um equivalente em português cuja forma é a mesma – ‘chover no molhado’, o qual, contudo, não equivale à expressão italiana semanticamente. *Piovere sul bagnato* emprega-se quando se quer indicar que, a uma situação já complicada, somam-se outras dificuldades. Veja-se o exemplo:

(04) *Giappone, piove sul bagnato: dopo il terremoto anche le inondazioni thailandesi piegano l'industria*²²¹.

Nesse caso, um equivalente semântico da EI italiana poderia ser, em português, ‘desgraça pouca é bobagem’, como bem o demonstra o contexto abaixo:

(05) “E como desgraça pouca é bobagem, como diz o dito popular, a inflação no mês de julho teve uma alta de 2,2%, em ritmo anual”²²².

A tradução do exemplo italiano (04) para o português seria então

(06) “Japão, desgraça pouca é bobagem: depois do terremoto, as inundações tailandesas também atingem a indústria”.

A EI brasileira ‘chover no molhado’, ao contrário, significa “repetir exaustivamente o que já se disse, ou insistir inutilmente”²²³ e claramente não se aplica às mesmas circunstâncias nas quais a EI é empregada, como mostra o exemplo:

(07) “Sinto que estou chovendo no molhado, no encharcado, mas repito aqui o que muita gente já disse antes de mim, e melhor: o filme é uma maravilha”.²²⁴

²¹⁸ Disponível em: <http://www.arezopolitica.it/2011/12/24/orsi-e-tori-la-leggenda-della-borsa-tredicesima-parte-come-rischiare-in-borsa-e-vivere-felici>. Acesso em 22.11.11.

²¹⁹ <http://www.blogdoyurijunior.com/2012/07/flamengo-enfrenta-o-parahyba-nesta-4.html>. Acesso em 20.07.12.

²²⁰ Conf. Zingarelli (2008), *piovere sul bagnato* (*fig*) *aggiungersi di disgrazie a disgrazie e (scherzoso antifr.) di fortune a fortune*.

²²¹ Disponível em: <http://www.firstonline.info/a/2011/10/13/giappone-piove-sul-bagnato-dopo-il-terremoto>. Acesso em 04.01.12.

²²² Disponível em: <http://detudoumpoucominhaopiniao.blogspot.com.br/2012/07/pib-da-espanha-cai-e-agrava-recessao.html>. Acesso em 04.01.12.

²²³ Conf. Houaiss, 2001.

²²⁴ Disponível em: <http://50anosdefilmes.com.br/tag/nota-4/>. Acesso em 04.07.12.

²²⁴ *se dice que alguien ha descubierto l'uovo di Colombo en sentido irónico, para significar que, a pesar del esfuerzo, en efecto no ha descubierto nada nuevo*.

Constitui outro exemplo a EI *con il cuore in mano*, que em língua italiana significa “sinceramente”²²⁵:

(08) *Ci vuole molto più tempo per poterlo dire faccia a faccia col cuore in mano.*²²⁶

(09) *Quando agisci sempre col cuore in mano finisci per farti male, ma almeno sei stato fedele a te stesso.*²²⁷

A expressão ‘com o coração na(s) mão(s)’, ao contrário, não significa em português “com sinceridade”, mas sim “estar muito aflito, angustiado, preocupado ou nervoso com algo ou com uma situação”, como é facilmente constatável nos exemplos abaixo:

(10) “Todos já estavam ansiosos, quase **com o coração na mão** e nada da porta se abriu.”²²⁸

(11) “Se os tempos que correm nos deixam **com o coração nas mãos**, há que contrariar a angústia com empenho e vontade.”²²⁹

(12) “Todos os dias aqui estamos **com o coração nas mãos** pensando que pode acontecer um acidente [...]”.²³⁰

Se, em português, quiséssemos expressar a ideia de sinceridade, deveríamos usar a EI ‘do fundo do coração’. Porém, ela não pode ser adotada indiferentemente em todos os contextos. Nos dois exemplos acima, em italiano, apenas o primeiro exemplo aceita o equivalente ‘do fundo do coração’:

(13) *Ci vuole molto più tempo per poterlo dire faccia a faccia col cuore in mano.*

Tradução: É preciso muito mais tempo para poder dizer isso cara a cara, **do fundo do coração**.

No segundo exemplo, a EI ‘do fundo do coração’ não está adequada ao contexto. É preciso então lançar mão de uma paráfrase e abrir mão da idiomaticidade:

(14) *Quando agisci sempre col cuore in mano finisci per farti male, ma almeno sei stato fedele a te stesso.*

Tradução: Quando ages sempre **com sinceridade**, acabas te machucando, mas ao menos foste fiel a ti mesmo.

Também as EIs ‘ser mão leve’ e *avere la mano leggera* representam um caso de falsos amigos parciais, no sentido a que se refere Giacoma, já que a EI brasileira possui dois significados e apenas um deles é retomado pela EI italiana *avere la mano leggera*. A primeira

²²⁵ Conf. Zingarelli (2003), *col cuore in mano*, *sinceramente*.

²²⁶ <http://www.radio.uol.com.br/#/letras-e-musicas/otto-ohm/amore-al-terzo-piano/1176536>

²²⁷ <http://www.linkfacebook.it/link/3576.aspx>

²²⁸ www.batebyte.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php. Acesso em 20.08.12.

²²⁹ <http://movimentomoda.com/pt/moda/192-com-o-coracao-nas-maos.html>. Acesso em 20.08.12.

²³⁰ www.tsf.pt/PaginaInicial/Vida/Interior.aspx. Acesso em 20.08.12.

EI, além de significar “gatuno, ratoneiro”²³¹, significa também “intervir em uma questão com benevolência”, mesmo valor da EI *avere la mano leggera*, que se encontra dicionarizada e seguida da paráfrase “intervir ou julgar comedidamente, sem obstinar-se”²³². Vejam-se os exemplos:

(15) “Para de **ser "mão leve"** e devolva as minhas coisas! Não tente me evitar!”²³³

(16) “Mas taxa de juros acho que tem que aumentar sim, mas não adianta **ser mão leve** e aumentar meio pontinho que isso não assusta o mercado.”²³⁴

(17) *Tutti in Svizzera, dove il Fisco ha la mano leggera.*²³⁵

Porém, Ettinger (2008, p.112 *et seq*) faz um alerta: mesmo quando os fraseologismos se correspondem no plano da forma e do significado, “a equivalência formal deve ser interpretada de forma muito restritiva para fins fraseológicos, uma vez que diferenças formais menores podem dar lugar a imagens insólitas ou mesmo errôneas”. Podem ser verificadas diferenças de frequência de uso, diferenças diacrônicas e diastráticas em UFs comuns a diversas línguas e equivalentes formal e semanticamente. Apresenta como um exemplo de diferença diacrônica a locução francesa *faire d'une mouche un éléphant*²³⁶, que é marcada como ‘arcaica’ no dicionário, enquanto o seu equivalente alemão *aus einer Mücke einen Elefanten machen*, de uso coloquial, não constitui em absoluto um arcaísmo.

Curioso é o que ocorre com a EI *l'uovo di Colombo*, originada no famoso episódio²³⁷ e difundida em várias línguas como EI que indica uma solução surpreendentemente simples para uma questão aparentemente impossível de ser resolvida. Expressão de uso frequente, seu emprego nem sempre coincide em línguas como o italiano, o espanhol e o português, por exemplo. Sevilla Muñoz e Sardelli (2011) observam que, em italiano²³⁸, “se diz que alguém descobriu *l'uovo di Colombo* em sentido irônico para significar que, apesar do esforço, efetivamente não descobriu nada de novo”, enquanto em espanhol “se usa a expressão *el*

²³¹ Conf. Houaiss, 2001.

²³² Conf. Zingarelli, 2003, *intervenire o giudicare con misura, senza infierire*.

²³³ Disponível em: www.fotolog.com/laina_horrorshow/43437008/ Acesso em 12.08.2012.

²³⁴ Disponível em: br.advn.com/p.php?pid=fb_thread&bb_id=11&id Acesso em 12.08.2012.

²³⁵ Disponível em: <http://www.vostrosoldi.it/articolo/tutti-in-svizzera-dove-il-fisco-ha-la-mano-leggera/228> Acesso em 12.08.2012.

²³⁶ Em italiano *Fare di una mosca un elefante*; em português ‘Fazer de uma mosca um elefante’.

²³⁷ “Diz-se de uma solução extremamente simples, mas que ninguém tinha conseguido encontrar. Conta-se que Colombo fez com que um ovo ficasse em pé sobre a mesa, esmagando levemente uma de suas extremidades para mostrar a simplicidade, e ao mesmo tempo a dificuldade, da sua teoria. Muitos historiadores não consideram esse fato verdadeiro.” (cf. Lapucci, 1984, p.75, trad. nossa).

²³⁸ No original, “*se dice que alguien ha descubierto l'uovo di Colombo en sentido irónico, para significar que, a pesar del esfuerzo, en efecto no ha descubierto nada nuevo*”.

huevo de Colón, aplicando-a a tudo aquilo que parece impossível ou difícil até que alguém demonstre que não é²³⁹. A seguir, alguns exemplos, em italiano, espanhol e português:

(18) *"Il miracolo possibile" (o la grande occasione) "ha ben poco di miracolistico", in verità è un "uovo di Colombo"*²⁴⁰.

(19) *Cancro: scoperto l'uovo di Colombo? ... Ma i dubbi sono molti e si riparla di cure efficaci, con farmaci poco costosi e facilmente reperibili*²⁴¹.

(20) *Cosa pensa della polemica tra film realizzati in 3D e film convertiti in 3D? Sicuramente la macchina del 3D non si ferma. A traino del cinema è partito un enorme interesse da parte dell'industria elettronica, le televisioni, gli occhiali di marca. Il 3D è un uovo di Colombo che ha portato incassi mai visti prima.*²⁴²

(21) *Amazon es un Huevo de Colón -se trata de usar nuevas ideas, la Web, para hacer cosas bien antiguas, sabiendo vender libros con gusto y total servicio a los lectores*²⁴³.

(22) *Esta reflexión es una constatación evidente, obvia, es el huevo de Colón que muchos aún son incapaces de entender*²⁴⁴.

De fato, no exemplo (18), o uso da EI italiana é irônico. Já no exemplo (19), a EI não enfatiza o aspecto irônico, mas, ao contrário, sublinha os aspectos simplicidade e facilidade. O exemplo (20) é diferente dos dois anteriores: *è un uovo di Colombo*, aqui, equivale a “é um achado”, em português. Portanto, temos três diferentes acepções para a EI italiana.

No exemplo (21), o uso da EI espanhola ressalta a simplicidade e a facilidade do empreendimento – usar ‘novas ideias’ (a *Web*) para fazer ‘coisas bem antigas’ (vender livros) –, da mesma forma que no exemplo (22). Neste último, no entanto, parece-nos que, embora simples, fácil de concluir, ‘evidente’, quer-se salientar que a obviedade da constatação não está ao alcance de todos.

Quanto ao português brasileiro, a EI ‘ser um ovo de Colombo’ é empregada semelhantemente ao espanhol para indicar algo fácil de ser realizado, mas que, entretanto, não havia sido antes descoberto por ninguém:

(23) “O presidente do Conselho Regional de Odontologia do DF atesta os benefícios do procedimento e já pediu um artigo sobre o assunto para os inventores. A técnica é relativamente simples, mas **é um ovo de Colombo**”.

(24) “**É um ovo de Colombo**, mas ninguém a tinha ainda feito. Creio que é mesmo a primeira bolsa de cortiça a nível mundial[...]”.

²³⁹ No original, “*se usa la expresión «el huevo de Colón», aplicándola a todo aquello que parece imposible o difícil hasta que alguien demuestre que no lo es*”.

²⁴⁰ Disponível em: <http://www.namir.it/L'ECONOMISTA/modi13.htm> Acesso em 09.09.2012.

²⁴¹ Disponível em: www.giornalettismo.com/.../cancro-scoperto-luovo-di-colombo. Acesso em 09.09.2012.

²⁴² Disponível em: http://www.primissima.it/images/magazine_pdf/primissimatrade.pdf Acesso em 09.09.2012.

²⁴³ Disponível em: <http://www.muieresdeempresa.com/ebusiness/ebusiness010504.shtml> Acesso em 09.09.2012.

²⁴⁴ Disponível em: www.gazetoteko.com/espe/rikardo.htm. Acesso em 09.09.2012.

Uma das dificuldades de aprender e empregar as EIs reside justamente na maleabilidade e na riqueza de matizes que a linguagem humana possui. Em geral, dispomos de várias pesquisas e de dicionários de falsos amigos²⁴⁵, mas o mesmo não se pode dizer a respeito de estudos sobre falsos amigos fraseológicos relativos ao italiano e ao português brasileiro. Por isso, nesta seção do trabalho, quisemos apontar algumas especificidades e oferecer uma contribuição ao levantamento de EIs que constituem falsos amigos nesse par de línguas. Ademais, esse é um aspecto que também é previsto na microestrutura do modelo de hiperdicionário, que inclui um campo para registro dos falsos amigos, quando ocorrem.

5.5 PERSPECTIVAS

O caminho até aqui percorrido constitui o embasamento tão desejado e geralmente tão exigido pela comunidade de pesquisadores de Lexicografia, especialmente por parte de quem pensa a Lexicografia, ainda que pouco a pratique. A partir desse embasamento podemos agora, conforme acreditamos, enfrentar os aspectos inerentes a uma proposta macro e microestrutural para o nosso protótipo de hiperdicionário de EIs pretendido.

É preciso ressaltar, no entanto, que o dicionário de EIs que planejamos aqui não é uma obra isolada. Como explicitamos no início, é projetado para integrar um Ambiente Virtual de Aprendizagem de Língua Italiana (AVA), constituindo uma sua parte – a mais importante para o objetivo desta tese de doutoramento –, mas não a única.

Na sequência, antes de abordarmos o cerne da tese – a proposta metodológica para o tratamento de EIs no hiperdicionário semibilíngue italiano-português, vamos apresentar o ITALEX – o Ambiente Virtual de Aprendizagem de Língua Italiana que desenhamos em grandes linhas para abrigá-lo. É o que faremos no próximo capítulo.

²⁴⁵ Ver Budini (2002), Dicionário italiano-português de falsas analogias.

CAPÍTULO VI – UM AMBIENTE VIRTUAL PARA O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA: O ITALEX

Na conclusão do capítulo anterior, ressaltamos que o dicionário de EIs não foi projetado para ser uma obra isolada, mas, sim, idealizado para integrar um Ambiente Virtual de Aprendizagem de Língua Italiana (AVA). Assim, o dicionário constitui a parte mais importante desta tese de doutoramento, mas não é a única.

Neste capítulo apresentaremos, em linhas gerais, o AVA que abriga o dicionário, projetado para fornecer aos estudantes um suporte ao desenvolvimento do seu percurso de formação: um espaço de troca e de coconstrução do próprio conhecimento da língua italiana. Explicitaremos, ainda, como se configuram os objetos de aprendizagem que possam vir a integrar o AVA.

6.1 UM AVA PARA O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA

Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA)

[...] são sistemas computacionais disponíveis na Internet, destinados ao suporte de atividades mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação. Permitem integrar múltiplas mídias, linguagens e recursos, apresentar informações de maneira organizada, desenvolver interações entre pessoas e objetos de conhecimento, elaborar e socializar produções tendo em vista atingir determinados objetivos (ALMEIDA, 2003, p.331).

Como já mencionamos, o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) projetado, que abriga o dicionário de EIs, é planejado como um apoio para atividades de ensino/aprendizagem de italiano.

Além do dicionário de EIs, o AVA abrigará outros materiais de consulta e materiais pedagógicos. A ideia é abastecê-lo com exercícios, fontes documentais, referências sobre a língua e a cultura italianas, e pesquisas relacionadas, analisando contrastivamente aspectos do léxico e da gramática do italiano e do português brasileiro.

Cada uma de suas partes é fundamentada e deve dialogar com as outras partes. Dessa forma, como demonstraremos no Capítulo VII, elementos da amostragem do protótipo do *Dizionario di Espressioni Idiomatiche Italiano-Portoghese* (doravante DEIIP) que elaboramos nesta tese poderão relacionar-se e conectar-se, por exemplo, a informações do *Dizionario dei Proverbi Italiano-Portoghese* (doravante DIPIP), como ficará demonstrado com a simulação de um verbete de provérbio. Da mesma maneira, esses dicionários, ou outro objeto de aprendizagem que venha a ser produzido e acoplado ao AVA, poderão interligar-se

a exercícios de língua italiana que abordem, por exemplo, aspectos da fraseologia e/ou outros aspectos linguísticos, sendo utilizado como material de apoio e de consulta.

A implementação do AVA e do hiperdicionário contou com recursos da SEAD – Secretaria de Ensino a Distância –, por meio do bolsista José Roberto Leivas Hercules. O AVA está alocado em *site* da UFRGS, conectado ao Projeto Porlexbras – Português e Léxico Brasileiros –, esse último sob a coordenação geral da Profa. Dra. Maria José Bocorny Finatto. O Ambiente Virtual chama-se **Italex** (formado pelas palavras italiano e léxico), e sua *home page* pode ser acessada pelo *link* <http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras>, clicando em ‘**Italex**’, à direita da tela do Projeto Porlexbras.

Um exemplo concreto já disponibilizado no AVA (em versão BETA) junto ao *site* do Italex são os exercícios elaborados e propostos no livro didático *L’italiano sentimenti e parole: La Liguria nella poesia di Eugenio Montale* (TERMIGNONI & BONIFAZIO, [20--?], inédito), obra pronta para edição que vamos acoplar ao AVA adaptando-a para o formato livro didático digital²⁴⁶.

Um AVA de Língua Italiana para brasileiros eficiente, de acesso gratuito e coerente com uma proposta teórica de ensino de língua italiana não apenas é um recurso tecnológico importante no cenário pedagógico atual, mas também é único no gênero produzido no Rio Grande do Sul, região em que a etnia italiana se faz presente de forma preponderante. Ademais, a nossa instituição, a UFRGS, é a única no Estado que forma professores e tradutores de língua italiana. Uma obra moderna, interativa e gratuita como essa é uma proposta avançada e complementar à oferta de nosso curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras Português-Italiano.

A implementação do AVA e do hiperdicionário contou com recursos da SEAD – Secretaria de Ensino a Distância –, por meio do bolsista José Roberto Leivas Hércules. O AVA está alocado em *site* da UFRGS, conectado ao Projeto Porlexbras – Português e Léxico Brasileiros –, esse último sob a coordenação geral da Profa. Dra. Maria José Bocorny Finatto.

6.2 DESENHO DA ESTRUTURA DO AVA

São previstos os seguintes campos de informação e objetos de aprendizagem no Italex:

²⁴⁶ A preparação do livro em formato digital está sendo realizada no decorrer dos anos 2014- 2015, com apoio de bolsista da SEAD – Secretaria de Educação a Distância da UFRGS. À obra inédita em papel estão sendo estabelecidos *hiperlinks* que conectam o livro ao dicionário e, futuramente, a outros objetos de aprendizagem e a mais bases de informação.

- a) Apresentação do Ambiente Virtual de Aprendizagem.
- b) Equipe responsável pela construção e implantação do AVA.
- c) Guia de uso do AVA.
- d) Ofertas do *site* (item que refere cada aspecto do AVA):
- dicionários fraseológicos que contemplam diferentes parcelas do léxico;
 - materiais pedagógicos para o ensino de italiano, com foco nas dificuldades específicas de aprendizes brasileiros;
 - material educativo sobre diferentes aspectos da cultura italiana (cinema, pintura, música, escultura, arquitetura, história, gastronomia);
 - material informativo de interesse geral para estudantes (sobre órgãos oficiais italianos, principais instituições de ensino, bolsas e viagens de estudo, concursos nacionais e internacionais promovidos para estudantes de línguas, particularmente para os de língua italiana); e
 - Biblioteca Virtual e *Sitoteca*²⁴⁷.
- e) Material informativo-pedagógico sobre a Fraseologia, suas diferentes subcategorias (as EIs, os marcadores conversacionais, as colocações, os provérbios e outros) e funções que desempenham no léxico.
- f) DEIIP – *Dizionario di Espressioni Idiomatiche Italiano-Portoghese*, desenvolvido de acordo com o protótipo de dicionário objeto principal desta pesquisa.
- g) DIPIP – *Dizionario dei Proverbi Italiano-Portoghese*. O modelo do protótipo de dicionário desenvolvido nessa tese será replicado para o DIPIP, como veremos na simulação de um verbete do dicionário no Capítulo VII. Futuramente, dicionários de outras subcategorias fraseológicas (combinações, marcadores conversacionais) poderão ser incorporados ao ambiente virtual, observadas as adaptações que se façam necessárias.
- h) Livro didático digital (ver 6.4).

²⁴⁷ Uma *sitoteca* é um catálogo de recursos on-line.

i) Materiais pedagógicos para o ensino de italiano, com foco nas dificuldades específicas de aprendizes brasileiros.

j) Biblioteca virtual com artigos para *download* cujas temáticas envolvam os estudos de *Italianistica*.

l) Canal futuro para dirimir dúvidas dos estudantes.

A seguir é reproduzido o esboço da configuração do Italex. Os objetos de aprendizagem marcados com uma estrela são os elementos ou partes do projeto que estão em andamento:

Figura 10 - Configuração do Italex



Fonte: Do autor, 2014.

O Italex poderá ser continuamente ampliado com novos materiais produzidos, ao longo do tempo, por professores, monitores, bolsistas e estudantes do Setor de Italiano que queiram se associar ao ambiente virtual. Ao finalizar este trabalho, já estaremos buscando novas fontes para prosseguir com a sua construção, envolvendo a colaboração de estudantes/bolsistas do nosso Setor de Italiano da UFRGS e de outras áreas de estudo da Universidade.

6.2.1 Apresentação do Italex

A página inicial e provisória do AVA – que pode ser acessada no *site* anteriormente mencionado – contém o seguinte texto de apresentação:

O que é o Italex

O ITALEX é um Ambiente Virtual de Aprendizagem da Língua Italiana planejado para abrigar diversos objetos de aprendizagem: diferentes dicionários de unidades fraseológicas (além do protótipo de dicionário de expressões idiomáticas aqui construído, também os dicionários de provérbios e de colocações, por exemplo), um livro didático digital, materiais didáticos que evidenciam diferenças específicas da língua italiana em confronto com o português do Brasil, uma biblioteca virtual, um espaço para informações sobre intercâmbios, estágios, bolsas de estudos, concursos e outras oportunidades que possam interessar aos estudantes universitários que estão se preparando para trabalhar com a língua italiana, quer como professores, quer como tradutores.

O objeto central do Italex é o *Dizionario di Espressioni Idiomatiche Italiano-Portoghese*, cujo protótipo é objeto de uma tese de doutoramento.

Atualmente existem três objetos digitais em desenvolvimento:

- 1) O *Dizionario di Espressioni Idiomatiche Italiano-Portoghese* (DEIIP), já disponível *on-line* com uma amostragem de 60 verbetes com expressões idiomáticas do campo léxico da gastronomia;
- 2) O livro didático digital *L'italiano sentimenti e parole: La Liguria nella poesia di Eugenio Montale* (TERMIGNONI & BONIFAZIO, em implementação); e
- 3) O *Dizionario dei Proverbi Italiano-Portoghese* (DIPIP), previsto para ser desenvolvido em 2015-2016. Há algumas páginas iniciais desse dicionário que já foram implementadas no AVA, bem como o mencionado verbe que ilustra sua conexão ao DEIIP.

Objetivos

Oferecer aos estudantes de Licenciatura e Bacharelado em Letras – Italiano um ambiente que reúna diferentes ferramentas e recursos digitais para aperfeiçoar o conhecimento da língua italiana.

Público-alvo

Estudantes de língua italiana, sobretudo estudantes universitários dos Cursos de Licenciatura e Bacharelado em Língua Italiana das universidades brasileiras.

6.2.2 Biblioteca virtual e *Sitoteca*

A Biblioteca será composta de uma coletânea de obras sobre diferentes campos de estudo de *Italianistica* e de textos italianos particularmente conhecidos, de acesso livre na *Web*, familiarizando o aprendiz, entre outras, com importantes obras da literatura italiana. Essas informações poderão ser úteis inclusive para atividades em sala de aula nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Italiano.

São também indicados *links* que remetem a dicionários *on-line* e *sites* voltados para o aprendizado de língua, literatura e cultura italiana para estudantes estrangeiros.

Na sequência, apresentamos algumas indicações da Biblioteca para exemplificar de que forma essa oferta do Italex pode se configurar:

Biblioteca Virtual e *Sitoteca*

Elenco de livros, dicionários e sites úteis

Dizionario Etimologico online

[Accedere cliccando qui](http://www.etimo.it/) <http://www.etimo.it/>

Dizionario Italiano online

[Accedere cliccando qui](http://www.dizionario-italiano.it/) <http://www.dizionario-italiano.it/>

Dicionário Online Michaelis Italiano-Português

[Accedere cliccando qui](http://michaelis.uol.com.br/) <http://michaelis.uol.com.br/>

Dizionario Sabatini Coletti online

[Accedere cliccando qui](http://dizionari.corriere.it/dizionario_italiano/index.shtml) http://dizionari.corriere.it/dizionario_italiano/index.shtml

Il Grande Dizionario di Italiano Hoepli di Aldo Gabrielli online

[Accedere cliccando qui](http://dizionari.repubblica.it/) <http://dizionari.repubblica.it/>

[Il Burocratese - Dizionario Burocratese - Italiano](#)

[Accedere cliccando qui](http://athos.mi.camcom.it/dizionario/index.phtml?lettera=u&carica=1) <http://athos.mi.camcom.it/dizionario/index.phtml?lettera=u&carica=1>

Treccani.it L'enciclopedia italiana

[Accedere cliccando qui](http://www.treccani.it/vocabolario) <http://www.treccani.it/vocabolario>

ARIOSTO, Ludovico. L'Orlando Furioso (raccontato da Italo Calvino)

[Accedere cliccando qui](https://profssamonicaguido.files.wordpress.com/2014/01/orlando-furioso-di-ludovico-ariosto-raccontato-da-italo-calvino-italo-calvino.pdf) <https://profssamonicaguido.files.wordpress.com/2014/01/orlando-furioso-di-ludovico-ariosto-raccontato-da-italo-calvino-italo-calvino.pdf>

CALVINO, Italo. Il visconte dimezzato

[Accedere cliccando qui](http://italiano.sismondi.ch/letteratura/autori/Calvino/calvino-il-visconte-dimezzato/view) <http://italiano.sismondi.ch/letteratura/autori/Calvino/calvino-il-visconte-dimezzato/view>

CALVINO, Italo. Il barone rampante

[Accedere cliccando qui](http://italiano.sismondi.ch/letteratura/autori/Calvino/italo-calvino-il-barone-rampante/view) <http://italiano.sismondi.ch/letteratura/autori/Calvino/italo-calvino-il-barone-rampante/view>

CALVINO, Italo. Il cavaliere inesistente

[Accedere cliccando qui](http://italiano.sismondi.ch/letteratura/autori/Calvino/italo-calvino-il-cavaliere-inesistente/view) <http://italiano.sismondi.ch/letteratura/autori/Calvino/italo-calvino-il-cavaliere-inesistente/view>

Centro Nazionale di Studi Leopardiani – Recanati

[Accedere cliccando qui](http://www.leopardi.it/) <http://www.leopardi.it/>

Dante online

[Accedere cliccando qui](http://www.danteonline.it/italiano/home_ita.asp) http://www.danteonline.it/italiano/home_ita.asp

ELIO VITTORINI

[Accedere cliccando qui](http://www.vittorininet.it/supporto/elio/) <http://www.vittorininet.it/supporto/elio/>

Icon – Italian Culture on the Net

[Accedere cliccando qui](http://www.italicon.it/it/index.asp) <http://www.italicon.it/it/index.asp>

PIRANDELLO, Luigi. Sei personaggi in cerca d'autore

[Accedere cliccando qui](http://italiano.sismondi.ch/letteratura/autori/Pirandello/sei-personaggi-in-cerca-dautore/6personaggipirandello.pdf/view) <http://italiano.sismondi.ch/letteratura/autori/Pirandello/sei-personaggi-in-cerca-dautore/6personaggipirandello.pdf/view>

RODARI, Gianni. Favole al telefono

[Accedere cliccando qui](http://www.terzoacerra.com/1/upload/gianni_rodari_favole_al_telefono.pdf) http://www.terzoacerra.com/1/upload/gianni_rodari_favole_al_telefono.pdf

SCIASCIA, Leonardo. Il giorno della civetta

[Accedere cliccando qui](http://italiano.sismondi.ch/letteratura/autori/Sciascia/dossier-il-giorno-della-civetta/il-giorno-della-civetta/view) <http://italiano.sismondi.ch/letteratura/autori/Sciascia/dossier-il-giorno-della-civetta/il-giorno-della-civetta/view>

SCIASCIA, Leonardo. Una storia semplice

[Accedere cliccando qui](http://italiano.sismondi.ch/letteratura/autori/Sciascia/1-sciascia-una-storia-semplice/view) <http://italiano.sismondi.ch/letteratura/autori/Sciascia/1-sciascia-una-storia-semplice/view>

Poesie di Gianni Rodari

[Accedere cliccando qui](http://www.poesieracconti.it/poesie/a/gianni-rodari) <http://www.poesieracconti.it/poesie/a/gianni-rodari>

Roberto Benigni Tutto Dante

[Accedere cliccando qui](http://italiano.sismondi.ch/media/video_lf/roberto-benigni-tutto-dante) http://italiano.sismondi.ch/media/video_lf/roberto-benigni-tutto-dante

Scrittori per un anno

[Accedere cliccando qui](http://www.scrittoriperunanno.rai.it/index.asp) <http://www.scrittoriperunanno.rai.it/index.asp>

6.3 O DEIIP E O AVA

O próximo capítulo tratará da nossa proposta de protótipo de hiperdicionário de EIs e, em diversas passagens, serão bem documentadas e ilustradas as conexões entre o DEIIP e o AVA. Por isso, não há necessidade de nos estendermos nesse item aqui, já que ele será tratado detalhadamente no Capítulo VII da tese.

6.4 UM LIVRO DIGITAL CONECTADO AO AVA

O livro digital conectado ao AVA é o manual didático intitulado *L'italiano sentimenti e parole: La Liguria nella poesia di Eugenio Montale* (TERMIGNONI & BONIFAZIO), escrito em língua italiana no ano de 2002. Por falta de oportunidade e de dificuldades editoriais, é um livro ainda inédito. Esse tipo de obra, porém, não perde a atualidade.

O manual é a primeira parte de um projeto, idealizado em 2001, com o propósito de associar o ensino da língua italiana para brasileiros às várias manifestações da cultura italiana e ao estudo da literatura, da geografia, da história, da música e do cinema italiano, na convicção de que a aprendizagem de uma LE, principalmente para estudantes que se preparam para utilizá-la profissionalmente, não pode prescindir do conhecimento mais aprofundado dos aspectos culturais representados e veiculados por meio dessa língua.

Dirigido a estudantes que já tenham um nível avançado de conhecimento do italiano, o livro (escrito em italiano) tem o intuito de aproximá-los do estudo da vida e da obra do escritor e poeta italiano Eugenio Montale (1986-1981), apresentando um recorte de 10 poesias do autor, dentre as mais conhecidas. Elas podem servir, em um primeiro momento, como eixo em torno do qual abordar a vida de Montale, as particularidades geográficas da Liguria tão bem descritas por esse autor, o panorama literário e a história italiana do período, e, em um segundo momento, podem ser um ponto de partida para aprofundar o estudo da língua italiana. Considerou-se útil incluir, no manual, breves menções sobre as cidades de Genova, Firenze, Milano, além da região da Liguria em geral e das *Cinque Terre* em especial, sendo esse o circuito no qual viveu o poeta e que inevitavelmente está presente na sua obra.

6.4.1 Por que um livro didático sobre Montale? Justificativa da escolha

A escolha do estudo da obra de um escritor como Eugenio Montale para aprofundar o conhecimento da Itália, em geral, e da língua italiana, em particular, foi influenciada por um conjunto de fatores externos que é preciso contextualizar.

No início de 2001, quando tal escolha foi feita, na Itália estava em curso uma série de celebrações que enfatizavam a atualidade e a universalidade dos motivos da lírica do poeta no ventésimo aniversário de sua morte. Existia em português, publicada no Brasil, somente uma tradução de algumas poesias (Geraldo H. Cavalcanti, Poesias, *Eugenio Montale*. Rio de Janeiro: Record, 1997), extraídas das numerosas e significativas coletâneas publicadas ao longo do tempo. A região italiana da Liguria, tão cara a Montale, havia encaminhado um projeto de revitalização dos aspectos arquitetônicos e culturais que levaria a cidade de Gênova, sua capital, a ser escolhida como capital europeia da cultura no ano de 2004. Esses motivos, somados ao fato de que aos autores parecia uma grave limitação que um Nobel da Literatura (1975) permanecesse quase que desconhecido dos brasileiros enquanto suas obras de poesia, prosa e crítica musical eram traduzidas em várias línguas, os conduziram à escolha de produzir um livro didático sobre esse importante poeta italiano. Quase que confirmando tal decisão, no final de 2001 surgiram no Brasil outras duas traduções de Montale: de Renato Xavier, *Eugenio Montale, Ossi di Seppia*, Companhia das Letras, 2001, e de Ivo Barroso, *Eugenio Montale, Diário Postumo*, Record, 2001.

6.4.2 Uma oportunidade para conectar o livro ao AVA

Com a implementação do Ambiente Virtual de Aprendizagem de Língua Italiana, em *site* da Universidade, para abrigar o *Dizionario di Espressioni Idiomatiche Italiano-Portoghese*, vislumbramos três aspectos que aproximam e oportunizam a agregação desse livro, em formato digital, ao ambiente, a saber:

- i) o livro contempla material didático para o ensino do italiano *com foco nas dificuldades específicas de aprendizes brasileiros*, uma das diretrizes e ofertas previstas no AVA;
- ii) *todas as unidades apresentam atividades didáticas com EIs*, propiciando a associação entre exercícios e o DEIP através de *hyperlinks*; e
- iii) a Secretaria de Ensino a Distância da UFRGS, em 2014, ofereceu uma nova linha de pesquisa com apoio informatizado cujo objetivo é, justamente, *a produção de livros didáticos digitais*.

Essa oportunidade foi *come il cacio sui maccheroni* e nos estimulou a retomar a obra, ainda inédita, e a adaptá-la ao formato digital, já que estávamos ‘com a faca e o queijo na mão’.

Certamente será muito útil poder ultrapassar o formato impresso do livro, visto que um objeto de aprendizagem *on-line* terá mais utilidade e alcance – considerando como usuário o nosso aluno de italiano de nível médio-avançado do curso de Graduação em Letras, bem como o aluno de mesmo nível do Curso de Italiano do NELE – Núcleo de Ensino de Línguas em Extensão da UFRGS.

6.4.3 Breve descrição do conteúdo do livro e de seus *links*

Cada uma das 10 unidades do livro apresenta uma poesia de Montale acompanhada de tradução, de comentários, de notícias relacionadas ao tema tratado, à vida e à obra de Montale, e de exercícios linguísticos ao final da unidade. Um fato importante: em cada uma das 10 unidades do livro, o exercício de número 3 apresenta sempre uma atividade com expressões idiomáticas.

Além disso, em cada poesia, detalhes sobre temas e aspectos relacionados a ela podem ser conectados via *link* na seção **Vedere documenti vari**, constituída de material selecionado e específico sobre o seu conteúdo. A seção **Vedere documenti vari** está presente em quase todas as poesias e sempre contém *hyperlinks*, como veremos em seguida. No copião do livro em papel, essa seção constitui um item dos Apêndices. Ao longo dos capítulos, os diferentes itens gramaticais também são dotados de *hyperlinks*, indicados sempre com a **cor laranja**. Clicando nos *hyperlinks*, o aluno é remetido ao material adicional do livro, no qual encontrará um aprofundamento maior do item acessado.

As relações são estabelecidas internamente ao livro, isto é, o usuário poderá não estar conectado à rede para acessá-lo. Assim, teremos, em diversas passagens do manual, *hyperlinks* que remetem ao material adicional elaborado especialmente para cada unidade didática, o qual explora tanto itens de caráter literário, cultural e pessoal da vida de Eugenio Montale, quanto itens de caráter linguístico, sintático, gramatical e lexical relacionados à poesia em questão.

Veja-se, como exemplo, a apresentação da Poesia da *Lezione 1*:

Poesia Lezione 1

Milano, Via Solferino, sede del Corriere della Sera, 20 novembre 1967, ore 23:30.

Un uomo di circa settant'anni, cappotto grigio scuro, cappello scuro, esce dal portone centrale, osserva il cielo denso di nebbia e, camminando un po' curvo, si dirige verso via Brera, la percorre tutta, si immette in via Verdi, passa lentamente davanti al Teatro alla Scala, svolta a sinistra in via Manzoni e dopo poche centinaia di metri svolta ancora, a destra, in via Bigli: raggiunge il portone del numero 15, estrae dal panciotto le chiavi del portone, apre, sale due rampe di scale, apre la porta di casa e ...

La casa si presenta nell'ordinato disordine del recente trasloco: su una consolle nell'ingresso c'è una foto dell'uomo e della moglie che li ritrae in cima ad una scalinata; mentre si toglie cappotto e cappello gli cade lo sguardo sulla foto, si ferma, si siede, continua a guardare la foto fino ad avere l'impressione che l'immagine della moglie quasi si personalizzi uscendo dalla cornice.

E pensa a voce alta...

Ho sceso milioni di scale ...

Vedere Documenti Vari, A.01, A.02, La moglie.

Vedere Documenti Vari, B.01, La casa di Via Bigli 11.

Nessa primeira página, por exemplo, o usuário pode ter acesso a outros textos na seção do material adicional. Clicando em *Vedere Documenti Vari, A.01, A.02, La moglie*, o usuário acessa o seguinte texto:

A. La moglie.

A.01 (*Il profeta dell'Apocalisse, Intervista di Corrado Staiano, pubblicata in "Tempo", n. 6, Milano, 8 febbraio 1964, Il secondo mestiere, Arte Musica e Società, I Meridiani, Mondadori, 1996*)

pag. 1636 [...] Mi guarda per la prima volta negli occhi, si passa una mano sulla fronte, poi la solleva a mezz'aria in un gesto impacciato e resta così per un attimo, in piedi in mezzo alla stanza, e sembra che la sua figura rappresenti tutte le solitudini, le indeterminatezze e le insicurezze dell'universo. Due mesi fa è morta la moglie del poeta: "Tutto, qui dentro, parla di lei" mi dice Montale, "Mi sorprende davanti alle sue cose, non si cancellano facilmente tanti anni vissuti insieme. Anche fuori è tutto un ricordo. Alla Scala ho dovuto farmi mutare la poltrona; a Venezia non potrò più andarci come facevo ad ogni autunno dopo il festival cinematografico. C'era lei, c'erano tanti amici. Mah, adesso non so più che cosa farò. Ho comperato la mia tomba in Toscana, vedrò che cosa decidere."

A.02 (*Commento a se stesso, Carteggio Montale-Guarnieri, 20 aprile 1964, Il secondo mestiere, Arte Musica e Società, I Meridiani, Mondadori, 1996*)

(pag. 1512) [...] Sono stanco e conduco una vita miserabile avendo perduto l'unica ragione di vita che avevo. Io ho sempre vissuto per far vivere qualche altro e più di tutti e di tutto la povera Mosca che era cieca ma aveva un fiuto infallibile e non si è mai sbagliata nel giudicare gli uomini.

Clicando em *Vedere Documenti Vari, B.01, La casa di Via Bigli 11*, o usuário tem acesso a seguinte informação:

B. La casa di via Bigli 11.

B.01 (*Il profeta dell'Apocalisse, Intervista di Corrado Staiano, pubblicata in "Tempo", n. 6, Milano, 8 febbraio 1964, Il secondo mestiere, Arte Musica e Società, I Meridiani, Mondadori, 1996*)

pag. 1637 [...] Usciamo piano sulla terrazza che dà sui tetti, le balaustre sono nere di polvere di carbone, l'aria ha il colore del piombo fuso, la cupola di San Fedele spunta appena dalla foschia. Le antenne, le ciminiere e i grattacieli sembrano ombre lunghe e assurde. ... Andiamo su e giù per la terrazza, osserviamo le facciate dei palazzi vicini: la casa di Montale è in via Bigli, nel vecchio centro storico-mondano, l'aggettivo "stendhaliano" qui è d'obbligo, la patina risorgimentale non manca. Nella casa vicina, nel 1848, si riuniva il Comitato insurrezionale delle 5 Giornate.

Na página seguinte é apresentada a poesia, seguida da sua tradução:

Ho sceso milioni di scale

di Eugenio Montale

da Satura, sezione Xenia II, 5

in Tutte le Poesie, I Meridiani, 2000

Mondadori, Milano, pag. 309.

Ho sceso, dandoti il braccio, almeno un milione di scale

e ora che non ci sei è il vuoto ad ogni gradino.

Anche così è stato breve il nostro lungo viaggio.

Il mio dura tuttora, né più mi occorrono

le coincidenze, le prenotazioni,

le trappole, gli scorni di chi crede

che la realtà sia quella che si vede.

Ho sceso milioni di scale dandoti il braccio

non già perché con quattr'occhi forse si vede di più.

Con te le ho scese perché sapevo che di noi due

le sole vere pupille, sebbene tanto offuscate,

erano le tue.

Note: 20 nov. 1967

XENIA / > 1964-1965 < / a mia moglie / + 12/10/1963 (20/10/1963)

Traduzione Poesia-Lezione 1

Desci um milhão de escadas

Desci, dando-te o braço, ao menos um milhão de escadas

e agora que não mais estás é o vazio a cada degrau.

Mesmo assim foi breve a nossa longa viagem.

A minha dura ainda, mas já **não** me ocorre pensar
nas conexões, nas reservas,
nas ciladas, nos vexames dos que creem
que a realidade é aquilo que se vê.

Desci milhões de escadas dando-te o braço
e **não** porque com quatro olhos se veja melhor.
Contigo as desci porque sabia que de nós dois
as únicas verdadeiras pupilas, ainda que tão ofuscadas,
eram as tuas²⁴⁸.

Os exercícios são elaborados conforme a oportunidade oferecida em cada poesia e são, portanto, muito variados nas 10 unidades. Referem-se a aspectos morfológicos, sintáticos, lexicais e gramaticais associados a cada uma das poesias e procuram explorar estruturas que apresentem particular dificuldade para os estudantes brasileiros. São exemplos: o uso das preposições *di* e *da*, do futuro do subjuntivo (tempo inexistente em italiano), dos auxiliares no pretérito perfeito composto italiano, dos heterogênicos (a ponte – *il ponte*), do período hipotético, entre outros.

Veja-se, na sequência, um exercício elaborado a partir da poesia *La casa dei doganieri*, *Lezione 5*, no qual é explorado o uso das preposições *di* e *da*, simples e articuladas:

Esercizi Poesia Lezione 5

• In molti versi di questa poesia sono presenti le preposizioni **di** e **da**, come negli esempi: *la casa dei doganieri* (riga 1), *t'attende dalla sera* (riga 3), *lo sciame dei tuoi pensieri* (riga 4), *Libeccio sferza da anni* (riga 6), *il suono del tuo riso* (riga 7), *il calcolo dei dadi* (riga 9). Nelle frasi che seguono cercare di metterle al posto giusto, **articolandole** se necessario:

- a) dove vieni?
- b) Quel tuo amico..... Genova è già arrivato?
- c) Devo andare miei questo fine-settimana.
- d) balcone mio appartamento guardo il tramonto.
- e) Guardati amici che nemici ti guarda Dio!
- f) Darà l'esame alla fine anno.
- g) Discende nobili fiorentini.
- h) Mia sorella è più alta me.

²⁴⁸ Tradução de Susana Termignoni.

- l) È stata cacciata via casa genitori.
- m) Milano è una principali piazze finanziarie europee.
- n) Non era in grado ricoprire una carica come quella.
- o) Non avendo un lavoro dipende genitori.
- p) Hanno una figlia tredici anni.
- q) È una bella ragazza voce soave.
- r) quanto tempo studi l'italiano? tre anni.
- s) Ha bei progetti che purtroppo restano nel cassetto.
- t) Non rimandare quello che hai fare per stare qui con noi a parlare più e meno!
- u) Mi ha regalatobei bicchieri vino.
- v) Ha bevuto troppi bicchieri vino ed è stato portato a casa suo amico.

Clicando nas palavras grifadas no comando (**le preposizioni di e da**), o usuário será remetido ao material adicional que aprofunda o tema das preposições simples e articuladas, um aspecto do aprendizado da língua italiana que apresenta particular dificuldade para os estudantes.

Veja-se outro exercício, a partir da poesia *Parlerai di me*, na *Lezione 10*, no qual é contrastado o uso do tempo futuro em português e italiano e é evidenciada a função do futuro do subjuntivo nas duas línguas:

- **Al futuro semplice** in italiano corrispondono in portoghese il **futuro do indicativo** e il **futuro do subjuntivo**. Non esistendo quest'ultimo in italiano, è il futuro semplice che svolge la sua funzione. Osservare l'esempio seguente:

Quando saprò la verità, deciderò cosa fare.

(Quando souber a verdade, decidirei [vou decidir] o que fazer).

Completare le frasi al futuro con la forma corretta dei verbi tra parentesi:

- a) Quando (io-essere) grande, farò l'ingegnere.
- b) Se tu (volere)....., ti aiuterò a fare il trasloco.
- c) Quando (noi-andare)..... a Roma, cercheremo il libro che mi hai chiesto.
- d) Verrò da te appena(potere).
- e) Se (avere-io)tempo, andrò a trovarlo.
- f) Quando (tu-diventare)famoso, dirò a tutti che da bambini siamo stati amici.
- g) Gli studenti che non (consegnare) il compito entro lunedì, non lo potranno più fare.

h) Se na nostra squadra (perdere) la partita di domani, perderà anche il campionato.

Como no exercício sobre as preposições, aqui também, clicando nos *hyperlinks futuro semplice, futuro do indicativo e futuro do subjuntivo*, o estudante terá acesso a explicações sobre a aplicação desses tempos e modos verbais – em italiano e em português.

Na mesma *Lezione 10*, o último exercício propõe a transposição, do português para o italiano, de contextos com o futuro do subjuntivo, uma ocasião para fixar o uso da estrutura, que representa uma dificuldade no aprendizado do italiano:

• **Ora provare a tradurre le seguenti frasi in italiano facendo attenzione all'uso del futuro:**

a) Se você for ao banco, não esqueça de pedir mais um talão de cheques.

.....

b) Quando terminarmos o trabalho, poderemos tirar umas férias.

.....

c) As pessoas que não entregarem o formulário até o dia 17 perderão o direito ao benefício

d) Se você estudar bastante, com certeza será aprovado.

.....

e) Se vocês chegarem cedo, ainda encontrarão ingressos para o teatro.

.....

f) Assim que chegarmos a Milão, vamos confirmar a passagem de volta.

.....

g) Se Franco ficar mais uns dias em Porto Alegre, vou levá-lo a conhecer as vinícolas de Bento Gonçalves.

Como já mencionado, em cada uma das 10 unidades do livro, o exercício de número 3 apresenta sempre uma atividade com expressões idiomáticas. Essa atividade se divide em duas partes: uma de associação e outra de completamento. Dessa forma, ao final de todo o percurso de 10 unidades, o estudante terá conhecido um número significativo de EIs italianas e as terá empregado em contextos comunicativos. Reproduzimos, como exemplo, o exercício da *Lezione 3*:

Collegate le frasi e le espressioni della colonna di sinistra con i loro relativi significati nella colonna di destra:

- | | |
|--|--|
| (1) Fuoco di paglia | () Essere tra due avversari, tra due difficoltà |
| (2) Soffiare nel (sul) fuoco | () Essere totalmente sicuri di un'affermazione |
| (3) Parole di fuoco | () Non andare d'accordo |
| (4) Versare acqua sul fuoco | () Fomentare discordie e risentimenti |
| (5) Scherzare col fuoco | () Tentare con ogni mezzo di ottenere qualcosa |
| (6) Essere fra due fuochi | () Attenuare una situazione polemica |
| (7) Mettere le mani sul fuoco | () Passione molto intensa ma di breve durata |
| (8) Essere come l'acqua e il fuoco | (9) Cominciare troppe cose contemporaneamente |
| (9) Mettere troppa carne al fuoco | () Affrontare con troppa leggerezza un pericolo |
| (10) Fare fuoco e fiamme | () Terribili e minacciose |

• Ora completate le frasi usando le espressioni imparate sopra:

- a) Vedrai che le passerà: è
- b) Andrea non sa che fare: è
- c) So benissimo quello che ti sto dicendo, ci
- d) Se uno rischia di prendersi un esaurimento.
- e) per conquistarla e poi l'ha lasciata.
- f) Sono sicuro che Anna farebbe la pace, è Franco che
- g) Tu sei molto imprudente! Non vedi che?
- h) Non potrò mai dimenticare quelle
- i) Loro non possono stare insieme, sono come
- l) Stanno litigando un'altra volta. Vieni con me, bisogna che qualcuno

Com esse exemplo, fica demonstrada uma conexão do livro digital com o DEIIP. Ao clicar em **mettere troppa carne al fuoco**, o aprendiz é remetido ao seguinte verbete do dicionário:

carne	
EIT	troppa carne al fuoco ★★★
EPB1	Ø começar muitas coisas simultaneamente
Definição	Cominciare troppe cose contemporaneamente.
Tradução literal 🚧	carne demais no fogo
EIT variante	tanta carne al fuoco ★★★ / molta carne al fuoco ★★★

Exemplo 1	Mettiamo in discussione un solo argomento. Non credo che si debba mettere troppa carne al fuoco , anche se siamo pronti a dialogare su tutto.
Exemplo 2	È bene ricordare che non serve mettere troppa carne al fuoco : ogni problema ha una sua soluzione e ciò che serve a risolvere un problema, non e' detto che sia applicabile ad altro.

É de se esperar que, à medida que os verbetes do DEIIP forem sendo construídos, outras conexões sejam estabelecidas entre o dicionário e o livro.

A possibilidade de abastecer o Italex com um livro digital interligado a outros objetos de aprendizagem, como o DEIIP, é poder oferecer, no decorrer de apenas mais um ano, uma ferramenta concreta e inovadora, aberta a outras agregações, que sai da condição original de material inédito em papel para materializar-se como instrumento dinâmico e avançado de ensino/aprendizagem para nossos alunos.

No livro didático, são inseridos basicamente *hyperlinks* que vão associá-lo ao DEIIP, a outros futuros objetos de aprendizagem e a informações relacionadas à vida e à obra de Montale, bem como a módulos sobre a gramática e a atividades de ensino da língua italiana, como demonstrado.

O manual didático não apresenta dificuldades de implementação, já que:

- i) o livro divide-se em 10 capítulos, todos já elaborados e revisados para adaptação ao formato *livro didático digital*;
- ii) as passagens que deverão conter *hyperlinks* já foram indicadas e acompanham diversas partes da obra, com diferentes sugestões para expansão da informação;
- iii) serão estabelecidos *hyperlinks* que associam o livro a outros objetos de aprendizagem (o DEIIP) e a mais bases de informação.

6.5 O DIPIP e o AVA

O DIPIP – *Dizionario dei Proverbi Italiano-Portoghese* será construído com base no protótipo desenvolvido para o DEIIP. No Capítulo VII teremos oportunidade de demonstrar, por meio da simulação de um verbete (item 7.2.3.11), como os dois dicionários poderão conectar-se no futuro.

A seguir, reproduzimos as páginas iniciais do DIPIP, que já foram implementadas no AVA, bem como o modelo de verbete do dicionário. As páginas podem ser acessadas na barra de ferramentas do Italex, ‘Outros dicionários’, clicando no *hyperlink* [http://www. ufrgs.br/ textecc/porlexbras/italex/outrosdic.php](http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/italex/outrosdic.php)



Inizio Progetto DIZIONARIO POR Italex

Benvenuti al sito del Dizionario dei Proverbi Italiano-Portoghese!

Equipe

Autora: Profa. Susana Termignoni (doutoranda)
Coordenadora e Orientadora: Profa. Dra. Maria José Bocorny Finatto
Colaboração: Ariane Marques – académica de Letras Português-Italiano
 Pietra Acunha – académica de Letras Português-Inglês

Apolo Computacional

Jose Roberto Leiva Hercules - académico de Engenharia da Computação
 Luis Antonio Leiva Hercules - académico de Engenharia da Computação

Atualizado em 25/03/2014



Inizio Progetto DIZIONARIO POR Italex

Benvenuti al sito del Dizionario dei Proverbi Italiano-Portoghese!

Questo dizionario è stato ideato per studenti universitari brasiliani di lingua italiana di livello intermedio-avanzato il cui modello seguirà quello del Dizionario di Espressioni Idiomatiche Italiano-Portoghese che è frutto di una tesi di dottorato di ricerca ancora in atto e alla cui conclusione (gennaio 2015) gli utenti potranno accedere a un campione di circa 150 voci di espressioni idiomatiche del campo lessicale della gastronomia. Anche il Dizionario dei Proverbi è quindi un dizionario semilingue, ossia, le informazioni su ogni espressione sono date in italiano (come in un dizionario monolingue) e gli equivalenti in portoghese brasiliano (come in un dizionario bilingue), il che permette all'apprendente di ampliare il suo repertorio linguistico attraverso la lettura e la comprensione delle definizioni e degli esempi in italiano. Ogni voce riporta, oltre alla definizione:

- uno o più equivalenti
- la traduzione letterale
- marche d'uso (formale, informale, volgare)
- espressioni varianti
- espressioni sinonimiche
- esempi estratti da un corpus di occorrenze reali
- note di uso
- eventuali falsi amici

Il dizionario è organizzato in un sistema di ipertesto per cui le informazioni sono collegate attraverso una serie di link interni ed esterni. Per ora questa prima pagina è solo un disegno provvisorio e ha lo scopo di illustrare brevemente

i) un altro oggetto di apprendimento (ancora da sviluppare) oltre al Dizionario di EI contenuto nell'ITALEX e
 ii) che tipo di collegamento ci può essere tra quest'altro oggetto di apprendimento – il Dizionario dei Proverbi Italiano-Portoghese – e il Dizionario di Espressioni Idiomatiche Italiano Portoghese in costruzione.

Voltar

Ferramenta desenvolvida por Roberto Leiva

Dizionario dei Proverbi

Inizio Progetto DIZIONARIO POR Italex

B

A | B | C | D | E | F | G | H | I | J | K | L | M | N | O | P | Q | R | S | T | U | V | W | X | Y | Z | Todos

A

arrosto

[Voltar](#)

Ferramenta desenvolvida por Roberto Leiva

Dizionario dei Proverbi

Inizio Progetto DIZIONARIO POR Italex

arrosto

Non c'è fumo senza arrosto

[Voltar](#)

Ferramenta desenvolvida por Roberto Leiva

arrosto	
PIT	Non c'è fumo senza arrosto
PPB	Onde tem fumaça tem fogo.
Definição	Non c'è effetto senza causa.
Tradução literal 🚩	Não há fumaça sem assado.
PIT sinônimo	La campana non suona se qualcosa non c'è.
Exemplo 1	"Non posso smentire l'esistenza della trattativa, non c'è mai fumo senza arrosto " -ha dichiarato l'impresario.
Notas de uso	Não confundir o provérbio Non c'è fumo senza arrosto [se há indícios certamente há uma causa] com a EI fumo senza arrosto [aparência sem substância]. * link

No Capítulo VI, desenhamos, em grandes linhas, o ITALEX – Ambiente Virtual de Aprendizagem de Língua Italiana, que abriga o protótipo do dicionário de EIs.

O Italex é projetado para fornecer aos estudantes um suporte ao desenvolvimento do seu percurso de formação, bem como para ser um espaço de troca e de coconstrução do próprio conhecimento da língua italiana. Três objetos de aprendizagem do AVA estão em andamento: o DEIIP – *Dizionario di Espressioni Idiomatiche Italiano-Portoghese*, o livro didático digital *L'italiano sentimenti e parole: la poesia di Eugenio Montale e la Liguria* (TERMIGNONI; BONIFAZIO, inédito) e o DIPIP – *Dizionario dei Proverbi Italiano-Portoghese*.

Outras ofertas projetadas para o AVA são a Biblioteca Virtual e *Sitoteca*, com artigos de acesso livre para *download* na Internet e indicações de *sites* com temáticas que envolvem os estudos de *Italianistica*; material pedagógico para o ensino do italiano com foco em aspectos de particular dificuldade para os estudantes brasileiros (o livro digital é um exemplo); material educativo sobre diferentes áreas da cultura italiana (cinema, pintura, música, escultura, arquitetura, história, gastronomia); material informativo de interesse geral

para estudantes (bolsas e viagens de estudo, concursos nacionais e internacionais promovidos para estudantes de línguas, particularmente para os de língua italiana); material informativo-pedagógico sobre a Fraseologia, com a previsão de replicação do DEIIP para outras UFs além dos provérbios, como as colocações e os marcadores conversacionais. O AVA quer, ainda, ser um espaço de troca entre professores e estudantes, com um canal futuro para dirimir dúvidas.

A seguir, apresentaremos a nossa proposta macro e microestrutural de tratamento de EIs que embasará a construção do protótipo do DEIIP.

CAPÍTULO VII – POSICIONAMENTO DO TRABALHO E PROPOSTA METODOLÓGICA DE TRATAMENTO DE EIs

Este capítulo é dedicado à descrição da nossa proposta de protótipo de dicionário. É, assim, o ponto em que explicitamos um posicionamento próprio sobre diferentes elementos mobilizados até aqui. Esse posicionamento, conforme acreditamos, fica consubstanciado na nossa proposta macro e microestrutural do modelo de hiperdicionário aqui apresentado.

O objetivo final da tese é oferecer um modelo de tratamento lexicográfico pedagógico para EIs com base em um recorte de EIs que constituem *gastronomismos linguísticos*, assim chamados por pertencerem ao campo semântico da alimentação.

Descreveremos as etapas cumpridas na construção do protótipo do hiperdicionário e na realização da amostragem, constituída de 60 verbetes, elaborada a partir das bases teóricas tratadas nos capítulos anteriores. Para a construção da amostragem adotamos as concepções que julgamos mais adequadas a fim de elaborar um objeto que visa à compreensão de EIs italianas por parte de aprendizes universitários de nível intermediário-avançado que estudam a língua italiana para utilizá-la profissionalmente. Essas concepções foram estabelecidas em uma revisão teórica, multifacetada e bastante extensa, exposta, sobretudo, nos Capítulos II e IV, com o propósito de identificar as melhores escolhas para a concretização do hiperdicionário.

A amostragem propriamente dita e a sua apresentação lexicográfica são o produto final da tese e fazem parte do Capítulo VIII.

7.1 METODOLOGIA DA PESQUISA E *CORPORA*

Os capítulos anteriores mostraram a longa trajetória teórica que foi preciso percorrer a fim de obter instrumentos para construir o protótipo de hiperdicionário de EIs desejado. Isso porque, desde a sua concepção, a confecção de um dicionário estabelece inúmeras questões e múltiplas escolhas para quem o elabora.

No caso de um dicionário segmentado, como é o *Dizionario di Espressioni Idiomatiche Italiano-Portoghese* (DEIIP), que registra um determinado tipo de UF – as EIs –, sua elaboração demanda, primeiramente, uma concepção teórica da fraseologia em geral e do modo como se constitui a unidade específica a ser repertoriada.

Vimos que o dicionário deve estar alicerçado em uma tipologia que identifique seus traços essenciais, que por sua vez está atrelada à resposta a duas perguntas fundamentais, válidas para a realização de qualquer dicionário: quem são seus usuários e qual é a sua função.

O DEIIP é um hiperdicionário semibilíngue de EIs italiano-português voltado para a compreensão de aprendizes brasileiros universitários de língua italiana. Como vimos também, um dicionário que recorta uma parcela do léxico para estudá-la detidamente visando um tratamento lexicográfico é classificado como dicionário especial ou segmentado. Um dicionário especial tem a possibilidade de tratar cada item da nomenclatura com maior profundidade, expandindo e complementando a informação que é geralmente mais superficial em um DB de língua geral. Isso porque a quantidade de informações que geralmente acompanha a EI ultrapassa os limites do verbete de um dicionário geral.

No caso de um dicionário especial eletrônico, como é o DEIIP, maior ainda é a possibilidade de expandir a informação. Isso é feito através de *hyperlinks* que estabelecem *conexões internas* entre os diferentes campos dos verbetes, que estabelecem *conexões externas* com a *Web*, e que interligam o dicionário, potencialmente – e no caso do DEIIP já **efetivamente** –, a outros recursos e objetos de aprendizagem que estão sendo inseridos no AVA de Língua Italiana. Isso foi demonstrado no Capítulo VI, dedicado ao Ambiente Virtual de Aprendizagem.

Para observar como se apresentam as EIs em contexto, nos valem do auxílio da Linguística de *Corpus*, que propõe investigar uma grande quantidade de textos autênticos, lançando mão de ferramentas digitais, a fim de detectar padrões recorrentes de uso da língua. Optamos por compilar um *corpus* jornalístico, que descreveremos adiante, com textos de dois jornais de grande circulação na Itália: *Corriere della Sera* e *La Repubblica*. Com o auxílio da ferramenta *AntConc* foi possível observar concordâncias no *corpus*, analisar como as EIs se comportam nos diferentes contextos e extrair exemplos que ilustram seu uso em ocorrências reais. Para a verificação da frequência das EIs, nos valem de um programa de busca embutido, chamado *Archivio*, oferecido nos dois jornais italianos. Para a verificação dos equivalentes em português, utilizamos o *Webcorp*, conjunto de ferramentas desenhadas para observar o uso da língua na *Web*, considerada um grande *corpus* linguístico por suas gigantescas dimensões, em uma forma adequada para análise linguística.

Na sequência, descreveremos brevemente as etapas metodológicas seguidas na construção do modelo de dicionário e, logo após, deter-nos-emos em algumas delas para explicá-las detalhadamente.

7.1.1 Metodologia da pesquisa

A primeira exigência metodológica imposta foi a delimitação do nosso objeto de estudo. Optamos por estudar uma subcategoria das UFs – as EIs, já definidas e delimitadas no

Capítulo III (item 3.3.3), a partir da revisão de diversos pontos de vista de teóricos da Fraseologia. Consideramos como sendo EIs as estruturas cristalizadas e convencionadas em dada comunidade linguística que sejam também indecomponíveis e idiomáticas.

Em seguida, estabelecemos os traços que definem o DEIIP, a partir da tipologia de Haensch (1982), definindo o perfil dos destinatários e a função do dicionário.

Na sequência, a partir das características dos DSs descritas no Capítulo IV, explicitamos por que a escolha recaiu sobre essa tipologia para o protótipo do DEIIP. Definimos, então, o inventário de expressões de partida. Levantamos, primeiramente, as EIs italianas da coletânea do MEICIP – Mil Expressões Idiomáticas Italiano-Português (TERMIGNONI, 2009), ou seja, dentre as mil UFs que compõem essa coletânea, recortamos apenas as UFs italianas que i) se enquadram no conceito de EI agora estabelecido e ii) pertencem ao campo semântico da gastronomia.

A seguir, cruzamos essa listagem de EIs com o levantamento de gastronomismos do *corpus* de 3064 EIs de Casadei (1996) que, por sua vez, foi cotejado com o levantamento de gastronomismos de mais três obras: dois dicionários monolíngues (um dicionário de língua geral, o Zingarelli, e um dicionário fraseológico, o *Dizionario Hoepli online dei modi di dire*) e, finalmente, o dicionário semibilíngue italiano-português *Parola Chiave* (PCDIIt).

Constituído o inventário de partida das EIs italianas, definimos o *corpus* para a verificação do uso das EIs em ocorrências reais e definimos a abordagem a ser utilizada.

Optamos por construir um *corpus* com textos extraídos de dois dos mais conceituados jornais italianos de circulação nacional – *Corriere della Sera* e *La Repubblica*, utilizando a listagem de EIs produto do cruzamento obtido nos dicionários anteriormente mencionados. Para um estudo do funcionamento das EIs, nos valem desse *corpus* jornalístico, analisado em uma perspectiva *corpus based*, com o auxílio da ferramenta *AntConc*. Os dados observados na análise de cada EI italiana iam sendo registrados para serem posteriormente transpostos para a microestrutura do dicionário.

A seguir, partimos para a busca dos equivalentes idiomáticos em português. Para essa tarefa, foram úteis dicionários bilíngues italiano-português e dicionários monolíngues do português brasileiro, impressos e *on-line* (cf. referências). Foram úteis também dicionários e inventários fraseológicos bilíngues que têm o português brasileiro como uma das línguas envolvidas.

Para a validação dos equivalentes em português utilizamos o *Webcorp*. Para a aferição da frequência das EIs italianas utilizamos a ferramenta *Archivio*, presente nos dois jornais.

Finalmente, elaboramos a macro e a microestrutura do dicionário, bem como o sistema de remissivas. À medida que os verbetes ficavam prontos, iam sendo implementados no *site* do PorLexBras (Português e Léxico Brasileiro), projeto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, coordenado pela Profa. Dra. Maria José Bocorny Finatto, no *Dizionario di Espressioni Idiomatiche Italiano-Portoghese*, que é o produto central do Italex e que está disponível em <http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/italex/dizionarioei/principal.php>.

A implementação computacional foi feita no âmbito de um projeto da SEAD-UFRGS (Secretaria de Ensino a Distância da UFRGS), o que nos possibilitou contar com a ajuda de um auxiliar de Informática, estudante de graduação, e de uma aluna bolsista de graduação, estudante de italiano.

A última etapa foi um teste de uso, com estudantes, com o protótipo do DEIIP abastecido com a amostragem de EIs, composta de 60 verbetes. Experimentaram o nosso produto 18 alunos do Curso de Graduação em Letras – Italiano (Licenciatura e Bacharelado) e 10 alunos do Curso de Extensão de Língua Italiana do NELE (Núcleo de Ensino de Línguas em Extensão) da UFRGS.

Na sequência, descreveremos cada etapa cumprida na elaboração do protótipo do DEIIP. O primeiro passo foi definir como ele se configuraria no seu todo. Foi preciso, portanto, lançar mão de uma tipologia, bem como definir o perfil dos destinatários e a função do dicionário.

7.1.1.1 A tipologia do DEIIP

Como visto no Capítulo IV, para elaborar um dicionário é necessário, primeiramente, estabelecer uma tipologia que delimite seus traços fundamentais. Qualquer tipo de dicionário é um instrumento que deve ser projetado e desenvolvido para satisfazer determinadas necessidades de um determinado usuário. Por isso, junto a esse fator de fundo – a inserção da obra em uma dada tipologia – é preciso considerar também dois aspectos básicos: o perfil do usuário e a função do dicionário.

Os critérios taxonômicos de Haensch (Capítulo IV, p. 140) nos permitiram caracterizar o hiperdicionário de EIs italiano-português pretendido como sendo um dicionário linguístico, plurilíngue (semibilíngue), especial, sintagmático, seletivo, sincrônico, semasiológico e eletrônico.

A opção por um hiperdicionário semibilíngue deve-se ao fato de que, como vimos, estudos demonstraram que essa tipologia de dicionário (semibilíngue e eletrônico): i) é

preferida pelos usuários adultos que possuem uma competência mais avançada da LE, que é o caso dos nossos usuários aprendizes-especialistas de língua italiana; ii) permite que as formas idiomáticas/locuções possam vir acompanhadas, além dos equivalentes, de definições na LE; iii) teria o objetivo de anular a oposição entre o uso do dicionário monolíngue de LE (aconselhado pelos professores) e o DB (preferido pelos estudantes graças à sua praticidade); iv) oferece definições seguidas de exemplos de uso, o que representa uma resposta mais eficiente para o estudante; v) propicia uma ampliação do repertório linguístico do aluno através da leitura e da compreensão das definições e dos exemplos, oferecidos em LE; vi) ajuda até mesmo quem usa o dicionário para traduzir, e não para uso didático, a tirar vantagem de um DE, que contém descrições e definição das EIs na LE.

Para complementar a caracterização do dicionário, é preciso considerar outros dois aspectos: i) o perfil do usuário e ii) a sua direcionalidade ou função. Trata-se, assim, de um dicionário monodirecional italiano-português, voltado para a compreensão de EIs, projetado para estudantes universitários brasileiros de nível intermediário-avançado, como detalharemos na sequência.

7.1.1.2 O perfil do usuário do DEIIP

O modelo de hiperdicionário é dirigido ao aluno brasileiro que frequenta cursos de graduação em língua italiana (Licenciatura e/ou Bacharelado) nas universidades brasileiras, em situação de ensino/aprendizagem de língua italiana, cujo objetivo é empregar a língua como instrumento de trabalho.

Foi tomado como protótipo de usuário o aluno de nível intermediário-avançado. Consideramos aluno de nível intermediário-avançado aquele que frequenta as disciplinas de Língua Italiana dos níveis IV (inclusive), V, VI, VII e VIII na UFRGS, geralmente de idade entre 20 e 24 anos, que precisa ler e compreender diversos gêneros textuais (textos de jornal, crônicas e textos informativos em geral).

O usuário do dicionário, assim, é o aluno de nível universitário que aprende o idioma com vistas à sua utilização profissional como professor ou como tradutor, denominado **aprendiz-especialista** por Baccin (2008) – denominação que adotamos aqui. No nosso trabalho, será privilegiado como usuário o estudante que pretende atuar como professor de língua italiana, ainda que um aprendiz de tradução também possa ser bastante beneficiado com o uso do dicionário.

7.1.1.3 A função e a direcionalidade do DEIIP

Definido o perfil do usuário – o aprendiz-especialista –, é preciso definir qual a função e a direcionalidade do hiperdicionário: se é um dicionário voltado para a *produção* ou *codificação* (português-italiano), ou para a *compreensão* ou *decodificação* (italiano-português) ou, ainda, se é bidirecional (português-italiano e italiano-português).

O dicionário é o recurso primordial para compreender (e produzir) textos na LE. No entanto, como vimos, os DBs italiano-português apresentam problemas de diversa ordem.

Existem excelentes dicionários gerais monolíngues de italiano. Entretanto, o mesmo não se pode dizer dos DBs de língua geral na direção italiano-português, dicionários deficitários que, por muito tempo, foram os únicos que estudantes, professores e tradutores tivemos à disposição para a compreensão de textos no Brasil. No nosso ponto de vista, o mesmo poder-se-ia afirmar dos dicionários fraseológicos (DFs) monolíngues italianos. Quanto aos DFs bilíngues italiano-português, no nosso país os estudos acadêmicos têm feito grande progresso desde o último decênio do século XX, e já estão em execução, em universidades brasileiras, dicionários fraseológicos baseados nos resultados desses estudos, como já tivemos oportunidade de mencionar.

Atualmente o acesso à Internet permite que os alunos tenham contato com uma infinidade de gêneros textuais. Da mesma forma, há uma preocupação em utilizar material didático autêntico em sala de aula. Assim, aumentou a exposição dos estudantes a todo tipo de gênero textual. Como já demonstramos aqui, as EIs não são apenas “adereços do discurso”, nem são unidades linguísticas típicas e exclusivas da oralidade, mas perpassam todo tipo de texto e de discurso. Os textos jornalísticos estão repletos delas.

Também tivemos oportunidade de evidenciar, em passagens dos Capítulos I (p. 42-45 e III (p. 116-131, que, devido à sua opacidade, o aprendiz de LE tem dificuldade de reconhecer uma EI, podendo confundi-la com frases não idiomáticas. Pode também ter dificuldade de interpretá-la corretamente e pode, frequentemente, encontrar empecilhos de compreensão por não estar familiarizado com realidades locais e com universos culturais típicos da LE que está aprendendo.

Todos esses fatos reforçam a utilidade do protótipo de dicionário aqui elaborado. Ele é um hiperdicionário semibilíngue de EIs, na direção italiano-português, voltado para a compreensão de leitura dessas UFs. Oferece ao usuário abonações extraídas de *corpora* que refletem o uso real das EIs italianas, de modo que elas lhe permitem perceber eventuais

diferenças de registro e a diversidade dos contextos em que são empregadas. Oferece, ainda, equivalentes para essas estruturas complexas.

É um dicionário especial uma vez que compila unicamente unidades pertencentes a um segmento do léxico da língua italiana – as EIs –, para aplicar-lhes um tratamento lexicográfico. Foram priorizadas as necessidades do usuário e seu maior conforto na consulta ao dicionário, fatores que nortearam nossas escolhas.

7.1.2 *Corpora* e outras fontes

O surgimento das pesquisas com *corpora* permitiu a observação de informações que somente são reveladas com a análise de um grande número de dados encontrados em textos autênticos. Isso porque um grande obstáculo para o ensino de LE encontra-se em traços sutis entre equivalentes interlinguísticos de ULs que muitas vezes divergem e que, não fosse o estudo em *corpora*, dificilmente poderiam ser percebidos.

Como vimos no Capítulo II, os *corpora* propiciam estudos linguísticos detalhados em uma base grande de dados empíricos e permitem entender como se comportam as EIs em ocorrências reais, fornecendo informações sobre o contexto lexical e sobre a função da EI dentro da frase. A consulta aos *corpora* para definir a forma de citação, novos matizes de significação ou valores da EI é um recurso fundamental. As evidências que afloram da língua em uso podem refinar a informação registrada nos dicionários. Podem, inclusive, retificá-la, bem como indicar usos que não seriam detectados senão por meio dessas numerosas evidências, como veremos. O *corpus* pode demonstrar, ainda, se uma EI é obsoleta ou se é rara e fornece dados para que o lexicógrafo aponte restrições de uso ou a preferência por certo tipo de construção, indicando assim elementos que normalmente não são encontrados nos dicionários.

Por isso, os linguistas que trabalham com fraseografia são quase unânimes em concordar que, para uma boa descrição lexicográfica das UFs, não se pode prescindir da análise de textos autênticos.

Para a busca de exemplos autênticos das EIs italianas utilizamos, fundamentalmente, com o apoio da ferramenta *AntConc*, um *corpus* jornalístico que construímos com base em dois jornais italianos de grande circulação, *Corriere della Sera* e *La Repubblica*. A construção do *corpus* será detalhada na sequência. Para a pesquisa da frequência das EIs, adotamos a ferramenta *Archivio*, um programa de busca oferecido no *site* desses dois jornais. Para a

verificação dos equivalentes, nos valemos do *Webcorp*, um *software* disponível *on-line* para a extração de dados linguísticos da *Web*, conforme vimos no Capítulo IV.

Comprovamos que os contextos de uso real extraídos dos textos jornalísticos do *corpus* efetivamente foram válidos para complementar, reforçar, ampliar e, até mesmo, modificar a informação lexicográfica encontrada sobre as EIs nas obras de referência. Alguns significados ou a forma como as EIs se apresentam no discurso não poderiam ter sido verificados senão por meio da comprovação empírica em contextos autênticos. Inclusive usos insuspeitados e preferenciais podem ser descobertos na observação desses textos. É o caso da EI *fare il biscotto* ('fazer jogo de comadre'), que significa "manipular um evento esportivo com meios ilícitos, espec. combinando antecipadamente o seu resultado"²⁴⁹, uma EI utilizada basicamente no âmbito esportivo, quase que exclusivamente no futebol.

Na busca pela EI *fare il biscotto*, com o programa de busca *Archivio*, aparecem só 3 ocorrências no *Corriere della Sera* (1 delas *fare**il biscotto*) e 2 no *La Repubblica*. No caso desta EI, não buscamos ocorrências apenas pelo núcleo *biscotto*, ou com o uso do artigo (*il biscotto*), pois obviamente retornariam "biscoitos" de todas as formas e sabores e, certamente, sobretudo em seu uso denotativo.

No entanto, diante desse resultado e a título de teste, experimentamos usar só o núcleo *biscotto* com o artigo definido *il* (*il biscotto*) e apenas com a ferramenta *Archivio* de um dos jornais, o *Corriere della Sera*, para verificar quantos textos retornariam e se o uso da expressão estava contemplado. Retornaram 71 textos, e então decidimos abrir, manualmente, um por um dos textos para ver a que se referiam essas ocorrências. O resultado foi que passamos de 3 ocorrências para 32, referindo-se a grande maioria à forma da EI que vamos chamar aqui de 'reduzida' – *il biscotto* ou somente *biscotto* –, utilizada com o mesmo significado, um uso que se mostrou corrente e frequente. Interessante pensar que os itens *il biscotto* ou *biscotto* não seriam EIs, mas na sua base **existe uma EI** cujo emprego veio se modificando e parece ser a forma preferencial que está se impondo sobre a EI de origem. Logo, essa transformação precisa ser informada, juntamente com exemplos, em um verbete de dicionário. Isso também incide sobre a frequência da EI: um número que salta de 3 para 32 apresenta uma diferença significativa. Isso evidencia, assim, que a EI não é desusada, nem rara, como se poderia inicialmente pensar considerando-se apenas um dado quantitativo bruto. Elaboramos um quadro para facilitar a visualização dos dados extraídos dessa pesquisa:

²⁴⁹ *Truccare un evento sportivo con mezzi illeciti, spec. concordandone preventivamente il risultato* (Grande Dizionario Hoepli Italiano, 2011).

Tabela 1 Resultado da busca por *il biscotto/biscotto*, período 01/01/1992 a 30/06/2013, realizada em 07/08/2013, com a ferramenta *Archivio* (*Corriere della Sera*)

Busca nos 71 textos por <i>il biscotto/biscotto</i> com o mesmo significado	Total de ocorrências
<i>fare il biscotto</i>	03
<i>il biscotto</i>	17
<i>biscotto</i>	07
<i>sperare in un biscotto</i>	01
<i>non vogliamo il biscotto</i>	01
<i>c'è pure il biscotto</i>	01
<i>il biscotto non c'è</i>	01
<i>il biscotto che non c'è</i>	01
	32 total
Tipologia dos textos	
37 txt <i>biscotto</i> uso denotativo	
16 txt futebol	
02 txt badminton/boxe	
01 txt história	
01 sociologia	
01 turismo	
02 crônica	
03 política	
01 publicidade	
01 léxico/etimologia	
03 economia	
02 <i>inzuppare il biscotto</i> EI vulgar	
01 <i>il biscotto</i> com duplo sentido	
71 total	

Fonte: Do autor, 2014.

Com as evidências do *corpus* pudemos identificar os padrões reais de uso desta EI, que ocorre essencialmente em sua forma reduzida, e fornecer ao usuário um verbete que registra exemplos de suas diferentes ocorrências (*il biscotto/biscotto/sperare in un biscotto/il biscotto che non c'è*), permitindo-lhe identificá-las como variações sofridas pela EI original *fare il biscotto*. Teria sido difícil chegar a esse resultado sem poder recorrer à pesquisa no *corpus* do jornal, com a ferramenta *Archivio*, e sem a segunda busca com os textos extraídos dos jornais e alinhados pela ferramenta *AntConc*. Assim, como se pode inferir, o trabalho lexicográfico baseado em *corpus* e com apoio de informatização e de técnicas e de preceitos da Linguística de *Corpus* está bem longe de uma automatização completa.

7.1.2.1 A *Web* como *corpus* e a opção por um *corpus* jornalístico

Vimos que hoje a maior parte dos fraseólogos utiliza *corpora* para suas pesquisas. Vimos também que o limiar de frequência para garantir a inclusão de uma UL em um dicionário ainda não é consenso entre os lexicógrafos e que os DFs devem espelhar a linguagem coloquial, pois essa é permeada de fraseologismos e por isso são necessárias fontes de grandes dimensões que contemplem essa linguagem. Entretanto, também vimos que as EIs não representam apenas a linguagem coloquial, como por muito tempo se acreditou (FULGÊNCIO, 2008; 2014).

A *Web* é reconhecida como a melhor fonte para pesquisar idiomatismos devido a suas imensas dimensões, que lhe permitem detectar ocorrências que os *corpora* gerais não detectam, e por disponibilizar textos em muitas línguas (COLSON, 2003; KILGARRIFF e GREFENSTETTE, 2003). Ainda assim, há muitas controvérsias sobre a utilização da *Web* como base textual, pois seus textos são produzidos por diversos autores, suas fontes são por vezes desconhecidas e não existe um cuidado com a correção do que é veiculado na rede, o que caracteriza a *Web* como um ‘*corpus sujo*’ (KILGARRIFF e GREFENSTETTE, 2003).

Consequentemente, para a observação dos contextos reais e para a aferição da frequência das EIs é prática comum entre os pesquisadores em fraseografia (XATARA, 1998; 2007; RIVA, 2009; RIOS, 2002, ZAVAGLIA, 1996, 2011, 2014; ORSI, 2007; 2009; PASTORE, 2009; GONZÁLEZ REY e BÁRDOSI, 2012) utilizar a *Web* como *corpus*, valendo-se do Google como motor de busca e utilizando como *standard* para a frequência de EIs a medida PMW (*per million words*) estabelecida por Colson (2003). Esse parâmetro institui que, para ser considerada frequente, uma EI precisa ocorrer a cada milhão de palavras. Se considerarmos que, segundo dados da União Latina (2006), as páginas na Internet escritas em português brasileiro são cerca de 56 milhões, e se considerarmos que geralmente cada EI ocorre uma vez em cada página da *Web*, então podemos dizer que 56 ocorrências diferentes é o limiar de frequência das EIs para o português do Brasil (conf. ORSI, 2009). Essas posições sobre a pesquisa de EIs na *Web* com o *Google* foram apresentadas no Capítulo II (item 2.3.1.1, p. 99).

Com relação às páginas italianas, não encontramos esse número. Por isso, podemos apenas estimá-lo a partir dos dados que possuímos. A penetração da *Web* na Itália é de 51,7%, com 30 milhões de internautas em 58 milhões de cidadãos. Esses são os dados do relatório *La lingua italiana nell’era digitale*, do *Istituto di Linguistica Computazionale* do *Consiglio*

Nazionale delle Ricerche di Pisa (Ilc-Cnr), que é parte da pesquisa *Meta-Net*, da qual participaram mais de 200 especialistas²⁵⁰. Segundo a linguista Nicoletta Calzolari, do Ilc-Cnr,

[...] Em nível mundial, o percentual de páginas da *Web* em italiano dobrou, passando de 1,5%, em 1998, a 3,05% em 2005. Estimou-se que, em 2004, em todo o mundo houvesse 30,4 milhões de falantes italianos *on-line*. Fora das fronteiras da União Europeia, 520.000 americanos, 200.000 suíços e 100.000 australianos falam italiano. Porém, o número de navegadores italianos nos últimos cinco anos continuou estável, ao contrário do número de navegadores dos países em desenvolvimento, que aumenta consideravelmente. De forma que a proporção daqueles que falam a nossa língua sofrerá uma forte diminuição e poderíamos estar caminhando para o risco de uma sub-representação.²⁵¹ (CALZOLARI, 2012, trad. nossa).

A partir desses dados e tomando como base o ano de 2004, podemos estimar que as páginas na Internet em italiano seriam cerca de 12 milhões, uma vez que, nesse ano, estimou-se em 30,4 milhões o número de falantes italianos em nível mundial. Para o cálculo PMW, considerando que geralmente cada EI ocorre uma vez por página da *Web*, então poderíamos dizer, muito grosso modo, que 12 ocorrências diferentes seriam um limiar de frequência das EIs para a língua italiana.

No entanto, a nosso ver é preciso relativizar o papel da frequência para as EIs, nos parece que elas demandam um tratamento estatístico diferenciado e mais específico. Um exemplo é o que se tem feito em Processamento de Língua Natural (PLN) com EIs, as quais, como um grande número de outros fenômenos, são denominadas *multiwords expressions* (MWE). Como vimos no Capítulo II, as EIs representam um tema particularmente complexo também para os informatas, uma vez que “não se pode saber *a priori* quais os limites das EMs a serem extraídas automaticamente de textos” (VILLAVICENCIO *et al*, 2010, p.18). Evidentemente isso também incide sobre a frequência das EIs.

Como para observar o comportamento das EIs italianas preferimos construir um *corpus* jornalístico composto de textos de dois jornais italianos de grande circulação, da mesma forma, para a aferição da frequência das EIs, optamos por utilizar a ferramenta que esses mesmos jornais disponibilizam, o *Archivio*. Reiteramos que o caráter da frequência aqui informada é apenas estimativo.

²⁵⁰ A pesquisa está documentada em 30 volumes da *Coleção de livros brancos da Meta-Net*, disponível *on-line* em <http://www.meta-net.eu/whitepapers>.

²⁵¹ [...] *La percentuale di pagine web in italiano a livello mondiale è raddoppiata, passando dal 1,5% nel 1998 al 3,05% nel 2005. È stato stimato che nel 2004 in tutto il mondo ci fossero 30,4 milioni di parlanti italiani online. Al di fuori dei confini dell'Unione Europea, parlano italiano 520.000 americani, 200.000 svizzeri e 100.000 australiani. Il numero di navigatori italiani negli ultimi cinque anni è però rimasto stabile, contrariamente il numero di quelli dei paesi in via di sviluppo aumenta notevolmente, cosicché la proporzione di coloro che parlano la nostra lingua subirà una forte diminuzione e potremmo andare incontro a un rischio di sotto-rappresentazione.*

A opção por um *corpus* jornalístico deve-se a três motivos:

O primeiro é porque a linguagem jornalística constitui um nível de língua que incorpora tanto o registro coloquial, informal e aderente a novas formas, quanto o registro literário, mais conservador e estável, e ambos contemplam EIs. No nosso entender, a linguagem do jornal se coloca exatamente “a meio caminho, equilibrando as duas tendências opostas da língua, um meio-termo entre as expressões inovadoras da fala e as expressões tradicionais da escrita.”²⁵² (BECCARIA, 2006, p.83, trad. nossa). Ademais, é natural que as palavras da linguagem coloquial acabem sendo incorporadas pela escrita e que isso se dê primeiramente em textos jornalísticos, pois a tiragem do jornal é diária, permitindo que sua linguagem vá acompanhando e se adequando ao discurso linguístico em uso. É, portanto, um ambiente propício para a coleta de amostras da língua em uso e de usos linguísticos recentemente incorporados. Além disso, jornais de circulação nacional, como os que escolhemos, possuem um público muito abrangente.

O segundo motivo deve-se ao fato de que esses jornais italianos são disponibilizados em formato eletrônico e possuem um programa de busca embutido chamado *Archivio*, que facilita a consulta ao seu conteúdo. Com essa ferramenta é possível consultar todas as matérias publicadas desde o ano de 1992. Com o seu auxílio coletamos textos para a criação do *corpus*, a partir da nossa lista cruzada de EIs, como relataremos adiante.

O terceiro motivo é porque o estudo do protótipo de dicionário baseado em um *corpus* jornalístico está em consonância com a concepção do *site* do projeto que o abriga, o Projeto Porlexbras (<http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/>), o qual possui outros dicionários elaborados com base em *corpora* também constituídos de textos extraídos de jornais, como os jornais Zero Hora e Diário Gaúcho.

Nas ocorrências coletadas, um resultado que chama a atenção, por exemplo, é a presença de um alto número de EIs nos textos jornalísticos sobre futebol. O futebol parece ser uma área na qual a linguagem tende a ser bastante informal, por isso provavelmente se preste ao uso de EIs com esse registro. Reproduzimos algumas ocorrências com EIs (em negrito) encontradas nas amostras recolhidas do *corpus* jornalístico:

* *L'allenatore aveva avvisato i calciatori di non **dormire sugli allori** e sui punti che la squadra aveva già accumulato sulle squadre concorrenti.*
 * *È una squadra che esporta un calcio nuovo, fatto di spettacolo e divertimento. Come possiamo pensare che **facciano un biscotto**?*

²⁵² No original, “a metà strada, bilanciando le due opposte tendenze della lingua, in equilibrio tra le espressioni innovative del parlato e le espressioni tradizionalistiche dello scritto.”

* **“Non vogliamo il biscotto”** gridano i tifosi negli ultimi dieci minuti di gara.
 * **Il portiere ha le mani di burro** e all’inizio del secondo tempo non è riuscito a trattenere il tiro del centravanti.
 * **Il Siena, oggi all'Olimpico, è un avversario che casca a fagiolo per la Lazio.**
 * **I tifosi della squadra vincitrice naturalmente sono andati in brodo di giuggiole.**

O trecho a seguir pertence a um texto do jornal *Corriere della Sera*. Esse texto foi selecionado para compor o *corpus* porque contém a EI ***molto fumo e poco arrosto***, a qual se enquadra na definição de gastronomismo e está presente no cruzamento de partida das EIs. Nesse breve texto, encontramos diversos fraseologismos. Vamos utilizá-lo agora para reforçar algumas considerações feitas nas seções teóricas, ressaltando a presença de fraseologismos em textos jornalísticos. Nesse caso, além da EI ***molto fumo e poco arrosto***, encontramos: *capire l'antifona, tempi di magra, mina vagante, navigare a vista*, negritados no texto:

Ma Petkovic ha capito l'antifona, in tempi di magra anche il riciclo è meglio di niente, soprattutto se le alternative in organico, per vari motivi, non convincono affatto: Alvaro è molto fumo e poco arrosto, Kozak continua ad essere acerbo, Rocchi un po' troppo maturo e su Zarate, una mina vagante nello spogliatoio, la società naviga a vista, se arriva l'offerta giusta può partire. Per questo Petkovic ha cominciato ad apprezzare Floccari, il centravanti che senza sbraitare è riuscito a mettersi in mostra e a scalare posizioni nelle gerarchie. (Andrea Arzilli. Corriere della Sera, 22 agosto 2012).

Esse fato:

- i) Em primeiro lugar, comprova a presença maciça de UFs e de EIs no discurso: são 5 UFs em 5 linhas, logo, 1 UF por linha, o que é uma média altíssima. Consequentemente, elas não podem ser consideradas um conjunto de exceções ou um “epifenômeno”²⁵³, como bem observa Fulgêncio (2008), já que ocorrem regularmente e abundantemente no uso da língua, como aqui evidenciado.
- ii) Em segundo lugar, comprova como pode ser complexo para um estudante de italiano como LE compreender um texto de jornal. Um jornal, aliás, de circulação nacional e que, portanto, usa o italiano padrão, não uma variedade de italiano de uma parcela mais restrita da população. A EI em foco aqui – *molto fumo e poco arrosto* – representa apenas um dentre outros obstáculos de compreensão fraseológica que o texto apresenta. Esse fato demonstra como podem ser úteis os dicionários fraseológicos para a compreensão de textos jornalísticos.
- iii) Em terceiro lugar, comprova que tem razão González Rey quando afirma que o estudo das UFs/EIs é “incontornável”. A breve passagem acima é ilustrativa e eloquente. A leitura de

²⁵³ Cf. Houaiss, “epifenômeno é um produto acidental, acessório, de um processo, de um fenômeno essencial, sobre o qual não tem efeitos próprios”.

jornais não é (ao menos não deveria ser) atividade esporádica para os estudantes, e eles precisam compreender o que leem; além disso, tarefas didáticas com textos jornalísticos são habituais na sala de aula. As UFs/EIs sintetizam ideias, são exploradas em manchetes e subtítulos para atrair o interesse do leitor e para adiantar os temas tratados na matéria (como nos exemplos que vimos de títulos de jornal sobre a Unificação Italiana), além de funcionarem, deslexicalizadas ou não, como chamariz para anúncios publicitários. Nossos estudantes precisam ser estimulados a estar sempre mais em contato e à vontade com a leitura desse tipo de texto em LE.

Esses motivos nos levaram a optar por construir um *corpus* jornalístico de estudo, que ficará incorporado ao AVA e será útil também em outras pesquisas no âmbito fraseológico, lexicológico e lexicográfico. A seguir veremos como se deu a construção do corpus.

Nas próximas duas seções descreveremos i) o *corpus* jornalístico italiano que construímos e ii) a nossa preferência pelas ferramentas *Webcorp* em detrimento da busca direta na *Web* e do uso do Google.

7.1.2.2 Construindo um *corpus* jornalístico para observar o comportamento de EIs: os jornais italianos *Il Corriere della Sera* e *La Repubblica*

Atualmente não mais se justifica desconsiderar o uso autêntico da língua nos registros lexicográficos, uma vez que temos à disposição as várias facilidades proporcionadas pela Linguística de *Corpus* e pelos avanços digitais, inclusive para construir um *corpus*, não apenas para explorá-lo.

Já vimos que a macroestrutura do DEIIP foi definida a partir de um levantamento, em cinco obras lexicográficas, de EIs italianas pertencentes ao campo semântico da gastronomia, denominadas aqui *gastronomismos linguísticos*. Feito o levantamento, esse inventário de partida precisava ser analisado em um *corpus*. Pelos motivos expostos, optamos por construir um *corpus* jornalístico.

Nessa seção, detalharemos o processo de coleta de textos e da construção do *corpus*. Seleccionamos textos publicados nos jornais italianos *Il Corriere della Sera* e *La Repubblica* que compreendem o mesmo período para os dois jornais, de janeiro de 1992 a junho de 2013, para observar as ocorrências e o comportamento do inventário de *gastronomismos* obtido no cruzamento dos dicionários e coletâneas monolíngues e bilíngues, como descrito no item 7.2.1.1 adiante. O inventário foi, assim, o ponto de partida para a coleta.

Estabeleceu-se que coletaríamos o número de mil textos por jornal a ser trabalhado, já que os textos jornalísticos geralmente são curtos e a proposta era a de criar um *corpus* com cerca de 1 milhão de palavras. Estabelecemos os critérios para trabalhar uniformemente com os dois jornais. Seleccionamos as seções dos jornais das quais coletaríamos os 500 primeiros textos por jornal, sendo elas: *Politica, Sport, Cronache, Economia e Opinioni*, totalizando cem textos por seção. Os textos foram coletados por data (dos mais recentes para os menos recentes) e não observaram outro critério de coleta específico além do da seção em que se inserem. Os 500 textos restantes por jornal foram coletados a partir de uma busca específica pelas EIs: utilizamos uma ferramenta chamada *Archivio*, disponível no próprio *site* dos dois jornais de trabalho, em sua versão *on-line*. O *Archivio* permite buscar textos publicados que possuam termos ou expressões específicos inseridos dentro de certo período. Essa ferramenta nos permitiu coletar textos, a partir de nosso cruzamento de EIs em italiano, que fossem publicados no período citado – entre 1992 e 2013. Para obter resultados mais amplos, foram inseridos na pesquisa *on-line* os “núcleos” (em negrito) das EIs, por exemplo: *secco **come un'acciuga***. Coletamos em média cinco textos por EI. Para expressões com mais ocorrências, coletou-se um número maior de textos. Para aquelas com poucas ocorrências, coletaram-se todos os textos disponíveis.

Os textos foram salvos em formato .txt em uma grande pasta subdivida por jornal e seção e são lidos com o suporte da ferramenta *Antconc* 3.2.4. Cada texto possui um cabeçalho com suas informações principais: nome do jornal, data, autor, seção e EI (se há EI presente, a inserimos como aparece no texto e, caso não haja ocorrências, o símbolo Ø). Eis o exemplo de um texto coletado e preparado para o *corpus*:

Quadro 9 - Exemplo de texto do *corpus* jornalístico.

```
<head> Jornal Corriere della Sera, 2010 5 settembre, Sezione Politica, Pagina 8. Autor Roberto Bagnoli, EI: tanto fumo ma poco arrosto.</head>
```

L' EX MINISTRO GLI SVILUPPI DELL' INCHIESTA DI PERUGIA LO HANNO INDOTTO A SPOSTARE LA DATA, MA I SUOI SONO CERTI CHE IL PREMIER LO RICHIAMERÀ AL PARTITO

Scajola prepara il rientro a dicembre. Con un ruolo di peso

ROMA - Mentre a Palazzo Grazioli si discute sul nome del futuro ministro allo Sviluppo economico, Claudio Scajola sta manovrando per organizzare un suo rientro in grande stile sul palco della politica. Uscito di scena nel maggio scorso travolto dalle indiscrezioni sull' acquisto di una casa con vista sul Colosseo, e soprattutto da una conferenza stampa organizzata per chiarire le sue responsabilità - dove disse la famosa frase che era «stata comprata a sua insaputa» -, l' ex ministro in realtà non ha mai smesso di fornire il suo contributo per ridare ossigeno a una maggioranza messa in crisi dallo strappo di Gianfranco Fini. In realtà la sua intenzione di rientrare dopo il ritiro forzato di Imperia risale a fine luglio quando ha creato l' associazione Cristoforo Colombo, alla quale hanno finora aderito ben 64 parlamentari ed è tecnicamente guidata da Paolo Russo, presidente della commissione Agricoltura della Camera. Secondo il

programma dell' ex ministro, il rientro si sarebbe potuto gestire per la fine di settembre: i suoi avvocati erano infatti certi che entro il 15 di questo mese l' indagine dei magistrati di Perugia si sarebbe conclusa senza nessuna imputazione. La notizia dell' altro giorno, secondo la quale gli investigatori avrebbero acquisito ulteriori elementi relativi al filone d' indagine che riguarda la ristrutturazione delle case dei potenti e la gestione dei Grandi Eventi - la cosiddetta «Cricca» - e quindi l' ex procuratore aggiunto Achille Toro e l' ex ministro dello Sviluppo economico, probabilmente è destinata ad allungare i tempi. Gli uomini vicini a Scajola lo riconoscono e immaginano di spostare la data a fine dicembre. Per quell' epoca, ne sono convinti, l' indagine si dimostrerà inconsistente, non ci sarà alcun avviso di garanzia all' ex ministro - che al momento non è indagato - e quindi «tanto fumo ma poco arrosto». Il danno di immagine, tuttavia, prodotto dall' episodio della casa comprata con uno sconto di 900 mila euro, non è facilmente rimarginabile. E verrà sicuramente usato dai nemici di Scajola dentro il Pdl che nel frattempo si è diviso in una serie di correnti organizzate in fondazioni. Ma Scajola non sembra preoccupato più di tanto, convinto che quando il gioco si fa duro lui verrà richiamato in servizio dal Capo. Fu lui, ricordano i suoi collaboratori, a guidare la traversata nel deserto durante gli anni all' opposizione quando al governo c' era il centrosinistra. La sua capacità organizzativa, sul territorio e nelle alchimie elettorali, è riconosciuta da tutti e se davvero il Paese dovesse andare alle elezioni anticipate nella prossima primavera il recupero di «Sciaboletta» potrebbe essere inevitabile. Anche il ruolo che potrebbe ricoprire non è chiaro. Chi pensa a un incarico di «coordinatore unico» deve fare i conti con lo statuto del Pdl che prevede tre figure. Quindi bisognerà immaginare un altro schema di gioco. Silvio Berlusconi ne riconosce le qualità di guerriero sul territorio ma teme l' invadenza dimostrata più volte da Scajola nel corso degli anni. Il ricordo va a una riunione fatta nel 2001 con un nutrito gruppo di parlamentari di Forza Italia, quando il premier si trovava a Washington, e lui si identificò come unico successore credibile. I nemici sono convinti che Silvio non dimentica. Ma se la situazione politica precipita, con Fini in uscita e il partito in diaspora, forse sarà il caso di non guardare troppo per il sottile. Roberto Bagnoli RIPRODUZIONE RISERVATA **** La scheda La vicenda Un' inchiesta della Procura di Perugia ha fatto emergere che la casa romana di Claudio Scajola è stata pagata in parte da un professionista vicino al gruppo Anemone Le dimissioni Il 4 maggio 2010 Scajola si dimette da ministro dello Sviluppo: l' interim va a Berlusconi. Bagnoli Roberto Pagina 8 (5 settembre 2010) - Corriere della Sera.

À medida que os textos iam sendo coletados, elaborávamos uma tabela (ver APÊNDICE F e G) listando as EIs, o número de ocorrências com que seus núcleos aparecem no *Arquivo* de cada jornal e o número de textos coletados. O *corpus* dos textos extraídos dos jornais *Corriere della Sera* e *La Repubblica* contém 1.620.511 palavras, com um total de 2.483 textos pertencentes a diferentes seções desses jornais. Por conta de abarcar diferentes editorias e temáticas, o material reunido pode ser caracterizado como restrito a um dado gênero (texto de jornal), mas é preciso levar em conta que há diferentes subgêneros textuais envolvidos (reportagem, crônica esportiva, economia, etc.). A seguir trazemos mais dados do *corpus*:

Tabela 2 - DADOS DO CORPUS

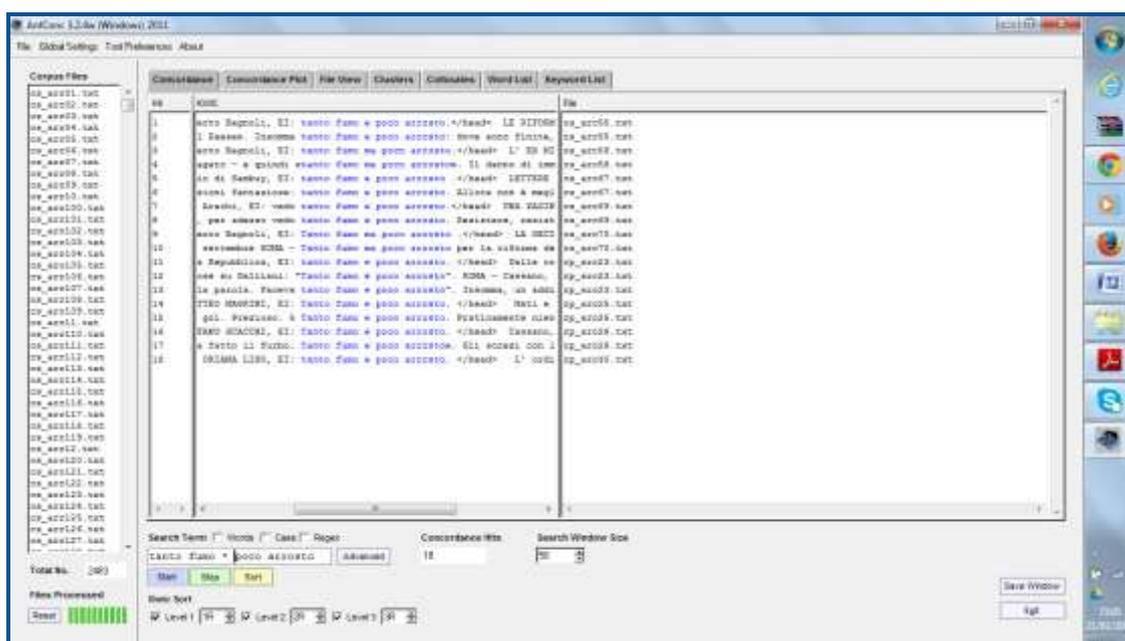
Número total de textos coletados	2.483	
Número total de palavras (<i>tokens</i>)	1.620.511	
Número de ocorrências (<i>types</i>)	77.094	
Número total de textos Corriere	1.128	
Número total de textos Repubblica	1.355	
Número de textos Arquivo	Corriere: 630	Repubblica: 868

O número total de textos coletados do *Corriere della Sera* é 1128, sendo que 630 foram coletados do *Archivio*. O restante, $1.128 - 630 = 498$ textos ‘neutros’, foram extraídos de diversas seções do jornal. O qualificativo neutro significa que o texto trazido para uso não provém de nenhum agrupamento estabelecido pelo próprio jornal. O mesmo para o jornal *La Repubblica*: 868 textos do *Archivio* mais 487 textos neutros, somando 1355 textos. Ou seja, o *corpus* conta, no total, 1498 textos feitos pela busca no *Archivio* mais 985 textos aleatoriamente recuperados no acervo dos jornais.

Para construir a amostragem do dicionário, analisamos o contexto em que as EIs figuram no *corpus* jornalístico italiano assim elaborado. Como visto no Capítulo IV, o *Antconc* é uma ferramenta que permite a observação do funcionamento das EIs no *corpus*, alinhando as ocorrências de modo que as suas características sejam facilmente perceptíveis. Aqui entram elementos tais como construções recorrentes e contextos discursivos de uso.

Para a leitura das EIs do *corpus* com o *AntConc*, procuramos pelo núcleo considerado mais fixo ou estável da EI (o chamado *nocciolo duro* [Giacoma, 2012]), eliminando, assim, pequenas variações; ou, como no exemplo da EI *come il cacio sui maccheroni*, eliminando o verbo, e ainda, por vezes, substituindo um termo no meio da EI por um asterisco (*wildcard*), como em *tanto fumo * poco arrosto*, que pode ocorrer com mais de um elemento (*e*, *ma*), como mostrado na figura a seguir:

Figura 11 – :AntConc: busca por *tanto fumo * poco arrosto* com *wildcard*.



Fonte: AntConc, 2014.

A macroestrutura e a microestrutura do hiperdicionário estão vinculadas a esse *corpus*. Os dados encontrados foram sendo transpostos para a microestrutura, considerando-se o vasto potencial do formato *hiperdicionário*.

O *corpus* construído e embutido no AVA permanecerá à disposição para pesquisas e atividades de professores e alunos de italiano da UFRGS, como fonte de material autêntico de língua italiana escrita para outras finalidades que não apenas a pesquisa e a construção do dicionário.

7.1.2.3 Utilizando o *Webcorp*

Vimos que o *Webcorp* (*the Web as a corpus*) é um conjunto de ferramentas que permite o acesso a *Word Wide Web* como um *corpus* voltado para a busca de informação linguística.

Ferramentas de busca padrão, como o Google, também são projetadas para obter informação da *Web*. No entanto, em que diferem do *Webcorp*? Como resposta à pesquisa do usuário, as ferramentas de busca padrão oferecem uma lista de URLs (endereços de páginas), juntamente com um curto extrato de cada página da *Web*, para que o usuário decida quais interessam à sua pesquisa. Para ver as páginas, o usuário precisa clicar em cada um dos *links*. O extrato exibido não se apresenta em um formato adequado para análise linguística, atendendo necessidades específicas do usuário, nem mostra todas as ocorrências da palavra ou frase de cada página. Ou seja, esse tipo de ferramenta é projetado para buscar informação, mais do que para extrair dados linguísticos. O *Google* é uma excelente ferramenta de busca, mas não é projetada para ser uma ferramenta de pesquisa linguística em *corpus* e não é ideal para esse fim (KEHOE; RENOUF, 2002).

Diferentemente, o *Webcorp* é projetado para varrer as melhores ferramentas de busca existentes na *Web*, usando-as para localizar páginas relevantes da *Web* e apresentando os resultados obtidos em linhas de concordância que mostram o contexto no qual o termo de busca ocorre. A palavra ou frase é exibida em um contexto de 1 a 50 palavras, para a esquerda e para a direita.

Assim o *Webcorp* acrescenta um extrato de refinamento na busca padrão na *Web*, permitindo buscas estendidas com *wildcard* (o uso de * no lugar de um termo) e fornecendo um resultado sob medida, oferecido em um formato que atende aos interesses do usuário. A busca de frases descontínuas com *wildcard*, por exemplo, é essencial na análise linguística de

dados e é algo que a atual geração de ferramentas de busca da *Web* não atende completamente. As ferramentas *WebCorp*, ao contrário, contêm opções especialmente voltadas para a pesquisa linguística e permitem extrair informações sobre diferentes línguas, por isso elas estão sendo muito utilizadas por lexicógrafos como recurso de pesquisa (KEHOE; RENOUF, 2002).

Esse sistema de análise linguística, conjugado ao *corpus* jornalístico italiano, foi um excelente instrumento para nossa pesquisa, sendo o *Webcorp* utilizado para a validação dos equivalentes em português.

7.2 Desenho do DEIIP

No Capítulo IV, vimos que os elementos canônicos de um dicionário são a macroestrutura (a seleção e a ordenação das unidades que o compõem), o *front matter* (parte inicial do dicionário que orienta o usuário na sua consulta), a medioestrutura (o sistema de remissões que envia o usuário de uma parte a outra do dicionário) e a microestrutura (a organização da informação dentro dos verbetes).

Graças aos avanços da informática, já não é preciso restringir a informação léxica e fraseográfica como antes. É preciso, sim:

- a) definir os fins (recepção e/ou produção de textos), os usuários (LM ou não) e o suporte (em papel ou eletrônico);
- b) realizar uma seleção adequada das unidades que compõem a nomenclatura;
- c) garantir uma descrição fraseográfica da EI que evidencie suas peculiaridades semânticas, estilísticas, seu registro e preferência de uso, descrição que permita ao aprendiz-especialista de italiano compreender claramente o significado e utilização da EI em questão;
- d) oferecer uma apresentação que seja homogênea e completa, compreensível e de fácil acesso no dicionário. Em outras palavras, efetivar um plano constante de informações, conforme vimos no Capítulo IV.

Os aspectos referidos na letra a) já foram tratados. Vamos agora abordar as questões referentes à macroestrutura do DEIIP, isto é, à seleção e à ordenação das EIs.

7.2.1 A macroestrutura

No Capítulo IV, vimos que a macroestrutura refere-se às questões relacionadas à seleção e à ordenação do material léxico. Definido o tipo de dicionário, a partir do modelo taxonômico de Haensch (1982), estabelecido o tipo de unidade que irá compor o dicionário –

as EIs –estabelecido o perfil de seu usuário – estudantes universitários de língua italiana de nível médio-avançado – e estabelecida a sua função – compreender textos em italiano –, passamos a descrever os procedimentos adotados para selecionar as EIs que compõem a nomenclatura da amostragem de gastronomismos. Passamos a tratar, portanto, da macroestrutura.

7.2.1.1 A seleção das EIs

No projeto de qualquer dicionário, a primeira questão de ordem macroestrutural a ser tratada é a seleção dos itens da nomenclatura e, para tanto, é preciso delimitar o tipo de UL que será inventariada. Consequentemente, é fundamental estabelecer a sua caracterização, pois dela dependerá a seleção dos itens da nomenclatura. A nomenclatura do DEIIP é constituída de EIs, uma subcategoria de UFs cuja caracterização já foi exaustivamente tratada no Capítulo III, particularmente no item 3.3.3.

Para selecionar o inventário das EIs de partida, consideramos como sendo a palavra-chave de uma EI a palavra (fosse ela um substantivo, um verbo, um adjetivo ou um advérbio) referente ao campo semântico da alimentação, ou seja, selecionamos as EIs italianas que contêm substantivos, verbos, adjetivos ou advérbios relativos a esse campo semântico (*patata, bollire, crudo, arrosto, friggere, cotto, pagnotta, latte, bagnomaria, cacio, mangiare, cavolo, olio*, entre outros).

Assim procedendo, inicialmente recortamos do repertório²⁵⁴ do livro *Mil espressioni idiomatiche e colloquialismi italiano-português* – MEICIP (TERMIGNONI, 2009), apenas as UFs italianas que: i) se enquadram no conceito de EI; e ii) pertencem ao campo semântico gastronomismos linguísticos.

Na sequência, cruzamos o levantamento de EIs do MEICIP com o levantamento dos gastronomismos realizado paralelamente no *corpus* de 3.064 EIs italianas da linguista italiana Casadei (1996, APÊNDICE A), cruzando-o ainda com outros três levantamentos realizados nas seguintes fontes lexicográficas e fraseográficas:

– o dicionário fraseológico monolíngue *Dizionario dei Modi di Dire on-line* da editora Hoepli (APÊNDICE B);

²⁵⁴ Esse repertório está presente nos demais apêndices.

- o dicionário semibilíngue *Parola Chiave – Dizionario di italiano per brasiliani* (2007, APÊNDICE C);
- o dicionário geral monolíngue *Lo Zingarelli – Vocabolario della Lingua Italiana* (2008, APÊNDICE D).

Os quatro levantamentos (A, B, C, D) encontram-se na seção APÊNDICES. O produto do cruzamento das cinco fontes referidas resultou no repertório que constitui o APÊNDICE E. A seleção de EIs que constituirá a nomenclatura do DEIIP do campo léxico ‘gastronomismos’ (do qual apresentaremos a amostragem) parte do repertório do APÊNDICE E, por isso decidimos reproduzi-lo a seguir:

CRUZAMENTO DE EIs DOS CINCO REPERTÓRIOS
acconciarla senza sale
alto quanto un soldo di cacio
andar fuori di zucca
andare a farsi friggere
andare a ingrassare i cavoli
andare a piantar cavoli
andare a tutta birra
andare in brodo di giuggiole
andare in malora
andare via come il pane
annegare i dispiaceri nel vino
aprire il forno
aria da pesce lesso
aver poco sale in zucca
aver uova e pippioni
avere (<i>quant</i>) sale in zucca
avere (volere) il miele senza le mosche
avere fegato
avere il cece (i ceci/le noci) in bocca
avere il cece nell'orecchio
avere il coltello dalla parte del manico
avere il coltello per il manico
avere il cuore nello zucchero
avere il granchio alla borsa
avere il latte alla bocca
avere il mestolo in mano
avere il miele in bocca e il rasoio alla cintola
avere il miele sulla bocca e veleno nel cuore

avere il miele sulle labbra e il veleno al cuore
avere il pesce senza la lisca
avere la zucca vuota
avere le mani di burro
avere le mani di creta
avere le mani di pasta frolla
avere le mani di ricotta
avere le mani in pasta
bere il bicchiere della staffa
bollire come una pentola di fagioli
buttarsi a pesce
cadere come una pera
cadere come una pera
cadere dalla padella nella brace
camminare sulle uova
cavar la castagna dal fuoco con le zampe del gatto
cavare (togliere) le castagne dal fuoco per qc.
cavare il granchio dalla buca
cercar miglior pane che di grano
cercare il pelo nell'uovo
cogliere qualcuno con le mani nella marmellata
cominciare dal mestolino
con un grano di sale
consolarsi con l'aglietto
coperto come una cipolla
cucinare in tutte le salse
cuocere (cucinare) a fuoco lento)
da tagliarsi col coltello
dare il pane con la balestra
dare la birra a qcn
dare le pere
dare lo zucchero
darne una zuppa
di carne e ossa
dire pane al pane e vino al vino
discorsi da caffè
distinguere il grano dal loglio
diventare (essere) rosso come un gambero
diventare (essere) rosso come un peperone
dividersi (spartirsi) la torta
domandare all'oste se ha buon vino
dormire sugli allori
è come bere un uovo

è sempre la solita minestra
entrarci come il cavolo a merenda
eroe da caffè
esser di buccia dura (aver la buccia dura)
esser di tutt'altra pasta
essere (trovare) carne per i denti
essere (trovare) pane per i denti
essere (un) cavolo riscaldato
essere (una) minestra riscaldata
essere alla frutta
essere all'olio santo
essere arancia meccanica
essere bianco come il latte
essere bianco come una mozzarella
essere buono come il pane
essere calmo come l'olio
essere carne da cannone
essere carne da macello
essere carne e ciccia
essere cavoli amari (acidi)
essere come il cacio sui maccheroni
essere come il prezzemolo
essere come il prezzemolo nelle polpette
essere come l'olio per il lume
essere di buona pasta
essere di carne debole
essere di pasta grossa
essere dolce come miele
essere dolce di sale
essere dolce di sale
essere doppio come le cipolle
essere fatto di pastafrolla
essere foglia di fico
essere fritti
essere giallo (pallido) come un limone
essere il pane degli angeli
essere il pane di qualcuno
essere il piatto forte
essere indietro di sale
essere la ciliegina sulla torta
essere latte di gallina
essere lavatura di piatti
essere l'uovo di Colombo

essere olio di gomiti
essere pane e cacio
essere pappa e ciccia
essere parole di miele
essere pesce lesso
essere pieno come un uovo
essere pieno di pepe
essere pigiati come sardine (acciughe)
essere sano come un pesce
essere secco come un'acciuga
essere sempre la solita zuppa
essere senza sale (non sapere né di sale né di pepe)
essere senza sale in zucca
essere testa di cavolo
essere testa di rapa
essere testa d'uovo
essere troppo fumo e poco arrosto
essere tutta una zuppa
essere tutto miele
essere tutto pepe (un peperino)
essere tutto zucchero e miele
essere tutt'un'altra minestra
essere un bel cece
essere un brodo lungo
essere un latte
essere un pan perso (perduto)
essere un pesce fuor d'acqua
essere un pesce grosso
essere un pesce piccolo
essere un pezzo di pane
essere un pollo
essere un salame
essere una buona forchetta
essere una mela marcia
essere una minestra che non piace
essere una pappa molle
essere una pappa sciapa (senza sale)
essere una pasta d'uomo
essere una pasta frolla
essere una patata
essere una zucca (vuota)
essere una zucca dura
essere una zucca senza sale

essere una zuppa
essere uno zucchero (uno zuccherino)
facile come bere un uovo
far padella
far ridere i polli
far venire il latte alle ginocchia
farci la birra
fare (farsi) i cavoli propri
fare a fette (fettine)
fare come i gamberi
fare dello spirito di patata
fare il biscotto
fare il pesce in barile
fare la pentola a due manici
fare la torta (la zuppa)
fare la zuppa
fare la zuppa nel panier
fare le nozze con i fichi (i funghi) secchi
fare l'occhio a pesce morto
fare polpette
fare salsicce
fare spezzatino
fare un minestrone/far su un gran minestrone
fare un risotto
fare una zuppa
fare un'insalata
fare venire il latte alle ginocchia
farne (combinarne) di cotte e di crude
farsi la minestra come piace
finire a tarallucci e vino
fritto e rifritto
frullare per il capo
gallina dalle uova d'oro
garantire (garantito) al limone
gettar (buttar) via (trattare/sentirsi) come un limone spremuto
gettare olio sul fuoco
gettare olio sulle onde
guadagnarsi il pane
guadagnarsi il pane (col sudore della fronte)
guadagnarsi la minestra
guadagnarsi la pagnotta (il pane/la minestra)
in carne e ossa
inghiottire amaro e sputar dolce

lagnarsi (lamentarsi) del brodo grasso
lasciar bollire (cuocere) nel proprio (suo) brodo
lasciar friggere nel proprio olio (lardo)
levarsi il pane di bocca per qc
liscio come l'olio
liscio come un uovo
mandare in (un) brodo di giuggiole (qcn)
mandare qcn a farsi friggere
mangiar l'aglio
mangiar l'uovo in corpo alla gallina
mangiare a due (quattro) ganasce
mangiare a qcn la casa e la camicia
mangiare alle spalle di qcn
mangiare come un grillo
mangiare come un maiale
mangiare il grano in erba
mangiare il pane a tradimento
mangiare il pane a ufo
mangiare il panettone
mangiare il porro dalla coda
mangiare la foglia
mangiare la minestra (la pappa/la torta) in testa (in cap
mangiare la polvere
mangiare pane e cipolla
mangiare pane e veleno
mangiare un altro po' di sale
mangiarsi il pan pentito
mangiarsi in insalata
mangiarsi in un boccone
mangiarsi la lingua
mangiarsi la parola
mangiarsi le mani
mangiarsi vivo qcuno
masticare amaro
masticare come il pane
mettere i piedi nel piatto
mettere il coltello alla gola di qcn
mettere il coperchio
mettere il sale sulla coda
mettere qc. a pane e acqua
mettere troppa (molta) carne al fuoco
mettere un grano di sale (in qcs)
mettersi in mare (imbarcarsi) senza biscotto

mietere allori
misurare il pane
non capire un cavolo
non capire un fico secco
non distinguere il pan dai sassi
non esser farina schietta
non essere farina da far ostie
non essere farina del suo (del proprio) sacco
non essere la via (la strada) dell'orto
non essere né carne né pesce
non essere pane per i propri denti
non fare un cavolo
non metterci né sale né pepe, né sale né olio
non sapere che pesci prendere (pigliare)
non sapere né di sale né di pepe
non sapere neanche di mele secche
non tenere un cece in bocca
non valere un cavolo
non valere un fico (secco)
non valere una rapa
non volere il pane a conto
nuotare nel miele
offrirla in un piatto d'argento
parlare in punta di forchetta
passare al setaccio
passare la patata bollente
passarne di cotte e di crude
pelare (spennare) come un pollo
per un tozzo di pane
perdersi (affogare/annegare) in un bicchier d'acqua
piangere sul latte versato
piantar carotte
pieno come un uovo
portare bene (male) il vino
prendere il coltello per la lama
prendere il fungo
prendere in castagna
prendere un granchio
raccogliere il frutto (i frutti)
raccogliere broccoli
render(e) pan per focaccia
ridurre a uno spezzatino
rimanere a bagnomaria

rimanere come un salame
rimanere di sale
rimettere qcn in carne
rimettersi in carne
riprendere datteri per fichi
rispondere col sale e col pepe
rivedere le bucce
rivoltare la frittata
rodarsi il fegato
rompere le uova nel paniere
rosso come un pomodoro
salvare capra e cavoli
salvare la buccia
saper di sale
sapere (puzzare) di latte
sapere cosa (quel che) bolle in pentola
sapere di rifritto
sapere di sale
scendere (venir giù) dalla pianta (dal pero)
scivolare su una buccia di banana
scodellare la pappa a qc
scuotere il pero
servire di coppa e coltello
sono quattro noci in un sacco
sparger sale sulle piaghe
spezzare il guscio
spezzare il pane della scienza
spremere (strizzare) come un limone
sputare nel piatto in cui si mangia
stare (tornare) a galla come l'olio
stare come sardine in scatola
stare come un pisello in un baccello
strofinarsi gli occhi con la cipolla
succhiare col latte della balia
succhiare qco. col latte (della madre)
togliere (levare/cavare) le castagne dal fuoco
togliersi (levarsi) il boccone di bocca
togliersi (levarsi) il pane di bocca
trattare a pesci in faccia
trovar carne per i propri denti
trovar pane per i propri denti
trovare la minestra pronta (scodellata/fatta)
trovare la minestra bell'e pronta

trovare la pappa bell'scodellata
trovare la pappa pronta (scodellata/fatta)
tutto fa brodo
usare il bastone e la carota
uscire dal guscio
vedere cascare le olive nel paniere
vendere carote
vendere carote per raperonzoli
vendere crusca per farina
venire (capitare) a fagiolo
vivere di pan duro (secco)
voler cavare il latte dal toro
voler cavare sangue da una rapa
voler la minestra bella e pronta (bella e fatta)
volere la pappa bell'e scodellata
volere la pappa pronta

Na sequência, esse inventário produto final do cruzamento foi submetido a uma busca no *corpus* jornalístico, em uma perspectiva *corpus based*, para verificar como se apresentavam as EIs.

Como primeiro procedimento, analisamos as ocorrências das EIs no *corpus* para observar quais delas eram efetivamente EIs e quais eram outro tipo de UL e deveriam, portanto, ser desprezadas.

Com a ferramenta *Archivio* oferecida nos *sites* dos jornais foi possível extrair o número de ocorrências das EIs e determinar sua frequência, estabelecida com base em uma tabela que será apresentada no item 7.2.4.2.

A seguir, com o auxílio da ferramenta *AntConc*, fizemos uma análise comparativa entre as ocorrências de cada EI para ver como se apresentam no *corpus*: com quais verbos ocorrem, se no singular ou no plural, se preferencialmente com determinada forma ou se há omissão de elementos, por exemplo. Exemplos serão oferecidos ao longo desse capítulo.

7.2.1.2 A lematização das EIs

Selecionadas as EIs que constituirão a nomenclatura do dicionário, o próximo passo é definir a sua ordenação ou lematização, isto é, a disposição das EIs como entradas do dicionário.

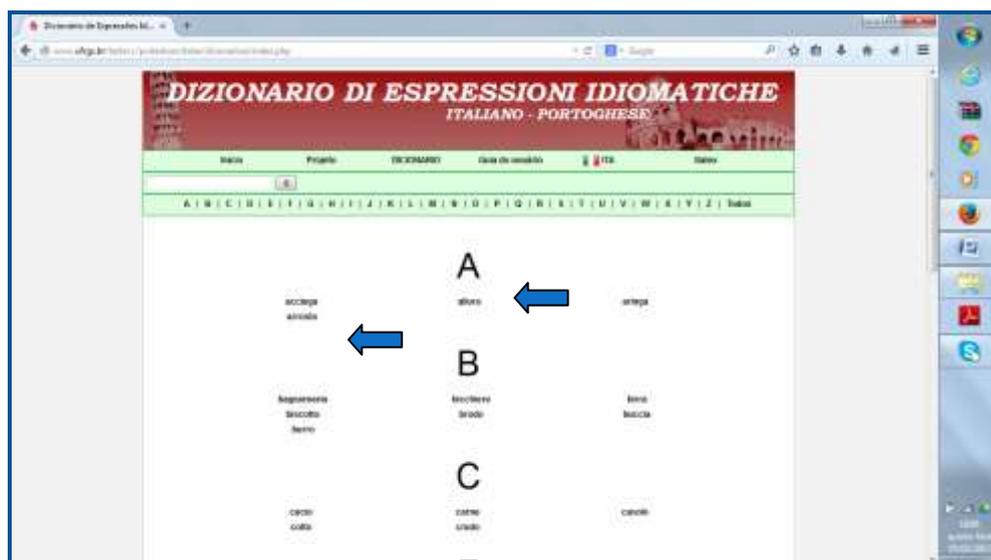
Como tratamos no Capítulo IV, as entradas de um dicionário fraseológico podem ser dispostas segundo a organização alfabética do núcleo da EI (palavra-chave) ou do seu

primeiro item lexical. Por exemplo, pode-se optar por lematizar a EI *secco come un'acciuga* pela palavra *acciuga* ou pela primeira palavra da EI – *secco*. Essa última opção, entretanto, pode causar um problema de segmentação, uma vez que o usuário não sabe qual foi a opção do lexicógrafo – que pode ser, por exemplo, *essere secco come un'acciuga* e não *secco come un'acciuga*. Ou seja, ele pode optar por lematizar a EI considerando o verbo ou não. Essa escolha do lexicógrafo é, na verdade, uma questão de “delimitação” das unidades repertoriadas e constitui uma das decisões difíceis que é preciso tomar na confecção de um dicionário. Logo mais, apresentaremos o exemplo da lematização da EI *essere come il prezzemolo* para mostrar como enfrentamos essa questão.

A nomenclatura do DEIIP dispõe-se, assim, em ordem alfabética e é indexada pelo núcleo que integra a EI, o qual, para efeitos da amostragem, deve ser necessariamente um item ligado à gastronomia. Em uma etapa posterior, outro campo léxico do DEIIP funcionando como indexador poderia ser o campo léxico das plantas (os botanismos linguísticos cf. PAMIES BERTRÁN, 2011), do corpo humano, das cores, do vestuário ou o dos animais, entre outros.

Para poder integrar a amostragem, a EI deverá possuir, então, um elemento referente à gastronomia, que é chamado de **palavra indexadora**. Assim, *secco come un'acciuga* estará no A (**acciuga**), como abaixo:

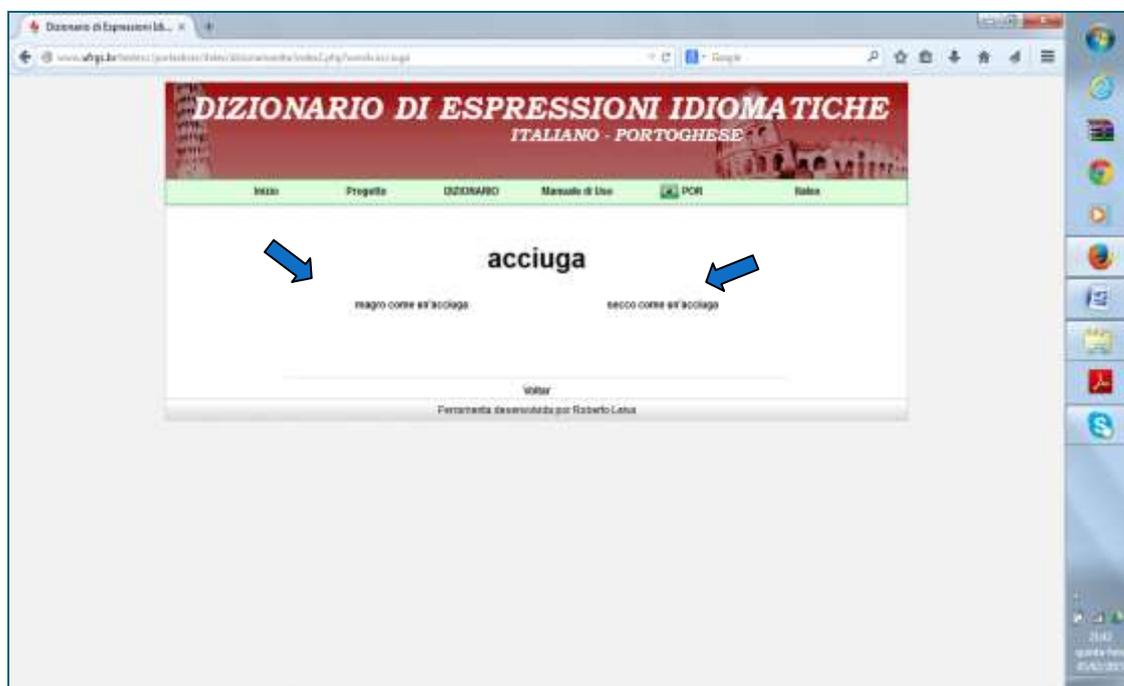
Figura 12 – Palavra indexadora *acciuga*.



Fonte: DEIIP, 2014.

Clicando em **acciuga** aparecem as EIs da amostragem²⁵⁵ indexadas por essa palavra – *secco come un'acciuga* e *magro come un'acciuga*, como na sequência:

Figura 13 – *Acciuga*: EIs *secco come un'acciuga* e *magro come un'acciuga*



Fonte: DEIIP, 2014.

Assim, no DEIIP, as EIs são lematizadas conforme o núcleo ou palavra-chave, na seguinte ordem de priorização: se a EI possui um substantivo, é ele que conta. Se possui dois substantivos, é lematizada pelos dois, pois em um dicionário eletrônico o espaço não constitui um problema – se a EI *come il cacio sui maccheroni*, por exemplo, for lematizada tanto por *cacio* quanto por *maccherone*, o aprendiz terá maior possibilidade de encontrar o que busca. Se a EI não possui substantivos, conta o verbo, do contrário, conta o adjetivo. Se não possui adjetivos, conta o advérbio. A maior parte das EIs é registrada pelo substantivo que as constitui.

Há ainda que se tratar a questão da delimitação das unidades para a sua lematização. Para tanto, tomaremos como exemplo a EI *essere come il prezzemolo*, mencionada anteriormente. Como seria melhor lematizá-la? Com o verbo *essere* – *essere come il prezzemolo* – ou apenas com o segmento *come il prezzemolo*, ignorando o verbo, para deixar em aberto a possibilidade de a EI ocorrer com outros verbos? O que é mais útil para o usuário,

²⁵⁵ Note-se que os 60 verbetes apresentados no Capítulo VIII são **apenas uma amostragem** dos verbetes que deverão compor o campo léxico dos gastronomismos.

considerando que, muitas vezes, há uma grande flutuação em termos de combinatórias da EI com determinados verbos, sejam verbos-suporte ou não?

Pesquisamos em DBs, DMs e coletâneas de UFs, entre elas as cinco obras cruzadas, para verificar como a EI em questão foi lematizada nesses repertórios. Reproduzimos abaixo o resultado:

Quadro 10 – Lematização da EI (*essere*) *come il prezzemolo* em dicionários.

Dicionário/Coletânea	Lematização	Definição/Equivalente
MEICIP	essere come il prezzemolo	estar em todos os lugares tentando ficar em evidência.
Zingarelli	essere come il prezzemolo	intrufolarsi dappertutto.
Casadei	Ø	Ø
Hoepli <i>on-line</i>	essere come il prezzemolo	essere dappertutto, essere presente in luoghi e situazioni diverse, o in molte istituzioni, organismi e simili, come il prezzemolo che viene largamente impiegato nelle più disparate preparazioni culinarie. Anche, mettersi sempre di mezzo, intromettersi in tutto.
Parola Chiave (PCDit)	Ø	Ø
Il Ragazzini/Biaggi Dizionario Inglese-Italiano /Italian-English Dictionary	essere come il prezzemolo	to turn up everywhere.
Garzanti I dizionari medi Spagnolo-Italiano /Italiano-Spagnolo Dizionario Treccani	essere come il prezzemolo	ser el perejil de todas las salsas/estar hasta en la sopa.
Collins Italian-English Dictionary	essere come il prezzemolo	di persona che è sempre dappertutto, che si trova nei luoghi e negli ambienti più disparati to turn up everywhere.

Fonte: Do autor, 2014.

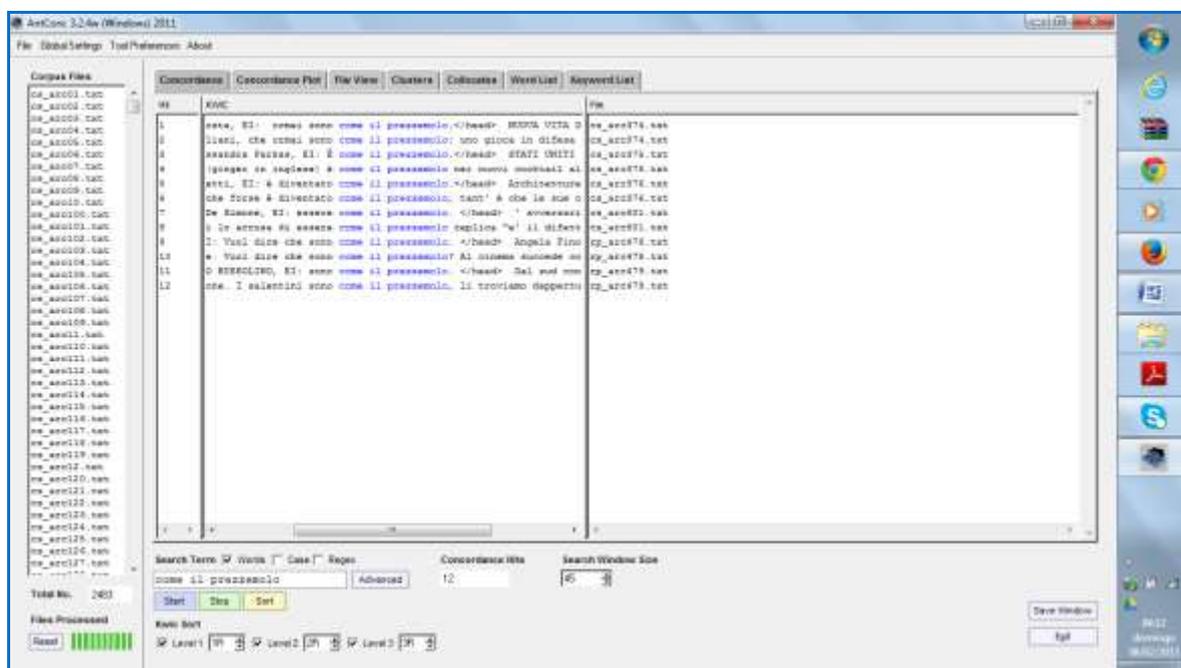
Pode-se observar, nesse quadro, que, em todos os dicionários nos quais a EI está contemplada, ela foi SEMPRE lematizada com o verbo *essere*.

Nesse caso, particularmente, nossa expectativa e nossa crença eram que os resultados da busca no *corpus* confirmassem essa prática, uma vez que acreditamos que a EI **funcione de fato como um bloco**, não prescindindo do verbo.

A tela do *Antconc* reproduzida a seguir mostra como foi realizada a verificação das ocorrências da EI considerando apenas o segmento *come il prezzemolo*, a fim de coletar

possíveis verbos que ocorressem à sua esquerda como alternativa ao verbo *essere*, resultado que permitiria decidir se a EI deveria ser lematizada **com o verbo *essere*** ou **sem o verbo**.

Figura 14 – Busca pelo segmento *come il prezzeuolo* no Antconc.



Fonte: ANTCONC, 2011.

Nessa busca, dos 12 resultados obtidos no nosso *corpus* jornalístico, 10 ocorrem com o verbo *essere* e apenas 2 com o verbo *diventare* [tornar-se]. Isso nos permite concluir que o verbo forma um todo com o restante da EI e que ela deveria, portanto, ser assim lematizada.

Observamos, por exemplo, no *Dictionnaire d'expressions idiomatiques français-portugais-français on-line* (XATARA, 2007, doravante DEIFPF), que, de fato, há uma grande flutuação na lematização dessas combinatórias. No seguinte exemplo do dicionário, ao digitarmos 'louco' no campo de busca em português, surgem as EIs 'estar louco da vida' (com o verbo), mas 'Ø louco de pedra' e 'Ø louco varrido' (sem o verbo).

Figura 15 – EIs com o lexema 'louco' no DEIFPF.



Fonte: Xatara (2007).

Por que ‘louco da vida’ COM o verbo ‘estar’ e ‘Ø louco de pedra’ e ‘Ø louco varrido’ SEM o verbo se existem as possibilidades ‘estar louco de pedra’ e ‘estar louco varrido’? Hipótese: seria porque ‘louco de pedra’ e ‘louco varrido’ aceitam ‘estar’ e também outros verbos, como ‘ser’ ou ‘ficar’, enquanto ‘louco da vida’ só aceita ‘estar’? (*ser louco da vida não é possível). Mas e quanto a ‘ficar’? ‘Ficar louco da vida’ é uma combinação possível.

Veja-se também o próximo quadro, do mesmo dicionário. Encontramos a EI ‘servir como uma luva’. Por que ‘servir’ e não ‘cair como uma luva’? Não conhecemos os motivos da escolha do lexicógrafo, apenas evidenciamos que há diferentes concepções sobre o bloco *locução verbal* e que essa questão continua suscitando discussões e divergências entre os lexicógrafos.

Figura 16 – Verbete ‘servir como uma luva’ no DEIFPF.



Fonte: Xatara (2007).

A respeito das combinatórias de EIs com verbos, outros exemplos encontrados são: ‘estar com o pé na cova’, ‘estar nas últimas’, ‘estar no fim’. Essas EIs poderiam prescindir do verbo na sua lematização? Não seria melhor ‘com o pé na cova’, ‘nas últimas’, ‘no fim’? A questão é complexa, por isso mereceu um item sobre verbos-suporte e expressões cristalizadas no Capítulo IV, item 4.6.1.2.1.

Tendo as EIs características peculiares, como afirmar que devem ser lematizadas sempre segundo o mesmo critério? Para respeitar suas características particulares e a forma como ocorrem no uso e, simultaneamente, respeitar o propósito de seguir um programa constante de informações no dicionário, tomamos as seguintes decisões:

1. Se geralmente a EI é antecedida por um dado verbo, então ela é do tipo *locução verbal* e o usuário precisa ser alertado sobre isso – respeitando-se o princípio idiomático da linguagem.
2. Se a EI costuma ocorrer sem um dado tipo de verbo que a anteceda, ocorrendo também SEM verbo que a acompanhe, então trata-se de *locução adjetiva*, e o usuário precisa ser alertado sobre isso – respeitando-se o princípio idiomático da linguagem.
3. Se há diferentes tipos de verbos antecedendo a EI, o usuário precisa ser informado sobre isso e também precisa observar essas ocorrências em exemplos de uso.

Então, o critério a ser adotado é o seguinte:

Se o verbo + a EI formam um bloco (*locução verbal*), o usuário será informado sobre diferentes tipos de verbos que cumprem esse papel junto à EI, sendo contemplados nos exemplos. No caso de ser uma EI do tipo *locução adjetiva*, serão indicados exemplos, COM e SEM verbos.

A EI *essere come il prezzemolo* foi lematizada no DEIIP com o verbo, apresentando, entre os exemplos, 1 que contempla o verbo ‘diventare’. Reproduzimos a seguir **apenas** esses campos do verbete:

prezzemolo	
EIT	essere come il prezzemolo ★★★
EPB	estar em todas
Exemplo 1	Non mancano i brasiliani, che ormai sono come il prezzemolo : uno gioca in difesa e l'altro in attacco.

Exemplo 2	Lo zenzero è come il prezzemolo nei nuovi cocktail alla moda tra le élite delle grandi città.
Exemplo 3	Si ironizza sul senatore Bianciardi, che è come il prezzemolo : spunta in ogni trasmissione televisiva.
Exemplo 4	Le opere griffate dal grande architetto sono ormai diventate come il prezzemolo .

Já a lematização da EI *come il cacio sui maccheroni* teve outra solução. Como a EI ocorreu com os verbos *essere/capitare/cadere/starci* *come il cacio sui maccheroni* e, inclusive, SEM verbo, optamos por não indicá-lo, oferecendo, porém, muitos exemplos com os diferentes tipos de verbo.

cacio	
EIT	come il cacio sui maccheroni ★★★
EPB1	como uma luva
Exemplo 1	L'abbondante nevicata dei giorni scorsi e' stata come il cacio sui maccheroni : ora fioccano le prenotazioni per le settimane bianche.
Exemplo 2	Abbiamo trovato a Roma un immobile che capita come il cacio sui maccheroni : adeguato alle nostre esigenze, vicino alla casa dei nostri genitori.
Exemplo 3	E intanto, come il cacio sui maccheroni , dal comune di Novara e dal teatro Coccia era arrivata l'offerta di fare qualcosa insieme.
Exemplo 4	Queste decisioni cadono proprio come il cacio sui maccheroni per allargare ancora di più i consensi nei confronti del presidente del Consiglio.
Exemplo 5	Anche questa è un'altra novità del ristorante: il pepe sul dolce? Devo dire la verità? Ci sta come il cacio sui maccheroni .

7.2.1.2.1 A ferramenta de busca do DEIIP

Na página do dicionário, à esquerda, encontra-se o campo da ferramenta de busca do dicionário: a caixa de busca, identificada com o símbolo **B** e que dá acesso direto ao conteúdo da entrada. Na caixa de busca, o usuário poderá procurar a EI pela(s) palavra(s) indexadora que indica o gastronomismo – no caso de *secco come un'acciuga*, a palavra indexadora é *acciuga* – ou poderá ter acesso ao verbete digitando a EI por extenso.

Clicando em **B** são listadas todas as palavras indexadoras da parte da amostragem de gastronomismos já construída e implementada, como se vê na figura a seguir. Aproximando o cursor do item desejado, por exemplo *acciuga*, ele torna-se vermelho; clicando sobre o item chega-se à página de todas as EIs que contêm a palavra *acciuga*.

Figura 17 – Localização da ferramenta de busca e lista das palavras indexadoras no DEIIP.



Fonte: DEIIP, 2014.

Na barra superior da página **Início** do DEIIP, podem ser acessadas as seguintes páginas: **Projeto**, **Dicionário**, **Guia do Usuário** e **Italex**. As páginas **Início**, **Projeto**, **Guia do Usuário** e **Italex** podem ser acessadas em português e em italiano, clicando alternadamente nas bandeiras da Itália e do Brasil.

Na barra superior, clicando em **Projeto**, o usuário encontrará o seguinte texto explicativo do dicionário:

Bem-vindo ao *site do Dizionario di Espressioni Idiomatiche Italiano-Portoghese* !

Este protótipo de dicionário foi projetado para estudantes brasileiros de língua italiana, de nível intermediário-avançado, sendo fruto de uma tese de doutorado. Em março de 2015, os usuários poderão acessar uma amostragem de cerca de 60 verbetes de expressões idiomáticas do campo léxico da gastronomia.

É um dicionário semibílingue, ou seja, as informações sobre cada expressão são dadas em italiano (como em um dicionário monolíngue), e os equivalentes em português brasileiro (como em um dicionário bilíngue), o que permite ao aprendiz ampliar o seu repertório linguístico através da leitura e da compreensão das definições e dos exemplos em italiano. Cada verbete oferece:

- um ou mais equivalentes
- uma definição
- marcas de uso (formal, informal, vulgar)
- uma tradução literal
- expressões variantes
- expressões sinônimas
- exemplos extraídos de um *corpus* de ocorrências reais
- notas de uso

- eventuais falsos amigos

O dicionário é organizado em um sistema de hipertexto, de forma que as informações são interligadas por meio de *links* internos e externos (com a rede e com outros objetos). Foi projetado para, em um futuro próximo, ser conectado a outros dois objetos de aprendizagem:

- o *Dizionario Italiano dei Proverbi* [a ser construído]
- o livro didático digital *L'italiano sentimenti e parole: la poesia di Eugenio Montale e la Liguria* [TERMIGNONI; BONIFAZIO, inédito, em transposição para o formato digital].

Poderá, no futuro, ser replicado para outras unidades fraseológicas (provérbios, colocações, marcadores conversacionais), evidentemente considerando as necessárias adaptações.

Essa primeira página é ainda um desenho provisório e tem o objetivo de ilustrar o dicionário em construção e de informar o seu conteúdo.

Na barra superior, clicando em **Dicionário**, o usuário encontrará a seguinte tela:

Figura 19 – Tela com as palavras indexadoras da amostragem do DEIIP.



Fonte: DEIIP, 2014.

Nessa tela, é possível ter acesso às entradas por meio do índice alfabético horizontal, na parte superior, ou diretamente nas palavras-entrada listadas abaixo da letra inicial correspondente como, por exemplo, **A – acciaja**. Veja-se a seguir:

Figura 20 – Palavras-entrada com A.



Fonte: DEIIP, 2014.

Para facilitar a consulta aos possíveis usuários do DEIIP, deverá ser organizada uma lista de EIs, na direção português-italiano, cujo acesso se dará clicando em *índice remissivo*. Evidentemente, salvo exceções, o núcleo dessas EIs não constituirá um gastronomismo linguístico. A organização dessas EIs em português seguirá o mesmo procedimento adotado para a organização das EIs italianas: os núcleos das EIs em português serão considerados como palavra-chave na seguinte ordem de prioridade: substantivo, verbo, adjetivo e advérbio.

Assim, se no dicionário temos, para a EI *salvare la buccia*, os equivalentes ‘salvar a pele’ e ‘salvar o couro’, na listagem português-italiano teremos os núcleos ‘pele’ e ‘couro’ como palavras-indexadoras.

7.2.2.1 Símbolos utilizados no DEIIP

No quadro seguinte são apresentados os símbolos utilizados no DEIIP:

Figura 21 – Símbolos utilizados no DEIIP.

SÍMBOLOS UTILIZADOS	
()	contém um elemento facultativo
/	separa formas intercambiáveis
[]	contém observações gramaticais/contextuais complementares
	indica uma tradução literal
	indica um falso amigo fraseológico
	indica o índice de frequência
+	desusado
∅	indica que não foi encontrada EI equivalente, variante e/ou sinônima

Fonte: Do autor, 2014.

7.2.2.2 O Guia do Usuário

O Guia do Usuário do DEIIP reproduzido a seguir explica ao aprendiz como ele deve se movimentar dentro dos verbetes, indicando, por meio de balões explicativos, o tipo de informação que irá encontrar em cada campo microestrutural. Evidentemente, outras informações sobre as quais tratamos nessa seção (como instruções de acesso às entradas) e demais recursos sobre os quais ainda trataremos ao longo do Capítulo VII (como as conexões internas e externas do dicionário) ainda deverão ser explicitados claramente, de forma a complementar as instruções oferecidas no Guia.

Figura 22 – Guia do usuário.

Guia do Usuário

arrostto	
EIT	<p>molto fumo e poco arrostto ★★★</p> <p><i>Expressão italiana</i></p> <p><i>EI equivalente de maior frequência em português.</i></p> <p><i>Estrelas indicativas da frequência de uso</i></p>
EPB1	muita fumaça e pouco fogo ★★★
Definição	<p>più apparenza che sostanza.</p> <p><i>Definição da EI em italiano.</i></p> <p><i>Serve apenas para você entender o sentido das palavras. Não se usa assim em português. Atenção!</i></p>
Tradução literal	<p>muita fumaça e pouco assado.</p> <p><i>Tradução literal</i> 🔥</p>
EIT variante	<p>più fumo che arrostto ★★★ / tanto fumo e poco arrostto ★★★ / troppo fumo e poco arrostto ★★★</p> <p><i>Variante(s) são diferentes formas da mesma EI.</i></p>
EIT sinônima	<p>∅</p> <p><i>Ei(s) com significado idêntico, mas com elementos e estrutura distintos.</i></p>
Exemplo 1	<p>L'allenatore ha capito che le alternative per comporre la squadra non convincevano affatto: un attaccante che è molto fumo e poco arrosto, un altro che non riesce a mettersi in mostra, un centravanti un po' troppo maturo.</p> <p><i>Exemplos de uso em italiano.</i></p>
Exemplo 2	C'è molto fumo e poco arrosto nelle decisioni della Commissione europea su energia e clima.
Notas de uso	<p>1. Expressão encontrada também nas formas mais intensivas tutto fumo e niente arrosto [Oggi la moda è tutto fumo e niente arrosto e ha perso la qualità] e fumo senza arrosto [Il resto è stato fumo senza arrosto per un pubblico ingenuo].</p> <p>2. Não confundir a EI fumo senza arrosto [aparência sem substância] com o provérbio Non c'è fumo senza arrosto [se há indícios certamente há uma causa], cujo equivalente é "Onde tem fumaça tem fogo".</p> <p><i>Observações sobre particularidades de uso da EI.</i></p>
Falso amigo	<p><i>Falsos amigos</i> 🐼</p> <p><i>EITs italianas e brasileiras que aparentemente são equivalentes, porém são empregadas com significados diferentes. Atenção!</i></p>

Fonte: DEIIP, 2014.

7.2.3 A medioestrutura: conexões internas, externas e com o AVA

A medioestrutura é o sistema de remissões entre as distintas partes do dicionário.

Sendo o DEIIP um dicionário eletrônico, ele é um hipertexto. O hipertexto é um conjunto de textos e de informações ligadas entre si e editado no computador. Os elos entre as informações são chamados *links*. Os *links* são dispostos ao longo do texto e aparecem na sua superfície na forma de palavras marcadas ou coloridas que se vinculam a outro texto. Como vimos em Xavier (2009, p. 106), esse conjunto de informações permite ao usuário percorrer “outra ordenação no processamento da leitura que não seja, necessariamente, a que está proposta na superfície visual”. Nos hipertextos, as informações são organizadas em rede, o que permite ao usuário consultar as informações que lhe interessam, sem ser obrigado a seguir um percurso linear e determinado.

Sobre a organização das remissões, lembremos a importante afirmação de Faulstich (1993, p. 91), segundo a qual “[...] uma remissão, como indicativo de relações nocionalmente ligadas, surge na microestrutura, mas vai ter reflexo na macroestrutura textual”. Como exemplo dessa afirmação, vejamos como isso pode ser identificado na amostragem do protótipo de hiperdicionário desenvolvido.

Para ilustrar uma **conexão interna do dicionário** (remissões entre verbetes de EIs sinônimas) e uma **conexão com o AVA** apresentamos a simulação de um primeiro verbete – *Non c'è fumo senza arrosto* – do *Dizionario dei Proverbi Italiano-Portoghese*, outro objeto de aprendizagem agregado ao AVA e que, futuramente, poderá ser desenvolvido. Essa simulação de verbete já se encontra no *site*, conectada aos verbetes *molto fumo e poco arrosto*, *più fumo che arrosto*, *tanto fumo e poco arrosto* e *troppo fumo e poco arrosto* do DEIIP. Essa conexão foi exemplificada no Capítulo VI a respeito do AVA, porém não a conexão entre todos os verbetes.

A seguir o verbete do *Dizionario dei Proverbi Italiano-Portoghese* (DIPIP) e a conexão com os 4 verbetes do DEIIP:

Figura 23 – Verbetes *Non c'è fumo senza arrosto* do DIPIP.

arrosto	
PIT	Non c'è fumo senza arrosto .
PPB	Onde tem fumaça tem fogo.
Definição	Non c'è effetto senza causa.
Tradução literal 	Não há fumaça sem assado.

PIT sinônimo	La campana non suona se qualcosa non c'è.
Ex	“Non posso smentire l'esistenza della trattativa, non c'è mai fumo senza arrosto ” – ha dichiarato l'impresario.
Notas de uso	Não confundir o provérbio Non c'è fumo senza arrosto [se há indícios certamente há uma causa] com a EI fumo senza arrosto [aparência sem substância], cujo equivalente é ‘muita fumaça e pouco fogo’.

Fonte: DEIIP, 2014.

Clicando no link **fumo senza arrosto**, o usuário tem acesso aos 4 verbetes que apresentamos a seguir. Note-se que as variantes se modificam em cada verbete na medida em que vão se alternando como entrada do dicionário:

Figura 24 – Verbetes *molto fumo e poco arrosto* (DEIIP).

arrosto	
EIT	molto fumo e poco arrosto ★★★
EPB	muita fumaça e pouco fogo ★★★
Definição	Più apparenza che sostanza
Tradução literal ⚠	muita fumaça e pouco assado
EIT variante	più fumo che arrosto ★★★ / tanto fumo e poco arrosto ★★★ / troppo fumo e poco arrosto ★★
EIT sinônima	∅
Exemplo 1	L'allenatore ha capito che le alternative per comporre la squadra non convincevano affatto: un attaccante che è molto fumo e poco arrosto , un altro che non riesce a mettersi in mostra, un centravanti un po' troppo maturo.
Exemplo 2	C'è molto fumo e poco arrosto nelle decisioni della Commissione europea su energia e clima.
Nota de uso	1. Expressão encontrada também nas formas mais intensivas tutto fumo e niente arrosto [<i>Oggi la moda è tutto fumo e niente arrosto e ha perso la qualità</i>] e fumo senza arrosto [<i>Il resto è stato fumo senza arrosto per un pubblico ingénuo</i>]. 2. Não confundir a EI fumo senza arrosto [aparência sem substância] com o provérbio Non c'è fumo senza arrosto [se há indícios certamente há uma causa], cujo equivalente é ‘Onde tem fumaça tem fogo’.

Fonte: DEIIP, 2014.

Figura 25 – Verbetes *più fumo che arrosto* (DEIIP).

arrosto	
EIT	più fumo che arrosto ★★★
EPB	muita fumaça e pouco fogo ★★★
Definição	più apparenza che sostanza
Tradução	mais fumaça do que assado

literal 	
EIT variante	molto fumo e poco arrostato ★★★ / tanto fumo e poco arrostato ★★★ / troppo fumo e poco arrostato ★★
EIT sinônima	Ø
Exemplo	L'egemonia americana, dalla Cina al Medio Oriente, si è rivelata più fumo che arrostato .
Nota de uso	1. Expressão encontrada também nas formas mais intensivas tutto fumo e niente arrostato (<i>Oggi la moda è tutto fumo e niente arrostato e ha perso la qualità</i>) e fumo senza arrostato (<i>Il resto è stato fumo senza arrostato per un pubblico ingenuo</i>). 2. Não confundir a EI fumo senza arrostato [aparência sem substância] com o provérbio Non c'è fumo senza arrostato [se há indícios certamente há uma causa], cujo equivalente é 'Onde tem fumaça tem fogo'.

Fonte: DEIIP, 2014.

Figura 26 – Verbetes *tanto fumo e poco arrostato* (DEIIP).

arrostato	
EIT	tanto fumo e poco arrostato ★★★
EPB	muita fumaça e pouco fogo ★★★
Definição	più apparenza che sostanza
Tradução literal 	muita fumaça e pouco assado
EIT variante	molto fumo e poco arrostato ★★★ / più fumo che arrostato ★★★ / troppo fumo e poco arrostato ★★
EIT sinônima	Ø
Exemplo	Dove sono finite le promesse per una riduzione del carico fiscale per chi produce e compete? Insomma tanto fumo e poco arrostato .
Nota de uso	1. Expressão encontrada também nas formas mais intensivas tutto fumo e niente arrostato (<i>Oggi la moda è tutto fumo e niente arrostato e ha perso la qualità</i>) e fumo senza arrostato (<i>Il resto è stato fumo senza arrostato per un pubblico ingenuo</i>). 2. Não confundir a EI fumo senza arrostato [aparência sem substância] com o provérbio Non c'è fumo senza arrostato [se há indícios certamente há uma causa], cujo equivalente é 'Onde tem fumaça tem fogo'.

Fonte: DEIIP, 2014.

Figura 27 – Verbetes *troppo fumo e poco arrostato* (DEIIP).

arrostato	
EIT	troppo fumo e poco arrostato ★★
EPB	muita fumaça e pouco fogo ★★★
Definição	più apparenza che sostanza
Tradução literal 	fumaça demais e pouco assado
EIT variante	molto fumo e poco arrostato ★★★ / più fumo che arrostato ★★★ / tanto fumo e

	poco arrosto ★★★
EIT sinônima	∅
Exemplo	È un lavoro che non mi soddisfa, è troppo fumo e poco arrosto . Preferirei lavorare con i progetti di sostegno ai Paesi in via di sviluppo.
Nota de uso	1. Expressão encontrada também nas formas mais intensivas tutto fumo e niente arrosto (<i>Oggi la moda è tutto fumo e niente arrosto e ha perso la qualità</i>) e fumo senza arrosto (<i>Il resto è stato fumo senza arrosto per un pubblico ingenuo</i>). 2. Não confundir a EI fumo senza arrosto [aparência sem substância] com o provérbio Non c'è fumo senza arrosto [se há indícios certamente há uma causa], cujo equivalente é 'Onde tem fumaça tem fogo'.

[Ver mais](#) ←

Fonte: DEIIP, 2014.

Clicando em [Ver mais](#) o aprendiz poderá ver todas as outras ocorrências da EI como se apresentam nos textos do *corpus*, que ficará abrigado no AVA. Todos os verbetes têm essa possibilidade: remeter o usuário a outros exemplos do *corpus*, clicando em [Ver mais](#).

No próximo item, veremos uma **conexão externa ao dicionário** – conexões entre verbetes do DEIIP, bem como conexões entre um dado verbeito com informações e ilustrações disponíveis na Internet.

7.2.3.1 Ilustrações e material adicional

No intuito de facilitar a compreensão do aprendiz e segundo as necessidades apresentadas em cada EI, algumas entradas da amostragem (*giuggiola*²⁵⁶/*andare in brodo di giuggiole*; *prezzemolo*²⁵⁷/*essere come il prezzemolo*) podem possuir *links*, em determinados campos microestruturais, que remetem a ilustrações e/ou a outras informações sobre a entrada como um recurso adicional.

Exemplo 1: É o caso do verbeito *giuggiola/andare in brodo di giuggiole* reproduzido a seguir:

giuggiola	
EIT	andare in brodo di giuggiole ★★★
EPB1	estar nas nuvens
EPB2	estar no sétimo céu
Definição	Uscire quasi di sé dalla contentezza.

²⁵⁶ *giuggiola* = jujuba.

²⁵⁷ *prezzemolo* = salsa (erva usada como tempero).

Tradução literal 🚩	ficar em caldo de jujubas
EIT variante	essere in brodo di giuggiole
EIT sinônima (s)	essere al settimo cielo ★★★ / andare in visibilio ★ / andare in solluchero ★
Exemplo 1	I tifosi della squadra vincitrice naturalmente sono andati in brodo di giuggiole .
Exemplo 2	Sono in brodo di giuggiole! Aspettavano da giorni questa bella notizia.
Nota de uso	A jujuba (<i>giuggiola</i>) é uma fruta carnosa originária da China, do tamanho de uma azeitona, hoje pouco conhecida e consumida na Itália, onde antigamente era usada para fazer geleias. Tem a polpa amarelada e farinácea, casca marrom avermelhada e sabor doce, mais intenso quando a fruta murcha. O brodo di giuggiole é um licor adocicado feito com a infusão da fruta. No Brasil, a jujuba (<i>ziziphus jujube</i>) é mais conhecida no Norte e no Nordeste, e o nome ‘jujuba’, mais do que à fruta, remete à bala , de cores e sabores variados, feita da goma que dela se extrai.

[Ver mais](#)

O último campo do verbete são as notas de uso. No caso específico dessa EI, esse campo mostrou-se adequado para a inserção de *hyperlinks*, pois se trata de uma EI com alto grau de opacidade semântica e constituída também por uma lexia composta – *brodo di giuggiole* –, que a nosso ver comporta uma explicação. O campo possui três *hyperlinks* inseridos nos lexemas: **fruta** (1), **brodo di giuggiole** (2) e **bala** (3):

Nota de uso	A jujuba (<i>giuggiola</i>) é uma fruta carnosa originária da China, do tamanho de uma azeitona, hoje pouco conhecida e consumida na Itália, onde antigamente era usada para fazer geleias. Tem a polpa amarelada e farinácea, casca marrom avermelhada e sabor doce, mais intenso quando a fruta murcha. O brodo di giuggiole é um licor adocicado feito com a infusão da fruta. No Brasil, a jujuba (<i>ziziphus jujube</i>) é mais conhecida no Norte e no Nordeste, e o nome ‘jujuba’, mais do que à fruta, remete à bala , de cores e sabores variados, feita da goma que dela se extrai.
--------------------	---

Clicando em **fruta** (1), o usuário é remetido a uma página da *Web* italiana que exhibe um texto explicativo sobre a *giuggiola* e a foto abaixo, que ilustra essa fruta pouco conhecida no Brasil:

Figura 28 – Fruta *giuggiola*.



Fonte: PERSONAL TRAINER, 2014.

Clicando em **brodo di giuggiole** (2) o usuário é remetido a uma página da *Web* italiana que exibe um texto explicativo sobre o que é e como se faz o *brodo di giuggiole* e que traz também a seguinte ilustração:

Figura 29 – *Brodo di giuggiole*.



Fonte: PERSONAL TRAINER, 2014.

Clicando em **bala** (3) o usuário é remetido a uma página da *Web* brasileira que exibe uma ilustração das balas de jujuba, muito populares no Brasil:

Figura 30 – Bala de jujuba.



Fonte: PAPELDEPAREDE, 2014.

Exemplo 2: Reproduzimos abaixo o verbete **prezzemolo/essere come il prezzemolo**

prezzemolo	
EIT	essere come il prezzemolo ←
EPB	estar em todas
Definição	Essere dappertutto, essere presente in luoghi e situazioni diverse, come il prezzemolo che viene largamente impiegato nelle più disparate preparazioni culinarie.
Tradução literal ⚠	ser como a salsa
EIT variante	Ø
EIT sinônima	essere il prezzemolo di ogni minestra
Exemplo 1	Non mancano i brasiliani, che ormai sono come il prezzemolo : uno gioca in difesa e l'altro in attacco.
Exemplo 2	Lo zenzero è come il prezzemolo nei nuovi cocktail alla moda tra le élite delle grandi città.
Exemplo 3	Si ironizza sul senatore Bianciardi, che è come il prezzemolo : spunta in ogni trasmissione televisiva.
Exemplo 4	Le opere griffate da quell'architetto sono ormai diventate come il prezzemolo .
Nota de uso	Não confundir com a EI starci come il prezzemolo nelle polpette [Não contribuir com nenhuma modificação para uma situação ou estado de coisas, alusão ao sabor forte das almôndegas que não se altera por um eventual acréscimo de salsa].

[Ver mais](#)

Nesse caso, o *link* foi inserido na própria entrada *essere come il prezzemolo*. Clicando sobre ele, o usuário é remetido a uma página da *Web* italiana na qual encontra, além de uma ilustração, outras informações sobre a origem da EI, conforme vemos a seguir:



Essere come il prezzemolo

L'espressione *essere come il prezzemolo* indica una persona che si ficca dappertutto, un/a presenzialista.

Il prezzemolo si mette un po' in tutti i cibi, è noto fin dall'antichità e cresce un po' dappertutto; da questi tre fattori il legume con un certo "complesso di onnipresenza". Il nome prezzemolo deriva dal greco *petroselinon*, che significa "sedano delle pietre"; gli Etruschi lo chiamarono *petroselinum sativum*, dove *sativum* sta per "adatto ad essere coltivato". In effetti il prezzemolo nasceva qua e là spontaneamente nei luoghi alti delle città etrusche. I Greci e i Romani ne facevano un uso assai diverso; mentre secondo i Greci stimolava l'appetito portarne una coroncina in testa durante i banchetti, i Romani lo mettevano sulle tombe. A causa di questa abitudine romana, per secoli si credette che il prezzemolo portasse morte e raccolti scarsi, fino a quando questa pianta, nel Medioevo, venne usata per la prima volta in cucina e fu subito evidente la sua versatilità, giacché si mescolava con gli altri ingredienti e aromi senza togliere gusto a nessuno di essi. A questo proposito però bisogna dire che già gli Etruschi usavano un trito di aglio e prezzemolo per insaporire la carne, oltre a farne un unguento miracoloso che leniva la pelle.

L'espressione *essere come il prezzemolo* non va confusa con la meno usata *starci come il prezzemolo* nelle polpette; qui la polpetta è l'eccezione che conferma la regola, perché in questo caso significa che il prezzemolo né toglie né aggiunge sapore a questo piatto, così come si dice di una persona la cui presenza ci è indifferente.

Fonte: MARINA MALVESI, c1996-2005.

7.2.4 A microestrutura

Como foi possível constatar no Capítulo VI, que abordou o AVA, e na macro e na médioestrutura do DEIP que tratamos até aqui, são evidentes as alternativas de que dispõe um dicionário eletrônico para solucionar problemas tradicionalmente enfrentados pelas obras bilíngues concebidas em papel.

Nossa escolha por um hiperdicionário levou em conta o fato de que, em suporte eletrônico, poderíamos solucionar também problemas e limitações microestruturais que são próprios dos DPs, além de podermos oferecer outras opções ao estudante. Apresentaremos, na sequência, nosso modelo de microestrutura, com base nas sugestões de Lo Cascio e Nijpels (2006).

A microestrutura procura seguir um programa constante de informações e contempla, além do registro simultâneo de equivalentes (ou, na impossibilidade de identificá-los, o registro de sua inexistência) e de definições das EIs, também outros elementos microestruturais, como exemplos extraídos de *corpora*, análise componencial dos elementos que constituem a EI (tradução literal), EIs variantes e EIs sinônimas.

Como resultado final da pesquisa, aplicamos essa metodologia à amostragem de gastronomismos linguísticos compilada como descrito no item 7.2.1.1 (APÊNDICE E).

A partir de Lo Cascio e Nijpels, procuramos explorar os dados compilados através do levantamento de EIs feito nos dicionários e repertórios a fim de elaborar um DE que, não desconsiderando a amplitude da macroestrutura, como convém a um dicionário para a compreensão, procurasse privilegiar a microestrutura, de forma que os lemas fossem apresentados inseridos em contexto, disponibilizando, ainda, outras facilidades ao aprendiz, como a tradução literal, por exemplo.

A configuração como dicionário semibilíngue é dada também pela característica microestrutural de agregar, além do equivalente, a explicação do significado das EIs fornecida na língua de partida, o italiano, e de oferecer mais de um exemplo nessa língua.

A microestrutura abstrata reproduzida a seguir projeta a informação que será apresentada, levando em conta a possibilidade de explorar os recursos próprios da tecnologia digital, os quais permitem uma concepção ampliada da microestrutura. As EIs sinônimas possuem *links* remissivos, de forma a constituir a rede de remissivas do dicionário:

Quadro 11 – Microestrutura abstrata

• EI entrada
• Marcas diassistemáticas. (marcas diastráticas: formal, informal, vulgar, etc.)
• Equivalência1
• Equivalência2
• Equivalência X
• Definição da EI em italiano
• Tradução literal (análise componencial)
• EI(s) variante(s)
• EI(s) sinônima(s)
• Exemplo 1
• Exemplo 2
• Exemplo X
• Notas de uso
• (Eventuais) Falsos amigos

Fonte: Do autor, 2014.

A constância das informações microestruturais é questão vital na elaboração de um dicionário, principalmente no caso do protótipo do DEIP, que está inserido em um AVA e se propõe como modelo a ser replicado, futuramente, para dicionários fraseológicos de outras subcategorias de UFs.

A amostragem de 60 verbetes do campo semântico ‘gastronomismos’ já foi implementada no *site* do Projeto Porlexbras, podendo ser visualizada no inventário final apresentado no próximo capítulo dessa tese e/ou também *on-line*, no Italex, pelo *hyperlink* <http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/italex/dizionarioei/principal.php>

Na sequência, tratamos cada aspecto da microestrutura do dicionário.

7.2.4.1 Palavra-entrada, cabeça de verbete, palavra-lemma e associação com EI

Na amostragem construída, todos os elementos das EIs que se caracterizam como um item relacionado à gastronomia são palavras-entrada. Da mesma forma, os elementos das EIs sinônimas que se caracterizarem como sendo um item desse campo léxico serão consideradas palavras-entrada. O mesmo procedimento será aplicado a todo o conjunto de EIs do campo léxico *gastronomia*, e assim sucessivamente, no futuro, para os outros campos léxicos que constituírem o DEIP. Na presente amostragem, por exemplo, a EI *essere come il prezzemolo* tem como sinônima a EI *essere il prezzemolo di ogni minestra*. O elemento *prezzemolo* é considerado palavra-entrada (cabeça de verbete, palavra-lemma ou, ainda, palavra indexadora) nas duas EIs, pois é uma UL que pertence ao campo léxico da amostragem. Seguindo esse critério, a EI *essere il prezzemolo di ogni minestra* possui duas ULs que serão palavra-entrada: *prezzemolo* e *minestra*.

7.2.4.2 A frequência das EIs

Como já mencionamos em seções anteriores, avaliar a frequência de uso das EIs na língua é relevante para a produção de dicionários e também para a sua sistematização no ensino de LE. Contudo, o critério de frequência é sempre uma medida relativa e, sozinho, não pode ser soberano. O que orienta preponderantemente a pesquisa dessas unidades para figurarem em um dicionário são as necessidades do usuário, no nosso caso, as necessidades do aprendiz-especialista (BACCIN, 2008), e o seu perfil, um usuário de nível intermediário-avançado que estuda a língua italiana para utilizá-la profissionalmente e que precisa compreender diferentes gêneros textuais.

Como tratado no Capítulo IV, um dicionário para a compreensão de leitura, como é o nosso, deve arrolar um extenso número de itens, de preferência itens comumente empregados em textos que o usuário deverá ler, pois o vocabulário necessário para que o aprendiz compreenda textos é bem mais amplo do que o vocabulário necessário para a produção oral e escrita. É por esse motivo que optamos por incluir também as EIs de baixa frequência na nomenclatura do dicionário. Por exemplo, a EI *imbarcarsi senza biscotti* (com 1 ocorrência no *corpus* jornalístico) deve ser lematizada para que o estudante possa conhecer e compreender o seu significado. Ao mesmo tempo, ele saberá que é uma EI rara por meio da marca +, e que, portanto, a EI não é usada comumente. Se a EI for de baixa frequência, a informação é indicada pela presença de uma só estrela ★. Por outro lado, as EIs de ocorrência 0 (zero) nos dois jornais não foram incluídas na nomenclatura do dicionário e constituem uma lista à parte que poderá ser útil para outro tipo de pesquisa.

Além de ser informação importante para os usuários, os dados de frequência computados determinam a ordem de aparição das EIs variantes e sinônimas nos devidos campos dos verbetes: as mais frequentes são apresentadas antes, as menos frequentes depois e as EIs em desuso, se houver, por último.

Sabemos que, em termos de extensão, o *corpus* jornalístico compilado não seria ideal para a aferição da frequência das EIs que, pela sua natureza, não ocorrem com tanta frequência como outras ULs. Por isso, e para nos mantermos dentro do universo jornalístico, optamos por utilizar o programa de busca embutido – o *Archivio* – para observar o número de ocorrências das EIs nos dois jornais – *Il Corriere della Sera* e *La Repubblica*, disponibilizados em formato eletrônico –, por meio da consulta às matérias publicadas no período compreendido entre janeiro/1992 a junho/2013.

Optamos por indicar a frequência de uso das EIs por meio de estrelas (★), segundo a representatividade que cada EI apresentou na tabela com os resultados da busca nos jornais. Considerando a frequência absoluta das EIs, isto é, o número de vezes que cada EI apareceu na busca nos *sites* dos jornais, elaboramos uma escala de frequência que se divide em quatro faixas: de 0 a 1, de 2 a 25, de 26 a 50 e 51 ou mais. De acordo com a faixa de frequência em que se enquadra a EI, atribuímos a marca +, ★, ★★ ou ★★★ estrelas.

Tabela 3 - Distribuição das EIs em faixas de frequência com as respectivas estrelas.

FAIXA DE FREQUÊNCIA	SÍMBOLO	FREQUÊNCIA
01	+	desusada
De = 02 a 25	★	pouco frequente

De = 26 a 50	★★	frequente
51 ou mais	★★★	muito frequente

Fonte: Do autor, 2014.

Vamos tomar como exemplo a EI *come il cacio sui maccheroni*: na busca com a ferramenta *Archivio*, a EI retornou 43 ocorrências no jornal *Corriere della Sera* e 60 no jornal *La Repubblica*, perfazendo um total de 103 ocorrências. Portanto, é uma EI muito frequente e receberá três estrelas no verbete.

7.2.4.3 As definições

A elaboração das definições do DEIIP levou em conta que o dicionário é centrado na habilidade de compreensão de leitura e voltado ao aprendiz-especialista de língua italiana de nível intermediário-avançado. Também considerou que é um dicionário semibilíngue e que, portanto, seus usuários deverão ser capazes de compreender definições na língua de partida, o italiano. Considerou, ainda, o princípio básico da lexicografia monolíngue para estudantes de LE, segundo o qual as definições em um dicionário devem conter palavras mais fáceis de compreender do que aquelas que nele estão definidas (ZGUSTA, 1971).

No Capítulo IV, nos perguntávamos se as UFs em dicionários seriam definidas da mesma forma que as ULs. Como vimos, segundo Zgusta (1971, p.154) o significado é carregado da mesma forma por UFs e por ULs. Por isso, vimos que algumas questões inerentes à definição das ULs se repetem na definição das UFs. Assim sendo, como ocorre com as ULs, a definição perifrástica (analítica) é a mais recomendada no caso das UFs.

Considerando o público usuário, os estudantes de italiano de nível intermediário-avançado, procuramos dar definições concisas e de fácil entendimento. Elas se baseiam em dicionários italianos especiais ou gerais, em dicionários especiais bilíngues ou foi por nós elaborada segundo cada caso.

Vejamos como, na prática, isso acontece. Vamos tomar como exemplo a EI *farne di cotte e di crude*. No *Grande Dizionario Italiano on-line*, de Aldo Gabrielli, dicionário geral monolíngue da língua italiana, na entrada *crudo* encontramos:

EI *farne di cotte e di crude*

[...] *f*g. Dirne, farne di cotte e di crude, dire o fare cose di ogni genere, di tutti i colori.

A EI vem acompanhada de duas formas verbais *dirne, farne di cotte e di crude*. De tal definição poderia nos ser útil apenas o segmento *fare cose di ogni genere*. O segmento *di tutti i colori*, apresentado logo após, é, na verdade, um sinônimo da EI procurada: *farne di cotte e di crude (farne di tutti i colori)*. Poderia, talvez, ser útil ao falante de italiano como LM, embora, como vimos, a definição sinonímica é considerada “imprecisa ou insatisfatória” (WERNER, 1982, apud SILVA, 2004). Certamente a informação em nada acrescentaria à compreensão do aprendiz de italiano como L2, pois ele quer **entender** o que significa *farne di cotte e di crude*, e oferecer um sinônimo apenas faria surgir mais uma pergunta: “O que significa *farne di tutti i colori*?”. Como vimos em Silva (2004), o emprego da definição sinonímica por uma UL pertencente ao léxico comum (como ‘ir para o espaço’ = falhar, malograr) é aceitável. Já a inclusão de outra EI (*farne di tutti i colori*), como é o caso aqui, para definir uma EI (*farne di cotte e di crude*), não é recomendável. Não é difícil perceber a inadequação de tal procedimento, já que uma das características das EIs é a opacidade semântica, em diferentes graus.

De fato, o acesso ao significado é a maior dificuldade que as EIs apresentam para o aprendiz e, como observa Giacoma (2012, p. 48), isso ocorre “muitas vezes até para o falante nativo, principalmente se for jovem”. Talvez não seja o caso da EI que estamos analisando, que é bem frequente em italiano e provavelmente conhecida do falante nativo. No entanto, é pertinente o que diz Giacoma, acrescentando que teve oportunidade de observar o quanto é limitado o patrimônio de EIs de seus jovens alunos na LM.

No mesmo dicionário, a entrada *cotto* é ainda mais lacunar e traz uma definição circular: *farne di cotte e di crude, combinarne di ogni genere*. Nesse caso, o dicionário apresenta a EI (desta vez sem a marca *fig.*) seguida do que nos parece ser uma definição – *combinarne di ogni genere* – informação que, a nosso ver, suscitaria no aprendiz a mesma pergunta do exemplo anterior caso quiséssemos guiar-nos por tal modelo para o DEIIP.

A consulta a dicionários monolíngues do italiano faz-se necessária porque, como visto, são poucos os dicionários fraseológicos bilíngues que envolvem a língua italiana.

Quanto à inclusão de dados extralinguísticos na definição de UFs, vimos que a divisão entre os conhecimentos linguístico e enciclopédico não é tão rígida. As pesquisas demonstraram que esses dois conhecimentos estão misturados indissolavelmente. Além disso, os dados extralinguísticos podem ser exigidos pela própria natureza do item lexical que se quer definir. Eis um exemplo de definição enciclopédica do DEIIP:

EI *essere come il prezzemolo*

Essere dappertutto, essere presente in luoghi e situações diverse, como il **prezzemolo** che viene largamente impiegato nelle più disparate preparazioni culinarie.

Nesse caso, o segmento ‘*come il prezzemolo che viene largamente impiegato nelle più disparate preparazioni culinarie*’ [como a salsa que é amplamente empregada nas mais diferentes preparações culinárias] caracteriza essa definição como enciclopédica. A definição informa a ‘motivação’ da EI, o que é importante para a sua compreensão por parte do estudante.

7.2.4.4 Os equivalentes

Esta seção descreve como pesquisamos os equivalentes idiomáticos em português.

Para a proposição de equivalentes em português utilizamos os dicionários bilíngues de língua geral Spinelli & Casasanta *italiano-portoghese (brasiliano) e portoghese (brasiliano)-italiano*, (1988), Martins Fontes italiano-português (BENEDETTI, 2004) além do dicionário semibilíngue PCDIt *Italiano-Portoghese* (2007).

Utilizamos, ainda, o inventário do MEICIP (TERMIGNONI, 2009), repertório bilíngue que registra ao redor de 1.100 UFs italianas e seus possíveis equivalentes no português brasileiro, sendo que a grande maioria dessas UFs são efetivamente EIs, como as entendemos nessa tese.

Lançamos mão, ainda, de equivalentes registrados em dicionários fraseológicos bilíngues que têm como uma das línguas o português brasileiro (cf. referências). Observamos, por exemplo, os resultados da pesquisa de Xatara (2007) para compor o *Dictionnaire d'expressions idiomatiques français-portugais-français on-line* junto ao *Centre National de Ressources Textuelles e Lexicales*, embora esse seja um dicionário bidirecional cujo critério para a seleção das entradas é baseado no sistema de frequência, o que não inviabiliza a consulta aos equivalentes. Utilizamos ainda os dicionários monolíngues do português *Houaiss eletrônico* (2009) e *Aurélio eletrônico* (2009), cujas informações foram cotejadas com as informações dos dicionários acima mencionados.

Como tivemos oportunidade de sublinhar no Capítulo IV ao tratar a questão da equivalência com base em diversos autores, a microestrutura de dicionários fraseológicos bilíngues não deve arrolar equivalentes que se reduzem a paráfrases, como encontramos em alguns DBs. Essa foi inclusive uma diretriz que norteou a elaboração do MEICIP, pois,

justamente, tratava-se de evitar essa discrepância registrada nas pesquisas metalexiconográficas sobre os dicionários gerais bilíngues.

O registro de paráfrases no lugar de equivalentes é um aspecto deficitário nos DBs italiano-português, os quais, como vimos, muitas vezes apresentam uma assistemática na elaboração da microestrutura, ora fornecendo um equivalente, ora uma definição, ora apenas um exemplo, não diferenciando uns dos outros, de modo que nem sempre é possível identificar de que tipo de informação se trata. Tomemos um exemplo do MEICIP (2009, p.110). Para a EI italiana *non essere pane per i propri denti*, pensamos que um DF deva fornecer, além da definição ‘não ser adequado às capacidades ou às possibilidades de alguém’, também um ou mais equivalentes fraseológicos (caso existam), como ‘não ser areia para o caminhão (caminhãozinho) de alguém’. Caso esse último não tenha sido encontrado, o fato deve ser indicado, sem que, porém, definição e equivalente se confundam.

Há, em alguns casos, a impossibilidade de encontrar um equivalente fraseológico em português brasileiro para determinadas EIs italianas. Quando não encontramos equivalentes, nem sequer um aproximadamente adequado, usamos o símbolo Ø para indicá-lo. Acompanhando essa indicação, e com base nos procedimentos de Schemann (2013), construímos uma paráfrase que pode ser utilizada, em alguns casos, como correspondente da EI italiana, embora nem sempre a paráfrase possa corresponder a ela. O usuário, evidentemente, terá que adaptá-la a seu texto ou contexto.

Para a validação dos equivalentes utilizamos o *Webcorp*.

7.2.4.5 As marcas de uso

As marcas de uso são úteis para quem consulta um dicionário, pois indicam as situações em que a EI ocorre, se é rara, se é vulgar, se é adotada somente em contextos muito informais, se caiu em desuso. No caso dos dicionários passivos, em geral a literatura postula que as marcas de uso não são imprescindíveis, uma vez que o usuário dispõe do texto para inferir o uso do léxico. Entretanto, concordamos com Welker (2004) quando enfatiza que, sem as marcas de uso, é difícil alcançar uma compreensão exata do texto e que, portanto, elas também são importantes na recepção. Se considerarmos que o usuário do nosso dicionário de EIs é um aprendiz, fica claro que, quando necessário, não podemos deixar o esclarecimento dessas unidades, que geralmente são opacas, apenas a cargo do contexto.

Como exemplo, reproduzimos parte de um verbete do DEIIP cuja EI entrada é *non capire un cavolo* e que tem, como um sinônimo, a EI *non capire un cazzo*. Essa é uma EI

muito frequente e bem conhecida dos italianos, e é preciso alertar o aprendiz que se trata de uma EI vulgar, por isso a marca **vulg.** Do membro sexual masculino (*cazzo*) derivam ainda *cazzata* ('besteira,' 'burrada'), *incazzare* ('ficar com raiva'), *incazzatura* ('ataque de raiva'), *incazzato nero* ('puto da cara').

cavolo	
EIT	non capire un cavolo ★★★
EPB1	não entender um ovo
EIT sinônima	non capire un'acca ★★★ / non capire un cazzo vulg. ★★★ / non capire un accidente ★★★ / non capire un tubo ★★★

Como o nosso foco é a compreensão de leitura e o nosso âmbito é o jornalístico, preliminarmente optamos por indicar as marcas: **culto** (sem abreviação); **pej.** = pejorativo; **vulg.** = vulgar; + = desusado e **intens.** = intensivo.

7.2.4.6 Análise componencial ou tradução literal

A análise componencial da EI (indicada como “tradução literal”) constitui uma inovação da microestrutura do DEIIP.

A informação fornecida nesse campo microestrutural tem a intenção de satisfazer uma curiosidade natural do aprendiz que consulta o dicionário, o qual frequentemente também desconhece o significado de um ou mais elementos que compõem a EI. Atendo-nos à nossa amostragem, pensemos em lexemas como *staffa* [‘estribo’] em *bere il bicchiere della staffa*, *giuggiola* [‘jujuba’] em *andare in brodo di giuggiole* ou *aringa* [‘arenque’] em *magro come un'aringa* ou mesmo *prezzemolo* [‘salsa’] em *essere come il prezzemolo*. É de se supor que o estudante, mesmo o de nível médio-avançado, possa não dominar esse vocabulário. Mesmo que, com a consulta a um dicionário de EIs, passe a conhecer o significado, por exemplo, da EI *bere il bicchiere della staffa* como um todo, ainda assim o dicionário não informaria o sentido do elemento desconhecido (suponhamos *staffa*), e o aprendiz deveria então recorrer a outro dicionário para sanar a dúvida. Por isso acreditamos que essa é uma informação pertinente.

O campo microestrutural traz o símbolo , que é um sinal de advertência. O Guia do Usuário também faz um alerta e explica que a informação não corresponde a um equivalente em português.

Vejamos como se apresenta esse campo em dois exemplos:

bicchiere	
EIT	bere il bicchiere della staffa ★★★
EPB1	tomar [beber] a saideira
Definição	Bere l'ultimo bicchiere prima di congedarsi dagli amici, in genere per tornare a casa.
Tradução literal ⚠	beber o copo do estribo

aringa	
EIT	magro come un' aringa ★
EPB1	magro como um palito
EPB2	seco [magro] como um pau de virar tripa
EPB3	seco como um bacalhau [de porta de venda]
Definição	Persona eccessivamente magra.
Tradução literal ⚠	magro como um arenque

O questionário que faz parte da testagem do dicionário contém uma pergunta voltada para o campo 'tradução literal', e as respostas dos alunos comprovaram plenamente a sua utilidade, como comprovaremos adiante.

7.2.4.7 Distinção entre EIs variantes e EIs sinônimas

Retomamos agora a síntese referida no Capítulo IV para distinguir EIs variantes e EIs sinônimas a fim de que fique bem clara a posição que adotamos ao tratá-las no DEIIP:

**As variantes são modificações de
uma mesma EI.
As EIs sinônimas são EIs distintas de
mesmo significado.**

- 1) São variantes as EIs que apresentam certas diferenças lexicais (*magro come un'acciuga/secco come un'acciuga*) ou gramaticais (*fare il biscotto/fare un biscotto e non capire un cavolo/non capirci un cavolo*), porém possuem a mesma imagem.
- 2) São sinônimas as EIs que possuem um mesmo significado, porém elementos e imagens diferentes, como *magro come un chiodo/magro come un'acciuga/magro come uno*

*spaghetti/ magro come un grissino*²⁵⁸, ou ainda os exemplos que vimos há pouco – *non capire un'acca/non capire un cazzo/non capire un cavolo/non capire un accidente/non capire un tubo*²⁵⁹.

7.2.4.7.1 As EIs variantes

A possibilidade de que ocorra variação é considerada mais uma característica das UFs. Como exposto, pesquisadores em Fraseologia (ZULUAGA, 1980; 2001; CORPAS PASTOR, 1996; GARCIA-PAGE SANCHEZ, 1998; JORGE, 2001) estudaram a variação nas expressões fixas e estabeleceram em que ela difere da sinonímia.

Aplicando a concepção de variação às EIs italianas, de maneira geral podemos dizer que as EIs *secco come un'acciuga/magro come un'acciuga; fare quattro passi/fare due passi; troppo fumo e poco arrosto/tanto fumo e poco arrosto/più fumo che arrosto/molto fumo e poco arrosto; fare il biscotto/fare un biscotto* são expressões fixas que, porém, apresentam certa variação na estrutura formal.

Para o tratamento da variação e da sinonímia fraseológica no hiperdicionário adotamos como referencial teórico as concepções de Zuluaga, apresentadas resumidamente no Capítulo IV. Em nosso entendimento, as suas concepções são as que melhor atendem ao nosso propósito. Lembramos que esse autor não considera a variação como sendo propriamente um menor grau de fixação, pois **a própria substituição é fixa** (cf. exemplo do autor, em *todo queda en casa*, posso substituir *casa* tão somente por *familia* [*todo queda en familia*], mas não por *hogar*²⁶⁰ [**todo queda en hogar*]).

Como vimos no Capítulo IV, Zuluaga nos diz, relativamente às EIs *coger las de Villadiego* e *tomar las de Villadiego*, que estamos diante de variantes autênticas, ou seja, de **duas manifestações de uma mesma UF**, porque elas: i) ocorrem em uma mesma língua funcional (no espanhol da Espanha ou da Colômbia), ii) possuem o mesmo significado (“ausentar-se impensadamente, em geral para fugir de um risco ou de um compromisso”) e iii) apresentam uma substituição parcial em sua estrutura (*coger las/tomar las*).

Assim, aplicando essas mesmas concepções à EI italiana *molto fumo e poco arrosto* (extraída do inventário de EIs e tratada na amostragem), na elaboração do verbete consideramos as formas *più fumo che arrosto/tanto fumo e poco arrosto/troppo fumo e poco*

²⁵⁸ Respectivamente *un chiodo* (‘um prego’), *un'acciuga* (‘uma anchova’), *uno spaghetti* (‘um espaguete’) e *un grissino* (‘um grissino’, palitinho de pão crocante).

²⁵⁹ Respectivamente *un'acca* (‘um aga’), *un cazzo* (‘um caralho’), *un cavolo* (‘uma couve’), *un accidente* (‘um acidente’), *un tubo*. (‘um tubo’).

²⁶⁰ *hogar* = lar.

arrosto, bem como a EI entrada (*molto fumo e poco arrosto*) como sendo manifestações de uma mesma EI. As quatro estruturas ocorrem na língua italiana *standard*²⁶¹, possuem o mesmo significado (segundo o dicionário Zingarelli, significam “ter mais aparência do que conteúdo”)²⁶² e apresentam uma substituição parcial em sua estrutura, pois apenas uma parte da EI é substituída (no caso, as formas intensificadoras *tanto/troppo/molto* e o comparativo *più ... che*).

A ordem de aparição das variantes nos verbetes obedece ao critério de frequência: as mais frequentes antes, as menos frequentes depois. A frequência de uso é indicada por estrelas.

A configuração desses campos no verbete é a seguinte:

Entrada

molto fumo e poco **arrosto** ★★★

EIs variantes

più fumo che **arrosto** ★★★ / tanto fumo e poco **arrosto** ★★★ / troppo fumo e poco **arrosto** ★★

O mesmo vale para a EI *dormire sugli allori*, para a qual encontramos a forma variante *riposare sugli allori*.

Entrada

dormire sugli **allori** ★★★

EIs variantes

riposare sugli **allori** ★★★

As EIs *come il cacio sui maccheroni* e *come il formaggio sui maccheroni* também constituem, segundo a mesma concepção, duas formas da mesma EI:

Entrada

come il cacio sui **maccheroni** ★★★

EI variante

come il formaggio sui **maccheroni** ★★★

²⁶¹ Validadas no *corpus* jornalístico italiano.

²⁶² Avere più apparenza che sostanza. Acesso em 09.09.2013.

7.2.4.7.2 As EIs sinônimas

À luz das concepções de Zuluaga, podemos afirmar que as variantes autênticas apresentam uma substituição parcial em sua estrutura (*coger las/tomar las*). Em outras palavras, podemos afirmar que as variantes são modificações de uma mesma EI.

Ao contrário, as EIs *tomar las de Villadiego* e *poner pies en polvorosa* são pelo mesmo autor consideradas como **sinônimas**, e não variantes em sentido restrito. Por isso, Zuluaga as classifica como duas UFs com estrutura e elementos distintos (*pseudovariantes*), que possuem significados idênticos.

Essas são as reflexões que serviram de base para estabelecermos as relações de sinonímia entre as EIs do DEIIP, permitindo-nos considerar como sinônimas, por exemplo, as EIs *salvare la buccia/salvare la pelle/salvare la ghirba*, ou seja, como pseudovariantes do mesmo tipo exemplificado por Zuluaga. As três têm o mesmo significado (segundo o *Dizionario Corriere*²⁶³, em sentido figurado, a palavra ‘pele’ é símbolo da sobrevivência, e é substituída, às vezes, por outros termos como *buccia*, *ossa*, *penne*, *scorza*), porém seus constituintes diferem, a saber: ***buccia*** (‘casca’), ***pelle*** (‘pele’/ ‘couro’), ***ghirba***²⁶⁴ (‘odre’, espécie de recipiente rústico para carregar água feito de pele). A ordem de aparição das EIs sinônimas nos verbetes também obedece, como as variantes, ao critério de frequência: as mais frequentes antes, as menos frequentes depois.

Para efeitos da amostragem construída, a EI entrada é a que possui o gastronomismo, no caso *salvare la buccia*, não importando o fato de não ser a EI mais frequente dentre as três apresentadas. No hiperdicionário, a alta frequência não é critério determinante para que uma EI seja selecionada como item da nomenclatura, dado que ele é voltado para a compreensão.

No verbete da EI *salvare la buccia*, segundo o critério de frequência, temos a seguinte configuração do campo EI sinônimas:

Entrada

salvare la **buccia** ★★

EIs sinônimas

salvare la pelle ★★★ / salvare la ghirba ★★

²⁶³ *In senso figurato la parola pelle è divenuta simbolo della sopravvivenza, ed è a volte sostituita da termini più popolari quali “buccia”, “ossa”, “penne”, “scorza” e altri.*

²⁶⁴ Cf. *Dizionario Sabatini Coletti on-line: otre di pelle usato in Africa per trasportare l’acqua; recipiente per militari o campeggiatori con analoga funzione.*

Da mesma forma, podemos considerar como sinônimas as EIs *mani di burro/mani di pastafrolla/mani di ricotta/mani di vetro*. As três primeiras também são EIs-entrada na amostragem, pois as três possuem um item referente à gastronomia, alternando-se nos verbetes como entrada ou sinônimo.

Entrada

mani di **burro** ★★★

EIs sinônimas

mani di pastafrolla★★/mani di ricotta★★/mani di vetro

No verbete em que a EI **pastafrolla** é a entrada, a microestrutura também possuirá o campo EI variante, já que a palavra *pastafrolla* tem duas possibilidades de ortografia:

Entrada

mani di **pastafrolla** ★★

EI variante

mani di **pasta frolla** ★

EIs sinônimas

mani di burro★★★/mani di ricotta★★/mani di vetro

7.2.4.8 A polissemia

Para o protótipo do hiperdicionário prevemos também o tratamento da polissemia. É importante registrar as acepções que eventualmente uma EI possa apresentar, ainda que a polissemia não ocorra abundantemente na fraseologia, segundo Carneado Moré (1985).

Reproduzimos um exemplo de tratamento polissêmico extraído do MEICIP (TERMIGNONI, 2009, p. 80) A EI *essere una talpa* tem como primeira acepção ‘ser um agente secreto infiltrado’, cujo equivalente em português é ‘ser um araponga’; como segunda acepção, ‘ser pouco inteligente’ e, como terceira, ‘enxergar mal’ – cujo equivalente em português é, em ambos os casos, ‘ser uma toupeira’. Assim:

Essere una talpa

1. Ser um araponga
2. Ser uma toupeira

1. Ser um agente secreto infiltrado. 2a. Ser uma pessoa pouco inteligente. 2b. Enxergar mal, ser míope.

Nos verbetes construídos, detectamos duas EIs que têm mais de um significado:

- a EI *né cotto né crudo*, que pode ter como equivalentes:
 1. ‘nem fede nem cheira’ e 2. ‘nem pintado de ouro’.
- a EI *secco come un’aringa*, que pode ter como equivalentes:
 1. ‘magro como um palito’, ‘seco [magro] como um pau de virar tripa’, ‘seco como um bacalhau (de porta de venda)’ e 2. ‘seco por’ [muito desejoso de algo].

7.2.4.9 Os exemplos

A função dos exemplos seria a de complementar as informações dadas na definição, e eles devem ser de tal ordem que o usuário possa identificar um modelo para o que precisa *decodificar/compreender*, no caso do nosso dicionário. Do ponto de vista do aprendizado de LE, o exemplo é essencial, pois ele atesta o uso e ilustra o significado do lexema ou da expressão que o aprendiz procura.

No DEIIP, para as EIs que contêm a palavra indexadora são oferecidos, no verbete, exemplos adaptados do *corpus* e a opção **VER mais exemplos** no *corpus* reunido. Nesse caso, a ferramenta varre o *corpus* embutido partindo da palavra indexadora como, por exemplo, *acciuiga*, que ficará **vermelha** na lista que a pessoa verá ao clicar.

Durante a elaboração da amostragem de gastronomismos do dicionário de EIs, constatamos que as três afirmações de Giacomina (2012) a respeito dos exemplos de EIs, referidas no Capítulo IV, são verdadeiras. Recapitulando brevemente: i) muitas citações não podem ser utilizadas por serem longas ou complexas (de fato, comprovamos reiteradamente essa afirmação, como veremos na sequência); ii) o léxico frequentemente é muito difícil para aprendizes; iii) – alguns exemplos contêm erros que devem ser corrigidos um a um.

Por esses motivos, optamos por extrair do *corpus* exemplos autênticos e modificá-los para que possam ser melhor compreendidos pelos aprendizes, conforme sugerido pela linguista italiana.

A experiência na confecção dos verbetes nos permite afirmar que a escolha e a elaboração dos exemplos é um aspecto de esforço considerável, exigindo tempo e acuidade do lexicógrafo, o qual, particularmente nesse momento, precisa ter bem presente as características do usuário do dicionário, que no caso do DEIIP é o aprendiz especialista de língua italiana universitário de nível intermediário-avançado.

Os exemplos do dicionário são baseados nas ocorrências do *corpus* jornalístico. Quando as ocorrências são particularmente difíceis para a compreensão dos aprendizes, como as que utilizam um léxico complexo ou as que fazem referência a realidades específicas, a fatos da política local ou a detalhes do esporte, muito distantes da realidade do aprendiz, decidimos transformar, apagar e/ou inserir elementos, modificando, por exemplo, nomes próprios e outros dados que não são relevantes para a compreensão do contexto apresentado. É preciso focar naquilo que queremos demonstrar, e informações complexas e secundárias precisam ser eliminadas, já que apenas confundem o estudante.

Vejamos algumas ocorrências de EIs no *corpus* em contextos particularmente complexos. Comparem-se as adaptações que fizemos, no seguinte exemplo, com a ocorrência que aparece no *corpus*, sem adaptações:

Entrada

molto fumo e poco arrosto ★★★	
Exemplo	L'allenatore ha capito che le alternative per comporre la squadra non convincevano affatto: un attaccante che è molto fumo e poco arrosto , un altro che non riesce a mettersi in mostra, un centravanti un po' troppo maturo.

Ocorrência no *corpus*:

Ma Petkovic ha capito l'antifona, in tempi di magra anche il riciclo è meglio di niente, soprattutto se le alternative in organico, per vari motivi, non convincono affatto: Alfarò è molto fumo e poco arrosto, Kozak continua ad essere acerbo, Rocchi un po' troppo maturo e su Zarate, una mina vagante nello spogliatoio, la società naviga a vista, se arriva l'offerta giusta può partire. Per questo Petkovic ha cominciato ad apprezzare Floccari, il centravanti che senza sbraitare è riuscito a mettersi in mostra e a scalare posizioni nelle gerarchie. (Andrea Arzilli. Corriere della Sera, 22 agosto 2012).

O contexto é o do futebol, fala-se do treinador e das características dos jogadores.

Para que essa ocorrência da EI *molto fumo e poco arrosto* pudesse ser aproveitada como exemplo do dicionário, isto é, para que o aprendiz compreendesse o significado da EI e o seu uso nesse contexto, o parágrafo precisou ser completamente modificado e *simplificado*. Os nomes próprios tornaram-se nomes comuns (Petkovic = *l'allenatore*, Alfarò = *un attaccante*), e outros elementos (*le alternative*, *un centravanti*, *mettersi in mostra*, *un po' troppo maturo*), que do ponto de vista do falante do português são mais simples por serem palavras transparentes, foram aproveitados, modificados ou não, para compor um novo período. As expressões mais complexas, ao contrário, foram eliminadas.

Já o próximo exemplo não precisou de reparos e foi transcrito como aparece no *corpus*.

Entrada

più fumo che arrosto ★★

Exemplo	La Pax americana, dalla Cina al Medio Oriente, si e' rivelata piu' fumo che arrosto .
----------------	--

Posteriormente, substituimos *Pax americana* por *egemonia americana* a fim de simplificar a compreensão para o aprendiz.

Ocorrência no *corpus*:

<i>La partita, in fondo, sta tutta qui, nella risposta che si daranno i democratici su quale sia la strada migliore per il partito e per la nazione: se, cioe', difendere Clinton a ogni costo, con la probabile paralisi parlamentare e governativa sino alle elezioni del Duemila; o se indurlo a dimettersi per lasciar spazio a Gore. La prima via non e' senza incognite: l'implacabile Starr continua a inquisire il Presidente su altri scandali; le riforme interne, sanitaria innanzitutto, sono naufragate; la Pax americana, dalla Cina al Medio Oriente, si e' rivelata piu' fumo che arrosto. (Caretto Ennio. Corriere della Sera, 20 dicembre 1998).</i>

Já o contexto seguinte, que contém a EI *salvare la pelle*, não pôde ser aproveitado:

<i>In venti canzoni c'è il racconto delle due facce del successo e di come, grazie all'amicizia e alle radici, ci si possa salvare la pelle.²⁶⁵ (Carlo Moretti. La Repubblica, 25 janeiro 2013).</i>
--

O exemplo é extraído da notícia sobre o último disco de uma banda escocesa de rock alternativo que, inicialmente sem grandes pretensões de sucesso, acabou conquistando notoriedade para, depois de 10 anos, terminar imersa em álcool e drogas. Após a derrocada, conseguiu voltar ao sucesso contando também com o apoio de músicos amigos do início da carreira (*grazie all'amicizia e alle radici*).

Neste caso, seria um trabalho “hercúleo” reconfigurar toda a frase para que se adequasse ao nosso propósito. Assim, optamos por escolher um exemplo mais simples. De qualquer forma, empregamos tempo tentando identificar o contexto e se era possível aproveitar ou não a frase como exemplo do verbete.

Quando o *corpus* jornalístico italiano não apresentou ocorrências da EI procurada ou apresentou exemplos inadequados aos propósitos do dicionário, optamos, em tais situações, por recorrer à *Webcorp* para fornecer uma informação mais completa e compatível com o perfil do usuário-aprendiz.

É o caso da EI *mani di ricotta*:

²⁶⁵ As vinte canções falam sobre as duas faces do sucesso e sobre como é possível salvar a pele graças à amizade e às raízes. [trad. nossa]

Entradamani di **ricotta**

Exemplo 1	Perché ammettiamolo che ogni tanto ti ritrovi le mani di ricotta e tutto quello che hai tra le dita va a finire per terra per ragioni fisiche che tu ignori.
Exemplo 2	Può capitare a tutti di avere le mani di ricotta e far scivolare la torta dal piatto proprio nel momento in cui la si sta capovolgendo.

Os dois exemplos acima são extraídos do *Webcorp*.

7.2.4.10 As notas de uso

As notas de uso são o último segmento informativo previsto para o verbete. Nos casos em que a EI entrada possua um falso amigo em português, haverá mais um segmento, o que ocorre eventualmente, já que os falsos amigos fraseológicos são pouco frequentes. De qualquer modo, quando existirem, constituem informação relevante que deve ser fornecida ao usuário.

No verbete seguinte, para a EI *molto fumo e poco arrosto*, por exemplo, indicam-se como variantes as EIs *più fumo che arrosto*, *tanto fumo e poco arrosto*, *troppo fumo e poco arrosto*, com base na concepção de que as variantes são formas diferentes de uma mesma EI.

Entretanto, no *corpus* ocorreram também outras formas da EI *molto fumo e poco arrosto*, as quais, a nosso ver, não deveriam ser indicadas como variantes porque acarretam uma “intensificação do significado”: *tutto fumo e niente arrosto* e *fumo senza arrosto*. Acreditamos que essas formas não devam ser ignoradas, mas precisam ser registradas de alguma forma. Optamos por indicá-las, acompanhadas de exemplos, na nota de uso nº 1, caracterizando-as como sendo ‘formas mais intensivas’. Indicamos intensificação do significado com a marca *intens*. Já a nota de uso nº 2 adverte o usuário-aprendiz da armadilha constituída pela aparente semelhança entre a EI *fumo senza arrosto* e o provérbio *Non c’è fumo senza arrosto*, largamente utilizado em italiano na comunicação. Ou seja, a nota de uso nº 2 adverte que *fumo senza arrosto* e *Non c’è fumo senza arrosto* constituem duas UFs distintas (a primeira é uma EI e a segunda é um provérbio) que não devem ser confundidas, pois possuem significados diferentes e situações específicas de uso.

Esse é um exemplo das possibilidades de exploração do texto lexicográfico que o DEIIP pode oferecer ao aprendiz de LE e que constitui um ineditismo dessa tese: clicando no provérbio **Non c’è fumo senza arrosto** da nota de uso nº 2, o usuário é remetido a um verbete-modelo do (futuro) *Dizionario dei Proverbi Italiano-Portoghese* cuja entrada é

justamente esse provérbio, encontrando ali informações sobre o que ele significa a fim de poder compará-lo com a EI **fumo senza arrosto**.

Da mesma forma, na nota de uso do verbete **arrosto**, projetado para o DIPIP – *Dizionario dei Proverbi Italiano-Portoghese*, o usuário poderá clicar sobre a EI **fumo senza arrosto**, que o remeterá de volta ao verbete da EI *molto fumo e poco arrosto*. O aprendiz poderá navegar à vontade, indo de um verbete a outro, até que lhe fiquem bem claras as diferenças entre as duas UFs. A seguir, os verbetes **arrosto** projetados para os dois dicionários:

Quadro 12 - Verbetes *molto fumo e poco arrosto* (DEIIP).

arrosto	
EIT	molto fumo e poco arrosto ★★★
EPB	muita fumaça e pouco fogo
Definição	Più apparenza che sostanza
Tradução literal 🚧	muita fumaça e pouco assado
EIT variante	più fumo che arrosto ★★★ / tanto fumo e poco arrosto ★★★ / troppo fimo e poco arrosto ★★
EIT sinônima	∅
Exemplo 1	L'allenatore ha capito che le alternative per comporre la squadra non convincevano affatto: un attaccante che è molto fumo e poco arrosto , un altro che non riesce a mettersi in mostra, un centravanti un po' troppo maturo.
Exemplo 2	C'è molto fumo e poco arrosto nelle decisioni della Commissione europea su energia e clima.
Nota de uso	1. Expressão encontrada também nas formas mais intensivas tutto fumo e niente arrosto [<i>Oggi la moda è tutto fumo e niente arrosto e ha perso la qualità</i>] e fumo senza arrosto [<i>Il resto è stato fumo senza arrosto per un pubblico ingénuo</i>]. 2. Não confundir a EI fumo senza arrosto [aparência sem substância] com o provérbio Non c'è fumo senza arrosto [se há indícios certamente há uma causa], cujo equivalente é “Onde tem fumaça tem fogo”.

[Ver mais](#)



Quadro 13 - Verbetes *Non c'è fumo senza arrosto* do DIPIP.

arrosto	
PIT	Non c'è fumo senza arrosto
PPB	Onde tem fumaça tem fogo.
Definição	Non c'è effetto senza causa.
Tradução	Não há fumaça sem assado.

literal 	
PIT sinônimo	La campana non suona se qualcosa non c'è.
Exemplo 1	“Non posso smentire l'esistenza della trattativa, non c'è mai fumo senza arrosto ” – ha dichiarato l'impresario.
Notas de uso	Não confundir o provérbio Non c'è fumo senza arrosto [se há indícios certamente há uma causa] com a EI fumo senza arrosto [aparência sem substância], cujo equivalente é ‘muita fumaça e pouco fogo’.

[Ver mais](#)

7.2.4.11 Modelo de microestrutura concreta para um hiperdicionário semibilíngue de EIs italiano-português

A seguir, apresentamos três exemplos de microestrutura concreta com as EIs *entrarci come il cavolo a merenda*, *essere carne da cannone* e *essere carne da macello*, extraídas do repertório de gastronomismos que constitui a nominata da amostragem.

Nas três EIs citadas, o que habilita cada EI a ser considerada um gastronomismo são os substantivos atinentes a esse campo léxico – *cavolo* e *merenda* na primeira EI e *carne* na segunda e terceira EIs. Exemplificamos a seguir os três verbetes:

Quadro 14 – Verbetes *entrarci come il cavolo a merenda* (DEIIP).

cavolo	
EIT	entrarci come il cavolo a merenda ★★★
EPB1	não ter nada a ver o cu com as calças <i>vulg.</i>
EPB2	não ter nada a ver uma coisa com a outra
Definição	Cosa o discorso inopportuno, non appropriato o pertinente.
Tradução literal 	ter a ver como a couve no lanche
EIT variante	starci come il cavolo a merenda ★★★
EIT sinônima	∅
Exemplo 1	L' articolo 18 con la manovra finanziaria c' entra come il cavolo a merenda , vedrai che tutto il popolo italiano finirà per scendere in piazza»..
Exemplo 2	Non c'erano guide utili a illustrare il percorso, senza contare la presenza di qualche pezzo che con la mostra c'entrava come il cavolo a merenda .
Nota de uso	A EPB1 é expressão vulgar muito usada. Frequentemente é omitido o elemento causador do constrangimento [‘não ter nada a ver **com as calças’]ou a expressão é reduzida para ‘não ter nada a ver’.

[Ver mais*](#)

* Clicando aqui o usuário poderá ver todas as outras ocorrências da EI no *corpus*.

#As palavras em **negrito** são as indexadoras ou palavras-núcleo dos gastronomismos da amostragem. As EIs que são indicadas na cor **laranja** possuem uma remissão interna ou externa ao dicionário.

Quadro 15 – Verbete *carne da cannone* (DEIIP).

carne	
EIT	carne da cannone ★★★
EPB1	carne de canhão
EPB2	bucha de canhão
Definição	Riferito alla massa dei soldati in quanto manovrati dall’alto ed esposti alla morte. <i>Per est.</i> , chiunque venga messo in una condizione di pericolo mortale senza che possa far nulla per sottrarvisi.
Tradução literal 🚩	carne de canhão
EIT variante	∅
EIT sinônima	carne da macello ★★★
Exemplo 1	In questo dibattito il candidato sarà carne da cannone per le telecamere, senza grandi possibilità di esprimere il suo punto di vista.
Exemplo 2	Nel 1899, migliaia di giovani chiamati a immolarsi per la troppo fragile patria vanno a formare più di cento battaglioni, carne da cannone da consumare fra l’altopiano del Carso e il fiume Isonzo.

[Ver mais](#)

Quadro 16 – Verbete *carne da macello* do DEIIP.

carne	
EIT	carne da macello ★★★
EPB1	carne de canhão
EPB2	bucha de canhão
Definição	Riferito alla massa dei soldati in quanto manovrati dall’alto ed esposti alla morte. <i>Per est.</i> , chiunque venga messo in una condizione di pericolo mortale senza che possa far nulla per sottrarvisi.
Tradução literal 🚩	carne para abate
EIT variante	∅
EIT sinônima	carne da cannone ★★★
Exemplo 1	«Io non ho paura dalla famiglia Cosco in questo Tribunale. Ho paura per quando uscirò. Io sono carne da macello ».
Exemplo 2	I bambini di Gaza non sono mai stati altro che carne da macello per gli integralisti islamici andati al potere con la forza.
Exemplo 3	Le avevano promesso un lavoro sicuro nel settore del commercio, ma è diventata carne da macello per una rete molto più grande di lei.

[Ver mais](#)

No próximo capítulo, apresentaremos os 60 verbetes da amostragem e a sua testagem com os alunos da UFRGS.

CAPÍTULO VIII – INVENTÁRIO FINAL E TESTAGEM DO DICIONÁRIO

Neste capítulo apresentaremos o inventário final dos verbetes da amostragem do DEIIP e os resultados da testagem com os estudantes.

8.1 TESTANDO O DEIIP

A última etapa da pesquisa foi a aplicação de um teste de uso com o protótipo do dicionário abastecido com a amostragem de EIs, integrada por 60 verbetes. Experimentaram o nosso produto 18 alunos do Curso de Graduação em Letras (Licenciatura e Bacharelado), dos níveis IV, VI, e VIII, e 10 alunos do Curso de Extensão do NELE (Núcleo de Ensino de Línguas em Extensão) da UFRGS, dos níveis IV, V e VI.

Como quisemos deixar claro nesse percurso, a perspectiva do usuário-aprendiz foi constantemente enfatizada na elaboração do DEIIP. As decisões foram tomadas priorizando o que poderia ser mais confortável e útil para o aluno. Por isso, a testagem de itens do dicionário e as observações deixadas pelos estudantes nos questionários respondidos foram fundamentais para melhorá-lo. Alguns ajustes sugeridos, inclusive, já foram realizados.

8.1.1 A testagem

A testagem compõe-se de duas partes. **A primeira parte** compreende três exercícios sobre os itens do DEIIP e devem ser realizados mediante a sua consulta.

No primeiro exercício, deve-se escolher, entre as diferentes formas oferecidas, aquela adequada a explicar a EI que está em negrito em cada microcontexto. No segundo, deve-se indicar se as afirmativas são verdadeiras ou falsas. Nesse exercício, procura-se testar, entre outros, se o aluno consegue perceber as formas sinônimas nos verbetes. No terceiro exercício, é preciso sublinhar, dentre quatro alternativas, a única correta para completar a frase.

Não foi simples elaborar o teste com uma amostragem de EIs de 60 verbetes, dado que as EIs têm uma significação em bloco e era necessário apresentá-las inseridas em contexto, de uma forma coerente para a compreensão do aprendiz e de modo a obter um conjunto de significado plausível.

A segunda parte é um questionário com perguntas sobre como o usuário se sentiu ao utilizar o dicionário, sua opinião sobre ele e sugestões para melhorá-lo. EIs o teste:

Quadro 17 – Teste do DEIIP

Instituição:
 Curso:
 Turma:
 Data:

TESTAGEM do DICIONÁRIO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS ITALIANO-PORTUGUÊS

Este é um teste para avaliar a amostragem de 50 verbetes do protótipo do Dicionário de Expressões Idiomáticas Italiano-Português do ITALEX, destinado a estudantes de italiano de nível médio-avançado, disponível em <http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/italex/dizionario/ei/principal.php>.

O ITALEX é o primeiro Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) de Língua Italiana do nosso Estado e a amostragem do dicionário está sendo desenvolvida como produto final de uma tese de doutorado, no PPG Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Por isso, sua participação como aluno de italiano da UFRGS é muito importante.

Clicando no *link* acima, você estará na página principal do dicionário. Na barra superior, você encontra os links **Projeto** e **Guia do usuário**, que poderá acessar em português ou em italiano, além do *link* que o levará ao **Dicionário**. O dicionário é organizado em forma de hipertexto e as conexões internas e externas são indicadas com uma serie de *hyperlinks*. Em **Projeto** você encontra informações sobre o dicionário e as unidades linguísticas que ele contém, qual a sua função, a quem se destina e quais as informações encontradas em cada verbete. Em **Guia de uso** poderá saber o que cada campo do verbete oferece. Leia com atenção e depois experimente percorrer alguns verbetes durante 5 minutos para familiarizar-se com o ambiente do dicionário.

Feito isso, comece o teste. Inicialmente, há três breves microdiálogos com expressões idiomáticas, seguidos de uma atividade. Você deverá resolvê-la com base nesses textos, consultando o dicionário e de acordo com o que é solicitado no enunciado. Em seguida, há um exercício de tipo V (verdadeiro) ou F (falso) e, por fim, um exercício de escolha simples.

A sua resposta às perguntas do QUESTIONÁRIO, que encontrará no final do teste, é **parte fundamental para o aperfeiçoamento da amostragem**.

MUITO OBRIGADA POR PARTICIPAR!

1. Leggi attentamente i tre microdialoghi. Poi scegli fra i segmenti sotto numerati quello adatto a spiegare l'espressione in grassetto in ogni frase dei dialoghi, segnalandone il numero corrispondente nelle parentesi.

1. provare una grande felicità. 2. magrissima. 3. di abbinamento perfetto. 4. truccare una competizione. 5. affermazioni a cui non corrisponde la realtà. 6. fare l'ultima bevuta prima di tornare a casa.

Prima di cominciare guarda questi due esempi:

1. cercare di calmare una situazione. **2.** molto velocemente.

a) – Hai per caso visto Giovanna? – Sì, sì, è passata di qui **a tutta birra.** (**2**)

b) – Che situazione ieri sera a casa di Sandro! Come mai non si è accorto che invitare insieme alla nostra cena Paola e Federica non sarebbe stata una buona idea?

– Infatti. Meno male che c'eri tu per **gettare acqua suo fuoco.** (**1**)

Ora rispondi:

- a) – È una squadra forte e concreta, sembra un passo superiore alle altre, se non **gli fanno un biscotto** può arrivare in finale. Non credi? ()
 – Mah, io non sono sicuro che sia così forte.... Secondo me è **molto fumo e poco arrosto**. ()
- b) – Stai pensando di andare via? Ma no, è ancora presto! Resta un altro po' almeno per **bere il bicchiere della staffa**. ()
 – Ci sto! Non ci vedevamo da tanto tempo... Queste tue parole mi fanno proprio **andare in brodo di giuggiole!** ()
- c) – In questi giorni vedo sempre in giro una ragazza che mi piace molto. Vorrei conoscerla. È una biondina, molto simpatica...
 – So già di chi si tratta. È una bionda **secca come un grissino?** () Ma sai, Gianluca, a ben guardare lei ci sta proprio **come il cacio sui maccheroni** assieme a te... ()

2. Rispondi con V (vero) o F (falso):

a) Una persona molto magra è un biscotto. ()
b) Se un lavoro va a tutta birra vuol dire anche che va a spron battuto. (...)
c) Quando qualcosa non ha niente a che vedere con l'altra possiamo dire che c'entra come il cavolo a merenda (...)
d) Se qualcosa ti manda in brodo di giuggiole significa che ti manda al settimo cielo. (...)
e) Buttare olio sulle onde è fomentare discordie. (...)
f) Un'aringa è una persona che si vede spesso dappertutto. (...)
g) Se si vuol fare polpetta di un avversario significa che lo si vuole massacrare. (...)

3. Sottolinea l'alternativa corretta:

1. Nella battaglia in cui i soldati non hanno protezione si dice che essi sono **a tutto gas/carne da macello/ mani di ricotta/a fagiolo**.
2. I giornali hanno criticato duramente l'atteggiamento del presidente, l'hanno fatto **dormire sugli allori/di tutti i colori/a fettine/annegare in un bicchier d'acqua**.
3. Se ti cade tutto di mano è perché hai le mani **pulite/lunghe/di marmellata/di pasta frolla**.
4. Una persona che non sa cosa fare di fronte a piccole difficoltà **ne fa di cotte e di crude/non riesce a salvare la buccia/si affoga in un bicchier d'acqua/bolle come una pentola di fagioli**.

QUESTIONÁRIO

Se achar necessário, clique novamente no link <http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/italex/dizionarioei/principal.php> para responder às sEIs perguntas abaixo:

1. De maneira geral, como você se sentiu usando o dicionário?
2. Você teve dificuldade em localizar as expressões no dicionário? Como as procurou?

3. Compreendeu as informações oferecidas em cada campo dos verbetes? Você as considera importantes?
4. O que acha da informação do campo “tradução literal”? Em sua opinião, é importante saber o significado de cada palavra que compõe a expressão, mesmo que não seja o significado *idiomático* ou *figurado* da expressão como um todo? Essa informação o ajudou?
5. Há alguma informação que você acha importante e que não encontrou nos verbetes que consultou?
6. Você teria alguma sugestão para melhorar o dicionário?

Na sequência apresentaremos os resultados do teste.

8.1.2 Análise dos resultados

Testaram o dicionário 18 alunos do Curso de Graduação em Letras (Licenciatura e Bacharelado) e 10 alunos do Curso de Extensão do NELE (Núcleo de Ensino de Línguas em Extensão), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em um total de 28 alunos.

Reproduzimos, na próxima página, duas tabelas com os resultados obtidos, por grupo, na **primeira parte** da testagem, ou seja, nos três exercícios sobre os itens do DEIIP.

As três colunas nas cores lilás, rosa e salmão representam, respectivamente, as três questões do teste, divididas por sua vez em colunas, cada uma delas representando um item de cada questão, indicados com letras ou números, conforme constam no teste.

As linhas verdes representam os testes respondidos com 100% de correção.

A letra **X** assinala quais os itens incorretos, por teste respondido e numerado na primeira coluna da esquerda: 18 testes no Curso de Letras, na primeira tabela, e 10 testes no NELE, na segunda tabela. A última linha de cada tabela indica o número total de erros por questão, de forma que se possa perceber o grau de dificuldade que cada uma apresentou para os participantes. No final, há o cômputo total de erros das duas tabelas.

17								X							X			02
18																		ZERO
Total X p/questão	00	00	00	00	00	00	03	04	00	00	03	00	00	00	03	02	01	ZERO

Tabela 5 – TESTE ALUNOS NELE

ALUNO	QUESTÕES													Total erros por teste				
	01	02	03	04	05	06	a	b	c	d	e	f	g	01	02	03	04	
01																		ZERO
02																		ZERO
03															X			01
04											X				X		X	03
05															X			01
06																		ZERO
07								X				X						02
08									X									01
09							X											01
10																		ZERO
Total X p/questão	00	00	00	00	00	00	01	01	01	00	01	01	00	00	03	00	01	
TOTAL X p/questão tabs.1 e 2	00	00	00	00	00	00	04	05	01	00	04	01	00	00	06	02	02	

Poderíamos talvez imaginar que o desempenho do grupo do Curso de Graduação em Letras seria superior ao do grupo do Curso de Extensão, pois os cursos têm objetivos distintos e o primeiro é constituído de aprendizes-especialistas. No entanto, o resultado da testagem nos 2 grupos foi homogêneo e não revelou um desempenho melhor de um grupo em relação ao outro.

Com referência aos resultados, dos 28 alunos que o responderam, 11 acertaram todas as respostas. Esse número representa 40% do total de alunos.

Do total de 17 itens, o máximo de erros por teste respondido foi 4, e em apenas 1 dos 28 testes. Isso nos permite afirmar que o resultado mais baixo não chegou a 25% do teste. Segue-se 1 teste com 3 erros, 3 testes com 2 e os restantes 12 testes com apenas 1 erro, além dos 11 testes com 100% de acerto.

Os 28 participantes responderam corretamente aos 6 itens da 1ª. questão, na qual é preciso indicar, dentre as diferentes formas, aquela adequada a explicar cada EI em negrito nos microcontextos. Tal resultado representa 30% do total do teste.

Na linha ‘erros por questão’, nas duas tabelas, nota-se que as incorreções concentram-se no *item b* (5 sobre 17) da 2ª. questão, e no *item 2* (6 sobre 17), da 3ª. questão. O *item b* testa a compreensão de EIs sinônimas. O *item 2* testa a compreensão da EI *fare a fettine* no contexto da frase ‘*I giornali hanno criticato duramente l’atteggiamento del presidente, l’hanno fatto’*, na qual o estudante deve sublinhar a opção correta dentre as seguintes: *dormire sugli allori/di tutti i colori/a fettine/annegare in un bicchier d’acqua*. Dos 5 resultados incorretos obtidos, 4 devem-se à escolha da mesma opção – ‘*annegare in un bicchier d’acqua*’.

A compreensão dos sinônimos é testada nos itens *b* e *d* da 2ª questão, na qual é preciso indicar se as afirmativas apresentadas são verdadeiras ou falsas. Para responder ao *item b*, o usuário deve localizar, no verbete *a tutta birra* do DEIIP, a EI *a spron battuto* no campo ‘EI sinônima’, assinalando como V (verdadeira) a frase ‘*Se un lavoro va a tutta birra vuol dire anche che va a spron battuto*’. Como vimos no parágrafo anterior, esse item foi um dos que apresentou maior índice de incorreções, ainda que, no cômputo global, não tenham sido muitas (5 em um total de 17 respostas).

Já o *item d*, que verifica a compreensão da EI *mandare in brodo di giuggiole*, não apresentou incorreções: todos os participantes assinalaram como V (verdadeira) a frase ‘*Se qualcosa ti manda in brodo di giuggiole significa che ti manda al settimo cielo*’. Esse último desempenho, quando comparado ao do *item b*, nos leva a pensar que talvez a semelhança

entre as EIs nas duas línguas – *essere/mandare al settimo cielo* e ‘estar no sétimo céu’ – tenha contribuído para esse resultado positivo.

A **segunda parte** da testagem é o questionário com perguntas sobre como o usuário se sentiu ao utilizar o dicionário, sua opinião sobre ele e sugestões para melhorá-lo.

De maneira geral, os usuários responderam que se sentiram à vontade consultando o DEIIP e que as informações oferecidas são completas, relevantes e de fácil compreensão.

Quanto à busca, muitos referiram que tiveram alguma dificuldade a princípio, que em seguida foi sanada. A procura se deu geralmente pela palavra-chave e/ou na página principal do dicionário acessando as palavras de A a Z.

Alguns observaram que gostariam de acessar a EI por meio de todas as suas palavras. Um dos exemplos de busca referidos foi o da EI ‘*bere il bicchiere della staffa*’: nesse caso, ao fazer a busca por *staffa* (a palavra ‘mais estranha’), o usuário lamentou não ter encontrado um verbete (como se trata de uma amostragem de *gastronomismos*, as palavras indexadoras são apenas as que se referem a esse campo léxico). Outra observação interessante a esse respeito foi a de um aluno que assinalou todas as palavras das EIs pelas quais gostaria de acessá-las no dicionário. Essa observação nos fez perceber que a EI *bollire come una pentola di fagioli*, por exemplo, deveria poder ser acessada, na nossa amostragem, pelos três elementos: *bollire*, *pentola* e *fagiolo*. Essa observação nos ajudou a aperfeiçoar a amostragem.

De forma geral, as observações sobre o campo ‘tradução literal’ são as seguintes:

- ajuda o usuário do dicionário a compreender a origem da EI e a assimilá-la mais facilmente;
- é interessante conhecer as associações cognitivas feitas pelos nativos da língua, além de ajudar a entender a expressão;
- é importante para aprender o significado de novas palavras.
- o usuário pode não conhecer alguma palavra e, com a tradução literal, não precisa consultá-la em outro dicionário;
- é importante saber o significado de cada palavra, mas é preciso chamar mais a atenção para o fato de não ser o significado figurado;
- ajuda a aumentar vocabulário, apesar de não contribuir tanto para a compreensão da expressão;
- é perfeito e auxiliou a compreender palavras desconhecidas das EIs. É um sistema importante e criativo.
- é desnecessário (resposta de 2 participantes).

Outras observações referidas são:

- os exemplos são muito didáticos.
- as variantes e os exemplos são importantes para a compreensão da EI.
- caso uma definição não fique clara, as outras informações dos verbetes colaboram para a compreensão.
- é importante conhecer outras EIs de mesmo significado.

Críticas e sugestões dos alunos participantes para melhorar o DEIIP:

- seria melhor dispensar o uso das siglas (EIT, EPB), o termo expandido facilitaria a consulta;
- melhorar o botão de busca do dicionário (está apenas um "B");
- buscar pela expressão completa, e não apenas por uma palavra²⁶⁶;
- inserir a tradução da definição para o aluno que está nos níveis iniciais;
- inserir o campo de busca e os *links* por letras em todas as páginas (quando se clica na EI, desaparece o campo de busca e os *links* de A a Z. Deve-se clicar em voltar, ou em dicionário, para aparecerem novamente);
- ao procurar por *fettine* não apareceu o vocábulo *fetta*, em cujo verbe *fettine* aparece como parte de uma EIT variante.
- encontrar um modo mais fácil de acessar outra EI sem precisar voltar duas vezes quando se está dentro de um verbe;
- oferecer o dicionário também na direção português-italiano;
- continuar com a pesquisa para que tenhamos acesso a cada vez mais EIs.

Na primeira parte, os ótimos resultados obtidos nas respostas aos exercícios com consulta ao dicionário evidenciaram que, de maneira geral, os estudantes compreenderam as EIs testadas em contexto. Por outro lado, as respostas ao questionário, que compõe a segunda parte da testagem, também foram muito reveladoras e atingiram plenamente o objetivo, ou seja, mostrar como os alunos interagem com a amostragem do DEIIP e o que sugerem para aperfeiçoá-lo segundo suas necessidades.

Assim, de acordo com a definição de Swanepoel (2001, p.167) segundo a qual

[...] a *qualidade funcional* de um dicionário é o nível em que os aspectos da sua concepção (conteúdo, estrutura, estilo, *layout* e suporte), nos limites de suas funções e da competência dos seus usuários, lhes fornecem eficientemente o tipo de suporte lexical que eles precisam para realizar os

²⁶⁶ Na verdade essa busca **já é possível**, porém a ferramenta deve ser ainda aperfeiçoada.

diferentes tipos de atividades comunicativas e de aprendizagem nas quais estão envolvidos, em diferentes contextos de uso,²⁶⁷

vistos os resultados do teste e as respostas fornecidas pelos estudantes no questionário, pode-se afirmar que a testagem realizada revelou que o hiperdicionário de EIs *é funcional*.

8.2 A AMOSTRAGEM DO DEIIP

Apresentamos, a seguir, a amostragem de 60 verbetes com gastronomismos linguísticos extraídos do cruzamento das cinco obras lexicográficas que constituem o repertório do APÊNDICE E, composto de um total de 354 EIs, como reproduzido na p. 283.

Optamos por apresentar um só verbete em cada página para dar ao leitor a percepção de que ele está em um Ambiente Virtual. De fato, o aprendiz-usuário vai visualizar, na tela do computador, apenas um verbete de cada vez.

acciuga	
EIT	magro come un' acciuga ★★★
EPB1	magro como um palito
EPB2	seco (magro) como um pau de virar tripa
EPB3	seco como um bacalhau (de porta de venda)
Definição	Persona excessivamente magra.
Tradução literal ⚠	magro como uma anchova
EIT variante	secco come un' acciuga ★
EIT sinônima	magro come un grissino★★ / secco come un grissino★ / magro come un chiodo★★★ / magro come uno stecco★★ / magro come uno spaghetti★ / secco come uno spaghetti★ / magro come un'aringa★ / secco come un'aringa +
Exemplo 1	Andrea, che è magro come un' acciuga , riesce a passare in mezzo alle sbarre della cancellata intorno allo stadio.
Exemplo 2	Era un ragazzetto magro come un'acciuga ma sveglio e dotato di fiuto, elettrico come una lampadina perennemente accesa.

²⁶⁷ No original: “The functional quality of a dictionary is the degree to which a dictionary, qua its design features (i.e. its content, structure, style, layout, and medium), within the limits of its intended function(s), and the competencies of its (target) users, successfully provides them with the kind of lexical support they need for the various kinds of SLcommunicative and learning activities in which they engage in different contexts of use”.

[Ver mais](#)

acciuga	
EIT	secco come un'acciuga★
EPB1	magro como um palito
EPB2	seco (magro) como um pau de virar tripa
EPB3	seco como um bacalhau (de porta de venda)
Definição	Persona eccessivamente magra.
Tradução literal 🚩	seco como uma anchova
EIT variante	magro come un'acciuga★★★
EIT sinônima	magro come un grissino★★ / secco come un grissino★ / magro come un chiodo★★★ / magro come uno stecco★★ / magro come uno spaghetti★ / secco come uno spaghetti★ / magro come un'aringa★ / secco come un'aringa+
Exemplo 1	Era un ragazzo di diciannove anni, capelli scuri, alto e secco come un'acciuga , con i jeans e la maglietta rossa.
Exemplo 2	Chi voleva vedere Rambo ci rimane male: il nostro eroe è piccolino di statura e secco come un'acciuga .

[Ver mais](#)

alloro	
EIT	dormire sugli allori ★★★
EPB	dormir nos (sobre os) louros
Definição	Restare inoperosi accontentandosi dei risultati ottenuti.
Tradução literal 🚧	dormir sobre os louros
EIT variante	riposare sugli allori ★★★
Exemplo 1	L'allenatore aveva avvisato i calciatori di non dormire sugli allori e sui punti che la squadra aveva già accumulato.
Exemplo 2	Il giovane erede ha scelto di non lavorare nell'azienda fondata dai suoi antenati con l'intento proprio di non dormire sugli allori del business di famiglia.

[Ver mais](#)

alloro	
EIT	riposare sugli allori ★★★
EPB	dormir nos (sobre os) louros
Definição	Restare inoperosi accontentandosi dei risultati ottenuti.
Tradução literal 🚧	repousar sobre os louros
EIT variante	dormire sugli allori ★★★
Exemplo 1	È un attore che ha l'umiltà di continuare a studiare per migliorarsi, senza riposare sugli allori di una fama mondiale acquistata in gioventù.
Exemplo 2	Fin da quando il pilota ha iniziato a correre in formula 1 ha sempre pensato che mai si dovesse riposare sugli allori , ma ricercare un miglioramento continuo.

[Ver mais](#)

aringa	
EIT	magro come un' aringa ★
EPB1	magro como um palito
EPB2	seco [magro] como um pau de virar tripa
EPB3	seco como um bacalhau [de porta de venda]
Definição	Persona eccessivamente magra.
Tradução literal 🚧	magro como um arenque
EIT variante	secco come un' aringa +
EIT sinônima	magro come un grissino★★ / magro come un chiodo★★★ / secco come un'acciuga★ / magro come un'acciuga★★★ / magro come uno stecco★★ / magro come uno spaghetti★ / secco come uno spaghetti★ / secco come un grissino★
Exemplo1	Dalla guerra greco-turca il nonno garibaldino era tornado a casa magro come un'aringa .
Exemplo 2	Anche quei soldati magri come un'aringa erano ritenuti abili arruolati dall'ufficiale medico del distretto.

[Ver mais](#)

aringa	
EIT	1. secco come un'aringa (affumicata) +
EPB1	magro como um palito
EPB2	seco (magro) como um pau de virar tripa
EPB3	seco como um bacalhau (de porta de venda)
Definição	Persona eccessivamente magra.
Tradução literal 	seco como um arenque
EIT variante	magro come un'aringa *
EIT sinônima	magro come un grissino ** / magro come un chiodo *** / secco come un'acciuga * / magro come un'acciuga *** / magro come uno stecco ** / magro come uno spaghetti * / secco come uno spaghetti * / secco come un grissino *
Exemplo 1	Incontriamo Hamisa, il falegname, un ometto secco come un'aringa , sudatissimo, intento a segare a metà un tronco enorme.
Exemplo 2	Mio zio era scuro e secco come un'aringa affumicata .

	2. secco come un'aringa (salata/affumicata) +
EPB	seco por [uma bebida, alcoólica ou não]
Definição	Assetato, bisognoso di bere [soprattutto in senso scherzoso per un bevitore].
Tradução literal 	seco como um arenque
EIT variante	Ø
EIT sinônima	Ø
Exemplo 1	La climatizzazione era molto spinta, freddo e aria veramente troppo secca. Devi prendere ogni mezz'oretta un po' di liquidi altrimenti scendi dall'aereo che sei secco come un'aringa .
Exemplo 2	Ma il povero Panurgo ne bevve molto di più perché era secco come un'aringa salata .
Nota de uso	A EPB 'seco por', além de significar 'sedento, ávido, desejoso de' referido a bebidas [seco por um copo d'água, seco por uma cerveja], também se aplica a outros objetos [seco por um cigarro, seco por uma comidinha caseira: 'O camelo nem fazia questão de beber, mas estava seco por comer '].

[Ver mais](#)

arrosto	
EIT	molto fumo e poco arrosto ★★★
EPB	muita fumaça e pouco fogo
Definição	Più apparenza che sostanza.
Tradução literal ⚠	muita fumaça e pouco assado
EIT variante	più fumo che arrosto ★★★ / tanto fumo e poco arrosto ★★★ / troppo fumo e poco arrosto ★
EIT sinônima	Ø
Exemplo 1	L'allenatore ha capito che le alternative per comporre la squadra non convincevano affatto: un attaccante che è molto fumo e poco arrosto , un altro che non riesce a mettersi in mostra, un centravanti un po' troppo maturo.
Exemplo 2	C'è molto fumo e poco arrosto nelle decisioni della Commissione europea su energia e clima.
Nota de uso	1. Expressão encontrada também nas formas mais intensivas tutto fumo e niente arrosto [<i>Oggi la moda è tutto fumo e niente arrosto e ha perso la qualità</i>] e fumo senza arrosto [<i>Il resto è stato fumo senza arrosto per un pubblico ingénuo</i>]. 2. Não confundir a EI fumo senza arrosto [aparência sem substância] com o provérbio Non c'è fumo senza arrosto [se há indícios certamente há uma causa], cujo equivalente é 'Onde tem fumaça tem fogo'.

[Ver mais](#)

* **Link** que remete ao provérbio **Non c'è fumo senza arrosto** no *Dizionario dei Proverbi Italiano-Portoghese* previsto no AVA.

arrosto	
EIT	più fumo che arrosto ★★★
EPB	muita fumaça e pouco fogo
Definição	Più apparenza che sostanza.
Tradução literal 🚧	mais fumaça do que assado
EIT variante	molto fumo e poco arrosto ★★★ / tanto fumo e poco arrosto ★★★ / troppo fumo e poco arrosto ★
EIT sinônima	∅
Exemplo	L'egemonia americana, dalla Cina al Medio Oriente, si è rivelata più fumo che arrosto .
Nota de uso	1. Expressão encontrada também nas formas mais intensivas tutto fumo e niente arrosto [<i>Oggi la moda è tutto fumo e niente arrosto e ha perso la qualità</i>] e fumo senza arrosto [<i>Il resto è stato fumo senza arrosto per un pubblico ingénuo</i>]. 2. Não confundir a EI fumo senza arrosto [aparência sem substância] com o provérbio Non c'è fumo senza arrosto [se há indícios certamente há uma causa], cujo equivalente é 'Onde tem fumaça tem fogo'.

[Ver mais](#)

* **Link** que remete ao provérbio **Non c'è fumo senza arrosto** no *Dizionario dei Proverbi Italiano-Portoghese* previsto no AVA.

arrosto	
EIT	tanto fumo e poco arrosto ★★★
EPB	muita fumaça e pouco fogo
Definição	Più apparenza che sostanza.
Tradução literal 	muita fumaça e pouco assado
EIT variante	molto fumo e poco arrosto ★★★ /più fumo che arrosto ★★★ /troppo fumo e poco arrosto ★
EIT sinônima	Ø
Exemplo	Dove sono finite le promesse per una riduzione del carico fiscale per chi produce e compete? Insomma tanto fumo e poco arrosto .
Nota de uso	1. Expressão encontrada também nas formas mais intensivas tutto fumo e niente arrosto [<i>Oggi la moda è tutto fumo e niente arrosto e ha perso la qualità</i>] e fumo senza arrosto [<i>Il resto è stato fumo senza arrosto per un pubblico ingénuo</i>]. 2. Não confundir a EI fumo senza arrosto [aparência sem substância] com o provérbio Non c'è fumo senza arrosto [se há indícios certamente há uma causa], cujo equivalente é 'Onde tem fumaça tem fogo'.

[Ver mais](#)

* **Link** que remete ao provérbio **Non c'è fumo senza arrosto** no *Dizionario dei Proverbi Italiano-Portoghese* previsto no AVA.

arrosto	
EIT	troppo fumo e poco arrosto ★
EPB	muita fumaça e pouco fogo
Definição	Più apparenza che sostanza.
Tradução literal ⚠	fumaça demais e pouco assado
EIT variante	molto fumo e poco arrosto ★★★ /più fumo che arrosto ★★★ /tanto fumo e poco arrosto ★★★
EIT sinônima	∅
Exemplo	È un lavoro che non mi soddisfa, è troppo fumo e poco arrosto . Preferirei lavorare con i progetti di sostegno ai Paesi in via di sviluppo.
Nota de uso	1. Expressão encontrada também nas formas mais intensivas tutto fumo e niente arrosto [<i>Oggi la moda è tutto fumo e niente arrosto e ha perso la qualità</i>] e fumo senza arrosto [<i>Il resto è stato fumo senza arrosto per un pubblico ingénuo</i>]. 2. Não confundir a EI fumo senza arrosto [aparência sem substância] com o provérbio Non c'è fumo senza arrosto [se há indícios certamente há uma causa], cujo equivalente é 'Onde tem fumaça tem fogo'.

[Ver mais](#)

* [Link](#) que remete ao provérbio **Non c'è fumo senza arrosto** no *Dizionario dei Proverbi Italiano-Portoghese* previsto no AVA.

bicchiere	
EIT	affogare in un bicchier d'acqua ★
EPB1	afogar-se em um copo d'água
Definição	Trovarsi in difficoltà di fronte a problemi banali.
Tradução literal ⚠	afogar em um copo d'água
EIT variante(s)	perdersi in un bicchier d'acqua ★★★
Exemplo 1	Trattasi di una banalità, non possono assolutamente permettersi di affogare in un bicchier d'acqua .
Exemplo 2	Chi è troppo emotivo rischia di affogare in un bicchier d'acqua , chi è di poche parole può scivolare nella scena muta.

[Ver mais](#)

bicchiere	
EIT	perdersi in un bicchier d'acqua ★★★
EPB1	afogar-se em um copo d'água
Definição	Trovarsi in difficoltà di fronte a problemi banali.
Tradução literal 🚧	perder-se em um copo d'água
EIT variante(s)	affogare in un bicchier d'acqua ★
Exemplo 1	Giulia si perde in un bicchier d'acqua se per caso va al supermercato senza la lista della spesa.
Exemplo 2	La squadra cade nei soliti difetti di perdersi in un bicchier d'acqua : perde palloni in eccesso, è molle nei rientri, distratta in difesa.

[Ver mais](#)

bicchiere	
EIT	bere il bicchiere della staffa ★
EPB1	tomar (beber) a saideira
Definição	Bere l'ultimo bicchiere prima di congedarsi dagli amici, in genere per tornare a casa.
Tradução literal 🚧	beber o copo do estribo
EIT variante	farsi il bicchiere della staffa ★
EIT sinônima	Ø
Exemplo 1	Alle undici è iniziata in biblioteca la proiezione di un film e verso mezzanotte abbiamo bevuto il bicchiere della staffa.
Exemplo 2	Qui il gruppo berrà il bicchiere della staffa , brindando al miglior cacciatore.

[Ver mais](#)

bicchiere	
EIT	farsi il bicchiere della staffa ★
EPB1	tomar (beber) a saideira
Definição	Bere l'ultimo bicchiere prima di congedarsi dagli amici, in genere per tornare a casa.
Tradução literal ⚠	fazer-se o copo do estribo
EIT variante	bere il bicchiere della staffa ★
EIT sinônima	∅
Exemplo 1	Allo scultore eremita piaceva uscire a notte fonda per farsi il bicchiere della staffa negli allegri postriboli francesi.
Exemplo 2	Qualcuno fa una nuova amicizia e più tardi alcuni frequentatori, chiacchierando, ccchiere della staffa sempre all'aperto.

[Ver mais](#)

birra	
EIT	a tutta birra ★★★
EPB1	a toda
EPB2	a mil
Definição	A grande velocità.
Tradução literal ⚠	a toda cerveja
EIT variante(s)	Ø
EIT sinônima(s)	a tutto gas ★★★ / a spron battuto ★★★
Exemplo 1	Lui è letteralmente scappato fendendo il gruppetto dei giornalisti in attesa, con il muso nero della potente Mercedes lanciata a tutta birra .
Exemplo 2	Per evitare la coda, le auto scartano sulla corsia preferenziale riservata ai bus e vanno a tutta birra .

[Ver mais](#)

biscotto	
EIT	fare il biscotto ★★
EPB	fazer jogo de comadre
Definição	Truccare un evento sportivo con mezzi illeciti, spec. concordandone preventivamente il risultato.
Tradução literal ⚠	fazer o biscoito
EIT variante	fare un biscotto ★
EIT sinônima	Ø
Exemplo 1	È tutta colpa dell'allenatore che ha fatto il biscotto , garantendo il risultato a danno della nostra squadra.
Exemplo 2	È una squadra che esporta un calcio nuovo, fatto di spettacolo e divertimento. Come possiamo pensare che facciano un biscotto ?
Nota de uso	1. Expressão oriunda do mundo da hípica, usada sobretudo em contextos associados ao futebol. Refere-se à manipulação do resultado de corridas de cavalos, aos quais eram oferecidos biscoitos que continham substâncias proibidas e que condicionavam o seu desempenho, para melhor ou para pior. 2. É mais frequente a forma reduzida da expressão – <i>il biscotto</i> [<i>Il biscotto</i> annunciato tra Danimarca e Svezia (2-2) ha decretato la fine della squadra del Portogallo]; <i>un biscotto</i> [L'allenatore spagnolo sospettato in Italia di poter confezionare <i>un «biscotto»</i> con la Croazia è assolto da tutti in Spagna]. Pode também ser acompanhada de outros verbos [Il Brescia dovrà battere il Varese sabato e <i>sperare in un «biscotto»</i> fra Empoli e Verona, ai quali basterebbe un pari; “ <i>Non vogliamo il biscotto</i> ” gridano i tifosi negli ultimi minuti di gara].

[Ver mais](#)

brodo	
EIT	fare brodo lungo ★
EPB1	fazer uma lenga-lenga
Definição	Discorso o racconto prolisso, anche solfa interminabile e noiosa. Si dice anche di una situazione trascinata nel tempo senza risoluzione.
Tradução literal ⚠	fazer caldo longo
EI variante (s)	fare un brodo lungo +
EI sinonima (s)	∅
Exemplo 1	A un certo punto del film le storie si intrecciano un po' confusamente, il regista fa brodo lungo , l'intellettualismo rischia di dominare la fantasia.
Exemplo 2	Il regista italiano va dritto allo scopo; quello portoghese invece fa brodo lungo , ma lo si assolve per le frequenti uscite brillanti.

[Ver mais](#)

brodo	
EIT	mandare [qc] in brodo di giuggiole ★★
EPB1	deixar nas nuvens
EPB2	deixar no sétimo céu
Definição	Deliziare, riempire [qc].di gioia.
Tradução literal ⚠	mandar [alg]em caldo de jujubas
EIT variante	Ø
EIT sinônima (s)	mandare al settimo cielo ★★★ / mandare in visibilio★★ / mandare in solluchero★
Exemplo	Questo è il complimento che più mi manda in brodo di giuggiole .
Nota de uso	A jujuba (<i>giuggiola</i>) é uma fruta carnosa originária da China, do tamanho de uma azeitona, hoje pouco conhecida e consumida na Itália, onde antigamente era usada para fazer geleias. Tem a polpa amarelada e farinácea, casca marrom avermelhada e sabor doce, mais intenso quando a fruta murcha. O brodo di giuggiole é um licor adocicado feito com a infusão da fruta. No Brasil, a jujuba (<i>ziziphus jujube</i>) é mais conhecida no Norte e no Nordeste, e o nome 'jujuba', mais do que à fruta, remete à bala , de cores e sabores variados, feita da goma que dela se extrai.

[Ver mais](#)

brodo	
EIT	lamentarsi del brodo grasso ★
EPB1	reclamar de barriga cheia
Definição	Situazione in cui, pur essendo nel benessere e nel privilegio, ci si lamenta ugualmente.
Tradução literal 🚧	queixar-se do caldo gordo
EIT variante(s)	lagnarsi del brodo grasso +/ dolersi del brodo grasso +
EIT sinonima (s)	lamentarsi di gamba sana +/dolarsi di gamba sana +
Exemplo 1	In quella città si vive benissimo. I cittadini però non lo riconoscono e si lamentano del brodo grasso.
Exemplo 2	La nostra squadra non ha vinto, ma almeno è riuscita a evitare la sconfitta. Non lamentiamoci del brodo grasso.

[Ver mais](#)

buccia	
EIT	salvare la buccia ★
EPB1	salvar a pele
EPB2	salvar o couro
Definição	Riuscire a sottrarsi a un pericolo di morte.
Tradução literal ⚠	salvar a casca
EIT sinônima(s)	salvare la pelle ★★★ / salvare la ghirba ★★
Exemplo 1	Ormai al crepuscolo, non si vede come la squadra di pallacanestro possa salvare la buccia .
Exemplo 2	Il nostro eroe riuscirà ancora una volta a salvare la buccia , scoprendo un intrigo pazzesco per sovvertire l'ordine mondiale.

[Ver mais](#)

cacio	
EIT	come il cacio sui maccheroni ★★★
EPB1	como uma luva
EPB2	a calhar
Definição	Indica una cosa, una persona o un avvenimento che si presenta al momento giusto, che è in grado di portare qualcosa a compimento o a perfezionamento.
Tradução literal ⚠	como o queijo no macarrão
EIT variante	come il formaggio sui maccheroni ★
EIT sinonima	a pennello
Exemplo 1	L'abbondante nevicata dei giorni scorsi e' stata come il cacio sui maccheroni : ora fioccano le prenotazioni per le settimane bianche.
Exemplo 2	Abbiamo trovato a Roma un immobile che capita come il cacio sui maccheroni : adeguato alle nostre esigenze, vicino alla casa dei nostri genitori.
Exemplo 3	E intanto, come il cacio sui maccheroni , dal comune di Novara e dal teatro Coccia era arrivata l'offerta di fare qualcosa insieme.
Exemplo 4	Queste decisioni cadono proprio come il cacio sui maccheroni per allargare ancora di più i consensi nei confronti del presidente del Consiglio.
Exemplo 5	Anche questa è un'altra novità del ristorante: il pepe sul dolce? Devo dire la verità? Ci sta come il cacio sui maccheroni .

[Ver mais](#)

carne	
EIT	né carne né pesce ★★★
EPB1	não feder, nem cheirar
EPB2	nem carne, nem peixe
EPB3	nem uma coisa nem outra
Definição	Non avere un carattere ben definito, essere ambiguo, irresoluto, insulso [riferito sia a persone che a cose].
Tradução literal 🏰	nem carne, nem peixe
EIT variante	Ø
EIT sinônima	né cotto, né crudo +
Exemplo 1	La cantante ha affermato al Festival di San Remo che ci sono momenti in cui le sembra di essere inadeguata e che non si sente né carne né pesce .
Exemplo 2	In politica, quelli che mantengono buoni rapporti con persone di partiti fra loro opposti rischiano di essere considerati “ né carne né pesce ”.

[Ver mais](#)

carne	
EIT	carne da macello ★★★
EPB1	carne de canhão
EPB2	bucha de canhão
Definição	Riferito alla massa dei soldati in quanto manovrati dall'alto ed esposti alla morte. Per est., chiunque venga messo in una condizione di pericolo mortale senza che possa far nulla per sottrarvisi.
Tradução literal 	carne para abate
EIT variante	∅
EIT sinônima	carne da cannone ★★★
Exemplo 1	Lui diceva di non aver paura della famiglia di mafiosi mentre era in Tribunale. Aveva paura per quando sarebbe uscito perché era carne da macello .
Exemplo 2	I bambini di Gaza non sono mai stati altro che carne da macello per gli integralisti islamici andati al potere con la forza.
Exemplo 3	Le avevano promesso un lavoro sicuro nel settore del commercio, invece è diventata carne da macello , sfruttata da una rete molto più grande di lei.

[Ver mais](#)

carne	
EIT	carne da cannone ★★★
EPB1	carne de canhão
EPB2	bucha de canhão
Definição	Riferito alla massa dei soldati in quanto manovrati dall'alto ed esposti alla morte. Per est., chiunque venga messo in una condizione di pericolo mortale senza che possa far nulla per sottrarvisi.
Tradução literal ⚠	carne de canhão
EIT variante	∅
EIT sinônima	carne da macello ★★★
Exemplo 1	In questo dibattito il candidato sarà carne da cannone per le telecamere, senza grandi possibilità di esprimere il suo punto di vista.
Exemplo 2	Nel 1899, migliaia di giovani chiamati a immolarsi per la troppo fragile patria vanno a formare più di cento battaglioni, carne da cannone da consumare fra l'altopiano del Carso e il fiume Isonzo.

[Ver mais](#)

carne	
EIT	né carne né pesce ★
EPB1	não feder, nem cheirar
EPB2	nem carne, nem peixe
Definição	Non avere un carattere ben definito, essere ambiguo, irresoluto, insulso [riferito sia a persone che a cose].
Tradução literal ⚠	nem carne, nem peixe
EIT variante	Ø
EIT sinônima	né cotto, né crudo +
Exemplo 1	La cantante ha affermato al Festival di San Remo che ci sono momenti in cui le sembra di essere inadeguata e che non si sente né carne né pesce .
Exemplo 2	In politica, quelli che mantengono buoni rapporti con persone di partiti fra loro opposti rischiano di essere considerati « né carne né pesce ».

[Ver mais](#)

carne	
EIT	troppa carne al fuoco ★★★
EPB1	Ø começar muitas coisas simultaneamente
Definição	Cominciare troppe cose contemporaneamente
Tradução literal ⚠	carne demais no fogo
EIT variante	tanta carne al fuoco ★★★ / molta carne al fuoco ★★★
Exemplo 1	Mettiamo in discussione un solo argomento. Non credo che si debba mettere troppa carne al fuoco , anche se siamo pronti a dialogare su tutto.
Exemplo 2	È bene ricordare che non serve mettere troppa carne al fuoco : ogni problema ha una sua soluzione e ciò che serve a risolvere un problema, non e' detto che sia applicabile ad altro.

[Ver mais](#)

carne	
EIT	tanta carne al fuoco ★★★
EPB1	∅ começar muitas coisas simultaneamente
Definição	Cominciare troppe cose contemporaneamente
Tradução literal ⚠	muita carne no fogo
EIT variante	troppa carne al fuoco ★★★ / molta carne al fuoco ★★★
Exemplo	Almodóvar mette tanta carne al fuoco dell' attualità: la bioetica, la violenza carnale, la chirurgia plastica, la voglia di cambiare sesso, l' incomprensione,

[Ver mais](#)

carne	
EIT	molta carne al fuoco ★★★
EPB1	Ø começar muitas coisas simultaneamente
Definição	Cominciare troppe cose contemporaneamente
Tradução literal ⚠	muita carne no fogo
EIT variante	troppa carne al fuoco ★★★ / tanta carne al fuoco ★★★
Exemplo	Siamo sempre pronti a valutare alleanze e acquisizioni. C'è molta carne al fuoco , per esempio, sul fronte delle energie alternative.

[Ver mais](#)

cavolo	
EIT	non capire un cavolo ★
EPB1	não entender um ovo
EPB2	não entender bulhufas
EPB3	não entender patavina
Definição	Non capire niente.
Tradução literal 🚩	não entender uma couve
EIT variante	non capirci un cavolo
EIT sinônima	non capire un'acca/non capire un cazzo [<i>vulg.</i>] /non capire un accidente/non capire un tubo
Exemplo 1	Per carità, non cominciate a dire che non leggete poesie perché nelle poesie spesso non si capisce un cavolo e perché non si ride mai.
Exemplo 2	Per loro sei obsoleto, sei uno che non ha capito un cavolo nella vita e hai il cervello rimbambito da quello che hai letto sui libri.
Exemplo 3	Al telefono il medico mi tranquillizza dicendomi che tutta Roma è a letto con l' influenza e che dopo tre giorni di riposo passa tutto. Ma secondo me questo medico non ci capisce un cavolo!

[Ver mais](#)

cavolo	
EIT	entrarci come il cavolo a merenda ★★
EPB1	não ter nada a ver o cu com as calças [vulg]
EPB2	não ter nada a ver uma coisa com a outra
Definição	Situazione o discorso inopportuno, non appropriato o pertinente.
Tradução literal 	ter a ver como a couve no lanche
EIT variante	starci come il cavolo a merenda ★★
EIT sinônima	∅
Exemplo 1	«L' articolo 18 con la manovra finanziaria c' entra come il cavolo a merenda , vedrai che tutto il popolo italiano finirà per scendere in piazza».
Exemplo 2	Non c'erano guide utili a illustrare il percorso, senza contare la presenza di qualche pezzo che con la mostra c'entrava come il cavolo a merenda .
Nota de uso	A EPB1 é expressão vulgar muito usada. Frequentemente é omitido o elemento causador do constrangimento ['não ter nada a ver **com as calças'] ou a expressão é reduzida para 'não ter nada a ver'.

[Ver mais](#)

cavolo	
EIT	starci come il cavolo a merenda ★★
EPB1	não ter nada a ver o cu com as calças [vulg]
EPB2	não ter nada a ver uma coisa com a outra
Definição	Situazione o discorso inopportuno, non appropriato o pertinente.
Tradução literal 🚧	ter a ver como a couve no lanche
EIT variante	entrarci come il cavolo a merenda ★★
EIT sinônima	Ø
Exemplo	Lei poteva essere volontaria in Italia, quindi non chiamate in causa il volontariato ed altre amenità del genere perché qui ci stanno come il cavolo a merenda.
Nota de uso	A EPB1 é expressão muito frequente. Muitas vezes é omitido o elemento causador do constrangimento [“não ter nada a ver **com as calças”] ou a expressão é reduzida para ‘não ter nada a ver’.

[Ver mais](#)

cotto	
EIT	farne di cotte e di crude ★
EPB1	fazer o diabo a quatro
EPB2	pintar e bordar
EPB3	fazer poucas e boas
Definição	Compiere varie azioni, passare attraverso molte esperienze, specialmente considerate riprovevoli .
Tradução literal ⚠	fazer de cozidas e de cruas
EIT variante	combinarne di cotte e di crude ★
EIT sinônimas	farne di tutti i colori ★★★ /combinarne di tutti i colori ★★★
Exemplo 1	Non può scomparire dall'orizzonte un decennio dove ne abbiamo visto farne di cotte e di crude e portare questo paese alla deriva.
Exemplo 2	Anche Sant' Agostino ne fece di cotte e di crude in gioventù.

[Ver mais](#)

cotto	
EIT	combinarne di cotte e di crude ★
EPB1	fazer o diabo a quatro
EPB2	pintar e bordar
EPB3	fazer poucas e boas
Definição	Compiere varie azioni, passare attraverso varie esperienze, specialmente considerate riprovevoli .
Tradução literal ⚠	fazer de cozidas e de cruas
EIT variante	farne di cotte e di crude ★
EIT sinônima(s)	farne di tutti i colori ★★★ /combinarne di tutti i colori ★★★
Exemplo	Il centrocampista Lanzafame ne combina di cotte e di crude . Superato in velocità da Robinho, lo trancia in area spalancando così le porte della partita al Milan.

[Ver mais](#)

cotto	
EIT	1. né cotto , né crudo +
EPB1	não fede, nem cheira
EPB2	nem carne, nem peixe
EPB3	nem uma coisa nem outra
Definição	Non avere un carattere ben definito, essere ambiguo, irresoluto, insulso [riferito sia a persone che a cose].
Tradução literal 	nem cozido, nem cru
EIT variante	Ø
EIT sinônima	né carne, né pesce ***
Exemplo 1	Oltre alla prospettiva di venirsi a trovare senza un governo nel pieno delle sue funzioni durante un periodo di turbolenze economiche, l'Italia è imbrigliata in un sistema elettorale che non è ' né cotto né crudo '.
Exemplo 2	Il collaboratore di giustizia è una figura ibrida che si colloca fra il pentito ed il testimone di giustizia, una figura ambigua che vive in una zona grigia, né cotto né crudo .

[Ver mais](#)

crudo	
EIT	farne di cotte e di crude ★
EPB1	fazer o diabo a quatro
EPB2	pintar e bordar
EPB3	fazer poucas e boas
Definição	Compiere varie azioni, passare attraverso molte esperienze, specialmente considerate riprovevoli .
Tradução literal ⚠	fazer de cozidas e de cruas
EIT variante	combinarne di cotte e di crude ★
EIT sinônimas	farne di tutti i colori★★★ combinarne di tutti i colori★★★
Exemplo 1	Non può scomparire dall'orizzonte un decennio dove ne abbiamo visto farne di cotte e di crude e portare questo paese alla deriva.
Exemplo 2	Anche Sant' Agostino ne fece di cotte e di crude in gioventù.

[Ver mais](#)

crudo	
EIT	combinarne di cotte e di crude ★
EPB1	fazer o diabo a quatro
EPB2	pintar e bordar
EPB3	fazer poucas e boas
Definição	Compiere varie azioni, passare attraverso varie esperienze, specialmente considerate riprovevoli .
Tradução literal ⚠	fazer de cozidas e de cruas
EIT variante	farne di cotte e di crude ★
EIT sinônima(s)	farne di tutti i colori ★★★ combinarne di tutti i colori ★★★
Exemplo	Il centrocampista Lanzafame ne combina di cotte e di crude . Superato in velocità da Robinho, lo trancia in area spalancando così le porte della partita al Milan.

[Ver mais](#)

fagiolo	
EIT	capitare a fagiolo ★
EPB1	vir a calhar
Definição	Arrivare al momento giusto, essere opportuno, essere provvidenziale.
Tradução literal ⚠	aparecer [chegar] como feijão
EIT variante(s)	venire a fagiolo ★ / cadere a fagiolo ★ / cascare a fagiolo ★
EIT sinônima(s)	capitare a tiro ★★★ / venire in taglio ★
Exemplo 1	Bisogna vincere e l'avversario sembra capitare a fagiolo , comunque non dobbiamo sottovalutarlo.
Exemplo 2	La sosta capita a fagiolo , siamo un po' stanchi.

[Ver mais](#)

fagiolo	
EIT	venire a fagiolo ★
EPB1	vir a calhar
Definição	Arrivare al momento giusto, essere opportuno, essere provvidenziale.
Tradução literal 🚧	vir como feijão
EIT variante(s)	capitare a fagiolo ★ / cadere a fagiolo ★ / cascare a fagiolo ★
EIT sinônima(s)	capitare a tiro ★★★ / venire in taglio ★
Exemplo 1	i Machiavelli <i>se non riesci a batterli applica i loro metodi</i> viene a fagiolo : l' arrivo di armamenti giapponesi ha apportato dei vantaggi alla vecchia industria automobilistica

[Ver mais](#)

fagiolo	
EIT	cadere a fagiolo ★
EPB1	vir a calhar
Definição	Arrivare al momento giusto, essere opportuno, essere provvidenziale.
Tradução literal ⚠	cair como feijão
EIT variante(s)	capitare a fagiolo ★ / venire a fagiolo ★ / cascare a fagiolo ★
EIT sinônima(s)	capitare a tiro ★★★ / venire in taglio ★
Exemplo 1	Ecco una sentenza del Consiglio di Stato che cade a fagiolo per rendere la vita più facile ai Comuni: lo Stato pagherà le tariffe del biglietto autobus e tram per le categorie esenti.
Exemplo 2	Quel negozio di abbigliamento ritiene che il periodo elettorale cade a fagiolo per divulgare la Costituzione della Repubblica italiana e ne consegna un esemplare a tutti i clienti.

[Ver mais](#)

fagiolo	
EIT	cascare a fagiolo ★
EPB1	vir a calhar
Definição	Arrivare al momento giusto, essere opportuno, essere provvidenziale.
Tradução literal ⚠	cair como feijão
EIT variante(s)	capitare a fagiolo ★ / venire a fagiolo ★ / cadere a fagiolo ★
EIT sinônima(s)	capitare a tiro ★★★ / venire in taglio ★
Exemplo 1	Il Siena, oggi all'Olimpico, è un avversario che casca a fagiolo per la Lazio.
Exemplo 2	Alla Lazio manca ancora vincere una grande squadra del campionato, quindi il Milan domani casca a fagiolo .

[Ver mais](#)

fagiolo	
EIT	bollire come una pentola di fagioli ★
EPB1	falar como [que nem]uma matraca
EPB2	falar pelos cotovelos
EPB3	falar mais que a boca
Definição	Parlare in continuazione.
Tradução literal ⚠	ferver como uma panela de feijão
EIT variante	∅
EIT sinônima	∅
Exemplo	Nell' inventario dei rumori notturni non manca l' inquilino che fino a notte alta tiene acceso il televisore, che bolle come una pentola di fagioli .

[Ver mais](#)

fetta	
EIT	fare a fette qc ★★★
EPB1	fazer picadinho de alg
Definição	Malmenare qc, picchiarlo duramente, umiliarlo. Riferito a un rivale, surclassarlo nettamente.
Tradução literal ⚠	fazer alg em fatias
EIT variante(s)	fare a fettine qc
EIT sinônimas(s)	fare polpetta di qc ★★ / fare salsicce (salsiccia)di qc ★
Exemplo 1	Contro ogni previsione l'ex-manager della famosa pizzeria è riuscito a fare a fette concorrenti più favoriti, conquistandosi la difficilissima Florida.
Exemplo 2	Per uno che non gioca da una vita è normale voler fare a fette il mondo.
Exemplo 3	Se lui si presentasse come candidato a sindaco sarebbe sicuramente capace di fare a fettine gli avversari.

[Ver mais](#)

formaggio	
EIT	come il formaggio sui maccheroni★
EPB1	como uma luva
EPB2	a calhar
Definição	Indica una cosa, una persona o un avvenimento che si presenta al momento giusto, che è in grado di portare qualcosa a compimento o a perfezionamento.
Tradução literal 	como o queijo no macarrão
EIT variante	come il cacio sui maccheroni ★★★
EIT sinonima	a pennello
Exemplo	È chiaro che uno schema da azienda-comunità applicato alle piccole e medie imprese funziona come il formaggio sui maccheroni perché tende a evitare dispersioni e inefficienze.

[Ver mais](#)

giuggiola	
EIT	mandare [qc] in brodo di giuggiole ★★
EPB1	deixar nas nuvens
EPB2	deixar no sétimo céu
Definição	Deliziare, riempire [qc] di gioia.
Tradução literal 	mandar [alg]em caldo de jujubas
EIT variante	Ø
EIT sinônima	mandare al settimo cielo ★★★ /mandare in visibilio★★ /mandare in solluchero★
Exemplo	Questo è il complimento che più mi manda in brodo di giuggiole .
Nota de uso	A jujuba (<i>giuggiola</i>) é uma fruta carnosa originária da China, do tamanho de uma azeitona, hoje pouco conhecida e consumida na Itália, onde antigamente era usada para fazer geléias. Tem a polpa amarelada e farinácea, casca marrom avermelhada e sabor doce, mais intenso quando a fruta murcha. O brodo di giuggiole é um licor adocicado feito com a infusão da fruta. No Brasil, a jujuba (<i>ziziphus jujube</i>) é mais conhecida no Norte e no Nordeste e o nome 'jujuba', mais do que à fruta, remete à bala , de cores e sabores variados, feita da goma que dela se extrai.

[Ver mais](#)

giuggiola	
EIT	andare in brodo di giuggiole ★★★
EPB1	estar nas nuvens
EPB2	estar no sétimo céu
Definição	Uscire quasi di sé dalla contentezza.
Tradução literal 🚧	ficar em caldo de jujubas
EIT variante	essere in brodo di giuggiole
EIT sinônima	mandare al settimo cielo ★★★ /mandare in visibilio★★/mandare in solluchero★
Exemplo1	I tifosi della squadra vincitrice naturalmente sono andati in brodo di giuggiole .
Exemplo 2	Sono in brodo di giuggiole! Aspettavano da giorni questa bella notizia.
Nota de uso	A jujuba (<i>giuggiola</i>) é uma fruta carnosa originária da China, do tamanho de uma azeitona, hoje pouco conhecida e consumida na Itália, onde antigamente era usada para fazer geléias. Tem a polpa amarelada e farinácea, casca marrom avermelhada e sabor doce, mais intenso quando a fruta murcha. O brodo di giuggiole é um licor adocicado feito com a infusão da fruta. No Brasil, a jujuba (<i>ziziphus jujube</i>) é mais conhecida no Norte e no Nordeste e o nome 'jujuba', mais do que à fruta, remete à bala , de cores e sabores variados, feita da goma que dela se extrai.

[Ver mais](#)

grissino	
EIT	magro come un grissino ★★
EPB1	magro como um palito
EPB2	seco [magro] como um pau de virar tripa
EPB3	seco como um bacalhau [de porta de venda]
Definição	Persona eccessivamente magra.
Tradução literal ⚠	magro como um <i>grissino</i>
EIT variante	secco come un grissino ★
EIT sinônima	magro come un'acciuga ★★★ / secco come un'acciuga ★ / magro come un chiodo ★★★ / magro come uno stecco ★★ / magro come uno spaghetti ★ / secco come uno spaghetti ★ / magro come un'aringa ★ / secco come un'aringa +
Exemplo 1	Si faceva la fila per ore solo per ascoltare Indro Montanelli e vederlo arrivare con il suo bastone e il cappello in testa, magro come un grissino , occhi azzurri penetranti come fari.
Exemplo 2	Bassino e magro come un grissino , il gel nei capelli, le guance piene di brufoli come succede alla sua età, Giulio era arrivato qui dopo il riformatorio.
Nota de uso	O <i>grissino</i> é um pão crocante em forma de palitinho.

[Ver mais](#)

grissino	
EIT	secco come un grissino ★
EPB1	magro como um palito
EPB2	seco [magro] como um pau de virar tripa
EPB3	seco como um bacalhau [de porta de venda]
Definição	Persona excessivamente magra.
Tradução literal 🚧	seco como um <i>grissino</i>
EIT variante	magro come un grissino ★★
EIT sinônima	magro come un'acciuga ★★★ / secco come un'acciuga ★★ / magro come un chiodo ★★★ / magro come uno stecco ★★ / magro come uno spaghetti ★ / secco come uno spaghetti ★ / magro come un'aringa ★ / secco come un'aringa +
Exemplo 1	Alessandro è uno spilungone di 1,92, secco come un grissino ma forte e resistente come un toro.
Exemplo 2	Era secco come un grissino , con la guerra aveva perso 36 chili.
Nota de uso	O <i>grissino</i> é um pão crocante em forma de palitinho.

[Ver mais](#)

maccherone	
EIT	come il cacio sui maccheroni ★★★
EPB1	como uma luva
EPB2	a calhar
Definição	Indica una cosa, una persona o un avvenimento che si presenta al momento giusto, che è in grado di portare qualcosa a compimento o a perfezionamento.
Tradução literal 	como o queijo no macarrão
EIT variante	come il formaggio sui maccheroni ★
EIT sinonima	a pennello
Exemplo 1	L' abbondante nevicata dei giorni scorsi e' stata come il cacio sui maccheroni : ora fioccano le prenotazioni per le settimane bianche.
Exemplo 2	Abbiamo trovato a Roma un immobile che capita come il cacio sui maccheroni : adeguato alle nostre esigenze, vicino alla casa dei nostri genitori.

[Ver mais](#)

maccherone	
EIT	come il formaggio sui maccheroni ★
EPB1	como uma luva
EPB2	a calhar
Definição	Indica una cosa, una persona o un avvenimento che si presenta al momento giusto, che è in grado di portare qualcosa a compimento o a perfezionamento.
Tradução literal 🚩	como o queijo no macarrão
EIT variante	come il cacio sui maccheroni ★★★
EIT sinonima	a pennello
Exemplo	È chiaro che uno schema da azienda-comunità applicato alle piccole e medie imprese funziona come il formaggio sui maccheroni perché tende a evitare dispersioni e inefficienze.

[Ver mais](#)

merenda	
EIT	entrarci come il cavolo a merenda ★★★
EPB1	não ter nada a ver o cu com as calças [vulg]
EPB2	não ter nada a ver uma coisa com a outra
Definição	Situazione o discorso inopportuno, non appropriato o pertinente.
Tradução literal 🚩	ter a ver como a couve no lanche
EIT variante	starci come il cavolo a merenda ★★★
EIT sinônima	Ø
Exemplo 1	«L' articolo 18 con la manovra finanziaria c' entra come il cavolo a merenda , vedrai che tutto il popolo italiano finirà per scendere in piazza».
Exemplo 2	Non c'erano guide utili a illustrare il percorso, senza contare la presenza di qualche pezzo che con la mostra c'entrava come il cavolo a merenda .
Nota de uso	A EPB1 é expressão vulgar e muito usada. Frequentemente é omitido o elemento causador do constrangimento [“não ter nada a ver **com as calças”]ou a expressão é reduzida para “não ter nada a ver”.

[Ver mais](#)

olio	
EIT	gettare olio sulle onde ★
EPB1	botar água na fervura
EPB2	jogar água na fervura
EPB3	botar panos quentes
EPB4	colocar panos quentes
EPB5	pôr panos quentes
Definição	Riportare la calma in una situazione di tensione, di lite o simili.
Tradução literal ⚠	jogar óleo nas ondas
EIT variante(s)	buttare olio sulle onde +
EIT sinônima(s)	gettare acqua sul fuoco ★★★ buttare acqua sul fuoco ★★★
Exemplo	Per «pacificare» una maggioranza scossa dall'inchiesta sull'associazione a delinquere e provare a gettare olio sulle onde , il presidente del consiglio decide di distribuire posti vacanti nel governo.

[Ver mais](#)

olio	
EIT	buttare olio sulle onde★
EPB1	botar água na fervura
EPB2	jogar água na fervura
EPB3	botar panos quentes
EPB4	colocar panos quentes
EPB5	pôr panos quentes
Definição	Riportare la calma in una situazione di tensione, di lite o simili.
Tradução literal ⚠	jogar óleo nas ondas
EIT variante(s)	gettare olio sulle onde★
EIT sinônima(s)	gettare acqua sul fuoco★★★ /buttare acqua sul fuoco★★★
Exemplo	“Noi ci teniamo aperte tutte le porte, cercando di buttare olio sulle onde e farla finita con questo sciopero” – há detto il dirigente dell’azienda.

[Ver mais](#)

polpetta	
EIT	fare polpette di qc ★ ★
EPB1	fazer picadinho de alg.
Definição	Malmenare qc, picchiarlo duramente; umiliarlo. Riferito a un rivale, surclassarlo nettamente. Usato anche in senso scherzoso.
Tradução literal ⚠	fazer almôndegas de alg
EIT variante(s)	ridurre in polpette qc ★
EIT sinônimas(s)	fare a fette [fettine]qc ★ ★ ★ / fare salsicce [salsiccia] di qc ★
Exemplo 1	Doveva esserci l' Italia a fare polpette della squadra giapponese, ordinata ma senza gioco.
Exemplo 2	Nel Mondiale 2006 si diceva che i tori spagnoli avrebbero fatto polpette dei vecchi galletti francesi. Ma loro avevano Zidane e la Francia buttò fuori (3-1) la favoritissima Spagna.

[Ver mais](#)

polpetta	
EIT	ridurre in polpette qc ★
EPB1	fazer picadinho de alg.
Definição	Malmenare qc, picchiarlo duramente; umiliarlo. Riferito a un rivale, surclassarlo nettamente. Usato anche in senso scherzoso.
Tradução literal ⚠	reduzir a almôndegas
EIT variante(s)	fare polpette di qc ★★
EIT sinônimas(s)	fare a fette [fettine]qc ★★★ / fare salsicce [salsiccia] di qc ★
Exemplo 1	Ieri il calciatore svedese ha fatto quello che ha voluto, giocando offensivamente e riducendo in polpette gli avversari.
Exemplo 2	Ovvio che se io o mia moglie fossimo aggrediti i nostri cani non esiterebbero a ridurre in polpette l'aggressore.

[Ver mais](#)

prezzemolo	
EIT	essere come il prezzemolo ★★★
EPB	estar em todas
Definição	Essere dappertutto, essere presente in luoghi e situazioni diverse, come il prezzemolo che viene largamente impiegato nelle più disparate preparazioni culinarie.
Tradução literal ⚠	ser como a salsa
EIT variante	∅
EIT sinônima	essere il prezzemolo di ogni minestra ★
Exemplo 1	Non mancano i brasiliani, che ormai sono come il prezzemolo : uno gioca in difesa e l'altro in attacco.
Exemplo 2	Lo zenzero è come il prezzemolo nei nuovi cocktail alla moda tra le élite delle grandi città.
Exemplo 3	Si ironizza sul senatore Bianciardi, che è come il prezzemolo : spunta in ogni trasmissione televisiva.
Nota de uso	Não confundir com a EI essere come il prezzemolo nelle polpette [Não contribuir com nenhuma modificação para uma situação ou estado de coisas, alusão ao sabor forte das almôndegas que não se altera por um eventual acréscimo de salsa].

[Ver mais](#)

prezzemolo	
EIT	essere il prezzemolo di ogni minestra ★
EPB	estar em todas
Definição	Essere dappertutto, essere presente in luoghi e situazioni diverse, come il prezzemolo che viene largamente impiegato nelle più disparate preparazioni culinarie.
Tradução literal ⚠	ser como a salsa
EIT variante	∅
EIT sinônima	essere come il prezzemolo ★★★
Exemplo 1	Tiziano Ferro è il prezzemolo di ogni minestra , da tutte le parti ci sta lui che fa canzoni per teen ager.
Exemplo 2	Lui è il prezzemolo di ogni minestra , il presenzialista di legambiente.
Nota de uso	Não confundir com a EI essere come il prezzemolo nelle polpette [Não contribuir com nenhuma modificação para uma situação ou estado de coisas, alusão ao sabor forte das almôndegas que não se altera por um eventual acréscimo de salsa].

[Ver mais](#)

ricotta	
EIT	mani di ricotta ★
EPB1	mãos de manteiga
Definição	Riferito a una persona che lascia regolarmente cadere tutto di mano.
Tradução literal 🚩	mãos de ricota
EIT sinônimas(s)	mani di burro ★★ / mani di pasta frolla / mani di vetro †
Exemplo 1	Perchè ammettiamolo che ogni tanto ti ritrovi le mani di ricotta e tutto quello che hai tra le dita va a finire per terra per ragioni fisiche che tu ignori.
Exemplo 2	Può capitare a tutti di avere le mani di ricotta e far scivolare la torta dal piatto proprio nel momento in cui la si sta capovolgendo.

[Ver mais](#)

salsiccia	
EIT	fare salsicce [di qc] ★
EPB1	fazer picadinho [de alg]
Definição	Malmenare qc, picchiarlo duramente, umiliarlo. Riferito a un rivale, surclassarlo nettamente.
Tradução literal ⚠	fazer linguças de alg
EIT variante(s)	fare salsiccia [di qc] ★
EIT sinônimas(s)	fare polpette [di qc] ★★ / fare a fette (fettine) qc ★★★
Exemplo	Con una sola frase, il presidente ha fatto salsicce del lungo e rispettato percorso di un'importante figura pubblica.

[Ver mais](#)

spaghetti	
EIT	magro como uno spaghetti ★
EPB1	magro como um palito
EPB2	seco (magro) como um pau de virar tripa
EPB3	seco como um bacalhau (de porta de venda)
Definição	Persona excessivamente magra.
Tradução literal ⚠	magro como um espagete
EIT variante	secco come uno spaghetti ★
EIT sinônima	magro come un'acciuga★★★/secco come un'acciuga★/magro come un chiodo★★★/magro come uno stecco★★/magro come un grissino★★/secco come un grissino★/magro come un'aringa★/secco come un'aringa +
Exemplo1	In italiano, la mano chiusa a pugno con il mignolo levato in su indica una persona magra come uno spaghetti .
Exemplo 2	Magri come uno spaghetti è il titolo del libro di un famoso medico che insegna a mangiar bene e perdere peso.

[Ver mais](#)

spaghetto	
EIT	secco come uno spaghetto ★
EPB1	magro como um palito
EPB2	seco (magro) como um pau de virar tripa
EPB3	seco como um bacalhau (de porta de venda)
Definição	Persona eccessivamente magra.
Tradução literal ⚠	magro como um espagete
EIT variante	magro come uno spaghetto ★
EIT sinônima	magro come un'acciuga ★★★ / secco come un'acciuga ★ / magro come un chiodo ★★★ / magro come uno stecco ★★ / magro come un grissino ★★ / secco come un grissino ★★ / magro come un'aringa ★ / secco come un'aringa +
Exemplo	Lo si vedeva poco perché lavorava troppo. Io gli dicevo di mangiare perché si era fatto secco come uno spaghetto .

[Ver mais](#)

CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS

O curso de Letras – Licenciatura e Bacharelado Português-Italiano da UFRGS é um dos poucos cursos de graduação em língua italiana existentes no Brasil que oferece essas duas habilitações. Os DBs são ferramentas imprescindíveis para os estudantes das duas terminalidades, os quais precisam contar com bons instrumentos de apoio ao estudo da LE.

Embora venha crescendo o interesse pelo ensino do italiano no Brasil, não são muitos os DBs existentes, sobretudo DBs que supram as necessidades de aprendizes-especialistas de língua italiana que se preparam para ser professores e tradutores.

No que tange à fraseografia bilíngue, não obstante as pesquisas em nível acadêmico estejam hoje em grande expansão, somente nos últimos dez/quinze anos, os estudos teóricos começaram a materializar seus resultados em dicionários e em manuais de ensino, de forma que há ainda poucos DFs bilíngues impressos ou eletrônicos no Brasil, sendo ainda mais escassos os materiais para o ensino de UFs. Nosso intuito nesta tese foi contribuir para minimizar essa lacuna no par de línguas italiano-português.

Como referimos no Capítulo I, esta pesquisa tem uma trajetória peculiar. Inicialmente proposta como uma pesquisa de mestrado intitulada *Bases teórico-metodológicas para um dicionário de expressões idiomáticas italiano-português*, pretendia oferecer uma revisão de nossos trabalhos anteriores sobre EIs, partindo de uma crítica lexicográfica para propor um modelo de dicionário impresso.

Durante os dois primeiros anos do curso, o trabalho se concentrou, principalmente, em estudar uma vasta bibliografia referente aos estudos fraseológicos, pois queríamos nos inteirar do estado da arte dessas pesquisas em nível internacional, particularmente dos estudos mais recentes realizados no Brasil e na Itália. Pesquisamos o tratamento da fraseologia em dicionários gerais e especiais, alguns deles em outras línguas, escolhendo dentro desses estudos as melhores opções para o dicionário que queríamos construir. No decorrer desse percurso nossa ideia de protótipo de dicionário ampliou-se e passamos a imaginar outro tipo de dicionário – agora um *hiperdicionário* – inserido e conectado com todo um ambiente de ensino, o que demandava um novo formato lexicográfico, inter-relacionado com elementos do ensino da língua italiana para aprendizes universitários brasileiros.

Devido a essa expansão da pesquisa, houve a promoção de nível do mestrado para o doutorado. Em 2013, com o apoio da Secretaria de Ensino a Distância da UFRGS, iniciamos a

compilação de um *corpus* jornalístico e a implementação de algumas funcionalidades do Ambiente Virtual de Aprendizagem e das páginas iniciais do dicionário em site da UFRGS.

A tese propõe, assim, o estabelecimento de bases teórico-metodológicas para o desenho e a implementação de um hiperdicionário semibilíngue de EIs, na direção italiano-português, inserido em um Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA (EICHLER; DEL PINO, 2006), que projetamos aqui em grandes linhas. O dicionário é voltado à compreensão de aprendizes brasileiros universitários de língua italiana de nível intermediário-avançado.

O protótipo de hiperdicionário construído, do qual apresentamos uma amostragem de 60 verbetes, é uma obra lexicográfica com finalidade específica (HAENSCH, 1982): um dicionário *on-line* que tem como foco as EIs, uma subcategoria das UFs. Esses signos linguísticos complexos, de difícil compreensão semântica e que por longo tempo foram definidos como *um corpo estranho* à língua, passaram da marginalidade ao reconhecimento (XATARA, 2002) e são atualmente considerados indispensáveis para a descrição de uma língua (MURANO, 2010). Trata-se de blocos de palavras que os falantes acessam já prontos da memória e repetem como um todo coeso (FULGÊNCIO, 2008). No ensino/aprendizagem de LEs, seu estudo é considerado “incontornável” (GONZÁLEZ REY, 2010) e seu papel na didática das LEs “incontestável” (SUTKOWSKA, 2013).

Como as demais expressões cristalizadas, as EIs permeiam completamente a nossa linguagem. Estudos do Léxico-Gramática comprovaram que elas são tanto ou mais numerosas que as construções livres (GROSS, 1994) e constituem uma imensa parcela da língua, como também revelou a Linguística de *Corpus*.

A necessidade de compilar repertórios específicos para essa parcela das línguas ficou evidenciada, nesta tese, por meio da extensa revisão da literatura do Capítulo II e também da análise de alguns verbetes de DBs italiano-português de caráter geral apresentada no Capítulo IV, exemplos que comprovam o tratamento lexicográfico lacunar a elas destinado.

Nos Capítulos I a V, os aspectos que abordamos foram, resumidamente, os seguintes: o panorama das quatro áreas nas quais se enquadra a nossa pesquisa: Lexicografia e Fraseologia e, dentro dessa última, a Fraseografia e a Fraseodidática; a revisão da literatura sobre os diferentes pontos de vista de fraseólogos e lexicógrafos; as ferramentas e aportes da Linguística de *Corpus* e do PLN para o tratamento de EIs; a caracterização das EIs, sua importância no âmbito da cultura dos povos e no ensino de línguas, bem como o conceito de *culturema*; o enquadramento e a delimitação das EIs no panorama dos estudos lexicográficos e fraseológicos, em duas perspectivas da Fraseologia Contrastiva: a Fraseodidática e a Fraseografia; a análise do tratamento lexicográfico dispensado às EIs em dicionários bilíngues

gerais e especiais; os componentes canônicos do dicionário; características e vantagens oferecidas pelos dicionários eletrônicos em confronto com os dicionários em papel; a questão da equivalência: uma reflexão sobre equivalência tradutória (ET) e equivalência lexicográfica (EL); a equivalência total, parcial e zero; a análise da tradução, em quatro línguas, da EI espanhola que dá nome ao filme *Un cuento chino*; os falsos amigos fraseológicos, com exemplos em italiano e português, e o relato de nossa experiência didática e da elaboração de dois livros sobre EIs.

No Capítulo VI apresentamos o Italex, o AVA que abriga o protótipo do DEIIP. Demonstramos que o Italex pode oferecer uma gama de possibilidades aos aprendizes, por meio da sua conexão a outros objetos de aprendizagem.

No Capítulo VII apresentamos nosso posicionamento de tratamento lexicográfico-pedagógico de EIs e a descrição da nossa proposta de protótipo de dicionário. A metodologia utilizada mostrou-se produtiva: cruzamos a informação de 5 dicionários e repertórios de EIs, monolíngues e bilíngues, a fim de obter um inventário que espelhasse um léxico fraseológico abrangente da língua italiana. Consideramos como sendo a palavra-chave de uma EI um item referente ao campo léxico da alimentação, ou seja, selecionamos, nesses repertórios, as EIs italianas que contêm substantivos, verbos, adjetivos ou advérbios relativos a esse campo léxico. Feito o levantamento, o inventário de partida precisava ser analisado em um *corpus* para a validação das EIs.

Para observar o funcionamento das EIs em contexto, nos valem do auxílio dos subsídios da Linguística de *Corpus*, bases textuais que auxiliam no reconhecimento da constituição da linguagem investigando uma grande quantidade de textos autênticos com ferramentas digitais, a fim de detectar padrões recorrentes de uso da língua.

Optamos por compilar um *corpus* jornalístico composto de textos extraídos de dois jornais de grande circulação na Itália: *Corriere della Sera* e *La Repubblica*. A opção por um *corpus* jornalístico deve-se a três motivos: i) a linguagem jornalística constitui um nível de língua que incorpora o registro coloquial e o registro literário e em ambos encontramos ocorrências de EIs; ii) os dois jornais italianos *on-line* possuem um programa de busca embutido chamado *Archivio* que permite consultar o seu conteúdo; iii) o estudo das EIs baseado em um *corpus* jornalístico está em consonância com a concepção do *site* do projeto que o abriga, o Projeto Porlexbras (<http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/>), o qual possui outros dicionários construídos com base em *corpora* constituídos de textos de jornais.

O inventário do cruzamento de EIs foi o ponto de partida para a coleta dos textos dos jornais. O *corpus* foi construído como descrito no item 7.1.2.2 do Capítulo VII.

Sabemos que, em termos de extensão, o *corpus* jornalístico compilado não seria ideal para a aferição da frequência das EIs que, pela sua natureza, não ocorrem com tanta frequência como outras ULs. Por isso, e para nos mantermos dentro do universo jornalístico, utilizamos o programa *Archivio* para observar o número de ocorrências das EIs nos dois jornais italianos, disponibilizados em formato eletrônico, por meio da consulta às matérias publicadas no período compreendido entre janeiro/1992 a junho/2013. As EIs de ocorrência zero na busca com a ferramenta *Archivio* não entraram na nomenclatura do dicionário, as EIs com ocorrência 1 são assinaladas com a marca + (desusado). A frequência é indicada em cada verbete do dicionário por meio de estrelas que determinam a ordem de aparição das EIs sinônimas e variantes nos verbetes: as mais frequentes antes, as menos frequentes depois.

Com o auxílio da ferramenta *AntConc* foi possível observar as concordâncias das EIs nos diferentes contextos dos jornais e extrair exemplos de ocorrências. Para a verificação dos equivalentes em português, utilizamos o *Webcorp*, conjunto de ferramentas desenhadas para observar o uso da língua na *Web*, em uma forma adequada para análise linguística. Também lançamos mão de DBs e DFs que envolvem outras LEs.

Tratando-se de um hiperdicionário, elaboramos um modelo de microestrutura ampliada que, além de suprir as deficiências constatadas nos DBs, permitisse explorar os recursos próprios da tecnologia digital (LO CASCIO, NIJPELS, 2005), propiciando ao aprendiz um leque mais rico e mais preciso de informações, incluindo o tratamento de EIs variantes e sinônimas. As EIs sinônimas possuem *links* remissivos, de forma a constituir a rede de remissivas do dicionário:

Cabe ainda ressaltar que o protótipo de hiperdicionário aqui construído não é um objeto isolado. Está inserido em um AVA – o ITALEX – idealizado para oferecer um leque de outros objetos de aprendizagem e de informações aos aprendizes-especialistas, aproximando-os das especificidades culturais do universo idiomático das línguas em contraste. Nesse sentido, é um produto inovador, pois inexistente no Brasil uma proposta que associe, especificamente para brasileiros, um dicionário de EIs italianas a um AVA.

Outro objeto do AVA é a Biblioteca Virtual e Sitoteca que propõe oferecer ao estudante um acervo de obras italianas e de *sites* referentes a diferentes campos de estudo de *Italianistica* e de textos italianos particularmente conhecidos, que sejam de acesso livre na Internet, familiarizando o aprendiz, entre outras, com importantes obras da literatura italiana

O Italex prevê, ainda: a disponibilização de material pedagógico para a aprendizagem do italiano com foco em aspectos de particular dificuldade para os estudantes brasileiros: o livro digital apresentado no Capítulo V é um exemplo; uma seção com material educativo

sobre diferentes áreas da cultura italiana; uma seção com material informativo de interesse geral para os estudantes (bolsas e viagens de estudo, concursos promovidos para estudantes de línguas, particularmente para os de língua italiana); a oferta de material informativo-pedagógico sobre a Fraseologia, com a previsão de replicação do DEIIP para outras UFs além dos provérbios, como as colocações e os marcadores conversacionais. Como uma possibilidade futura, o Italex prevê, ainda, um espaço de troca entre professores e estudantes, com um canal para dirimir dúvidas.

Com essa pesquisa, cumprimos os objetivos a que nos propusemos: construímos um modelo de hiperdicionário semibilíngue de EIs italiano-português, com base em um *corpus* jornalístico que compilamos, para atender uma parcela das necessidades do aprendiz-especialista de nível intermediário-avançado na compreensão dessas unidades complexas em textos jornalísticos.

Confiamos que o nosso produto tenha implicações positivas junto ao público a que se destina, uma vez que é um modelo inovador de dicionário que, graças à mídia utilizada, possui uma microestrutura ampliada e propõe soluções lexicográficas abrangentes para a aprendizagem de EIs. É inovador também porque, além das **conexões internas** ao dicionário, possui **conexões externas** com a Internet e com outros objetos de aprendizagem do AVA que o abriga.

Testaram o DEIIP 28 alunos do Curso de Graduação em Letras (Licenciatura e Bacharelado) e do Curso de Extensão do NELE da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os resultados e a análise da testagem do dicionário são reproduzidos nas duas tabelas do Capítulo VIII e no item 8.1.2. Considerando os resultados do teste aplicado e as respostas dos estudantes ao questionário, podemos afirmar que a testagem revelou que o hiperdicionário de EIs é *funcional* (SWANEPOEL, 2001), pois forneceu eficientemente o suporte lexical necessário aos aprendizes para a resolução das atividades de compreensão propostas. É preciso considerar, evidentemente, que esse é um projeto piloto e, como tal, deverá ser aperfeiçoado e ajustado para maior conforto do seu usuário.

A amostragem de 60 verbetes do campo semântico ‘gastronomismos’ já foi implementada no *site* do Projeto Porlexbras, podendo ser visualizada *on-line* pelo *hyperlink* <http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/italex/dizionarioei/principal.php> Enfatizamos que a versão *on-line* ainda não está atualizada e deverá sofrer ajustes para ficar em conformidade com a versão que aqui é oferecida.

É com muita satisfação que concluímos essa pesquisa podendo afirmar que, hoje, o Italex possui **três objetos de aprendizagem** em andamento: o DEIIP, objeto central da tese, o

livro didático digital e o DIPIP – *Dizionario dei Proverbi Italiano-Portoghese*. Como se vê, as perspectivas futuras são as melhores possíveis. *Non ci resta che rimboccarci le maniche!*

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. São Paulo, *Educ. Pesqui.*, v. 29, n. 2, jul./dez. 2003. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022003000200010&script=sci_arttext>. Acesso em: ago. 2012.
- ALVAREZ, Maria Luiza Ortiz; UNTERNBÄUMEN, Enrique Huelva (Org). *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Campinas: Pontes, 2011.
- ÁLVAREZ, Maria Luiza Ortiz. Dicionário de expressões idiomáticas ou dicionário fraseológico? In: *Revista Línguas e Letras*, Cascavel, Paraná, n. 2. v. 2, 2000. p. 83-96.
- ARAÚJO, Vera Maria Araujo Pigozzi de. *Sistemas de recuperação da informação e linguagens documentárias: contribuições dos estudos da linguagem*. Tese (Doutorado em Teorias Linguísticas do Léxico)-Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.
- AUGUSTO, Maria Celeste. *A fraseologia ligada aos conceitos de vida e de morte no dicionário bilíngue*. Universidade de Utreque, 2009. Disponível em: <<http://dicionario-fraseologia.blogspot.com.br/2009/12/fraseologia-ligada-aos-conceitos-de.html>>. Acesso em: ago. 2014.
- ARAÚJO, Vitor de; RAMISCH, Carlos; VILLAVICENCIO, Aline. *Fast and Flexible MWE Candidate Generation with the mwetoolkit. Proceedings of the Workshop on Multiword Expressions: from Parsing and Generation to the Real World*, Portland, OR, USA, June, 2011.
- BACCIN, Paola Giustina. *Do português ao italiano: reflexões para elaboração de um dicionário pedagógico voltado para a produção*. *Revista de Italianistica*, São Paulo, p. 141-150, 2008.
- BACCIN, Paola Giustina. **O dicionário bilíngue para aprendizes: uma ponte entre duas culturas**. São Paulo, tese de livre-docência, FFLCH-USP, 2012.
- BALLY, Charles. *Traité de stylistique française*. 3. ed. Paris: Klincksieck, 2 v., 1951.
- BARÁNOV, Anatolij; DOBROVOL'SKIJ, Dmitrij. *Aspectos teóricos da fraseología*. Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades. Santiago de Compostela, 2009. 658 p. Disponível em: <<http://www.cirp.es/pub/docs/cfg/cfg11.pdf>>. Acesso em: ago. 2014.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. *Cadernos de Terminologia*, São Paulo, n. 1, 1996.
- _____. Reflexões sobre o projeto lexicográfico: análise e descrição da forma de conteúdo da unidade lexical. In: GEL, 18, 1989, São Paulo. *Anais...* São Paulo, 1989.
- BARBOSA, Heloisa Gonçalves. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. Campinas: Pontes, 2004.

BÁRDOSI, Vilmos. Michel Bréal e Charles Bally, dous precursores da fraseoloxía moderna. In: *Cadernos de Fraseoloxía Galega*, 12, 2010, p. 29-39.

BERMAN, Antoine. *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*. 2 ed. Paris: Éditions du Seuil, 1999.

_____. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: PGET-UFSC, 2007.

BARROS, Lídia Almeida; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *O léxico em foco*. São Paulo: UNESP, 2010.

BECCARIA, Gian Luigi. *Per difesa e per amore. La lingua italiana oggi*. Milano: Garzanti, 2006.

BERBER SARDINHA, Tony. Linguística de corpus: histórico e problemática. *Delta*, São Paulo, EDUC, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v16n2/a05v16n2.pdf>>. Acesso em: ago. 2014.

_____. *Linguística de Corpus*. Barueri: Manole, 2004.

BÉJOINT, Henri. *Modern Lexicography: an introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

BEVILACQUA, Cleci Regina. *WebCorp: ferramentas e recursos para o tradutor*. *Translatio*, v. 2, p. 51-61, 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/36689/23756>>. Acesso em: ago. 2014.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A definição lexicográfica. Porto Alegre, *Terminologia*, n. 10, p. 23-43, 1993.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, A.M.P.P.; ISQUERDO, A.N. *As Ciências do Léxico: Lexicologia. Lexicografia. Terminologia*. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2001, p.13-22.

_____. *Teoria lingüística. Lingüística quantitativa e computacional*. Rio [de Janeiro]: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

_____. Polissemia versus Homonímia. *Anais do Seminário do Gel*, XXXVIII, Franca: UniFran - União das Faculdades Francanas. 1991.

_____. (Org.) *Lexicografia e lexicologia*. São Paulo: EDUNESP, 1985.

_____. Unidades complexas do léxico. In: RioTorto, G.; Figueiredo, O.M; Silva, F. (Org.). *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. 1. ed. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, v. 2, p. 747-757.

_____. A nomenclatura de um dicionário de língua. In: Grupo de Estudos Lingüísticos (GEL). *Seminário...*, São Paulo, v. 1, n. 23, p. 24-42, 1994.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos (Org.). *O estado da arte nas ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. São Paulo: EDUNESP, 1998.

BOLDEA, Oana. Zoology and idiomatic expressions. In: [SIMPÓSIO DE AGRICULTURA], 2008, Timișoara, România. [*Anais*]... v. 3, sec. 9. p. 163-168.

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário de usos do Português do Brasil*. São Paulo, Ática, 2002.

_____. *Organização de dicionários*. Uma introdução à lexicografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2003.

BRÉAL, Michel. *Essai de sémantique: (science ds significations)*. Paris: Hachette, 1897. Disponível em: <<https://archive.org/details/essaidesmantiq00bruoft>>. Acesso em: ago. 2014.

BUDINI, Paola. *Amici ma non troppo*. Dicionário Italiano-Português de falsas analogias. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BUGUEÑO, Félix; FARIAS, Virgínia Sita. Informações discretas e discriminantes no artigo léxico. *Cadernos de Tradução*, [S.l.], p. 115-135, 2006.

_____. Desenho da macroestrutura de um dicionário escolar de língua portuguesa. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE LEXICOGRAFIA PEDAGÓGICA, 1, 2007, Florianópolis. *Anais*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

_____. Da microestrutura em dicionários semasiológicos do português e seus problemas *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 9, n. 1 p. 39-69, jun. 2011.

BUGUEÑO MIRANDA, Félix; ZANATTA, Flávia. A normatividade nos dicionários gerais de língua portuguesa. In: MARÇALO, M.J. (Org). *Atas do I Simpósio Mundial de estudos de língua portuguesa*. São Paulo: Editora USP, 1-20, 2008.

BURGER, Harald et al. *Phraseologie Ein Internationales Handbuch Zeitgenössischer Phraseology An International Handbook of Contemporary Research*. Berlin: De Gruyter, 2007.

CALERO FERNANDEZ, María de los Ángeles. *La imagen de la mujer através de la tradición paremiológica española (lengua y cultura)*. Barcelona: Publicacions Universitat de Barcelona, 1991. Tesis doctoral.

CALZOLARI, Nicoletta et al. SIMPLE: a general framework for the development of multilingual lexicons. *International Journal of Lexicography*, v. 13, n. 4, p. 249-263, 2000.

CAMACHO, Beatriz Francicani. *Estudo comparativo de expressões idiomáticas do português do Brasil e de Portugal e do francês da França e do Canadá*. Dissertação (Mestrado) - UNESP, Faculdade de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2008.

CARAMORI, Alessandra Paola. *É o bicho: é bestial*. Dicionário de Expressões Idiomáticas no domínio dos animais com equivalências em italiano e respectivas listas temáticas. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Italiana)-Universidade de São Paulo, 2000.

CARAMORI, Alessandra Paola. *Expressões idiomáticas em Rodari: subsídios para a elaboração de um dicionário bilíngüe italiano – português*. Tese (Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral)-USP, São Paulo, 2006.

CARDONA, Mario. La comprensión e produzione de *idioms*: aspetti psicolinguistici e riflessioni glottodidattiche. In: *Studi di Glottodidattica*. Università degli Studi di Bari, 3, 2008, p. 45-64.

CARNEADO Moré Zoila; TRISTÁ, Antonia M. *Estúdios de fraseologia*. La Habana: Academia de Ciências de Cuba, 1986.

CARNEADO, Moré Zoila. Notas sobre las variantes fraseológicas. *Anuario de Lengua y Literatura de la Academia de Ciencias de Cuba*, Cuba, n. 16, p. 269-277, 1985.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Tradução: a questão da equivalência*. São Paulo: Alfa, 2000. v. 44.

CASADEI, Federica. *Metafore ed espressioni idiomatiche*. Roma: Bulzoni, 1996.

CASARES, Julio. *Introducción a la lexicografía moderna*. 3. ed. Madri: Consejo Superior de Investigaciones, 1950.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Locuções tradicionais no Brasil*. Rio de Janeiro: Campanha da Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

CHOMSKY, Noam. *Syntactic Structures*. Mouton de Gruyter: Berlin, 2002.

COLL, Cesar; MONEREO, Carles. Educação e aprendizagem no século XXI: novas ferramentas, novos cenários, novas finalidades. In: COLL, C. e MONEREO, C. (Org.) *Psicologia da Educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação*. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 15-46.

COLSON, Jean-Pierre. Corpus linguistics and phraseological statistics: a few hypotheses and examples. In: BURGER, Harald et al. *Flut von texten – vielfalt der kulturen*. Ascona 2001 zu Methodologie und kulturspezifiek der phraseologie. Baltmannsweiler: Schneider Verlag Hohengehren, 2003. p. 47-59.

_____. Cross-linguistic phraseological studies. An overview. In: GRANGER, Sylviane; MEUNIER, Fanny. *Phraseology: an interdisciplinary perspective*. Amsterdam: John Benjamins, 2008. p.191-202.

_____. The World Wide Web as a corpus for set phrases. In: BURGER, Harald et al. *Phraseology. Phraseologie*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007. p. 1071-1077.

CONCA, Maria. *Paremiologia*. València: Universitat de València, 1987.

CONENNA, Mirella. Structure syntaxique des proverbes français et italien. *Langages*, 139, 2000, p. 27-38.

CORPAS PASTOR, Gloria. *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos, 1996.

CORPAS PASTOR, Gloria. *Investigar con corpus en traducción: los retos de un nuevo paradigma*. Frankfurt: Peter Lang, 2008.

COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e linguística geral*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

_____. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

COSTA FARIA, Johnwill. A tradução entre a cruz e a espada: fidelidade versus traição. *Inhumas, REVELLI*, v. 2, n. 1, p. 87-100, mar. 2010.

CRUSE, D. A. *Lexical semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/96768863/Cruse-D-a-Lexical-Semantics>>. Acesso em: ago. 2014.

DE BENITO, Jaime Climent. *Los diccionarios semibilingües: principios y clasificación desde un punto de vista didáctico*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2008. p. 417-427. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra/los-diccionarios-semibilinges-principios-y-clasificacin-desde-un-punto-de-vista-didctico>>. Acesso em: ago. 2014.

DE FELICE, Emidio; DURO, Aldo. *Vocabolario italiano*. Torino: Società Editrice Internazionale e Palermo, 1993.

DE MAURO, Tullio. *Minisemantica*. Laterza: Bari-Roma, 1982.

DIAS-DA-SILVA, Bento Carlos. *A face tecnológica dos estudos da linguagem: o processamento automático das línguas naturais*. Tese (Doutorado)-UNESP, Araraquara, 1996. 272 p.

DOBROVOL'SKIJ, Dmitrij. *German and Russian Idioms Online: a new corpus-based dictionary*. 2014. Disponível em: <<http://www.loontar.net/read/52e162060f263a4fd84bb40b>>. Acesso em: ago. 2014.

_____. Russian and German Idioms from a contrastive perspective. In: WIEGAND, Edda. *Contrastive lexical semantics*. Amsterdam: John Benjamins, 1998. p. 227-242.

_____. Contrastive idiom analysis: Russian and German idioms in theory and in the bilingual dictionary. *International Journal of Lexicography*, 13, 3, 2000. p. 169-186.

DOBROVOL'SKIJ, Dmitrij; FILIPENKO, Tatjana. Russian phraseology. In: BURGUER, Harald et al. *Phraseologie Ein Internationales Handbuch Zeitgenössischer Phraseologie An International Handbook of Contemporary Research*. Berlin: De Gruyter, 2007. p. 714-727.

DOBROVOL'SKIJ, Dmitrij; PIIRAINEN, Elisabeth. Cultural knowledge and idioms. *International Journal of English Studies, North America*, v. 6, jan. 2009. Disponível em: <http://revistas.um.es/ijes/article/view/46851>. Acesso em: ago. 2014.

_____. *Figurative Language: cross-cultural and cross-linguistic perspectives*. Oxford: Elsevier, 2005.

DURAN, Magali Sanchez; XATARA, Cláudia Maria. *As funções das definições nos dicionários bilíngues*. Alfa, São Paulo, 50, 2, 2006. p. 145-154.

_____. Dicionário semibilíngue: uma inovação? *Revista de Estudos Linguísticos*. Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 45-57, jan./jun. 2005.

DURAN, Magali Sanchez. *Dicionários bilíngues pedagógicos: análise, reflexões e propostas*. Dissertação (Mestrado)- Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP. São José do Rio Preto, 2004.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri; ANDRADE, Otávio Góes de. Dicionários bilíngues e dicionários semibilíngues e aprendizagem do vocabulário da língua espanhola por estudantes brasileiros. In: Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários, 3, 2007. Maringá: 2007.

ECO, Umberto. *From internet to Gutenberg*. 1996. Disponível em: <<http://www.umbertoeco.com/en/from-internet-to-gutenberg->>. Acesso em: ago. 2014.

EICHLER, Marcelo Leandro; DEL PINO, José Cláudio. *Ambientes virtuais de aprendizagem: desenvolvimento e avaliação de um projeto em educação ambiental*. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. v. 1.

ETTINGER, Stefan. Alcances e límites da fraseodidáctica. Dez preguntas clave sobre o estado actual da investigación. *Cadernos de Fraseoloxía Galega*, v. 10, 2008, p. 95-127.

FENATI, Beatrice; ROVERE, Giovanni; SCHEMANN, Hans. *Dizionario Idiomatico Tedesco-Italiano*. Bologna: Zanichelli, 2009.

FILLMORE, Charles J. Innocence: a second idealization for Linguistics. *Berkeley Linguistic Society*, v. 5, p. 63-76. 1979.

FINATTO, Maria José Bocorny. Da lexicografia brasileira (1813-1991): a microestrutura dos dicionários gerais de língua. *Linguística*, ALFAL, v. 8, p. 53-87, 1996.

_____. A definição de termos técnico-científicos no âmbito dos estudos de terminologia. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 11, n.1, p. 197-222, jan/jun, 2003.

FINATTO, Maria José Bocorny et al. Do artigo de cardiologia em português ao artigo em alemão: subsídios da pesquisa em corpora para o ensino de leitura. In: TAGNIN, Stella; VIANA, Vander (Org.). *Corpora no ensino de línguas estrangeiras*. 1. ed. São Paulo: 2010, p. 198-227.

FIRTH, John Rupert. *Papers in linguistics 1934-1951*. London: Oxford University Press. 1957.

FAULSTICH, Enilde. Rede de remissivas em um glossário técnico. In: MACIEL, Ana Maria B. (Org.). *Cadernos do IL*. Porto Alegre: UFRGS, 1993, p. 91-98.

FERNANDES, Eugênia Magnólia da Silva. Expressões idiomáticas no português do Brasil: análise funcional-tipológica e seu ensino no âmbito de segunda língua. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

FERREIRA, Eduardo. *Berman e a tradução da letra*. [S.l.], Rascunho, Nov. / 2008. Disponível em: <<http://rascunho.gazeta dopovo.com.br/antoine-berman-e-a-traducao-a-letra/>>. Acesso em: 20 ago. 2012.

FONSECA, Heloisa da Cunha. *Fraseologismos zoônimos: elaboração de base de dados português-francês*. Dissertação (Mestrado em Análise Linguística)-Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. São José do Rio Preto, 2013.

FORNARI, Michele Kühn. Concepção e desenho do *front matter* do dicionário de falsos amigos espanhol – português. *Revista Voz das Letras*, v. 9, p. 1-15, 2008.

_____. O tratamento lexicográfico das palavras gramaticais. Discussão teórica e análise de verbetes. *Revista Travessias*, v. 7, p. 167-199, 2009.

FRANCISCO, Reginaldo. *REIs caolhos e cajadadas em coelhos: a questão da tradução de provérbios e expressões idiomáticas*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução: teoria, crítica e história da tradução) – UFSC. Florianópolis, 2010.

_____. Letras x equivalência na tradução de provérbios e expressões idiomáticas. In: *Scientia Traductionis*, n. 7, 2010.

FROMM, Guilherme. Obras lexicográficas e terminológicas: definições. *Revista Factus*. Taboão da Serra, v. 1, n. 2, p. 139-147, 2004.

FULGÊNCIO, Lúcia. *Conceitos e preconceitos sobre expressões fixas*. In: Congresso Brasileiro de Fraseologia e Paremiologia, 2, 2014. Fortaleza, 2014.

_____. *Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro*. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

GALISSON, Robert. *Dictionnaire de compréhension et de production des expressions imagées*. Paris, Clé Internationale. 1984.

GARCÍA PAGE, Mario. Expresión fija y sinonimia. In: Gerd Wotjak (ed). *Estudios de Fraseología y Fraseografía del español actual*. [S. l.]: Editorial Iberoamericana: 1998. p. 161-184. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/219566856/Gerd-Wotjak-ed-Estudios-de-fraseologia-y-fraseografia-del-espanol-actual-epub#>>. Acesso em: ago. 2014.

GIACOMA, Luisa. *Fraseologia e fraseografia bilíngue. Riflessioni teoriche e applicazioni pratiche nel confronto Tedesco-Italiano*. Frankfurt: Peter Lang, 2012.

_____. Quello che i dizionari possono fare: l' esempio dei Dizionari di Tedesco (Giacoma/ Kolb – Zanichelli/Klett). *Proceedings of the XVI EURALEX International Congress: The User in Focus*. 15-19 July, Bolzano, 2014. p. 551-562.

_____. Una bella gatta da pelare o una noce dura da schiacciare? Difficoltà di traduzione delle espressioni idiomatiche e dicionari bilingui: esempio del confronto interlinguistico Tedesco-Italiano. In: *I luoghi della traduzione. Le interfacce*. Società Linguistica Italiana. SLI 54. Roma: Bulzoni, 2011.

GOMEZ. *Locuciones en diferentes idiomas*. [S.l.]: ide3, c2015. Disponível em: <<http://www.1de3.es/2004/09/02/locuciones-diferentes-idiomas/>>. Acesso em: set. 2013.

GONÇALVEZ, Daria Candida; SABINO, Marilei Amadeu. Desafios enfrentados para obter o domínio das expressões idiomáticas italianas. In: *Fragmentos*, Florianópolis, n. 21, p. 61-76, jul-dez, 2001.

GONÇALVEZ, Daria Candida. *Modi di dire e/o espressioni idiomatiche usate in italiano*. In: ANAIS DO VIII CONVEGNO NAZIONALE DI DOCENTI D'ITALIANO E II CONVEGNO INTERNAZIONALE DI STUDI ITALIANI. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, vol. 1, 2000. p. 125-129.

GONZÁLEZ, Manuel Rivas. Tratamiento de las expresiones fraseológicas en los principales diccionarios de español. Propuesta para el aprendizaje de español como lengua extranjera. In: *LAS GRAMÁTICAS Y LOS DICCIONARIOS EN LA ENSEÑANZA DEL ESPAÑOL COMO SEGUNDA LENGUA: DESEO Y REALIDAD: ACTAS DEL XV CONGRESO INTERNACIONAL DE ASELE*, 2004.

GONZÁLEZ REY, Maria Isabel. *La phraséologie du français*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2002.

_____. A fraseodidáctica e o marco europeo común de referencia para as línguas. In: *Cadernos de Fraseoloxía Galega*, v. 8, p. 123-145, 2006. Acesso em: set. 2013.

_____. La phraséodidactique en action: les expressions figées comme objet d'enseignement. In: *La culture de l'autre: l'enseignement des langues à l'Université*. Anais: La Clé des Langues, Lyon, 2010. Disponível em: <http://cle.ens-lyon.fr/servlet/com.univ.collaboratif.utils.LectureFichier?ID_FICHER=1332154732427>. Acesso em: ago. 2014.

_____. Le «double» principe d'idiomaticité em traduction littéraire. *Revista de Filología*, v. 32, p. 227-244, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/6724888/Le_double_principe_didiomaticit%C3%A9_en_traduction_litt%C3%A9raire>. Acesso em: dez. 2014.

GRÉCIANO, Gertrud. Phaséologie et institutions européennes. Madrid, *Paremia*, 8, 1999.

GROSS, Gaston. *Les expressions figées en français: noms composés et autres locutions*. Paris: Ophrys, 1996.

_____. *Manuel d'analyse linguistique: approche sémantico-syntaxique du lexique*. Villeneuve d'Ascq: Septentrion, 2012.

GROSS, Maurice. *Méthodes en syntaxe: régime des constructions complétives*. Paris. Hermann, 1975.

_____. Constructing Lexicon-Grammars. In: *Computational Approaches to the Lexicon*. Oxford: Oxford University Press, 1994. p. 213-263.

GUAZZOTTI, Paola; ODDERA, Maria Federica. *Il grande dizionario dei proverbi italiani*. Bologna: Zanichelli, 2006.

HAENSCH, Günther et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. Melbourne: Hodder & Stoughton, 1990.

HARTMANN, R.R.K. *Teaching and researching lexicography*. Essex: Longman, 2001.
HARTMANN, R.R.K.; JAMES, Gregory. *Dictionary of lexicography*. London: Routledge, 2001. 176p.

HAUSMANN, Franz Josef. Un dictionnaire de collocations est-il possible? France, *Travaux de linguistique et de littérature*, v. 17, n. 1, p. 118-129, 1985.

HERMANN, Paul. *Prinzipien der Sprachgeschichte*. Halle: Max Niemeyer, 1880.
Disponível em: <https://archive.org/details/prinzipiendersp01paulgoog>

HÖFLING, Camila. *Traçando um perfil de usuários de dicionários – estudantes de Letras com Habilitação em Língua Inglesa: um novo olhar sobre dicionários para aprendizes e a formação de um usuário autônomo*. Tese (Doutorado)-Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. 2006.

HÖFLING et al. *O dicionário como material didático na aula de língua estrangeira*. São Paulo: LAEL-PUC/SP, 2004. V. 13. Disponível em:
<http://www.pucsp.br/pos/lael/intercambio/volumes_anteciores.html>. Acesso em: ago. 2014.

HUMBLÉ, Philippe. *Dicionários e ensino de línguas*. [S.l.]: Academia: 2008. Temos que pôr aqui o mesmo ano do teu trabalho. PGET. UFSC. Disponível em: <http://www.academia.edu/387232/Dicion%C3%A1rios_E_Ensino_De_L%C3%ADnguas>. Acesso em: ago. 2014. VAMOS DEIXAR A MESMA DATA DO TRABALHO. ☺

HUMBLÉ, Philippe. *Os estudos da tradução e os dicionários*. Trab. Ling. Aplic., Campinas, 44, v. 2., p. 233-246, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/tla/article/view/1971/1547>>. Acesso em: ago. 2014

HURTADO, Albir. *Traducción y traductologia*. 2001. Madrid: Cátedra, 2001.

IRIARTE SANROMÁN, Álvaro. A unidade lexicográfica. Palavras, colocações, frasesmas, pragmatemas. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem). Braga: Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho. 2000.

ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 161-169.

JACKENDOFF, Ray. *The architecture of the language faculty*. Cambridge: MIT Press, 1997.

JACKOBSON, Roman . On Linguistic Aspects of Translation. In: Brower, Reuben (ed), *On Translation*, Cambridge Mass.: MIT Press, 1958. p. 232–239.

JORGE, Guilhermina. Reflexões em torno da tradutologia das construções fraseológicas na perspectiva interlínguas. In: *Polifonia*, Lisboa, n. 1, 1997. Disponível em: <http://ww3.fl.ul.pt/unil/pol1/pol1_txt4.pdf>. Acesso em: junho 2011.

JORGE, Guilhermina. Algumas reflexões em torno das expressões idiomáticas enquanto elementos que participam na construção de uma identidade cultural. In: *Polifonia*, Lisboa, n.

4, 2001, p. 215-222. Disponível em: <http://ww3.fl.ul.pt/unil/pol4/mesa_txt5.pdf>. Acesso em: ago. 2014.

KEHOE, Andrew; RENOUF, Antoinette. *WebCorp: applying the web to linguistics and linguistics to the Web*. Liverpool: W3C, 2002.

KILGARRIFF, Adam; GREFENSTETTE, Gregory. Introduction to the special issue on the Web as Corpus. *Computational Linguistics*, v. 29, n. 3, p. 333-347, 2003.

KLARE, Johannes. Lexicologia e Fraseologia no português moderno. *Revista de Filologia Românica*, IV, Madrid, p. 355-360. 1986.

KRIEGER, Maria da Graça; WELKER, Herbert Andreas. Questões de lexicografia Pedagógica. In: BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philipp; XATARA, Cláudia Maria (Org.). *Dicionários na teoria e na prática, como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola, 2011. p. 103-113.

KRIEGER, Maria da Graça et al. O século XX, cenário dos dicionários fundadores da lexicografia brasileira: relações com a identidade do português do Brasil. *Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 173-187, 2006.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

KOESSLER, Maxime; DEROCQUIGNY, Jacques. *Les faux-amis, ou, Les trahisons du vocabulaire anglais: conseils aux traducteurs*. Paris: Vuibert, 1928. Disponível em: <<https://archive.org/details/lesfauxamisoules00kssl>>. Acesso em: ago. 2014.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University Press, 1980.

LANDAU, Sidney I. *Dictionaries: The Art and craft of lexicography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

LAUFER, Batia e MELAMED, Linor. Monolingual, Bilingual and Bilingualized Dictionaries: Which Are More Effective, for What and for Whom? In: *EURALEX '94 Proceedings*, p. 565-576. Disponível em: <[http://www.euralex.org/elx_proceedings/Euralex_1994/64Euralex_Batia %20 Lauf%20er%20and%20Linor%20Melamed%20-%20Monolingual,%20Bilingual %20and%20 Bilingualised%20Dictionaries.pdf](http://www.euralex.org/elx_proceedings/Euralex_1994/64Euralex_Batia%20Lauf%20er%20and%20Linor%20Melamed%20-%20Monolingual,%20Bilingual%20and%20Bilingualised%20Dictionaries.pdf)>. Acesso em: ago. 2014.

LEFFA, Vilson José. O dicionário eletrônico na construção do sentido em língua estrangeira. *Cadernos de tradução*, Florianópolis, n. 18, 2006. p. 319-340.

LOPES, Ana Cristina Macário. *Texto proverbial Português – Elementos para uma análise semântica e pragmática*. Tese (Doutoramento em Linguística Portuguesa) - Universidade de Coimbra, 1992.

LO CASCIO, Vincenzo. *Dizionario combinatorio compatto italiano*. Amsterdam: John Benjamins, 2012/2013. 2 v.

- LO CASCIO, Vincenzo. *La rete semantica nei futuri dizionari elettronici bilingui e multilingui*. In: INTERNATIONAL INFORMAL COLLOQUIUM “POSSIBLE DICTIONARIES”, July 6-7, 2007. Roma: Roma TRE, 2007. Disponível em: <http://host.uniroma3.it/laboratori/triple/Convegni_Conferences_files/ProgrammaColloquio7_07.pdf> . Acesso em: ago. 2014.
- LO CASCIO, Vincenzo e NIJPELS, Elisabeth. *Grande dizionario elettronico italiano-Neerlandese/Neerlandese-Italiano*. Olanda: Fondazione Italded Àmstelveen. Universiteit van Amsterdam, 2006. p. 543-548.
- LODI, Ariane; SABINO, Marilei Amadeu. Expressões idiomáticas, metáforas e ensino de línguas. *Revista Signo y Señá*, v. 1, p. 165-189, 2013.
- LUQUE NADAL, Lucia. Los culturemas: unidades lingüísticas, ideológicas o culturales? *Language Design*, 11, p. 93-120, 2009. Disponível em: <http://elies.rediris.es/Language_Design/LD11/LD11-05-Lucia.pdf>. Acesso em: ago. 2012.
- LUQUE NADAL, Lucía. *Fundamentos teóricos de los diccionarios lingüístico-culturales. Relaciones entre fraseología y culturología*. Granada: Educatori , 2010. (Colección: Granada Linguística).
- MAKKAI, Adam. *Idiom structure in English*. Mouton: The Hague, 1972.
- MALKIEL, Yakov. Studies in irreversible Binomials. *Lingua*, v. 8, p. 113-60, 1959.
- MARELLO, Carla. Les différents types de dictionnaires bilingues. In: BÉJOINT, Henri; THOIRON, Philippe. *Les dictionnaires bilingues*. Louvain-la-Neuve: Duculot, 1996, cap. 2, p. 31-52. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=gNxNh3iZZ4cC&pg=PA31&lpg=PA31&dq=.+Les+diff%C3%A9rents+types+de+dictionnaires+bilingues&source>>. Acesso em: abril 2014.
- MARQUES, Elizabeth Aparecida. E aí o bicho pega: el estereotipo animal en locuciones españolas, brasileñas y francesas formadas por zoónimos. In: CONFERÉNCES EUROPHRAS: LA PHRASEOLOGIE: RESSOURCES, DESCRIPTIONS E TRAITAMENTS INFORMATIQUES. Paris: Université Paris Sorbonne, 2014.
- MARTINEZ DE SOUZA, José. *Diccionario de lexicografía práctica*. Barcelona: Bibliograf, 1995. p. 73-103.
- MATIAS, Luciana Correa. *Expressões idiomáticas corporais no Dicionario Bilingüe de uso español-português/português-espanhol* (DiBU). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- MEJRI, Salah. Figement lexical et renouvellement du lexique: quand le processus determine la dynamique du système. *Le français moderne*, v. LXVIII , n. 1, p. 39-62, 2000. Disponível em: <http://www.lli.univparis13.fr/membres/biblio/1290_renov_lexique.doc>. Acesso em : ago. 2014.

MEL'KUC, Igor et al. *Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain : Recherches lexico-sémantiques I*. Montréal: Presses de l'Université de Montréal, 1984.

MELLADO BLANCO, Carmen. *Fraseologismo somáticos del alemán: un estudio léxico-semántico*. Frankfurt: Peter Lang, 2004.

MOGORRÓN HUERTA, Pedro; MEJRI, Salah. *Las construcciones verbo-nominales libres y fijas. Aproximación contrastiva y traductológica*. [S.l.]: AECI, 2008.

_____. *Fijación, desautomatización y traducción*. [S.l.]: AECI, 2009.

_____. *Opacidad, idiomaticidad, traducción*. [S.l.]: AECI, 2010.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. Gastronomismos lingüísticos: um olhar sobre fraseologia e cultura. In: ÁLVAREZ, M.L. O.; UNTERNBÄUMEN, E.H. (Org). *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Campinas: Pontes, 2011. p. 249-275.

MORTARA, Valerio. *Locuções italianas e portuguesas divergentes*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000.

MUÑOZ, Julia Sevilla. Sobre la paremiología española. *Euskera Euskaltzaindiaren lan eta agiriak* - Trabajos y actas de la Real Academia de la Lengua Vasca = Travaux et actes de l'Académie de la Langue basque. Liburukia 41, n. 3, 1996. p. 641-672.

MURA, Angela; D'ADAMO, Roberta. Uso de las unidades fraseológicas en un corpus de género periodístico (español-italiano). In: ROYO, Carmen González; MOGORRÓN HUERTA, Pedro. *Fraseología contrastiva: lexicografía, traducción y análisis de corpus*. Alicante: Universidad de Alicante, 2011. p. 139-156.

MURANO, Michela. *Le traitement des séquences figées dans les dictionnaires bilingues français-italien, italien-français*. Monza: Polimetrica, 2010.

_____. *L'accès aux séquences figées dans les dictionnaires électroniques bilingues Français - Italien*. In: EURALEX INTERNATIONAL CONGRESS, 13, 2008, Barcelona. *Proceedings of XIII Euralex International Congress*. Barcelona: Documenta Universitaria, 2008. p. 895-902.

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

NAVARRO, Carmen. *Didáctica de las unidades fraseológicas*. Cultura e intercultura en la enseñanza de español como lengua extranjera. [S.l.]: [s.n.], 2005. Disponible em <<http://www.ub.es/filhis/culturele/cnavarro.html>>. Acceso em: jun. 2014.

NAVARRO, Carmen. Fraseología contrastiva del español y el italiano. *TONOS – Revista Electrónica de Estudios Filológicos*, n. 13, 2007. Disponible em: <http://www.um.es/tonosdigital/znum13/secciones/estudios_U_fraseologia.htm>. Acceso em dez. 2014.

NUCCORINI, Stefania. Italian Phraseology. In: BURGER, H.; DOBROVOLSKIJ, D.; KUEHN, P.; NORRICK, N. (Eds). *Handbuch of Phraseology*. Berlin: Mouton de Gruyter, vol. 2, 2007. p. 691-703.

PAMIES BERTRÁN, Antonio. Motivación cultural y botanismos gastronómicos. In: ÁLVAREZ, María Luisa Ortiz; UNTERNBÄUMEN, Enrique Huelva. (Org). *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. p. 49-68. Campinas: Pontes, 2011.

_____. Productividad fraseológica y competencia metafórica (inter)cultural. *Paremia*, 17. p. 41-57. 2008.

_____. El language de la lechuga: apuntes para un diccionario intercultural. In: LUQUE, Juan de Diós e PAMIES, Antonio (Eds). *Interculturalidad y language: El significado como corolario cultural*. v.1. p.375-404. Granada: Granada Linguística/Método, 2007.

PAMIES BERTRÁN, Antonio et al. (Org). *Multilingual phraseography – Second language learning and translation Application*. [S. l.]: Schneider Verlag GmbH Okt, 2011. 313 p.

PASTORE, Paula Christina Falcão. *Tradução para o português de expressões idiomáticas em inglês relativas a animais*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2002.

_____. *Expressões idiomáticas inglês-português com nomes de animais: um estudo baseado em corpora*. Tese (Doutorado)-Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2009.

PENADÉS MARTÍNEZ, Inmaculada. Para un tratamiento lexicográfico de las expresiones fijas irónicas desde la pragmática. *Pragmalingüística*, 7, 185-210, 1999.

_____. *La enseñanza de las unidades fraseológicas*. Madrid: Arco Libros, 1999.

PIIRAINEN, Elisabeth. Locucións espalladas por Europa e máis alá. *Cadernos de Fraseoloxía Galega*, 9, p.173-193, 2007.

PORTO DAPENA, José-Álvaro. *La definición lexicográfica*. Madrid: Arco Libros, 2014.

_____. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco Libros, 2002.

PRENSKY, Marc. *Digital natives digital immigrants*. [S. l.]: [s.n.], 2001.

Disponível em: < <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf> >. Acesso em: jul. 2014.

RALL, Marlene. El discurso repetido. In: *Acta Poetica 4/5, 1982-1983*, v.4-5, 1981. Instituto de Investigaciones Filológicas. Universidad Nacional Autónoma de México. p. 291-326.

Disponível em: < http://www.iifilologicas.unam.mx/actapoetica/uploads/numeros/AP4-5/ap4-5_marlenerall_eldiscursoliterario.pdf >. Acesso em dez. 2014.

REY, Alain. *Dictionnaire expressions et locutions*. [S.l.]: [s.n.], 1997.

RIEHMANN, Susanne. *A constructional approach to idioms and word formation*. Tese (Doutoramento)-Stanford University, 2001.

RIOS, Tatiana Helena Carvalho. *Idiomatismos português-francês-espanhol com nomes de partes do corpo humano*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos: Análise Linguística)-Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2003.

RIOS, Tatiana Helena Carvalho; RIVA, Huéinton Cassiano. Correspondência idiomática intra e interlínguas. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 2, n. 2, p. 93-107, 2002.

RIVA, Huéinton Cassiano. *Dicionário das expressões idiomáticas mais usadas no Brasil: organização Onomasiológica*. Curitiba: Appris, 2013.

RIVA, Huéinton Cassiano. *Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil*. Tese (Doutorado)-UNESP, São José do Rio Preto, 2009.

RIVA, Huéinton Cassiano; CAMACHO, Beatriz Facincani. Expressão idiomática: uma unidade fraseológica. In: BARROS, Lídia Almeida; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org). *O léxico em foco. Múltiplos olhares*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 195-215.

RONCOLATTO, Eliane *A formação de imagens mentais e metáforas em uma análise das expressões idiomáticas do português e do espanhol*. Tese (Doutorado) – UNESP, Assis, 2001.

_____. Critérios para a organização de dicionários fraseológicos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 46, n. 1, p. 43-52, jan./jun. 2004.

RUIZ, Leonor. *La fraseologia del español coloquial*. Barcelona: Ariel, 1998.

RUIZ GURILLO, Leonor. *Aspectos de fraseología teorica española*. Valencia: Universitat de Valencia, 1997.

SADEGHPOUR, Rouhollah. *To translate idioms: posing difficulties and challenges for translators*. *Dacoromania*, serie nouă, XVII, , nr. 2, p. 265–273, 2012. Disponível em: <http://www.dacoromania.instpuscariu.ro/articole/17_XVII_%282012_nr.2%29%20%5BPages%20265%20-%20273%5D.pdf>. Acesso em: ago. 2013.

SABINO, Marilei Amadeu. Expressões idiomáticas, provérbios e expressões idiomáticas proverbiais: iguais, semelhantes ou diferentes? In: BARROS, Lídia Almeida; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org). *O léxico em foco. Múltiplos olhares*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 331-348.

SAG, Ivan A. *et al.* Multiword expressions: A pain in the neck for PLN. In: PROCEEDINGS OF THE THIRD INTERNATIONAL CONFERENCE ON COMPUTATIONAL LINGUISTICS AND INTELLIGENT TEXT, London, UK, 2002. *Processing (CICLing-2002)*, vol. 2276 of (Lecture Notes in Computer Science), p. 1–15, London, UK. 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1977.

SCHMITZ, John R. A problemática dos dicionários bilíngues. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto P. de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001. v. 1, p. 161-170.

SECCATO, Agnaldo. *Estrutura e função dos paracognatos (italiano-português): tratamento lexicográfico*. Dissertação (Mestrado)-USP, 2007.

SECO, Manuel. *Estudios de lexicografía española*. Madrid: Gredos, 2003.

SELISTRE, Isabel Cristina Tedesco. Dicionários disponíveis on-line para aprendizes de inglês: estruturação e recursos. *Ci. Inf.*, Brasília, DF, v. 39 n. 3, p.61-72, set./dez., 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v39n3/v39n3a05.pdf>> . Acesso em: ago. 2014.

SILVA, Hilda Monetto Flores da. *Verbo-suporte e expressões cristalizadas: um enfoque sintático-semântico-discursivo*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa)-Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. p. 180.

SILVA, Maria Cristina Parreira da. Para uma tipologia geral de obras lexicográficas. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. (Org.). *Ciências do Léxico*, Campo Grande, v. 3, p. 283-294, 2007.

SILVA, Maria Eugênia Olímpio de Oliveira. Dicionários: armas de dois gumes no estudo da fraseologia. O caso das locuções. In: ÁLVAREZ, Maria Luisa Ortiz; UNTERNBÄUMEN, Enrique Huelva (Org.). *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Campinas: Pontes, 2011. p. 161-182.

_____. Cuestiones didácticas relacionadas con el tratamiento de la definición lexicográfica de las unidades fraseológicas en los diccionarios. In: *Las gramáticas y los diccionarios en la enseñanza del español como segunda lengua: deseo y realidad*. Actas del XV Congreso Internacional de Ásele, 2004.

SINCLAIR, John. *Corpus, concordance, collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991. 179 p.

SOUZA, Vivian Regina Orsi Galdino de. *Metáforas do universo lexical português e italiano das zonas erógenas: ânus, nádegas, pênis, seios, testículos e vulva*. Tese (Doutorado)-Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.

_____. *Vocabulário erótico-obsceno dos órgãos sexuais masculino e feminino em português e italiano*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2007.

STEFANCICH, Giovanna. *Tracce di animali nell'italiano tra lingua e cultura*. Roma: Bonacci, 2000.

STENTA, Eleonora. *La definizione lessicografica. Tradizione e procedure compositive nei dizionari monolingui, alfabetici, italiani dalla seconda metà dell'Ottocento ad oggi*. Dottorato di Ricerca in Filologia. Napoli: Università degli Studi di Napoli Federico II, 2005.

STOPPELLI, Paola et al. *Dizionario italiano con sinonimi e contrari e inserti di nomenclatura*. Milano: Garzanti, 2003.

SUTKOWSKA, Monika. *De la phraseologie à la phraseodidactique: Études théoriques et pratiques*. Katowice: Wydawnictwo Uniwersytetu Śląskiego, 2013. Disponível em: <https://wydawnictwo.us.edu.pl/sites/wydawnictwo.us.edu.pl/files/de_la_phraseologia_-_czw_sto.pdf>. Acesso em: set. 2014.

SZPILA, Grzegorz. *Phraseological false equivalence in upper-sorbian and polish*. [S.l.]: Jagiellonian University, 2011. p. 350-358

SWANEPOEL, Piet. Dictionary typologies: A pragmatic approach. In: STERKENBURG, P. G.J (Ed.) *A practical guide to lexicography*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin, 2003. p. 44-69. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books>>. Acesso em: maio 2013.

SWANEPOEL, Piet. Dictionary quality and dictionary design: a methodology for improving the functional quality of dictionaries. *Lexikos*, 11, 2001, p. 160-190. Disponível em: <<http://www.ajol.info/index.php/lex/article/viewFile/51315/39978>>. Acesso em: maio 2013.

TAGNIN, Stella Esther Ortweiller. *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *O jeito que a gente diz*. São Paulo: Disal, 2005.

_____. *O jeito que a gente diz*. Edição bilíngue. São Paulo: Disal, 2013.

_____. *Os corpora: instrumentos de auto-ajuda para o tradutor*. *Cadernos de tradução*, Florianópolis, n. 9, v. 1, 2002. p. 191-219.

_____. Linguística de *Corpus* e Fraseologia: uma feita para a outra. In: ÁLVAREZ, Maria Luisa Ortiz; UNTERNBÄUMEN, Enrique Huelva. (Org). *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Campinas: Pontes, 2011. p. 277-302.

TCHOBÁNOVA, Iovka Bojílova; KOSTOVA, Nadezhda. Variantes das unidades fraseológicas na língua portuguesa. Bulgária: Instituto da Língua Búlgara, 2009. Disponível em: <<http://dicionario-fraseologia.blogspot.com.br/2009/12/variantes-das-unidades-fraseologicas-na.html>>. Acesso em: set. 2014.

TERMIGNONI, Susana. *Fare come l'asino del pentolaio – Cem expressões idiomáticas italianas para brasileiros*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

_____. *Mil expressões idiomáticas e coloquialismos italiano-português*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

_____. *Parlar male di Garibaldi: modi di dire e detti dell'Unificazione Italiana*. *Comunità Italiana*, Suplemento Mosaico, out. 2011.

TERMIGNONI, Susana; BONIFAZIO, Pierino. *L'italiano sentimenti e parole: la poesia di Eugenio Montale e la Liguria*. [S.l.]:[s.n.], 20--?. (inédito).

TOGNINI-BONELLI, Elena. *Corpus Linguistics at work*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

TRISTÁ PEREZ, Antonia Maria. La Fraseología y la Fraseografía. In: Gerd Wotjak (Ed.). *Estudios de Fraseología y fraseografía del español actual*. Editorial Iberoamericana, 1998. p. 652-666. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/219566856/Gerd-Wotjak-ed-Estudios-de-fraseologia-y-fraseografia-del-espanol-actual-epub#>>. Acesso em: ago. 2014.

TURBINATI, Laura & TONFONI, Graziella. Visualizzazione dei processi di traduzione: i proverbi e le espressioni idiomatiche. In: *Libri e Riviste d'Italia: La Traduzione. Saggi e Documenti I*. Ministero per i Beni Culturali e Ambientali. p. 239-252.

TURRINI, Giovanna et al. *Capire l'antifona*. Bologna: Zanichelli, 1995.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Tradução de J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VALE, Oto de Araújo. *Expressões cristalizadas do português do Brasil: uma proposta de tipologia*. 2001. 213 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa)– Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2001.

VERDELHO, Telmo; SILVESTRE, João Paulo (Ed.). *Lexicografia bilíngue: a tradição dicionarística português-línguas modernas*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2011.

VIANNA, Vander; TAGNIN, Stella Esther Ortweiller (Org.). *Corpora no ensino de línguas estrangeiras*. São Paulo: Hub Editorial, 2010.

VIETRI, Simonetta. *Lessico e sintassi delle espressioni idiomatiche: una tipologia tassonomica in italiano e in inglese*. Napoli: Liguori, 1984.

VILARINHO, Michelle Machado de Oliveira; FAULSTICH, Enilde. As remissões em dicionários eletrônicos de língua portuguesa: ontologia e hiperlinks. *CALIGRAMA*, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, 2013. p. 179-201.

VILLAVICENCIO, Aline. Chutando o balde ou batendo as botas. In: PERNA, Cristina Becker Lopes; DELGADO, Heloisa Orsi Koch; FINATTO, Maria José Bocorny (Org.). *Linguagens especializadas em corpora*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

VILLAVICENCIO, Aline et al. Identificação de expressões multipalavra em domínios específicos. *Linguamática*, Vigo, v. 2, n. 1, 2010. p. 15-33.

VINAY, Jean-Paul; DARBELNET, Jean. *Stylistique Comparée du Français et de l'Anglais*. Paris: Didier, 1972.

WEINRICH, Harald. *A verdade dos dicionários*. In: VILELA, M. (Org.). *Problemas da lexicologia e da lexicografia*. Porto: Livraria Civilização, 1979.

WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários. Uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

_____. *O uso de dicionários. Panorama geral das pesquisas empíricas*. Brasília: Thesaurus, 2006.

_____. *Panorama geral da lexicografia pedagógica*. Brasília: Thesaurus, 2008.

_____. *Lexicografia pedagógica: definições, história, peculiaridades*. In: BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philipp; XATARA, Cláudia Maria (Org.). *Lexicografia Pedagógica: pesquisas e perspectivas*. Florianópolis: UFSC/NUT, 2008. p. 9-45.

WERNER, Reinhold. La definición lexicográfica. In: HAENSCH, Günther et al. *La lexicografía. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982. p. 259-328.

WOTJAK, Gerd. ¿Como tratar las unidades fraseológicas (UF) en el diccionario? In: Gerd Wotjak (Ed). *Estudios de Fraseología y Fraseografía del español actual*. [S.l.]: Editorial Iberoamericana, 1998. p. 668-710.

Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/219566856/Gerd-Wotjak-ed-Estudios-de-fraseologia-y-fraseografia-del-espanol-actual-epub#>>. Acesso em: set. 2014.

XATARA, Cláudia Maria. *A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês*. Tese (Doutorado em Letras: Linguística e Língua Portuguesa)-Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, 1998.

_____. *O campo minado das expressões idiomáticas*. In: *Alfa*, São Paulo, v. 42, 147-159, 1998.

_____. *Os dicionários bilíngües e o problema da tradução*. OLIVEIRA, A. M. P. de; ISQUERDO, A (Org.). In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 181-188.

_____. Les expressions idiomatiques: de la marginalité à la reconnaissance. *Le Français Dans Le Monde*, Paris, v. 319, p. 28-29, 2002.

_____. *A web para um levantamento de frequência*. São José do Rio Preto: UNESP, 2006.

XATARA, Cláudia Maria; RIVA, Huéinton Cassiano. Dicionários especiais francês-português: os dicionários de expressões idiomáticas. In: VERDELHO, Telmo; SILVESTRE, João Paulo (Ed.). *Lexicografia bilíngue: a tradição dicionarística Português-Línguas Modernas*. Lisboa: Universidade de Aveiro, 2011. p. 171-180.

XATARA, Cláudia Maria; RIVA, Huéinton Cassiano; RIOS, Tatiana Helena Carvalho. As dificuldades na tradução de idiomatismos. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, UFSC, v. 2, n.8, 2001. p. 183-194.

XATARA, Cláudia Maria; OLIVEIRA, Wanda Leonardo de. *Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões francês-português / português-francês*. São Paulo: Cultura, 2002.

XATARA, Cláudia Maria; RIOS, Tatiana Helena Carvalho. A elaboração de um dicionário de idiomatismos: da teoria à prática. *Estudos Lingüísticos XXXIV*, 2005. p. 165-170. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/gel/4publica-estudos-2005-pdfs/a-elaboracao-de-um-dicionario>>. Acesso em: ago. 2014.

_____. O conceito de equivalência em lexicografia bilíngue e teoria da tradução. *Cadernos de Tradução*, [S.l.], v. 1, n. 23, p. 149-168, dez. 2009.

XAVIER, Antônio Carlos & MARCUSCHI, Luiz Antonio (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

XAVIER, Antonio Carlos. *A era do hipertexto: linguagem e tecnologia*. Recife: Universitária da UFPE, 2009.

ZAMORA MUÑOZ, Pablo. Unità fraseologiche pragmatiche in italiano. In: *Studi Italiani di Linguistica Teorica e Applicata*, XXVIII/3, 1999. p. 547-556.

_____. Fraseologia periferica e non solo. In: Almela, Ramém et al (Ed.), *Fraseologia contrastiva. Con ejemplos tomados del alemán, español, francés e italiano*. Murcia: Universidad de Murcia, 2005. p. 65-80.

ZAMORA MUÑOZ, Pablo et al. *Hai voluto la bicicletta. Esercizi su fraseologia e segnali discorsivi per studenti di italiano LS/L2*. Perugia: Guerra, 2006. 213 p.

ZAVAGLIA, Adriana; ZAVAGLIA, Cláudia. A elaboração de um dicionário trilingue temático de cromônimos italiano-português-francês/francês-português-italiano: reflexões e considerações. *Linguística Alfabética*, São Paulo, v. 12, p. 235-247, 2000.

ZAVAGLIA, Cláudia. *La traduzione delle espressioni idiomatiche cromatiche dall'italiano al portoghese*. Dissertação (Mestrado)-USP, São Paulo, 1996.

_____. *Dicionário e cores*. Alfa, São Paulo, v. 50, n.2, 2006. p. 25-41.
Disponível em: <<http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v50-2/02-Zavaglia.pdf>>. Acesso em: jan. 2011.

_____. Verbetes que sonhamos... verbetes que fazemos: a equivalência em recentes trabalhos lexicográficos. In: *Caderno de Resumos*. Araraquara: CINELI, 2014.

_____. *Xeretando a linguagem em italiano*. São Paulo: Disal, 2010.

ZGUSTA, Ladislav. *Manual of lexicography*. Mouton: Paris, 1971.

ZUCCHI, Angela Maria Tenório. O dicionário nos estudos de línguas estrangeiras: os efeitos de seu uso na compreensão escrita em italiano. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

_____. *O uso de dicionários na compreensão escrita em italiano LE*. Proceedings of the 14th EURALEX International Congress 2010. p. 1152-1160. Disponível em: <http://www.euralex.org/elx_proceedings/Euralex2010/107>. Acesso em: ago. 2014.

ZULUAGA, Alberto. *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Tübingen: Max Hueber Verlag, 1980.

_____. *Análisis y traducción de unidades fraseológicas desautomatizadas*. PhiN 2001. v.16. p.67-82. Disponível em: <<http://web.fu-berlin.de/phn/phn16/p16t5.htm>>. Acesso em: set. 2011.

_____. La fijación fraseológica. In: *Thesaurus*, XXX, v.2, 1975. p. 225-248.

DICIONÁRIOS

BENEDETTI, Ivone C. (Org.) *Dicionário Martins Fontes Italiano-Português*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BREZOLIN *et al.* *Whatchamacallit?* Novo dicionário português-inglês de idiomatismos e coloquialismos. São Paulo: Disal, 2006.

DICCIONARIO de la lengua española. [S.l.]: [s.n.], 2014. Disponível em: <<http://lema.rae.es/drae/>>.

DICIONÁRIO eletrônico Aurélio. [S.l.]: [s.n.], 2014. Disponível em: <<http://www.dicionarioaurelio.org/dicionario-aurelio-online>>.

DIZIONARIO Corriere Della Sera. [S.l.]: [s.n.], 2014. Disponível em: <<http://dizionari.corriere.it/dizionario-modi-di-dire>>.

VERDIANI; GIACOMA; KOLB. *Dizionario di Tedesco*. Bologna: Zanichelli, 2001.

DIZIONARIO Sabatini Coletti on-line. [S.l.]: [s.n.], 2014. Disponível em: <http://dizionari.corriere.it/dizionario_italiano/>.

GARZANTI. *I dizionari medi. Spagnolo-Italiano/Italiano-Spagnolo*. [S. l.]: De Agostini Scuola. Garzanti Linguistica, 2007.

GOMES, Luiz Lugani. *Novo dicionário de expressões idiomáticas americanas*. São Paulo: Cengage Learning, 2003.

GONZALEZ REY, Maria Isabel; BÁRDOSI, Vilmos. *Dictionnaire phraséologique thématique français-espagnol*. Lugo: AXAC, 2012.

GRANDE Dizionario Hoepli Italiano di Aldo Gabrielli. 2011. Disponível em: <<http://dizionari.repubblica.it/Italiano/B/biscotto.php>>.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAPUCCI, Carlo. *Modi di dire della lingua italiana*. Firenze: Valmartina, 1984.

MEA, Giuseppe. *O dicionário português. Dizionario portoghese-italiano*. Porto: Porto, 2000.

MEA, Giuseppe. *O dicionário português. Dizionario italiano-portoghese*. Porto: Porto, 2000.

MICHAELIS. *Moderno dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

PAROLA Chiave: dizionario di italiano per brasiliani. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PITTANO, Giuseppe. *Frase fatta capo ha. Dizionario dei modi di dire, proverbi e locuzioni di italiano*. Bologna: Zanichelli, 2009.

QUARTU, Bruna Monica. *Dizionario dei modi di dire della lingua italiana*. Milano: Rizzoli, 1993.

SCHAMBIL, Maria Helena; SCHAMBIL, Peter. Dicionário de expressões idiomáticas da língua inglesa. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

SCHEMANN, Hans et al. *Idiomatik Deutsch–Spanisch Diccionario Idiomático Alemán–Español*. Hamburg: Buske, 2013.

SORGE, Paola. *Dizionario dei modi di dire della lingua italiana*. Roma: Newton & Compton, 2001.

SPINELLI, Vincenzo; CASASANTA, Mario. *Dizionario completo italiano-portoghese (brasiliano) e portoghese (brasiliano)-italiano*. Milano: Ulrico Hoepli, 1988.

TRECCANI. It L'enciclopedia italiana. [S.l.]: [s.n.], 2014. Disponível em: <<http://www.treccani.it/vocabolario/>>.

ZINGARELLI, Nicola. *Vocabolario della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli, 2008.

XATARA, Cláudia Maria et al. Dicionário de expressões idiomáticas Português do Brasil e de Portugal – Francês da França, da Bélgica e do Canadá, em fase de implementação. Disponível em: <<http://www.deipf.ibilce.unesp.br/>>.

XATARA, Cláudia Maria. *Dictionnaire d'expressions idiomatiques français-portugais-français* on-line. Centre National de Ressources Textuelles e Lexicales, 2007. Disponível em: <http://www.cnrtl.fr/dictionnaires/expressions_idiomatiques/index_pf.php>.

FERRAMENTAS

LAWRENCE, Antony. AntConc 3.2.1 *A free corpus analysis tool* 2012. [S.l.]: [s.n.], 2012.

WEBCORP (THE WEB AS CORPUS). [S.l.]: [s.n.], 2014. Disponível em: <<http://www.webcorp.co.uk>>.

APÊNDICES

